

José Manuel Cymbron

O PORTUGAL DE MIGUEL TORGA
(UM ITINERÁRIO EM CASA DO ORFEU REBELDE)

Tese de doutoramento em:

Ciências da Informação (Domínio Científico)

Literatura – Programação Cultural (Especialidade)

Orientador: Prof. Doutor Eugénio Lisboa

Co-orientadora: Prof^a. Doutora Isabel Ponce de Leão

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2015

Dedicatória

À Isabel, à Joana e ao André, por razões que eles sobejamente conhecem.

Aos meus netos (Vasco, António e Beatriz) e a todas as crianças de todos os países, na
esperança, ou melhor, na exigência de que os seus países se transformem em
Reinos Maravilhosos.

Agradecimentos

- Ao Prof. Doutor Eugénio Lisboa, a quem (e inspiro-me em Dostoiewski) perdoo o bem que me fez;
- À Prof^a. Doutora Isabel Ponce de Leão, com profunda admiração e gratidão. (Foi fascinante encontrar tantas afinidades entre orientador e co-orientadora);
- À Universidade Fernando Pessoa, por ter sido um Porto Seguro;
- À Dr^a. Maria da Conceição Morais Sarmento, pelo tempo que dedicou aos meus telefonemas, pelas informações que me deu e por me ter recebido várias vezes em sua casa, mostrando-me espaços onde Torga amiudadas vezes conversava e reflectia;
- À Dr^a. Diana Pais, que colaborou com enorme entusiasmo e prontidão na revisão deste texto;
- Ao padre Avelino, por me ter mostrado, sem nunca olhar para o relógio, muitos lugares do «Reino Maravilhoso» onde caçava e conversava com Torga;
- Aos alunos, que me ensinaram coisas tão importantes, principalmente durante as viagens de estudo;
- Aos investigadores e a muitos artistas (principalmente escritores, mas também pintores, escultores, arquitectos, músicos e artesãos anónimos), que me ajudaram a melhor compreender o autor de *Portugal*;
- Aos amigos, que foram tão condescendentes com a minha longa clausura!

Resumo

Miguel Torga afirmou, quando já contava setenta e dois anos, que «a mais rica humanidade só tem uma coisa para dizer e (...) apenas se deve esforçar por dizê-la o melhor possível de todas as maneiras possíveis, embora a saber que não há palavras para nenhum absoluto.» (Torga, 1999: 1409).

Ao longo desta dissertação repetimos, «o melhor possível de todas as maneiras possíveis», que «Um Itinerário em Casa do Orfeu Rebelde» se tornou para nós um projecto de vida, onde cabe, obvia e necessariamente, a família, os amigos, os compatriotas e toda a humanidade. É, pois, esta dissertação o nosso «Cântico do Homem». Contudo, foi possível chegarmos ao fim com um claro sentimento de autonomia em relação ao mestre; é, mesmo, possível afirmar que em várias questões importantes estamos em nítido desacordo.

Respondendo à pergunta do autor do *Diário*: «Em que rosa-dos-ventos há um caminho/ Português?» (Torga, 1999: 1311), afirmamos – na obra de Miguel Torga. E se há obras de escritores, não menos importantes do que a do Orfeu Rebelde, que podem ser estudadas em ambiente sedentário, a obra do autor de *Portugal* só muito dificilmente pode ser assimilada fora de um ambiente nómada. Daí a imprescindibilidade do entrosamento do legado torguiano (o qual contem inúmeros desafios à criatividade dos leitores) com o Turismo Cultural. É esta realidade - a qual constatámos ao longo de muitos anos de experiência profissional na área do Turismo Cultural, em geral, e dos Itinerários Torguianos, em particular (não só em Portugal, mas em muitos outros países) – que nos levou a apresentar a essência do pensamento torguiano sobre Portugal dividindo a dissertação em capítulos que seguem, maioritariamente, um critério geográfico. Torga revelou o seu amor por Portugal (e pelo mundo), não só nas aldeias e nas montanhas, mas também nas cidades e no litoral banhado pelo Atlântico.

No nosso «Cântico do Homem» sugerimos, também, que o **absoluto**, que Torga diz não ser possível alcançar através da arte da palavra, talvez o seja (e várias vezes o autor de *Odes* está de acordo connosco) com a colaboração entre, essencialmente, literatura, música, pintura, escultura e arquitectura.

Abstrac

At seventy-two years of age, Miguel Torga stated that «the richest humanity has only one thing to say and (...) it should try hard to say it the best possible way by all possible means. knowing though that there are no words for no absolute (Torga, 1999:1409).

Throughout this dissertation, we'll repeat «the best possible of all possible ways», that «An itinerary at Orpheus' the Rebel» has become for us a project for life, in which, obviously and necessarily, family, friends, compatriots and the whole humanity, will fit.

Thus, this dissertation, is our «Hymn of Man». However, it was possible to come to an end with a clear feeling of autonomy in relation to the master; it is even possible to state that for several important matters, we are in clear disagreement.

To answer the question by the “Diary’s” author: «in which compass rose is there a Portuguese/path? (Torga, 1999: 1311) we'll affirm – in Miguel Torga's creation (oeuvre). And if works by writers not less meaningful as the “Orpheus the Rebel” ’s do exist, that can be studied in a sedentary environment, the oeuvre by the “Portugal”'s author , can only very harshly be assimilated outside a nomad environment.

Hence the absolute need of a strong connection of the Torguian legacy (which offers numerous challenges to the readers' creativity) with Cultural Tourism.

It is this reality- which we have encountered all over many years of professional experience in the field of Cultural Tourism in general, and in Torguian Itineraries in particular (not only in Portugal, but in many other countries as well) which led us to present the essence of the Torguian thought on Portugal by splitting this dissertation into chapters following chiefly a geographic criterion. Torga has revealed his love for Portugal (and the world), not only in villages and mountains, but also in cities and along the Atlantic coast.

In our «Hymn of Man» we also suggest that the absolute which Torga claims is not possible to reach through the art of words , maybe it is after all, fundamentally (and several times indeed the Odes' author agrees with us) with the cooperation of, literature, music, painting, sculpture and architecture.

Índice Geral

INTRODUÇÃO.....	1
1 - TORGA E O TURISMO (CULTURAL).....	11
1.1. REFLEXÕES EM TORNO DA CARTA INTERNACIONAL DO TURISMO CULTURAL; CONVENÇÃO QUADRO DO CONSELHO DA EUROPA RELATIVA AO VALOR DO PATRIMÓNIO CULTURAL PARA A SOCIEDADE; CARTA DOS ITINERÁRIOS CULTURAIS.....	11
1.2. TORGA E AS VIAGENS	18
1.3. TORGA E O PATRIMÓNIO NATURAL	44
1.4. TORGA E O PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO	46
1.5. TORGA E O PATRIMÓNIO HISTÓRICO	52
1.6. TORGA E OS TURISTAS	54
1.7. TORGA E AS FÉRIAS/LAZER.....	55
1.8. CONCLUINDO	57
2 - S. MARTINHO DE ANTA(S) – O REINO SAGRADO DE TORGA	59
2.1. AMOR.....	60
2.2. NATUREZA	70
2.3. RELIGIÃO.....	77
2.4. EXEMPLOS.....	88
2.5. RESPOSTAS ETERNAS ÀS PERGUNTAS DO MUNDO	108
2.6. CONCLUINDO	109
3 - PERÍODO DA VIDA DE TORGA ENTRE S. MARTINHO DE ANTA(S) E COIMBRA.....	111
3.1. CRIADO NO PORTO.....	111
3.2. SEMINARISTA EM LAMEGO	112
3.3. EMIGRANTE NO BRASIL	113
4 - COIMBRA – A «AGAREZ ALFABETA»	117
4.1. INTRODUÇÃO	117
4.2. UNIVERSIDADE	122
4.3. LITERATURA (e MÚSICA).....	126
4.4. JUVENTUDE	143
4.5. MEDICINA (E CONSULTÓRIO)	150
4.6. A POPULAÇÃO ANÓNIMA - RUA.....	155

4.7. NATUREZA	160
4.8. A CASA – UM ESPAÇO DE «TRANSE».....	163
4.8.1. INTRODUÇÃO	163
4.8.2. QUINTAL (COM JARDIM E HORTA).....	164
4.8.3. PISO TÉRREO	165
4.8.3.1. SALA DE JANTAR.....	165
4.8.3.2. COZINHA.....	169
4.8.4. PISO SUPERIOR	169
4.8.4.1. QUARTO DE VISITAS	171
4.8.4.2. QUARTO DO CASAL	172
4.8.4.3. QUARTO DA FILHA – A INFÂNCIA	176
4.8.4.4. A SALA-BIBLIOTECA E/OU O AUTO-RETRATO TORGUIANO .	181
4.8.4.4.1. INTRODUÇÃO	182
4.8.4.4.2. AUTO-RETRATO TORGUIANO	183
4.8.4.4.3. ORÁCULOS ESTRANGEIROS DE ALÉM PIRENÉUS	199
4.8.4.4.4. TRADUÇÕES	212
4.8.4.4.5. OS MITOS	213
4.8.4.4.6. NOVAMENTE O AUTO-RETRATO	215
4.8.4.4.7. ESCREVER.....	217
4.8.4.4.8. O 12 DE AGOSTO NO <i>DIÁRIO</i>	229
4.8.4.4.9. TELEFONE	235
4.8.4.4.10. RÁDIO, GIRA-DISCOS E TELEVISÃO	236
4.8.4.4.11. UM OLHAR SOBRE O MUNDO	237
4.8.4.4.12. DOENÇA, SOLIDÃO E MORTE.....	243
4.9. TORGA E OS SEUS ORÁCULOS DA LITERATURA PORTUGUESA	246
4.9.1. PANORÂMICA GERAL	246
4.9.2. TORGA E CAMÕES – OS <i>LUSÍADAS</i>	257
4.9.3. MIGUEL TORGA E FERNANDO PESSOA	289
4.9.4. MIGUEL TORGA E JORGE DIAS	302
5 - VILA NOVA DE MIRANDA DO CORVO – Alucinante actividade literária e profissional	313
6 - LEIRIA - «os caminhos da poesia, da liberdade e do amor.»	319
7 - LISBOA	327
7.1. INTRODUÇÃO	327

7.2. O PODER.....	330
7.2.1. MIGUEL TORGA E O ALJUBE	330
7.2.2. MIGUEL TORGA E O PODER INTELECTUAL	336
7.3. A HISTÓRIA	339
7.4. A ARTE	341
7.5. O FADO.....	344
7.6. OS DISCURSOS AQUANDO DA ENTREGA DE PRÉMIOS LITERÁRIOS	345
7.7. 80 POEMAS – UM DIA (30-6-1987) COM 55 ANOS DE POESIA	346
7.8. PROPOSTA DE ITINERÁRIO TORGUIANO	364
7.9. TORGA E UM EVENTO ÂNCORA EM LISBOA.....	365
8 - PORTO e (RIO) DOURO	373
8.1. PORTO.....	373
8.2. (Rio) DOURO	383
8.3. SUBSÍDIOS PARA UM EVENTO ÂNCORA NO PORTO COM BASE NA OBRA DE TORGA.....	389
8.4. O DIA DE MIGUEL TORGA NO PORTO	391
8.5. UM DESAFIO AO PORTO.....	392
9 - CHAVES - NOVOS CONTRIBUTOS PARA VELHAS QUESTÕES	393
10 - AS ALDEIAS HISTÓRICAS. DAS FRAGAS E DA HISTÓRIA À ANIMAÇÃO CULTURAL – O CASO DE SORTELHA	407
10.1. INTRODUÇÃO	407
10.2. TORGA E AS ALDEIAS HISTÓRICAS.....	407
10.3. SORTELHA	409
10.3.1. CINCO (MAIS UM) ENCONTROS	413
10.3.2. CONCLUINDO	419
10.3.3. PROVÉRBIOS QUE PROPOMOS PARA REFLEXÃO NA CAMINHADA ENTRE SORTELHA E QUARTA-FEIRA.....	422
11 - LITORAL E A FRONTEIRA (TERRESTRE) OU OUTRAS LINHAS DO ROSTO DE PORTUGAL E DE TORGA.....	429
11.1. INTRODUÇÃO	429
11.2. O LITORAL.....	430
11.2.1. NAZARÉ	430
11.2.2. OUTRAS LOCALIDADES E OUTRAS QUESTÕES DO LITORAL.....	440
11.3. FRONTEIRA TERRESTRE	448

11.3.1. GÊRES	448
11.3.2. OUTRAS LOCALIDADES E OUTRAS QUESTÕES DA FRONTEIRA TERRESTRE	455
12 - OUTROS LUGARES DE PORTUGAL (COM BREVES INCURSÕES EM ESPANHA)	459
12.1. INTRODUÇÃO	459
12.2. EM TRÁS-OS-MONTES	459
12.3. NO MINHO	462
12.4. NA BEIRA	462
12.5. NA ESTREMADURA	463
12.6. NO RIBATEJO	465
12.7. NO ALENTEJO	466
12.8. NO ALGARVE	471
12.9. AÇORES E MADEIRA	471
12.10. BREVES INCURSÕES EM ESPANHA	474
CONCLUSÃO E PROPOSTAS (TENDO COMO PANO DE FUNDO O MOSTEIRO DA BATALHA)	479
1. CONCLUSÃO	479
2. PROPOSTAS	487
BIBLIOGRAFIA	503
1. BIBLIOGRAFIA ACTIVA	503
2. BIBLIOGRAFIA PASSIVA	504
3. OUTRA	513
3.1. GERAL	513
3.2. ARQUIVOS	519
3.3. SOBRE TURISMO	519
ANEXOS	I
ANEXO I - Fotografias relacionadas com temas que marcaram profundamente Miguel Torga e que lhe motivaram alguns dos seus mais belos textos.	III
ANEXO II - Listagem, por ordem alfabética, das notas do <i>Diário</i>	XXXIX

O PORTUGAL DE MIGUEL TORGA

(UM ITINERÁRIO EM CASA DO ORFEU REBELDE)

INTRODUÇÃO

Portugal. Foi a procurar entendê-lo que compreendi alguma coisa de mim.

(Torga, 1999: 1631)

Vi as coisas. O que não sei é se teria visto a alma das coisas.

(Torga, 1999: 1066)

Constatámos com enorme satisfação, quando terminámos a pesquisa para a redacção final da tese, que foi possível encontrar respostas sólidas para as cinco questões colocadas no ponto 4 (O Problema) do «**Plano de Intenções para a Tese de Doutoramento**»:

1ª. Que contributo pode dar a obra do autor de *Portugal* para um mais vasto e mais profundo conhecimento de Portugal?; 2ª. Que «respostas eternas» dá a obra do autor de *Cântico do Homem* «às perguntas do mundo»?; 3ª Como interpretar e o que fazer com a afirmação de Torga: «O universal é o local sem paredes»? 4ª Será que Miguel Torga concordava com António Gedeão, quando este afirmava, no poema *Homem*: «Inútil definir este animal aflito./ Nem palavras,/ nem cinzéis,/ nem acordes,/ nem pincéis/ são gargantas deste grito.»?; 5ª. Possui, a obra de Torga, condições ideais para ser utilizada num contexto de Turismo Cultural?

Os sessenta mil quilómetros que fizemos nas estradas de Portugal com alunos do Curso de Turismo do Instituto Superior de Novas Profissões, ao longo de dezasseis anos (de 1984 a 1999), exigiram-nos que pesquisássemos literatura com grande qualidade e concisa que explicasse «a alma das coisas» (Torga, 1999: 1066) e que desse «respostas eternas às perguntas do mundo.» (Torga, 1969: 98). Tínhamos cada ano, sob nossa orientação, durante doze/treze dias, e durante 12 horas por dia, quarenta jovens que queriam conhecer o país, mas acima de tudo queriam, muitas vezes sem terem consciência disso, conhecer-se a si próprios. Na obra de Torga fomos, gradual e apaixonadamente, encontrando o nosso principal guia.

Este espantoso *Guia* era/é também, muito utilizado em visitas que realizávamos/realizamos com estrangeiros (residentes em Portugal, turistas, jornalistas e, alguns, políticos). A obra torguiana foi sendo traduzida paulatina mas eficazmente para diversas línguas, ao longo, essencialmente, dos anos 80 e 90, o que facilitou enormemente a nossa tarefa de intérprete.

À medida que íamos pesquisando o Portugal de Miguel Torga [não só o livro *Portugal*, («um livro de peito, (...) a pátria vista e decifrada pelos olhos do corpo e da alma.» (Torga, 1999: 1613), mas as muitas centenas de páginas que no conjunto da sua obra são dedicadas à pátria], fomos levados a pensar na exclamação de Pessoa/Bernardo Soares: «Oh, Lisboa, meu lar!» (Pessoa, 1991:121) e sentimos a tentação de pôr na voz de Torga as palavras – Oh, Portugal, meu lar!

Em 16 de Dezembro de 1963, Torga escreve no *Diário* um poema nuclear para o tema desta tese:

PORTUGAL

Avivo no teu rosto o rosto que me deste,
E torno mais real o rosto que te dou.
Mostro aos olhos que não te desfigura
Quem te desfigurou.
Criatura da tua criatura,
Serás sempre o que sou.
(...)
Surdo às razões do tempo e da fortuna,
(...)
Exilado
Na gávea do futuro,
Mais alta ainda do que no passado. (Torga, 1999: 1048)

Falando de Portugal (e da sua literatura), o Orfeu Rebelde disse: «os oráculos gostam do seu clima, e às vezes dão nele respostas eternas às perguntas do mundo.» (Torga, 1969: 98).

Estes oráculos - essencialmente nacionais, mas também um número considerável de estrangeiros (convocados por Torga) - são, na sua grande maioria, escritores, mas há também cientistas, homens da igreja, filósofos, pessoas do povo, actores, músicos, bailarinos, pintores, escultores, navegadores, políticos e... natureza, casas, aldeias, vilas e cidades.

E, registando o seu gosto pelas viagens, o autor de *Portugal* revela-nos com humor e profundidade:

Há dentro de mim um nómada açaimado, uma vocação contrariada de vagabundo. Física e mentalmente, qualquer sedentarismo me mortifica. (...) chego a convencer o corpo e a razão de que vivem a calcorrear o mundo em todos os sentidos e a espreitar a verdade de todos os ângulos. (Torga, 1999: 802)

Foi a partir deste poema sobre Portugal, desta afirmação sobre a literatura portuguesa e desta confissão sobre o seu nomadismo «açaimado» que organizámos a pesquisa e todo o corpo da tese.

Consideramos que há quatro momentos/questões particularmente importantes no poema *Portugal*: 1. A identificação (explícita) e interacção do poeta com a pátria intemporal; 2. A identificação (implícita) e interacção do poeta com as grandes figuras da cultura universal, com particular destaque para os oráculos da cultura europeia; 3. A sua postura perante «as razões do tempo e da fortuna.»; 4. O seu olhar sobre o futuro.

Torga considerava imprescindível que qualquer português, que quisesse conhecer o dinamismo da pátria, lesse a sua obra. A sua criatividade, a sua cultura e o seu amor conseguiam avivar os traços do rosto de Portugal, e dar-lhe novos traços (recorrendo muito aos oráculos estrangeiros) sem o desfigurar.

E, certamente, considerava também que a leitura da sua obra seria profundamente enriquecida se fosse realizada num contexto de viagem: «corria Seca e Meca, numa aprendizagem nunca acabada da realidade pátria, que descrevera já de mil maneiras e continuava a estudar incansavelmente. Precisava cada vez mais de enraizar a inspiração no húmus nativo.» (Torga, 1981: 79) São estas descrições, feitas «de mil maneiras» que nos inspiraram os Itinerários que propomos para encontrarmos as respostas eternas às perguntas do mundo» dadas pelo *Orfeu Rebelde*.

Entre os escritores nacionais, «oráculos» que tanto ajudaram Miguel Torga a identificar-se com o Portugal intemporal, temos em primeiro lugar Camões. Segue-se, quase ao mesmo nível, Pessoa, e depois é difícil estabelecer uma hierarquia, mas há muitos nomes que Torga considera seus parentes: D. Dinis, Gil Vicente, Pêro Vaz de Caminha, Diogo Couto, Fernão Mendes Pinto, Padre António Vieira, Garrett, Herculano, Camilo, Antero, Eça, Oliveira Martins, António Nobre, Cesário Verde, Guerra Junqueiro, Teixeira de Pascoaes, Sá-Carneiro, Raul Brandão, Almada Negreiros, José Régio e Jorge Dias.

Quase todos estes escritores são profusamente citados por Torga, e durante a nossa pesquisa preocupámo-nos essencialmente com Camões e Pessoa e a influência d’*Os Lusíadas* e de *Mensagem*, *O Guardador de Rebanhos*, *Ode Marítima* e *Ode Triunfal* na construção do pensamento torguiano sobre Portugal. Há, contudo, dois grandes ausentes: José Régio e Jorge Dias.

Encontrámos uma afinidade particularmente forte entre os conceitos de casa/lar e pátria de Régio e os de Torga. Em *A Velha Casa*, Régio/Lélito descreve a casa de seus pais nos seguintes termos: «sabia ele que a sua casa tinha alma e nervos (...) não só a personalidade da casa era insubmissa às coisas e pessoas que a povoavam, mas antes acabava por pesar sobre os seus gestos, palavras, atitudes, sentimentos...» (Régio, 1982: 149-150)

E em «Patriotismo e Patrioteirismo» diz:

Creio eu que o sentimento patriótico é espontâneo, possa, embora, ser consciencializado, doutrinado, desenvolvido. Quero dizer que o julgo tão natural ao homem como o amor à casa em que nasceu e cresceu, ou à família de que provém – com todas as implicações de tal amor. Na verdade me não parece, na raiz profunda, senão como o seu simples alargamento. (Ventura, 2003: 98)

Sendo assim, é correcto afirmar que essa casa gigante que é a pátria tem «alma e nervos» e, por isso, é insubmissa e impõe-se aos seus povoadores.

Torga, em relação à sua casa de S. Martinho, diz a Claire Cayron, quando lhe entregou a chave da casa: «Dou-lhe a minha alma» (Rocha, 2000: 212); quanto à ligação do conceito de pátria e de casa, embora nunca tenha sido tão explícito quanto Régio, sentimo-nos seguros para afirmar que era semelhante, essencialmente no que é fundamental: a existência duma alma nacional. É isto que mantém a sua esperança em Portugal, apesar de ter vivido já como adulto a decadência da 1ª República, a ditadura militar, o Estado-Novo, e quase vinte e um anos da 2ª República, a qual, como é bem sabido, depressa o deixou profundamente desiludido.

Jorge Dias influencia Torga numa questão nuclear: o comunitarismo, através das monografias *Vilarinho da Furna*, *Uma Aldeia Comunitária* e *Rio de Onor*, *Comunitarismo Agro-Pastoril* e, embora com menos intensidade, com os ensaios coligidos em *Ensaio Etnológicos*. Estes Ensaio terão sido também importantes para

Torga no que concerne à compreensão de outros três temas: cultura popular e cultura superior, paralelismo de processo na formação das nações e formação da cultura portuguesa.

Os navegadores, estão também, obviamente, muito presentes na galeria dos oráculos torguianos. Vontade, confiança, inspiração, liderança, coragem e desejo de descobrir (e não conquistar) são atributos necessários para triunfar.

Em **S. Martinho de Anta(s)** estamos no coração da vida e da obra de Adolfo Rocha/Miguel Torga. (Coimbra é um segundo coração, mas com menos amor.)

Chego, e adeus solidão. Fico logo acompanhado por todos os meus penates. Presenças virtuais mas agentes, estimulam-me o entendimento, pacificam-me o coração, corrigem-me a pauta dos versos. Ninguém como eu continua a padecer no mundo mais amparado. (Torga, 1999: 1461)

Com os seus penates [pais e avós (essencialmente o avô paterno) e a irmã], Torga conhece o absoluto: amor, paz, inteligência e paixão pela beleza.

O quadro humano e natural em que Adolfo Rocha cresce, ajuda-o a formular a tese da «geografia psicológica»: «o indivíduo – o enraizado, claro está – exprime, quer queira ou não queira, a própria alma do chão que o viu nascer.» (Torga, 1999: 227)

Já próximo do fim da vida Torga disse: «Do meu Marão nativo abrange-se Portugal; e, de Portugal, abrange-se o mundo.» (Torga, 1999: 1737).

Em **Coimbra** [pólo «adoptivo» (Torga, 1999: 1262)], Torga revela-se também um amante dos espaços urbanos. E isto por duas razões: 1ª. a sua paixão pela cultura erudita e gosto por tertúlias, que ele alimentava diariamente, quer em cafés, quer em passeios depois do almoço, quer, ainda, no seu consultório. 2ª. Porque nas cidades é possível alimentar o sentimento telúrico. Foi o que ele fez na sua moradia, onde não prescindia de tratar da horta e do jardim.¹

No livro *Portugal* diz de Coimbra:

favoravelmente colocada entre Lisboa e o Porto, a primeira, marítima, a segunda, telúrica, uma a puxar para fora e outra a puxar para dentro, ela representa uma neutralidade vigilante, fazendo a osmose do espírito que parte com o corpo que fica. Do

¹ Isto revela algo muito óbvio, mas muito esquecido: uma cidade deve ser também um espaço em que a natureza tem que estar presente na vida quotidiana.

espírito que vai, ou deve ir, a todas as aventuras do mundo, e do corpo que tem raízes imutáveis no chão nativo. (Torga, 1986a: 86-87)

É neste pólo, fundamental para Torga e para Portugal, que o autor de *A Criação do Mundo* vive a maior parte da sua vida de adulto.

Do seu consultório, no Largo da Portagem, e da sua casa, na Rua Fernando Pessoa, o poeta perspectivou, durante meio século, «o mundo e as tragédias dele.» (Torga, 1999: 1740).

Se é verdade que quando estamos com Torga em qualquer sítio ou/e em qualquer tema, sentimos que nos encontramos no centro da obra do autor de *Cântico do Homem*, essa sensação é particularmente forte quando o escritor aborda a infância: «Presépio é qualquer berço/ Onde a nudez do mundo tem calor/ E o amor/ Recomeça.» (Torga, 1999: 916) escreveu o poeta em «Estrela do Ocidente»; e em 11-11-1955, quando a filha tinha meses, anotou no *Diário*: «Um filho tem pelo menos esta vantagem: obrigamos a olhar para fora de nós.» (Torga, 1999: 814.) Estes contactos empolgantes com a infância deram-se essencialmente em Coimbra, o que nos parece explicar em boa parte a sua ligação à cidade.

Vila Nova de Miranda do Corvo é uma freguesia rural do distrito de Coimbra que também fará parte do nosso Itinerário Torguiano. Aqui viveu Adolfo Rocha e Miguel Torga entre finais de 1934 e inícios de 1937. Este período foi um dos mais ricos da vida do escritor-médico.

Em Novembro de 1980 Torga escreveu, no *Diário*, sobre **Leiria**: «Esta terra foi a grande encruzilhada do meu destino. Aqui identifiquei e escolhi os caminhos da poesia, da liberdade e do amor (...).» (Torga, 1999: 1432)

Quando o autor de *A Criação do Mundo* foi preso pela PIDE, em Novembro de 1939, encontrava-se em Leiria. Foi na prisão desta cidade que escreveu o poema:

Exortação

Meu irmão na distância, homem
Que nesta mesma cama hás-de sofrer:
Que nem a terra nem o céu te domem;
Nenhuma dor te impeça de viver! (Torga, 1999: 96)

Esta quadra sintetiza o essencial de: uma esmagadora parte da sua poesia; das noventa páginas que em *Criação do Mundo* dedica ao tempo em que passou no Aljube; de vários contos, com particular destaque para «Vicente».

Quando o poeta fala dos *caminhos do amor* escolhidos em Leiria, pensa certamente na sua opção em casar-se com a mulher que viria a ser a sua companheira durante cinquenta e cinco anos (Andrée Crabbé Rocha).

Registe-se, finalmente, que é a partir desta cidade que o autor de *Portugal* inicia as visitas sistemáticas a fim de escrever o seu «livro de peito, (...) a pátria vista e decifrada pelos olhos do corpo e da alma.» (Torga, 1999: 1613)

Lisboa inspira a Torga profundas reflexões sobre a História de Portugal e sobre o poder. Mas, mais importante do que isto são os frutos da sua estada na prisão do Aljube (de inícios de Dezembro de 1939 a inícios de Fevereiro de 1940).

Pensamos ser correcto afirmar que Miguel Torga, no ano em que foi preso, ainda não tinha solidamente organizados os seus *discursos teológico* («imperativo da transcendência»), *cósmico* («fascínio telúrico») e *sociológico* («imperativo da liberdade»), (Gonçalves, 1998: 132). A dura ascese, a que se submete no Aljube, permitiu-lhe um importantíssimo salto qualitativo no aprofundamento dos seus discursos.

O **Porto** é outra cidade imprescindível num Itinerário Torguiano. O que Torga nele observou ao longo de muitos anos e as histórias que sobre ele ouvia, contadas pelo «senhor Botelho», seu professor primário, e por outros veteranos de S. Martinho, levaram-no a revelar, aos setenta e nove anos, um constante amor à cidade: «Contínuo a gostar desta terra, a cidade que o meu Doiro merecia.» (Torga, 1999: 1561).

Torga visitou a Aldeia Histórica de **Sortelha** em 1977 e escreveu:

O que mais me dói na pátria é não haver correspondência no espírito dos portugueses entre o seu passado e o seu presente. (...) Olhamos os testemunhos da nossa identidade como trastes velhos, sem préstimo, que apenas atravancam o quotidiano. Que memória individual ou colectiva se relembra nesta crónica ameaçada? (Torga, 1999: 1351-1352)

Este texto, o bom estado de preservação da aldeia e o facto de possuímos uma casa nela, levaram-nos à conclusão de que nos encontrávamos num espaço ideal para desenvolver um capítulo para a tese. Poderíamos não somente desenvolver o pensamento do escritor das fragas sobre as Aldeias Históricas, mas também realizar um longo trabalho de campo. Foi o que fizemos durante cinco anos (2008-2012). Este trabalho ensinou-nos que o interior do país ainda está vivo; que é possível juntar, em torno da arte, quer «intelectuais, quer não» (Torga, 1991: 13) de todas as faixas etárias; que há milagres culturais (é o caso do grupo «Guardiões da Lua» de Quarta-Feira).

Em nenhum outro monumento nacional é tão fácil recordar grandes escritores portugueses quanto o é em Santa Maria da Vitória (**Batalha**). Realçamos: Fernão Lopes, Camões, Alexandre Herculano, Oliveira Martins, Teixeira de Pascoaes, Afonso Lopes Vieira, Fernando Pessoa, Jaime Cortesão e Miguel Torga.

Estes gigantes da cultura nacional estão em perfeita sintonia com essa obra de pedra, símbolo do Absoluto nacional. Enquanto que nos Jerónimos encontramos, em toda a sua plenitude, a história dos heróis que definitivamente conquistaram o «mar sem fim» (Pessoa 1972: 82), na Batalha a glória da transição do século XV para o XVI está também presente, mas muito em especial está presente a sociedade do período dos Painéis de Nuno Gonçalves (e imediatamente anterior), a sociedade que segundo Torga tem um rosto «decidido a tudo, alheado de tudo, resignado a tudo.» (Torga, 1999: 1483)

Nas perfeitas *Capelas Imperfeitas* Torga quis imaginar (e quis que todos os portugueses imaginassem) a construção da abóbada dum Portugal «sempre por acabar», (Torga 1999: 1478), mas que deve ser sempre continuado em direcção à perfeição.

À totalidade das nações (e à Humanidade), o «sinaleiro da esperança» (Torga, 1999: 1662) aponta a viável necessidade de respeitar valores sagrados: natureza, ruralidade, passado, riso, indignação, arte, autenticidade, trabalho, liberdade, verdade, sonho, coragem e amor. Juntando todos estes valores, o autor de *Cântico do Homem* dá um conselho intemporal, aplicável às pessoas, às regiões e às nações: «A querer imitar e suplantar o alheio, apenas se consegue diminuir o próprio. Grande, só a multiplicação incansável do autêntico.» (Torga, 1986a: 66)

Muitas outras localidades do nosso país farão parte do Itinerário desta tese, pois Torga, durante mais de cinco décadas peregrinou por todo o país, com particular realce para as termas do Gerês e de Chaves, e para as praias da Nazaré, Mira e do barlavento algarvio.

O autor de *Cântico do Homem* olha, sempre, para **todos os continentes**. Impressiona constatar o que ele, ao longo de toda a sua vida, ouve e lê sobre o mundo. Mas é a civilização ocidental que atrai mais demoradamente a sua atenção.

Reflectindo sobre a relação dos Estados Unidos da América com a Europa, diz em 1956: «a América calca aos pés os próprios pais. (...) Roma a submeter e a oprimir uma Grécia dividida, contraditória, céptica, que não espera da vida senão a morte.» (Torga 1999: 839)

Os intelectuais europeus (os poetas, concretamente) também não são poupados pelo Orfeu Rebelde:

Sim, a Poesia pode ainda ser a grande mensagem da Europa ao mundo, e prolongar em liberdade a tradição do seu humanismo. Mas com a profunda e radical reforma dos seus servidores. (...) Só quando insubmissos e por isso dignos do seu nome, os poetas serão capazes de cumprir a sua missão divinatória por conta de todo o sofrimento humano. (Torga, 1999: 593)

Em finais da década de 80, os acontecimentos no Leste encham-no de esperança: «Não consigo dar dimensão nestes registos telegráficos ao que se passa no Leste. É um sismo da História. Um abalo colectivo de ressurreição.» (Torga, 1999: 1670)

A Ibéria surge, com muita frequência e intensidade, na poesia e na prosa do discípulo de Camões, Cervantes e Unamuno. É, contudo, no primeiro poema e no último de *Poemas Ibéricos*, que encontramos as duas principais mensagens que Miguel Torga nos quis passar sobre esta península que foi durante quase dois séculos o centro do mundo. É preciso ter consciência de que:

- Aqui «coube o Velho Mundo e o Novo...» (Torga, 1995a: 7);
- «O senhor D. Quixote verdadeiro» só virá quando formos capazes de pegar na «lança e no arado» e dizer «não passarão!» aos «falsos namorados.» (Torga, 1995a: 74-77)

António Lobo Antunes disse que «Torga podia perfeitamente estar a falar de si mesmo», quando se referiu a Haydn nos seguintes termos: «De vez em quando, Deus encontra homens à sua medida». (Antunes, 2007)

Mesmo não aceitando que Torga é um homem à medida de Deus, o facto é que Portugal tem no autor de *Portugal* um homem cuja obra é um tesouro que, com poucas excepções (é o caso dos dois congressos internacionais organizados pela Universidade Fernando Pessoa, com a publicação das respectivas actas), continua a ser mal divulgado. A postura dos poderes cultural e político da «Agarez alfabeta» (Torga, 1981: 41) é, como veremos, o exemplo mais preocupante.

1 - TORGA E O TURISMO (CULTURAL)

Quem não puder percorrer miudamente uma pátria e auscultar-lhe as íntimas pulsações do coração, tem sempre o recurso de ler os seus poetas, ver as telas dos seus mestres ou admirar os mármore dos seus escultores.
(Torga, 1999: 1505)

Faço lá uma viagem pelo menos uma vez por ano, e cada vez volto mais conquistado por esse povo sofredor e nobre. Mas ao que me afeiçoei decididamente foi à literatura portuguesa.
(Unamuno, 1989: 9)

1.1. REFLEXÕES EM TORNO DA CARTA INTERNACIONAL DO TURISMO CULTURAL; CONVENÇÃO QUADRO DO CONSELHO DA EUROPA RELATIVA AO VALOR DO PATRIMÓNIO CULTURAL PARA A SOCIEDADE; CARTA DOS ITINERÁRIOS CULTURAIS.

A temática do Turismo (Cultural) está diluída, com maior ou menor intensidade, em todos os capítulos da presente tese. Contudo, é imprescindível dedicar um capítulo autónomo a esta prática turística, que desde as últimas décadas do século passado está em permanente crescimento.

Consideramos que a «**Carta internacional do Turismo Cultural**» (UNESCO - ICOMOS, 1999), profundamente consciente da importância da prática turística, nos apresenta de uma forma clara (embora, não raras vezes, algo repetitiva) todos os pilares fundamentais do Turismo Cultural.

Vejamos o seu conteúdo, tendo como principal preocupação os aspectos que podem potenciar e ser potenciados pela obra torguiana (os negritos são da nossa autoria):

- «(...) o património natural e cultural pertence a todas as pessoas. Cada um de nós tem o direito e a responsabilidade de **compreender, apreciar e conservar** os seus valores universais.» (p.2);

- «**o património particular e a memória colectiva de cada localidade ou de cada comunidade é insubstituível** e é um fundamento importante para o desenvolvimento, quer agora quer no futuro.» (p.2);
- «Um objectivo primário da gestão do património é a comunicação do seu significado e a necessidade da sua conservação para a **comunidade residente** e para os **visitantes**.» (p. 2);
- O **turismo** «é crescentemente apreciado como sendo uma **força positiva para a conservação natural e cultural**.» (p.2);
- É fundamental «**Facilitar e encorajar o diálogo entre os interesses da conservação e a indústria do turismo** sobre a importância e a natureza frágil dos sítios património, das colecções e das culturas vivas» (p.3);
- «Os programas de interpretação estabelecidos devem apresentar o significado dos sítios património, das tradições e das práticas culturais compreendidos na experiência passada e nas diversidades actuais da área e da comunidade residente, incluindo as pertencentes a **grupos culturais ou linguísticos minoritários**.» (p.4);
- «**As comunidades residentes e os povos indígenas** devem ser envolvidos no planeamento para a conservação e para o turismo.» (p.7);
- «Os programas de turismo devem **encorajar a formação e o emprego de guias e de intérpretes de sítio a partir da comunidade residente**, para valorizarem as competências do povo local na apresentação e na interpretação dos seus valores culturais.» (p. 8);
- «Os programas de gestão da conservação e de turismo devem incluir a **educação e oportunidades de formação para autores de políticas, planeadores, investigadores, projectistas, arquitectos, intérpretes, conservadores e operadores de turismo**.» (p.8).

Outro documento com particular relevância para o Turismo Cultural é a «**Convenção-Quadro do Conselho da Europa Relativa ao Valor do Património Cultural para a Sociedade – 2005**». Parece-nos, contudo, que muitos artigos repetem, no essencial, o conteúdo da «Carta Internacional do Turismo Cultural». Inovadora é a alínea d) do Artigo 7º, que nos diz que a protecção do Património Cultural exige: **mais «ética»**;

«respeito pela diversidade de interpretações»; e mais investigação. Estes princípios devem integrar «todos os aspectos da educação e formação ao longo da vida.» Inovadora, também, é a alínea b) do Artigo 17º ao propor a promoção de **«actividades multilaterais e transfronteiriças»**.

Volvidos nove anos sobre a «Carta do Turismo Cultural Internacional», o ICOMOS volta a apresentar-nos um documento fundamental para o Turismo Cultural: a **«Carta dos Itinerários Culturais»** (2008). Diz-nos esta Carta, no que mais interessa à obra de Torga, que **«Os Itinerários Culturais devem ser vistos como símbolos de união entre os povos.** Os laços históricos materializados através dos Itinerários Culturais podem servir para promover projectos de cooperação que tenham como fundamento o encontro de povos que no seu passado partilharam determinados valores e conhecimentos.» (p. 12).

Recorreremos, durante o desenvolvimento da tese, a estes três documentos supra-referidos. Contudo, parece-nos importante registarmos já aqui algumas constatações, informações e reflexões:

- **Ética** – atravessa toda a obra de Adolfo Rocha e de Miguel Torga. Muito apropriadamente, Carlos Fernandes Maia diz que o Orfeu Rebelde é «Um poeta do dever» (subtítulo da sua tese de doutoramento *A Dimensão Ética e Educativa na Obra de Miguel Torga*).

- **Respeito pelos residentes** – está em toda a obra do autor, mas com particular relevo nos livros de Contos e em algumas notas do *Diário*. Veja-se a indignação do escritor quando, na década de sessenta (época do boom do turismo algarvio) verifica que «o afago da nossa paisagem» e «os frutos do nosso suor» se tornaram propriedade «dos turistas ricos.» (Torga, 1999: 1099).

Na obra torguiana os residentes são, essencialmente, seres humanos, mas também podem (e devem) ser bichos.

- **Respeito pela diversidade de interpretações** – este respeito também atravessa toda a obra do escritor e é particularmente forte quando aborda a temática da liberdade (tema abordado de todos os ângulos e até à exaustão). Reveste-se de grande originalidade num depoimento, no *Diário*, sobre o relacionamento com os seus pacientes: «Na minha já

longa vida de médico, só tive uma preocupação: entender o sofrimento alheio mesmo quando ele objectivamente me parecia injustificado.» (Torga, 1999: 1627).

- **Conhecimento das tradições** – Surge em muitas obras: *Portugal*, «Trás-os-Montes no Brasil» (in, *Traço de União*); *Diário*; todos os livros de Contos; *A Criação do Mundo* (principalmente o *Primeiro Dia*). Sobre o valor das tradições diz-nos, lapidarmente, que temos que «manter na redoma da lembrança, viva, como relíquia eternamente a sangrar, a lição do passado.» (Torga, 1969: 60-61)

- **Estudo permanente** - «Jean Rostand disse-me apenas exemplarmente que, à minha maneira, interrogasse sem descanso a realidade.» (Torga, 1999:1352) E este conselho, do biólogo e filósofo francês, foi rigorosa e quotidianamente seguido por Miguel Torga. Compreende-se, assim, que Frederico de Moura, amigo e colega de Torga (era médico), tenha escrito o seguinte:

O Portugal de Torga não é, evidentemente, um Portugal que sirva para regalar o sensorio de turistas tangenciais que raspam pelo país à cata de frioleiras etnográficas epidérmicas que lhes sirvam a gulodice (...) O Portugal de Torga é um Portugal com fundura – não, apenas, telúrica como querem, talvez por comodidade de avaliação ou por preguiça mental, uns exegetas de superfície, porque é, igualmente, (e eu diria que é essencialmente), também, de raiz étnica e histórica. (Moura, 1977: 67)

- **Saturação turística** – Torga vai à Nazaré em 1984, depois de uma ausência de vários anos. A decepção é imensa:

E tudo mudou. O palco e os actores. Agora, as praças, as ruas e os mirantes transfiguradores de outrora são logradouros de uma multidão heteróclita e concreta, que neles se acotovela frenética, atropela os cansados, barra os horizontes, e não deixa ninguém contemplar, sonhar ou divagar em nenhum recanto.

O nosso tempo é assim. Colectivo, atravancado, promíscuo. Superlotado em todas as horas. (Torga, 1999: 1517-8)

- **A arte acessível a todas as pessoas** - a arte deve ser «o mais pura possível nos meios e o mais larga possível nos fins. Uma super-realidade, onde todos os homens se encontrem, quer sejam intelectuais quer não.» (Torga, 1991a:13)

- **Respeito pelas culturas regionais** – As passagens da obra torguiana que abordam estas questões com mais detalhe encontram-se em *Portugal* e em *Poemas Ibéricos*, mas o *Diário* contém muitas notas que revelam o mesmo espírito, principalmente em relação às culturas das nações que integravam a antiga União Soviética, as quais citaremos em «Um Olhar sobre o Mundo» (4.8.4.4.11).

- **Formar guias que conheçam as obras dos grandes poetas** – É indirectamente que Torga defende esta necessidade. Mas podemos afirmar que ele a subscreveria, tendo em consideração o valor que atribuía aos guias que não são «fonógrafos sem coração» (Torga, 1999: 288) e a importância que atribuía à poesia portuguesa para o conhecimento da alma da pátria: «Quanto mais percorro o país, mais me convenço que ainda são os poetas que melhor sabem exprimir a nossa realidade telúrica e humana.» (Torga, 1999: 534)

- **Actividades multilaterais e transfronteiriças** – o andarilho Torga palmilhou muitos quilómetros junto da raia. Um dia, «a cavalo na raia» e depois de provar um pão espanhol comprado «a um contrabandista» teve a seguinte meditação:

O homem começou (...) por ser um bicho nómada e, clara ou brumosamente, conservou sempre nos cromossomas a nostalgia do longe. Nunca nenhum país, por maior que fosse, correspondeu à extensão interior dos seus filhos mais exigentes, e é quase certo que haveria, larvada, uma grande dose de curiosidade laica nas santas peregrinações do passado. (Torga, 1999: 988)

O homem que passeava (e meditava) «a cavalo na raia» e comia pão comprado «a um contrabandista» certamente que aprovaria com grande satisfação, o que se viria a verificar após a sua morte: a criação do Museu da Emigração e Contrabando (Melgaço) e do Centro de Estudos Ibéricos.

- **Itinerários Culturais** - Há Itinerários Culturais do Conselho da Europa que podiam ser enriquecidos com textos de Torga. «Os Caminhos da Vinha» e «O Património das Termas» encontrariam, na obra torguiana, inúmeros, belos e profundos textos. Mas outros, como: «O Itinerário Europeu da Cultura Megalítica»; «Al-Andalus»; «O Itinerário do Património Judaico»; «O Caminho de Santiago»; «Rota do Românico»; «Rota da Cortina de Ferro»; «O Itinerário do Barroco»; «O Itinerário dos Parques e

Jardins» - encontram também textos incontornáveis saídos da pena do artista Miguel Torga. Fique já registado uma nota sobre um tema pouco referido quando se fala do gosto do escritor pela arte, o Barroco: «*Falperra, 18 de Julho de 1975 – A Igreja de Santa Maria Madalena num Barroco tão voluptuoso que parece uma carta de namoro em granito que o arquitecto pecador tivesse escrito à padroeira pecadora.*» (Torga, 1999:1303)

Mas parece-nos que o mais importante contributo que o Orfeu Rebelde pode prestar aos *Itinerários Culturais* é a construção de um itinerário sobre a identidade portuguesa, com base essencialmente na sua obra (e que esta tese procura apresentar), sem esquecer as suas raízes europeias.

Quando lemos estudos sobre Turismo, e principalmente Planos Estratégicos e Programas Partidários para o Turismo, somos fortemente tentados a perguntar por que motivo se repete tanto o que já está dito.² De facto, já foi dito, vezes sem conta, praticamente tudo o que é necessário para que o Turismo tenha uma mais vasta e profunda dimensão cultural. Pensamos, contudo, que há uma preocupante falta de referências e/ou utilizações da espantosa mais-valia que a literatura pode constituir para o Turismo Cultural. As principais excepções que existem têm a ver com o partido que se tira de algumas Casas-Museu de escritores, como são os casos, por nós estudados *in loco*, de Shakespeare, em Stratford-upon-Avon, as irmãs Brönte, em Haworth, Charles Dickens, em Rochester e Londres; Dostoevsky e Pushkin em S. Petersburgo; Victor Hugo, em Paris; Cervantes, em Alcalá de Henares e Federico García Lorca, em Granada; e com o caso irlandês, em Dublin, onde o Turismo Literário é largamente utilizado, tirando partido essencialmente de James Joyce. Em Portugal é confrangedor olharmos as estatísticas de visitantes de Casas-Museu do maior interesse, como é o caso de Régio em Vila do Conde e Portalegre, de Eça em Tormes e, como veremos, com detalhe, de Torga, em Coimbra.

Consideramos esta realidade algo absurda.

O Turismo Literário é, entre todos os segmentos de Turismo Cultural, um dos mais fáceis de implementar e é o mais abrangente:

- Um dos mais fáceis de implementar, porque um livro não é caro e é de uma enorme mobilidade. Não se pode deslocar uma catedral ou um castelo, e o transporte de um

² Aliás parece-nos que o mesmo se passa em muitas outras áreas, como é o caso da política.

quadro ou de uma estátua acarreta grandes despesas e riscos. Repare-se que num itinerário literário nem sequer é necessário que o turista se faça acompanhar de livros. Basta possuir fotocópias dos textos utilizados;

- O mais abrangente, porque o Turismo Literário para além de poder ser um fim em si mesmo, constitui um excelente complemento de inúmeros itinerários temáticos, tais como: artísticos, históricos, paisagísticos e gastronómicos.

E nem sempre esta realidade é da responsabilidade dos organismos turísticos. Não raras vezes é da responsabilidade de intelectuais e de escolas de turismo. Apresentemos três casos paradigmáticos de intelectuais:

1º - Fernando Pessoa – Este génio (que tinha dentro de si vários génios) escreveu um livro medíocre: *O que o Turista deve ver em Lisboa*. É um roteiro que não vai além do descritivo. Quem quer encontrar a alma da cidade de Pessoa tem que ler Bernardo Soares, Álvaro de Campos e a *Mensagem*.

2º José Saramago - É autor de obras que, não sendo escritas a pensar no Turismo Cultural (são os casos, por nós trabalhados, de *Memorial do Convento*, *O Ano da Morte de Ricardo Reis* e *Que Farei com este Livro*), fornecem uma espantosa quantidade de elementos que podem ser de enorme utilidade em Itinerários Culturais. O absurdo surge com a obra que foi escrita a pensar no Turismo Cultural: *Viagem a Portugal*. Só quem estiver de má fé poderá afirmar que esta obra não tem várias passagens muito pertinentes, mas quem a lê com objectividade não poderá deixar de afirmar que o livro foi escrito em cima do joelho, com pouco respeito pelos turistas. Saramago diz demasiadas vezes que o «viajante» (ele) chegou a esta ou àquela povoação e, encontrando-se fechado o monumento que pretendia visitar, continuou a viagem. Nunca se lembrou de perguntar quem tinha a chave, ou então dormir na região e voltar, no dia seguinte, ao monumento.

3º Seabra Pereira - Um dos mais prestigiados investigadores da cultura portuguesa deixou passar, como coordenador científico do roteiro *Caminhando... Pela Rota de Miguel Torga*, o texto da autoria dos Serviços Culturais das Câmaras Municipais de Coimbra e de Miranda do Corvo. A alma da Coimbra torguiana só muito pontualmente aparece. *A Criação do Mundo* e o *Diário* não são suficientemente utilizados e não aparece qualquer utilização de livros fundamentais, como é *Rua e Fogo Preso*; e o que é

dito sobre Vila Nova de Miranda do Corvo (onde Torga viveu um dos períodos mais criativos da sua vida) é tão pouco e tão pobre que não podemos deixar de manifestar a nossa preocupação.

Quanto às escolas de turismo, não conhecemos uma que tenha alguma disciplina que contemple os Itinerários Literários.

Compreende-se, assim, que nas viagens que fizemos na nossa qualidade de turista e, principalmente, na qualidade de «correio de turismo» em cerca de cinquenta países (e onde assistimos ao trabalho de não menos de duzentos guias), nunca tenhamos encontrado um guia que utilizasse a magia das palavras dos grandes escritores para mostrar «a alma das coisas.».

1.2. TORGA E AS VIAGENS

Viajar foi importante para a humanidade, é importante e poderá ser cada vez mais importante.

Vejamos como Torga nos pode ajudar.

Podemos afirmar que o autor de *Portugal* fez as suas primeiras viagens durante a infância [(quando começou a transpor, fascinado, as fronteiras invioladas das freguesias vizinhas (Torga, 1999: 1173)], isto é, meados da década de 10, e a última (registada) em 1993: «Num molho, mas cheguei. O que me vale é saber Portugal de cor tão bem sabido, que, mesmo a atravessá-lo ofegante e mareado, o vejo sempre inédito e deslumbrador como da primeira vez.» (Torga, 1999: 1769).

Foram, portanto, cerca de 80 anos de viagens. Encontramos aqui o primeiro grande contributo de Miguel Torga para o Turismo: ele foi um turista ao longo de oito décadas. A importância de «durar muito» é perfeitamente consciencializada pelo autor de *Diário* que nos diz numa entrada de 12-8-79 (dia em que completou setenta e dois anos): «Durar muito. É a única maneira de se poder perspectivar capazmente todos os altos e baixos da vida...» (Torga, 1999: 1399).

O autor de *Portugal* fez algumas centenas de milhares de quilómetros de automóvel e alguns milhares a pé. Percorreu o campo e as cidades em todas as estações do ano e às

mais diversas horas do dia. Tinha plena consciência de que só assim conseguia ver a alma da pátria – «é por funda necessidade cultural que eu peregrino esta pátria (...). Eça falhou n’*A Cidade e as Serras* porque nunca calcorreou as serras.» (Torga, 1999: 503). Considerava também que era no contacto com a natureza que mais respostas podia obter sobre o que o inquietava: «Li centenas de livros, e continuo a ler. Mas é na cartilha da natureza que aprendo o que à minha inquietação mais importa». (Torga, 1999: 1071).

Consideramos oportuno lembrar que durante a vida de Miguel Torga assiste-se à passagem da infância dos meios de transporte e da organização das viagens para a fase de maturidade.

O escritor registou o essencial das suas viagens nos seguintes livros:

- *Portugal* - Sobre este livro disse o autor, depois de receber um exemplar da edição francesa: «Uma bela edição francesa do *Portugal*. E comovi-me quando a recebi. Com a versão doutras obras não tem acontecido o mesmo. Se não fico indiferente, também não estremeço. Mas *Portugal* é um livro de peito, é a pátria vista e decifrada pelos olhos do corpo e da alma.» (Torga, 1999: 1613). Esta afirmação, que tem passado despercebida pelos estudiosos de Torga, parece-nos particularmente importante porque, para além do amor que revela por Portugal, constitui uma irrefutável prova do enorme valor que o autor atribuía às viagens;

- *Diário* – cerca de 1710 entradas (44,8% da totalidade) são escritas num contexto de viagem (em Portugal e no estrangeiro: Europa, África, Ásia e América) e a esmagadora maioria das outras constituem reflexões de carácter cultural, ético, social e político susceptíveis de serem utilizadas pela informação/interpretação turística;

- *A Criação do Mundo* – ao longo de todos os *Dias/Volumes*, mas com particular realce para *O Quarto Dia*, dedicado à sua viagem a Espanha, França, Itália, Suíça e Bélgica, em finais de 1937 e inícios de 1938;

- *Contos da Montanha* e *Novos Contos da Montanha* - muitos destes contos revelam um profundo conhecimento da realidade social e geográfica não só de S. Martinho de

Anta, mas de muitas freguesias limítrofes. [Saramago dizia que «cada quilómetro não vale menos que um ano de vida» (Saramago, 1999a: 18)].

- *Mar* – Torga deslocou-se frequentemente à Nazaré, principalmente em finais da década de 30 e inícios da seguinte, época em que foi publicada a peça de teatro *Terra Firme. Mar* (1941) e altura em que começa a preparar *Portugal*.

- *Rua* – Apesar de todas as suas críticas a Coimbra, o autor de *Rua* tinha uma profunda ligação a Coimbra [o seu pólo «adoptivo» (Torga, 1999: 1262)] e percorria amiúde, com todos os sentidos e curiosidade intelectual, a cidade onde viveu cerca de 60 anos. Veremos, nos capítulos sobre Coimbra e Leiria, que há pelo menos um conto de *Rua* («O Estrela e a Mulher») que deve ter sido inspirado pelo ambiente de Leiria, mas a obra é essencialmente um retrato da cidade do Mondego;

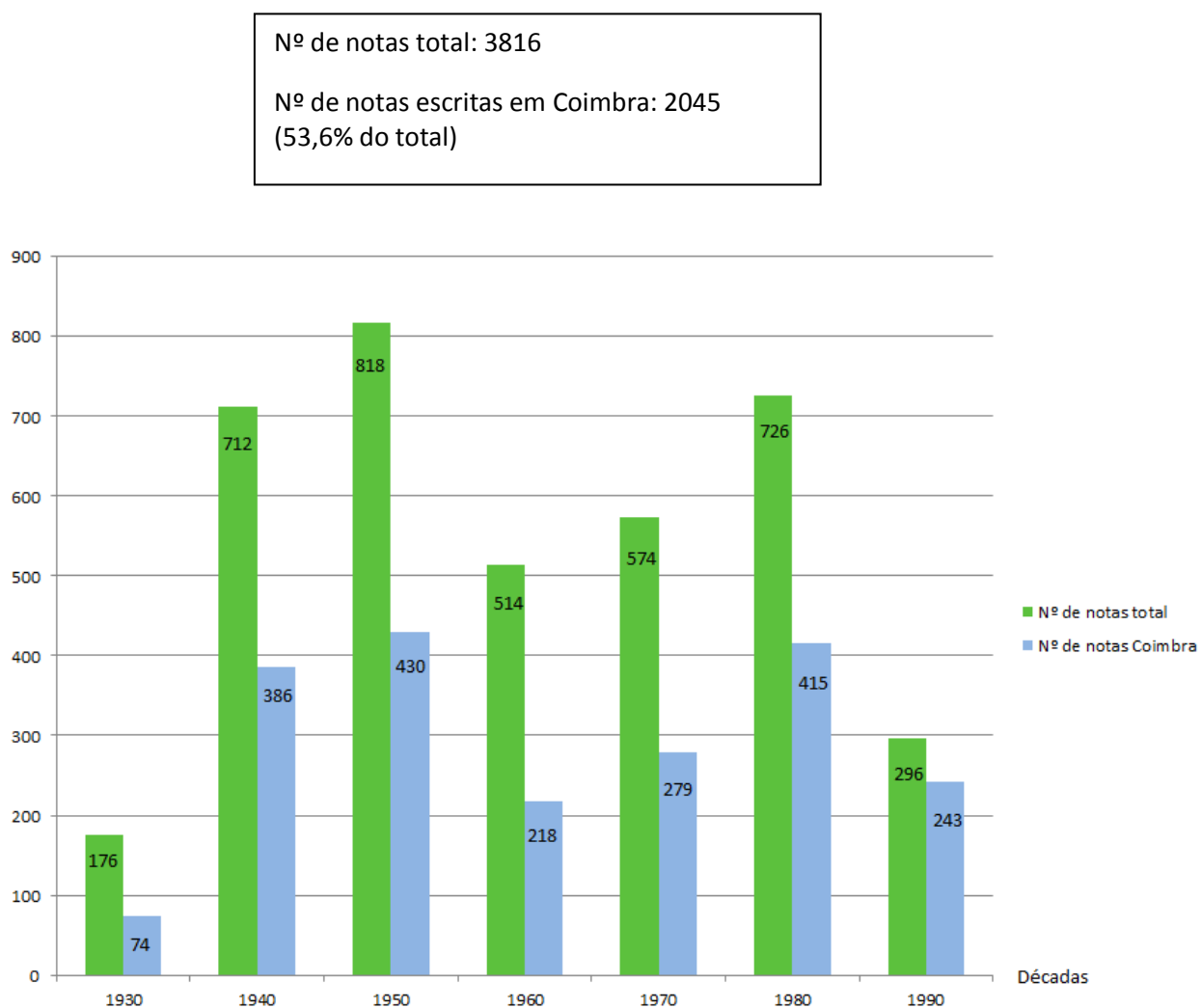
- *Vindima* – revela profundos conhecimentos da realidade do vale do Douro;

- *Traço de União* – o capítulo «Trás-os-Montes no Brasil» é uma perfeita peregrinação pelas especificidades das diversas regiões de Trás-os-Montes;

- Parece-nos legítimo afirmar que muitos dos seus livros de poesia foram, em boa parte, escritos durante as férias, num ambiente eminentemente bucólico. (ver Torga, 1981: 79)

Gráficos de notas do *Diário*

1º - Número de notas do *Diário* por década

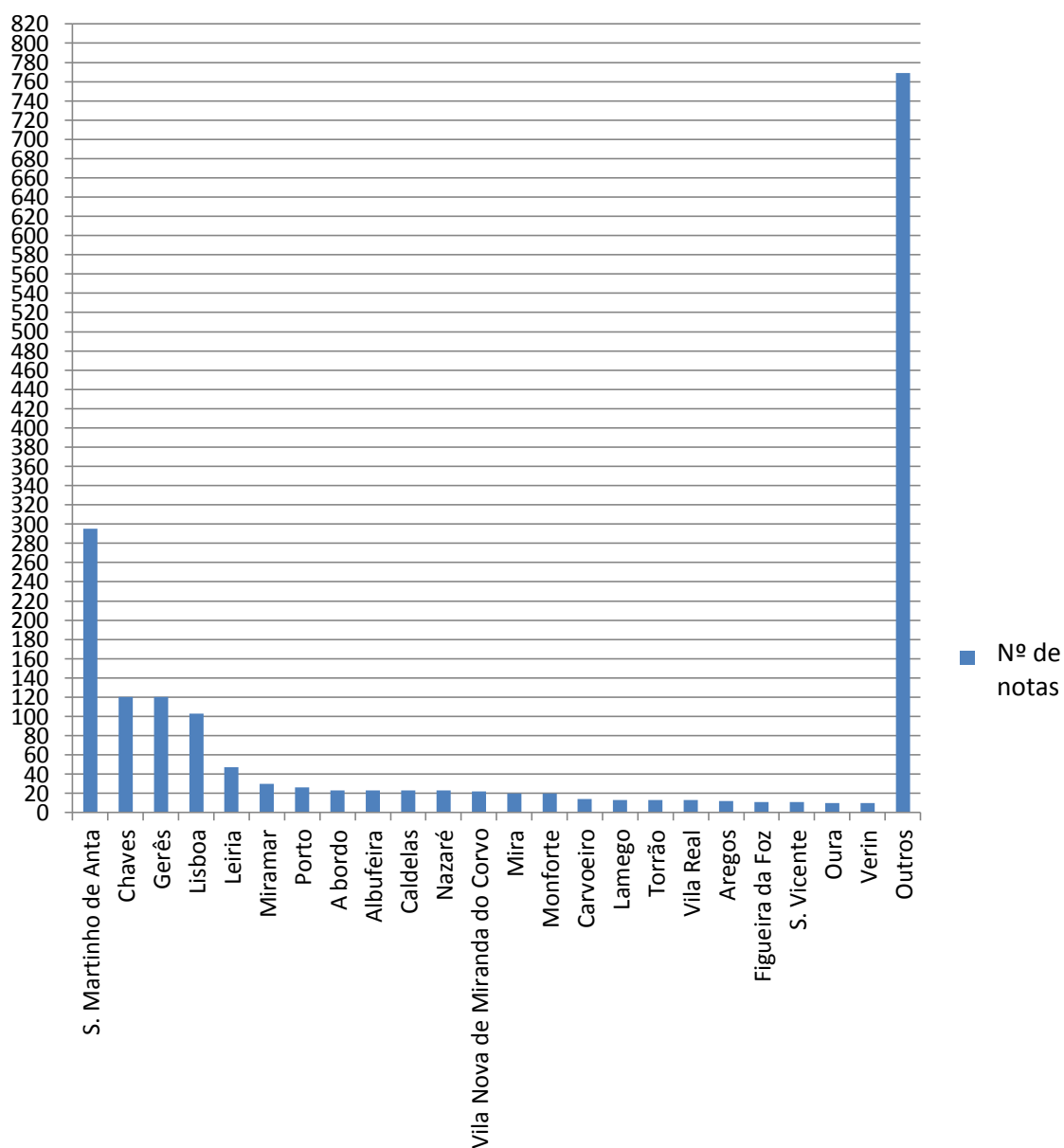


Décadas de 30 – 250; 40 – 1098; 50 – 1248; 60 – 732; 70 – 853; 80 – 1141; 90 – 539.

O *Diário* começa em 1932, mas até finais de 1935 só regista 19 notas. Já o segundo lustro da década de 30 é da máxima importância: relatos da vida de médico; reflexões (e descrições) sobre a Guerra Civil Espanhola; notas sobre a primeira viagem à Europa; registo de viagens num raio próximo de Leiria; relato das vivências no Aljube.

É notável o facto da média anual das notas escritas na década de noventa (de Janeiro de 1990 a 10 de Dezembro de 1993) ser superior à média anual de qualquer outra década, e as mensagens terem, no mínimo, tanta força quanto as anteriores. Várias foram escritas num contexto de viagem (sempre em Portugal) e revelam uma espantosa lucidez, determinação e paixão pela pátria. Destacamos o poema «Evasão», escrito em Chaves, que termina com três versos que constituem uma das respostas de Torga às perguntas do mundo [«Viver é ser no tempo intemporal./ É nunca, a ser o mesmo, ser igual./ É encontrar quando nada se procura.» (Torga, 1999: 1729)] e a nota de 24-8-1993, também escrita em Chaves, e já citada neste capítulo: «Num molho, mas cheguei. O que me vale é saber Portugal de cor tão bem sabido, que, mesmo a atravessá-lo ofegante e mareado, o vejo sempre inédito e deslumbrador como da primeira vez.» (Torga, 1999: 1769). Estes últimos anos do *Diário* permitem-nos afirmar que Miguel Torga - ao contrário do que nos diz no último poema («Requiem por mim») - acabou como uma «natureza consumada» e caiu «de pé, num desafio.» (Torga, 1999: 1786)

2º - Localidades com mais de 10 notas no *Diário* (sem Coimbra)



S. Martinho – 296; Chaves – 119; Gerês – 118); Lisboa – 103; Leiria – 47; Miramar – 30; Porto – 26; a bordo – 23; Albufeira – 23; Caldelas - 23; Nazaré - 23; Vila Nova de Miranda do Corvo - 22; Mira (com palheiros de Mira e praia de Mira) - 20; Monforte - 20; Carvoeiro - 14; Lamego - 13; Torrão - 13; Vila Real - 13; Aregos - 12; Figueira da Foz - 11; S. Vicente - 10; Oura - 10; Verin – 10.

S. Martinho de Anta com uma presença de notas no *Diário* de 7,7% da totalidade (recordemos que Coimbra tem 53,6%), tem efectivamente uma presença muito superior, não só porque é omnipresente no espírito do escritor, mas também porque é explicitamente referida em notas escritas em Coimbra. Chame-se a atenção para três notas particularmente fortes: a 1ª relaciona-se com a natureza (Torga, 1999: 1632) ; a 2ª com a noite de Natal (Torga, 1999: 1495); e a terceira com a Romaria da Senhora da Azinheira (Torga 1999: 1766). Pensamos que estas três notas seriam suficientes para podermos afirmar que S. Martinho acompanhava sempre Torga, quando este se encontrava na «Agarez alfabet». (Torga, 1981: 41).

Este gráfico indica-nos, de seguida, a extraordinária importância para Torga da frequência de termas (Chaves, Gerês/Caldelas, Aregos e S. Vicente) tão bem sintetizada em *A Criação do Mundo – Sexto Dia*: «Fiel devoto das potências naturais, mal chegava o verão, era sobretudo junto das nascentes que me perdia e achava, mais seguro ali do que nas mãos dos colegas.» (p. 79).

As notas escritas nas praias (Miramar, Albufeira, Nazaré, Mira; Carvoeiro, Figueira da Foz e Oura), mostram-nos:

- a atracção voluptuosa do autor de *Mar* pelo mar: «Nele, nasce Vénus, a deusa do amor. Em cada onda vem à praia o seu corpo branco de sereia e de mulher. (...) Dantes, acenava-me convidativamente. Agora, sorri-me apenas como uma lembrança.» (Torga, 1999: 1611);

- a identificação com o «desassossego» do Atlântico; «de vez em quando (...) venho desaguar a angústia neste mar desassossegado. Tenho a sensação de a deixar embalada no único regaço que a merece.» (Torga, 1999: 1572)

- o prazer no convívio com os pescadores: «Também me servia passar a vida entre pescadores, e ser no meio deles o Luís Milheirão (...). Que tipo curioso e rico este homem, cozinheiro, caçador, pescador, e sobretudo, poeta! Nada na natureza o desinteressa, nenhum fenómeno o encontra desprevenido.» (Torga, 1999: 427)

As notas nas localidades alentejanas de Monforte e Torrão testemunham a importância dos dias dedicados à caça para o poeta da Montanha atingir «horas de tanta intensidade literária, política, religiosa e lúdica.» (Torga, 1999: 1369)

As cidades de Chaves, Lisboa, Leiria, Porto, Lamego, Vila Real, Figueira da Foz e Verin, aparecem, na obra torguiana, por motivos quase sempre diversos. Chaves porque é um excelente centro termal; Lisboa por motivos políticos (prisão no tempo do Estado Novo e encontros com o general Eanes, o qual, quando era presidente da República, gostava de se aconselhar regularmente com o autor de *Fogo Preso*); culturais e de saúde; Leiria porque aqui residiu e exerceu clínica, cerca de dois anos; o Porto por motivos culturais, de saúde e porque fica num dos itinerários que Torga utilizava entre Coimbra e S. Martinho; Lamego porque se encontra num outro itinerário entre Coimbra e S. Martinho; Vila Real porque fica a menos de 20 quilómetros de S. Martinho e porque lá morava um amigo apaixonado por poesia que, embora não tenha recebido das musas «os dons supremos», deveria estar «sentado (...) no Parnaso», porque «em coisas de Orfeu, tudo dá e nada pede» (Torga, 1999: 1508); Figueira da Foz, por ser banhada por um «mar desassossegado»; Verin, pequena cidade espanhola na raia, a norte de Chaves, porque Torga, durante as suas estadas nas termas da cidade do Tâmega, gostava de aí se deslocar a fim de reflectir sobre Portugal e o Iberismo.

Vila Nova de Miranda do Corvo, a cerca de 20 km de Coimbra, era uma aldeia quando Torga lá exerceu medicina durante perto de dois anos e meio. Foi um período de uma intensíssima actividade literária, como veremos num outro capítulo, com constantes deslocações a Coimbra para contactos com outros escritores e idas à tipografia, às livrarias e ao cinema.

As notas escritas a bordo datam de 1953 (viagem no Mediterrâneo) e de 1954 (viagem ao Brasil).

Enfim, todas estas localidades, foram espaços de eleição para a produção literária do poeta, nomeadamente os textos sobre o(s) rosto(s) de Portugal.

Viagens ao estrangeiro (com base nas notas do *Diário*). O número de notas escritas em cada localidade surge, em algarismos, entre parênteses.

De 24 de Dezembro de 1937 a 17 de Janeiro de 1938: Lourdes (1); Montpellier (1); Marselha (1); Milão (3); Certosa di Pavia (1); Veneza (1); Roma (4); Pisa (1); Genebra (1); Paris (2); Bruxelas (3); Antuérpia (1).

1950 - De 28 Agosto a 8 de Outubro: Salamanca (1); Ávila (1); Madrid (1); Escorial (1); Toledo (1); Barcelona (2); Maiorca (3); Montpellier (1); Costa Azul (1); Monte Carlo (1); Pisa (1); Florença (2); Roma (3); Capri (1); Pompeia (1); Sorrento (1); Palermo (1); Agrigento (1); Siracusa (1); Taormina (1); Taranto (1); Pescara (1); Veneza (3); Maloia (1); Davos (1); Lucerna (1); Lousana (1); Paris (5); Chartres (1); Biarritz (1); Cuevas de Altamira (1).

1951

De 15 a 22 de Abril: Mérida (1); Sevilha (2); Córdoba (1); Granada (1); La Carolina (1); Madrid (1); Salamanca (1).

De 5 a 13 de Setembro: Pontevedra (1); Compostela (1); La Coruña (1); Oviedo (1); León (1); Valladolid (1); Segóvia (1); Ávila (1); Salamanca (1).

1953 - De 31 de Agosto a 15 de Setembro: A bordo (6); Maiorca (1); Nápoles (1); ; Paestum (1); Roma (1); Capri (1); Atenas (1); Constantinopla (3); Argel (1).

1954

De 4 a 8 de Junho: Trujillo (1); Guadalupe (1); Olivença (1); Granada (1); Zamora (1); Sanábria (1).

De 27 de Julho a 3 de Setembro

A bordo (17); Guanabara (2); Rio (6); S. Paulo (6); Serra do Mar (1); Congonhas (1); Ouro Preto (1); Belo Horizonte (1); Banco Verde (1); Baía (1); Cabo Verde (1); Las Palmas (1).

1958 - De 1 a 15 de Junho: Santillana del Mar (1); Angoulême (1); Amiens (1); Bruxelas (3); Vollandam (1); Bruges (1); Reims (1); Blois (1); Grutas de lascaux (1); Andorra (1); Guadalajara (1); Toledo (1); Madrid (1).

1959 - 18 de Agosto: Orense – (1).

1960

De 20 a 22 de Abril: Salamanca – (1); Madrid (2).

De 8 a 12 de Junho: Mérida (1); Trujillo (1); Madrid (2); Salamanca (1).

1961 - 23 de Setembro - Verin (1).

1962 - De 1 a 4 de Setembro: Santa Tecla (1); Santiago de Compostela (1); Covadonga (1); La Coruña (1).

1968

2 de Abril: Verin (1)

12 de Abril: Orense (1)

1969 - 17 de Setembro: Verin (1)

1970 - De 22 de Agosto a 9 de Setembro: Salamanca (1); Vitória (1); Avinhão (1); Lião (1); Tubinga (1); Colónia (1); Berlim (2); Nuremberg (2); Munique (1); Oberammergau (1); Cortina de Ampezzo (1); Ravena (1); Florença (2); Pisa (1); Perpilhão (1); Figueras (1); Sória (1).

1971 - 23 de Setembro: Verin (1)

1973 - De 18 de Maio a 12 de Junho: Luanda (5); Cela (1); Santo António do Zaire (2); Lobito (1); Moçamedes (2); Sá da Bandeira (3); Nova Lisboa (1); A voar sobre África (3); Beira (1); Gorongosa (2); Tete (1); Cabora Bassa (1); Ilha de Moçambique (2); Lourenço Marques (2) notas.

1974

4 de Setembro: Verin – (1)

11 de Setembro: Verin – (1)

1975 - 10 de Setembro: Verin (1)

1976 - 16 de Outubro: La Alberca (1)

1977 - De 4 a 10 de Junho: Bruxelas (3); Bruges (1); Londres (3)

1981 - 9 de Setembro: Ciudadella (1)

1982 - 9 de Abril: Verin (1)

1983 - 6 de Setembro: Puebla de Sanabria (1)

1984

De 28 a 29 de Janeiro: Yuste (1); Madrid (1)

De 4 a 18 de Março: Montreal (1); Acapulco (1); Oaxaca (2); Chichen Itza (1); Uxmal (1); Mérida (1); Cidade do México (6); Teotihuacan (1); A voar do México para Portugal (1).

1987

De 4 a 18 de Junho: Paris (2); a voar sobre Samarcanda (1); Macau (6); Cantão (1); Hong-Kong (2); Goa (3); Bombaim (1).

3 de Setembro: Verin (1)

1988 - 13 de Setembro: Verin (1)

1989 - 7 de Setembro: Verin (1)

Comentários sobre esta listagem de viagens ao estrangeiro

- Na década de quarenta Torga não sai do país. A razão não se prende com falta de vontade ou de disponibilidade financeira, mas porque não conseguiu autorização para obtenção de passaporte. Não esqueçamos que de finais de 1939 a inícios de Fevereiro de 1940 o escritor foi preso político.

- Há países com imenso património que Torga nunca visitou. Sem sairmos da Europa apontemos os que nos parecem mais significativos: Áustria, Ex-União Soviética, Ex-Jugoslávia, República Checa e Polónia.

- Há países que visitou durante muito pouco tempo: Inglaterra, Holanda, Grécia, Cabo Verde e China.

- O seu enorme conhecimento das culturas de países que não visitou, ou nos quais esteve pouco tempo, era consequência de ser um amante da leitura, de museus, de cinema e, muito provavelmente, de frequentar assiduamente tertúlias ao longo de décadas. De aqui o seu sábio conselho: «Quem não puder percorrer miudamente uma pátria e auscultar-lhe as íntimas pulsações do coração, tem sempre o recurso de ler os seus poetas, ver as telas dos seus mestres ou admirar os mármore dos seus escultores.» (Torga, 1999: 1505).

Como já vimos, Torga começou por viajar na freguesia de S. Martinho de Anta e nas limítrofes, conheceu depois, pelas enormes dificuldades financeiras da família, o Porto (onde foi criado), Lamego (onde foi seminarista) e o Brasil (onde foi emigrante), e em adulto viajou incansavelmente em Portugal (essencialmente no Continente, pois do Portugal insular só conheceu a Madeira, S. Miguel, Terceira e Faial), visitou um razoável número de países europeus (Espanha, França, Suíça, Itália, Bélgica, Alemanha, Inglaterra, Grécia e Turquia), e, fora da Europa, visitou sete/oito países (esteve no aeroporto de Montreal, onde escreveu uma interessante nota no *Diário* a 4 de Março de 1984): Argélia; Angola e Moçambique (na ocasião, colónias portuguesas); Brasil e México; Índia e China (Macau e Hong Kong).

A importância das viagens para Torga

A sua maior preocupação, durante as viagens era encontrar a alma da humanidade. E para isto considerava fundamental compreender cada um dos homens com que contactava. Cada ser humano possui uma riqueza épica: «Dava um romance!... – dizemos todos da grandeza ou pequenez do nosso enredo pessoal. / Não dava: deu! (...) cada existência é uma *Guerra e Paz* sem tipografia.» (Torga, 1999: 801-2). E para conhecer uma pessoa é necessário visitar o seu berço: «Quanto mais ando e desando, mais me convenço de que não se pode entender um Homem sem lhe conhecer o berço.» (Torga, 1999: 1178). Fez esta afirmação em S. Miguel, pensando em açorianos seus companheiros de emigração, condiscípulos e amigos (e, muito provavelmente, em Antero).

Para encontrar o homem é preciso viajar por todos os lados, mesmo naqueles onde o homem não está: «Nautas, aeronautas, astronautas, cosmonautas... A coisa vai. Estamos aqui, estamos a encontrar o homem.», escreveu em Abril de 1961 quando o cosmonauta Yuri Gagarin realizou a primeira viagem espacial. (Torga, 1999: 976)

Sete anos e meio depois da viagem de Gagarin escreveu (em 27-12-1968), aquando da viagem da Apollo 8: «Acabou a clausura. O universal humano, agora, já não é mais do tamanho da Terra. O homem tem pela primeira vez a grandeza do universo cósmico.» (Torga, 1999: 1151)

As viagens espaciais constituíram, de facto, um dos acontecimentos do século XX que mais impressionaram Miguel Torga.

Podemos também afirmar, reforçando e aprofundando a ideia anterior (encontrar a alma da humanidade), que a maior preocupação de Torga, quando viajava, era ver «a alma das coisas.»: «Vi as coisas. O que não sei é se teria visto a alma das coisas.» (Torga, 1999: 1066), constitui uma das mais curtas notas de um total de 3816 do *Diário*. Contudo é uma das mais esclarecedoras da postura de Torga perante a cultura e é também, muito provavelmente, a mais forte numa perspectiva de turismo cultural. Ele não duvidava que as viagens podiam dar-lhe um contributo precioso para ver cada vez mais a essência do mundo.

A propósito das suas viagens em Portugal, o escritor dizia:

- «Não é por nacionalismo, que seria tolice. É por funda necessidade cultural que eu peregrino esta pátria. A realidade telúrica dum país, descoberta pelos métodos dum almocreve, é muito mais instrutiva do que trinta calhamaços de história, botânica ou economia.» (Torga, 1999: 503)

-«Portugal. Foi a procurar entendê-lo que compreendi alguma coisa de mim. As pátrias são espelhos gigantescos onde se reflecte a pequenez dos filhos. À nossa medida herdamos-lhes a dimensão. E a singularidade. Todos os Alcáceres Quibir e todas as Aljubarrotas estão em mim.» (Torga, 1999: 1631).

A «medida» de Torga era imensa e, por conseguinte, ele herdou a dimensão e a singularidade, de Portugal.

A sua segunda maior preocupação seria, mesmo quando viajava no estrangeiro, conhecer o seu país e conhecer-se a si próprio.

Quando saía de Portugal o nómada Torga levava sempre consigo o país «às costas.» (Torga, 1999: 1344).

Esta preocupação era particularmente forte quando viajava em Espanha, junto à fronteira. Isto acontece com muita frequência no período pós 25 de Abril. Tenha-se em consideração as notas de 23-9-1971; 4-9-1974; 9-4-1982 e, principalmente, a de 13-9-1988:

Verin, 13 de Setembro de 1988 - A Espanha sempre amada e sempre temida. Aqui ando, mais uma vez, maravilhado e aterrado, a vê-la progredir, progredir, e aproximar-se ameaçadora da fronteira. O meu iberismo é um sonho platónico de harmonia peninsular de nações. (...) Mas é também uma paixão escabreada, que arrefece mal se desenha no horizonte qualquer sinal de hegemonia política, económica ou cultural. (Torga, 1999: 1637)

Outra vantagem das viagens reside no facto de os turistas poderem conhecer melhor qual é o seu espaço ideal:

Feliz ou infelizmente, conheço os meus limites, que este passeio pela Europa ajudou curiosamente a precisar. Seria capaz de viver longe da pátria na situação de emigrante que ganha o seu pão. Já o fui, de resto. Mas nunca poderia viver fora dela como escritor. Faltava-me o dicionário da terra, a gramática da paisagem, o Espírito Santo do povo. Além de que é preciso pagar a liberdade. E a minha está lá. (Torga, 1974a: 136-7)

Mas as viagens são também importantíssimas para Torga a **nível emocional e espiritual**. Podemos dizer que as viagens eram para o escritor uma forma de encontrar a Liberdade e a Beleza: «preso dentro da pátria, palmilho como um leão os poucos metros da jaula. O que procuro, nem eu sei, verdadeiramente. Talvez a liberdade.» (Torga, 1999: 506).

Relacionada directa ou indirectamente com a liberdade temos a procura da solidão e do sonho. O seu encontro com a ilha de Maiorca em Setembro de 1950 (ver notas do

Diário dos dias 3 e 5) e as suas sempre tão desejadas e frequentes subidas aos montes e idas à caça são disso prova.

A importância da beleza como motivação das suas viagens é outra das suas constantes preocupações e apetências: «Faminto de verdadeira beleza (...) lá vou mais uma vez pelo mundo além» (Torga, 1999: 708). E o belo encontra-o Torga na pintura, na estatuária, na arquitectura, nas cidades, vilas, aldeias, no artesanato e no património natural: montanhas, planícies, árvores, flores, rios e mares.

A «aventura física» do movimento pode ser suficiente para justificar uma viagem, principalmente, como era o caso de Miguel Torga, para quem tem fortes características epicuristas: «Andar, correr, viajar sempre. Mesmo para não encontrar coisa nenhuma, não ter uma sugestão, sequer. Mudar apenas de sítio, como um arbusto que em cada transplantação tem pelo menos uma aventura física.» (Torga, 1999: 616); ou «Sou, na verdade, um geófago insaciável, necessitado diariamente de alguns quilómetros de nutrição (...). É fisiológico, isto. (...) Empanturro-me de horizontes e de montanhas, e quase que me sinto depois uma província suplementar de Portugal.» (Torga, 1999: 890).

Em 15-2-1984, Torga deixa-nos no *Diário* uma afirmação que nos abre portas para novas práticas turísticas e para o aperfeiçoamento de várias já existentes:

Falei-lhe dos sentidos, da importância que tiveram na minha vida. Como sempre vi, ouvi, tacteei, gostei, cheirei, com a acuidade de um bicho e o deleite de um epicurista. Como só desejei atingir, nas horas de exaltação e abstracção no mundo interior, essa plenitude a que me acostumei diariamente no mundo exterior. (Torga, 1999: 1498).

Pensamos que até ao momento o Turismo, no que se refere aos sentidos, pouco mais tem feito do que explorar dois: a visão e o paladar, e mesmo estes de uma forma incompleta e, não raras vezes, com falta de qualidade. Quanto à visão, podemos chamar a atenção para a necessidade de se aconselhar as melhores horas para visitas panorâmicas, tendo em consideração as horas do nascer e do pôr do sol ao longo do ano e a localização dos locais a visitar. O autor de *Odes* não amaria certamente tanto a natureza se não tivesse estado tantas vezes em contacto com as montanhas e vales (pensamos nos dias de caça) durante o nascer d'«o rosto de Apolo iluminado» (Torga, 1977: 33) . Nós nunca vimos um turista, ao amanhecer, desfrutar, fora das muralhas do

castelo de Sortelha, do deslumbramento que é o nascer do sol naquele espaço; e, muito mais grave ainda, nunca vimos brochuras ou vídeos sobre Sortelha ilustrando esse momento mágico.

A questão da visualização do património põe-se também, de uma forma muito aguda, nas visitas de grupos a monumentos e museus. Muitos grupos têm um excesso de elementos o que não permite apreciar devidamente objectos de pequena dimensão, ou entrarem todos numa pequena sala.

«Comer é um acto de cultura.» (Torga, 1999: 1587) escreveu o diarista depois de um jantar, em Macau, com o «ritual devido». Se é verdade que Portugal pode orgulhar-se de ter contribuído, e continuar a contribuir, para essa realidade cultural, temos que reconhecer que na esmagadora maioria dos nossos restaurantes, e pensamos essencialmente na capital, a confecção gastronómica não tem um bom nível.

A audição poderia ser uma fonte inesgotável de prazer e de cultura se fossem organizados C.D.s com brochuras onde constassem todos os poemas em português e traduzidos para duas ou três línguas. Já algumas editoras discográficas têm esta boa prática, mas era necessário que todas a praticassem. Estaríamos, dessa forma, a dar também um importante contributo para o ensino da língua e da literatura portuguesas. Seria também da maior importância que os currículos dos cursos de turismo contemplassem a música.

O tacto e o olfacto ainda são menos explorados do que os outros sentidos. Um maior contacto com a natureza e com a confecção de artesanato poderia diversificar as práticas turísticas e aumentar a permanência média.

A importância das viagens para Torga a outros níveis

As viagens servem também para expandirmos a apetência, que há em cada um de nós, de «fraternidade humana», participando «na feira do mundo». Como consequência e como remate de tudo o que levava Torga a valorizar tanto as viagens, temos a satisfação que elas podem dar à apetência de cada pessoa à «fraternidade humana». (Torga, 1999: 1163). Esta forte e tão positiva crença do autor já o tinha levado a afirmar: «A

atravessar fronteiras, de nações ou de freguesias, pude adivinhar uma fraternidade futura» (Torga, 1999: 1071).

Assim como Torga dizia em relação à beleza - «A nossa intuição profunda de beleza total diz-nos sempre, à última hora, que falta ainda um bocado de terra por conhecer.» (Torga, 1999: 538) - muito provavelmente ele sentia que possuímos uma profunda intuição de amor total que nos diz que faltam mais pessoas e mais culturas para conhecer, e, à medida que vamos reduzindo essas faltas ficamos cada vez mais próximos desse ser, sempre mais complexo e talvez potencialmente perfeito, que é o Homem. Não esqueçamos que ele afirmava que há, em cada um de nós, um D. Quixote «dentro da alma». (Torga, 1999: 93)

O autor de *Portugal*, em cada viagem que realizava, levava consigo uma vastíssima cultura geral e a preparação específica para cada visita. Vejamos um exemplo que o próprio escritor nos conta: «Antes de ir ver a Grécia ao natural, ando a estudá-la. Calhamaços de exegese à volta duma coluna dórica.» (Torga, 1999: 707). De facto o artista Torga tinha uma paixão por colunas. Vejam-se, no *Diário*, os poemas «Canção Helénica» (20-9-1950) e «Coluna» (9-12-1966).

No caso concreto de viagens em Portugal, impõe-se lembramo-nos de uma obra que surgiu há noventa anos e que continua a ser de uma enorme utilidade para o Turismo Cultural: o *Guia de Portugal* de Raul Proença (direcção).

O *Guia de Portugal*, que começa a ser publicado a partir de 1924, é dirigido por Raul Proença e tem a colaboração de várias das maiores figuras da cultura portuguesa da primeira metade do século passado: Teixeira de Pascoaes, Raul Brandão, Jaime Cortesão, Aquilino Ribeiro e António Sérgio.

João B. Serra, que estudou detalhadamente o *Guia de Portugal*, constatou que Proença se apoiou também numa «verdadeira rede de historiadores, arqueólogos e etnógrafos locais». (Serra, 2011: 125)

Torga conhecia bem esta obra (faz parte do acervo da sua biblioteca), admirava muitos dos seus colaboradores, como veremos no capítulo sobre literatura portuguesa, e certamente considerava muito pertinente a dedicatória de Raul Proença: «A todos os que não desejam fazer perpetuamente justa a frase de Montesquieu, ao dizer dos portugueses que tinham descoberto o mundo, mas desconhecem a terra em que nasceram...»

O autor de *Portugal* também conhecia bem a obra de dois outros grandes vultos da literatura de viagens (ou afim), anteriores ao grupo de Proença. Pensamos em Ramalho Ortigão e em Fialho de Almeida.

Ainda no caso da literatura de viagens em Portugal seria interessante podermos apurar se Torga utilizava a revista *Panorama – Revista de Arte e Turismo*. Esta revista não consta no espólio da biblioteca do viajante Torga, mas existe na biblioteca municipal de Coimbra. Talvez o escritor a consultasse lá. Se o *Guia de Portugal* teve a colaboração de várias das principais personalidades da cultura portuguesa da primeira metade do século, *Panorama* contou com a colaboração de destacados intelectuais e artistas de meados do século: Vitorino Nemésio, Manuel da Fonseca, Ruy Cinatti, Orlando Ribeiro, Luís Chaves, João Villaret, Reis Santos, Mário Chicó, Vergílio Correia, João Couto, Raul Lino, Bernardo Marques, Diogo de Macedo, Dórdio Gomes, etc.

Carlos Queiroz, nascido no mesmo ano de Torga (1907), foi, até à sua morte (1949), o director da revista, escrevendo inúmeros artigos.

Entre Torga e Queiroz há várias importantes afinidades, no que respeita a perspectiva sobre turismo. Diz-nos Queiroz:

- «o turismo, tal como devemos concebê-lo é, antes de mais nada, *a arte de animar em nós próprios o orgulho de sermos nacionais*. E só depois poderá ser – simultânea ou imediatamente – *a arte de atrair estrangeiros*.» (in *Panorama*, 1941, nº1: 1)

- «Não há melhor *cicerone* que um poeta. Só ele sabe mostrar o que mais significa, o que mais importa... Disse Queiroz depois de uma visita ao Marão, guiada por Teixeira de Pácoas.» (in *Panorama*, 1941, nºs 5 e 6: 30)

- «(...) leve consigo, bem acordados, todos os sentidos. É mais importante do que levar farnel, binóculo, guia turístico e máquina fotográfica. Veja com olhos de ver, ouça com os ouvidos atentos, cheire com as narinas dilatadas; absorva, saboreie, acaricie...» (in *Paisagem e monumentos de Portugal*, 1940: 23)

- Ver só com os olhos
É fácil e vão.
Por dentro das coisas
É que as coisas são. (Queiroz, 1948: 25)

Esta quadra faz-nos pensar, de imediato, na afirmação torguiana já referida neste trabalho: «Vi as coisas. O que não sei é se teria visto a alma das coisas.» (Torga, 1999: 1066)

- «O turismo é um monstro. Um monstro necessário, mas um monstro.

(...)

Por isto: porque ameaça destruir a coisa mais bela, mais séria, mais poética do mundo: a naturalidade dos povos. Não por maldade, mas por inconsciência, por fatalidade.» (*Panorama*, 1942 nº 10, artigo «A faina da pesca – Espectáculo sagrado»).

Voltemos a Torga. A preparação de uma viagem deve ser feita com a preocupação de seleccionar «o mais paradigmático». Até aqui não há nada de novo quanto a uma sensata preparação das viagens. O enorme desafio e constatação de Torga surge com a seguinte afirmação:

Disse-lhe que sim, que continuasse a inventariar exaustivamente, como eu próprio fazia, a realidade geográfica, humana, cultural e social a que tivesse acesso no mundo, mesmo a saber que nunca chegaria ao fim. Mas que, entretanto, procurasse conhecer o mais paradigmático, e tirasse desse conhecimento as ilações devidas. Quem vê Versailles, vê a França. Quem vê o Escorial, vê a Espanha. Quem vê os Jerónimos, vê Portugal. Num pórtico, num quadro, num poema, espelha-se sempre um país inteiro. Depois, são mais pórticos, mais quadros, mais poemas. O génio de um povo está patente na primeira aldeia fronteiriça. (Torga, 1999: 1423)

O texto que acabámos de transcrever consegue ser, em nossa opinião, um dos mais interessantes e, ao mesmo tempo, um dos mais frágeis textos torguianos na área do turismo cultural. Um dos mais interessantes porque revela:

- enorme gosto por viajar;
- plena consciência de que muito tem que ficar por ver, mesmo que se viva muito e se tenha a possibilidade de viajar com grande frequência;
- que um só monumento importante, um só quadro de um grande pintor, um só poema de um genuíno poeta e uma só aldeia revelam muito do que é um país.

Mas é frágil porque:

- nenhum monumento, nenhum quadro, nenhum poeta e nenhuma aldeia podem, só por si, espelhar «um país inteiro»;

- os Jerónimos não são o monumento mais representativo da realidade portuguesa. Há dois monumentos que ultrapassam os Jerónimos quanto ao que nos contam da história pátria e que não têm menos qualidade artística: o Convento de Cristo em Tomar e o Mosteiro de Santa Maria da Vitória (Batalha).

Companhia

Sempre que possível procurava escolher os companheiros das viagens. Com base em informações do próprio, em *A Criação do Mundo* e de sua filha em *Miguel Torga – Fotobiografia*, é possível identificar alguns dos seus companheiros de viagem:

– **Em Portugal:** no período de Leira, o «Tomé» (gerente bancário) e o «Dr. Olívio (advogado)»; a partir de Coimbra viaja com António Arnaut ou com o padre Valentim (director da editora Gráfica de Coimbra, caçador e aquista); em S. Martinho de Anta com o padre Avelino (exímio caçador). Sabemos que Jorge Dias também foi companheiro de viagens de Torga, mas não sabemos se frequente ou esporadicamente; e, obviamente, Andréa, sua mulher.

No estrangeiro – na primeira viagem (em 1937-8), Torga vai na companhia de dois comerciantes, (o Lopes e o Castro, são estes os apelidos que Torga lhes dá n´*A Criação do Mundo*), figuras que enegreciam «os panoramas», diminuía «os monumentos» (Torga, 1981: 70) e simpatizantes ou, pelo menos, profundamente tolerantes em relação à Espanha franquista.

Já na viagem a Espanha, França, Itália e Suíça, em 1950, com «Sebastião Rodrigues» «Amante como eu de ver mundo» e Andréa, sua mulher, ia «acolitado por outras sensibilidades e culturas» e «cada passo que dava era uma descoberta, um encontro ou um aprofundamento.» (Torga, 1981: 70)

Na viagem de 1953 à Grécia e Turquia foi na companhia de Fernando Valle, médico, opositor ao regime salazarista, caçador e, obviamente, grande amigo de Torga.

Nas viagens a África (Angola e Moçambique) em 1973 e ao México, em 1984, foi na companhia do Padre Valentim.

Para as restantes viagens não há informação disponível que permita identificar os companheiros de viagem.

A Postura

O «nómada açaimado» (Torga, 1999: 802) mais do que viajar por recreio viajava para se emocionar, ilustrar, confirmar, inspirar-se e concluir para que pudesse «actualizar a vida» (Torga, 1999: 757). Repare-se que o poeta não diz actualizar os conhecimentos. Diz algo de muito mais profundo: «actualizar a vida». Compreende-se, assim, que estivesse predisposto a «conhecer por dentro, sem preconceitos.» (Torga, 1999: 503); «espreitar a verdade de todos os ângulos.» (Torga, 1999: 802); deixar «pedaços» dele próprio nas viagens [«Olho com tal veemência os panoramas novos, procuro com tal força entendê-los e amá-los que acabo por ficar neles numa espécie de desencarnação.» (Torga, 1999: 770)]; que se sentisse sempre «pela primeira vez em todos os lugares.» (Torga, 1999: 1636); que «mesmo a cair aos bocados, trôpego e ofegante, [fosse] o mesmo sonhador de sempre, pasmado e maravilhado diante de cada manifestação do constante milagre da vida.» (Torga, 1999: 1747); «não ver pelos olhos» (Torga, 1999: 1131) de outros escritores. (Afirmção escrita em Leiria, preocupado pelo facto de que não conseguia deixar de ler «em cada rua uma página de *O Crime do Padre Amaro*).

Em Roma, em 13 de Setembro de 1950, depois de lá ter estado em 1938, Torga escreve uma nota incontornável, no que respeita a importância da repetição das visitas e à sua sensibilidade à arte, neste caso a pintura e a escultura: «Apagar o deslumbramento espantado do primeiro encontro, e admirar calma e demoradamente cada criação, cada solução, cada imponderável toque do pincel ou do escopro. Ver, rever, analisar, assimilar e regressar mais consciente e mais humilde.» (Torga, 1999: 543)

Conclusão da viagem

A parte final da viagem e os dias que se lhe seguem constituem os mais complexos, os mais difíceis e os mais ricos momentos da viagem. É necessário «Arrumar na tulha do espírito o grão estreme da colheita.» (Torga, 1999: 720). Esta arrumação de «paisagens sociais, de emoções tumultuosas» (Torga, 1999: 720), de interpretações e reinterpretções exige um grande esforço de memória, de imaginação, de reflexão e de

escrita. E exige, também, uma enorme capacidade de «humildade»: «em face de alguns exemplos cruciantes, ficara a saber que é lento e penoso o caminho da arte, e que nele só o esforço aturado conta verdadeiramente. O triunfo viria depois, se viesse». (Torga, 1994a: 15) A conclusão exigia ainda a Torga que olhasse para o mundo visitado a partir das «fragas nativas»:

Ando de fronteira em fronteira a ver coisas. Mas sei de ciência certa que só quando voltar é que lhes vou descobrir a verdadeira significação. Chega a ser engraçado: o universal, que num país estrangeiro sinto infinitamente longe de mim, das fragas nativas parece-me ao alcance da mão ... (Torga, 1971: 136).

Pensamos que neste momento estamos no ponto crucial do pensamento torguiano sobre o binómio património cultural universal e o contributo da sua obra para a compreensão desse património. Repetimos o último período da última citação: «Chega a ser engraçado: o universal, que num país estrangeiro sinto infinitamente longe de mim, das fragas nativas parece-me ao alcance da mão ...» Vem-nos de imediato ao pensamento a sua máxima - «O universal é o local sem paredes.»

Deste modo, os contos de Torga escritos nas «fragas nativas»; passagens d' *A Criação do Mundo* e notas do *Diário* escritas no «Reino Maravilhoso»; a peça de teatro *Terra Firme*; vários poemas profundamente influenciados pelas vivências do autor em S. Martinho e dispersos por vários livros de poesia; e, finalmente, toda a sua obra escrita em Portugal (a expressão «fragas nativas» pode ser interpretada como uma metáfora de Portugal) ajudam enormemente a sentirmo-nos confortáveis em qualquer espaço cultural universal. E repare-se que «a fonte» que a humanidade mais anseia encontrar - a beleza, a verdade e a paz/esperança - encontra-a Torga, depois de incansavelmente «meter a joieira na meda», em dois espaços aparentemente tão diferentes - Atenas e S. Martinho de Anta(s):

- Em Atenas escreveu a 15 de Março de 1953: «E nada, ninguém, nem o tempo, nem a força, poderão despojar-me agora desse instante, que foi o encontro da beleza, da verdade e da paz.»;

- E em S. Martinho, a 12 de Agosto de 1968 (dia do seu aniversário) escreveu: «Em nenhum livro encontrara lição igual à que soletrara na dureza destas fragas, onde a verdade, a beleza e a esperança pareciam ter as raízes.»

Um dos poderes dos textos literários utilizados num contexto de viagem consiste em provocar dúvidas nos seus leitores sobre a importância de viajar. Depois de lermos o que Torga nos diz das suas viagens não temos quaisquer dúvidas de que queremos viajar. Mas depois de lermos outro mágico da palavra (o seu amigo Branquinho da Fonseca), essa certeza corre o risco de perder força e ... interrogamo-nos. Diz-nos o «inspector das escolas de instrução primárias» (Fonseca, s/d: 13), da novela *O Barão*:

Posso fazer algumas economias e, durante o mês de licença que o Ministério me dá todos os anos, poderia ir ao estrangeiro. Mas não vou. Não posso. Durante esse mês quero estar quieto, parado, preciso de estar o mais parado possível. Acordar todas essas trinta manhãs no meu quarto! Ver durante trinta dias seguidos a mesma rua! Ir ao mesmo café, encontrar as mesmas pessoas!... Se soubessem como é bom! Como dá uma calma interior e como as ideias adquirem continuidade e nitidez! Para pensar bem é preciso estar quieto. (Fonseca, s/d: 14)

Mas depois de uma segunda leitura é possível conciliar parcialmente as duas posições: ao fim e ao cabo, ir de casa ao café pela «mesma rua», conversar sem pressa, «encontrar as mesmas pessoas», e voltar a casa à procura da «continuidade e nitidez» de ideias, também pode ser considerado Turismo Cultural. E podemos desculpar a aversão do «inspector das escolas primárias» às viagens que implicavam mudar constantemente de quarto de dormir, porque durante onze meses ele tinha a «obrigação de correr constantemente todo o país.» (Fonseca s/d: 13)

Meios de transporte

Miguel Torga, ao longo de cerca de 80 anos de peregrinações, utilizou todos os meios de deslocação. A marcha foi, contudo, o meio privilegiado. São inúmeros os itinerários pedestres torguianos que se podem realizar não só no campo (cuja discriminação seria quase interminável), mas também nas cidades. As caminhadas a pé no campo realizava-as quando caçava (e Torga foi assíduo caçador durante muitas décadas), mas também quando queria conhecer a *terra e o homem* (como diria Jaime Cortesão). Em cada local que visitava, começava pelo ritual «de beber o vinho e provar o pão» (Torga, 1999: 171). Esta prática constituía a sua primeira grande imersão na região a explorar. Depois, a conversa com as pessoas que encontrava e os olhos e os pés revelavam-lhe a

intimidade das coisas. Concretamente em relação aos olhos e aos pés dizia: «Pareço um doido a correr esta pátria. (...) não tenho sossego. (...) cultivo-me assim pelos olhos e pelos pés, no alfabetismo íntimo das cousas, expressivas na sua luz, no seu clima e no seu paralelo particular. A terra não é igual em lado nenhum.» (Torga, 1999: 303) e «Devo muito aos pés e aos olhos. Sem a ajuda deles nem a alma estaria tão cheia, nem teriam surgido os livros onde tento esvaziá-la.» (Torga, 1999: 1070-1).

Nas cidades, a marcha permitia-lhe viver «repousadamente a intimidade» de cada burgo. Veja-se o que nos diz sobre as suas caminhadas em S. Paulo (11-8-1954), Évora (2-11-1974) e Elvas (10-10-1976).

O gosto do autor de *Mar* pelas actividades piscatórias e pelo convívio com pescadores (o que é evidente na Nazaré e em Mira) explica que tenha colocado os homens do mar no mesmo patamar dos da montanha e afirmado que «O Portugal eterno (...) é o Portugal do arado e do remo.» (Torga, 1999: 1640).

Mas as suas saídas ao mar não se limitaram a viagens na costa, em barcos de pesca. O escritor realizou também diversas viagens em navios: no Mediterrâneo (Baleares, Sicília, Grécia, Turquia e Argélia) e no Atlântico (Madeira, Açores e Brasil). A sua preferência pelo Atlântico era óbvia: numa carta escrita ao brasileiro Ribeiro Couto e publicada em *Traço de União*, diz em relação ao Mediterrâneo: «Que lago de água choca! Que xarope! Não fui capaz de arrancar um verso de jeito naquele cochim de odaliscas.» (Torga 1969: 148)

Mas, se o mar Mediterrâneo não cativou Torga, as terras por ele banhadas eram algo de muito próximo do Olimpo. É o caso de Maiorca e da Grécia.

Em Maiorca propõe-nos uma das mais felizes fusões da música e da natureza que conhecemos: «Quando na luz hipnótica da madrugada estes salvados do mundo surgiram da plúmbea espessura do mar, toda a minha inquietação se sentiu mais leve e confiada. O *Komm, susser Tod...*, de Bach, passava dos meus ouvidos para os meus olhos.» (Torga, 1999: 538)³

As longas viagens de navio permitiam-lhe não só reflectir sobre o mar, mas também sobre a História. Um dos seus mais marcantes comentários sobre os descobrimentos

³ Pensamos ser correcto afirmar que Torga teve esta vivência ao deslocar-se de barco de Barcelona para Maiorca, pois a nota em causa é de 3-9-1950 e a anterior foi escrita na véspera (2-9-1950), em Barcelona.

portugueses surge durante uma viagem de Portugal para o Brasil em 1954 e ficou registado na carta já referida a Ribeiro Couto: «Por uma questão de pudor, passo em claro as meditações que fiz, abismado naquela lezíria líquida e traiçoeira onde toureámos a história.» (Torga, 1969:149)

De comboio:

Na sua obra, o autor de *Odes* dá-nos algumas indicações que nos permitem afirmar que utilizava com alguma frequência o comboio. Várias das suas passagens pelo Porto tinham a ver com deslocações por via férrea de Coimbra a S. Martinho. E as semanais deslocações entre Vila Nova de Miranda do Corvo e Coimbra, durante cerca de dois anos e meio, eram sempre feitas de comboio: «Acabado o poema, em vez de o meter na gaveta, à espera que amadurecesse, corria a Coimbra a mostrá-lo. O chouto do comboio, que dantes, de embalador, condicionara até o ritmo de alguns versos, impacientava-me.» / (Torga, 1970: 174). Este texto ajuda-nos a compreender o poema tão genuinamente torguiano «À Poesia»: «Vou de comboio.../ (...) Tu ranges nestes ferros e palpitas/ Dentro de mim, Poesia!/ (...) Sei que sou todo vosso,/ Ritmos, imagens, emoções!» (Torga, 1977a: 9, 14)

De avião

«A minha natureza é terráquea e radiculada.» (Torga, 1999: 1213), escreveu Torga, aos sessenta e quatro anos, quando pela primeira vez andou de avião (entre o Porto e Lisboa). Três meses depois faz nova viagem de avião (Lisboa-Faro) e literariamente aproveita-a para se comparar com os «seus companheiros de gaiola»: «Ponho-me então a comparar melancolicamente a minha inquietação de bicho nómada, encerrado num tubo de alumínio, com a conformidade sedentária dos meus companheiros de gaiola.» (Torga, 1999: 1218).

(Pensamos que é oportuno registarmos neste momento a constatação de que Miguel Torga se considerava quase sempre diferente dos outros seres humanos. De facto, frequentemente assim era, mas frequentemente é menos do que quase sempre. Torga tinha uma auto-estima tão elevada que, não raras vezes, chegava ao narcisismo.)

Na viagem que faz em 1973 a Angola e Moçambique, reconhece uma virtude à aviação: «Tenho de me render à evidência: o homem que voa dimensiona o mundo de outra maneira. Que perspectiva poderia eu levar da imensidão africana, a calcorreá-la a passo de caranguejo?» (Torga, 1999: 1254). Mas onze anos mais tarde, quando regressava do México para Portugal, volta a anatematizar os transportes aéreos: «Não gosto de viajar de avião. Já o disse e volto a repeti-lo. (...) Por baixo do mar de nuvens que, descorçoado, espreito pela janela, vão ficando perdidas imensidões e nações, cidades, aldeias e paisagens que gostaria de ver e conhecer.» (Torga, 1999: 1505-6).

Analisando tudo o que o poeta-nómada nos diz sobre os meios que utilizou para se deslocar, temos que concluir que todos eles foram importantes para o escritor conhecer o mundo e para a sua produção literária. Contudo, andar a pé foi o meio que mais utilizou e o que mais frutos literários deu.

1.3. TORGA E O PATRIMÓNIO NATURAL

A importância do Património Natural para Miguel Torga deve ser analisada em cruzamento com a ruralidade do autor. É muito diferente a ligação que um cidadão tem com o Património Natural (veja-se o caso de Eça de Queirós) e as de um homem que, como Torga, nasce numa aldeia para lá do Marão e que nunca cortou as raízes que o prendiam às «fragas nativas».

Apesar de Torga ter vivido 70% da sua existência na cidade (essencialmente em Coimbra), a Serra, o Mar, os Rios, as Planícies, as Árvores, as Flores, os Cereais e a Caça atraíam-no permanentemente. Aliás, na sua casa de Coimbra (acabada de construir em 1953), Torga tinha um quintal onde regularmente cavava a horta, podava as árvores e tratava das flores.

A forma como o autor de *Odes* se relacionava com os diversos elementos da natureza será referida e comentada em diversos pontos deste trabalho, muito em especial no capítulo sobre S. Martinho. É, contudo, importante ficar já aqui anotado um retrato que o escritor faz de si próprio, em função do ambiente natural que o viu nascer e com o qual sempre teve uma comunhão que, com o passar dos anos, só se transformou no sentido de ser cada vez mais forte e mais lúcida.

Numa das mais extensas notas do *Diário*, escrita em 21-3-1943, o prosador defende uma ciência («geografia psicológica») segundo a qual: «O indivíduo – o enraizado, claro está – exprime, quer queira ou não queira, a própria alma do chão que o viu nascer.» (Torga, 1999: 227)

Na mesma nota do *Diário*, o autor repete esta teoria nos seguintes termos: «Se o meio penetra o homem, é depois o homem que o incarna, o polariza, e testemunha o espírito e a essência do que nele é fundamental.» E, ainda na nota em causa, o escritor diz-nos que tinha um amigo que o convidou para passar uns dias na sua aldeia. Quando Torga chegou à terra do seu anfitrião, sentiu «diante dos montes e do rio que circundam a casa (...) que estava na presença de uma paisagem familiar.» E acrescenta: «Sem que ele me tivesse descrito a região, apenas pelos ensinamentos que me vinham dos seus gestos, das suas ideias, da sua ética, dos seus risos e dos seus silêncios, - se me aparecessem outras serras mais altas ou outras águas menos claras, é porque acontecera qualquer cataclismo.» (Torga, 1999: 227) Parece-nos fundamental este conjunto de citações porque nos permite afirmar que o autor de *Bichos* considerava que incarnava, polarizava e testemunhava o espírito e a essência do que é fundamental na sua região transmontana. Trás-os-Montes é uma imensa província, mas toda ela era considerada pelo autor de *Portugal* «Um Reino Maravilhoso». Quanto à região de S. Martinho de Anta, exhaustivamente descrita pelo escritor, estamos numa região de montes, fragas e rio (o rio Douro). Quanto às fragas e montanhas, o escritor diz-nos: «Conseguir na prosa a dignidade e a força descarnada destas fragas, e nos versos a pureza e a largueza dos horizontes que delas se descortinam, é o instintivo propósito da minha ambição de artista.» (Torga, 1999: 788).

Quanto ao rio escreveu: «Subo e desço incansavelmente as margens do Doiro, o meu rio – porque me orvalha o berço, porque reflecte a mais bela paisagem que conheço, porque é jovem, porque é uma realidade e um símbolo português, porque é peninsular...» (Torga, 1999: 1026).

Fernando Pessoa disse-nos, recorrendo à astrologia, que era um “supra-Camões”. O Orfeu Rebelde - poeta que tinha perfeita consciência das suas invulgares capacidades intelectuais, que se identificava totalmente com S. Martinho de Anta, Trás-os-Montes e com o rio Douro e que acreditava na «geografia psicológica» - terá, certamente, pensado muitas vezes que embora não sendo um supra-Camões, nem provavelmente um supra-

Pessoa, poderia realizar uma obra tão importante quanto a dos autores d'*Os Lusíadas* e de *Mensagem*.

1.4. TORGA E O PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO

O Património Construído empolgou Torga tanto quanto o Património Natural. A sua primeira reacção forte perante o Património Construído dá-se quando tinha dez anos e se pasmou com as «pedras lavradas» da Sé do Porto. (Torga, 1986a: 52). Temos, contudo, que esperar pelo início dos anos 40, para encontrarmos frequentes referências ao Património Construído. Mesmo a sua viagem pela Europa (Espanha, França, Itália, Suíça e Bélgica), em finais de 37 e princípios de 38, não motivou muitos registos quanto ao Património Construído. Podemos e devemos, abrir uma excepção para um dos mais representativos poemas de Torga, dedicado à estátua de Moisés por Miguel Ângelo (ver Torga, 1999: 61), e para uma pequena nota comparando o renascimento da Certosa de Pavia com o românico: «É uma obra maravilhosa, mas a pedir a Deus que ninguém lhe ponha ao pé, funda, íntima, hierática, uma linha românica.» (Torga, 1999: 59). A época em que Torga faz esta sua primeira viagem europeia talvez explique as suas poucas referências à arte. Estava-se em plena Guerra Civil de Espanha e Torga viveu visceralmente esse acontecimento. As muitas páginas do 4º. Dia *d' A Criação do Mundo* dedicadas a esta Guerra provam o que acabamos de afirmar.

Em inícios dos anos 40, quando o médico-escritor tinha consultório em Leiria, e quando António Ferro e o S.N.I. davam passos importantes para o desenvolvimento do turismo nacional, Miguel Torga começou a viajar sistematicamente pelo país e a preparar o livro que para ele viria a ser a sua obra preferida – *Portugal*. Em *Portugal*, *Diário* e *Criação do Mundo* encontramos sobre o Património Construído reflexões e descrições de enorme valor.

As aldeias e as cidades:

A ruralidade de Torga e o seu fácil relacionamento com o povo levavam-no a sentir-se particularmente bem nas aldeias. Algumas **aldeias** de Portugal eram, de facto, para o autor de *Contos da Montanha*, espaços de eleição, podemos mesmo afirmar – espaços sagrados. Todas elas se encontram no norte do país. S. Martinho de Anta(s) assume um

lugar privilegiado por ser a sua terra natal e a dos seus antepassados, mas no capítulo «Um Reino Maravilho» de *Portugal*, no texto da conferência «Trás-os-Montes no Brasil» (*Traço de União*) e em notas do *Diário*, apercebemo-nos da importância das aldeias para o conceito que Torga tinha da sua pátria e do rosto que pretendia que Portugal mantivesse.

As aldeias comunitárias Rio de Onor, Vilarinho da Furna e Castro Laboreiro (juntamente com S. Martinho) são, para o Orfeu Rebelde, os espaços sagrados que referíamos no parágrafo anterior.

Em Setembro de 1946, depois de ter percorrido, sobre um macho, durante sete horas, um caminho para chegar a Rio de Onor, disse-nos, no *Diário*:

A significação desta terra parece-me mais (...) para meditar do que do que para descrever. (...). Morar alguns dias dentro de uma aldeia que não intriga, que não rouba, que tem do vizinho um conceito fraterno, e que não se embebeda porque é sábado mas por uma razão sagrada de celebração equinocial, é ficar ligado a uma dívida que não se paga nos jornais mas sim na ara da consciência. (Torga, 1999: 366)

É aqui, em Rio de Onor, em 28-9-1946, que Torga tem um dos seus mais profundos encontros com a natureza. No poema «Regresso», que termina com um lamento por não se ter esquecido «De cantar esta emoção!» (Torga, 1999: 367), o autor de *Odes* explora, com alguns versos de rara intensidade, o valor poético dos cinco sentidos.

Em Vilarinho da Furna escreve, a 18 de Julho de 1976, o poema «Requiem». Esta aldeia, que uma barragem cobriu de um «silêncio represado», era um «mundo sagrado/ Onde a vida era um rito demorado/ E a morte um segundo nascimento.» (Torga, 1999: 1321)

Em Julho de 1976 escreveu em Castro Laboreiro: «Foi aqui, em Vilarinho da Furna e em Rio Onor que vi pela primeira vez ao natural criaturas de Deus na sua plenitude livre e solidária. (...). Tenho como verdade de fé que o homem há-de acabar por reagir contra a massificação planetária em que vai embarcado.» (Torga, 1999: 1320). E termina esta nota com a convicção de que «estes santuários serão redescobertos, reconstruídos e dignificados.»

As **cidades** podem revestir-se de enorme importância para Miguel Torga. Tudo depende da dimensão, da história e dos edifícios de cada cidade.

A fortíssima componente telúrica da obra do escritor da Montanha ofusca, frequentemente, a sua paixão pelo património construído, mas ela existe e atravessa toda a sua obra, como provam muitas páginas dos livros *Portugal*, *Criação do Mundo* e *Diário*. A leitura dessas páginas permite-nos afirmar que os Centros Históricos das Cidades são, para o autor de *Portugal*, espaços poéticos onde o poeta se purifica, cria poesia e encontra fortíssimas raízes da identidade nacional e da sua própria identidade.

Acontece, também, que o Torga urbano também é, diariamente, o Torga rural. Na sua casa de Coimbra, na rua Fernando Pessoa, tinha uma horta da qual se ocupava directamente; quando saía de casa para o consultório levava sempre consigo um ramo de açafraão para cheirar nos intervalos das consultas (Torga, 1999:1632); da janela do consultório observava frequentemente as águas «Serenas» do Mondego e «a verde perspectiva do horizonte rural, pasto bucólico da imaginação...» (Torga, 1981: 9); passeava diariamente depois do almoço, durante a semana, pelas margens do Mondego, no Parque Dr. Manuel Braga; e aos fins-de-semana, durante o período de caça, ia muitas vezes caçar, com o seu amigo e editor, padre Valentim, nos sapais do Mondego.

Quando em 1942 visitou o Algarve com o objectivo não só de o conhecer, mas também de escrever mais um capítulo do livro que sairia em 1950 (*Portugal*), regista no *Diário*:

Vila Real de Santo António, 15 de Fevereiro de 1942 – É impossível. Edificar uma cidade com carácter em cinco meses é o mesmo que fazer um ninho de andorinha num segundo. Para que uma terra tenha cunho e magia, unidade e variedade dentro do seu todo inteiro e marcado, é preciso que seja segregada pelos homens pedra a pedra, rua a rua, cornija a cornija, com a fé e a paciência com que se escreve um longo poema ou se constrói uma religião. (Torga, 1999: 157-8)

Para colocarmos nos Centros Históricos das Cidades Portuguesas o pensamento e as vivências torquianas temos que recorrer não só ao que Torga escreveu sobre eles, mas também a muitos outros textos do autor que indirectamente nos ajudam a realizar essa fascinante acção.

Miguel Torga tem um enorme fascínio pela Idade Média que construiu povoações repletas de «cunho e magia». Os castelos, as igrejas (principalmente as de estilo

românico), os pelourinhos, e os fóruns - símbolos de «vontade», «fé», «equidade» e de «concertação» - são, principalmente depois de 1974, sistematicamente inspeccionados por Torga, que encontrava nesses baluartes «linhas de resistência da nação» (Torga, 1999: 1567) ameaçada de morte por uma rápida e consciente perda da memória histórica.

Os Centros Históricos das Cidades Portuguesas possuem uma carga medieval muito forte. É, pois, Miguel Torga um guia privilegiado para nos ajudar a ver e a amar a «alma das coisas» que neles encontramos.

Importa apresentar aqui uma metodologia para uma explicação torguiana dos nossos Centros Históricos.

Impõe-se, em primeiro lugar, recordar que o neto de «almocreves e cavadores» sempre acreditou que a arte deve «ser o mais pura possível nos meios e o mais larga possível nos fins. Uma super-realidade da realidade, onde todos os homens se encontrem, quer sejam intelectuais quer não». (Torga, 1991: 13) Isto exige que uma explicação dos Centros Históricos, sem deixar de ser exigente quanto ao rigor, deve esforçar-se por ser simples e baseada na convicção de que eles (Centros Históricos) podem ser entendidos por um leque vastíssimo de pessoas, cultas e incultas.

Numa nota do *Diário*, comentando os painéis de Nuno Gonçalves, o escritor diz-nos que não só os «cultos» mas também os «incultos» ficam «fascinados diante» dos painéis.

Tendo em consideração que os portugueses do tempo de Nuno Gonçalves peregrinaram e, muitos, viveram em Centros Históricos das nossas cidades, propomos que se convide os visitantes dos referidos Centros a imaginarem os heróis torguianos que criaram a sociedade contemporânea de Nuno Gonçalves a trabalharem, purificarem-se, combaterem, discutirem, decidirem e sonharem nos castelos, igrejas, pelourinhos, fontanários e fóruns, espaços onde, segundo Torga, «o passado justifica o presente e incentiva o futuro.» (Torga, 1999: 1566). Os visitantes encontrar-se-iam aqui com o sonho, a coragem, o amor, a loucura, a liberdade e o espírito de descoberta que tão profundamente marcaram a vida de heróis identificados, como D. Dinis, Nuno Álvares Pereira, o Infante D. Pedro, o Infante D. Henrique e Diogo Cão; e heróis anónimos (do «arado e do remo»), que Torga não hesitava em colocar ao nível dos heróis com nome

registado. O retrato duma boa parte destes heróis pode ser conhecido, duma forma empolgante, nas obras de Oliveira Martins (tão apreciado por Torga): *Os Filhos de D. João I*, *Nun'Álvares* e *História de Portugal*.

Os Centros Históricos não se confinam à Idade Média, estão também a montante e a jusante dela. Torga sabia apreciar a História e a Arte de outras épocas. Em Évora inspira-se na arte romana para escrever um poema fortíssimo que nos leva às funduras da angústia e às planícies alentejanas semeadas de magníficos menires (ver Torga 1999: 1096).

Em Portalegre são épocas posteriores à Idade Média que o marcam, é a «ostentação» a «grandiloquência» e a «retórica» do «mausoléu monumental» de D. Jorge de Melo, a «toada barroca» de José Régio, os «palácios majestosos», os «brasões flamejantes», os «mármore coloridos» e os «ferros forjados». (ver Torga, 1999: 1324-5)

Os Centros Históricos, estando frequentemente situados em pontos elevados, proporcionam magníficas vistas panorâmicas e o contacto com uma luz que cativava profundamente o poeta epicurista. Numa visita a Bragança, o escritor privilegiou «a luz de palha madura em terra vermelha, com um céu muito alto e vazio» da cidade, em detrimento do domus municipalis, do castelo e do museu Abade de Baçal. (ver Torga, 1999: 394)

Uma outra forma de se utilizar Torga nos Centros Históricos consiste em, perante estátuas, dar-lhes vida, como o escritor sugere:

Mas que trágico destino ficar numa praça a apanhar vento e chuva até à consumação dos séculos! Era bom estar ali, era. Havia de ser, porém, acompanhado duma saudade verdadeira. Duma lembrança quente, perene, constante, que fosse como uma seiva a correr entre a vida e a morte. Mas qual o quê! Entre nós, uma estátua significa apenas o chumbo que se pôs no esquife. (Torga, 1999: 195)

E muitas das estátuas das nossas cidades representam personalidades sobre as quais Torga escreveu.

A toponímia das cidades europeias, que levou George Steiner a dizer que no continente europeu as cidades são «verdadeiras câmaras de ressonância de feitos históricos, intelectuais, artísticos e científicos.» (Steiner, 2006: 32-33), é, também, excelente, para servir de base para a elaboração de Itinerários Torguianos.

O Orfeu Rebelde também se avalia como poeta nas cidades: numa das suas mais belas páginas sobre património urbano e literário, escrita em Elvas, pergunta: «As pessoas, os monumentos e o ar que se respira cabem em qualquer das páginas que escrevi?» (Torga, 1999: 1325)

E, em 1948, não escondia que não podia viver fora das cidades, porque fora delas «não há papel, nem tinta, nem cinema, nem livrarias, nem cafés» (Torga, 1999: 422).

Pensamos ser correcto afirmar que as cidades que mais marcaram o escritor foram Coimbra, Évora, Elvas e Sevilha. Nenhuma delas é capital e nenhuma delas é uma grande cidade. Torga diria que em cidades como estas a criatura não domina o seu criador. (Ver Torga, 1999: 63).

A dimensão das três cidades portuguesas permitia a Torga deslocar-se, com enorme facilidade, a pé. Em Coimbra era muito frequente o escritor-médico deslocar-se de casa para o consultório a pé (demoraria cerca de 30/35 minutos). Estas caminhadas solitárias permitiam-lhe, certamente, uma respiração higiénica e voluptuosa e o encontro de poemas ou de palavras que se escondiam quando estava a concluir os seus textos.

Vejamos, por agora, o que nos diz sobre Évora, sobre Sevilha e sobre uma grande metrópole, Paris:

Évora: «nenhuma cidade nossa, salvo Évora, foi capaz de me dizer com pureza e beleza que eu sou latino, que eu sou árabe, que eu sou cristão, que eu sou peninsular, que eu sou português (...).» (Torga, 1999: 157). E noutra nota do *Diário*, o escritor expressa da seguinte forma a sua paixão por Évora:

Enquanto os companheiros ouviam missa, purifiquei-me eu a deambular mais uma vez pelas calçadas desta cidade bem amada. Respiro sempre nelas, consolado, o ar higiénico de uma autenticidade que nunca teve pejo de enfrentar o futuro alicerçada na tradição. (...). O beco acanhado e a rua ampla, a coluna coríntia e o capitel romântico, o portal gótico e o arco mourisco, a janela manuelina e a frontaria barroca vivem na melhor harmonia. O fantasma do passado é hoje em dia o grande pesadelo português. (Torga, 1999: 1288-9).

Tenha-se em consideração o tempo histórico em que esta nota foi escrita – Novembro de 1974; e sentimos a tentação de repetir o último período: «O fantasma do passado é hoje em dia o grande pesadelo português.»

Sevilha - «Aqui, Deus passeia pelas ruas, a volúpia vem do próprio ar que se respira, a beleza tropeça connosco a cada esquina. (...) Se houve um encontro feliz de raças e de civilizações foi na Andaluzia. (...). Gente que baila, que canta e que ama com a conviência do céu. Uma espécie de vida eterna em rodagem, num paraíso experimental.» (Torga, 1999: 595).

Não é só no campo que a respiração pode ser higiénica e voluptuosa. As cidades podem, também, contribuir para a purificação de quem nelas se encontra e para elas sabe olhar.

Paris - «Ponho-me a pensar nos cinco milhões de homens que formigam nestas ruas. A pensar que, embora todas estas avenidas, estas praças, estes monumentos sejam criações suas, o homem perdeu aqui, mais do que noutra parte, as rédeas da sua personalidade, consentindo que a criatura domine o seu criador.» (Torga, 1999: 63).

1.5. TORGA E O PATRIMÓNIO HISTÓRICO

A História empolgou desde sempre Miguel Torga; a História de qualquer civilização, mas muito em particular a da Península Ibérica, com realce para a de Portugal. Pensamos que as melhores provas do que acabamos de afirmar se encontram no cuidado particularmente grande que teve na preparação do Livro *Poemas Ibéricos* (demorou cerca de 29 anos a completá-lo) e na enorme admiração que tinha por Alexandre Herculano e Oliveira Martins. Tenha-se também em consideração o que diz das leituras que fazia no colégio do Dr. Almeida, em Coimbra.⁴

Se é verdade que os textos mais longos sobre História de Portugal são escritos num contexto de sedentarismo (em Coimbra), é igualmente verdade que muitas das suas páginas/linhas mais bonitas e mais penetrantes sobre a pátria são escritas num contexto de nomadismo. São exemplo disso as notas do *Diário* sobre os Painéis de Nuno Gonçalves (8-4-1965 e 27-5-1983); a Ilha de Moçambique (6 e 7 de Junho de 1973) e Sagres (16 de Fevereiro de 1942, 6 de Agosto de 1976 e 10 de Agosto de 1979), assim

⁴ Este assunto, que Torga aborda em *A Criação do Mundo – O Terceiro Dia*, será por nós referido no capítulo sobre Coimbra.

como o capítulo «Sagres» com que o escritor fecha, com chave de ouro, o livro *Portugal*.

É igualmente de enorme importância para o turismo cultural, porque é saudável e pacífica, a forma como Torga encara o relacionamento das nações:

A ideia de nação, embora historicamente se justifique, pelo menos cá neste Ocidente, não é de certeza a última palavra em matéria de arrumação do mundo. Uma noção mais ampla e profunda de comunidade de sentimentos e de interesses há-de substituir-se, inevitavelmente, a essa actual fraternidade murada e compartimentada. (Torga, 1999: 748).

Em Miguel Torga a Literatura, a Arte, a História, a Música e as Viagens são paixões permanentes e o autor cruza-as numa procura incessante do belo, da liberdade, da verdade, do amor e do testemunho. O conteúdo do testemunho e a forma como é expresso (muito bela e curta) constituem um imenso tesouro para o Turismo Cultural.

1.6. TORGA E OS TURISTAS

As características mentais e emocionais de Miguel Torga e sua vasta experiência como viajante levaram-no, inevitavelmente, a olhar com frequência e de diversos ângulos para o comportamento dos turistas, dos profissionais de turismo e das instituições turísticas.

A partir dos anos sessenta (década do grande *boom* do turismo nacional), Torga preocupa-se enormemente com as consequências negativas que o «monstro» (expressão de Carlos Queiroz) está a provocar por todo o país. Algarve, Nazaré, Mira, Funchal e Buçaco, são os espaços que mais o inquietam.

Já vimos, quando no início deste capítulo falámos no «Respeito pelos residentes», a indignação de Torga ao constatar a subalternização da população residente do Algarve perante os «turistas ricos» (Torga, 1999: 1099). Vimos, também, quando falámos da «Saturação turística» a decepção do nosso escritor na Nazaré, em 1984. Ao que então citámos acrescente-se: «E já não há lugares no mundo preservados, nem consentimento para qualquer individualidade os admirar. Aqui ou na Sistina, a lei é ser comum como os outros, caminhar empurrado como os outros, e ver pelos olhos dos outros.» (Torga, 1999: 1517-8).

Em 1980, no Funchal, regista: «Nas nossas estâncias turísticas (...) o alheio sobrepõe-se de tal modo ao caseiro que o configura. É um mimetismo trágico, que nos põe a falar, a pensar e a sentir como o invasor.» (Torga, 1999: 1425).

Em Agosto de 1987, em Albufeira, revolta-se mais uma vez contra o turismo de massas: «Deambulo por estas ruas atulhadas de automóveis e de turistas, a ouvir falar a Europa. É uma algaraviada de línguas, que se cruzam indiferentes umas às outras» (Torga, 1999: 1595). No mesmo ano (22-9-1987), na praia de Mira diz que Portugal «Em meia dúzia de anos, perdeu o carácter.» e acrescenta que o nosso progresso não sabe «melhorar sem desfigurar.» (Torga, 1999: 1604).

E, o escritor conservador (detestava ver «turistas de calção e sandália»), em Julho de 91, encontra no Buçaco, a «onda sonora» que em 87 o tinha deixado «aturdido» em Albufeira e com medo de que se alastrasse um dia ao resto do país; sente que mesmo o Portugal «com pergaminhos históricos e naturais» está a ser devassado «por milhares e milhares de olhares indiferentes ou alheios» (Torga, 1999: 1723).

Pensamos que estas passagens do *Diário* apontam diversos problemas fulcrais do Turismo: massificação, saturação, deficiências culturais por parte dos agentes de turismo e dos turistas e perda de identidade. Poder-se-á dizer que todos os profissionais de turismo experientes, atentos e com sólida preparação conhecem estas questões. Contudo, a forma sucinta e com enorme qualidade literária utilizada por Torga faz destes seus comentários peças fundamentais para o estudo da realidade turística e da sua evolução, pois torna mais claro os contornos e a profundidade das questões abordadas, e mobiliza a atenção e a vontade de resolver os problemas.

1.7. TORGA E AS FÉRIAS/LAZER

Em muitas passagens do *Diário* surgem afirmações que nos poderiam levar a pensar que o criador Miguel Torga nunca conseguia descansar. Passamos a citar as mais significativas, todas escritas em contexto de férias:

- «A marca dos que vêm da terra e se lhe conservam fiéis, como eu, é que não conseguem depois sítio no mundo onde possam ter preguiça sem remorsos. O trabalho é sempre para eles a única normalidade possível. (...) Mais acto religioso do que imperativo social, é no seu exercício incansável que reside a salvação.» (Torga, 1999: 780);
- «Em vez de descansar como a outra gente, de esquecer e dormir, revolvo-me de inquietação...» (Torga, 1999: 829-30);
- «Nenhum criador verdadeiro, mesmo que seja Deus, descansa no sétimo dia...» (Torga, 1999: 1000);
- «Estafo-me, sentado na esplanada onde os outros repousam. Nenhum dos sonolentos companheiros o pressente sequer, felizmente, até porque lhes seria difícil compreender.» (Torga, 1999: 1007);
- «Quando não trabalho sinto-me em pecado mortal.» (Torga, 1999: 1464);
- «Nasci condenado a ser agónico a tempo inteiro.» (Torga, 1999: 1634).

Mas, de facto, a realidade é diferente. Descansar é estar bem e mudar de actividade, principalmente quando se gosta das actividades que se exerce. Ora o escritor, e médico, Miguel Torga estava muitas vezes bem e mudava frequentemente de actividade. Ele apreciava intensamente conviver, estar em contacto com a natureza, caçar, ler, visitar monumentos e cidades, ouvir música, ver cinema; apreciava, também enormemente, tirar partido de todos os sentidos, como bom epicurista que também era.

Se a sua actividade profissional (medicina) alimentava, frequentemente, um sentido agónico da vida, por outro lado trazia-lhe muitas horas de profunda satisfação, não só pelos bons resultados que frequentemente obtinha, mas também porque lhe proporcionava uma intensa comunhão de sentimentos e ideias com os seus pacientes.

Não nos é fácil conciliar a paixão de Miguel Torga por tantas coisas da vida com as afirmações supra-citadas. Trata-se de uma questão muito complexa que seria interessante vir a ser analisada por especialistas na área da psicologia e da teologia (o problema religioso de Miguel Torga esteve sempre, como é sobejamente conhecido, muito longe de uma resolução). Mas analisando esta questão numa perspectiva turística, pensamos que há aqui duas áreas a explorar:

1ª A paixão do escritor pela vida é real e extremamente saudável, e há que levá-la ao maior número possível de pessoas. E é este acto de amor que Torga pretende realizar com a sua obra.

2ª É estranho que Torga, sendo uma pessoa tão atenta ao sofrimento humano, quando fala da sua dificuldade em descansar não admita que essa dificuldade possa ser extensiva a muitas outras pessoas.

Há de facto pessoas que, essas sim, são agónicas a tempo inteiro. Se o final do século XX foi caracterizado, numa perspectiva turística, como a época em que uma enorme parte da população do mundo ocidental teve acesso a férias fora do local de residência, o século XXI deveria ser o século em que durante as férias os agónicos não o sejam «a tempo inteiro». Estes agónicos foram retratados por Fernando Pessoa, com a sua «agulha de sismógrafo, sensível e científica.» (Torga, 1969: 95) em «Quadras ao Gosto Popular»:

No baile em que dançam todos
Alguém fica sem dançar.
Melhor é não ir ao baile
Do que estar lá sem lá estar. (Pessoa, 1994: 39)

Analisar e propor soluções para este drama é o grande desafio que se põe a quem quiser dedicar-se à psicologia do turismo. E não esqueçamos que se é verdade que o trabalho deve ser visto como um «acto religioso», o descanso não merece qualificação inferior.

1.8. CONCLUINDO

O que vimos sobre a importância das viagens para Miguel Torga, a postura nas viagens, o interesse por tudo o que se passava no mundo e o valor que o artista atribuía aos patrimónios construído, histórico e natural dão-nos ferramentas preciosas para:

- Compreender o itinerário torguiano em Portugal no livro *Portugal*;
- Aprofundar e alargar esse itinerário com base na restante obra de Torga;
- Elaborar um itinerário em Espanha o qual, em conjunto com o itinerário português, contribuirá para encontrar na Ibéria a essência do «Velho-Mundo e o Novo...» (Torga, 1995a: 7);
- Apresentar (poucos, mas profundos, belos e sucintos) elementos para ajudarem a construir itinerários em diversos países europeus, e em alguns dos continentes americano, africano e asiático;
- Apresentar propostas que visem melhorias a nível da Informação (e Oferta) Turística. O livro de Luís Miguel Brito, *Informação Turística – A Arte do Guia Intérprete: Entre a Cultura do Turista e do Destino*, inspirado na sua tese de doutoramento *O Guia-Intérprete: facilitador do turismo cultural*, apesar de actual (2013), muito documentado e baseado na experiência adquirida ao longo de vinte anos de profissional da informação turística, não aborda três questões fundamentais: 1ª. a utilização da literatura; 2ª. a necessidade de profundas alterações nos planos curriculares dos cursos superiores de turismo; 3ª. a procura de uma mais eficaz selecção dos alunos dos cursos superiores de turismo. É preciso ter bem presente que ser guia-intérprete é ser um profissional que lecciona em espaços que vão desde uma sala sobre rodas (autocarro), até patrimónios construídos e naturais classificados pela UNESCO.

Pensamos que a formação turística no século XXI não se deve limitar aos profissionais de turismo (ver o documento *Convenção-Quadro do Conselho da Europa Relativa ao Valor do Património Cultural para a Sociedade – 2005*). Possuir uma sólida consciência turística é fundamental, não só para os profissionais dessa área, mas também para os turistas e para todos os cidadãos em geral. No ensino básico, disciplinas como o Português e Formação Cívica poderiam abordar, através de Miguel Torga, questões relacionadas com o Turismo.

E, para terminarmos este capítulo sobre «Torga e o Turismo (Cultural)» recorreremos a outra figura gigante da nossa literatura, e que, como Torga, tinha a sedução das viagens - Sophia de Mello Breyner. No poema «Biombos Nambam», a autora de *Ilhas*, diz-nos que «o mundo encontrado/ é muito mais belo/ do que o imaginado». Os poetas (e Torga tem no contexto turístico uma posição altamente privilegiada) podem ajudar os responsáveis pelo Turismo a tornarem verdadeiro este maravilhoso sonho de Sophia.

Há que descobrir o como, o quando, o quanto e o onde utilizar a literatura, tema que ficará para as propostas desta tese.

2 - S. MARTINHO DE ANTA(S) – O REINO SAGRADO DE TORGA

Só quem sobe à montanha toca o céu! / Na terra chã ninguém se transfigura!
(Torga, 1975: 47)

*Nascido em S. Martinho de Anta (...) sempre vi Portugal e a civilização ocidental
começar ali.*
(Torga, 1999: 1583)

*S. Martinho de Anta, 15 de Setembro de 1987 – (...) Tudo o que fui lá longe, apenas
serviu para me afundar mais as **raízes**. E é da **seiva** que elas **sugaram** e **sugam** no
húmus original que não sei falar. (O negrito é nosso)*
(Torga, 1999b:1602)

*S. Martinho é um reduto ideal. Uma fortaleza a que me obrigo duas ou três vezes por
ano, e onde me sinto inexpugnável todos os dias.*
(Torga, 1999: 1087)

O S. Martinho torguiano foi criado com a *seiva* (Amor, Natureza, Religião e Exemplos) que Adolfo Rocha (homem da *montanha*) e Miguel Torga (homem da *montanha* e da *vastidão do mundo*) *sugaram*, nesse *espaço sagrado*, ao longo de décadas. E Torga, ao contrário do que afirmava, falou exemplarmente dessa *seiva*.

Antes de analisarmos as componentes da *seiva* que o autor d'*A Criação do Mundo* sugou em S. Martinho, importa chamar a atenção para o facto de que o escritor Torga em nenhum outro sítio trabalhou com tanta intensidade, autenticidade e, pensamos poder afirmar, com tanta criatividade, como em S. Martinho. Vejamos o que ele nos diz:

- «S. Martinho de Anta, 7 de Outubro de 1947 – [...] não há maneira de fechar os olhos e repousar. (...) As células doridas recusam-se a qualquer anestesia, e um tumulto de

emoções vivas exige expressão. São poemas, contos, cenas, que se atropelam dentro de mim, numa confusão de Babel. Como ondas de um mar tormentoso, chegam à praia da razão serena fragmentos de estrofes, frases, episódios. Tudo incoerente, incompleto, absurdo.» (Torga 1999: 394)

- «*S. Martinho de Anta, 5 de Abril de 1955* - Este terrível livro de folhas brancas, sempre disponíveis e ávidas como sanguessugas, à espera que eu as entumeça duma tinta que já não sei se me corre da pena, se das veias.» (Torga, 1999: 788)

- «*S. Martinho de Anta, 27 de Março de 1961* - Repouso! Repouso! – grita-me aos ouvidos a voz da razão. E ponho-me a descansar terapeuticamente, como quem toma pílulas. Mas cá por dentro o bicho da inquietação continua a roer. Há bocado, na serra, tive ganas de arrancar o pico das mãos de um alvenel que cortava pedra, e de escrever com ele um poema nas fragas.» (Torga, 1999: 974)

E, finalmente, não esqueçamos que o médico Adolfo Rocha, mesmo de férias, era solicitado amiudadas vezes para dar consultas e fazer tratamentos: «Consultas e mais consultas a esta pobre gente, que parece guardar as mazelas durante o ano para quando eu venho.» (Torga, 1999: 969-970)

Analisemos agora as componentes da seiva que o escritor da Montanha sugou em S. Martinho.

2.1. AMOR

A mais forte e duradoira fonte de **amor** que Torga encontrou em S. Martinho estava no «solar da família», descrito pelo autor nos seguintes termos: «O solar da família, térreo, de telha-vã, encimado pelo seu brasão de armas esquartelado, com enxadões em todos os campos... Foi desta realidade que parti, e é a esta realidade que regresso sempre, por mais voltas que dê nos caminhos da vida.» (Torga, 1999: 809)

Aqui passou Torga a sua infância, com os pais, o avô paterno, a irmã, um irmão (a quem nunca se refere), uma ama e – não como moradora, mas como visita assídua – a «Ti Maria Ambrósia».

Importa explicitar o conceito de Torga de casa/lar, que é certamente uma consequência da mentalidade que prevalecia no mundo rural no início do século vinte e, principalmente, das vivências do autor. O conceito torguiano de casa/lar é também fundamental para entendermos a perplexidade de Torga em relação às alterações da organização familiar a que ele assistiu ao longo da sua longa vida.

Há no *Diário* três entradas particularmente esclarecedoras:

- «Nenhum símbolo de permanência nos é dado com mais lonjura do que a velha habitação dos nossos bisavós. [Ali] nascemos [e ali] hão-de nascer (pensamos nós) netos dos nossos bisnetos.» (Torga, 1999: 180)

Falando das casas de veraneio, o autor do *Diário* escreveu:

- « Em nenhuma a gente se pode refugiar para ter febre, gemer ou esperar pela morte. O sofrimento e a agonia perderiam lá dentro toda a dignidade.» (Torga, 1999: 829)

- «O culto rendido prestado à juventude faz com que este tempo seja o do inferno da velhice. O que foi outrora uma dignidade, é hoje um opróbrio. Há pouco, num congresso de sábios, um deles (...) chegou ao extremo de pedir a eutanásia voluntária aos que entram no último quartel da vida. O que, convenhamos, constituiria uma solução ideal para quem, à falta de melhor, tem de se resignar ao expediente de asilar os progenitores.» (Torga, 1999: 1394-5)

As ideias de «permanência» e «dignidade», que Torga inclui no seu conceito de casa/lar atribuem a esta entidade um carácter quase sagrado. E, ao entrarmos em contacto com os moradores do «solar da família», compreendemos facilmente que o «quase» caia e a casa da família do poeta seja um espaço eminentemente sagrado. Sendo assim, compreende-se o que Torga disse a Claire Cayron quando lhe emprestou a chave de casa de S. Martinho: «Dou-lhe a minha alma» (in Rocha, 2000: 212).

Olhemos agora para os retratos de família realizados por Torga ao longo de muitos anos:

S. Martinho de Anta, 2 de Julho de 1982 - Chego, e adeus solidão. Fico logo acompanhado por todos os meus penates. Presenças virtuais mas agentes, estimulam-me o entendimento, pacificam-me o coração, corrigem-me a pauta dos versos. Ninguém

como eu continua a padecer no mundo mais amparado. Até quando cavo o quintal, e começo a abafar, sinto que as suas mãos invisíveis seguram também o cabo do enxadão. (Torga, 1999: 1461)

Colocado perante a pergunta se ia à sua terra natal para se inspirar, o poeta respondeu: «Não. Venho receber ordens... – De quem? – Dos antepassados.» (Torga, 1999: 1620). Torga tinha o precioso sentimento de que nos momentos importantes nunca estamos sozinhos. Quando esteve preso, por questões políticas, escreveu: «(...) no plano dos valores humanos, ninguém está sozinho no mundo, por mais isolado que pareça. Que sempre uma legião de sombras vem solícita em nosso socorro dos confins da memória, nas horas de aflição.» (Torga 1974a: 119).

Os «meus penates» são todos os seus antepassados, mas principalmente o avô paterno e os pais.

É «no solar de família» que o poeta convive até aos nove anos com o avô paterno. Torga dormiu no quarto do avô até à morte deste e, diariamente, à noite, ouvia o avô rezar em poesia improvisada. O poeta diria também, sobre este avô (e sobre «Ti Maria Ambrósia»): «ninguém encantou tanto a minha meninice» (Torga, 1994: 104)

Pais

Ambos certos no mundo, que parecia ter ali o centro físico e metafísico.
(Torga, 1981: 24)

No «centro físico e metafísico», que era S. Martinho, os pais de Torga constituíam uma elite moral e intelectual e um paradigma de harmonia conjugal: «Ficava-me a pensar na coesão daquelas almas, encostadas uma à outra como castanhas no mesmo ouriço. Que força misteriosa as unia?» (Torga, 1974a: 32).

É na adolescência, durante uma dolorosa experiência de emigrante no Brasil, que Torga tem pela primeira vez consciência do que significavam para ele as palavras «Pai e Mãe». Já em adulto, escrevendo sobre a sua vida e inspirado pela «espessura» e «emaranhado de caules e ramos» da mata brasileira, o escritor disse:

Como os cipós que ali davam consistência ao entrançado, também nela havia fios assim enleantes, que a tornavam coesa. (...)

Havia dois, contudo, persistentes e compridos, que vinham de muito longe, enlaçavam, prendiam, atavam, e prometiam continuar. Liames de alma que três letras apenas designavam – Pai e Mãe -, só eles davam verdadeira solidez e significação ao tecido. Travejavam-no de vontade, e entrelaçavam-no de humanidade. Graças a esses vínculos fiéis e firmes, podia agora estender ao sol um pano de inteireza, em vez de uma manta de farrapos... (Torga, 1994a:192-3)

E, já quase com oitenta anos, escreve, em S. Martinho, no poema «Rebate»:

Tantas palavras que conheço agora
E malbarato
No papel,
Aqui onde só duas aprendi
Com eterno sentido:
Pai e Mãe!
(...) (Torga, 1999: 1561)

Entre ambos havia uma diferença considerável que Torga descreve recorrendo a Goethe:

De meu Pai tenho a estatura
e o sentido sério da vida;
De minha Mãe, a natureza alegre
e o gosto de fabular.» (Torga, 1999: 128)

Após a enorme tensão a que esteve sujeito na Universidade de Coimbra, quando proferiu um dos seus mais profundos e ambiciosos discursos (no centenário da abolição da pena de morte em Portugal) sentiu a necessidade de procurar «o relaxamento da crispação» em S. Martinho. No *Diário*, dois dias depois, escreveu:

Só agora é que o pobre do meu espírito compreende porque foi trazido a reboque por aí a cima, antes de ontem, depois da tensão a que o submeti publicamente. Pacificado à sombra da humildade ancestral, verifica mais uma vez que nenhum outro lugar do mundo lhe propicia tão tutelarmente o relaxamento da crispação em que fica quando mede a distância que vai da obra sonhada à obra conseguida. Nem a roca materna, nem a enxada paterna, o remetem para qualquer absoluto. (Torga, 1999: 1117)

Não podemos deixar de discordar desta leitura que Torga faz da «roca materna» e da «enxada paterna». A roca, nas mãos da mãe, e a enxada, nas mãos do pai, remetem para o absoluto da perfeição, da dedicação e do amor, enfim, remetem para a poesia, tal como o tapete de Arraiolos que Torga quase que obrigou «uma velha de noventa anos» a vender-lhe e sobre o qual escreveu: «terei sempre neste pano, vivo e terroso, o rosto

macerado daquela senhora antiga (...), que escreveu talvez com estes fios o único poema da sua vida.» (Torga, 1999: 268)

Esta admiração pelos pais torna-se, porventura, mais evidente e empolgante quando deparamos com referências individuais. Importa, contudo, não avançarmos antes de registarmos que há períodos da relação familiar em que o autor de *Contos da Montanha* discorda frontalmente dos pais: quando, no início da adolescência, se recusa a continuar no seminário e quando, depois de licenciado em medicina, vive alguns meses em S. Martinho, na casa paterna, e se recusa à unanimidade que o pai exigia no relacionamento com os vizinhos.

A partir daí Torga torna-se compreensivo perante as raras fragilidades paternas e passa somente a valorizar os lados extremamente positivos.

O «**Pai**» (referia-se aos pais sempre com maiúscula) era um camponês, com muitas semelhanças com Ti António, de *Terra Firme*, pela ligação à terra, pelo desgosto de ter visto um filho emigrar e não regressar e pela inteligência⁵.

Pela estatura moral, inteligência e capacidade de trabalho, tornou-se um líder local. Era ele que superintendia nas questões fundamentais para qualquer comunidade eminentemente rural no Portugal da primeira metade do século passado, tais como a distribuição de água para o regadio e a organização das festas comunitárias.

Mas vejamos, de uma forma mais concreta, os traços essenciais de Francisco Rocha:

Apesar do «sentido sério da vida», possuía um fino espírito de humor. Um dia, em Coimbra, onde tinha ido passar uma temporada com o filho, assistiu à procissão da Rainha Santa. Num determinado momento os homens que transportavam o andor pararam junto à linha do caminho-de-ferro porque o comboio ia passar. Uma senhora, indignada, protestou:

- Pouca vergonha! Falta de respeito! Fazer isto à Santa! (...)
- E logo o Velho:
- Bem vê: ele tem horário e ela não. (Torga, 1981: 134-5)

⁵ Carranca, com pertinência e concisão, escreveu em *Torga – o português do mundo*: «O poeta retirou de seu pai verdades universais que o trabalho dava a conhecer.» (p. 30)

Inteligência, sabedoria, vontade, generosidade, sensibilidade estética e paixão pela liberdade são outras características de Francisco, que Torga nos mostra com muito poucas, mas suficientes, palavras:

- «Lia nos astros melhor do que eu nos livros. Movia-se no mundo na paz de quem o entendia de todas as maneiras.» (Torga, 1981: 30)
- «Tinha uma sabedoria para cada momento, (...) uma palavra certa para cada hora.» (Torga, 1981: 92)
- «Nunca se desiste...» (Torga, 1981: 29)
- «Flores. Herdei do Velho esta paixão.» (Torga, 1999: 1440)
- «Assim capaz de enfrentar o poder espiritual, o único que para ele tinha verdadeira significação, diante de uma violência profana era de calcular que se portaria melhor ainda.» (Torga, 1971: 122) (Comentário de Torga depois de relatar a desobediência do pai a uma determinação do bispo.)

A admiração de Torga pelo pai cresce à medida que o «Velho» vai entrando na velhice.

Vejamos:

- «Envelhecera, e os anos davam-lhe não sei que dignidade intemporal.» (Torga, 1981: 27)
- «O Velho estava cada vez mais puro na sua humanidade, e ao pé dele, mesmo a protegê-lo, sentia-me sempre protegido.» (Carta a Eduardo Lourenço, escrita em 10-5-1956 e transcrita no *Jornal de Letras* de 21-2-2001).

Todas estas características explicam o retrato que o escritor faz do pai morto: «Estendido no caixão, sereno, ao mesmo tempo presente e ausente, a infundir ainda mais respeito do que em vida, em vez de um cadáver, parecia uma estátua jacente aureolada por não sei que intangibilidade.» (Torga, 1981: 143)

Ousamos afirmar que para o autor de *Cântico do Homem* o pai, pela sua sabedoria, bondade e sacrifício, era um Cristo anónimo. Mas voltaremos a este assunto quando abordarmos a questão religiosa.

A «**Mãe**» (Maria da Conceição) é apresentada como um paradigma da «cordialidade [e da] alegria» (Torga, 1981: 93), do gosto pela leitura [«Lia incansavelmente um resumo da Bíblia que considerava pertença exclusiva, e arrancava dele tesouros inexauríveis» (Torga, 1970: 23)] e como «a eterna mulher entre as mulheres.» («Torga, 1999: 418) ou, com uma só palavra, como a «Pièta» (Torga, 1999: 97), ao colo de quem o poeta morre na prisão, na noite de Natal.

Esta mulher sagrada, «faminta de perfeição» (Torga, 1970: 24), esperava do filho «coisas excepcionais, e nada que eu fizesse a espantava. Vivia convencida de que nascera fadado para altos destinos:

- Falaste-me na barriga, filho! – confidenciou-me um dia. – Nunca o disse a ninguém. Nem ao Pai! Quebrava-se o encanto, se não guardasse o segredo até seres homem...» (Torga, 1970: 44).

E via em todos os seus «trabalhos e vicissitudes sinais do triunfo final (...) E a verdade é que uma tal certeza me dava não sei que inconfessada segurança e, sobretudo, estímulo para não desmerecer do vaticínio.» (Torga, 1974a: 88).

No dia da morte da mãe [«Cuidei que me estalava a alma.» (Torga, 1974a: 92)], Adolfo suplica-lhe que «nem a morte» (Torga, 1991a: 418) a afaste dele. E a morte não a afastou do filho. Aparece-lhe, juntamente com outros antepassados, em S. Martinho, sobretudo nas noites de Natal, ou, solitária, como no poema «Aniversário»

Mãe:
Que visita tão pura me fizeste
Neste dia!
Era a tua memória que sorria
Sobre o meu berço.
Nu e pequeno como me deixaste,
Ia chorar de medo e de abandono.
Então vieste, e outra vez cantaste,
Até que veio o sono. (Torga, 1999: 423)

Repare-se que este poema é escrito no dia do aniversário de Torga (12 de Agosto) e que a mãe morreu no dia 1 de Junho do mesmo ano.⁶

⁶ No *Diário* surgem mais cinco poemas dedicados à mãe, nas seguintes datas: 3-9-1941; 13-7-1946; 6-5-1949; 2-10-1953 e 19-7-1984. Podemos ainda considerar que o poema «Pietà», escrito no Natal de 1939, na cadeia do Aljube (e registado, também no *Diário*), revela uma profunda identificação da mãe com a «Pietà» e do poeta com Cristo.

Pensamos que estas características dos pais justificam, plenamente, a convicção de Torga de que herdou deles «um pano de inteireza [composto de «vontade» e de «humanidade»], em vez de uma manta de farrapos.» (Torga, 1994a: 192-3)

Embora as referências à **irmã** sejam menos frequentes do que às dos pais, não são, contudo, menos importantes para compreendermos não só o jovem Adolfo Rocha, mas também o escritor Miguel Torga. Totalmente imersa, tal como os pais, no mundo físico e metafísico, que era S. Martinho de Anta(s), terá, certamente, dado ao irmão elementos preciosos para a criação de contos e de notas do *Diário*. Vejamos:

- «Anos a fio à janela da solidão e observadora realmente excepcional de tudo onde punha os olhos.» (Torga, 1999: 1400);

- «S. Martinho falava pela sua boca mais eloquentemente do que pela minha pena. Numa imagem, num rifão, consubstanciava toda a realidade física e metafísica que a rodeava.» (Torga, 1999: 1480).

E estas afinidades, a que poderíamos chamar literárias, eram reforçadas por um profundo afecto: «Gostávamos um do outro como dois cúmplices do mesmo mistério sagrado, feito de raízes e vínculos. Tudo nela era, como em mim, ligação à terra, às tradições, às origens.» (Torga, 1991b: 1480)

O **irmão** constitui um mistério da investigação sobre Miguel Torga. Nada se sabe sobre ele, com a excepção de que emigrou para o Brasil, não tendo regressado a Portugal. Pensamos, como já referimos quando traçámos o retrato do pai do autor de *Terra Firme*, que o irmão terá inspirado o retrato que Miguel Torga fez do filho de «Ti António».

No S. Martinho de Anta de Torga havia, para além da mãe e da irmã, mais duas figuras femininas que o marcaram para sempre. Na sua obra há somente uma referência para cada uma dessas mulheres, mas não são necessárias mais para compreender o quanto essas senhoras foram importantes para o escritor: uma ama e a «Ti Maria Ambrósia».

A alusão à **ama** é de uma importância capital para compreender o extremo afecto que rodeou a infância de Torga, mas também para entendermos o poder que o escritor atribuía à «ternura feminina»:

Queluz, 25 de Fevereiro de 1968 - Visita à minha velha ama. Abraçámo-nos e beijámo-nos comovidamente (...).

Um homem nasce quantas vezes a ternura feminina quer. Assim o compreendi quando nos despedimos e, já na rua, dei conta que olhava o sol da vida com o deslumbramento de quem tinha acabado de ser parido pela segunda vez. (Torga, 1999: 1124)

A descrição da **Ti Maria Ambrósia** (quando ele se despedia dela, antes da partida, por cinco anos, para o Brasil) fala-nos igualmente de afecto (muito afecto) mas também dum enorme encantamento, só igualado pelo do avô paterno:

Tão velha e curvadinha, que quase batia com a testa no chão. Sabia histórias maravilhosas e, a não ser meu avô paterno, ninguém encantou tanto a minha meninice. (...)

Numa ternura de fada concreta, meteu-me às escondidas um cruzado na mão, a que juntou, à vista de todos, uma toalha de linho fino do seu bragal. Quando me disse adeus, apertou-me ao coração, e as lágrimas de minha Mãe não me pareceram mais quentes do que as suas. (Torga, 1994: 104-5)

Podemos concluir que a «meninice» de Adolfo Rocha apesar de ter sido ensombrada por fome, frio e trabalho excessivo e perigoso, foi fortemente apoiada por muita «ternura», *encantamento* e «inteireza».

As nossas referências a **Andrée Crabbé** (mulher do poeta) serão essencialmente feitas no capítulo sobre Coimbra.

Registem-se, contudo, dois factos:

- Após o casamento, Torga decide apresentar Andrée aos seus pais e irmã, pelo que se desloca a S. Martinho. Regista essa apresentação no *Diário*, com uma nota muito curta, mas que por ser genuinamente torguiana nos diz muito: «S. Martinho de Anta, 21 de Setembro de 1940 - Aqui estou. Vim mostrar a mulher aos velhos, à Senhora da Azinheira e ao negrilho. Gostaram todos.» (Torga, 1999: 121). Repare-se na espantosa importância que Torga atribui à Senhora da Azinheira e ao negrilho.

- Em nossa opinião, Andrée não deverá ter tido uma profunda empatia/compreensão com/de S. Martinho. Caso contrário não teria desfigurado acentuadamente o exterior da casa, que mais parece uma casa de praia.⁷

A **filha** do poeta surge, até à adolescência, frequentemente e com uma comovente força e beleza na obra de Torga. São referências que têm quase todas como espaço geográfico localidades que não S. Martinho. Contudo, Clara é citada duas vezes na terra dos avós paternos: «Semanas antes, tinha ido pôr-lhe nos braços a neta – que desejara em vão tantos anos, mas a que, pudicamente, nunca aludira – para que alguma da sua grandeza humana se transmitisse àquele frágil rebento que me nascera tardiamente.» (Torga, 1981: 143) e: «Aqui estou a enraizar a filha, a mergulhá-la na terra como meu Pai fazia às pernadas tenras dum rododendro de estimação. Quero dela também o prolongamento da rubra vitalidade de alguns cromossomas honrados e obstinados.» (Torga, 1999: 833)

É a partir da casa paterna que Adolfo Rocha parte ao encontro de S. Martinho que, como inúmeras outras aldeias do Portugal torguiano «pulsa ao ritmo das seivas e dos sinos e mede o tempo no relógio das estações e dos astros.» (Torga, 1989: 51-2).

⁷ Hercília Agarez falou sobre as obras da casa com a viúva de Torga e esclarece-nos nos seguintes termos: «deu-lhe este carta branca quanto às obras a fazer, exigindo, apenas, a manutenção da traça original. Foi ela que escolheu a cor das portas e janelas que lhe fora sugerido por uma casa da praia.» (Agarez, 2007b: 74)

2.2. NATUREZA

Açor, Serra da Lousã, 26 de Outubro de 1942 - (...) As dobras e as cores do chão onde firmo os pés foram sempre no meu espírito coisas sagradas e íntimas como o amor. (...) Vivo a natureza integrado nela. De tal modo, que chego a sentir-me, em certas ocasiões, pedra, orvalho, flor ou nevoeiro. Nenhum outro espectáculo me dá semelhante plenitude e cria no meu espírito um sentido tão acabado do perfeito e do eterno.
(Torga, 1999: 184)

Toda a paisagem é, para Torga, um espaço sagrado, muito em especial a sua *Montanha*, com as suas fragas [que «parecem ter vontade» (Torga, 1999: 1198)] e enquadrada pelo Marão [«Sempre que venho por aí acima, começo a avistar o Marão e o Doiro, e me ponho a pensar na morte, o que mais me entristece é não poder deixar em testamento os olhos à filha.» (Torga, 1999: 1159)] e pelo Douro vinhateiro:

O Doiro sublimado. (...) Socalcos que são passadas de homens titânicos a subir as encostas, volumes, cores e modulações que nenhum escultor, pintor ou músico podem traduzir, horizontes dilatados para além dos limiares plausíveis da visão. (...) Um poema geológico. A beleza absoluta. (Torga, 1999: 1332)

É por isto que a sua relação com a natureza é indissociável da sua relação com a religião, sendo essa relação uma das principais componentes da religiosidade torguiana.

A fortíssima ligação de Torga com a natureza vem da infância, mas até aos anos sessenta há um crescendo, com avanços e recuos. A primeira citação em epígrafe é de 1942. Mas em 1954 o autor de *Odes* considera que ainda não podia comparar-se com Colette. No Gerês, no dia 11 de Setembro desse ano, escreveu:

«(...) não merecemos a graça de comungar à mesa onde Colette recebia o corpo eucarístico da natureza. Ela, sim, podia exprimir o cataclismo de cada fecundação e decompor o arco-íris de cada primavera. Através do sacramento do amor e da entrega, real e substancialmente, os seres e as coisas passavam a fazer parte da sua humanidade profunda e falavam depois pela sua boca.» (Torga, 1999: 772)

E em 26-12-1962, em S. Martinho, regista no seu *Diário*:

E sempre que, à custa de esforço e porfia, consigo, como há pouco na serra, unir, digamos, o meu corpo e o meu sangue ao corpo e ao sangue da natureza, a perfeita

comunhão que se realiza e a estranha metamorfose que daí resulta exigem o nome sagrado de transfiguração. (Torga, 1999: 1019)

Não avancemos sem recordar sucintamente o que no capítulo «Miguel Torga e o Turismo Cultural» dissemos sobre a teoria torguiana da «geografia psicológica»: «Se o meio penetra o homem, é depois o homem que o incarna, o polariza, e testemunha o espírito e a essência do que nele é fundamental e vivo» (Torga, 1999: 227). Sendo assim, o Orfeu Rebelde acreditava que incarnava, polarizava e testemunhava o «espírito e a essência» (Torga, 1999: 227) de uma região sagrada e de uma beleza ímpar, isto é, a *Montanha* e o vale do Douro.

Para Torga, em S. Martinho, tudo, na natureza, «chama por nós» (1977a: 77), e conduz-nos a espaços, sensações, sentimentos e pensamentos sagrados. Vejamos, concretamente, quem chama e em que consiste esse chamamento:

- o **ar** («Ar livre, sem restrições!») (Torga, 1974b: 16)
- a **luz** («Estoirava, se impedisse por mais tempo a saída dum hino de saudação à luz que vinha rompendo!») [(Torga, 1995b: 69), conto «Tenório»]
- o **sol** («Sol do corpo e da alma,/ (...) / Sol da perfeita calma,») (Torga, 1977a: 33); «Nesse momento, porém, um raio quente de sol caiu-lhe amorosamente sobre o dorso. Contraiu-se de volúpia. E, da plenitude que a empolgou, ergueu-se a voz do triunfo.» [(Torga, 1995b: 87), conto «Cega-Rega»]
- a **terra** («minha aliada/Na criação!») (Torga, 1977a: 17); («o dom de fecundar e de parir») (Torga, 1995b: 66)
- a **água**(...) («... o ribeiro canta!/ Canta porque um alegre deus o acompanha!») (Torga, 1977a: 45)
- o **fogo** («Chama da inspiração, que me devoras,/ Alarga o teu abraço ao mundo inteiro!») (Torga, 1977a: 73)
- a **neve** («Contemplado do alto da Mantelinha, o mundo parece tudo menos um vale de lágrimas. Em Janeiro, então, quem não é cego da alma e, de lá, vê tudo em redor coberto de neve pura (...) acaba por acreditar que a terra foi gerada só para ser possível uma brancura assim.») (Torga, 1987: 71)

- as **vides** («(...) na vindima/ De cada sonho/ Fica a cepa a sonhar outra aventura...») (Torga, 1974b: 81); («Meu Pai a erguer uma videira/ Como uma mãe que faz a trança à filha.») (Torga, 1999: 48)

- o **pão** e o **vinho** na religião católica («A imanência e a transcendência tão medularmente conjugadas, que a realidade tangível se paradigmata no prodigioso mistério da encarnação e no escândalo bárbaro e sublime de um Deus consubstanciado a quem antropofagicamente o devoto devora a carne e bebe o sangue.») (Torga, 1999: 1274)

- O(s) **melro(s)** («A força virgem daquele riso chamou a vida à consciência dos seus direitos»). (Torga, 1995b: 106)

- os **montes** [«Foi ali [monte de S. Domingos] que num remoto dia de mocidade me senti consciente do meu destino de artista, bafejado por não sei que estimulante vento do espírito. Ali ia retemperar a lira quando a sentia bamba.» (Torga, 1999: 852)]; «Trazemos a alma cheia de monte!», disse Torga, no fim de uma caçada com o padre Avelino. (Monteiro, 2003: 109)

- as **flores** («E passei a tarde de ferro e pá na mão a plantá-las. (...) O meu propósito não era reflorir o passado, mas florir o futuro.») (Torga, 1999: 1328)

as **fragas** («Sempre que, prestes a sucumbir ao morbo do desalento, toco uma destas fragas, todas as energias perdidas começam de novo a correr-me nas veias. É como se recebesse instantaneamente uma transfusão de seiva.») (Torga, 1999: 1145)

- as **árvores** («(...) carvalhos, e velhos castanheiros,/ A cuja sombra um dormitar celeste/ Pode tornar os sonhos verdadeiros»), (Torga, 1978: 87); («Na terra onde nasci há um só poeta./ Os meus versos são folhas dos seus ramos. [...] Esse poeta és tu, mestre da inquietação/ Serena!») (Torga, 1999: 743, «A um negrilho»)

- o **olfacto** («Vem ao nariz o cheiro dos valeiros;» (Torga, 1977a: 76) «De repente, um cheiro forte, penetrante e doce, inundou-lhe as ventas, o estômago, o corpo inteiro! Foi a primeira grande hora da sua vida... Depois disso é que os montes começaram a dizer-lhe coisas que até ali nem de longe poderia suspeitar.» (Torga, 1995b: 18); «O cheiro forte do mosto que fervia na adega, adocicado, entrava pelo corpo dentro e punha-o a sonhar volúpias.» (Torga, 1995b: 71)

- o **paladar** («e um palio de fumeiro cobre a lareira») (Torga, 1986a: 33-4).

- o **tacto** – ver citação em **fragas** e a que agora se cita, do conto « O Caçador»: «Entre o sangue da perdiz morta – que através do cotim da calça, morno, lhe acordava a consciência da pele – e o seu próprio sangue, não havia o muro de nenhuma desarmonia. A morte que a arma fazia tinha no mesmo instante uma ressurreição dentro dele.» (Torga, 1991a: 58)

Tudo isto nos chama, de facto, para espaços, sentimentos e pensamentos (também maravilhosos e sagrados), relacionados com o mais profundo da seiva torguiana e cria, no escritor (e em nós), uma inquebrantável vontade de «dar um abraço ao mundo inteiro» (Torga, 1977a: 73) e de «florir o futuro.» (Torga, 1999: 1328).

Referir-nos-emos mais vezes, ao longo deste trabalho, à seiva torguiana que acabámos de citar. Consideramos que ela é um dos principais tesouros que o autor de *Odes* nos legou, mas que nós, cada vez mais urbanos, vamos, inconscientemente, negligenciando.

Caça

Não consegui ainda explicar a causa deste sentimento de segurança que se apodera de mim quando me embrenho pelas serras à caça. É uma paz de preservação, de anonimato, de intangibilidade. (Torga, 1999: 498)

Depois da escrita e da medicina, a caça era a actividade que mais prendia Miguel Torga. O *Diário* regista muitos momentos cinegéticos, com particular destaque em S. Martinho, vale do Mondego (entre Coimbra e Montemor-o-Novo) e no Alentejo (essencialmente no Torrão – concelho de Alcácer do Sal – e em Monforte do Alentejo).

Parece-nos que a caça era para o escritor a forma mais completa de se encontrar com a sua total identidade. Em 1990 escreve no *Diário*: «Pertenci sempre aos três reinos da natureza. Metade animal, e vegetal e mineral em partes iguais no resto. (Torga, 1999:1680).

Importa, no início da abordagem do tema Caça, chamar a atenção para o facto de que o poeta-caçador rejeitava as batidas: «A minha primeira batida. Um tipo de caçada onde a

solidão desaparece, o instinto é importuno, os tiros a estrear perdem a insólita violência de murros no silêncio, e as perdizes vêm ao encontro da arma como trazidas em braços para um sacrifício.» (Torga, 1999: 654).

A descrição que Torga faz do caçador (Tafona) do conto «O Caçador» ajuda-nos a compreender a postura do poeta perante a caça e, em grande parte, perante a vida. O caçador-poeta prime o gatilho «Mais amorosamente do que mortalmente», pois sentia que «A morte que a arma fazia tinha no mesmo instante uma ressurreição dentro dele»: «Entre o sangue da perdiz morta – que através do cotim da calça, morno, lhe acordava a consciência da pele – e o seu próprio sangue, não havia o muro de nenhuma desarmonia.» (citações de Torga, 1991a: 58).

O caçador tinha uma «diluição contínua (...) Simplesmente, essa diluição contínua que sofria no seio da natureza não excluía uma posse secreta de cada recanto do seu relevo. Uma espécie de percepção interior, de íntima comunhão de amante apaixonado, capaz de identificar o panasco de Alcaria pelo cheiro ou pelo tacto.» (Torga, 1991a: 55). Já Torga dizia ser capaz de identificar pelo tacto o solo de qualquer parte do território português (ver nota do *Diário* de 25-10-1958).

«E a vida, a de todos os dias e de toda a gente, com lágrimas e alegria, ambições e desalentos, ficara-lhe sempre ao lado, vestida de uma realidade que não conseguia ver.» (Torga, 1991a:56). Mas Torga conseguia, e esta é uma importantíssima diferença entre o «Tafona», sábio da cultura popular, e Torga, sábio da cultura erudita (mas também da cultura popular) e que sabia que tinha como missão ajudar a transformar o mundo.

Na página seguinte do conto que temos vindo a citar, surge um novo retrato de Tafona:

Contudo, sem a liberdade absoluta dos longes, o seu espírito já não podia voar como dantes. A povoação ficava-lhe demasiado perto para lhe ser possível um alheamento como o de outrora. E os olhos, cansados e traídos, começaram a mostrar-lhe o mundo triste dos outros. Contra vontade, observava, então. (Torga, 1991a: 57).

Torga, pela razão que já apontámos, não era contra vontade, embora fosse com muita dor, que olhava «o mundo triste dos outros».

A Ode «A Diana» (Torga, 1977a: 75-8) também fornece elementos fundamentais para continuarmos a traçar o quadro do namorado da deusa, a qual lhe surge «de seio ao vento» e o convida «ao movimento» e a responder aos chamamentos do «ar», da «luz»,

das «fontes», dos «penedos», dos «matizes do outono», do «cheiro dos valeiros», das «Ribas e abismos que nunca tiveram/ O desenho tirânico de um pé». Tudo isto promete «segredos/ E sensações...» e propicia sentimentos de esquecimento, de libertação dos instintos, de comunhão com outras pessoas, assim como a esperança de «encontrar quando nada se procura.» (Torga, 1999: 1729).

Com frequência, Torga, cansado do mundo da cultura, sentia «uma necessidade inadiável de esquecer, um desejo íntimo e urgente de viver umas horas entregue à inconsciência dos instintos.» (Torga, 1999: 564) E então, diria mais tarde: «Em vez de puxar à caneta, puxo ao gatilho. O instinto está farto de versos.» (Torga, 1999: 1050)⁸

Quando Torga afirma «O instinto está farto de versos», não está a falar totalmente verdade. De facto, quando o poeta-caçador puxa ao gatilho também procura caçar - para além de lebres, perdizes, galinholas e narcejas - versos. Tenha-se em consideração o que se passou com a criação do poema «S. Leonardo de Galafura», que passamos a descrever: um dos locais que o poeta mais venerava no vale do rio Douro era S. Leonardo de Galafura. Durante 30 anos tentou fazer um poema dedicado a este local, mas nada lhe saía. Um dia, encontrando-se à caça, com o padre Avelino, em Ordonho (local com uma espantosa vista sobre S. Leonardo de Galafura), falhou um tiro a uma perdiz que passava muito perto. O companheiro de caça perguntou-lhe com ar algo provocatório: «Então?» Torga respondeu-lhe: «Estava-se-me a desenrolar um poema.» O diálogo que acabamos de citar foi-nos narrado pelo companheiro de caça de Torga, o Padre Avelino.

Também não está a ser totalmente sincero quando em «Vindima» (p. 78) diz: «Relacionar factos e ter ideias em tal momento seria trair os sentidos.», pois, para ele, viver «É encontrar quando nada se procura.» (Torga, 1999: 1729)

Mas, para Torga, caçar, quando estava acompanhado por um amigo, era também um momento de profunda comunhão humana: «a caça aproxima as almas», (Monteiro, 2003: 101) disse Torga ao seu companheiro de caça (padre Avelino) .

E esta aproximação podia chegar ao ponto de destruir ódios:

⁸ Eugénio Lisboa acertou na muche quando escreveu: «A entrega ao jogo, a Eros, ao instinto são, em Torga, apelos igualmente irresistíveis que nenhum sentido do dever será jamais capaz de obliterar.» (Lisboa, 1994: 215)

O conto «A Caçada» (de *Novos Contos da Montanha*) é um paradigmático exemplo do que acabamos de afirmar: «na feira da Vila», o Felismino fez frente ao Marta, e este, sedento de vingança, convidou, algum tempo depois, o Felismino para uma caçada, certamente na esperança de encontrar uma oportunidade para alvejá-lo com um tiro mortal e sem testemunhas. Mas depois de muitas horas em contacto com «O ar, a luz, as fontes e os penedos...» (Torga, 1977a: 77) e na companhia da deusa Diana, o Marta bateu nas costas do seu companheiro e com uma voz «quente como uma baforada de vento suão» disse: «- E ouça: o que lá vai, lá vai...» (Torga, 1991a: 223)

E quando caçava sabia que podia partilhar o fruto da sua caça com outros poetas:

(...)

E sempre em sua casa me regalou
com seu Porto e seu tinto Barca Velha
às vezes galinholas e narcejas.

“*Fui caçá-las para ti*” - dizia. (Manuel Alegre, in Arnaut, 1996: 101)

Há, em Torga, uma enorme capacidade de encontrar frequentemente segredos, que podem, num contexto cinegético, ir de uma plenitude dos sentidos a descobertas arqueológicas (ver Torga, 1999: 1226) ou a novos poemas: «Mas caça para além das lebres e das perdizes. Montes e montes devorados a passos largos e sôfregos. Um suicídio ao contrário: em vida. A empurrar-me, esta dor nos olhos e esta dor no mundo.» (Torga, 1999: 121)

Enfim, acreditamos ser correcto afirmar que os seus versos estão plenos de instinto, e os seus instintos plenos de poesia.

2.3. RELIGIÃO

Amor (...) a palavra mágica (...) escrita em vão duas mil vezes.
(Torga, 1999: 969)

Sois deuses.
(Salmo 82:6)

Torga não é um teólogo, mas em inúmeros textos (em verso e em prosa) dá magníficas «chicotadas de luz» (Torga, 1999: 1087) sobre aspectos fulcrais da religião em geral, e das suas vivências religiosas, em particular.

É em S. Martinho que se constrói o essencial do seu mundo religioso. As leituras e as tertúlias de Coimbra, e a reflexão na prisão do Aljube, também são muito importantes para a formação do pensamento religioso torguiano, mas todas as leituras e tudo o que se passa em Coimbra ou em Lisboa (Aljube) é filtrado e reelaborado na fortaleza que S. Martinho sempre foi para o poeta, e onde ele vai três vezes por ano, totalmente disponível para sentir e reflectir.

Torga deslocava-se, com enorme frequência, a S. Martinho no Natal e na Páscoa e é a partir destas festividades, da postura da população perante a vida e o além, de uma natureza que por vezes atinge a «beleza absoluta» e da presença, a escassos quilómetros da casa paterna, de antas e do santuário de Panóias que o escritor nos dá a conhecer a maior parte da sua religiosidade.

Comecemos pelos espaços arqueológicos.

Quando fizemos a primeira redacção do capítulo sobre o S. Martinho de Anta(s) de Torga, a **arqueologia** surgiu em sub-capítulo autónomo. Mas rapidamente nos apercebemos de que não fazia sentido, pois os sítios arqueológicos que Torga nos descreve são espaços de uma profunda religiosidade.

Panóias, 16 de Setembro de 1979 – (...)E chego a perguntar a mim mesmo se o alvoroço em que fiquei, quando o vi pela primeira vez, foi apenas uma reacção cultural ou era já o crente envergonhado que encontrava emocionadamente um templo de fé descomprometida.
(Torga, 1999: 1406)

Formula-se hoje a rigorosa hipótese que é no homem dolménico que radicam os valores espirituais que ainda nos motivam. A ideia de imortalidade (...) terá sido ele que a teve pela primeira vez.
(Torga, 1999: 1583)

As frequentes visitas arqueológicas realizadas pelo autor de *Portugal*, em espaços do «Reino Maravilhoso» próximos de S. Martinho de Anta(s), relacionam-se, essencialmente, como já referimos, com as construções dolménicas e com o santuário de Panóias.

O autor de *Portugal* considerava que a região de S. Martinho de Anta(s) era o berço da civilização dolménica e via nesta civilização um dos momentos mais altos da História Universal (ver Torga, 1999: 1583). O santuário de Panóias, não tendo significado civilizacional comparável aos monumentos megalíticos, foi, contudo, particularmente importante para as reflexões torguianas. (ver Torga, 1999: 1406)

Com base nos textos inspirados nestes espaços arqueológicos, podemos fazer as seguintes constatações sobre o tão contraditório pensamento religioso do autor de *O Outro Livro de Job*:

- «Os deuses morrem» (Torga, 1999: 789);
- Os deuses são criações «dos homens, que os criam com a fé da ilusão e os analisam depois com a lógica da desilusão» (Torga, 1999: 789);
- «Os deuses são realmente respostas transitórias às nossas perguntas eternas (...) De que mãos os mortais fiam a salvação desde que o mundo é mundo!» (Torga, 1999: 1084/5);
- Torga, que possuía uma «religiosidade atávica» (Torga, 1999: 1393), tinha necessidade de templos «de fé descomprometida.» (Torga, 1999: 1406);
- Não há ressurreição. (Ver Torga, 1999: 1603);
- Estes templos estão repletos de recados dos antepassados (ver Torga, 1999: 1271), através de um «mutismo que (...) é uma homenagem antecipada à nossa imaginação. (...) Tudo o que testemunham está registado em nós, como herdeiros que somos de todo o passado humano. Por isso, é só forçar criativamente a lembrança e trazer à tona da consciência as vicissitudes de uma vida primordial remanescente.» (Torga, 1999: 1372);

- As igrejas organizadas e hierarquizadas devoraram «as consciências atribuladas», e estas não souberam resistir-lhes. (Torga, 1999: 1050). Algo de semelhante diz-nos no romance *Vindima*, quando descreve a deslocação das rogas da montanha para o vale do Douro:

«Inconscientes, pisavam sem qualquer emoção os sagrados altares que antepassados seus, num gesto pânico e preventivo, tinham erguido aos deuses Lapitas. (...) Mas o tempo correrá, o nome das potências eternas mudará, e as novas aras abrirão as bocas devoradoras noutros lugares. As contas com o sobrenatural saldavam-se agora em templos menos escancarados e toscos.» (Torga, 1994b: 10-11).

Contudo, em nota escrita em Panóias, em 21-12-1969, enaltece a evolução «no mundo do pensamento, da sensibilidade e da fé» verificada no seio da igreja católica: «Foi bonito, arrancar destas cruentas aras romanas e chegar ao santo sacrifício da missa! (...) O releixo natural substituído por um cordeiro divino, o acto carnicero de imolação transformado num ritual simbólico, a crença numa potestade sanguinária vivida numa comunhão de esperança. Vamos a ver agora se a humanidade será capaz de ir mais além ainda. Se, fazendo do conhecimento objectivo a exigência suprema, consegue chegar à meta de uma pureza espiritual sem necessidade de holocaustos de qualquer natureza.» (Torga, 1999: 1167)

Pensamos que devemos tirar três conclusões:

- Uma crença e descrença na divindade, questão nunca resolvida por Torga;
- Negação da ressurreição. [Contudo, não acreditar na ressurreição não significa que não se tenha «a certeza da eternidade» (Torga, 1999: 1361) e/ou um «inexprimível sentimento de perenidade» (Torga, 1999: 1667). E, mesmo em relação à ressurreição, Torga não chega a ser completamente claro. Em 14-4-1965, diz-nos em S. Martinho: «É neste ritmo de vida que no íntimo acredito, só nele encontro paz e tenho esperança. O dia de trabalho e a noite de sono, o domingo de repouso no fim da semana afadigada, a morte a alimentar a certeza da ressurreição». (Torga, 1999: 1062)]
- As igrejas organizadas e hierarquizadas devoram «as consciências atribuladas.» (Torga, 1999: 1050)

É fácil apercebermo-nos, no *Diário*, das suas deslocações a S. Martinho no Natal, tendo em consideração que esta festividade é numa data fixa. O mesmo não acontece com a Páscoa. Mas depois de termos procedido a um levantamento dos dias de Páscoa entre 1932-1993 (anos da escrita do *Diário*) constatámos que as inúmeras presenças de Torga em S. Martinho nos meses de Março e/ou Abril coincidem, quase invariavelmente, com a Semana Santa. É o que se passa nos anos de 1938; 1940; 1947; 1948; 1950; 1955; 1960; 1961; 1974; 1975; 1976; 1977; 1979; 1983; 1984; 1985; 1987; 1988; 1989.

Ao escrever sobre o Natal e a Páscoa, Torga não encontra uma resolução para o seu problema religioso, mas talvez possamos dizer que vislumbra uma sólida solução para o seu (e nosso) desespero humano. Sendo um facto que a sua procura religiosa não consegue uma resposta definitiva para a *questão Deus*, e principalmente para a *questão Homem depois da morte* - por um lado tinha um «inexprimível sentimento de perenidade (Torga, 1999: 1667) e acreditava que a «eternidade» estava inscrita no seu «código genético» (Torga, 1999: 1361); por outro, tinha um «sentimento profundo do nada irremediável» (Torga, 1981: 95-6) - o mesmo não se pode dizer em relação à *questão Homem enquanto vivo*. E essa resposta condensa-se na tríade Amor, Verdade e Liberdade, sempre presente na vida e obra de Torga.

Em 5 de Dezembro de 1948, o diarista escreveu: «Filosofia, religião e poesia – três pessoas distintas de uma santíssima trindade una e perfeita. Somente qual das três descera um dia à terra para padecer por nós e nos salvar?» (Torga, 1999: 437). Foi isto que o poeta Torga quis e conseguiu fazer, através da sua palavra mágica, de uma procura filosófica e religiosa sempre descomprometida e de uma conduta quotidiana tão exemplar quanto tal é humanamente possível.

Uma constante na sua postura religiosa era saber até onde deve (e pode) o Homem «assumir a divindade» (Torga, 1999: 1151).

No dia 24 de Dezembro de 1968, em S. Martinho, escreveu no *Diário*:

Há duas passagens nos Evangelhos que sempre me perturbaram. Numa Jesus ensina: “Sede perfeitos como também vosso Pai celeste é perfeito”. Na outra, mais preciso ainda, alude ao Salmo que diz: “Sois deuses”. E, quando leio os versículos, parece-me estar a receber ordens peremptórias de assumir a divindade. (Torga, 1999: 1151)

Encontramos, pelo menos, três momentos na vida do poeta, em que o Orfeu Rebelde assume a divindade dele, doutros grandes poetas e de anónimos que possuíam enorme «sabedoria, bondade e sacrifício.» (Torga, 1999: 1227).

Um é ao escrever o poema «Catequese» [«Reza comigo, se te queres salvar./ (...) Reza comigo, a ler-me e a memorar/ Os versos que mais possam alargar/ O teu entendimento/ (...) Purificada neles, terás então/ No coração/ A paz aliviada que te falta agora. (Torga, 1999:1739)].

Outro, quando afirma na conferência «Panorama da Literatura Portuguesa», realizada no Rio de Janeiro, em 1954, que os poetas dão, por vezes, «respostas eternas às perguntas do mundo.» (Torga, 1969: 98). Esta afirmação torna-se ainda mais significativa se recordarmos que, sobre os deuses, o poeta disse: «Os deuses são realmente respostas transitórias às nossas perguntas eternas.» (Torga, 1999: 1084) e sobre o poder da palavra escreveu: «Sem verbo não há catarse. E sem catarse não há ressurreição.» (Torga, 1999: 1331)

O terceiro, quando regista, em S. Martinho, no *Diário*, em 23-9-1972, talvez inspirado na sabedoria, bondade e capacidade de sacrifício do pai (e, provavelmente também, dele):

Velho leitor dos textos que a Igreja considerava autênticos, e também dos apócrifos, amava neles, não o Cristo oferecido pelo céu à terra, que uns e outros inculcavam com todas as contradições consabidas, mas o que a terra oferecera generosamente ao céu pregado nas quatro direcções de uma cruz. Um Cristo polarizador de tantos e tantos que ficaram anónimos, imolados como ele, construído lenta e penosamente pela sabedoria, bondade e sacrifício de alguns, e pela esperança de muitos. Um Cristo, portanto, a quem de nada valia pedir fosse o que fosse, mas a quem valia sempre a pena dar. Um Cristo divino criado pela nossa superação humana. (Torga, 1999: 1227)

De facto, frequentemente, para Torga a fronteira entre a Divindade e o Homem é muito ténue, como demonstram estas citações. Elas remetem-nos para a enorme grandeza e para a responsabilidade que o autor de *Cântico do Homem* atribuía ao Homem e exigem que perguntemos quais são, na perspectiva torguiana, as principais responsabilidades que temos.

Procuremos, então, as maiores responsabilidades que os textos eminentemente religiosos de Miguel Torga nos apontam. Mas antes, abra-se um parêntese para chamar a atenção para a repetição dos temas Natal e Páscoa porque, não esqueçamos, é inspirado nestas duas festas religiosas que Torga mais escreve, em S. Martinho, sobre o tema religioso; e recorde-se o que o poeta disse em 21 de Março de 1985 sobre a construção das grandes obras:

Falámos da monotonia da vida. Da sucessão dos dias e das noites, da rotação das estações, do revezamento da vigília e do sono, da alternância do nascimento e da morte. (...) Um mundo sempre em mudança irreversível não daria tempo à reflexão e à sublimação. Assim, com gente de várias épocas a contemplar e a mitificar as graças habituais de Abril, é possível chegar-se à síntese emblemática da *Primavera* de Botticelli. (Torga, 1999: 1539/1540)

Concentremo-nos agora no Natal e - sem esquecermos que é impossível dissociarmos as suas descrições do Natal em S. Martinho da dor que sentia perante o espectáculo de pobreza (fome, frio e doença) a que assistia cada vez que visitava a sua «Agarez» - comecemos pelo lado telúrico, que em Torga é particularmente importante. E falar de telurismo no Natal é falar essencialmente de **Lareira**.

Torga tinha lareira não só na casa de S. Martinho, mas também na de Coimbra. Sentimos, em inúmeros textos da sua obra, a importância do calor e do crepitar da lenha a arder na poesia do autor de *Odes*. Aqueçamo-nos, então, com os casos mais paradigmáticos:

NATIVIDADE

(...)
De raízes profanas,
Lume de vida a bafejar a vida,
O seu calor aquece
A única certeza que merece
Ser aquecida... (Torga, 1999: 906)

NATAL

(...)
À volta da lareira
Quantas almas se aquecem
Fraternamente?
Quantas desejam que o menino venha
Ouvir humanamente
O lancinante crepitar da lenha? (Torga, 1999: 1019)

PAZ

Paz de lareira acesa.
A vida sem horário
E os dias aquecidos.
(...)
Tréguas em toda a frente
De batalha.
(...) (Torga, 1999: 1051)

NATAL

Solstício de inverno.
Aqui estou novamente a festejá-lo
À fogueira dos meus antepassados
Das cavernas.
(...)
Consciente da fera
Que nesses tempos idos
Também era,
Imagino um segundo nascimento
Sobrenatural
Da minha humanidade.
Na humildade
Dum presépio ideal,
Emblematizo essa virtualidade.
E chamo-lhe Natal. (Torga, 1999: 1473)

No conto «**Natal**», o velho Garrincha (momentaneamente, S. José) tem uma ceia divina, com broa e um «naco de presunto», na companhia da «Mãe de Deus» e do «divino filho», todos aquecidos pela madeira do andor, transformado pelo «filósofo» Garrincha em lenha para a lareira. (Torga, 1991a: 123-6)

«A braços com os meus fantasmas, que nunca deixam de estar presentes nesta data, vou atiçando o lume na lareira. (...) É meu Pai, é minha Mãe, é meu Avô... Estão sentados a meu lado, calados, num recolhimento letal. (...) A noite é comprida, e nenhum de nós tem pressa.» (Torga, 1999: 1353/4)

E, em nossa opinião, corando estes textos, encontramos em *Odes* o seguinte poema:

Ao Fogo

Chama da inspiração, que me devoras,
Alarga o teu abraço ao mundo inteiro!
Reduz o pesadelo destas horas
A um braseiro
De amor!
Funde no teu calor
A montanha de gelo e de tristeza
Que nos oprime o corpo e o coração.
E que a grande fogueira da beleza
Seja o sol duma nova redenção!

O calor, o crepitar da lenha e a beleza do fogo constituem o quadro ideal para abordarmos o nascimento e a infância. A questão do nascimento e da infância (com extensão até à juventude) é, como pensamos que conseguiremos provar ao longo desta tese, a questão central da obra do escritor e médico Miguel Torga/Adolfo Rocha.

As crianças (e Torga identificou-se com elas ao longo de toda a sua vida) têm que ser tratadas como o «Menino Deus»: «Todos os dias nascem/Meninos pobres em currais de gado./ Crianças que são ânsias alargadas/(...) Humanas alvoradas.../ A divindade é o menos» 24-12-1966. (Torga, 1999: 1099)

É imprescindível que quem nelas pegue, depois do parto, seja uma Constança como a do conto «O Senhor» [«A Constança agasalhou no chaile a nudez limpa da pequena vida que estreava nos seus braços o aconchego do mundo» (Torga 1991a: 237)].

E é necessário que a vida aconteça com alguma semelhança ao Natal, caso contrário o Natal morre «No coração da criança» (Torga, 1999: 1290).

O homem tem de ter um papel activo para que Deus apareça. O homem tem de construir o Natal (ver Torga, 1999: 568). Esse papel exige que não negue os «milagres que fez» (Torga, 1999: 1231) e que acredite «no maravilhoso humano como acreditamos no maravilhoso divino.» (Torga, 1999: 1574). Enfim, precisa de «fazer do conhecimento objectivo a exigência suprema [para] chegar à meta de uma pureza espiritual» (Torga, 1999: 1168).

A repetição do tema Natal [«O eterno milagre/Do nascimento.» (Torga, 1991: 906)] ajuda o poeta a chegar a um espantoso poema, inspirado na filha (que nessa altura contava três anos) e em todas as crianças do mundo:

ESTRELA DO OCIDENTE

Por teus olhos acesos de inocência
Me vou guiando agora, que anoitece.
(...)
Presépio é qualquer berço
Onde a nudez do mundo tem calor
E o amor
Recomeça.
(...) (Torga, 1999: 916)

A Páscoa

Assim como o Natal, tanto a Paixão de Cristo como a ressurreição são interpretadas por Torga de uma forma profundamente distinta da interpretação ortodoxa da igreja cristã.

A Paixão é vista como «A história agónica de todos os homens, vivida simbólica e paroxisticamente por um só.» (Torga, 1999: 1557). Cristo foi «construído lenta e penosamente pela sabedoria, bondade e sacrifício de alguns, e pela esperança de muitos (...) Um Cristo divino criado pela nossa superação humana.» (Torga, 1999: 1227)

A Ressurreição é particularmente telúrica em Miguel Torga. O cenário do Natal é, essencialmente, a casa, à volta da lareira. O da Ressurreição é o campo, com as flores, os pássaros e os primeiros sinais de «calor no corpo entorpecido» (Torga, 1999: 976) que é também um calor metafísico, tal como o da lareira. Mas é fundamental não esquecermos que a sensualidade que encerra «este calor no corpo entorpecido» é fundamental para a religiosidade de Torga. Maria do Carmo Azeredo Lopes é muito assertiva em relação ao binómio religião-sensualidade na obra de Torga. Há duas passagens particularmente esclarecedoras no seu ensaio *Facetas da sensualidade e do amor na poesia de Miguel Torga*:

- «Essa humanização do divino pela sensualidade transparece até a propósito da visualização da estátua de Santa Teresa de Bernini» (Azeredo Lopes, 2007: 129);

- Essa sensualidade transborda e da mulher passa à natureza, às divindades, à própria vida.» (Azeredo Lopes, 2007: 138-9).

Vejamos o contexto das palavras-chave da Páscoa, todas elas fortemente ligadas ao «mistério da vida» e à «ressurreição»:

Giesta e tojo - «Vamos, ressuscitados, colher flores!/ Flores de giesta e tojo, oiro sem preço...» (2-4-1961 – Domingo de Páscoa) (Torga, 1999: 976)

Seiva - «A seiva acorda, nada está perdido» (2-4-1961) (Torga, 1999: 976 – Domingo de Páscoa)

Camélias – «Melro arisco e feliz/ Que, na brancura/ Pura/ Das camélias,/ Chocas ovos pascais/ Galados de ressurreição,» (30-3-1975 – Domingo de Páscoa) (Torga, 1999: 1294)

Rosas e doçura da natureza – «O auto da Paixão num pobre lugarejo transmontano (...) A tarde estava de rosas e essa doçura da natureza emoldurava harmoniosamente aquela lúdica catarse colectiva.» (11-4-1974 – 5ª feira santa) (Torga, 1999: 1270)

Polén – «Aleluia! (...) É um alvoroço que se vai alastrando, alado e fecundante como o polén que passa em turbilhões...» (8-4-1950 – Sábado de Aleluia) (Torga, 1999: 515)

Sol – «Uma Semana Santa de invernã, negra como o pano da Paixão, e de repente um sábado de aleluia cheio de sol.» (5-4-1947 sábado de Aleluia de). (Torga, 1999: 375)

Flores, Frutos e Primavera – «Alegria das flores antes dos frutos.../ Gratuita confiança.../ Quem te fez tão criança/ Na Primavera, Vida enrugada e triste?» 17-4-1960 – Domingo de Páscoa) (Torga, 1999: 954)

Xisto - «Vim acabar o dia da Ressurreição nesta cama de xisto.» (28-3-1948 – Domingo de Páscoa) (Torga, 1999: 412)

Esta espantosa força da natureza leva o poeta a escrever, no Domingo de Páscoa de 1961, o poema:

CONVITE

Vamos, ressuscitados, colher flores!
Flores de giesta e tojo, oiro sem preço...
Vamos àquele cabeça
Engrinaldar a esperança!
Temos a primavera na lembrança;
Temos calor no corpo entorpecido;
Vamos! Depressa!
A vida recomeça!
A seiva acorda, nada está perdido! (Torga, 1999: 976)

(Quando Torga vai a S. Martinho, a sua seiva acorda e ele escreve poesia e prosa da maior importância.)

Repare-se na afinidade entre este poema («Convite»), «Estrela do Ocidente» e «Ao Fogo». Nos três, o tema central é o recomeço do «amor»/«vida»: «E o amor/ Recomeça» (Estrela do Ocidente); «A vida recomeça!» («Convite»); «Reduz o pesadelo destas horas/ A um braseiro/ De amor!» («Ao Fogo»)

Repare-se, também, na afinidade entre dois textos em prosa, um sobre o Natal e o outro sobre a Páscoa, e que expressam exemplarmente a importância que o poeta do comunitarismo atribuía às manifestações gregárias:

Coimbra, 24 de Dezembro de 1985 –O homem necessita cada vez mais destas datas sagradas. Para reencontrar a santidade da vida, deixar vir à tona impulsos religiosos profundos, comer e beber ritualmente, dar e receber presentes, sentir que tem família e amigos, e se ver transfigurado nas ruas por onde habitualmente caminha rasteiro. São dias em que estamos em graça, contentes de corpo e lavados de alma, ricos de todos os dons que podem advir de uma comunhão íntima e simultânea com as forças benéficas da terra e do céu. (Torga, 1999: 1551).

S. Martinho de Anta, 8 de Abril de 1950 – Aleluia! O repicar dos sinos de dezenas de freguesias e o estralejar de foguetes de todo o distrito chegam ao cimo destas serras onde descanso. É um alvoroço que se vai alastrando, alado e fecundante como o polén que passa em turbilhões, e que põe em comunicação telepática o mundo vegetal.

(...)

A vida precisa de vez em quando de sobressaltos assim, simbólicos e promissores. Periodicamente atada como um feixe por certos vincilhos tradicionais e optimistas, ficam mais fraternos os seus vimes, mais unidos os seus nervos. Aleluia! E a palavra,

em si, tem já um magnetismo de aliciação. Justifica a primavera que vem, promete flores e frutos. (Torga, 1999: 515/6).

Pensamos que o homem necessita cada vez mais de textos como estes... Mas têm que ser divulgados, lidos e reflectidos.

Concluindo, parece-nos correcto afirmar que a maior responsabilidade que os textos religiosos de Miguel Torga (que se identificou com o Menino Jesus e com Cristo) nos aponta é a de, incansavelmente, procurarmos a «nossa superação humana» (Torga, 1999: 1227), e assim evitarmos que «a palavra mágica» - amor - continue a ser «escrita em vão.» (Torga, 1999: 969).

2.4. EXEMPLOS

*Últimos abencerragens de um mundo ao mesmo tempo maravilhoso e adverso, que os
descendentes se negavam a continuar (...)*

(Torga, 1981 :149)

Quero o que não posso obter com palavras: o absoluto.

(Torga, 1999: 898)

*O povo que emerge dos seus contos portentosos é um misto do melhor e do pior que o
bicho homem até agora congeminou.*

(Lisboa, 2007a: 36)

É neste micro mundo, circunscrito quase exclusivamente ao espaço da freguesia, que a população de S. Martinho encontrava, tal como os pais de Torga, o «centro físico e metafísico» (Torga, 1981: 24). E é este centro que Torga nos apresenta exaustivamente através da magia das suas palavras.

No prefácio aos *Novos Contos da Montanha*, o escritor diz:

Na tua ideia, o que escrevo, como por exemplo estas histórias, é para te regalar e, se possível for, comover. Mas quero que saibas que ousei partir desse regalo e dessa comoção para te responsabilizar na salvação da casa que, por arder, te deslumbra os sentidos. (Torga, 1991a: 9)

O Orfeu Rebelde, directa e indirectamente, responsabiliza muitas vezes os seus leitores. Esta, talvez, uma das razões por que muitas pessoas fogem à leitura da obra torguiana - pensam que ele somente nos exige esforço e sacrifício, e esquecem-se que também nos responsabilizava por não tirarmos mais partido do lado lúdico da vida. Em Maio de 1946, escreveu, no *Diário*: «No seu sentido mais profundo, a vida é bela e alegre (...) apegados como estamos à aparência de tudo, esquecemos a voz do profundo, e ouvimos deliciados o som da superfície. Temos o vício da tristeza.» (Torga, 1999: 344)

Laborinho Lúcio, no seu livro *Educação, Arte e Cidadania*, afirma, depois de chamar a atenção para a complexidade da educação, que «para educar uma criança é precisa toda uma aldeia!» (Lúcio, 2008: 25). E a aldeia da infância de Adolfo Rocha desempenhou exemplarmente as funções de *Comunidade Educativa*. Ela tinha quanto baste de pessoas (onde não faltavam muitas crianças), de actividades profissionais e de organização. Os exemplos dados por esta *Comunidade Educativa* ao jovem Adolfo e, mais tarde, ao escritor Miguel Torga, foram de uma diversidade e profundidade enormes e estão magistralmente descritos em muitos dos seus *Contos*, n' *A Criação do Mundo -1º Dia*, na peça de teatro *Terra Firme* e em muitas entradas do *Diário*.

Um provérbio chinês assegura-nos que «Estudar na solidão das montanhas vale menos que ficar nas encruzilhadas dos caminhos e ouvir as palavras dos Homens.» (Letria, 2001: 54). Nós acrescentaríamos: e observar os seus comportamentos.

E de tudo o que ouviu e observou, o que terá empolgado e desesperado mais Miguel Torga?

Os absolutos negativos estão nas muitas situações que levam ao suicídio (contos «Solidão», «Vinho», «Repouso» e «Milagre»), ao crime (contos «Amor», «O Cavaquinho» «O Alma Grande», «O Leproso», «O Lopo», «A Confissão» e «Teia de Aranha») e à violência extrema («A Ressurreição», «A Promessa», «A Paga», «A Revelação», «Madalena» e «Névoa»). Parece-nos que o lado «mais infinito» (Gedeão)

aparece menos vezes. A vida para lá do Marão era, na primeira metade do século passado, demasiadamente dura. (Talvez fosse essa uma das razões por que o poeta buscava desesperadamente uma compensação na poesia e na religião *descomprometida*.) Repare-se no que o autor do conto «O Leproso» nos diz sobre a vida dos montanheseis:

Eram todos amigos, daquela amizade possível entre gente rude e sacrificada, sem licença para aventuras intensas do coração e do entendimento. Escravos de uma terra hostil e de uma sociedade hostil, simples e toscos instrumentos de produção nas mãos injustas da vida (...) (Torga 1991a: 67).

Mas, pensamos que ainda mais esclarecedoras da miséria extrema da esmagadora maioria da população da Montanha são três passagens muito sucintas de três obras do «cronista de um mundo que nem me pode ler.» (Torga, 1991a: 9)

- «Se eu andasse como estes garotos a roer leitugas pelas valetas, teria olhos para contemplar por um momento sequer aqueles cumes maravilhosos?» (Torga, 1999: 347)

- «Pelas frinchas da casa o vento ia dando punhaladas traiçoeiras.» (Torga, 1987: 61)

- «As otites e os panarícios rebentavam por si, ao cabo de uivos que faziam estremecer o granito das casas.» (Torga, 1970: 108)

Os exemplos de **amor** estão particularmente próximos de Torga com as pessoas do «solar de família», mas o contista soube observar e descrever muitas outras espantosas manifestações de afecto, que lhe permitiram escrever: «A Maria Lionça», «Jesus», «Um filho», «Fronteira», «Renovo», «O Artilheiro» e «O Senhor».

Em «**Um filho**», Rebel (o pastor que cheirava «a urzes» e que tinha «ar de lobo» (Torga, 1987: 72) diz, em dois contextos distintos, à sua jovem mulher (Júlia): «Nem há riqueza como a nossa, ó Júlia!» (Torga, 1987: 72, 80). E a riqueza do Rebel e da Júlia consistia em três tesouros que o autor de *Cântico do Homem* considerava fundamentais para que a vida seja empolgante: a montanha, com fragas, ar, neve, gado, urzes e craveiros; uma casa que, graças ao amor, ao trabalho e à higiene, pareça «O Palácio da Ilusão» (Torga, 1987: 72); e, por último, um filho (a notícia que Júlia dá ao marido, de que ia ser pai, leva-o a encher «tanto o peito de ar, que parecia que engolia o mundo.» (Torga, 1987: 75)

Em «**Fronteira**», terra de contrabando, o amor do guarda fiscal Robalo (recém chegado a Fronteira) pela namorada contrabandista (Isabel) e, principalmente, pelo filho de ambos, leva o Robalo a abandonar as suas convicções de zeloso guarda fiscal, passando a aderir à «lei da terra» (Torga, 1991a: 36). Neste conto, Torga, mais uma vez, reforça a sua convicção de que o rosto eterno das pessoas tem sempre ternura: «o coração dos homens, por mais duro que seja, tem sempre um ponto fraco por onde lhe entra a ternura.» (Torga, 1991a: 30).

« - Sei um ninho!» (diz o menino «**Jesus**», que seria, certamente, um dos muitos meninos Jesus que Torga conheceu, mas que ficaram anónimos). Este pequeno-gigante conto de «Bichos» (tem três páginas) junta magistralmente o amor materno («A Mãe bebia as palavras do filho, a beijá-lo todo com a luz da alma.»), ao contacto com a natureza (ovelha, pintassilgo, cedro) e com objectos etnográficos (roca e fuso de linho) e ao milagre do nascimento: «ao simples calor da sua boca, a casca estalara ao meio e nascera lá de dentro um pintassilgo depenadinho.» (Torga, 1995b: 81-3).

O exemplo da coragem do amor é-nos dado no conto «**O Artilheiro**». O Artilheiro (Carlos Pinto) era, na opinião de Guiomar, um «meio-alqueire» e ela dizia que «quando casar , há-de ser com um homem que me aqueça os pés» (Torga, 1991a: 176) . Mas o «meio-alqueire», na primeira ocasião que encontrou, com a sua paixão e «força sem dispersão, rápida, concêntrica e desfibrada» (Torga, 1991a: 178), «em vez de lhe aquecer os pés, aqueceu-lhe o corpo inteiro» (Torga, 1991a: 177). E, desta forma, a coragem do amor dos dois foi suficiente para enfrentarem as primeiras palavras que Adriano dirigiu àquele que em breve seria seu genro: «Ó meu excomungado! Meu ladrão, que te bebo o sangue!» (Torga, 1991a: 181).

O oposto desta coragem do amor encontramos-lo no conto «**Destinos**», de *Novos Contos da Montanha*. O personagem sem nome (é referido por «ó Coiso» e «o coitado») era «uma natureza tímida, incapaz de um acto rasgado e levado ao fim.» (Torga 1991a: 86) e desta forma nunca conseguiu manifestar à Natália o amor que lhe tinha. Depois do casamento da Natália com uma segunda opção (o João Neca) «o coitado (...) parecia viver de alma viúva.» (Torga, 1991a: 87-8).

Depois do amor, o exemplo positivo que certamente se impunha com mais força a Torga era o do **sentimento telúrico**. São raros os Contos passados na Montanha que não possuem um riquíssimo léxico telúrico (e etnográfico). E essa profunda ligação à terra caracterizava-se por duas especificidades aparentemente antagónicas: um individualismo feroz, mas, ao mesmo tempo, um intenso socialismo fraterno (ver Torga, 1987: 192) que, entre outras manifestações, se caracterizava por uma profunda e diversificada entreaajuda nas actividades agrícolas.

Torga diz-nos que quem não ficasse na sua freguesia e não se dedicasse com paixão às courelas era um proscrito. (ver Torga, 1987: 21-2). E aprofunda esta ideia em *Terra Firme* quando «Tia Guilhermina» ao tentar mostrar ao marido que se ele não vendesse uma terras para as quais havia comprador muito interessado, o filho, depois da morte dos pais poderia vendê-las. A resposta do «Tio António» é concludente: «Voltava cá a este mundo! Se o que é meu fosse parar à mão de estranhos, nem a terra me comia!» (Torga, 1977: 47)

Adolfo Rocha, que se apaixonou pelo mar em Leça (quando o viu pela primeira vez – contava 10/11 anos) não era um genuíno representante da *Montanha*, pois esta desprezava os seus filhos que optassem por uma actividade no alto mar. Entre uma vida no mar ou no Brasil, antes viver no noutro lado do Atlântico, porque, ao menos aí, estava-se num «chão que fazia parte da cosmogonia de Galafura.» (Torga, 1987: 21/22)

Em «**O Senhor**» encontramos outra espantosa descrição da forma como os homens do «Reino Maravilhoso» sentiam a terra:

O engate da aiveca saltava no pé da vara, a relha mudava de direcção, e a terra abria-se noutro golpe fresco, odoroso e largo.

- Que tal está ela? – perguntava o Raboto, o último da povoação a semear.

- Boa!

E as narinas do da rabiça alargavam-se numa luxúria casta, de bicho a cheirar o ninho.

(Torga, 1991a: 225)

Sabedoria Popular

Na aldeia da ficção torguiana há essencialmente cinco pessoas sábias: o pai, Ti António de *Terra Firme*, o Caçador (do conto com o mesmo nome), o Firmo de «Homens de Vilarinho» e o senhor Botelho.

Em relação ao pai, refira-se uma passagem d'A *Criação do Mundo – O sexto Dia*, já citada: «Lia nos astros melhor do que eu nos livros. Movia-se no mundo na paz de quem o entendia de todas as maneiras.» (p. 30)

O Ti António é a figura central de uma obra torguiana pouco referida (*Terra Firme*), mas, em nossa opinião, muitíssimo valiosa para a compreensão da realidade das aldeias transmontanas da primeira metade do século XX: o significado da posse da terra, as relações de vizinhança, as classes sociais, a condição feminina, as festas comunitárias e a filosofia de algumas das suas figuras mais destacadas.

Repare-se nas sínteses «perfeitas e penetrantes» de ti António sobre assuntos capitais:

- o destino: «O destino talha-o cada qual por suas mãos, conforme quer.» (p. 28)

Torga diria exactamente o mesmo num contexto erudito e em toada heróica em *Poemas Ibéricos*: «Somos nós que fazemos o destino./ Chegar à Índia ou não/ É um íntimo desígnio da vontade.» (p. 44)

- a verdade: «Somos feitos desta maneira... O que nos interessa, tem de ser verdadeiro, à força! Desde que uma pessoa queira a valer seja o que for, não há voltas a dar-lhe: lê branco onde diz preto.» (p. 68)

- a crítica e a auto-crítica: «Todos temos defeitos. E às vezes aqueles que se julgam mais limpos é que estão mais emboldregados... Não. Ninguém tem o direito de escarnecer do semelhante, seja ele quem for. E muito menos com a cara tapada...» (p. 76) (Isto é afirmado no contexto da festa do Entrudo, em que os jovens transmontanos se apresentam de máscara.)

- a análise psicológica: «O Entrudo... A confissão geral do povo...». E os exemplos espantosos que nos dá, levam-no à exclamação: «Entenda a gente este andamento do mundo!» (p. 75)

[E, na mesma obra (*Terra Firme*), a Tia Guilhermina refere-se à alegria, nos seguintes termos: «A alegria é meio alimento.» (p. 39)]

Tafona, um veterano de oitenta anos (e que já tanto nos ajudou a compreender o Torga caçador), entendia o mundo quase tão bem quanto o pai de Torga. Vivia acima das

intrigas da aldeia. Mas uma das suas mais interessantes características residia na forma despreconceituada com que encarava a sexualidade:

Infelizmente, só ele é que entendia de uma maneira assim inocente as coisas que tinham intimidade de ninho e calor de seiva. Porque a aldeia, que olhava compreensivamente as reses alevantadas, diante de uma rapariga cega de amores erguia-se como se visse um crime. (Torga, 1991a: 59)

Travassos, o melhor representante desta atitude preconceituosa da aldeia, ao tentar impedir um encontro na vinha, com «intimidade de ninho e calor de seiva», entre a Matilde e o Avelino, deparou-se com o Ti Tafona que, apontando-lhe a arma ao peito lhe disse: « Alto, e nem tugar nem mugir! Aquelas coisas querem-se na paz do Senhor...» (Torga, 1991a: 63)

Até onde terá esta postura do Caçador ajudado o autor de *Odes* e de *Nihil Sibi* a escrever:

A VÉNUS

(...)
Vem, grega sabedoria dos sentidos!
Sem pecado e sem vício, mostra erguidos
Os instintos, a forma e a paixão!
Filha de artistas e da natureza, (Torga, 1977a: 56)

e

CÂNTICO DE AMOR CARNAL

(...)
Morto de amor, no espasmo,
Virás depois à tona acrescentado.
O corpo, no clarão, purificado;
O espírito coberto doutro manto! (Torga, 1975: 47)

Firmo, de «Homens de Vilarinho», é também um sábio. Amante da «vastidão do mundo», tem uma total compreensão pelo amor «absoluto» do padre João à freguesia e à casa/lar. Diz-lhe o padre:

«Eu, fora cá da minha freguesia, nem latim sei.». E, mais adiante: «Eu vou à Vila, ando por lá a dar as voltas precisas, e às duas por três tenho fome. Entro no Gaitas e como uma malga de tripas. Pois acredita que nem as tripas me sabem. Há lá nada como a nossa casa! (...)

Firmo calou-se. O amor daquele homem à terra era tão absoluto como o seu próprio amor à vastidão do mundo. Para quê discutir?» (Torga, 1987: 48, 54).

A escola de S. Martinho (leia-se, o mestre – senhor Botelho), apesar de possuir vários defeitos [como «A mestra palmatória» (Torga, 1986a: 7)], ensinou ao jovem Adolfo Rocha muitas coisas importantes:

- ler e escrever exemplarmente: «Quarta classe extraordinária» (Torga, 1994a: 81);

- «os caminhos da pátria» (Torga, 1981: 165);

- «o alto significado da festa da árvore» : «*Ó escolas, semeai!... (...) E ouvíamos a prelecção patriótica com ar compenetrado. Íamos ser em breve os obreiros do futuro, a esperança em marcha, os homens de amanhã. Tudo no acto simples de aconchegar uma raiz à terra...*» (Torga, 1999: 18).

E, referindo-se à sabedoria do povo em geral, o autor dos *Contas da Montanha* diz: «É escusado. Por mais que leia e releia, nada consigo aprender com a sabedoria dos sábios que o povo já não tenha plasmado num rifão.» (Torga, 1999: 1563)

Já trinta e dois anos antes o escritor transmontano tinha escrito sobre os rifões em *Traço de União* («Trás-os-Montes no Brasil»): Foram precisas muitas gerações, muitos séculos de logro e de desilusão, para chegar a sínteses tão perfeitas e penetrantes», onde há sempre «densidade do conteúdo, finura de observação, perspicácia psicológica, originalidade metafórica» e não raras vezes «sarcasmo impiedoso e complacente ironia» (Torga, 1969: 62).

Parece-nos que Torga só algumas vezes podia acreditar na afirmação «nada consigo aprender com a sabedoria dos sábios que o povo já não tenha plasmado num rifão». Caso contrário, como explicar que até ao fim da vida fosse um insaciável leitor da literatura erudita? De qualquer forma, estas afirmações que acabámos de citar revelam bem a extraordinária importância atribuída por Torga à sabedoria popular.

Registemos outra discordância com Torga. Parece-nos incorrecto atribuir a autoria dos rifões ao povo em geral. Os rifões, em Portugal ou em qualquer outro país, foram seguramente elaborados por uma elite intelectual popular; por pessoas como o pai de Torga, o «Ti António» e o «Tafona».

Mas os sábios encontravam-se também entre os bichos. É o caso de «Bambo», que ensinou ao Tio Arruda «a ciência da vida», isto é, que «as noites» não são «escuridão apenas». O milagre dos transes da transmutação germinativa que ocorrem «no coração da noite» (Torga, 1995: 63-66) vamos também encontrar nas noites (muitas vezes repletas de insónias) de Torga, como veremos no capítulo sobre Coimbra. São estas lições de Bambo que ajudam o «Tio Arruda» (e Torga, também) a evadirem-se da prisão do «útil» e do «bom senso» e a libertarem-se «do interesse gregário que procura a mera sobrevivência». (Ferreira, 2007: 33)

E entre as plantas também há mestres. É o caso do Negrilho: «Na terra onde nasci há um só poeta./ (...) Esse poeta és tu, mestre da inquietação/Serena!» (Torga, 1999: 743)

E no reino mineral há, igualmente, mestres. Veja-se o caso, já citado aquando falámos da Natureza, das fragas: «Sempre que, prestes a sucumbir ao morbo do desalento, toco uma destas fragas, todas as energias perdidas começam de novo a correr-me nas veias. É como se recebesse instantaneamente uma transfusão de seiva.» (Torga, 1999: 1145)

O **estoicismo** de muitas pessoas de S. Martinho é outro absoluto para o poeta admirador de Séneca. Pensamos que tal como **Maria Lionça**, Torga quis ter um sofrimento «levado aos confins do possível», porque não queria ficar desenraizado «do torrão nativo» (Torga, 1987: 17), pois só assim poderia dar um importante contributo para a «salvação da casa» (Torga, 1991: 9).

Maria Lionça também nos ensina que na vida, aconteça o que acontecer, há que manter a «regularidade do fio» (Torga, 1987: 21); ele está perto de nós e quase só depende de nós próprios.

Consideramos oportuno colocar, neste momento, a seguinte questão: qual seria o fio que Torga precisava de manter com enorme regularidade e que estava ao seu alcance? Parece-nos que Torga utilizava três fios, imprescindíveis para o seu equilíbrio: a medicina, a escrita e a ruralidade (tratar da sua horta e jardim, e caçar).

Outro espantoso exemplo de estoicismo que Torga encontra na Montanha é o de Felisberta, protagonista de «**Renovo**». Pedro, o filho, fora também apanhado pela epidemia que diariamente devorava a vida de várias pessoas da freguesia. Mas

Felisberta - «sem homem, sem filhas, sem netos, cheia de lágrimas, de dívidas, e cansada até à última fibra do coração» (Torga, 1991a: 143) – conseguiu manter viva a esperança de Pedro, que desta forma venceu a morte.

Estoicismo, também comovente, é o da protagonista do conto «**O desamparo de S. Frutuoso**», que nem direito a nome tinha, nem tão pouco a alcunha. Esta mulher, que «mal se poderia considerar uma pessoa humana», cegara de uma vista, e num seio «um caroço cada vez crescia mais» (Torga, 1987: 201). No início de ambas as doenças pedira protecção a S. Frutuoso, mas sempre em vão. Contudo, talvez porque acreditava «que há-de haver uma lei que nos governe» (Torga, 1987: 205), nunca desesperou e foi a única pessoa da terra com disponibilidade para proteger a imagem do santo, vítima de chuvas ininterruptas durante quatro meses.

O sofrimento para além dos «confins do possível» (Torga, 1987: 17)

Nos contos «Solidão», «Vinho», «Repouso» e «Milagre» o sofrimento é levado além «dos confins do possível».

O solitário Duro, do conto «**Solidão**», enforca-se, no dia de Natal, «na trave da loja onde o Luciano, bêbado, lhe secara na alma a razão de viver» (Torga, 1987: 137) com a informação de que a mulher não lhe era fiel.

O problema do alcoolismo entre os homens da Montanha foi, por razões óbvias, outra das grandes preocupações de Torga. No conto «**O Vinho**», o protagonista, Abel, morre/suicida-se em consequência dum incêndio que ele próprio provocou, mas sem deixar de sentir uma enorme culpa (ver Torga, 1987: 151) e «incómodo» por não estar a ser «fiel à dignidade da espécie». (Torga, 1987: 152)

O Lomba (do conto «**Repouso**») que, para quem soubesse olhá-lo, tinha «uma humanidade estuante, larga, generosa» (Torga, 1991a: 44), despeja «a pistola no céu da boca» depois de compreender que os adultos que conhecia, e que o temiam porque não o compreendiam, eram crianças frágeis e egocêntricas, e que havia um «garoto» de nove anos que tinha «vontade», (Torga, 1991a: 50) que sonhava e que não se deixava intimidar.

E a Raquel (do conto «**O Milagre**»), «Humilhada no que havia de mais profundo na sua condição de mulher» (o desejo de ser mãe) (Torga, 1991a: 162), suicida-se, lançando-se dum despenhadeiro, após anos num «íngreme calvário» psíquico «subido entre noites negras de demência e dias claros de incerteza.» (Torga, 1991a: 172) Alcançou, graças ao suicídio, a paz possível dos que sofrem para além dos «confins do possível» (Torga, 1987:17); e deixou o seu marido (Pedro), que presenciou o acto, nas mãos do destino, o qual se servira do coração de Pedro «como dum castiçal, onde fizera arder até ao fim do pavio a vela da ilusão e da esperança.» (Torga, 1991a: 169)

Mortes violentas: «Amor», «O Cavaquinho», «O Alma Grande», «A Confissão»; «O Lopo», «O Leproso», «Teia de Aranha», e «Ramiro».

Matar alguém é sempre um acto absoluto, mas os crimes nos contos «O Alma Grande», «A Confissão» e «Teia de Aranha» são absolutos com uma culpa a que poderíamos chamar de longa duração.

«**Amor**». A «volúpia de irresponsabilidade» (Torga, 1995b: 43) da Lúdia e o amor e machismo do Verdeal e do Lúcio levam a um duplo assassínio.

«**O Cavaquinho**». O Ronda [«o homem mais pobre de Vilela» (Torga, 1987: 57)] prometeu ao filho (Júlio) uma prenda pelo Natal. «O rapaz ouviu-lhe a jura desconfiado. Apesar dos dez anos, já conhecia a vida. Uma prenda, se nem dinheiro havia para broa!» Mas se a recebesse teria nas mãos «não a malga de caldo habitual, mas qualquer coisa de inesperado e gratuito (...) a irreabilidade da riqueza na realidade duma pobreza conhecida de lés a lés.» (Torga, 1987: 59-60). O Ronda cumpriu a promessa, mas o Júlio não chegou a receber a prenda porque o pai, no regresso da feira dos 23, foi morto e «no sítio onde caíra com a facada lá ficara, ao lado dum cavaquinho (...)» (Torga, 1987: 62).

«**O Alma Grande**», ao longo de vários anos considerou uma «missão sagrada» (Torga, 1991: 20) ser um «abafador». E quando não conseguiu abafar o Isaac, «Atravessou a sala cabisbaixo, longe da majestade trágica das outras vezes. Deixava atrás de si a vida, e a vida não lhe dava grandeza.» (Torga, 1991a: 22). Parece-nos oportuno referir aqui uma passagem do discurso de Torga, na Universidade de Coimbra, aquando do 1º centenário da abolição da pena de morte em Portugal. Matar, diz-nos o poeta-médico, é

«o único gesto absoluto que o homem pode fazer, e não deve nunca fazer». (Torga, 1999: 1116).

«**A Confissão**» fala-nos da cobardia e maldade de Reinaldo (autor dum crime atribuído a Bernardo) que, sem remorsos, vive «no aconchego das coisas familiares» (Torga, 1991a: 156), na aldeia de ambos, Fontela, sabendo que Bernardo, para evitar a prisão estava há décadas fugido, algures, para lá da fronteira.

«**O Lopo**» «- Perdeste – anunciou sem rodeios o Dr. Canavarro, quando o Lopo entrou» (Torga, 1991a: 91). Em causa estava a disputa, com um vizinho, de uma mina de água que o Lopo tinha aberto «Deus sabe com quanto esforço» e que sentia como fazendo parte do seu corpo [(«era como que uma veia aberta do seu próprio corpo.» (Torga, 1991a: 95)]. Como o tribunal de Lisboa não lhe prestou justiça, ele próprio se encarregou da resolução do caso. Depois de, com um tiro, ter deixado morto, sobre «uma videira», o homem que «consequia ter Portugal nas mãos quase sem sair da terra» (Torga, 1991a: 98), foi a casa despedir-se da mulher: «passo a fronteira ainda esta noite. Embarco em Vigo. Não levo nada, para ir mais leve e ninguém desconfiar. Tu ficas aqui, muito calada, até eu dar notícias. Adeus, e não chores.» (Torga, 1991a: 99)

O mais longo conto da Montanha («**O Leproso**») é, provavelmente, o mais implacável dos contos torguianos no que respeita à crítica às comunidades rurais em particular, e à crueldade humana em geral.

Quando em Loivos se confirmou a doença de Julião, de imediato o gafado ficou «só, danado, excomungado, olhado como um inimigo repelente.» (Torga, 1991a: 68); não aceitavam que a terra tivesse «um testemunho (...) de que nela cresciam tão negros males» (Torga, 1991a: 71).

Julião, que sentia, com o passar do tempo, «um maior apego à vida» (Torga, 1991a: 71), ficou com «uma raiva funda a Loivos» (Torga, 1991a: 71). Por esta razão, resolve - depois de, a conselho de uma velhota, ter tentado, sem sucesso, tratar-se com uma imersão em azeite – vender o óleo ao «vendeiro» de Loivos.

Quando a população teve conhecimento do historial do azeite que andava a consumir «a terra inteira, irredutivelmente, determinou que aquele filho vil nunca mais lhe pisasse o chão.» (Torga, 1991a: 77)

Julião, ao sentir que a morte estava próxima, «começou a arrastar-se em direcção ao berço» (Torga, 1991a: 78). É então que se assiste a paroxismos de violência por parte da população: «Armados de forquilhas e de enxadas, batiam maciços, procuravam nas minas, numa excitação raivosa de cães de caça». (Torga, 1991a: 79) E, depois de o cercarem com um anel de carquejas a arder: «foi uma embriaguez de vingança e de animalidade. Uma vez que a fogueira se erguera, todos a queriam atear mais, cegos de calor e de irresponsabilidade». (Torga, 1991a: 80)

«**Teia de Aranha**». Artur, para herdar rapidamente o património do seu tio Bento Caniço, mata-o e enterra-o nos alicerces do muro que estava a levantar no «lameiro da ribeira.» (Torga, 1991a: 186).

O pastor «**Ramiro**» recebeu diariamente [no Marão, «o deserto do som» (Torga, 1995b: 101)] uma lição de «irremediável afonia cósmica» (Torga, 1995b: 100). O convívio de Ramiro com a aldeia não foi suficiente para que a sua «larga e fina boca» deixasse de lembrar «um longo golpe cicatrizado.» (Torga, 1995b: 103) Esta realidade não lhe permitiu comunicar a Rosa o «desejo que o roía» (Torga, 1995b: 101), nem consentiu uma catarse e uma compreensão que lhe evitassem o recurso ao assassinio para resolver o conflito com o Ruela. «Ramiro» é um dos contos torguianos onde a apologia (implícita) da palavra é mais forte.

Violência extrema

Em «**A Paga**», a honra da família foi manchada quando Arlindo (de Vale de Mendiz) ofendeu a virgindade de Matilde [«Mas com quem o Arlindo se foi meter! Com os de Litém, gente capaz de limpar uma nódoa com as lágrimas de Cristo!» Torga, 1987: 114)

Os irmãos de Matilde, emigrantes no Brasil, são convocados pelo (velho) pai para limparem a *nódoa* que tinha sujado a honra da família. Poucas semanas depois, Lintém recebe a notícia de que o Cândido e o Albino tinham chegado do Brasil. E, passados poucos dias, Vale de Mendiz vê o Arlindo entrar na aldeia «numa manta, capado.» (Torga, 1987: 118)

A solidão absoluta da Joana (do Conto «**Névoa**») - perante ela própria [«tão feia, tão mísera e tão infeliz» (Torga, 1991a: 127)], perante o marido [asmático, ao pé de quem

«se tinha remorsos de respirar normalmente.» (Torga, 1991: 128), e que viria a morrer quando a Joana «andava grávida da filha.» (Torga, 1991a: 127)] e perante a filha, que, apesar de não ter conhecido o pai, se gabava «de o ter vivo no coração» (Torga, 1991a: 132) e recriminava a mãe por ter esquecido o marido (ver Torga, 1991a: 131-2) – levou-a a dirigir-se ao maioral de um rancho de vindimadores, que se dirigiam para a ribeira, nestes termos:

- Vossemecê quer mais uma mulher na roga? – perguntou, desesperada, ao maioral.

- Quero, quero! Mas é preciso que ela ainda distinga os bagos das folhas...

A velha Joana sorriu com brandura. Depois, humildemente, disse:

- Distingo. Mas, se me enganar, dê-me um empurrão e atire-me aos boleirões ao Doiro.

É um favor que me faz. (Torga, 1991a: 134)

A imponderabilidade de adormecidos conflitos conjugais e/ou profundas frustrações podem vir à superfície bruscamente, atropelando irreparavelmente a sensibilidade dos filhos. Foi o que aconteceu à Natália, do conto «**A Revelação**», depois de ter recebido de Artur, seu padasto, «num gesto seco, brusco (...) e sem uma palavra», a revelação de quem era o seu progenitor.

Exemplos de bichos

«Cega-Rega» é, em *Bichos*, «a narrativa de onde divergem e para onde convergem todas as forças textuais» (Leão, 2003: 29). De facto, assim é. Tal como a cigarra, o poeta tem que percorrer «Todas as estações do íngreme calvário da organização» (Torga, 1995b: 85). É difícil, mas «Desde que haja coragem dentro de nós, tudo se consegue. Até fazer parte do coro universal.» (Torga, 1995b: 86) E, se a natureza ajudar, será muito mais fácil.

Ainda, tal como na cigarra, a plenitude do corpo contribui para a plenitude da expressão artística:

E o «raio quente de sol» surge numa das muitas primaveras descritas pelo contista, mas atinge neste conto um momento de beleza absoluta:

A primavera estava no fim, e o estio ia começar. As cerejas pontuavam a veiga de sorrisos vermelhos. As searas, gradas de generosidade, aloiravam. Contentes, os ramos relaxavam de vez os músculos crispados, já esquecidos das ventanias do inverno. Havia penugens de esperança em cada ninho. (Torga, 1995b: 86/7).

Era, também, com muita perspicácia que Torga observava **o exemplo das mulheres**. Nas obras torguianas são intermináveis os relatos da enorme capacidade feminina de amar. Parece-nos agora importante chamar a atenção para três outros aspectos: «o amor jurado», a virgindade e a maternidade.

- O «**amor jurado**» (pela mulher) que, quando não é respeitado leva facilmente a situações como a do Duro, tem, na Montanha, como paradigmas, a Maria Lionça e a Maria de *Terra Firme*.

A Maria Lionça enfrenta não só a ausência física do marido durante anos, numa primeira fase, e, depois, do filho, mas também a ausência de notícias:

«O teu homem tem-te escrito, Maria? – perguntava o prior de Páscoa a Páscoa.

- Ele não, senhor. Há quinze anos ...» (Torga, 1987: 18)

E a Maria, de *Terra Firme*, diz àquele que há vinte anos está para ser o seu futuro sogro, e que lhe inveja «o ânimo»: «Para que são as mulheres, ti' António, senão para terem coragem e esperar?» (Torga, 1977b: 48)

Sim, muitas mulheres da Montanha «no meio do gosto do amor enviúvam com os homens vivos do outro lado do mar». (Torga, 1987: 17-8). Esta expressão terá possivelmente sido influenciada pelo poema de Rosalia de Castro, «Cantar da Emigração» (Este parte, aquele parte/ E todos, todos se vão./ (...) Tens em troca órfãos e órfãs/ (...) Viúvas de vivos mortos/ Que ninguém consolará.)), que nos anos sessenta Adriano Correia de Oliveira viria a musicar, e de que tanto partido se pode tirar em circuitos turísticos em autocarros com leitor de C.D. (o que hoje em dia acontece com praticamente todos).

- **A virgindade** deve manter-se até ao casamento. Caso contrário a mulher deve casar-se com o homem que colheu o fruto da sua virgindade. Os contos «A Paga» e «Artilheiro», já aqui analisados, apontam-nos essa matriz. Vejamos agora o caso de «**Madalena**»: Madalena, que se recusava a que Roalde (a sua aldeia) tivesse «o gosto de lhe ouvir os gritos» (Torga, 1995b: 44) atravessou a «Serra Negra», com «guinadas traiçoeiras que a anavanhavam quando menos esperava [e com] uma sede funda, grossa, que a reduzia inteira a uma fornalha de lume.» (Torga, 1995b: 42), provocadas pelo «maldito do filho dentro da barriga aos coices.» (Torga, 1995b: 43). Depois duma

descrição dum parto, que só um grande escritor-médico consegue fazer, Torga mostra-nos a solidão e o sofrimento de Madalena: «Nem um som, nem a presença duma aragem a quebrar a solidão que a cercava. (...) Abriu de todo os olhos turvos. Entre as pernas, numa poça de sangue, estava caído e morto o filho. Carne sem vida, vermelha e suja. O segredo dela e de Deus!...» (Torga, 1995b: 46). E todo este sofrimento atroz porque Madalena considerava que a perda de virgindade sem consumação de casamento é «a nódoa maior que pode sujar uma mulher.» (Torga, 1995b: 40)]

- A **Maternidade**. A esterilidade de Raquel, do conto «O Milagre», não aceite pelo marido, leva-a a sentir-se «Humilhada no que havia de mais profundo na sua condição de mulher» (Torga, 1991a: 162), e propicia diversos ataques de loucura que terminam num suicídio.

Em as «Inimigas» a impossibilidade de amamentar um filho é vista como uma «maternidade incompleta» que dói até à «raiz do instinto» (Torga, 1987: 125).

Maria, de *Terra Firme*, com quarenta anos de idade e sempre à espera do noivo embarcado, que todos os anos lhe escreve dizendo que está quase regressando, desabafa com a «Tia Madalena», que lhe chamou mulher: «Não me chame mulher! Mulher é vossemecê, e a ti' Júlia, e a ti' Preciosa, e a ti' Arminda, e todas quantas há no povo, velhas e novas! Até aquela pobre de Cristo da Palmira, que anda pelo mundo a cabo a pedir esmola, com um rebanho de filhos atrás... Agora eu!» (Torga, 1977b: 88)

Infância

Como dissemos quando abordámos o tema religião, consideramos a infância, embora de uma forma não totalmente explícita, a chave de toda a obra do autor dos contos «Jesus» e «Sésamo», e do poema «Segredo» (Torga, 1999: 823). Nestas três obras-primas de Torga há um denominador comum: o enorme fascínio pelo acto do nascimento. (ver Monteiro, 2004b: 259-265). E o quotidiano de cada pessoa deve ser um permanente renascer da inocência.

«**Maio Moço**» é, a começar pelo título, um dos mais importantes contos torguianos: pela beleza, pela força, mas também pela forma tão clarividente como mostra uma das posturas mais lamentáveis que frequentemente os adultos têm em relação às crianças: só

lhes darem dignidade quando elas tocam, ou mesmo ultrapassam «os confins do sofrimento». Se podemos aceitar como justa para os adultos (e extremamente pertinente) a máxima de que «a vida faz-nos sempre a mesma exigência: o exercício quotidiano da coragem e do risco.» (Torga, 1999: 1091), o mesmo já é difícil aceitar que se peça às crianças. Vejamos uma passagem paradigmática do conto:

E a vida do Gonçalo transfigurou-se. Relatada a façanha, e provada com a presença da bicheza, que percorreu o povoado em procissão, um outro sol iluminou os seus gestos, as suas palavras, a sua solidão. Todos passaram a dar-lhe a dignidade que lhe negavam até ali. Os grandes queriam protegê-lo; os pequenos imitá-lo. (Torga, 1987: 96)

Veja-se agora o caso pessoal do autor:

Descrevendo o regresso a S. Martinho, conduzindo duas burras, depois de deixar em Mateus (localidade contígua a Vila Real, a cerca de três léguas de S. Martinho e onde se localiza o Solar de Mateus), duas senhoras, que anualmente iam passar alguns dias àquela localidade, o autor do *Diário* registou: «O resto da jornada teria de ser feito a tactear a noite. E com dois lustros de idade não se enfrentam de ânimo leve os fantasmas da escuridão.» (Torga, 1999: 1418)

Torga considerava o riso, a indignação e o espanto «forças centrífugas que alargam o espírito, o fluidificam e universalizam». (Torga, 1999: 894).

O **riso** aparece-nos:

- em «**A Maria Lionça**» [«o seu riso significava tudo menos licença», e, mais à frente, diz-nos que era «um halo de pureza» (Torga, 1987: 15)];

- em «**Sésamo**»:

Numa loja de gado, ao quente bafo animal, junta-se o povo. Todos os moradores se cotizam para a luz de carboneto ou de petróleo, e o serão começa. É no inverno, nas grandes noites sem fim, que se goza na aldeia essa fraternidade. Há sempre novidades a discutir, namoriscos a tentar, apagadas fogueiras que é preciso reacender, e, sobretudo, há o Raul a descobrir cartapácios ninguém sabe como e a lê-los com tal sentimento ou com tanta graça que ou faz chorar as pedras ou rebentar um morto de riso. (Torga, 1991: 102)];

- e em «**Farrusco**»:

A força virgem daquele riso chamou a vida à consciência dos seus direitos. De parada, a natureza animou-se.(...) E de aí a segundos começou a maior sinfonia que se ouviu no Lenteiro.(...) não ficou bicho sensível e solidário alheio ao Tantum Ergo pação. Um coro imenso, cósmico e fraterno, que enchia o mundo de confiança. (Torga, 1995: 106-7)

A **indignação** aparece com particular realce nos contos «Ressurreição», «Mariana» e o «Regresso».

- No conto «**A Ressurreição**», a «voz íntima da indignação» da população de Saudel leva a «uma viril ressurreição do sagrado humano» no interior da igreja («transformada num campo de guerra» e num «lago de sangue»), depois da decisão do padre Unhão (com a conivência de quatro homens da aldeia), que considerava que toda a população deveria estar «nas profundas dos infernos!», de proceder, com violência inusitada, a endoenças. (Torga, 1987: 64, 70)

- Em «**Mariana**», a indignação da protagonista (mãe solteira de um grande rol de filhos) manifesta-se com um rugido de «leoa ferida» (Torga, 1991a: 116), quando uma «senhora» lhe propôs ficar com uma das filhas para criada: «- Criada?! Ia-lhe agora dar a menina para criada! A gente vê cada uma! De lhe comprar um farrapo para se vestir, não se lembrou a senhora. Criada! Que conveniência!... A servir ponha as filhas, se não lhes tem amor... Agora as minhas, está bem livre!» (Torga, 1991a: 116-7)

- O conto «**O Regresso**», passado no contexto da guerra civil espanhola, mostra-nos uma aldeia do «Reino Maravilhoso» (Leiró) - porventura uma aldeia da raia -, que é um paradigma do «local sem paredes» que tem uma dimensão universal. Todo o local que pretende ter uma dimensão universal, tem que ser «uma fortaleza inacessível» aos naturais dessa localidade que não possuam «um passaporte humano corrido e limpo, de fidelidade ao seu local» («ao seu calor e de submissão às suas leis»). Por estes motivos Leiró não perdoava a Ivo ter partido para Espanha para se alistar nas tropas franquistas: «Partira contra a vontade pacífica e humana de todos para uma guerra que não era deles, matara sem razão nenhuma, atraíçara milénios de fraternidade, de paz e de entendimento. Que poderia esperar agora?» (Torga, 1991a: 146-7)

O **espanto** tem três momentos altos: um no conto «O Sésamo», onde as crianças, face às histórias do Raul, «arregalavam os olhos de espanto.» (Torga, 1991: 101); outro em

«Bambo» (e não esqueçamos que Bambo foi mestre de «Tio Arruda»), o qual «com boca de pasmo (...) pelas noites adiante engolia a imensidade do céu.» (Torga, 1995b: 60); e, finalmente, com o Tio António de *Terra Firme* que, como já vimos, no Entrudo, perante a «confissão geral do povo» exclama, com espanto: «Entenda a gente este andamento do mundo!» (Torga, 1977b: 75)

O último conto de *Contos da Montanha*, «**O Pé Tolo**», é um retrato das relações entre uma aldeia e a sede do concelho, retrato que se poderia aplicar a centenas de casos:

A vila não perdoa a Bravães o ar lavado (...) a feira (...), a bela situação que disfruta no centro do município e, sobretudo, a rebeldia que se estampa no rosto másculo dos seus filhos. Ora como os de Soutelo são doutra natureza – pernósticos, troca-tintas e amigos de coser o semelhante agachados atrás do balcão das repartições –, nunca se entenderam. (Torga, 1987: 218).

A convivência entre o divino e o profano, que caracterizava a maior parte das festas do «Reino Maravilhoso», é outra manifestação comunitária que mergulhou fundo na sensibilidade do autor do conto «**A Festa**»:

O divino e o profano dão ali as mãos, num amplo entendimento. O céu desce um pouco, a montanha sobe mais, e ninguém sabe ao certo a que reino pertence. (...) um homem sente-se capaz de tudo: de matar o semelhante e de comungar. Ouve-se um padre-nosso e uma saraivada de asneiras ao mesmo tempo. E apaga-se naturalmente do espírito a estrema que separa o mundo real do irreal. (Torga, 1991a: 195).

Apesar de um «imenso mar de contradições» (Torga, 1991a: 195) encontramos nesta festa o que Torga encontrou na festa da Senhora da Pena: um «paroxismo gregário de comunhão, delírio e abandono (...)» (Torga, 1999: 1450).

O **absoluto** do S. Martinho torguiano também se atinge **pela palavra** (concisa e rigorosa⁹), que potencia sentimentos e vivências da maior importância (Beleza, Alegria/plenitude, apetência religiosa, agressividade, confiança, humilhação, solidão,

⁹ Eugénio Lisboa considera Miguel Torga «Um dos mais eminentes representantes da brevidade e da concisão.» (Lisboa, 2007b: 255). E no mesmo texto, poucas linhas à frente, cita Claude Roy: «toda a mestria tende a condensar-se.»

miséria, doença e «aconchego do mundo») e/ou pelas respostas eternas às perguntas do mundo. Vejamos:

- «Um filho! E enchia tanto o peito de ar, que parecia que engolia o mundo. Um filho!» (Torga, 1987: 75);

- «Queria (...) um sermão do padre Gaspar arrancado das entranhas da alma,» («A Promessa»; Torga, 1987: 82);

- Se você me faz pantominas à porta no dia da morte do meu homem, eu até a alma lhe como, seu galhudo! («A Promessa»; Torga, 1987: 86);

- «Ó meu excomungado! Meu ladrão, que te bebo o sangue!» («O Artilheiro»; Torga, 1991a: 181);

- «Um coro imenso, cósmico e fraterno, que enchia o mundo de confiança.» («Farrusco»; Torga, 106/107);

- «Em certas horas, uma humanidade estuante, larga, generosa, que também nele morava, queria mostrar-se à luz do sol.» («Repouso»; Torga, 1991a: 44);

- «E na trave da loja onde o Luciano, bêbado, lhe secara na alma a razão de viver, com a corda da carga, enforcou-se.» (Torga, 1987: 137);

- «A maternidade incompleta doía-lhe na raiz do instinto.» (Torga, 1987: 125);

- «A Constança agasalhou no xaile a nudez limpa da pequena vida que estreava nos seus braços o aconchego do mundo» (Torga, 1991a: 237);

- «(...) um raio quente de sol caiu-lhe amorosamente sobre o dorso. Contraiu-se de volúpia. E, da plenitude que a empolgou, ergueu-se a voz do triunfo. Não era a vontade que a fazia vibrar. Era o corpo, possesso de contentamento, que, num espasmo total, estridentemente glorificava a própria perfeição atingida.» (Torga, 1995b: 87);

- «As terras, lá fora, pediam fé e coragem. Pelo menos a fé e a coragem que a mãe tinha, sem homem, sem filhas, sem netos, cheia de lágrimas, de dívidas, e cansada até à última fibra do coração.» (Torga, 1991a: 143);

- «Perdido nos ermos de Midões, o moinho do Fojo demorava a vir ao encontro da leva de melodia e de fé que o procurava. O tropel é que não renunciava a tê-lo, a purificá-lo no seu calor, e seguia sempre, maciço, clamoroso, descendo encostas, galgando montes, saltando ribeiros, na fervorosa crença de que era a própria verdade a caminhar.

- ...Louvado seja...

Cada qual se sentia uma parcela do Deus que ia à frente a guiá-los e a partilhar com eles o seu poder de salvação. (Torga, 1991a: 229-230).

Deste modo compreende-se que S. Martinho de Anta(s) se tenha tornado, para o autor da *Criação do Mundo*, no lugar perfeito para:

- ser poeta;
- sentir paz e acreditar na eternidade;
- dar «respostas eternas às perguntas do mundo.»

2.5. RESPOSTAS ETERNAS ÀS PERGUNTAS DO MUNDO

A herança que Torga recebe na Montanha oferece-lhe condições perfeitas para a escrita e exige-lhe uma disponibilidade permanente. E se Torga queria comprometer os seus leitores em salvar a Montanha, muito mais se sentia ele próprio comprometido com esse objectivo.

Vejamos agora, **respostas eternas** que Torga dá em S. Martinho (ou aqui inspirado) às perguntas do mundo:

- «Ninguém é feliz sozinho, nem mesmo na eternidade.» (Torga, 1995b: 9);
- «E não há falência maior do que imitar o passado, mesmo que seja nosso.» (Torga, 1997: 135-6);
- «Mesmo nos criminosos há, «Em certas horas, uma humanidade estuante, larga, generosa...» (Torga, 1991a: 44/5);
- «Todos temos defeitos. E às vezes aqueles que se julgam mais limpos é que estão mais emboldregados... Não. Ninguém tem o direito de escarnecer do semelhante, seja ele quem for. E muito menos com a cara tapada...» (Torga, 1977b: 76);

- «Desde rapaz que defendo uma arte o mais pura possível nos meios e o mais larga possível nos fins. Uma super-realidade da realidade, onde todos os homens se encontrem, quer sejam intelectuais quer não.» (Torga, 1991a: 13);
- Temos de «manter na redoma da lembrança, viva, como relíquia eternamente a sangrar, a lição do passado.» (Torga, 1969: 60-1);
- «Há «carvalhos, e velhos castanheiros,/ A cuja sombra um dormitar celeste/ Pode tornar os sonhos verdadeiros.» (Torga, 1978: 87);
- A paz genuína é «lúdica e laboriosa.» (Torga, 1992b: 157);

Uma das mais urgentes «respostas eternas» que Torga dá às «perguntas do mundo» é que a cultura erudita é superior à cultura popular. Mas, atenção, a mensagem torguiana é que a cultura erudita só será verdadeiramente válida e superior se tiver uma profunda compreensão da cultura popular.

2.6. CONCLUINDO

Pensamos que no braço de ferro entre os absolutos positivos e os negativos, os primeiros, apesar de serem menos, triunfam, porque a força, a beleza e a magia que o autor de *Contos...* lhes dá são intemporais, podem ser apreendidas por «todos os homens (...) quer sejam intelectuais quer não» e principalmente, podem ajudar a pôr termo aos absolutos negativos.

Os políticos, jornalistas, escritores, professores e muitos outros profissionais deveriam, obrigatoriamente, ir a Vilar de Celas («alinhamento que a arqueologia nacional desconhece») e aí seguir o conselho de Torga: «rendido à grandeza da mudez teimosa de antepassados que se recusaram à inflação do Verbo, fiz daqui lugar de penitência. Sítio de expiação mental de tantas palavras inúteis que tenho escrito.» (Torga, 1999: 1227)

Em Amarante, Torga escreveu: «Duas palavras apenas, escritas de fuga sobre a guarda da ponte do Tâmega, com a paleta do Amadeu de Sousa Cardoso nos olhos e o *Quase* de Sá-Carneiro no pensamento. É sempre por um triz que o génio falha nesta terra. Mas

falha sempre.» (Torga, 1999: 853) É, em boa parte, recorrendo ao poema «Quasi» que nos aproximamos do fim do capítulo sobre S. Martinho

S. Martinho, é de facto, **um reino sagrado** para Torga, onde todas as forças (animais, vegetais e minerais) chamam por nós. Em S. Martinho, Torga frequentemente era um oráculo, por conseguinte não lhe faltou «um golpe d'asa» para conseguir avivar no «rosto» de Portugal o «rosto» que Portugal lhe deu, acrescentando mesmo algo de novo à fisionomia da pátria. E a geografia, a pré-história, a história e os heróis de S. Martinho de Anta(s) têm uma assinalável quota parte de responsabilidade no «triunfo» e na «chama» da criatividade torguiana, que nos garante que a colheita «de amanhã» será muito maior do que a «colheita de hoje» (Torga 1977a: 79)

O que Torga nos descreve sobre os homens, mulheres e crianças do «Reino Maravilhoso», por ser intemporal, continua a ser não só de uma enorme beleza, mas também de uma enorme utilidade. Se olharmos à nossa volta com «curiosidade emotiva e mental» (Torga, 1999: 1173), teremos mais facilidade em compreender as pessoas e os grupos se tivermos convivido com as personagens das obras torguianas.

3 - PERÍODO DA VIDA DE TORGA ENTRE S. MARTINHO DE ANTA(S) E COIMBRA

Torga deixou-nos bem claro que os dois polos imprescindíveis na sua vida foram S. Martinho e Coimbra. Mas antes de passarmos para o polo «adoptivo», importa vermos onde andou e como evoluiu o futuro Orfeu Rebelde depois de deixar S. Martinho (1918) e antes de chegar a Coimbra (1925).

Durante estes sete anos, Adolfo Rocha, vai ser criado no Porto, seminarista em Lamego e emigrante no Brasil. Estes três momentos da vida do jovem Adolfo são imprescindíveis para compreendermos o retrato que mais tarde fará do país e dele próprio.

3.1. CRIADO NO PORTO

Na impossibilidade, por questões financeiras, de continuar os estudos no liceu de Vila Real, colocou-se a Adolfo e, principalmente, aos pais a questão de saber o que fazer do futuro dum jovem tão dotado intelectual e animicamente. A mãe, que sentia que a «vocação sacerdotal» (Torga, 1994a: 62) do rapaz não era sólida, consegue, através das filhas dos antigos patrões, trabalho para Adolfo no Porto, como criado, num palacete de parentes dos antigos patrões.

No palacete, o jovem criado vai ter funções polivalentes: «Era porteiro. Mas regava também o jardim, ia aos recados, servia de burro aos meninos mais novos do que eu, limpava o pó, e pulia os metais da escadaria nobre com pomada *Coração*.» (Torga, 1994a: 62)

No Verão, com os patrões de férias, na praia de Leça, tinha também a função de ir de comboio à praia «levar cestos de fruta e de hortaliza que chegavam da quinta que o doutor tinha no Doiro». (Torga, 1994: 69) Foi precisamente na praia de Leça que viu, pela primeira vez, o mar, que tanta importância irá ter no seu conceito de Portugal e na sua obra literária: «Não correspondeu em nada à minha ideia. O grande lago que imaginara, era uma ilusão de água choca ao lado daquela imensa realidade viva, pulsátil, indomável que espumava de raiva a bater contra as penedias!» (Torga, 1994a: 69)

É aqui, no Porto, que Adolfo começa a ter contacto regular com a cultura erudita: no palacete «lia os livros dos meninos. *Polichinelo em Trás-os-Montes*, os *Contos* de Andersen e dos irmãos Grimm, as *Fábulas* de La Fontaine...» (Torga, 1994a: 68-9); quando saía, percorria a cidade [«poucos dias depois da chegada já conhecia as maiores ruas da cidade.» (Torga, 1994a: 62-3)] e encontra-se, através da toponímia, da arquitectura e da estatuária com o Infante D. Henrique, com D. Pedro IV, com o liberalismo e com Júlio Dinis (ver Torga, 1994: 63). Encontra-se, também, com uma exuberante manifestação da cultura popular: «O S. João nas Fontainhas encheu-me o coração e os sentidos. Nenhum arraial a que tinha assistido até ali se lhe comparava.» (Torga, 1994a: 68)

Podemos concluir afirmando que o Porto alargou a visão de Adolfo sobre o planeta terra (não esqueçamos o que nos diz a respeito do mar), do urbanismo e da literatura. Mas não lhe resolveu a questão fundamental que o levou a querer abandonar S. Martinho: a sujeição. [«Eu cá não sou para sujeições!» respondeu à mãe quando esta lhe disse «Quem é pobre, filho, tem de se sujeitar...»] (Torga, 1994a: 62).

E foi, precisamente, a sua ingénita rejeição de sujeições que esteve na base do despedimento do palacete.

3.2. SEMINARISTA EM LAMEGO

*Cá estamos – murmuraram em redor.
Quieto um momento, no longo pavor da noite, olhei do fundo da minha solidão a mole
enorme do edifício e arranquei para a minha aldeia distante um grito de dor tão
profundo que só eu o ouvi.
(Ferreira, 1993: 20)*

Pouco tempo depois de regressar a S. Martinho, o ex-criado, num palacete no Porto, ingressa no seminário de Lamego.

Pensamos que Torga nunca conseguiu exprimir, como Vergílio Ferreira, com tanto rigor e beleza, a dor que certamente uma grande percentagem de seminaristas sentia quando se deparava pela primeira vez com o seminário. Mas não temos quaisquer dúvidas de

que a sua rejeição do seminário foi profunda. Tenha-se em consideração a nota do *Diário* de 5 de Outubro de 1946: «Já uma vez tentei escrever da minha meninice passada aqui, mas não fui capaz de coisa de jeito. (...) As cenas ingênuas, porque eram ingênuas, não tinham consciência; e as humilhações, de tão pungentes, não há memória que consinta na sua perfeita expressão.» (Torga, 1999: 369)

Logo no primeiro dia, sentiu uma enorme dificuldade em partilhar com os colegas a seu desespero: «Passei o resto do dia à espera de ouvir daqueles desconhecidos uma palavra de consolo. Mas eram infelizes como eu, que a pobreza trouxera até ali, sem calor no coração para repartir.» (Torga, 1994a: 78)

Outra questão que certamente o angustiou no seminário foi a vivência da sexualidade. Incapaz de confessar ao cônego Freitas as suas inofensivas fantasias sexuais com Aurora, foi «à comunhão em pecado mortal. E o castigo veio logo. Nesse mesmo dia à tarde, soltou-se-me o sangue. Saiu tanto, tanto, que desmaiei.» (Torga, 1994a: 92)

No final das férias de verão em S. Martinho e já consciente de que «perdera a fé» (Torga, 1994a: 101), declarou aos pais que não queria ser padre. E apesar da inusitada reacção do pai «Pedaço de asno! (...) A gente a querer tirá-lo da miséria, e ele a agradecer desta maneira!» (Torga, 1994a: 101), Adolfo mantém a sua decisão; chegou mesmo a afirmar que se atiraria «ao Doiro da ponte da Régua» (Torga, 1994a: 102) caso o obrigassem a voltar para o seminário.

Importa não terminarmos as referências ao período de seminário sem registar um aspecto que o jovem seminarista considerava positivo: o ensino do português, da história e da geografia: «Havia versos, havia factos, havia países... Enchia-se a alma, satisfazia-se a curiosidade, dava-se largas à imaginação.» (Torga, 1994a: 80)

3.3. EMIGRANTE NO BRASIL

Os *Contos da Montanha* e os *Novos Contos da Montanha* mostram-nos uma quase omnipresença do Brasil no imaginário dos transmontanos. A palavra Brasil aparece com muito mais frequência do que a palavra Lisboa. Para os homens da Montanha, a Terra de Vera Cruz era o país onde enriquecia «toda a gente» (Torga, 1994a: 120).

Chegado ao Brasil em 1920 (ano em que completou 13 anos), Adolfo fica a viver e a trabalhar na fazenda do irmão do pai. «Era o último a deitar-me e o primeiro a erguer-me. Não parava de manhã à noite.» (Torga, 1994a: 120).

O jovem adolescente sentia-se odiado pela tia, o que devia corresponder à realidade, mas gradualmente apercebeu-se de que o tio o admirava e que cada vez lhe atribuía funções de maior complexidade e responsabilidade na gestão da fazenda. Quando tinha dezasseis anos, o tio oferece-se para lhe pagar os estudos no «Ginásio de Ribeirão». As informações que Torga nos deixará deste período da sua vida permitem-nos concluir que a sua paixão passiva e activa pela literatura já era imensa. Escrevia poemas, dissertava sobre *A Velhice do Padre Eterno* e sobre *Os Lusíadas* e sabia «de cor a biografia de todos os autores que figuravam na selecta» (Torga, 1994a: 182).

Quando em 1954 o autor de *Traço de União* visitou o Brasil, registou no *Diário*:

Banco Verde, 23 de Agosto de 1954 (...) Bem desejava eu manter-me sereno, passar da fachada monumental ao espírito da escola.

(...)

E tenho de me resignar a um regresso rico de safanões emotivos e pobre de análises discriminadoras. Que me perdoe o próprio Brasil. Foi por lhe ter dado o melhor de mim na infância que agora o não posso olhar com adulta serenidade. (Torga, 1999: 765-6)

Parece-nos que em *A Criação do Mundo* e em *Traço de União*, este amante do Brasil fez várias e profundas «análises discriminadoras» sobre o Brasil. Mas concentrarmo-nos no «espírito da escola» que Torga procurou, sem sucesso, quando a visitou em 23 de Agosto de 1954. Consideramos que é n’*A Criação do Mundo – O Segundo Dia* que ele conseguiu mostrar-nos, em poucos parágrafos, o melhor do «espírito da escola». Esse espírito era encarnado pelo professor «Paulo Teixeira Caboclo» e pelo padre «Júlio». Sobre o professor (e poeta) Caboclo diz-nos Torga: «Falava da liberdade de pensamento, do respeito pela dignidade humana, acusava os tiranos de assassinos da consciência (...)». (Torga, 1994a: 205). E, um pouco à frente: «Embora de carne e osso, parecia-nos mitológico.» (Torga, 1994a: 208). O padre Júlio é apresentado como o paradigma torguiano de clérigo:

Era o homem bom e santo que admirávamos nele, e não o colega dos muitos funcionários da fé, que conhecíamos. O que nunca falava no céu nem no inferno, que raras vezes nomeava Deus, mas que irradiava bondade, simpatia e confiança. Cada geração que vinha frequentar o Ginásio herdava da anterior o respeito por aquele velho,

que passava na rua e deixava atrás de si um rasto de santidade encarnada.» (Torga, 1994a: 208)

Pensamos que é ainda o «espírito da escola» que lhe dá acesso à leitura sistemática de jornais. Num artigo necrológico sobre Silva Jardim encontrou a seguinte citação de Guizot: «Duas coisas tão grandes quanto difíceis são necessárias à glória de um homem: suportar o infortúnio, resignando-se com firmeza, e crer no bem e confiar nele com perseverança.» (Torga, 1994a: 182). É bem possível que a (precoce) criança Adolfo Rocha já tivesse interiorizado uma boa parte destes dois lemas em S. Martinho, no contacto com os estoicos e os sábios da Montanha, mas a leitura destas palavras, já em plena adolescência, do pensador francês, terão, certamente, aumentado a força e a luz da mensagem que contêm.

Terminemos este olhar sobre a vida do jovem Orfeu Rebelde no Brasil, pensando no conselho que o tio lhe dá quando Adolfo parte para «Ribeirão», para frequentar o Ginásio: «Aprenda, e quando vier a férias evite ofender seu Adalberto, fazendo gala da sabedoria. Compreenda que ninguém gosta de ficar por baixo, e que não há necessidade de ofender as pessoas...» (Torga, 1994a: 202)

4 - COIMBRA – A «AGAREZ ALFABETA»

(...) favoravelmente colocada entre Lisboa e o Porto (...), uma a puxar para fora e outra a puxar para dentro, ela representa uma neutralidade vigilante, fazendo a osmose do espírito que parte com o corpo que fica. Do espírito que vai, ou deve ir, a todas as aventuras do mundo, e do corpo que tem raízes imutáveis no chão nativo.
(Torga, 1986b: 87)

A meio caminho dum chão montanhês convulsionado e dum litoral batido por ondas impetuosas, um equilíbrio urbano sintonizado com o remanso da paisagem circundante, ambos propícios às libertinagens românticas do sonho e aos abandonos macerados da criação.

(Torga, 1981: 40-1)

uma cidade de jovens
(Torga, 1999: 521)

Coimbra, como não podia deixar de ser. Era ela, quer eu quisesse quer não, a minha Agarez alfabetada, o húmus pavimentado que os meus pés pisavam com mais amor.
(Torga, 1981: 41)

*- «Mortos do adro, de pé!,
Que os vivos é só dormir...*
(Régio, 1984: 76)

4.1. INTRODUÇÃO

Coimbra aparece nas seguintes obras torguianas:

- *A Criação do Mundo* (201 páginas, num total de 922 – 21,8%):

Volume II, 3º Dia: pp. 35-41; 50-107; 129-132; 139-141; 183-195 (total – 80);

(Vila Nova de Miranda do Corvo, aldeia a cerca de 20 km de Coimbra, e onde Torga exerceu medicina entre 1934 e 1937, ocupa, no II volume de Criação do Mundo, 49 páginas. Importa referir isto no momento em que se vai falar de Coimbra, porque Vila Nova de Miranda do Corvo é frequentemente, para o poeta, uma extensão da cidade do Mondego; aqui chega a vir duas vezes por semana (veja-se Torga, 1970: 159), e uma boa parte das 49 páginas – 132-139 e 141-183 - tem referências a Coimbra.)

Volume IV, 5º Dia: pp. 13-26; 67-72 (total – 18);

Volume V, 6º. Dia: pp. 41-70; 73-92; 96-109; 126-131; 137-142; 144-147; 150-165 ; 184-198 (total – 103);

- **Diário** – 2045 notas. (A totalidade do *Diário* tem 3816 notas);

- **Rua** – Todos os contos de *Rua* poderiam ter sido inspirados em Coimbra, contudo há fortes motivos para se considerar que «O Estrela e a Mulher» tem como inspiração e cenário a cidade de Leiria (ver «A Leiria de Miguel Torga», de Carlos Alberto Silva, p. 14);

- **Portugal** - capítulo «Coimbra»;

- **Pedras Lavradas** - Num total de vinte e dois contos, pensamos que oito encontram um enquadramento perfeito na «Agarez alfabeta». É o caso de «A consulta», «O juiz», «O cobarde», «O absoluto», «O milionário», «Outono»; «A herança» e «A identificação»;

- **Fogo Preso** - «Eça de Queirós e Coimbra» e uma breve passagem de «Teixeira de Pascoaes», pp. 45-46).

Torga é o único grande escritor nacional que vive toda a vida de adulto em Coimbra. Esta é uma razão muito forte para que a sua obra seja considerada um dos principais patrimónios de Coimbra, principalmente se criarmos o eixo Coimbra-Vila Nova de Miranda do Corvo.

Foi, essencialmente, em Coimbra e em S. Martinho, que o escritor conseguiu «construir, transfigurar, resumir e arrancar o eterno do circunstancial» (Torga 1999: 335) e, em consequência disso, pôde dar muitas «respostas eternas às perguntas do mundo» e algumas às suas perguntas pessoais.

As seis obras torguianas onde surge Coimbra permitem-nos afirmar que para compreendermos a Coimbra de Torga, são fundamentais as seguintes **palavras/temas**: Universidade, Literatura, Medicina/Consultório, Juventude, População Anónima, Natureza, Casa/Lar, Auto-Retrato, Infância e Mundo.

E as cinco citações em epígrafe dão-nos um retrato das seis principais especificidades da Coimbra torguiana:

- «uma neutralidade vigilante» entre Lisboa e Porto e que por esse motivo faz «a osmose do espírito que parte com o corpo que fica.»;
- Situava-se «A meio caminho dum chão montanhês convulsionado e dum litoral batido por ondas impetuosas», isto é, situava-se entre a Montanha (S. Martinho) e o Atlântico, dois pólos fundamentais na vida e obra do autor;
- «A paisagem circundante» foi também fundamental para que Torga criasse raízes em Coimbra.

[Estas três primeiras especificidades permitem-nos afirmar que, tal como em S. Martinho, em Coimbra, o poeta sente-se numa região geográfica privilegiada – e conhecemos bem a importância que ele dava à «geografia psicológica» [ver nota do *Diário* de 21-3-1943, ou rever o sub-capítulo desta tese «Natureza» do capítulo «S. Martinho de Anta(s)]];

- Coimbra era a sua «Agarez» (leia-se S. Martinho de Anta) «alfabeta»;
- Apesar de Torga se ter sentido «traído» (Torga, 1981: 60) no seu amor pela Universidade, Coimbra não deixava de ser para ele um espaço de enorme esperança, porque era «uma cidade de jovens.»;
- O Orfeu Rebelde não tinha esperança nos adultos da cidade universitária. Lentes, comerciantes e industriais não se actualizavam. Como dizia Régio, em Balada de Coimbra, «Os vivos é só dormir...».

Em S. Martinho de Anta, Torga adquiriu consciência individual [foi no monte S. Domingos que o jovem Adolfo Rocha sentiu pela primeira vez o seu «destino de artista» (Torga, 1999: 852-3) e de grupo (grupo restrito, local). Em Sagres, irá adquirir

plena consciência da comunidade nacional. Em Coimbra, nas viagens que faz ao estrangeiro e durante o período em que está preso em Lisboa, o autor do *Diário* terá adquirido consciência da totalidade da humanidade. Este processo, que se solidificou ao longo de muitos anos, teve, muito provavelmente, como clímax o admirável discurso que o escritor proferiu na Universidade de Coimbra em 12-9-1967, aquando das comemorações do 1º Centenário da abolição da pena de morte em Portugal. O discurso, publicado no *Diário* e feito com o melhor da energia, da sensibilidade e do saber do poeta e do médico, é um hino à Vida e à Humanidade.

Torga leu António Nobre ainda antes de ser estudante universitário. Foi no colégio do «Dr. Almeida» e da «D. Adélia.» (Torga, 1970: 39).

O seu sentimento telúrico e a sede de Justiça não foram certamente insensíveis aos versos de Nobre na «Carta a Manuel»:

(...)
Que paisagem lunar que é a mais doce da Terra!
(...)
E o rio? e as fontes? e as fogueiras? e as cantigas?
(...)
Por esses doces, religiosos arredores,
(...)
Vê-se currais, eiras, crianças pequeninas,
Bois a pastar ao longe, aves dizendo missa
À Natureza e o Sol a semear Justiça! (Nobre, 1974: 62, 64 e 66)

A visão de Régio sobre Coimbra certamente que também influenciou o autor d'*A Criação do Mundo*.

O autor de *Confissão dum Homem Religioso* diz-nos, a propósito da opção entre Coimbra e Porto para realizar os seus estudos universitários: «Sonhava com a minha Coimbra de António Nobre, com a boémia de Coimbra, com a paisagem de Coimbra, com o romantismo e todos os mitos mais ou menos poéticos de Coimbra... (...) Até este nome cantava – ainda hoje canta – aos meus ouvidos.» (Régio, 2001: 79)

As expectativas de Régio não ficaram frustradas. Os lentes não o conquistaram, mas as expectativas também não eram altas. Os estímulos e as condições para aprofundar a sua já vastíssima cultura são-lhe dados pela diversidade de livros que encontra na Biblioteca, por colegas que vai conhecendo e pelo fascinante Ricardo Abrantes (leia-se – como nos informou Eugénio Lisboa - Afonso Duarte).

Com base nas palavras e nas ideias da «Balada de Coimbra», de José Régio, pensamos que podemos apresentar o sentimento dos jovens da geração da Presença (muito em particular o de Torga, devido à carga telúrica e à intensidade e conteúdo da mensagem final), em relação a Coimbra, nos seguintes termos:

A terra - em «longo colóquio mudo» e sonoro, com ela própria e com o céu, e através de troncos, frutos e folhas de tantas árvores, «sonhos dispersos/Que o vento leva na mão!», «pedras que têm seios», «ais dos sinos na bruma», e do «choro» da guitarra do Paredes e dos «Gritos de cristal e de oiro» do Bettencourt - impôs-lhes o sonho e a loucura de gritarem, contra a apatia dos vivos e em sintonia com a água da «Fonte do Largo da Sé»:

- Mortos do adro, de pé!,
Que os vivos é só dormir...

O património construído e a história de Coimbra, que tanto entusiasmaram o adolescente Adolfo Rocha nos seus primeiros tempos de Coimbra¹⁰, aparecem muito pouco na obra torguiana. Pensamos que o autor do *Diário* interiorizou profunda e facilmente a importância do passado da cidade, o que lhe permitiu não ter que os referir com frequência; e, como poeta que era, tinha que estar essencialmente disponível para observar e registar o «seu tempo», e sobre ele reflectir [«como poderia o poeta não ser do seu tempo, se ele é sempre a mais alta consciência de um tempo?» (Torga, 1999: 623)]. Contudo, e parece-nos importante reforçar esta ideia, nos seus passeios pelo centro histórico de Coimbra (pensemos nos espaços envolventes das Igrejas de Santiago e de Santa Cruz, locais onde passava diariamente) é impossível que não se identificasse com esses espaços e não se sentisse com «oitocentos anos de idade» (Torga, 1999: 1631).

«Não calculas o respeito que senti por certos camaradas teus conterrâneos que olhavam a arquitectura de algumas fábricas de S. Paulo com o embevecimento com que eu contemplo a Sé Velha!» Esta passagem de uma carta de Torga ao seu amigo brasileiro Ribeiro Couto (Torga, 1969: 155) é bem esclarecedora da paixão do poeta pelas construções que o passado nos legou e do respeito pelas construções modernas.

10 «Cada recanto, além da poesia própria, tinha a história a redoirar-lhe os musgos. As algas da Fonte dos Amores pareciam realmente o sangue vertido de Inês de Castro; as águas estagnadas de Santa-Clara-a-Velha reflectiam a imagem maternal e torturada da esposa do Rei Trovador; no palácio de Sub-Ripas ouviam-se ainda os gritos da Maria Teles... A literatura e a lenda envolviam a natureza e os monumentos dum halo transfigurador.» (Torga, 1970: 39-40).

4.2. UNIVERSIDADE

maravilhosa promessa
(Torga, 1989: 43)

amor traído
(Torga, 1981: 60)

É este homem, que quer a plenitude, que se depara com uma cidade universitária, que embora lhe possa dar bastante, fica muito aquém das suas expectativas.

A leitura da obra de António Nobre dá-lhe a primeira imagem negativa da Universidade. Em «Carta a Manuel» o autor de *Só* pinta com cores funestas a cidade dos lentes:

(...)
Hoje, mais nada tenho que esta
Vida claustral, bacharelática, funesta,
Numa cidade assim, cheirando essa indecente,
Por toda a parte, desde a Alta à Baixa, a lente!
(...)
Ah quanto fora bem melhor a formatura,
Na Escola Livre da Natureza, Mãe pura!
(...) (Nobre, 1974: 60)

Em *A Porta de Minerva*, Branquinho da Fonseca (um ano mais velho do que Torga) dá de Coimbra, com enorme ironia, uma visão com muitas afinidades com a que Torga viria a ter.

Segundo Branquinho da Fonseca (um dos três dirigentes da *presença* quando esta «Folha de arte e crítica» foi fundada em 1927), entrar num curso universitário, pela Porta Férrea, e principalmente sair, depois da licenciatura concluída, era o sonho do país inteiro, pois tinha-se passado «a porta estreita dos Evangelhos». (Fonseca, 2000: 204), «símbolo: da dureza da luta que a vida exige, da humilhação, do triunfo, da necessidade de hierarquia, da coragem» (Fonseca, 2000: 204). A partir desse momento e graças à «Bíblia da Humanidade» («a sebenta», que repetia «de uns anos para os outros» os mesmos textos) é-se doutor e está-se convencido «de que isso é alguma coisa...». (Fonseca, 2000 :445). «Lá na terra, tocam-lhes à chegada e a Pátria tem mais um grande homem!...» (Fonseca, 2000: 445).

E Branquinho da Fonseca recorre a um dos maiores mestres da literatura universal – Tolstoi - para anatematizar as Universidades:

(...) Lá dizia o grande Tolstoi que as Universidades não davam os homens de que a humanidade precisava, mas os homens de que necessita a sociedade pervertida: funcionários, professores funcionários, literatos funcionários, ou homens arrancados ao seu meio, sem finalidade nenhuma, com a mocidade estragada e que não encontram o lugar na vida... (Fonseca, 2000: 445)

Branquinho da Fonseca dá-nos ainda, em poucas linhas, uma imagem muito viva das transformações operadas na cidade de Coimbra no período entre a geração do seu pai e a dele. No relato de uma conversa com o pai, este diz-lhe: «O meio era melhor, puramente académico, sem chaminés de fábricas...» (Fonseca, 2000: 234); e referindo-se a uma conversa, dele e de colegas, com o governador civil de Coimbra, regista as seguintes palavras ácidas do político:

Os senhores julgam que Coimbra lhes pertence com direito de vida e de morte. E enganam-se! Julgam que mandam, e não mandam! Julgam que fazem cá falta, e não fazem! Foi tempo! Coimbra já não é a cidade dos estudantes; é um centro comercial e industrial. Os senhores são um pormenor. (Fonseca, 2000: 272)

Torga, que viveu muitíssimo mais tempo do que Branquinho da Fonseca em Coimbra, tem mais oportunidades para analisar a universidade que durante séculos teve o monopólio do ensino superior em Portugal. A análise, infelizmente, não poderia ser mais negra. E o primeiro motivo por que fazemos esta afirmação é porque as críticas que são apresentadas em relação aos anos vinte e trinta se repetem na década de oitenta: «Horas mortais na Sala dos Capelos, (...) a sentir ao vivo a tristeza que é a gente confirmar na velhice os desiludidos juízos que fez na mocidade. Tantos anos de inquietação e de esperança volvidos, e nada mudou» (Torga, 1999: 1543).

Mas o que, na perspectiva torguiana, deve ser uma Universidade?

O jovem e o sénior Torga consideravam que uma Universidade deveria ser uma instituição de ensino capaz de dar aos estudantes «um projecto válido de vida futura». (Torga 1989: 32). E este projecto passa, essencialmente, por:

- «revelar o sentido fundo e terroso da nação e da sua gente» (Torga, 1989: 35);

- dar: «tratados» em vez de «sebentas»; «lições» em vez de «orações solenes»; «humanidade» em vez de «mundanidade» (Torga, 1989: 35-36);
- ensinar «a mocidade a lavar-se do surro das berças e a tornar-se, orgulhosamente nacional, cidadã do mundo». (Torga, 1989: 32).
- produzir «um invento, uma ideia, uma teoria (...)» E, logo a seguir a esta afirmação, Torga acrescenta que os intelectuais que passaram pela Universidade e que produziram obras inovadoras, fizeram-nas porque «Não tendo capacidade formativa, a Universidade desperta, por isso mesmo, uma permanente necessidade de reacção.» (Torga, 1986a: 88-89)
- ter um corpo docente que não habite «Um claustro fechado de ungidos, inacessíveis como uma casta sagrada dentro de uma religião.» (Torga, 1989: 32)

Depois de reflectir sobre as razões do fracasso da Universidade portuguesa, Torga aponta duas causas:

- «Conservadora e reaccionária, nenhuma reforma a reformava. Mantinha-se de pé à custa do próprio imobilismo.» (Torga, 1981: 60). «A brevidade com que cada geração a frequentava iludia a realidade», isto é, o «imobilismo». «À constante rendição discente não correspondia qualquer renovo nas ideias e nos métodos docentes.» (Torga 1981: 60)
- Não dialogava, porque foi durante séculos a única Universidade do país: «Esta Universidade única desgraçou-nos. Se fosse obrigada a dialogar, a argumentar, a defender-se, teria de ser subtil, ágil e audaz.» (Torga, 1999: 699-700). A «acrópole que (...) coroava» (Torga 1981: 61) a cidade de Coimbra, dominava não só a cidade toda, mas também «o país rasteiro». (Torga, 1999: 700). «(...) o país, rasteiro, em baixo, foi repetindo o cantochão. E de tal modo se acostumou à sebenta, à mnemónica, ao ritmo do chouto coimbrão, que, apesar dos esforços de Lisboa e do Porto, o humanismo português continua a ter uma andadura de cortejo doutoral, oco, barroco e chameleiro. (Torga, 1999: 700)

É nesta universidade que Adolfo Rocha se matricula em 1928, contava vinte e um anos, em Medicina.

Opta pela «arte de Hipócrates», porque, explica-nos o próprio:

Sem qualidades pedagógicas, canhestro em línguas, inimigo de códigos e sentenças, e, sobretudo, cioso de liberdade, só na arte de Hipócrates poderia encontrar ao mesmo tempo uma profissão e um caminho humano paralelo ao que, sem diplomas de nenhuma espécie, tencionava seguir. Serviria dois amos, dando a ambos o mesmo devotamento e a mesma fidelidade. Dos honrados serviços prestados a um, tiraria o pão da boca; do inquebrantável esforço dado ao outro, nada receberia. Era uma pura imolação. (Torga, 1970: 71-72)

E, logo durante o curso, a «arte de Hipócrates» vai ter um papel da maior importância na arte do jovem Orfeu. Há dois momentos particularmente marcantes e com características diametralmente opostas: a dissecação de um cadáver e a assistência de um parto – as duas fronteiras que balizam «as dimensões da profissão que ia abraçar.» (Torga, 1970: 93-4).

A dissecação do cadáver levou-o a escrever «Balada da Morgue» (*in Rampa*), poema sobre o qual viria a dizer que foi a assinatura do seu «pacto com Orfeu». E Torga explica-nos logo a seguir a esta afirmação porque considera este poema um pacto com Orfeu: ele (o poema) é o «paroxismo dum grito» que contém «Toda a miséria humana e toda a angústia da vida.» (Torga, 1970: 73); e como no «alto céu (...) mora/ Um Deus que na mesma hora/ Nos criou e nos perdeu.» é preciso procurar apoio no deus Orfeu.

Segundo a cronologia *d'A Criação do Mundo* foi posteriormente à experiência da dissecação de um cadáver que Adolfo Rocha assistiu «assombrado (...) a um parto» (Torga, 1970: 93). Esta vivência, tão profunda, leva o poeta a escrever: «a visão do curso mudara dentro de mim. À fria mesa da morgue, opunha-se o quente berço da maternidade. Agora sim, encontrara a segunda fronteira que balizava as dimensões da profissão que ia abraçar.» (Torga 1970: 94).

E em 8 de Dezembro de 1933 o estudante de Medicina termina o curso e sente-se «varado de lado a lado por um terror fundo que não diz donde vem nem para onde vai.» (Torga 1999: 33)

No sub-capítulo sobre Medicina, tentaremos descobrir «donde vem» e «para onde vai» esse «terror fundo» (que o poema «Balada da Morgue» explica em grande parte).

4.3. LITERATURA (e MÚSICA)

Abóbada majestosa da cultura, céu onde todas as cores se juntam e purificam, só a poesia poderá unir e pacificar a humanidade de hoje, estrelando de luzes de esperança a pavorosa noite que nos atormenta.
(Torga, 1999: 579)

Nota Prévia: na abordagem deste tema faremos uma interrupção em 1953 por dois motivos:

1º. (e principal) – a partir de 1953 o Orfeu Rebelde passa a viver numa moradia própria. Aqui tem uma ampla e confortável sala-biblioteca (à qual não falta lareira). Nesta sala-biblioteca, Torga, com grande intensidade e paixão, lê, reflecte, ouve música, escreve novos textos e revê e refunde textos antigos. A casa é, desde 2007 (ano do centenário do nascimento do escritor), Casa-Museu. Acreditamos que, em termos de turismo cultural, tem muito mais impacto falar-se da postura dum escritor perante a literatura no espaço por ele eleito para a escrita e leitura do que num espaço algo abstracto. (Obviamente, não podemos esquecer que o consultório era também um espaço de eleição para o culto de Orfeu, mas esse... já não existe!).

2º. O período que medeia entre o seu regresso definitivo a Coimbra (1941) e 1953 é também preenchido por uma intensa actividade clínica, e contactos com jovens, com a população anónima e com a natureza. Parece-nos, por conseguinte, que faz sentido aproveitarmos esta ocasião para falarmos dos temas: Medicina/Consultório; Juventude; População Anónima e Natureza.

Para o homem que dizia «Não. Não tenho limites./ Quero de tudo/ Tudo.» (Torga, 1999: 1390), a vida é constituída por muitos momentos e actos sagrados: o sonho (e o sono), o exercício da medicina, o convívio, a intervenção política, a comunhão com a natureza, a contemplação da arte, a caça e ... a escrita.

A «Agarez alfabeto» do homem da Montanha foi palco, durante quase setenta anos, da sua paixão pela literatura.

É um facto que já em S. Martinho (graças à escola do senhor Botelho e ao contacto com os sábios de «Agarez»); no Porto (onde leu os bons livros dos filhos dos patrões); em Lamego/seminário (onde teve disciplinas que considerou muito positivas); e no Brasil (onde também leu muito graças à frequência do «Ginásio de Ribeirão») se tinha manifestado o seu encanto pela literatura, mas foi a «anarquia poética e faminta» do colégio do «Dr. Almeida» que lhe proporcionou as condições para poder dar um considerável salto qualitativo. Aqui encontrou livros de: «Bernardim Ribeiro, António Nobre, Cesário, Eça, Antero, Fialho e outros» e ... a amizade do «Dr. Almeida» que lhe diz:

«- Quando quiser, estão às ordens...

E eu fechava-me no quarto a devorar versos e a olhar a paisagem.» (Torga, 1970: 39)

Esta facilidade de acesso à boa literatura e o facto de viver com «companheiros mais novos» levaram-no à descoberta duma «riqueza inédita: a solidão rodeada de livros.» (Torga 1970:41)

« *I don't think much of a man that is not wiser today than yesterday... (...)*». Esta e outras frases de grandes figuras decorava-as Torga num «fervor de prosélito». A imersão na leitura de livros de grande qualidade era acompanhada por música de «Beethoven tardes inteiras», tocada pelo «Dr. Almeida» enquanto a «D. Adélia» (mulher do Dr. Almeida) declamava Corneille e Racine (ver Torga 1970: 53-4).

A bagagem cultural conquistada e, obviamente, a sua veia poética, permitiram-lhe chegar até Edmundo de Bettencourt (o Dr. Marinho d'*A Criação do Mundo*). É graças ao poeta e cantor Edmundo de Bettencourt que Torga ingressa em 1929 na *presença*, onde viria a publicar seis poemas (veja-se Rocha, 2000: 46), dos quais se destaca «Balada da Morgue», que o marcará para toda a vida. (Este poema foi selecionado, pelo autor, em 1987, para o disco *Oitenta Poemas*.) Publicou, também, segundo a mesma fonte, o texto em prosa «O caminho do meio».

José Régio, com 26 anos e já poeta respeitado (o livro *Poemas de Deus e do Diabo* foi publicado em 1926), funda a *presença* em 1927 com João Gaspar Simões e Branquinho da Fonseca. Torga, seis anos mais novo do que Régio, torna-se rapidamente um incondicional presencista.

Os números da revista saíam heróicos e escandalosos. Vivíamos em desafio constante, sem transigências, sem complacências, seguros da nossa missão renovadora. (...) desafiávamos Portugal inteiro, que continuava cego na sua rotina, no seu conformismo, na sua retórica. Todas as experiências gráficas e literárias se faziam, todas as tentativas se ousavam. (Torga, 1970: 83)

E, pouco à frente, referindo-se à «geração de oiro» (Brojo, s/data e s/página) do fado de Coimbra, Torga diz:

Até nas tabernas da boémia desfraldávamos o pendão da revolta, no esforço hercúleo de abalar as raízes da Coimbra petrificada na tradição. O dr. Marinho cantava. O Roseira, também poeta, tocava guitarra. Mas no próprio fado se procurava encontrar o lado solar, a pureza expressiva, num repúdio sadio de sentimentalidades chulas e langores turísticos. Queríamos ser a autenticidade dum Portugal local, que desejávamos tornar universal. (Torga, 1970: 83-4)

Segundo os autores de *Tempo(s) de Coimbra – oito décadas no canto e na guitarra*: «Um lugar muito especial» deve ser guardado para Artur Paredes e Edmundo de Bettencourt: «os acordes vigorosos de Artur Paredes e a voz cristalina de Edmundo Bettencourt (...) permanecerão como valores imperecíveis da própria música popular portuguesa.» (Brojo, s/ data e s/página).

Era certamente esta, também, a opinião de Régio que em «Balada de Coimbra» nos diz:

(...)
Ai choro com que o Paredes,
Vibrando os dedos em garra,
Despedaçava a guitarra,
Punha os bordões a estalar,
Gritos de cristal e de oiro
Que o Bettencourt alto erguia,
Que é da roda que algum dia
Vos sabia acompanhar...? (Régio 1984: 75)

Clara Rocha refere (ver Rocha, 2000: 50) que a *presença* contribuiu para que Torga ficasse marcado por escritores como Dostoievsky, Proust, Gide, Ibsen e cinco brasileiros: Jorge Amado, José Lins do Rego, Cecília Meireles, Ribeiro Couto e Jorge Lima. Torga falará também da importância que teve para a sua formação um outro escritor enaltecido pelo grupo da *presença* – James Joyce (ver nota do *Diário* de 11 de Julho de 1944).

No *Diário*, há referências directas e muito impressivas a vários destes escritores.

Dostoievsky - «Quanto mais sei deste génio russo, mais me sinto ligado e agradecido à bênção literária que me deu quando pela primeira vez o li.» (Torga, 1999: 126)

Proust - Depois de ter estado muitos anos sem ler Proust, Torga verificou «que guardava tão nitidamente na memória as subtis observações do grande escritor». Por isso, afirma: «Uma obra genial é assim. A gente muda de rumo, tenta negá-la. Mas ela continua viva dentro de nós.» (Torga, 1999: 532). E seis meses antes registou algo de preocupante, mas que revela, uma vez mais, a enorme admiração que tinha pelo autor de *À Procura do Tempo Perdido*: «De Proust para cá, é sempre a perder o pé na terra. Podem eles falar em nome do telúrico e do humano. Deixá-lo! Podem escrever palavrões e descrever cenas sexuais com toda a pornografia. Deixá-lo! Os livros não têm força, nem verdade.» (Torga 1999: 507)

Sobre o escritor norueguês **Ibsen**, faz uma afirmação que revela implicitamente, mas com toda a clareza, o que pensava da causa da dificuldade em divulgar obras de escritores que escrevem em línguas dos países do gelo, ou de alguns países do sol (concretamente, Portugal): «Sabe-se do esforço que foi feito para fazer descer Ibsen dos seus gelos. Tudo vão. As plateias cá de baixo, pelos modos, assistiam impávidas ao esforço dos Pitoeff. Tanto, pelo menos, como génio, é preciso que a terra de onde ele brota o imponha ao consenso geral.» (Torga, 1999:139-40)

Gide - «Põe-se a gente a ler estes Gides, estes Munthes, estes Malraux. E é sempre a mesma sensação de plenitude.» (Torga, 1999: 38). Mas a opinião sobre Gide viria a mudar. Quando o autor de *Alimentos Terrestres* morreu, o autor do *Diário* escreveu: «as dores do mundo pouco ou nada lhe doíam. E mesmo quando protestava, a indignação não irrompia das veras da alma. Falso moedeiro da moral, não se encontra nos seus livros a autenticidade dum oiro de lei cunhado com o ferro em brasa do desespero lancinante.» (Torga 1999: 588)

Comentando a revista *presença*, Fernando Guimarães chama a atenção para «a diversidade de domínios culturais explorados, que iam desde a arte (...) à filosofia (...), desde o cinema (...) à música». (Pires, 1986: 245). Este facto é de particular importância para Torga, principalmente no que se refere ao cinema e à música.

No cinema, os seus deuses eram Buster Keaton e Charlot (veja-se Rocha, 2000: 50). E essa paixão ficou-lhe para toda a vida. Quando Charlie Chaplin morreu (Torga, 1999: 1354), o cinéfilo Torga escreve:

Um génio que o [«mundo»] habitava desapareceu para sempre. Só que esse génio de tal maneira se transmutou na sua criatura, que de há muito ela lhe ocupa o nicho no altar dos meus santos. (...)

O Zé-ninguém inocente e arteiro de A Quimera do Oiro, do Circo e dos Tempos Modernos (...) que não desiste mesmo quando parece abandonar a luta, que sabe encontrar sempre o largo caminho da liberdade em todos os becos sem saída, é que é meu semelhante, é que irradia calor humano, é que infunde coragem e dá esperança, é que me espevita a imaginação. E esse, (...) não morreu nem morrerá. (Torga, 1999:1354)

E num domingo de desânimo, escreve, depois de ter visto um filme de Buster Keaton:

Aquela tenacidade incansável, aquela decisão de vencer todos os obstáculos sem cuidar das forças do corpo (...) deu-me ânimo para entrar pela noite dentro de caneta na mão, a provar a mim mesmo que não é a vida que em certos momentos não presta. Somos nós que não prestamos.» (Torga, 1999: 1608)

Quanto à **música**, veja-se o que nos diz sobre diversos compositores:

Torga visitou por duas vezes a Cartuxa de Valdemosa, em Maiorca. Aqui, na presença do piano de **Chopin**, lamentou que os visitantes e a «mão diligente do turismo» (Torga, 1999: 710) não estivessem à altura da «glória cada vez mais pura» do compositor. (Torga 1999: 539)

Quando morre o músico compositor espanhol **Manuel de Falla** (1946), o nosso poeta dedica-lhe um poema digno de integrar os *Poemas Ibéricos* (que não contemplam nenhum músico) e que tanto nos diz não só do músico, mas também do autor do poema:

A Manuel de Falla

Que Morreu Ontem

A vida é breve, Falla.
Mas é breve
Para quem apodrece na mortalha.
Não a tua!
No Concerto de Cravo
Uma vida mais alta continua.
Não, não há génio breve,
Nem morre o homem que na vida o teve,

Como tu!
Dorme e descansa o corpo velho e gasto,
Porque o teu nome é um astro
No céu da ibéria desolado e nu. (Torga, 1999: 370)

Beethoven: «Vai-se a um concerto. E muito embora a gente sinta, a ouvir os outros, que está num reino maravilhoso, permanece calmo. Mas chega a vez do grande surdo. O pianista dá a primeira martelada no teclado, e qualquer coisa de sobrenatural surge logo. (...) É uma beleza cósmica, de raios e de trovões, uma beleza dada por um Deus que viveu na terra por engano.» (Torga 1999: 101).

Haydn: «*A Criação do Mundo*, de Haydn. De vez em quando, Deus encontra homens à sua medida.» (Torga, 1999: 828).

Bach: Num apontamento para uma auto-biografia, Torga escreve: «Gosta de música, particularmente de Bach.» (Rocha, 2000: 99)

Canto Gregoriano: «Quase que podia jurar que os monges que ouvia, e atingiam no canto não sei que sublimidade, estavam longe de ser criaturas exemplares. Mas conseguiam arrancar de si inflexões de tal maneira lancinantes e pacificadoras, que era como se em cada modulação transformassem as trevas terrenas na claridade celeste.» (Torga, 1999: 1439-40)

Porque razão terá Torga abandonado a *presença*? A razão por ele apontada não nos convence totalmente.

O Orfeu Rebelde afirmava ter «uma real incapacidade de adesão a igrejas de qualquer natureza. Saí da religiosa em que fui criado e da literária em que entrei um dia, por motivos idênticos: faltava-me o ar naqueles fechados ambientes de ortodoxia.» (Torga 1999: 1047)

Torga, Branquinho da Fonseca e Edmundo de Bettencourt, em 1930 «acusam a *Presença*, e em particular os seus directores, de resvalarem para um paternalismo e um academismo em tudo contrários ao propósito inicial da revista.» (Rocha, 2000: 50). E Torga, em *A Criação do Mundo - II* retrata os colegas da revista com quem se incompatibilizou nos seguintes termos:

Intellectualizados da cabeça aos pés, mal tocavam a realidade. Eram platónicos no amor, teóricos no desporto, metafísicos no convívio. A convicção de serem únicos distanciava-os do vulgo, tornando-os incapazes dum contacto permanente com as forças rasteiras da natureza. (Torga, 1970: 84)

Ora, mesmo que não houvesse muito exagero nesta descrição (que se aproxima duma caricatura), tudo isto explicaria sensibilidades e conceitos diferentes, mas, parece-nos, não suficientemente fortes para justificarem uma ruptura.

Régio, no manifesto «Literatura livresca e literatura viva» (nº 9 da revista *presença*), pergunta: «as preocupações de ordem política, religiosa, patriótica, social, ética, - hão-de, forçosamente, ser banidas da Obra de Arte?» e responde de imediato: «De modo nenhum.». E Eugénio Lisboa, fazendo uma análise global desta questão, não duvida de que: «a *presença* esteve muito longe de ser a academia rigidamente monolítica que dela quiseram fazer alguns detractores primários. As ideias circulavam livremente e livremente se opunham, - até entre os seus dois principais directores...» (Lisboa, 1984: 35)

Perguntamos se a razão desta ruptura não estará essencialmente relacionada com o ascendente de Régio no grupo, e que Torga não aceitava.

Nas obras dos dois escritores, é na de Régio que encontramos mais elementos para compreendermos a relação entre os dois.

São muitos os quadros que Régio nos dá da sua relação com Torga no *Jogo da Cabra Cega* (onde o jovem de «Agarez» tem o nome de Luís Afonso), e têm todos traços e cores muito fortes e diversos. Podem, contudo, resumir-se a três ideias-chave:

1ª. Ambos se consideram (e são considerados) os grandes personagens do «Grupo».

- «Evidentemente, a preponderância cabia a Luís Afonso.» (Régio, 2006: 36)

- «a necessidade de aprovação (sobretudo minha) que lhe adivinhávamos.» (Régio, 2006: 36)

- «Preferindo, embora, a sua conversa à de qualquer outro, eu receava os *tête-à-tête* com Luís Afonso; e quase só na presença dum terceiro (...) dialogava facilmente com ele.» (Régio, 2006: 47)

2ª. Há um braço de ferro feroz entre ambos. Eis paradigmáticos trechos:

- Luís Afonso: «Mas a megalomania cega-te, meu caro; e nem dás pelas tuas contradições! Tens uma invencível necessidade de a teus olhos te engrandeceres...» (Régio, 2006: 215)

- Régio: «Queres saber o que me não perdoas?... É a minha superioridade!» (Régio, 2006: 220)

- Luís Afonso: «Tu..., queres saber o que tu me não perdoas? É eu não reconhecer completamente essa tua superioridade!» (Régio 2006: 221).

- Régio: «Sim, - eu conhecia (ou suspeitava) o poder de infiltração e persistência com que, sem acusar directamente, Luís Afonso preparava entre os amigos terreno favorável a acusações directas. As acusações directas vinham depois.» (Régio, 2006: 288)

- Régio: «Sempre pensei que... apesar dos teus esforços..., te faltava o dom de amar!» (Régio, 2006: 306)

- Régio: «Tu!... – gritei com todo o meu desespero na voz – Tu é que os envenenaste! O teu maldito espírito de desconfiança cega-os. Tu é que os endureceste contra mim! A ti..., não te posso perdoar.» (Régio, 2006: 306)

3ª. O convívio humano reveste-se duma «dilacerante dificuldade» (Eugénio Lisboa, in prefácio a «Jogo da Cabra Cega», p. 12)

- Régio (a vários companheiros): «Vocês não me compreendem... nem eu a Vocês... E tudo o que nós sabemos uns dos outros... dos defeitos e virtudes uns dos outros... pouco vale...» (Régio, 2006: 301).

Se saltarmos para as décadas de cinquenta e sessenta encontraremos novamente, por parte de Régio, referências bem concretas a Torga. Elas surgem em *Páginas do Diário Íntimo*. O longo interregno, que vai do *Jogo da Cabra Cega* a estas páginas de *Páginas*

do *Diário Íntimo*, não diminuiu (terá mesmo aumentado) a admiração que Régio tinha pelas capacidades literárias do seu colega e mitigou drasticamente as avassaladoras críticas.

Nas sete entradas em que fala de Torga há apenas uma crítica. Trata-se da entrada de 18-11-1958 que nos diz: «Foram gravados três discos (os primeiros que em Portugal se fazem de dicção de poemas pelos próprios autores): um do Torga, um do Serpa, um meu. O Torga exigiu que o seu nome fosse o primeiro a vir anunciado. Sempre o mesmo!» (Régio, 2000: 333)

Nesta mesma década, há mais três referências importantes a Torga, que revelam que o autor de *A Salvação do Mundo*, apesar de se considerar o principal continuador de Gil Vicente e de Garrett, admira o autor de *Terra Firme*.

Mas a maior prova de apreço de Régio pelo autor de *A Criação do Mundo* surge em inícios da década de sessenta, quando se discutiu a possibilidade do Prémio Nobel da literatura ser atribuído a um português. Embora Régio se considerasse mais merecedor do tão ambicionado galardão, não deixava de considerar que Torga também podia ser um digno candidato. (Vejam-se as entradas de *Páginas do Diário Íntimo*, pp. 344, 345 e 346).

«Mal abandonara a *Vanguarda*, leia-se *Presença*, fundara uma revista independente, *Facho*, leia-se *Sinal*, que morreu ao nascer (só saiu um número e somente com artigos dele e de Branquinho da Fonseca). «As boas intenções de fazer dela um farol de nova luz, não bastaram. Sobrestimara as próprias forças. (...) Com o tempo, porém, fui aprendendo (...)» (Torga, 1970: 159-60)

Em 1936 funda «a revista *Manifesto*, com Albano Nogueira. Contando com a colaboração de António Madeira [Branquinho da Fonseca], Vitorino Nemésio, Álvaro Salema, Carlos Sinde (nome literário de Martins Carvalho), Afonso Duarte, Paulo Quintela, Sílvio Lima, Bento de Jesus Caraça, Joaquim Namorado e Fernando Lopes Graça (...)» (Rocha, 2000: 61).

Saíram cinco números, entre Janeiro de 1936 e Julho de 1938. É este um dos períodos mais intensos da vida de Torga: entre Vila Nova de Miranda do Corvo e Coimbra, exerce medicina; especializa-se em otorrinolaringologia; começa a escrever *Alguns poemas Ibéricos*; publica *A Criação do Mundo – Os Dois Primeiros Dias* e *A Criação do Mundo – O Terceiro Dia*; colabora na *Revista Portugal*, fundada em 1937 e dirigida por Vitorino Nemésio onde publica, em sete dos dez números, poemas, contos e páginas d'*A Criação do Mundo* e do *Diário* (Pires, 1986: 263) e, entre Dezembro de 37 e Janeiro de 38 faz uma grande viagem por Espanha, França, Itália, Suíça e Bélgica.

De entre muitos ilustres colaboradores da revista *Manifesto* interessa, numa perspectiva de Turismo cultural, realçar o nome de Lopes Graça. Ele viria, em 1942-43, a musicar os poemas que compõem a «História Trágico-Marítima» de *Alguns Poemas Ibéricos*, trabalho revisto em 1960. Esta composição está disponível para ser utilizada em animação cultural ou como complemento da utilização dos poemas durante visitas a patrimónios relacionados com a época dos Descobrimentos.

Pensamos ser importante analisarmos aqui o artigo de Lopes Graça («A Música e o Homem», do 1º número de *Manifesto* - Janeiro de 1936), pois revela profundas afinidades entre o musicólogo e o *Orfeu Rebelde* no que respeita às sensibilidades artística e social.

Para o autor do artigo «A Música e o Homem», a «verdadeira Arte é uma pregação; o verdadeiro artista, um pregador. Há os que pregam apenas a Beleza. Mas há os que pregam a Beleza e mais alguma coisa (...); e não são os menores.» O «mais alguma coisa» é, para o musicólogo (e músico), a capacidade de cada artista de pregar aos homens da sua geração o que é necessário pregar para que ele se salve. E dá dois exemplos tão gratos a Torga: Bach com a «Paixão segundo S. Mateus» («o monumento incomparável do lirismo pietista» e Beethoven com a «9ª Sinfonia» («o hino sublime da Liberdade e da Fraternidade humanas»).

Lopes Graça considerava que a salvação da humanidade é muito mais «divina» se corresponder à «realização na terra do Reino dos Céus» do que a «uma plenitude celestial com todas as características terrenas». Torga, ao longo de toda a sua obra, subscreve, repetidas vezes, esta ideia.

Em 11 de Julho de 1944, Torga escreve no *Diário* uma nota fundamental para compreendermos as suas opções literárias. Embora sem negar a genialidade dos «Prousts», dos «Joyces» e dos «Gides», renega grande parte das mensagens que recebeu desses mestres dos jovens presencistas. O autor de *Libertação* vê nos «Prousts» e nos «Joyces» a definição de arte como sendo «um descampado lúdico e pessoal de quermesse» e uma «visão (...) privativa da beleza». Quanto aos «Gides», estes tinham-lhe ensinado «que os homens se dividiam em artistas e não artistas, e que os dois grupos não se podiam encontrar na vida. Nem o facto de eu ter certas ideias políticas me valeu. A lição era peremptória: tanto quanto possível, o homem e o artista deviam viver dentro de mim em compartimentos estanques.».

Torga considera que por ter recebido essas lições «Ia cantando as minhas dores e as minhas alegrias, sobretudo as primeiras, às vezes a pensar nas dos outros, mas sem fazer finca pé nessa solidariedade.» E aponta como exemplos dessa face da sua obra *Rampa* e *O Outro Livro de Job*. «Espontaneamente, todo eu fui chamado para o campo da comunhão humana, para o terreno chão onde se encontram todos os que sabem que viver é sobretudo amar e ser amado. Mas o cântico de fraternidade cobriu-se de lágrimas e manchou-se de nódoas de sarcasmo. Escrevi uma *Lamentação*, quando eu queria escrever uma libertação.» Mas o poeta que tinha «uma sede contínua de amor universal» recomeça o seu trabalho de Sísifo e afirma: «Basta de agonias e de masturbações! O mundo luta pela sua redenção, que está perto. Cantem os poetas esta nova manhã!» (Torga, 1999: 294-5).

Pensamos poder afirmar que Torga considerava que os imediatos contributos que deu para «esta nova manhã» foram:

- O livro *Libertação*. Tenha-se em consideração, essencialmente, os poemas: «Exaltação», «Exortação», «Fascinação», «Farol», «Lua Nova», «Ressurreição», «Encontro», «Regresso», «**Perenidade**», «Lei», «Rendição», «Provérbio», «Apólogo» e «**Mensagem**» - são todos eles a revelação duma profunda crença na libertação da humanidade, através da poesia, da alegria, da beleza, da juventude, da sexualidade e da natureza. («Perenidade» e «Mensagem» são referidos em negrito porque consideramos não somente os mais belos, mas também porque em termos de Turismo Cultural são os mais fortes);

e

- a entrevista dada ao *Diário de Lisboa* de 24 de Outubro de 1945 (quinze anos depois da ruptura com a *presença*). Nesta entrevista, o escritor revela que continua a acreditar na sua geração. Mais do que acreditar, admira-a profundamente e sente que tem os mesmos ideais: «Queremos do passado o sonho, o devotamento e a acção. Mas vamos juntar-lhe actualidade, técnica, e um conceito mais humano e dialéctico de encarar os problemas. (...) Desejamos coisas simples e possíveis.» (Torga, 1999: 330-1). Referindo-se ao povo, diz que ele «está divorciado da cultura, e encolhe-se cada vez mais na sua fome e na sua ignorância». Mas o escritor mostra-se convicto de que os artistas portugueses da sua geração saberão ir ao encontro do povo, esclarecê-lo e interessá-lo «activamente na sua própria salvação.» (Torga, 1999: 332)

Parece-nos importante chamar aqui a atenção para o facto de que, no início do mês desta entrevista (Outubro de 1945), Torga escreveu em doze dias oito poemas no *Diário* (caso único na história do longo livro), todos eles repletos de optimismo e de força que se podem sintetizar no poema «Sementeira» («Foi a mão como um ralo a semear/ Que me disse que sim, que acreditasse;/ Que a vida era um poema a germinar,/ E portanto cantasse!») e no primeiro verso de «Promissão» («O futuro é o meu reino, e eu caminho!«).

Bastante na linha do que diz na entrevista ao *Diário de Lisboa* sobre os problemas contemporâneos, mas já bastante menos optimista, importa recordar o que escreve no *Diário*, em 11-7-1947, sobre:

- a necessidade duma «devoção humanitária»;

- o «poder realizador da técnica.»;

- a necessidade de construir o «céu (...) na vida»:

O único problema do nosso tempo é saber como se hão-de guindar as massas à vida e à cultura. (...) a aparelhagem social de que dispomos pode resgatar a multidão da sua escravatura. Mas para isso não basta só uma doutrina. É preciso também uma devoção humanitária. Até hoje, só os socialistas anárquicos e os crentes de certas religiões pregaram qualquer coisa nesse sentido. Mas exactamente porque os primeiros descuram o poder realizador da técnica, e os segundos acabam por encontrar na morte o céu que era preciso construir na vida, o problema nunca teve solução. (Torga, 1999: 387-8)

Mas recuemos um ano (a 1946) para referirmos um novo livro de poesia. É um livro pouco contemplado pelo autor quando, em 1987, fez uma apertadíssima selecção dos seus poemas para o disco *Oitenta Poemas* e quando, em 1994, escolheu trezentos e cinquenta e sete poemas para a quarta edição de *Antologia Poética*. Não pretendemos contestar o critério do poeta, mas consideramos que em termos de Turismo da Natureza (e talvez também possamos dizer: em termos de Turismo Cultural) *Odes* é, de todos os livros de poesia do Orfeu Rebelde, aquele que deve ser utilizado com mais frequência, com excepção de *Poemas Ibéricos* no que concerne ao turismo cultural.

Em 1948, surge *Nihil Sibi*. Consta, essencialmente, da apologia do Poeta: [«O Poeta é uma fonte:/ Nada reserva para a sua sede; Canta também a dar-se,/ E não dorme, nem pára.» (Torga, 1975: 9)], da poesia, da imaginação e da crença no futuro. No âmbito desta tese são particularmente importantes os poemas «Majestade» e «Cântico Fraternal». O primeiro remete-nos para a importância da imaginação: «Passa um rei – é o Poeta./ Não pela força de mandar,/ Mas pela graça mágica e secreta/ De imaginar.»; e o segundo coloca-nos perante o fascínio do futuro: [«O passado é o passado – já morreu./ Grande é o futuro, por nascer./ Nenhum fruto maduro prometeu/ O que a semente pode prometer.» (p. 63)].

Tenhamos em consideração o que dissemos na «Introdução» desta tese: *Nas perfeitas Capelas Imperfeitas Torga quis imaginar (e quis que todos os portugueses imaginassem) o Portugal «sempre por acabar»* (Torga, 1999: 1478). No mosteiro da Batalha termina o nosso Itinerário na Casa do Orfeu Rebelde. E o nosso Orfeu queria que aí, junto da «Ínclita Geração», todos os portugueses imaginassem o futuro de Portugal.

Em nota do *Diário* de 20 de Janeiro de 1949, um profundo desânimo sócio-político surge novamente em relação aos homens da sua geração:

Notavelmente inteligentes alguns, tecnicamente competentes a maior parte, honrados, quase todos, poderiam dar ao país muito esforço e muita seriedade. (...) embora triunfantes na vida particular, há neles o estigma de uma frustração social. E quando a coisa pública os convida, mesmo fugazmente, sente-se nos passos que dão uma incerteza e uma desorientação (...)

No fundo, talvez não fosse uma geração política nem combativa. Talvez sentisse mais as ideias do que as vivesse. E que a literatura, a filosofia ou os bens materiais preenchessem as suas mais prementes necessidades.

E termina esta nota com as seguintes palavras, que não destoam do que disse após a dissidência com os presencistas:

nada conseguiu nem conseguirá, se medirmos pelas realizações concretas e pela posse real dos castelos a força dos cavaleiros. (...) Balizada já entre os quarenta e os cinquenta anos, inexperiente e desiludida, pouco ou nada lhe resta. E terá de chegar ao fim (...) melancolicamente convencida de que foi quase inútil ter vindo ao mundo, uma vez que o mundo não era um panorama para se gozar, pensar ou descrever, mas sim uma fortaleza para se conquistar. (Torga, 1999: 448)

Precisamente dez dias antes desta nota, o autor do *Diário* escreveu outra, onde também se inclui a ele próprio, que nos ajuda a compreender o seu pessimismo:

Acovardou-se o homem não só perante as forças de fora como perante ele próprio. O ditador de cada um de nós vive em nós. E o nosso maior ódio é pela parte que nos domina e vence. Não há hoje homem no mundo que ao fim de cada dia não tenha um crime a roer-lhe a consciência: a vilania de ter bajulado um superior, a humilhação de não ter colaborado num protesto, a desonra de ter aplaudido uma mentira. (Torga 1999: 445)

Não admitindo ser dominado por qualquer ditador (e, muito em especial, pelo ditador que vive nele), publica em 1950 *Cântico do Homem*. O «honrado poeta sinaleiro» (Torga, 1974b: 71) é, ao longo do livro, extremamente crítico em relação à «Miséria de cobardia/ Que não arromba a janela/ Da sala onde a fantasia/ Estiola e fica amarela!» (Torga, 1974b: 14). Contudo, o último poema do livro é um hino («Hossana») ao futuro:

Junquem de flores o chão do velho mundo:
Vem o futuro aí!
Desejado por todos os poetas
E profetas
Da vida,
Deixou a sua ermida
E meteu-se a caminho.
Ninguém o viu ainda, mas é belo.
É o futuro...
(...) (Torga, 1974b: 82)

Estamos, todavia, em total discordância com o poeta quando este, vitimizandose, nos diz em «Legado»: «Uns têm a sina de sonhar a vida,/ Outros de a colher» (Torga,

1974b: 49). É um facto que muitos sonham a vida, e não a colhem; mas consideramos igualmente verídico que só quem sonha consegue colher.

É também de 1950 o livro *Portugal*. Contudo, tendo em consideração o relevo que este livro tem para esta tese, e, ainda, o facto de ter sido refundido em 1957, deixamos a análise do mesmo para capítulo autónomo.

Continuando, sem tréguas, o combate para não sucumbir «às razões do tempo e da fortuna» (Torga, 1999: 1048), o Orfeu Rebelde procura novas formas de enaltecer e responsabilizar o verbo. São de 1951 três das mais reconfortantes notas escritas com esses objectivos:

- «...não há palavra que se escreva sem esperança». (Torga 1999a: 578)
- «Poetas... Vozes que não desistem de anunciar os tesoiros que se escondem no barro da nossa condição.» (Torga, 1999: 579);
- «Mais do que refocilar no lodo, é urgente que a Poesia arranque dele os que ali caíram desesperados, e lhes transmita a alegria de viver na descoberta sempre renovada e virginal dos seres e das coisas». (Torga, 1999: 594)

De 1951 é também o seu último livro de contos: *Pedras Lavradas*. Pensamos que neste livro (e o mesmo acontece em *Rua*) o contista não consegue lavar as palavras com uma inspiração tão forte quanto a que teve nos três livros de contos da Montanha (aqui incluímos *Bichos*). Quando escreve no e sobre o «Reino Maravilhoso», Torga tem mais raízes, mais tempo, mais vontade e ... (cremos firmemente) sente-se ajudado pelos seus penates. Contudo, *Pedras Lavradas* é também uma obra incontornável. Vários destes contos poderiam figurar nos contos da Montanha [é o caso dos três cujos personagens são crianças («O grilo branco», «Desencanto» e «O pequeno herói») e de «A barragem», conto profundamente inspirado nas experiências torguianas nas aldeias comunitárias de Rio de Onor, Castro Laboreiro e Vilarinho da Furna].

«**Marinha**», para nós o mais belo conto de *Pedras Lavradas*, é-lhe inspirado num drama que Torga conheceu de perto – o da emigração (que nem sempre se realizava por razões económicas) para o outro lado do Atlântico: «Viu então como era

verdadeiramente grande, largo e profundo, o mar que até ali marginara, a brincar-lhe na orla. E como separava!» (Torga, 1992b:107).

Em «**A consulta**» o escritor Torga descreve detalhadamente os sentimentos do Dr. Adolfo Rocha durante uma consulta a uma estrangeira «Jovem, esbelta, loira» (Torga, 1992b: 18).

«**Segredo**» é um dos mais dramáticos e solitários contos do escritor e faz-nos pensar no provérbio árabe que nos recorda que «As grandes dores são sempre mudas.» (Letria s/d: 27).

«**O milionário**» ensina-nos que «Urdida, a manta da vida é irredutível ao novelo original.» (Torga, 1992b: 121), e, ensina-nos ainda, algo de importância capital para o turismo: «Através de várzeas, curvas e meandros, o rio ia-lhe desvendando o segredo da grandeza universal, que não acaba, que se renova, que acena sempre.» (Torga, 1992b: 118).

Em «**Regeneração**» mostra-nos que «Do joio que semeara a sociedade queria colher trigo.» (Torga, 1992b: 132).

«**Um cigarro**», «**O absoluto**», «**Cabra-Cega**» e «**Justiça**», revelam que o «absurdo é (...) uma das faces» do absoluto. (Torga, 1992b: 77). «O absoluto» diz-nos ainda outra verdade tão torguiana: «a vida, a ter algum interesse, só pode ter este: cada minuto ser uma incógnita.» (Torga, 1992b: 75).

«**Areia humana**» prova-nos que nem todos os «fracos (...) se submetem. (...) – Esperam talvez a sua hora...». (Torga, 1992b: 92).

«**A glória**» remete-nos para momentos em que a crueldade das multidões só aceita como remissão dum fracasso a morte: «Caídos os dois, um varado pelo estoque do agressor, o outro pelas hastes do agredido, eram o testemunho patético de que a pura e perfeita glória é morrer.» (Torga, 1992b: 145)

«**Silêncio**» é uma «história de um desamor confesso, duro, cruel» onde «nem a maternidade emergente propicia um desejável reencontro.» (Leão, 2003: 42)

«**Requiem**» põe-nos no centro duma das grandes obsessões de Torga: a Guerra Civil Espanhola: Lourenço e sua mulher, que viviam junto da raia, apesar de terem oito

filhos, «arriscavam a vida a cada hora» (Torga, 1992b: 190) para apoiarem perseguidos pelas tropas franquistas.

Gostaríamos de terminar as reflexões sobre *Pedras Lavradas* com uma referência a dois temas tão abordados na obra torguiana: a infância e a coragem. O conto «O pequeno herói» mostra-nos como desde a infância a coragem tem que estar sempre disponível. Carlos, o chefe incontestado de um grupo de crianças, mostrou ter tanto medo quanto os amigos, num momento em que no «pátio grande das torres» do castelo ouviram um barulho estranho. Esta reacção do chefe foi suficiente para que «a consideração de que até ali gozava (...) ficasse pela rua da amargura.» (Torga, 1992b: 180). Perante esta constatação o contista conclui: «As coisas do prestígio são muito sérias. Se na ocasião em que o Zarco perdeu a cabeça e abalou, o Carlos se tem aguentado sereno no meio do pânico geral, o caso fiava doutra maneira. Assim...» (Torga, 1992b: 180). Esta apologia do auto-domínio «no meio do pânico geral» é rigorosamente a mesma que o autor de *Poemas Ibéricos* faz quando fala do sucesso da viagem de Vasco da Gama: «O próprio génio pode estar ausente/ Da façanha./ Basta que nos momentos de terror,/ Persistente,/ O ânimo enfrente/ A fúria de qualquer Adamastor.» (Torga, 1995b: 44)

Em 1952 é editado o livro *Alguns Poemas ibéricos*, com um total de trinta e quatro poemas. Todos estes poemas serão em 1965 integrados no livro *Poemas Ibéricos* (que terá um total de quarenta e cinco poemas). No novo livro a composição «Povo» passa a ter como título «Raça» e todos as outras [com excepção de seis («O Cid», «O Príncipe Perfeito», «Afonso de Albuquerque», «Santa Teresa»; «Filipe II» e «A Terra»)] sofrem alterações no seu conteúdo, sendo que em seis casos as alterações são profundas: «O Infante», «Nun'Álvares», «Cervantes», «A Vida», «O Pão», e «Pesadelo de D. Quixote».

Poemas Ibéricos (e *Alguns Poemas Ibéricos*) serão analisados quando falarmos do Auto-Retrato do autor e da História de Portugal. Por agora acrescenta-se somente duas notas:

- quase todos os poemas do livro editado em 1952 «foram escritos em 1935 e 1936» (Torga, 1952: 85), o que nos parece particularmente significativo pois trata-se dum período muito próximo do da publicação de «Mensagem» (1934), de Pessoa;

- O conceito torguiano de Ibéria e a interpretação que fazia de «D. Quixote de la Mancha» são muito diferentes em 1952 e em 1965. Em 52 escreve no poema «Pesadelo de D. Quixote»: «Castela, dizes tu?! Dizes Castela?!»; em 65, no mesmo verso: «Ibéria, dizes tu?!...Disseste Ibéria?!». A força que pode ter a substituição de uma só palavra!

4.4. JUVENTUDE

Acredito na felicidade futura da humanidade
(Torga, 1999: 501)

Cada época tem a sua linguagem, e cada geração o seu dialecto.
(Torga, 1999: 1111)

Antes de abordarmos directamente o tema Juventude, chamemos a atenção para a enorme importância que tinha para Torga o Futuro. Tenha-se particularmente em atenção não somente a primeira citação em epígrafe, mas ainda os poemas «Promissão» [«O futuro é o meu reino, e eu caminho!» (Torga, 1999: 320)]; «Cântico Fraternal» de *Nihil Sibi* [«O passado é o passado – já morreu./ Grande é o futuro, por nascer.» (p. 63)]; «Hossana» de «Cântico do Homem» [«Junquem de flores o chão do velho mundo:/ Vem o futuro aí! (...) Ninguém o viu ainda, mas é belo./ É o futuro...» (82)] ; e a entrada do *Diário* de 25-12-1976:

A velha escola do senhor Botelho finalmente reconstruída e actualizada. (...) Mas faltavam no terreiro à volta as mimosas da minha meninice. E passei a tarde de ferro e pá na mão a plantá-las. Não estarei cá para as ver crescidas como as de outrora. Deixá-lo. O meu propósito não era reflorir o passado, mas florir o futuro. (p. 1328)]

Quase tão importante quanto a infância (que já analisámos, em parte, quando abordámos o Natal, no capítulo sobre S. Martinho de Anta, e à qual voltaremos quando falarmos da casa do escritor em Coimbra) é, para o autor de *Cântico do Homem*, a juventude: «bebo-lhes as palavras, espreito-lhes os gestos, acompanho-os em todas as suas aventuras, solidário com a verdade que não sabem cantar nem descrever mas que está espelhada na sua mocidade», escreve no *Diário* em 14-10-1945, tinha, então somente mais quinze ou dezasseis anos do que a nova geração (da qual faziam parte Eugénio de Andrade e

Eduardo Lourenço). Somos levados a perguntar se não terá sido o facto de Coimbra ser «uma cidade de jovens» uma das principais razões que levaram Torga a optar por viver na «Agarez alfabeta». A «verdade (...) que está espelhada na sua mocidade» era fundamental para Torga se manter sempre próximo da verdade que, nunca mudando de essência, está ininterruptamente em transformação, com uma linguagem nova para cada época e um dialecto novo para cada geração (ver segunda citação em epígrafe).

Dois anos antes o diarista, que contava apenas trinta e seis anos, deixa-nos uma extensa nota, de invulgar maturidade e lucidez, sobre o conflito de gerações (a que ele chamava «guerra de gerações»). Essa nota é motivada pela leitura de um texto de Gilberto Freire, que classifica a geração de escritores que lhe sucedem como «uma espécie de sexta coluna sinistra!» (Torga, 1999: 215)

Parece não ter remédio o complicado problema da guerra de gerações. (...). Embora a imagem seja um bocado crua, depois de uma meditação serena sobre certas injustiças, é-se levado a pensar que há na base dessa feroz hostilidade aos velhos qualquer coisa de semelhante ao que acontece com aqueles bichos que, apenas fecundados pelo companheiro, se apressam a matá-lo e a devorá-lo. É como se cada geração, mal acabasse de sorver da anterior todo o sumo vital, indignada por não encontrar lá mais com que nutrir a insaciedade, passasse a odiar o favo que chupou, onde agora somente vê cera morta.

Por outro lado, é um fenómeno quase miraculoso encontrar no passado duma literatura um autor idoso com autêntica compreensão pela seiva naturalmente um pouco irresponsável de qualquer principiante. (...)

Temos de considerar também os valores que cada época traz, e de que o artista é, por condição, porta-bandeira. (...) A ubiquidade, porém, pertence a Deus Nosso Senhor. É quase uma impossibilidade orgânica, quando se lutou trinta ou quarenta anos por uma verdade, aceitar de mão beijada que alguém venha dizer-nos que a verdade verdadeira é a novíssima, a que esse alguém traz no bolso. (...)

A sofreguidão é tanto da fisiologia senil, como da infantil... (Torga, 1999: 215-8).

Certamente por ter reflectido muito sobre este tema e porque acreditava «na felicidade futura da humanidade» escreveu em «Libertação» (livro de 1944, portanto muito próximo da data da nota do *Diário* que comentámos) um poema cuja citação na íntegra se justifica:

RENDIÇÃO

Vem, camarada, vem

Render-me neste sonho de beleza!
Vem olhar doutro modo a natureza
E cantá-la também!

Ergue o teu coração como ninguém;
Fala doutro luar, doutra pureza;
Tens outra humanidade, outra certeza:
Leva a chama da vida mais além!

Até onde podia, caminhei.
Vi a lama da terra que pisei,
E cobri-a de versos e de espanto.

Mas, se o facho é maior na tua mão,
Vem camarada irmão,
Erguer sobre os meus versos o teu canto. (Torga, 1978: 74)

E no mesmo livro (*Libertação*) o poema «Provérbio» reforça e completa «Rendição»:

O que vier com alma nova, fique.
Deite a raiz,
Cresça, floresça, frutifique,
E morra se outra seiva o contradiz. (Torga, 1978: 82)

O poeta, que quase não dormia, dedicava à juventude uma boa parte do seu tempo. Era uma dedicação quase diária: «Os governantes, os professores e os pais da pobre mocidade portuguesa actual deviam ouvir, escondidos atrás da porta, pelo menos uma destas lamentações que são nos meus ouvidos o pão de cada dia. (...)» (Torga, 1999: 881). A política e a educação do Estado-Novo levam a que Portugal tenha «uma juventude que só da sujeição, da lisonja e da convivência pode esperar liberdade, estímulo e carinho.» (Torga, 1999: 881)

Podemos, pois, afirmar que o Orfeu Rebelde está sempre com a juventude contra o poder detido irracionalmente por governantes, professores e pais.

Mas vejamos outros exemplos de notas do *Diário* que não nos deixam quaisquer dúvidas quanto aos frequentes e empenhados contactos com os jovens:

- «Até altas horas a dialogar com jovens dum grupo experimental de teatro.» (Torga, 1999: 968)

- «Mais algumas horas a atender a juventude, em cujas mãos vou depondo dia-a-dia e de boa-fé a imagem do que serei no futuro.» (Torga, 1999: 1017)

- «Mais um jovem. Entrou a tremer, recitou alguns poemas a gaguejar, e acabou por sair calmo, senhor de si, com a bola do mundo na mão.» (Torga, 1999: 1021)

Em 1960 houve em Portugal uma acesa polémica em torno da possibilidade da atribuição do Nobel da literatura a um português. Surgiram três nomes muito fortes: Aquilino Ribeiro, Régio e Torga, tendo Torga sido vítima de críticas muito duras (particularmente as de Montezuma de Carvalho). Mas o autor de *Bichos* pôde contar com o apoio dos estudantes da Universidade de Coimbra. É sobre esse evento que o autor do *Diário* escreve:

Já em Março de 1960, quando um grande e lamentável alarido literário, de que fui vítima, se levantou no país, me confortou um testemunho igual de calorosa simpatia dos estudantes de então, arquivado num suplemento festivo da *Via Latina*, que passei a reler com mais orgulho do que o árido latim oficial da carta de formatura.» (Torga, 1999: 1697).

Entre estes estudantes estava o seu vizinho da rua Fernando Pessoa, Leandro de Moraes Sarmento (irmão da revisora dos textos de Torga – Maria da Conceição), que Torga descreve nos seguintes termos em *A Criação do Mundo*:

o Ivo, que publicara em tempos um panfleto a defender-me dum ataque soez e de quem acabei por me tornar íntimo (...). Inteligente, culto e sensível, vivia de noite, refugiado num sótão forrado de livros e povoado de rituais, aonde o ia procurar nas horas de maior aflição, confiado na exigência dum critério que nunca cedia às seduções da banalidade.» (Torga, 1981: 193-4).

A diferença de idades entre Torga e «Ivo» era superior a trinta anos! Parece-nos que isto diz muito sobre as capacidades de ambos... Segundo informação que nos foi dada por Maria da Conceição Moraes Sarmento, foi o seu irmão que levou Torga a interessar-se pela música e poesia de Jacques Brell e pela banda desenhada, em particular a de Hergé.

Em Maio de 68, Torga, que contava então sessenta anos, estava em plena sintonia com os jovens rebeldes de Paris (e não só):

Continua a agitação estudantil por toda a parte. O cataclismo, agora, é sísmico. O que dantes acontecia em superfície, processa-se no presente em profundidade. A juventude não pretende melhorar, acrescentar ou superar o que está; quer destruí-lo, simplesmente, e começar de novo. (Torga, 1999: 1132)

Parece-nos que o envolvimento é de tal forma intenso que o Orfeu Rebelde chega a tornar-se algo ingénua. Veja-se a continuação da nota que estamos citando:

Uma sociedade que comete, ajuda ou permite monstruosidades como as do Vietnam, que burocratizou todos os sentimentos, que, como nenhuma da história, oprime tão universal e sistematicamente o espírito, não merece prosseguir, nem sequer deixar rasto. Por isso, outra ordem, outra economia, outra cultura, outro ensino, outra moral. E outro rosto humano. (Torga, 1999: 1132)

Mas para esta plena sintonia, Torga não quer «proclamar demagogicamente» (Torga, 1999: 1131) que está com a juventude. Quer, sim: «Estar com ela agora e sempre, na sua encarnação presente e futura, tão discretamente que nunca sinta ao lado nem uma presunção protectora, nem ambição mentora.» (Torga, 1999: 1131)

E, ainda na linha dos seus dois textos de Maio de 68 que citámos, o anarquista Torga escreve, três anos depois, sobre os novos conceitos de vida da juventude: «Já se tentou ser feliz de tantas maneiras sem resultado, que só devemos aplaudir mais um ensaio, mesmo que todos os nossos valores, e nós com eles, deixem de ter sentido.» (Torga, 1999: 1207)

Durante cerca de dez anos (de meados de setenta, ou mais precisamente depois da revolução de Abril de setenta e quatro, até meados de oitenta), o autor d' *A Criação do Mundo*, vai ter uma zanga profundíssima com a juventude pseudo-revolucionária. Em 23-7-1974 comenta:

Como estes jovens estão longe do passado! O que não seria mau se estivessem perto do futuro. Mas infelizmente, estão só no espaço que passa – que nem o presente é – cada qual sem poder ser nada fora do bando, num ardor revolucionário que não é uma exigência da alma, um imperativo do ser, mas uma lição colada com cuspo, decorada em pequenas brochuras ratadas às obras volumosas dos doutrinários, e repetida incessantemente como uma litania. (...) Quem se desvia do rigor sumário da cartilha fica logo excomungado. (Torga, 1999: 1280).

«Que horizontes humanos terão estes jovens de hoje? Dantes, era-se revolucionário por um esforço romântico de inteligência; agora é-se revolucionário por um esforço cerebral de violência.» Torga faz este comentário depois de registar: «Numa assembleia de estudantes, um deles acaba de propor um voto de solidariedade com um grupo subversivo que ontem assassinou a frio um conhecido político italiano.» (Torga, 1999:

1362). O político em causa era Aldo Moro, assassinado pelas *Brigadas Vermelhas* em 9 de Maio de 1978.

O Orfeu e *psicanalista* Torga considera que a juventude do período que estamos abordando (meados de 70 a meados de 80) tem «dores» diferentes e «mais fundas e lancinantes» do que tinham os jovens da sua geração. Essas dores «são frutos amargos dum tempo absurdo, sem esperança, que tira à vida toda a razão de ser vivida.» É por estes motivos que eles recorrem ao «aturdimento da droga ou das músicas frenéticas». (Torga, 1999: 1455)

A Queima das Fitas, que tanto entusiasmava Torga durante o Estado Novo transformouse, para o escritor, num «cortejo triste de uma geração sem história». (Torga, 1999: 1510).

Mas a zanga de 1974 não é somente com os jovens dessa década. É com os que eram jovens nos anos 40 e 50, a quem ele dedicou tantas horas, certamente na convicção de que vinte/trinta anos mais tarde poderiam desempenhar uma acção cívica e política de grande significado, principalmente se a situação política lhes permitisse, e, como sabemos, o autor de *Diário* e d'*A Criação do Mundo* ficou rápida e profundamente desiludido com uma grande parte dessas gerações.

Pensamos que este pessimismo é fruto, para além de uma crise existencial, de profundas transformações na sociedade. O abandono da ruralidade, o desenvolvimento cego do consumismo, a desilusão com o país pós 25 de Abril e a desilusão com a Europa.

Contudo o poeta que escreveu «o futuro é o meu reino» (Torga, 1999: 320) e que queria ser «um sinaleiro da esperança» (Torga, 1999: 1662) reforçou as suas asas e voltou a pairar calmamente sobre o abismo que separa as gerações, contribuindo desse modo para a construção de sólidas pontes. Talvez seja nesta área que Torga dá uma das suas mais valiosas respostas às perguntas do mundo, isto é, o autor de *Cântico do Homem* diz-nos que é sempre possível um diálogo intergeracional.

Em 2-11-1987 («dia dos mortos») estava Torga «a dormir sobre um livro qualquer» quando ouviu «um rumor desusado na rua.» Era uma «multidão de estudantes» que lhe dedicava uma serenata:

Irradiava vida (...) E Deus sabe como veio a propósito! A mocidade, quando quer, sabe consolar a velhice. A velhice é que nem sempre sabe aceitar os mimos.

Impossibilita-os até muitas vezes de antemão, fechada num egoísmo céptico. Na sua negrura, não pode compreender a claridade. Porque já não tem a generosidade de dar, perdeu a graça de receber. (Torga, 1999: 1605).

E em 14-12-1990 espanta-nos novamente com esta declaração:

É que ser novo não é só ter vinte anos no corpo. É tê-los, também, intemporalmente na alma, em cada instante rendida ao milagre permanente da vida, e pronta a coadjuvá-lo e enriquecê-lo. (...) Que somos nela uma singularidade radical, até quando o não parecemos, e que latejam dentro de nós, incorruptíveis, as forças necessárias para o afirmar em todas as idades. (Torga, 1999: 1697)

Pensemos no relacionamento de alguns *jovens* intelectuais, de gerações diferentes, com Miguel Torga.

Ruben A. (nascido em 1920) dizia: «Torga é para mim o maior homem que (...) vive em Portugal.» (in Rocha, 2000: 114).

Eduardo Lourenço (nascido em 1923): Maria Manuel Baptista, profunda conhecedora da vida e obra de Eduardo Lourenço (a sua tese de doutoramento é sobre o autor de *O desespero Humanista de Miguel Torga e o das Novas Gerações*) disse-nos que no período em que Lourenço foi estudante em Coimbra tinha uma relação quase filial com Torga.

Eugénio de Andrade (também nascido em 1923), quando Torga morre, dedica-lhe um poema («Não Sei») onde se sente (e ele próprio di-lo) que «É muito tarde para as lentas/narrativas do coração», e termina o poema com versos implacáveis, mas que têm tudo a ver com grandes obsessões torquianas:

Eu sei: tu querias durar.
Pelo menos durar tanto como o tronco
De oliveira que teu avô
Tinha no quintal. Paciência,
Querido, também Mozart morreu.
Só a morte é imortal. (in Arnaut, 1996: 59)

Almeida Santos (nascido em 1926), no seu depoimento sobre Torga para a Fotobiografia organizada por Clara Rocha, revela uma incomensurável admiração pela prosa e poesia de Miguel Torga e diz-nos que privou com ele durante «quase meio século.». (Rocha 2000: 191). E considera o livro *Portugal* «o mais belo mosaico da

paisagem física e humana portuguesa e a mais profunda análise da nossa identidade enquanto Povo.» (Rocha, 2000: 194).

António Arnaut (nascido em 1936), em «Último Poema», diz que «Se Deus existe» chamou Torga porque «precisei de ti para semeares de poesia/ o mar infinito da eternidade.» (Arnaut, 1996: 27)

- Manuel Alegre (também nascido em 1936), diz sobre o seu mestre: «Ninguém foi tão visceralmente e ao mesmo tempo tão lucidamente português.» (Rocha, 2000: 17)

- Vasco Pereira da Costa (nascido em 1948) diz que Torga é o poeta com quem «Portugal parte à poesia.» (in Arnaut, 1996: 132)

- Para Carlos Carranca (nascido em 1957), Miguel Torga, tal como Unamuno, era um mensageiro universal da paz:

Como o outro da Ibéria
também tu fazes pombas de papel,
livres vão
de Coimbra ao fim do mundo. (in Arnaut, 1996: 42)

Na Casa-Museu Miguel de Unamuno, em Salamanca, encontram-se exemplares das pombas brancas que o escritor fazia, em papel, e que Miguel Torga refere no poema «Unamuno» de *Poemas Ibéricos*:

(...)
Fazia pombas brancas de papel
Que voavam da Ibéria ao fim do mundo...
(...)
Fazia pombas brancas de papel,
E guardava a mais pura na lapela.

4.5. MEDICINA (E CONSULTÓRIO)

Médico. (...) varado de lado a lado por um terror fundo que não diz donde vem nem para onde vai.
(Torga, 1999: 33)

É bom isto de ser médico e poeta. São dois a dar.
(Torga, 1999: 676)

É sempre a brocar o inconsciente dos padecentes que consigo compreendê-los e ajudá-los.
(Torga, 1999: 1709)

Que continuemos a ser amanhã o que somos hoje e fomos sempre: dentro do hábito branco da bata, os monges professos e laicos de uma Ordem civil e sagrada.
Torga, 1999: 1785)

Não é só a poesia que eleva Torga a um patamar sagrado. É também a medicina. Repare-se na definição que, já perto do fim da sua vida (e na ante-penúltima nota do *Diário*), dá da profissão de médico, definição apresentada no discurso que proferiu aquando da inauguração de uma sala com o seu nome, na Ordem dos Médicos (delegação de Coimbra), já citada em epígrafe deste sub-capítulo: «ser-se médico significa, segundo o médico-poeta, pertencer a uma «Ordem (...) sagrada.». (p. 1785)

Terminado o curso, e por conseguinte ingressado numa «Ordem sagrada», Adolfo Rocha exerce, durante alguns meses, medicina na sua terra natal, mas nada de particularmente relevante lhe acontece, nesses meses de 1934.

Será em Vila Nova de Miranda do Corvo, aldeia onde exerceu medicina entre finais de 1934 e inícios de 1937, que o poeta se apercebe do quão importante era para a sua criatividade poética exercer medicina. As vivências médicas exigentes diziam-lhe amiúde se os poemas faziam «sentido» ou se deviam murchar, por serem uma «vergonha»:

às vezes pareceu-me dura a disponibilidade que exigiam de mim, fazendo-me erguer da cama a desoras, quando o poema estava no meio ou quando o corpo me pedia um pouco de repouso e de paz. Mas o sacrifício tinha a recompensa em si próprio. E o poema, depois, ou ganhava sentido, ou murchava de vergonha. (Torga, 1999: 444).

E aqui temos uma resposta à pergunta que o próprio escritor coloca: «Chego às vezes a perguntar se poderia ser apenas um escritor de banca.» (Torga, 1999: 677)

Outra resposta a esta pergunta encontramos-na no discurso proferido na Universidade de Coimbra em Setembro de 1967. Neste discurso, feito no âmbito das comemorações do centenário da abolição da pena de morte em Portugal, o escritor coloca a medicina no mesmo patamar da poesia no que respeita ao sagrado humano: «Sacralizando a vida pela exaltação do seu íntimo significado, e defendendo-a tenazmente das agressões

maléficas de que é alvo constante, Orfeu e Hipócrates ajudaram a dar limites racionais à ilimitada força irracional que lateja dentro de nós.» (Torga, 1999: 1113).

Para além da sua enorme dificuldade em compreender o «escândalo» (Arnaut, 1996: 27) da morte, com o qual o médico tem de lidar quase diariamente, Torga, como discípulo de Orfeu e de Hipócrates, sabe que a vida é sagrada, e sabe também que a introspecção pode descer aos abismos do inconsciente (ver Torga, 1999: 1113 e 1115). Pensamos que foi a consciência apaixonada destas realidades tão exigentes e também a consciência de que o curso não o preparou suficientemente [pois ensinou-lhe apenas a observar e a tratar os doentes «por fora» (Torga, 1999: 1046)] que o levou a sentir-se «varado de lado a lado por um terror fundo que não diz donde vem nem para onde vai.» (Torga, 1999: 33) no dia em que terminou o curso de medicina.

Lendo a obra de Torga, temos a sensação de que Adolfo Rocha teve sempre a preocupação de não se limitar a observar e a tratar doentes «por fora». Esta aprendizagem foi certamente duríssima, pois obrigou-o a ser autodidacta. Terá Freud sido muito importante para o autor de *Libertação*? São poucas as referências, na obra torguiana, ao fundador da psicanálise (*Diário*: 8-8-1946; 31-7-1946; 10-7-1971) e não muito esclarecedoras. Ou terá Torga aprendido psicanálise essencialmente com os grandes mestres da literatura? Com a leitura da nota do *Diário* de 11-7-1959 ficamos certos de que o autor de *Pedras Lavradas* considerava que a melhor forma de descer ao inconsciente era quando se é «guiado por um poeta» e na nota de 6-4-1991, que merece ser repetida, ele diz-nos que «É sempre a brocar o inconsciente dos padecentes que consigo compreendê-los e ajudá-los.»

E repare-se noutra passagem do *Diário* que nos revela uma vez mais o respeito e a arte com que o diarista observava os doentes: «Na minha já longa vida de médico, só tive uma preocupação: entender o sofrimento alheio mesmo quando ele objectivamente me parecia injustificado. Não o julgar em caso algum uma fraqueza a reprovar, mas uma desgraça a remediar.» (Torga, 1999: 1627).

Para conseguir esta postura no exercício da medicina, Adolfo Rocha necessitava também de uma resistência física e psicológica invulgares; e tinha plena consciência disso. Numa nota de uma só linha, escrita aos oitenta anos, diz-nos: «Abençoada força com que nasci! Morro a dar coragem aos outros.» (Torga, 1999: 1614). Mas

encontramos pelo menos mais duas notas no *Diário* que nos dão a dimensão da resistência, da determinação e da coragem deste filho das torgas e das fragas:

- «E quando é ela que triunfa [morte], apenas pragmaticamente aceito a derrota. Vencido mas não convencido, retempero os conhecimentos e a coragem, e preparo-me para o combate seguinte. E hei-de acabar assim, a dizer que não.» (Torga 1999a: 905)
- «Três dias e três noites sem comer e sem dormir, às voltas com um doente que – o diabo seja surdo! – felizmente está livre de perigo.» (Torga, 1999: 1029).

É esta capacidade de amor pelos seus pacientes que lhe permite e que, essencialmente, o obriga a mentir-lhes:

- «A convicção com que eu às vezes engano os doentes! Mas ser médico é também isso: ter capacidade de mentir persuasivamente quando a verdade é o oposto da esperança.» (Torga, 1999: 1616)
- «Não há maior crédulo do que um desesperado. Mentir-lhe, iludi-lo, é quase uma obrigação moral.» (Torga, 1999: 1627)
- «Minto. Mas de boa consciência. Sei por experiência própria que a esperança é o grande refrigério dos fracos, que são a maioria.» (Torga, 1999: 1638)

Entre os seus pacientes, o médico de S. Martinho não hesitava em privilegiar os membros do povo:

Não trocava por nenhum tesoiro do mundo a comunhão que nos une nas horas que posso roubar à vida citadina. Mas foi no aturado exercício profissional que tive a ocasião de verificar em que medida o terceiro estado constitui ainda o travejamento nobre e robusto da pátria, numa altura em que nenhuns outros valores lhe garantem a perenidade. (Torga, 1999: 751).

E trinta e quatro anos mais tarde, ao escrever sobre «um rústico serrano» diz-nos: «o que eu aprendo com ele sempre que vem à consulta! Num conceito, resume-me filosofias inteiras. (...) A escola que foi para mim o exercício da medicina! No contacto diário com naturezas assim primárias, elementares, é que entendi a vida.» (Torga, 1999: 1628)

Pelo consultório do Largo da Portagem passavam também aquele tipo de doentes que têm o vício da «auto-contemplação». É o caso duma senhora em relação à qual Torga é (quase) implacável e que lhe serve para nos dar um conselho sobre a arte de envelhecer:

A minúcia com que se examina! Dói-lhe tudo, tem enjoos, dorme mal, custa-lhe respirar, só lhe apetece morrer...

(...) Dantes, vivia; agora, via-se viver. Perdera a graça de se ignorar. E não há paz fisiológica e psicológica que resista ao cancro da auto-contemplação. (Torga, 1999: 1653)

Tendo em consideração que o seu consultório do Largo da Portagem era um espaço de prática de medicina, de escrita, de convívio (tertúlias culturais e políticas) e de contemplação da natureza, compreende-se, em boa parte, que o poeta escrevesse: «É aqui que eu tenho esperança de fechar os olhos, sozinho, sem despedidas dilacerantes». (Torga, 1999: 1682).

Mas os senhores desses «gordos casarões de dinheiro» (Torga, 1985: 181), que eram proprietários do edifício do consultório, quiseram-no «na rua, para fazer obras no prédio e aumentar o rendimento. Pareciam fantasmas agoirentos a anunciar-me ainda em vida o meu enterro» (Torga, 1999: 1740)

Ninguém se lembrou (ou ninguém conseguiu?) evitar esse atentado contra a obra e a sensibilidade do autor de *Portugal*. E por isso ele teve que escrever dias mais tarde: «Desfiz-me do consultório. (...) E adeus, meu velho reduto, onde durante tantos anos lutei como homem, médico e poeta. [...] E fiquei naquelas salas vazias vazio como elas. Sem passado, sem presente e sem futuro, com a minha própria vida abolida no tempo.» (Torga, 1999: 1742-3)

Parece-nos que podemos concluir que o *monge professo e laico* «de uma Ordem civil e sagrada» conseguiu passar sempre uma imagem de competência e de compreensão pelos problemas mais íntimos e angustiantes. Muitos problemas resolveu-os. Mas, para muitos outros, infelizmente, não pôde encontrar solução; contudo todos os problemas que eram verdadeiramente íntimos e angustiantes ficavam indelevelmente gravados na sua sensibilidade e na sua memória, e, posteriormente, transfigurava-os e oferecia-os aos leitores em poemas, notas e contos. Ajudou assim, de uma forma intemporal -

através da solidariedade, da profundidade de análise e da beleza - a mitigar a dor humana e desafiou-nos a procurar soluções para as dores que ele não conseguiu curar.

4.6. A POPULAÇÃO ANÓNIMA - RUA

Os contos que compõem o livro *Rua* têm como cenário a cidade de Coimbra. Contam-nos histórias aparentemente simples de pessoas também aparentemente simples. É importante chamar a atenção para o facto de que são contemporâneos de *Bichos*, *Contos da Montanha* e *Novos Contos da Montanha*. A primeira metade da década de quarenta é o lustro áureo do Torga contista.

Tal como *Novos Contos da Montanha*, *Rua* começa com uma história de morte violenta e termina com uma de nascimento (que tudo promete).

A 4ª. Edição (1967) é refundida e aumentada. Isto parece-nos muito importante, pois revela que *Rua* cobre um período de cerca de 25 anos.

Através destes contos, que nos levam ao mundo das camadas sociais mais desfavorecidas e da pequena e média burguesia, Torga coloca-nos, essencialmente, perante «A Dor humana» (Verde, 1964: 111), com contos onde os temas centrais são: o suicídio, («Não Venha Mais», «Música» e «O Senhor Cosme»), a prepotência («O Senhor Cosme»), a hipocrisia e traição («O Teixeira»), a humilhação («Não Venha Mais»), a emigração («Uma Dor»), a prostituição («A Leonor Viajada»), a reforma («A Reforma») e a doença («O Teixeira» e «Um Dia Triste»). Contudo, a esperança também está presente neste livro, aparecendo com os seguintes temas: amor («Não Venha Mais», «O Estrela e a Mulher» e «Uma Dor»), humor (essencialmente em «O Estrela e a Mulher», mas também, numa curta passagem, na página 9, em «Não Venha Mais»), música «Música», nascimento («Pensão Central»), convívio com vizinhos e com o mundo («O Estrela e a Mulher») e gosto pela vida e pelo trabalho («O Mundo»).

Com a 4ª edição de *Rua*, surge o conto «A Carta» e são retirados «Um Destino» e «O Mundo».

Poder-se-á compreender a rejeição que Torga faz de «Um Destino»; consideramos, contudo, que «**O Mundo**» deveria permanecer, pois com a sua leitura, conseguimos ouvir a voz, «límpida» e «Infantil», dum ardina (Jacinto) que, «mesmo a anunciar a

morte», «anunciava a vida.» O registo da voz do jovem Jacinto é, também, uma homenagem a todos os arduos que nas ruas das grandes cidades, durante décadas, lembravam, diariamente, que o mundo era vasto e diversificado. Vejamos duas passagens deste conto:

- *Mundo!*

E a sua voz, límpida, infantil, parecia um clarim na alvorada.

- Olha *O Mundo!*

Depois de receber o jornal na estação, tinha de atravessar toda a Baixa para chegar ao centro da cidade. E desde a rua das Rãs, onde vivia, até ao Beco do Fanado, o seu grito entrava por aqueles pardieiros dentro, subia, subia, varava os telhados, e libertava-se de tanta podridão e de tanta miséria no azul amplo e saudável do céu.

- Cá está *O Mundo!* (p. 191)

(...)

E mesmo a anunciar a morte, a palavra do garoto anunciava a vida.

- *Mundo!* (p. 193)

Passamos a analisar o que nos parece importante, no contexto desta tese, no livro ***Rua:***

«Não Venha Mais...»

«Não Venha Mais» começa por ser uma história de amor, a que não falta também um toque de humor:

E depois do jantar da boda (...) apenas o último convidado se retirou e entraram no quarto, foi ela que deu expressão ao sentimento de ambos:

- Sinto-me tão feliz, que só me apetece chorar...

Ele porém reagiu, beijou-a, e no dia seguinte, ao partir para o emprego, deixou-a na cozinha, feliz realmente, mas a cantar. (p. 9).

Mas este conto é, essencialmente, uma história de «abismos de humilhação.» (p. 15) em que caíam muitos trabalhadores quando convidavam os patrões para padrinhos dos seus filhos.

«O Estrela e a Mulher»

Pela vida e alegria que Torga põe em cada momento do conto, parece-nos ser o mais conseguido conto de *Rua*. Um barbeiro, a sua mulher (D. Aninhas), a sua barbearia, o

seu vizinho latoeiro e muita imaginação tornam um humilde espaço num mundo de histórias, luzes, sabores, tranquilidade e afecto, que visitaríamos apaixonadamente. Vejamos duas passagens:

1ª.

O Estrela, esse, vestia a bata e chegava-se à porta.

- Então Deus nos dê muito bons dias!

Cumprimentava ao mesmo tempo o mundo e o seu grande amigalhaço, o Gil, latoeiro e vizinho.

- Vamos a ele, ou quê?

- Tem de ser...

Era o mata-bicho sacramental. Bastava-lhes dobrar a esquina. O Moreira parece que mandava fabricar aquela aguardente no céu. Um sinal, apenas, e os cálices apareciam cheios e perfumados sobre o balcão.

- À nossa!

- Cá vai...

Pagavam, saíam, e o taberneiro, com açúcar na urina, arrasado de bronquite, e guardado como um carneiro pela mulher, desabafava sozinho:

- Que estômagos! Que saúde! Que naturezas! Porcaria de mundo! (pp. 35-6)

2ª.

Quê?! O senhor Estrela conhecia o Terreiro do Paço?! A sério?! O Lucas, que nunca saíra da terra, parecia que estava diante dum milagre.

(...)

Mas a quê? A que tinham ido os dois a Lisboa?

Olharam-se ternamente, numa maliciosa cumplicidade.

- Hom'essa!

Bem, ele perguntava, apenas...

- A nada!

(...)

- A nada?!

- Pois!

Avivou-se ainda mais no rosto do Estrela e da companheira o clarão de há pouco. Sorriam como se tivessem roubado à vida uma areia sagrada, um minuto doirado.

- Passear ?!!!

- Pois!

(...)

Passear!... – murmurou o Lucas, a remoer um pensamento fundo, de oficial de diligências. (pp.40-42)

«Uma Dor»

É uma história de profunda solidão, provocada pelo medo de ser frontal, pela incompreensão, pela maldade e pelo absurdo, que muitas vezes é a vida.

O Rolim, muitos anos emigrante nos Estados Unidos, regressa a Portugal depois de ter praticado graves crimes e de ter tido uma filha. A mulher e os companheiros da «Praça velha», conheciam as histórias dos crimes, mas o Rolim nunca teve coragem de lhes revelar que tinha uma filha:

O próprio retrato da pequenita, o único testemunho físico que lhe restava, foi preciso rasgá-lo um dia. (...) Era um domingo à tardinha. Saía a passeio pela estrada do rio, e caminhava a esmo pelos campos fora. Uma leira de cevada a despontar, verde e viva, enchia o mundo de esperança. Mas nem este incitamento da natureza o impediu. Incapaz de lutar com a mulher – ele que lutara com tanta gente! –, desfez a relíquia em mil bocadinhos e deitou-a a um poço. (pp. 53-54)

«O Teixeira»

Quando, na vida, qualquer «senhor Teixeira» é «Teixeirinha» dificilmente (diríamos, mesmo, só por milagre) consegue escapar à humilhação e à traição.

«Um Dia Triste»

Trabalho dum médico indo a casas tristes de doentes.

«A Reforma»

O drama da reforma, porque é quase certa a perda de *status*: «E naquele silêncio sentiam os três que se esvaía o resto da importância do 110.» (p.105)

«A Leonor Viajada»

Os caminhos da miséria que levam à prostituição e a decepção com os artistas [(«Artista... Ora isto de artistas, fora lá das cousas do ofício, é uma gente que tanto se lhe dá como se lhe deu.» (p. 117)]

«O Senhor Cosme»

A prepotência e a crueldade dos preconceitos.

A «menina Luísa» (que se suicida) e o «Senhor Cosme» (que se deixa morrer) são vítimas da «mesquinhez do meio (...) tão tirânica como a prepotência do poder.» (Torga, 1999: 1265).

Pensamos que o mesmo poderia ser dito em relação ao conto «**A Carta**».

«Música»

A falta de coragem, que pode, como foi no caso do «senhor Lopes», levar ao suicídio.

«Pensão Central»

Já vimos, quando abordámos a formação universitária de Torga e o exercício de medicina, a importância, para o escritor, do nascimento de uma criança, sublimemente descrito em *A Criação do Mundo*. Mas o fascínio que Torga sentia com o nascimento de uma criança é também admiravelmente descrito em «Pensão Central»:

É a Maternidade. Encoste-se às grades dum jardinzito que fica em frente, e deixe-se estar meia hora à espera. É maravilhoso! A princípio é um silêncio completo que se ouve, e que prepara o espírito. Depois, há uns gritos desesperados e secos que parecem furar o céu. Não faça caso. Por fim aparece ele. É um vagido fresco, cristalino, que entra no coração da gente como uma carícia. Não calcula a frescura que irradia o primeiro choro duma criança, a orvalhar a solidão da noite! (pp. 180-1)

Este conto, o último e o mais longo de *Rua*, alerta-nos também para o mistério, encanto e carícia que é um passeio, de madrugada, por jardins e ruas desertas. Olhemos para dois exemplos:

1º. A senhora já viu uma fonte, a desoras? Experimente. Não é nada, mas nada!, daquilo que se vê de dia. Muda tudo. O som da água a cair, a cor, o volume... E um parque? De dia, um parque é uma mata vulgar. Árvores, árvores, árvores... Mas de noite a coisa fia doutra maneira! A realidade parece transfigurar-se. Os troncos agigantam-se, os ramos espiritualizam-se, as folhas palpitam... (Torga, 1985: 181)

2º. Uma rua deserta! (...) De dia as casas que a marginam apagam-se, emudecem, parecem soldados na formatura, em sentido, todas iguais e anónimas. (...) Mas vá vê-las de noite... Não há uma que não tenha as suas coisas a dizer, a sua história a contar...

Até os bancos! Até esses gordos casarões de dinheiro! E as igrejas? Se a senhora D. Teresa acredita em Deus e quer conhecer verdadeiramente o lugar onde ele mora, vá olhar uma igreja de madrugada. (Torga, 1985: 181-2)

4.7. NATUREZA

Pensamos que a primeira preocupação a ter no início deste sub-capítulo, consiste em recordar e reforçar o que foi dito na terceira página do presente capítulo («Coimbra»). Torga situava Coimbra num enquadramento geográfico muito mais vasto do que o da cidade e seus arredores. Em Coimbra, o autor de *Portugal* sentia-se, de facto, «A meio caminho dum chão montanhês convulsionado e dum litoral batido por ondas impetuosas». O «chão montanhês» e o «litoral batido por ondas impetuosas», são, desde a infância do escritor, as suas grandes referências geográficas, mas Torga não dispensava também «um equilíbrio urbano sintonizado com o remanso da paisagem circundante, ambos propícios às libertinagens românticas do sonho e aos abandonos macerados da criação.» (Torga, 1981: 40-41). O «chão montanhês» visita-o Torga cerca de três vezes por ano, como vimos quando falámos de S. Martinho de Anta. O litoral, certamente por ser muito mais próximo, visita-o com mais frequência, embora, muito provavelmente, nem sempre deixando registo dessas visitas. Numa curta nota escrita na Figueira da Foz em 22-2-1987, o autor de *Mar* deixa-nos bem claro o quão importante era para a sua «angústia» o mar onde desaguava o Mondego: «De vez em quando, a propósito e a despropósito, venho desaguar a angústia neste mar desassossegado. Tenho a sensação de a deixar embalada no único regaço que a merece.» (Torga, 1999: 1572). O «remanso da paisagem circundante», feito de «um manto de luz sedativa» e de uma «irrealidade poética» criada por esse «manto de luz» e pelo alvoroço das sementeiras e da melancolia das desfolhadas» propiciava um «Cenário para um perpétuo renascimento do espírito que (...) poderia ter a Grécia e a Itália reunidas na mesma colina debruada de choupos e de oliveiras.» (Torga 1986: 90).

O Mondego com as suas margens e campos proporcionaram-lhe magníficos passeios diários e frequentes caçadas às perdizes, às narcejas e ... às palavras. Veja-se, na íntegra, o poema «Largo da Portagem», de Vasco Pereira da Costa:

Desperta o rio
ao lado da cidade quieta

Esvai-se a noite em amor

em quimera e desafio
numa balada do Zeca

Uma vela de sol moço
acorda
e repõe o alvoroço
na barca da rebeldia

Trás da janela do Torga
Portugal parte à poesia. (in Arnaut, 1996: 132)

A velocidade das transformações operadas na arte, na ciência e na técnica, se frequentemente enchiam de esperança o médico e o escritor, não raras vezes deixavam-no angustiado: «Contra o aceleração da história, um passeio no campo. Não conheço outro antídoto.» E, na mesma nota, reforça a ideia do valor dos passeios no campo dizendo que «só há o recurso das hortas» como antídoto «Contra o aceleração da história.» (Torga, 1999: 626)

Parece-nos muito significativo o facto de Torga ter na sua casa da rua Fernando Pessoa um jardim e uma horta de que se ocupava regular e, como em tudo em que se envolvia, intensamente. Andréa, sua mulher, partilhava desta paixão. Sabemos que ela o acompanhava nos trabalhos de jardinagem e nos passeios «pelos campos fora». Leia-se a repousante nota de cinco de Junho de 1950, bem esclarecedora do gosto de ambos pelos passeios na natureza:

Nestes dias de primavera, quando à tardinha, depois de arrumada a charrua, vou com a mulher pelos campos fora, é tal a beleza e a calma dos choupos, das oliveiras, do rio e da cidade vista de longe, que nenhuma outra nesga do mundo me poderia dar uma noção mais perfeita de harmonia e uma sensação tão completa de paz. (Torga, 1999: 523)

Torga diz-nos também que quando morava na estrada da Beira (de inícios dos anos quarenta até 1953) atravessava quatro vezes por dia o jardim (ver Torga, 1981: 44), nas deslocações entre a casa e o consultório.

E terminemos este sub-capítulo (Natureza) com uma referência aos espaços clássicos da paisagem da cidade e outra à importância para o escritor da paisagem que observava da janela do consultório:

- «Olha poetas! Isso é uma chusma deles. É que por toda a parte há sítios de inspiração... A Lapa dos Esteios, o Penedo da Saudade, o da Meditação, o Choupal... » (Torga, 1970: 36).

Torga, os seus colegas e as primeiras gerações dos seus discípulos viram repetidamente todos estes lugares inspiradores. Nós também podemos vê-los, embora no Penedo da Saudade já não possamos ter os êxtases que muitas gerações tiveram, pois uma enorme área de espaços verdes que se avistavam do Penedo foi substituída por prédios e do Penedo da Meditação avistamos extensas áreas ocupadas por vias rápidas (mal inevitável) e (mal facilmente evitável) o espaço do Penedo está escandalosamente degradado.

- A paisagem que o escritor observava das janelas do seu consultório [rio e campos verdes - «pasto bucólico da imaginação» (Torga, 1981: 9)], ajudou-o, durante «meio século», a perspectivar «o mundo inteiro», o qual Miguel Torga, aos oitenta e dois anos, define como um mundo «Misterioso e apaixonante.» (Torga, 1999: 1683)

4.8. A CASA – UM ESPAÇO DE «TRANSE»¹¹

TRANSE

*Nem tudo é lei da vida ou lei da morte.
Há limbos onde o homem desconhece
Esse dilema hostil.
É quando ama, ou sonha, ou faz poemas,
E a própria natureza o não domina.*

(...)

(Torga, 1999: 787)

4.8.1. INTRODUÇÃO

A toponímia das ruas que cercam a rua da casa de Miguel Torga (rua Fernando Pessoa) imerge-nos num empolgante mundo literário: Gil Vicente, Camões, Sá de Miranda, Amélia Janny, António Nobre e Eugénio de Castro.

Na obra torguiana não há qualquer referência a Amélia Janny (1842-1914), mas sabe-se que era muito apreciada por António Feliciano de Castilho e que foi retratada por Columbano Bordalo Pinheiro (ver Wikipédia, Biografia). Também não há referências a Eugénio de Castro, mas um dos maiores mestres de Torga, Miguel de Unamuno, tinha uma enorme admiração pelo autor de *Constança*: «A lírica de *Constança* é a mais alta e nobre lírica, aquela que, sendo profundamente colectiva, é, por isso mesmo, profundamente pessoal.» (Unamuno, 1989: 3).

O nº 5 da rua Fernando Pessoa, isto é, a moradia ao lado da de Torga, pertence à família Morais Sarmiento. Há um provérbio que nos aconselha: «Antes de comprares a casa pergunta quem será teu vizinho» (Letria s/d:77). De facto não seria possível a Torga ter melhores vizinhos. A sua revisora e amiga (Maria da Conceição) ainda hoje vive no número 5; também aqui vivia o Ivo (Leandro), d'*A Criação do Mundo*, sobre quem já falámos; e até finais da década de setenta, a família Rocha, quase diariamente frequentava esta casa para convívio e para ver televisão ou falar ao telefone, pois televisão e telefone só entraram no nº 3 mais de vinte anos após a inauguração da casa.

¹¹ É importante não esquecermos que esta casa era também a casa de Andrée e Clara Rocha, ambas figuras importantes da vida cultural e académica nacional.

A casa de Miguel Torga (uma espaçosa moradia, com dois pisos, jardim e horta) foi mandada construir pelo escritor no início da década de cinquenta. Encontra-se num ponto alto da cidade (Olivais - Rua Fernando Pessoa), zona pouco urbanizada à data da construção, e a cerca de trinta e cinco minutos a pé do Largo da Portagem, isto é, do consultório de Adolfo Rocha.

Já vimos no capítulo sobre S. Martinho de Anta a transcendente importância da casa/lar para Torga. Foi no período em que residia na casa da rua Fernando Pessoa que Miguel Torga escreveu o poema citado em epígrafe. É um poema que nos remete para vários absolutos com que o autor de *Odes* conviveu frequentemente e que fazem desta casa um espaço absoluto.

Falando de Portugal, e da sua literatura, Torga disse: «os oráculos gostam do seu clima, e às vezes dão nele respostas eternas às perguntas do mundo.» (Torga, 1969: 98). Estes oráculos são essencialmente escritores (e as suas casas... se a alma lhes for mantida).

4.8.2. QUINTAL (COM JARDIM E HORTA)

Entra-se para a casa passando pelo jardim. Torga fez questão de ter no jardim uma torga e um pé de açafão que trouxe das suas fragas. Em nota de 19-7-1988 diz sobre o açafão:

Há quantos anos dura o ritual! Saio de manhã para o consultório, e ao atravessar o jardim colho invariavelmente uma arranca de açafão num pé que trouxe das minhas fragas e que prosperou neste saibro coimbrão. E o talismã aromático acompanha-me no autocarro e verdeja depois na secretária o dia inteiro. (...) No meio da consulta difícil ou do poema emperrado, levo o raminho ao nariz, e logo uma lufada dos ares da Mantelinha me aviva o faro clínico ou retempera a inspiração. (Torga, 1999:1632).

A horta situa-se atrás da casa. Era, igualmente, um espaço de eleição para o escritor de S. Martinho: «Horas a fio a cavar o quintal. (...) E tudo sem esforço, naturalmente. (...) A sabedoria que a gente traz nos cromossomas! Que pena que nos meus antepassados não tivesse havido também um letrado que me deixasse de herança a ciência de manejar a caneta como manejo a enxada!» (Torga, 1999: 1291).

Compreende-se, assim, que quatro anos mais tarde, escrevesse com o seu subtil humor:

- Acabava de cavar um talhão do quintal quando bateram à porta. Coberto de terra, desgrehado, a transpirar, fui abrir.
- Desculpe atendê-lo nesta figura...
 - O senhor é terrível! Nem a descansar descansa! Não perde nenhuma hora da vida!
 - É. Gostava de as deixar todas semeadas... (Torga, 1999: 1390)

4.8.3. PISO TÉRREO

À entrada da casa há um corredor que termina num arco que dá acesso a um hall. No lado direito do corredor uma porta dá acesso a uma pequena sala de visitas. Este espaço não tinha grande relevância para o escritor. Ele considerava que só quem passava o arco é que tinha verdadeiramente acesso ao seu lar.¹²

4.8.3.1. SALA DE JANTAR

Torga não cozinhava, mas caçava, cavava, semeava, podava árvores (e subia aos seus ramos para apanhar frutos), colaborava na matança do porco, via o pai tratar das vides «Como uma mãe que faz a trança à filha.» (Torga, 1999: 48) e tinha uma mulher que cozinhava admiravelmente. A gastronomia e o vinho tinham para o telúrico escritor uma dimensão sagrada.

Assim, e tendo em consideração a sua educação religiosa, não admira que escrevesse:

Se tivesse de me converter, seria ao catolicismo. É, afinal, a única religião compatível com a minha natureza torrencial, terrosa, pecadora. Uma religião que sagra de tal modo o profano que nele se fazem agentes demiúrgicos a água, o sal, o azeite, o pão e o vinho. (Torga, 1999: 1274)

Quando visitou os espigueiros do Lindoso registou no *Diário*:

De todas as aldeias portuguesas que conheço, nenhuma me pareceu possuir como esta uma consciência tão concreta da sagrada realidade do pão. (...) lembra-me um lugarejo grego que tivesse crescido à sombra duma acrópole inteiramente dedicada a Deméter; que pusesse toda a ruminação metafísica em monumentos cultuais onde residisse a confiança no arado, a paz da abundância, e a força vital do povo. (Torga, 1999: 536)

¹² Informação prestada por Dina de Sousa, técnica superior da Câmara Municipal de Coimbra e guia da Casa-Museu Miguel Torga.

E o seu colega e incondicional amigo, Frederico de Moura, escreveu sobre o escritor as seguintes palavras:

Cada lauda que lhe sai da pena traz o esforço sério e suado do trabalho e, como os cavadores da sua terra, Torga tem pela sua obra o respeito que aqueles têm pelo pão que lavram e mastigam religiosamente – pão esse que eu um dia surpreendi o Poeta a semear, no seu chão de São Martinho de Anta, com um gesto tão solene e ritual, com uma atitude tão digna e compenetrada que tive a sugestão de que o vi semear na brancura do papel as palavras que haviam de amadurecer na seara dum Poema.»
(Moura, 1977: 22-3)

No poema «Ode a Baco» declarou ao deus pagão:

Vou-te cantando, Baco!
Não pela colheita de hoje, que é pequena,
Mas pela de amanhã, muito maior!
(...)

Lá nesse Olimpo em geios,
Único Olimpo etéreo em que acredito,
Aí me prosterno, rendo e te repito
Que és eterno,
Mais do que Deus e mais do que o seu mito.
(...)

(Torga 1977a: 80)

Parece-nos oportuno referir aqui (na sala de jantar) que há na casa uma escultura de Baco (que se encontra na lareira da biblioteca), a qual foi «comprada pela mulher do poeta depois de ele ter escrito a *Ode a Baco*». (Clara Rocha, in desdobrável *Casa-Museu Miguel Torga*)

Duas pinturas, nas paredes da sala de jantar, transportam-nos, uma (o painel de S. Martinho¹³) para S. Martinho (de Tours e de Anta), a outra para o Alentejo (o *Cefeiro*, de Dórdio Gomes):

Involuntário paroquiano do S. Martinho de mitra e báculo, mas voluntário devoto do socialista que divide a capa, visito-o sempre que posso, dentro da pátria e fora dela. (...) A caridade, embora não seja um processo de solução social, é uma predisposição humana para a encontrar. E só a prega com sinceridade incontroversa quem activamente a pratica. Mas a pratica sem subterfúgios: rachando os haveres ao meio. (Torga, 1999: 913-4).

¹³ Este painel faria provavelmente parte dum tríptico do século XIII. (Informação de Clara Rocha, no desdobrável da *Casa Museu Miguel Torga*.)

E em Puebla de Sanabria («terra de neve e de vento»), um S. Martinho de granito, românico, leva-o a uma espantosa reflexão sobre o destino:

Do pórtico singelo de uma igreja românica, o seu exemplo inculca a única fé que nos não aliena. (...) Fé que por seus bons ofícios também devo ter recebido na pia baptismal (...) Sempre acreditei que um sangue honrado nas veias, uma bela paisagem nos olhos e a bênção dum orago paradigmático ao nascer, mais do que bens passivos, que qualquer frouxidão da vontade depois podia atraíçoar, eram dons activos, em todas as horas futuras imperativamente a determinar. O nosso destino é um rio com muitos afluentes. E o seu curso pode alterar-se quando os mais impetuosos nascem dentro de nós. (Torga, 1999: 1490)

Ceifeiro - Como nos diz Clara Rocha, no desdobrável sobre a Casa-Museu, este quadro de Dórdio Gomes «foi oferecido a Torga pelo pintor (...), depois deste ter lido o capítulo sobre o Alentejo no livro *Portugal*.» Parece-nos oportuno citar o início do referido capítulo:

Em Portugal há duas coisas grandes, pela força e pelo tamanho: Trás-os-Montes e o Alentejo. (...) Províncias irmãs pela semelhança de certos traços humanos e telúricos, a transtagana, se não é mais bela, tem uma serenidade mais criadora. (Torga, 1986a: 119)

«Uma serenidade mais criadora.»! Não esqueçamos a extraordinária importância para o poeta Torga da actividade criadora. E não esqueçamos o que ele escreveu numa das localidades que mais o inspiraram e que se localiza precisamente no Alentejo: Torrão (concelho de Alcacer do Sal): «Há terras onde pegamos de estaca e temos como que um segundo nascimento activo, sem progenitores. Vivi aqui horas de tanta intensidade literária, política, religiosa e lúdica, que Bernardim Ribeiro bem podia considerar-me seu conterrâneo.» (Torga, 1999: 1369)

Isto explica-nos a importância que para ele tinha a sala de jantar. Há registos de refeições memoráveis que tiveram lugar nesta sala.

Em 20 de Agosto de 1974 recebe, para jantar, um poeta (seria Manuel Alegre?), que é tratado como se «fosse um deus»: «Um deus de pés de barro, capaz de mil fraquezas, mas que fazia versos. Que, pelo condão do seu verbo, despertava no semelhante

envilecido sobressaltos de pureza que o restituíam dignificado a si próprio.» (Torga, 1999: 1282-3).

Manuel Alegre viria a escrever no prefácio de *Miguel Torga – Fotobiografia*, de Clara Rocha:

Há uma noite que para sempre ficou gravada dentro de mim. Eu andava em campanha eleitoral, ele encontrou-me na rua e disse-me: Fui caçar para ti, anda jantar lá a casa.

Comi narcejas e uma galinhola que a Doutora Andrée cozinhou pelo menos tão bem como a minha avó e este é o maior elogio que lhe posso fazer. Bebi um Barca Velha que Torga escolheu (tinha uma garrafeira de qualidade excepcional). E ou fosse das narcejas, da galinhola, do vinho ou de não sei quê que pairava na sala de jantar, aquela foi para mim uma noite especial. Acabámos numa discussão inverosímil, ele a justificar D. Teresa, eu a terçar armas por Afonso Henriques. Nunca mais retomámos o tema e ainda hoje não consigo lembrar-me do porquê da divergência. Recordo o calor da amizade, o sorriso divertido da Doutora Andrée, a ternura de Miguel Torga, mesmo quando discutimos. Foi, de certo modo, uma iniciação. E eu saí daquela casa com a sensação de ter sido armado cavaleiro duma ordem desconhecida.

E, no poema, «Miguel Torga e Eu», já citado num outro contexto, Alegre dá mais uma preciosa informação:

E sempre em sua casa me regalou
Com seu Porto e seu tinto Barca Velha
Às vezes galinholas e narcejas. (in Arnaut, 1996 : 101)

Outra referência que ficou memorável foi o almoço com o autor de *Gabriela, Cravo e Canela*:

Almoço com Jorge Amado. Perdiz brava de Montesinho, posta mirandesa e tinto maduro do Doiro. Ementa a preceito, em homenagem à humanidade do escritor que na minha admiração parece ter aliado harmoniosamente, na vida e na obra, o calor da urbanidade baiana à grandeza de alma transmontana. (Torga, 1999: 1759)

E Clara Rocha, no desdobrável *Casa-Museu Miguel Torga* recorda «os almoços ou jantares de perdizes estufadas ou da famosa “vitela assada” que Ruben A. gostosamente evoca na sua autobiografia *O Mundo à minha procura*».

Mas consideramos, também, perfeitamente legítimo, imaginar conversas do maior interesse, nesta sala, entre o poeta, a mulher e a filha.

4.8.3.2. COZINHA

A **Cozinha** ficava no local onde hoje se encontram as instalações sanitárias.

Muitos dos produtos que por aqui passavam vinham ou das caçadas de Torga ou de S. Martinho de Anta, trazidos pelo escritor, nas suas regulares deslocações à terra natal, tais como «maçãs, nozes, ovos, perdizes e alheiras.» (Torga, 1999: 1610).

No espaço que actualmente é um pequeno auditório existia o quarto de dormir e casa de banho da empregada.¹⁴

Num cubículo, no vão das escadas (hoje espaço de arrecadação para material de limpeza), encontrava-se a garrafeira. Não esqueçamos as palavras de Manuel Alegre, já citadas neste trabalho: «tinha uma garrafeira de excepcional qualidade».

4.8.4. PISO SUPERIOR

As escadas que conduzem ao piso superior terminam num hall que dá acesso ao quarto de visitas, a outras escadas que levam ao sótão, à biblioteca-sala de estar, ao quarto de dormir do casal, à casa de banho e ao quarto da filha. Uma comprida estante acompanha uma das paredes do hall.

Como entrarmos aqui?

Há, obviamente, várias formas, mas gostaríamos de iniciar a peregrinação pela mão da palavra **insónia**.

INSÓNIA

*Só tu, musa cruel!
Só tu eras capaz
De uma tortura tão desnaturada.
Do pôr do sol até de madrugada,
O poeta indefeso
A ler um verso aceso
Na lâmpada apagada.
(Torga, 1999: 1275)*

¹⁴ Informação dada por Maria da Conceição Morais Sarmento.

O melhor que escrevi nasceu do silêncio das trevas e da solidão (...)

(Torga, 1999: 1648-9)

Altas horas da noite. O mundo dorme e eu velo, na forma do costume. Desde criança que a minha vida é mais comprida que a dos mais. Os meus oitenta anos são dobrados. Tanto os iluminou, do firmamento, o astro rei, como, do tecto do quarto, a lâmpada eléctrica. Foi penoso, mas proveitoso. O melhor que escrevi nasceu do silêncio das trevas e da solidão, virginalmente limpo das mil impurezas diurnas. Ao amanhecer, quando relia, estremunhado, a solfa rabiscada em papéis soltos espalhados à volta da cama, tinha a impressão de que os versos eram confissões sonâmbulas – segredos do mais íntimo do inconsciente (Torga, 1999: 1648-9)

Em 8 de Fevereiro de 1977 o poeta que não dormia faz-nos uma extraordinária descrição da «alegria da criação» dum poema:

Foi durante a noite que escrevi o poema. Acordei inquieto, estremunhado, fiquei numa sonolência lúcida e, aos borbotões, os versos, na imprevisibilidade do minério arrancado às trevas da mina, começaram a surgir à tona do silêncio, alguns já estremados, puros, outros ainda agarrados ao cascalho. Depois, a razão clarificadora acudiu à inspiração tumultuosa, britou, peneirou, lavou, ordenou, e as pepitas ficaram articuladas de tal maneira que acabaram por formar um todo coeso, harmonioso e autónomo. Um texto na sua plenitude existencial, inexpugnável como um dia de sol. Excitado pela evidência do milagre, que eu próprio mal podia compreender, não consegui mais pegar no sono. Pus-me a recitar cada estrofe, primeiro numa espécie de terror sagrado, a experimentar a segurança do ritmo, a verificar a verdade das rimas, a avaliar a flagrância das imagens. Por fim, confiado, a abaná-las rijamente, e a concluir, desvanecido, que tinham as raízes seguras. E assim tenho passado o dia com elas no ouvido, numa exaltação secreta, estranhamente optimista, menos vulnerável aos empurrões da multidão, feliz sem o dar a entender. (Torga, 1999: 1329/30).

Que poema seria este? Um que não viria a publicar? Um integrado na parte final do volume XII do *Diário*, que ocupa o espaço temporal de 17-5-1973 a 22-6-1977? Neste volume, depois da nota em causa, há quatro poemas com mais de uma estrofe (repare-se

que na nota Torga diz - «Pus-me a recitar cada estrofe»): «Rebate», «Pátria», «Estertor» e «Ícaro». Será um destes poemas? Qualquer um deles vai à raiz da idiossincrasia torguiana. Os dois primeiros têm a ver com a eternidade, a grandeza e o sonho da pátria; os dois últimos falam da «chama divina» (Torga, 1999: 1337) do poeta que «caiu lá do céu onde voava.» (Torga, 1999: 1344). Poderia dar-se ainda o caso de o poema ter sido integrado em alguma reedição aumentada dos livros de poesia. Contudo somente *Penas do Purgatório* teve uma reedição aumentada, o que teve lugar em 1954, por conseguinte o poema que procuramos não pode pertencer a este livro.

Mas insónias nem sempre eram momentos de criação poética. Em 14-12-1988 serve-se da ausência do sono para reflectir sobre um «espectáculo deplorável» de um debate político a que assistiu:

O pecado dos pecados é o orgulho intelectual. E ele é endémico, e vem à tona em qualquer polémica a frio ou a quente. De tal maneira nos infecta que até num simples diálogo inocente o deixamos por vezes transparecer. Ainda é quando monologamos que conseguimos menos penosamente ter verdadeira humildade de espírito. Ninguém nos ouve, nem contesta. Podemos encarar sem vergonha a nossa pequenez e reflectir sem paixão na inanidade de todas as paixões. (Torga, 1999: 1647)

Esta reflexão faz-nos recordar o sábio e fraterno conselho que o tio lhe dá quando ele, Adolfo, parte para «Ribeirão», para frequentar o Ginásio: «Aprenda, e quando vier a férias evite ofender seu Adalberto, fazendo gala da sabedoria. Compreenda que ninguém gosta de ficar por baixo, e que não há necessidade de ofender as pessoas...» (Torga, 1994a: 202)

Certamente muitas insónias seguiam-se a: «Sonhos maus. Pesadelos horríveis, que o fígado reles só por si não explica. É este subconsciente que, de repleto, transborda. São muitos anos de humilhações recalcadas, de indignações impotentes, de prepotências sofridas.» (Torga, 1999: 1110)

4.8.4.1. QUARTO DE VISITAS

Só conseguimos apurar que aqui dormiram a irmã do poeta e Ruben A.

No capítulo sobre S. Martinho de Anta são várias as citações que testemunham uma amizade e cumplicidade empolgantes entre Torga e a sua irmã.

Observemos, agora, a amizade com o autor de *O Mundo à Minha Procura* o qual considerava o autor de *Bichos* «o maior homem que vivia e que vive em Portugal, país que antes de o baixar à terra já lhe deitou o estrume» (in Rocha, 2000: 114).

As afinidades entre Torga e Ruben A., no que respeita a literatura, era total:

- «O Torga é como eu: a literatura é uma coisa sagrada (...) Nada de transigir no que é sagrado, são, puro». É esta intransigência que leva Torga a afirmar, quando teve conhecimento do corte integral, pela Censura, do artigo que o autor de *O Mundo à Minha Procura* tinha escrito para o *Diário Popular* sobre o livro de contos *Bichos*: «O analfabetismo governamental, que há anos apara pelo sabugo as unhas alfabetas da nação, resolveu agora alargar a poda e decepar pura e simplesmente as mãos inquietadoras. Teremos de imitar Duarte de Almeida, e segurar a caneta com os dentes.» (ver Rocha, 2000: 114-116)

E quando Ruben A. morre (Setembro de 1975), Torga faz-lhe um dos maiores elogios que, pensamos, pode receber um homem que conhece «horas triunfais»: «acreditava sinceramente na glória, mas humanamente lhe sabia assobiar nas horas triunfais.» (Torga, 1999: 1312).

4.8.4.2. QUARTO DO CASAL

«Cinquenta anos de casado. Os sins de que eu fui capaz contra os nãos da vida.

Felizmente! »

(Torga, 1999: 1684)

O quarto do casal foi completamente transformado aquando da adaptação da casa a casa-museu. É, hoje, uma sala de exposições temporárias.

Perguntámos a Maria da Conceição Morais Sarmento se no quarto havia alguma imagem religiosa. (É sabido que tanto Torga como sua mulher eram agnósticos, mas não faltam na casa imagens sagradas: S. Francisco, S. Martinho e Pietá.) A vizinha do escritor e revisora dos seus textos disse-nos que não, e referiu-nos a existência, numa cómoda, de uma jarra com o busto de Camões.

Os melhores paradigmas femininos que Torga traz para Coimbra são de figuras parentais (mãe, irmã e ama) e de mães de família (a Maria Lionça, do conto com o mesmo nome, e a Felisberta, do conto «Renovo»). As diversas relações amorosas que o

escritor teve não o marcaram significativamente¹⁵. Andrée Rocha é, pois, a grande mulher-amante da sua vida.

Ainda na casa da Estrada da Beira, Torga escreveu, em 1947, duas notas imprescindíveis para compreendermos a importância que Andrée teve na sua vida: «Vou sendo outro. (...) aquilo que é essencial na minha personalidade sinto que muda de dia a dia. A virilidade deixou de ser uma agónica sofreguidão, a arte perdeu a cegueira romântica, o amor polarizou-se numa lealdade sagrada.». (Torga, 1999: 373). E, quatro meses mais tarde, depois de afirmar que «tenho tido muitas doenças, muito sofrimento, muita desgraça autêntica e viva» constata: «O que é isso, porém, ao pé das horas de criação da minha vida, ao pé do amor da mulher que encontrei, ao pé da compreensão da natureza que trouxe do berço? Poucos devem ter tido no mundo a minha sorte: ser um homem inteiramente livre. (...)». (Torga, 1999: 382)

Parece-nos ser este um momento oportuno para se abrir um parêntese para olharmos, com duas citações, para o conceito que o escritor tinha de mulher:

- «A mulher! Não me canso de a exaltar. O que o homem é a seu lado! (...) Dona do mundo e depositária do futuro, nunca o quis parecer, sequer. Gentilmente deixou essa presunção ao pobre companheiro que, depois de tantos milénios de convívio, continua a revolucionar os tempos sem perceber que ela é o cordão umbilical da História.» (Torga, 1999: 1373-4).

- «As mulheres foram sempre sagradas no meu espírito. Nunca, voluntariamente, diminuí ou ofendi nenhuma. Nem mesmo em termos de ficção.» (Torga, 1999: 1684-5)

Dois meses antes da data desta nota estive de férias em Vale do Lobo (Algarve) e aqui escreveu outra nota da maior importância sobre a sua mulher:

Gosto dela. Envelhece a sonhar, como eu, mas mais visivelmente. (...) Sem sonegar à realidade a atenção que lhe é devida, olha-a num tal devaneio que a transfigura. Exorciza a violência das coisas a fitá-las em transe. Parece acordar a cada momento dum sono que vai continuar e que apenas foi interrompido para que o espanto da vigília o certifique. (Torga, 1999: 1367)

Esta nota permite-nos colocar Andrée entre os principais oráculos do autor de *Traço de União*.

¹⁵ Podemos abrir uma breve excepção para «Alice» (ver Torga, 1970: 89).

O que podemos nós recordar, da obra de Torga, neste espaço (quarto do casal)?

Pensamos que, em primeiro lugar, as noites de insónia que citámos e sobre as quais fizemos algumas reflexões.

Depois, duas passagens em que o autor (que com tanta mestria revelava o quanto basta da sua intimidade) nos fala, directa e indirectamente, da sua postura perante a sexualidade:

Em 26-1-1991 disse a propósito do filme *Cyrano de Bergerac*: «Uma das mais belas homenagens prestadas ao poder da palavra. (...) Áfono, nem o amor tem aceitação e reciprocidade. Quem não sabe falar, não sabe convencer, nem seduzir. (...) Sem palavras não há comunhão de corpos e almas. Há tropeções do instinto.». (Torga, 1999: 1703)

E em 3-4-1975 deixou exarado no *Diário*: «Miller e os da sua estirpe são adoradores concretos do próprio falo, cantam a glória da sua real potência. Exibem a virilidade em cada página. E não há nada mais repugnante do que um escritor a ejacular pela caneta.». (Torga, 1999: 1294)

Há seis poemas que nos parecem ser dedicados à mulher que revelam bem a importância que a poesia tinha na relação do casal (não esqueçamos que Andrée era professora de literatura e possuía um doutoramento sobre Almeida Garrett): «Amor» (3-5-1946), «Oferenda» (20-2-1977), «Evocação» (14-7-1987), «Legado» (20-3-1988) e «Oferenda» (10-7-1988). «Amor» e «Evocação» parecem-nos os mais significativos.

AMOR

Dorme a vida a meu lado, mas eu velo.
(Alguém há-de guardar este tesoiro!)
E, como dorme, afago-lhe o cabelo,
Que mesmo adormecido é fino e loiro.

Só eu sinto bater-lhe o coração,
Vejo que sonha, que sorri, que vive;
Só eu tenho por ela esta paixão
Como nunca hei-de ter e nunca tive.
(...) (Torga, 1999: 341)

EVOCAÇÃO

Recordar...
Com saudades, lembrar
Os dias de sol claro
E alma clara,
Que passaram.
Ver-te bonita como então eras,
Sempre igual nas diversas primaveras
Que floriavam
À volta do teu púdico sorriso.
Memorar o perdido paraíso
Onde nunca pecámos,
Nem instintivamente,
Nem seduzidos pela serpente,
Na cândida inocência de aprendizes,
E, castos, nos danámos, a sonhar
E a recitar
Poemas de poetas infelizes. (Torga, 1999: 1593)

Será «Eurídice», de *Câmara Ardente*, mais um poema inspirado na mulher do Orfeu Rebelde?

Há uma pequena ruga de silêncio
A macular-te o rosto...
Que secreto desgosto
Ocultas ao teu velho companheiro?
Preciso de sabê-lo, bem amada.
O tempo é traiçoeiro,
E quero a tua imagem preservada.
(...)
Diapasão que afina a minha lira,
A tua voz precede a minha voz.
Ouvir-te é começar...
(...)

Mas que companheira invulgar encontrou Torga para, como diz o provérbio, atravessar a vida de mão dada!¹⁶

Mas todas as relações humanas, mesmo quando há profundas afinidades e amor, atravessam momentos de solidão e de cansaço. Foi o que aconteceu durante a longa doença do Orfeu Rebelde, que, certamente devido à depressão causada pela doença, sentiu de uma forma empolada o cansaço das pessoas mais próximas: «O mais trágico na velhice doente é vermo-nos morrer antecipadamente no cansaço e no enfado de quem nos rodeia.» (Torga, 1999: 1711).

¹⁶ Há um provérbio árabe que diz que «amar é atravessar a vida de mão dada». (Letria, 2001: 18)

4.8.4.3. QUARTO DA FILHA – A INFÂNCIA

Um filho tem pelo menos esta vantagem: obriga-nos a olhar para fora de nós.

(Torga, 1999: 814)

(...)

*Presépio é qualquer berço
Onde a nudez do mundo tem calor
E o amor
Recomeça.*

(Torga, 1999: 916)

(...) *a criança que continuo a ser (...)*

(Torga, 1999: 1548)

*Parte dos nossos crimes, da nossa arrevesada vida social e da nossa bruteza no trato
advêm certamente duma infância atormentada que não pôde mergulhar as asas no
banho lustral da fantasia e da ternura. Saímos todos da primeira comunhão com uma
faca nos dentes!*
(Torga, 1999: 520)

Da «comunhão de corpos e almas» de Miguel e Andrée nasceu Clara, que inspirou ao poeta alguns dos seus mais belos poemas, como veremos brevemente.

O quarto da filha ficava em frente do seu quarto. O poeta ouvia o choro e o palrar desse «palmo de sonho» (Torga, 1999: 52), facto que provavelmente terá contribuído para a criação de diversos poemas sobre a infância.

O quarto da «Clarinha» (como ainda hoje algumas pessoas seniores de S. Martinho se referem a Clara) é um lugar privilegiado para se abordar a questão da Infância na obra de Torga. A paixão do poeta pelas crianças potencializa o seu amor pela filha e vice-versa.

Se é verdade que quando estamos com Torga em qualquer sítio ou/e em qualquer tema, sentimos que nos encontramos no centro da obra do autor d'*A Criação do Mundo*, essa sensação torna-se mais forte quando o escritor aborda a infância¹⁷. Ela encontra-se em quase toda a obra e é abordada directa ou indirectamente (é o caso de poemas sobre o Natal, como acontece em 24-12-1958 ou em 24-12-1966). A infância está, também, implícita no tema *futuro*.

¹⁷ Ana Luísa Vilela é particularmente feliz quando afirma: «a criança é, certamente, o *símbolo dos símbolos* – verdadeiramente, um *arquétipo*, uma imagem primordial e modelar, fundadora e exemplar.» E, algumas páginas à frente: «a criança de Torga contém, para sempre, na limpidez cristalina do seu olhar, a doçura quente do sangue, do mosto e do infinito.» (Vilela, 2007: 45; 53).

O adulto, que aos setenta e oito anos continuava a ser criança (ver *Diário*, p. 1548), aborda a primeira fase da vida humana nas seguintes obras: *A Criação do Mundo* (1º Dia); *Bichos*: «Jesus»; *Contos da Montanha*: «O Cavaquinho»; «Um Filho»; «Maio Moço e «A Ladainha»; *Rua*: «Pensão Central»; *Novos Contos da Montanha*: «O Alma Grande»; «Fronteira»; «Repouso»; «O Sésamo»; «Mariana»; «O Regresso», «O Marcos» e «O Senhor»; *Pedras Lavradas*: «O Grilo Branco»; «Desencanto»; «Pequeno Herói»; e, finalmente, em todos os volumes do *Diário*.

Uma das principais características destes textos é a rebeldia em relação ao mundo dos adultos. Podemos dizer que Torga instiga as crianças (e principalmente quem delas cuida) a não abdicarem da sua inocência e da capacidade de terem ilusões. [veja-se em *Diário* os poemas «Parque Infantil» (p. 745) e «Pedagogia» (p. 951)].

A ferida, que nunca sarou, da sua infância (e adolescência) de fome, frio, trabalho e ausência dos pais (referimo-nos aos cinco anos em que foi emigrante) explica, em parte, a sua postura. Falando com um amigo, a quem também «tinham roubado a infância», disse: «Somos adultos-meninos. Enquanto crianças, não nos deixaram ser o que éramos. Por isso, agora, recusamo-nos a ser o que somos.» (Torga, 1999: 864)

O escritor de S. Martinho de Anta traz da Montanha para a Cidade uma vasta, apaixonada e indignada visão do mundo juvenil. Parece-nos importante discriminar os diversos temas dos contos (todos escritos antes do nascimento da filha) que têm como cenário a Montanha e que se relacionam com a infância:

A Ternura: «Jesus», «O Cavaquinho», «Maio Moço», «A Ladainha», «O Sésamo», «Um Filho», «Fronteira», «Desencanto» e «O Senhor».

A Inocência: «Jesus», «O Regresso» e «O Grilo Grande».

A Fantasia: «O Sésamo» e «O Grilo Branco».

O Humor: «O Marcos» e «Sésamo».

O Riso: «Maria Lionça» e «Sésamo».

A Pobreza: «O Cavaquinho», «Maio Moço» e «O Marcos».

A Tragédia: «O Cavaquinho» e «Alma Grande».

O contacto com a Natureza: «Jesus», «Maio Moço», «A Ladainha», «Desencanto», «O Sésamo», «O Regresso» e «O Grilo Branco».

A Coragem: «Repouso»; «Regresso», «Maio Moço», «O Grilo Branco» e «O Pequeno Herói».

A perplexidade perante a Violência e o Absurdo: «Alma Grande».

As Diferenças Sociais: «O Pastor Gabriel» e «O Marcos».

Na nossa pesquisa encontrámos dez poemas dedicados à filha, todos eles no *Diário*: «Nascimento» (p. 803); «Lírica» (p. 865), «Flor Preservada» (p. 899), «Estrela do Ocidente» (p. 916); «Écloga» (p. 978), «Ascensão» (p. 1008), «Retrato» (p. 1089), «Desacerto» (p. 1084), «Pétalas» (p. 1100) e «Semelhança» (p. 1187).¹⁸

A tranquilidade deslumbrada com que Torga nos descreve o primeiro parto a que assistiu (Torga, 1970: 94) ou ouve os «gritos desesperados e secos que parecem furar o céu» (Torga, 1985: 180) duma parturiente não está presente no dia do nascimento da filha. A tranquilidade e a paixão por ser pai só nos são reveladas em textos posteriores. Das vivências do nascimento de Clara (3-10-1955), o que nos é revelado no poema «Nascimento» é um sagrado sentimento de terror:

Nascem os homens como deuses pobres:
Nus e de um ventre que desesperou
De os guardar
Sagrados e secretos no seu lago.
Nascem disformes, sem nenhum afago
Da raiva desabrida que os expulsa
E das mãos aterradas que os recebem.
(...) (Torga, 1999: 803)

A ternura, a paz, a fantasia, a alegria, a loucura e a beleza poética atravessam todos os restantes poemas, mas são particularmente intensas em:

- «**Flor Preservada**» (Faz parte dos oitenta poemas seleccionados pelo poeta para o disco editado em 1987)

Colho, maravilhado,
A flor do teu sorriso;
E tudo à minha volta
Se transfigura:

¹⁸ Terá o poema «Transe», citado em epígrafe deste capítulo (A Casa – um espaço de «Transe»), sido escrito depois de o poeta ter tido a confirmação de que ia ser pai? Clara nasce a 3 de Outubro de 1955 e «Transe» é escrito a 30 de Março desse ano.

(...)

Filha:

Os poetas são loucos.

E poucos

Acreditam

Que a loucura

É o dom do eterno em cada criatura.

(...)

(Torga, 1999: 899)

- «**Estrela do Ocidente**» (também foi incluído no disco com oitenta poemas)

Por teus olhos acesos de inocência

Me vou guiando agora, que anoitece.

Rei Mago que procura e desconhece

O caminho,

Sigo aquele que adivinho

Anunciado

Nessa luz só de luz adivinhada,

Infância humana, humana madrugada.

Presépio é qualquer berço

Onde a nudez do mundo tem calor

E o amor

Recomeça.

(...)

(Torga, 1999: 916)

Os primeiros quatro versos da segunda estância deste poema revelam um dos mais fascinantes traços do «rostro» (Torga, 1999: 1048) de Torga: a esperança (e, poderíamos acrescentar, a exigência) de que qualquer criança do mundo tenha um berço com calor e com amor.

Aquele que consideramos ser o último poema dedicado à filha («**Semelhança**», p. 1187) é o único que é escrito já durante a adolescência de Clara. Trata-se de um poema que não revela menos beleza e ternura do que os anteriores, mas, perguntamos, se não espelha uma nostalgia da fase infantil da «Clarinha»:

(...)

Fica, pois, como és,

Branca de corpo e alma,

Sem apagar nos olhos

A luz adolescente.

Eva, antes da tentação...

Longe ainda do Adão,

E ainda mais longe da serpente...

Discriminemos agora os outros poemas do *Diário* sobre a infância que nos inspiraram este texto: «Brinquedo» (p. 38); «História Antiga» (p. 52); «Aviso» (p. 655); «Miniatura» (p. 844) e «Recreio» (p. 1021).

Ao cruzarmos estes poemas com os dedicados à filha e com o espírito geral da obra torguiana, fomos levados à seguintes conclusões:

Nestes cinco poemas há um só onde impera o pessimismo: «Recreio». Aqui as ilusões são só das crianças porque «O mestre» sabe que «O Pássaro da Ilusão/ É uma ilusão./ Só a inocência o vê, porque não vê...» (p. 1021).

Mas o pessimismo não resiste à onda de esperança que todos os outros poemas anunciam:

- Se alimentarmos com ternura e lucidez as ilusões que os *meninos semeiam*, elas (as ilusões) podem tornar-se realidades. (Ver «Brinquedo», p. 38). Em relação a «Brinquedo», podemos dizer, concretamente, que se criarmos condições para que cada criança possa mergulhar as asas «no banho lustral da fantasia e da ternura» (Torga, 1999: 520), as estrelas de papel podem tornar-se estrelas do firmamento;
- As crianças são um «Palmo de sonho» e como tal são suficientes «Para encher este mundo de alegria» («História Antiga», p. 52);
- As crianças são sinónimo de «pureza de semente» («Miniatura», p. 844);
- «Aviso» (p. 655) e «Parque Infantil» (p. 745) são, dos vários poemas que falam da inocência, os mais importantes.

Em «Aviso», porventura o mais torguiano poema de Torga sobre a infância, o Orfeu Rebelde afirma que nenhum Deus o poderá ter próximo se não lhe devolver a inocência que perdeu. E, na última estância, cada verso é um hino à sua ideologia: «Quero voltar a criança,/ à meninice dos ninhos./ Quero andar pelos caminhos/ Com olhos de confiança,/ A quebrar a minha lança/ Nos moinhos...» (Como é óbvio, o seu mestre Quixote não podia estar ausente neste tema escaldante).

E em «Parque Infantil» diz: «(...) Brinca, na eterna idade/ Que eu já tive/ E perdi,/ Quando, por imprudência,/ Saltei o risco branco da inocência/ E cresci.»

Sentimos que há fortes afinidades entre a forma como Torga encara a inocência (adulta) e a loucura. Elas têm que ser controladas pela razão/lucidez. Em relação à loucura, o Quixote lusitano é bem claro: no fim do poema Sísifo diz: «És homem, não te esqueças!// Só é tua a loucura/ Onde, com lucidez, te reconheças.» (Torga, 1999: 1355). E na nota de 19-3-1984 escreveu: «Deixar-me ser assim como sou. Ao mesmo tempo lúcido e capaz de sucessivos actos de loucura. Proceder intuitivamente, guiado pela razão.» (p. 1506).

Já quase no fim do *Diário*, Torga volta a fazer duas referências de ouro à infância, com duas notas distintas, mas que, com igual intensidade, nos obrigam a pensar. Numa diz que o seu santo (S. Francisco de Assis) é «(...) eternamente criança(...)» (p. 1776). E em 10-11-1993 escreve: «Hoje fizeram-me a revelação surpreendente de que um avarento meu conhecido (...) generosamente subsidiava um asilo de infância desvalida.» (p. 1781-2).

Pensamos que um exercício importante a fazer seria tentar adivinhar que temas abordaria Torga em poemas dedicados a netos, caso os tivesse tido. Que semelhanças e diferenças em relação aos abordados nos poemas dedicados à filha?

Repetiria certamente todos: recomeçar, inocência, loucura, ilusões, sorriso, natureza e adultos. Mas teria cuidados redobrados em relação aos adultos. Tenha-se em consideração as desilusões do poeta com os homens (e com as mulheres) do pós 25 de Abril, que não souberam dar um salto qualitativo com a conquista da democracia.

Enfim, se seguirmos a pedagogia torguiana poderemos dizer, ao contrário do Torga do poema «Pedagogia» (*Diário*, p. 951), que «Tudo o que é bom e belo» (imaginação, inocência, riso e brincadeira) não «se desaparece».

4.8.4.4. A SALA-BIBLIOTECA E/OU O AUTO-RETRATO TORGUIANO

Soube sempre (...) que escrever é um acto ontológico que compromete perpetuamente quem o pratica. Que nenhum outro implica tanta responsabilidade e tanto risco, pois que ainda hoje a humanidade tem no banco dos réus quantos se abalançaram a pegar na pena em nome dela.
(Torga, 1999: 1736)

(...) a mais rica humanidade só tem uma coisa para dizer e (...) apenas se deve esfoçar por dizê-la o melhor possível de todas as maneiras possíveis, embora a saber que não há palavras para nenhum absoluto.
(Torga, 1999: 1409)

Os segredos que a gente leva para a sepultura! Segredos de vilanias cometidas e vilanias sofridas. Misérias de condição, vergonhas da privação, agravos recalcados.
(Torga, 1999: 1474)

Conseguirei dar aos outros um retrato fiel e sincero da minha verdadeira pessoa humana?
(Torga, 1999: 383)

Cada obra é um enigma que só o tempo decifra do seu vagar e por aproximações sucessivas. Ainda hoje estamos a soletrar a Bíblia.
(Torga, 1999: 1654)

4.8.4.4.1. INTRODUÇÃO

Grande parte do coração da obra e da vida de Miguel Torga encontra-se nesta sala (cerca de 25 metros quadrados). A secretária, a máquina de escrever, um tapete de Arraiolos (será o descrito na nota do *Diário* de 21-11-1943?), uma lareira, uma poltrona, um divã, um busto dele da autoria de Tavares Eduardo, uma escultura de Baco (autor desconhecido), um quadro de S. Francisco (autor desconhecido), uma televisão, um telefone¹⁹, e um retrato a óleo do poeta, de autoria do seu amigo Guilherme Filipe, fazem parte dos momentos mais intensos da vida do escritor.

¹⁹ A televisão e o telefone já não se encontram na Casa-Museu.

4.8.4.4.2. AUTO-RETRATO TORGUIANO

Tendo em consideração que Torga e Portugal têm múltiplas e profundas afinidades, e uma considerável interacção, é fundamental para esta tese conhecer a imagem que o Orfeu Rebelde tinha dele próprio.

Torga rondava os trinta e poucos anos quando Guilherme Filipe o retratou. É espantoso o comentário que Torga faz deste retrato: «flagrantemente mais parecido comigo do que eu próprio.» (Torga, 1981: 59). E em 14 de Dezembro de 1990, quando já contava oitenta e três anos Torga diz-nos: «ser novo não é só ter vinte anos no corpo. É tê-los, também, intemporalmente na alma, em cada instante rendida ao milagre permanente da vida, e pronta a coadjuvá-lo e enriquecê-lo.» (Torga, 1999: 1697). Por este motivo, o retrato intemporal do autor de *Portugal*, de autoria de Guilherme Filipe, acompanha-nos ao longo do percurso pela obra do poeta.

S. Martinho de Anta e Lisboa (prisão do Aljube) são fundamentais para a construção da identidade torguiana, e respectivo auto-retrato, mas Coimbra não é menos importante e ocupa na vida do autor um espaço temporal incomparavelmente mais vasto.

Em 22-10-1950, o diarista escreveu: «E nada de mais cobarde e abjecto do que um artista que se desquita da solidariedade que deve às palavras que proferiu e às esperanças que movimentou». (Torga, 1999: 561) Vinte e sete anos mais tarde (27-7-1977), anota algo de muito diferente: «às vezes fico-me a pensar se não irei por um caminho errado. Se, herdeiro da minha própria contestação me não terei transformado num polícia de mim mesmo. Se não vivo a acautelar o verbo para me não desmentir.» (Torga, 1999: 1350)

E no dia seguinte (28-7-1977) desenvolve esta ideia:

No fundo, a sociedade e os respetos humanos acabam por perder o artista, exigindo-lhe a coerência dos que vivem a rotina dos dias (...). Se as vozes do mundo o deixassem ser só quem é, ele até podia ser um poço de contradições. Natureza imprevisível, o pior que se pode pedir a um poeta é que seja fiel às suas palavras. (Torga, 1999: 1350)

É necessário um extremo cuidado ao lermos estas três notas. Escritas, como já referimos, com uma distância temporal, entre a primeira e as duas últimas, de vinte e sete anos, poderíamos pensar que ao longo desse tempo o autor do *Diário* mudou radicalmente o seu pensamento sobre um tema capital para qualquer pessoa, e, muito

em particular, para um escritor: «a solidariedade que deve às palavras que proferiu.» Uma das maiores preocupações deste «poeta do dever»²⁰ é manter a sua identidade e a identidade torguiana não se preocupa com «as vozes do mundo» e não prescinde de ser «fiel às suas palavras» fundamentais, como veremos. Pontualmente, em momentos de grande desespero, não terá cumprido o dever da solidariedade às palavras fundamentais, mas tal, repetimos, só pontualmente aconteceu.

As páginas do *Diário* dedicadas ao auto-retrato são as mais numerosas, diríamos mesmo que são uma maioria esmagadora: «O XV volume deste *Diário* finalmente nas montras. A parábola dos meus dias vai somando páginas. E vou-a contando aos outros a ver se consigo saber qualquer coisa de mim.» (Torga, 1999: 1678).

Mas, por vezes, Torga pensava que «O que dizemos e o que fazemos pouco ou nada revelam de nós. (...) quem um dia quiser saber o que fui, terá de me adivinhar...» (Torga, 1999: 1154). Provavelmente, afirmava isto porque frequentemente não revelava os bastidores dos seus estados de espírito: «Enchi com frequência uma página de lamúrias, enquanto na verdade estava cheio de força e de alegria.» (Torga, 1999: 349) E oito anos antes disse: «Hoje é um dos tais dias em que eu precisava de cifra para o *Diário*. O que aconteceu foi tão brutal, tão angustioso, que, escrito em caracteres que alguém pudesse ler, metia nojo.» (Torga, 1999: 71)

O Orfeu Rebelde é um perseguidor/caçador constante do **absoluto**. «Quero o que não posso obter com palavras: o absoluto.» escreveu em 15-10-1958, depois de, dois anos antes, ter anotado: «Sem suspeitar de que o absoluto é ele, e não qualquer quimérica transcendência que fora de si procura, o homem cada vez se ignora mais e cada vez ignora mais. (Torga, 1999: 836).

Acreditamos que através de *Poemas Ibéricos* podemos encontrar/«adivinhar» traços muito importantes do poeta que ele nem sempre nos revela directamente. Os heróis ibéricos são para Torga a maior parte da nata d'a sua gente, com quem ele se identifica, tal como acontece com Pessoa em *Mensagem*, como pertinentemente observou António Quadros (Quadros, 1990: 122). Abra-se aqui um parêntese para chamarmos a atenção para o facto de que o autor d'A *Criação do Mundo* se considerava, explicitamente, descendente «em linha recta» das maiores figuras da humanidade. Numa conversa,

²⁰ Sub-título da obra de Carlos Fernandes Maia «A dimensão Ética e Educativa na Obra de Miguel Torga».

repleta de ironia e humor, com um marquês, latifundiário no Alentejo, que se gabava do seu sangue azul, o escritor-caçador revela-nos a antiguidade e nobreza da sua árvore genealógica:

Quantos séculos tem a sua árvore genealógica, senhor Marquês? Quatro? Cinco? Seis? (...) É notável, realmente. Mas sabe onde começa a minha? Conhece, certamente, as Grutas de Altamira?

- Sim, já ouvi falar...

Pois saiba que o rude troglodita que nelas desenhou o primeiro bisonte foi o meu primeiro antepassado. E que todos os artistas que se lhe seguiram, Homero, Fídias, Dante, Miguel Ângelo, Leonardo da Vinci, Cervantes, Camões, Bach, são meus ascendentes em linha recta. (Torga, 1981: 68-69)

Voltemos aos *Poemas Ibéricos*. O Iberismo e a postura cultural de Torga permite-lhe ir mais longe do que Pessoa na quantidade e na qualidade de identificações. Dizemos qualidade pois, com Torga, temos alguns heróis que sobressaíram por motivos censuráveis, como é o caso de Torquemada e de Cortez. Como diria António Gedeão o homem é um «Universo em expansão./ Pincelada de zarcão/ desde mais infinito a menos infinito.» (Gedeão, 2004: 9). O mesmo nos diz Torga numa das suas últimas notas do *Diário*: «O que acontece hoje excede sempre o que sucedeu ontem. A violência, o facciosismo, a ambição do poder, a crueldade e o exibicionismo não têm limites. Felizmente que a abnegação, a generosidade e o altruísmo também não.» (Torga 1999b: 1781). No poema «Torquemada», de *Poemas Ibéricos*, o poeta escreve:

Há sempre um nome triste
Na longa vida de cada nação.
Um nome que resiste
Ao esquecimento,
E que é um sinal de atenção
Ao pensamento
E ao sofrimento.

Torga considerava que, assim como em cada nação há «um nome triste», também em cada pessoa há algo de, com maior ou menor intensidade, perverso/«vilanias cometidas» (Torga, 1999: 1474); e esta perversidade, se não for heroicamente combatida, pode levar ao surgimento de mais Torquemadas.

Com as características, tão difíceis de conquistar, dos heróis louváveis, e que exigiram a Torga «uma multiplicação incansável do autêntico» (Torga, 1986a: 66), o nosso poeta

pôde, de facto, derrotar o que havia de mais censurável no seu carácter e ser um «defensor incansável» da «tríade bendita» (Torga, 1999: 1786): amor, verdade e liberdade.

Poemas Ibéricos é o seu último livro de poesia; depois dele faz sentido que o poeta continue à procura do «último verso (...) o tal definitivo, totalmente revelador.» (Torga 1999:1767), mas faz também sentido que já não precise dum novo livro de poemas. Somos tentados a afirmar que com *Poemas Ibéricos*, livro começado em 1936 e terminado em 1965, o Sísifo e Orfeu Torga encontrou Portugal, encontrou a Ibéria e, com a preciosa ajuda dos seus anteriores livros, quase que se encontrou a si próprio e ao mundo.

Ele procura o absoluto também no passado: «O homem é (...) amplo como o universo. E nós podemos, sem atraíçoar o presente, recolher do passado o que ele tem de eterno.» (Torga, 1999: 286). Esta ideia é reforçada por outra lapidar afirmação torguiana: temos de «manter na redoma da lembrança, viva, como relíquia eternamente a sangrar, a lição do passado.». (Torga 1969: 60-1). Este facto constitui mais um importante motivo para olharmos atentamente para os *Poemas Ibéricos*.

A gestação deste livro demorou mais tempo do que *Mensagem* (1913-1934), de Pessoa. E repare-se que nas edições posteriores (1982 e 1985) não introduziu quaisquer alterações.

Poemas Ibéricos é também a apologia da Ibéria como um conjunto de nações. Quando em 21-3-1984 saiu a edição castelhana da obra, o autor escreveu: «Edição castelhana bilingue dos *Poemas Ibéricos*. Mas só vertida também em galego, vasconço e catalão a obra teria, ao menos no verbo, a dimensão hispânica que sempre lhe sonhei.» (Torga, 1999: 1507)

Vejamos as palavras-chave que ao autor dizem respeito e os poemas onde surgem: **Portugal** («Ibéria»); **Espanha** («Ibéria»); **Ibéria** («Ibéria», «Unamuno», «Picasso», «Pesadelo de D. Quixote» e «Exortação a Sancho»); **Europa** («Ibéria»); **Mundo** (e «**a terra em corpo inteiro**») («Ibéria», «Fernão de Magalhães» e «António Vieira»); **Povo** («Ibéria» e «Não Passarão»); **Loucura/Louco** («Ibéria», «Camões» e «Cervantes»); **Sonho/ Ilusão/Delírio** («A Largada», «A Raça», «Tormenta», «António Vieira»,

«Unamuno» e «Não Passarão»); **Fé** («O Achado»); **Moral** («Séneca»); **Vontade** («Séneca», «Infante» e «Vasco da Gama»); **Coragem** («O Infante» e «Exortação a Sancho»); **Génio** («O Infante», «Vasco da Gama», «Cervantes» e «António Vieira»), **Nome Triste** («Torquemada»); **Destino** («Vasco da Gama»), **Absoluto** («Cortez»); **Aventureiro** («António Vieira»); **Herói** («Camões», «Não Passarão» e «Exortação a Sancho»); **Eternidade** («Federico García Lorca»); **Trovador** («Fernando Pessoa»); **Argonauta** («Fernando Pessoa»); **Império** («Afonso de Albuquerque» «Camões» e «António Vieira»), **Homem** («Goya»), **Imaginação** («Picasso»), **Infância** («Picasso») e **Amor-Verdade-Liberdade («a tríade bendita»)** («Inês de Castro», «Santa Teresa», «Federico García Lorca», «Exortação a Sancho» e «Nun'Alvares»).

Poemas Ibéricos (1965) leva-nos para uma imersão total na Ibéria. *Alguns Poemas Ibéricos* (1952) ainda não tinham conseguido esse absoluto. O poema «Pesadelo de D. Quixote» em *Alguns Poemas Ibéricos*, começa com a seguinte estância:

A nossa Dama, Sancho! A nossa Dama!
Pois quem é que me chama e que te chama?
Castela, dizes tu?! Dizes Castela?!
Acorda, Sancho! A Dulcineia é Ela!...

Em *Poemas Ibéricos* esta estância tem várias alterações, mas uma reveste-se de importância capital. «Castela» é substituída por «Ibéria». Vejamos:

Sancho: ouço uma voz etérea
Que nos chama...
Ibéria, dizes tu?!... Disseste Ibéria?!
Acorda, Sancho, é ela a nossa dama!

Com esta profunda alteração, Torga esbate a(s) fronteia(s) e dá uma identidade ibérica à Dulcineia.

A Ibéria é «Uma antena da Europa a receber/ A voz do longe que lhe quer falar...» e que, segundo Torga, é preciso resgatar da decadência e do domínio dos Estados Unidos:

A Europa! (...) Um génio com brasão de três mil anos abriu mão perdulária das razões da sua legitimidade, como se lhe bastassem o usufruto do mito e os pergaminhos do seu cansaço. Delegou a voz activa. Consentiu em ser apenas o eco precioso de expressões alheias, esquecido de que não é possível manter uma identidade singular por procuração. (Torga, 1999: 1420)

Este trabalho heróico de resgate da «mais bela e prendada das eleitas de Zeus!» (Torga, 1999: 1420) pode ser feito por «Portugal e Espanha» porque «nela» [Ibéria] coube o Velho-Mundo e o Novo.../ cabem Portugal e Espanha/ E a loucura com asas do seu Povo.» (Torga 1995a: 7). O «Velho Mundo e o Novo...» estão no assombroso património histórico, artístico e literário que encontramos espalhado por toda a Ibéria.

A afirmação de que o «Povo» da Ibéria tem uma «loucura com asas» adquire também uma importância absoluta, tendo em consideração a paixão de Torga pelo povo e pela loucura. Vejamos:

- «(...) como artista cifro todo o meu sonho na revelação fiel da alma do povo de onde saí (...) No meu sangue corre, a pedir expressão, um rio de miséria e doçura.» (Torga, 1999: 237);

- A loucura «É o dom do eterno em cada criatura.» (Torga, 1999: 899).

Os problemas dramáticos têm que ser observados e diagnosticados da «gávea da loucura» (Torga, 1999: 1311). E, depois, é preciso combatê-los, também com loucura. Mas a loucura tem que ser sempre acompanhada/guiada pela lucidez/razão. Vejamos: «Só é tua a loucura/ Onde, com lucidez, te reconheças.» (Torga, 1999: 1355); «Deixar-me ser assim como sou. Ao mesmo tempo lúcido e capaz de sucessivos actos de loucura. Proceder instintivamente, guiado pela razão.» (Torga, 1999: 1506)

Para o *louco* Torga, um dos paradigmas de louco lúcido é Salvador Dalí: «Um cabotino catalão, com os seus bigodes insólitos, a sua bengala caducêutica, a sua lúcida loucura, que ao génio juntava a audácia subversiva.» (Torga, 1999: 1652)

Em «**História Trágico-Marítima**» predomina a ideia de que os grandes triunfos são essencialmente fruto da virilidade/coragem, do sonho/ânsia e da fé.

Foram então as velas enfunadas
Por um sopro viril de reacção
Às palavras cansadas
(...)

Foram então as horas no convés
Do grande sonho que mandava ser
Cada homem tão firme nos seus pés
Que a nau tremesse sem ninguém tremer.» («A Largada»)

Traziam todo o anseio que os levou,
E que nenhuma Índia satisfizesse.

E traziam a fé que lhes sobrou
Da fé sem fim dessa primeira vez.» («O Achado»)

O naufrágio alargou-se ao mar inteiro.
E o corpo morto dum herói, primeiro
Cruzado da unidade deste mundo,
No dorso frio duma onda irada,
Mandou aos mortos, com a mão na espada,
Boiar o sonho, que não fosse ao fundo.» («Tormenta»)

É este povo (com loucura torguiana) que, com a liderança de comandantes de estatura invulgar, cria (e está presente) a sociedade dos painéis de Nuno Gonçalves. E Torga faz a leitura do sucesso desta sociedade nos seguintes termos:

- «O mais obscuro marinheiro de então media-se com o comandante da nau. (...) E, não obstante a presença do mártir e da família real (...), o políptico, em vez de uma misericórdia de almas hierarquizadas e suplicantes à sombra de qualquer capa, é uma confraternização viril de homens da mesma grandeza, livres e triunfantes ao lado uns dos outros.». (Torga, 1999: 1061)

- «Não há rosto lusíada paradigmático (...) que não esteja ali (...) decidido a tudo, alheado de tudo, resignado a tudo.». (Torga, 1999: 1483)

É no chão ibérico que Torga encontra, como já referimos, a maior parte da *sua gente*, que o ajudará a ter uma postura de quase permanente empolgamento e a tornar-se um «sinaleiro da esperança.». (Torga, 1999: 1662)

Ao andar no chão (e isto é uma forte opção de Torga, fruto da sua idiossincrasia e lucidez), ele tem necessariamente que se encontrar com o *herói negativo* (todo o homem que actua com crueldade, mas também com «ousadia», como diria Isabel Ponce de Leão (Leão, 2007a: 94). Esta ousadia do *herói negativo* pode chegar a cometer «Um acto absoluto», como, segundo Torga, aconteceu com Cortez quando, ao chegar ao México, mandou «queimar os navios para que nem ele nem os companheiros pudessem fugir à aventura.». (Torga, 1999: 600). E Eduardo Lourenço, comparando *Poemas Ibéricos* com *Mensagem* escreve: uma visão naturalista a que triunfa nos *Poemas Ibéricos*, [...] sem nada de comum com uma visão mística e ocultista». (Lourenço, 1987: 158)

Que tipo de **heróis com identidade conhecida** encontra Torga?

Heróis das letras

Séneca

(...)

A severa moral,
O estoicismo teimoso da vontade,
E o alto ideal
Duma pobre e cristã fraternidade...
(...)

Repare-se como cada verso desta quadra é um espelho rigoroso do mais sublime que Torga, incansavelmente, procura alcançar.

O poema dedicado a **Santa Teresa** (de Ávila) é o espanto e a indignação - do poeta que tanto valorizava o corpo e os cinco sentidos – perante o escandaloso processo de decomposição do cadáver humano. E a revolta é tanto maior quanto na Ibéria houve tantas mulheres como Santa Teresa a quem se poderia dedicar a seguinte estância do poema em causa:

(...)

Terra!...
E andei eu a negar o amor do mundo,
Quando de pólo a pólo o meu amor podia
Ser sem limites como a alma quer!...
E ser fecundo como a luz do dia!
E dar um filho, porque eu fui mulher!

Camões

(...)

Chamar-te génio é justo, mas é pouco.
Chamar-te herói, é dar-te um só poder.
Poeta dum império que era louco,
Foste louco a cantar e louco a combater.

Voltaremos, noutro capítulo, a Camões, mas fica já este registo tão denso de palavras-chave: génio, herói e louco (três vezes).

No poema «**S. João do Cruz**» Torga expressa a dificuldade em conciliar religião com poesia e sentidos, num homem que não conseguia separar a santidade da poesia e dos sentidos:

Um santo e um poeta de mãos dadas!
Um a negar o outro, e sempre unidos...
Um no céu das vivências sublimadas,
Outro a penar no inferno dos sentidos...
(...)

Cervantes é o herói que graças ao génio e tenacidade:

(...)
Transforma dia a dia,
Hora a hora,
O louco temporal que em mim vivia
No louco intemporal que vive agora.

Parece-nos haver no poema dedicado ao autor de *D. Quixote*... uma identificação absoluta de Torga com o seu mestre. O nosso Miguel procurava quotidianamente tornar-se um «louco intemporal». E repare-se que em *Poemas Ibéricos* Cervantes surge ainda em mais quatro poemas: «O Cid»; «Unamuno»; «Pesadelo de D. Quixote» e «Exortação a Sancho».

O autor de *Portugal* encontra em **António Vieira** («Misto de génio, mago e aventureiro»; «Aluno de Bandarra/ E mestre de Fernando Pessoa») o mestre que lhe ensinou a compreender «O homem lusitano/ À medida do mundo.»

Herculano

Leva tempo a tornar-se natural
Que uma grandeza tal
Tenha existido.

Porquê? Perguntamos nós. A resposta não nos é dada no poema, mas surge com toda a clareza em «Panorama da Literatura Portuguesa»: «seriedade, força e altura que (...) impôs à actividade criadora» (Torga, 1969: 86) e no *Diário*: «uma força obstinada, hipomaníaca, como que vitalmente apostada em organizar o mundo doutra maneira.» (Torga, 1999: 689).

Unamuno «Fazia pombas de papel/ Que voavam da Ibéria ao fim do mundo...» e desafiava (como o Quixote) «Cada torvo gigante/ Que impedia o delírio de passar.»

Em 22-6-1971, desanimado com a apatia dos portugueses perante a política do Estado-Novo, Miguel Torga recordou o mestre:

«Unamuno (...) fala do anelo em que vivia de que o povo se juntasse, e gritando “! Vamos a hacer una barbaridad!” se pusesse em marcha. (...) Mas quem poderia escrever palavras semelhantes aqui, onde, diariamente, só nos chegam aos ouvidos meros sussurros clandestinos de aleatória cumplicidade com a coragem dos outros?» (Torga, 1999: 1206).

Fernando Pessoa dá a Torga a chave para a solução dos problemas portugueses: Portugal tem que ser «Outra vez trovador e argonauta.» (Torga, 1995a: 67). Como trovador tem que manter (e aumentar) a capacidade de criar beleza [«A beleza tem esse dom maravilhoso de multiplicar as forças» (Torga, 1999: 524)] e de estar actualizado:

O poeta é sempre do seu tempo, de uma maneira positiva ou negativa. Positiva, se é capaz de intuir o íntimo sentido da sua época e lhe encontra a expressão poética presente e a ressonância poética futura; negativa, se não passa de um doirador obtuso do que nessa mesma época é cisco circunstancial. (Torga, 1999: 623).

Como argonauta, Portugal tem que ter coragem e imaginação para descobrir novos caminhos:

Nómadas do mundo, teremos de ser agora sedentários conviventes nesta Europa onde sempre coubemos mal e nunca nos soubemos realizar. Partir era a nossa carta de alforria. Hoje os caminhos não serão já os da demanda de espaços abertos a uma afirmação tolhida no berço, mas os de um achamento interior protelado séculos a fio. (Torga, 1999: 1281)

Com **Garcia Lorca**, Torga procura a «verdade», porque só assim se atinge a «eternidade»:

Uma luz que é o aceno da verdade
Abre-se onde os teus versos vão abrindo...
A eternidade,
Na pureza da sua claridade,
Sobre o teu nome, universal, caindo...

Em 6-10-1963, o nosso poeta tinha escrito: «Prefiro mil vezes o ódio dos que estão, ao desprezo dos que hão-de vir. Verídico, posso alimentar a esperança da companhia sincera de algum leitor futuro; mentiroso, nem a dos mentirosos de agora.» (Torga, 1999: 1044)

A eternidade é outra das obsessões torquianas. Vejamos:

- «Gravar, riscar, esculpir, cavar numa pedra, num papiro, num papel, mas, em última análise, escrever – por ser a única maneira de eternizar a expressão.» (Torga, 1999: 36)
- «(...)/ Que desgraça/ Desconhecida,/ Se a mudez ultrapassa/ A nossa vida!» (Torga, 1992a: 33)
- «A minha fome não é de fama mas de eternidade.» (Torga, 1999: 1623)
- «Canto, a ver se o meu canto compromete/ A eternidade no meu sofrimento.» (Torga, 1992: 10)

Heróis da Pintura

Goya

Surdo à sonora voz da tirania
E ao ciciar do ouro reluzente,
(...)

Homem oposto aos homens
Que o não souberam ser,
Foste a raiva do povo, a combater
Com a luz da vingança nos pincéis.

Se fosse necessário escolher, entre os *Poemas Ibéricos*, um só poema para retratar Torga, «Goya», apesar de não ser escritor, seria, em nossa opinião, o principal candidato. Aqui encontramos a capacidade de rejeitar «a voz da tirania», «o ciciar do ouro reluzente» e os homens que «não souberam ser» homens [«divido mesmo os homens em dois grupos – os que são capazes de rejeitar, e os outros. (Torga, 1999: 1184)], e encontramos também a identificação com o povo e a defesa do mesmo, através da mais nobre forma de combater: a utilização, sem tréguas, da Arte. Em «Mensagem» de *Penas do Purgatório* o Orfeu Rebelde diz: «Não me posso render, haja o que houver./(...)/ Luto por todos e também por mim,» (Torga, 1976: 64). E no mesmo livro, nos poemas «Posição» (p. 36) e «Identidade» (p. 52) esclarece como luta: «Faço o que posso, e posso combater./ Um verso que resiste é um bom soldado.» («Posição»); «Universal e aberto, o meu instinto acode/ A todo o coração que se debate aflito./ E luta como sabe e como pode:/ Dá beleza e sentido a cada grito.» («Identidade»).

E o poema «Identificação» do livro *Orfeu Rebelde* (pp. 46-7) dá mais preciosos e empolgantes esclarecimentos:

(...)
E tu, poeta, como um sacerdote
Da bonança,
A conjurar o mal,
A pregar confiança,
(...)
Sem nenhum desespero
Te desesperar!
(...)
Que humanidade tens, irmão?
De onde te vem a força, a decisão,
E esse gosto de nunca desertar?
És o Cristo, talvez...
Um Cristo sem altar
Que ficasse a lutar
Junto de nós,
Tão presente, real e natural,
Que podemos ouvir-lhe a própria voz.

Picasso é definido por Torga como «Outro pintor das grutas de Altamira» que «Solta os bisontes da imaginação» e «atira/ Raios e setas de renovação», conseguindo, desta forma restituir:

(...) a matéria
Às suas formas simples, virginais.
Formas da infância que se não perdeu
Neste chão europeu
De velhos e cansados rituais.

Repare-se que mais uma vez Torga privilegia o território ibérico no contexto europeu.

Dezanove anos depois de ter publicado *Poemas Ibéricos* o autor continua a ter uma incomensurável admiração por Goya e por Picasso:

em Madrid a meditar junto de Goya e de Picasso no milagre da genialidade, capaz de chegar em épocas diversas e com estilos diversos a idêntica expressividade – a opressão sem rosto tão convincente nos fuzilamentos do três de Maio como no bombardeamento de Guernica. (Torga, 1999: 1497).

Heróis Militares

Os heróis militares de *Poemas Ibéricos*, são quatro. Já nos referimos a **Cortez**, o herói negativo, cujo pé «em vez de caminhar/Ocupa.» (p. 86) Vejamos para onde nos levam os outros:

Viriato é um «Pastor de ovelhas, simples criatura/ A pintar de infinito a sua tela,». Mas a sua (saudável) «inocência» não o impediu (talvez mesmo tenha facilitado) de ouvir o uivo de um «lobo astuto e desmedido», o que o levou «a namorar o chão em vez do céu.» (Torga, 1995a: 33-34) e desta forma ser fundador da Ibéria, composta por Portugal e Espanha.

Nun'Álvares ensina-nos que não há pátria sem coração. É com este sentimento, como veremos noutro capítulo desta tese, que Torga escreve o livro *Portugal*. Mas outra lição, não menos importante, que o Santo Condestável nos dá é a do inestimável valor da liberdade: «(A liberdade não discute os meios/De se manter).»

O Orfeu Rebelde diz que «A liberdade (...) É o jejum voluntário de quantos acepipes tentadores a mão do Poder, entronizado ou em vias disso, estende ardilosamente à voracidade humana.» (Torga, 1999: 952) e, para não cairmos nessa tentação, «A única defesa possível é manter a consciência em permanente estado de prevenção.» (Torga, 1999: 952)

Contudo, o poeta que amava a liberdade (e a loucura) tinha os pés bem assentes no chão, pelo que sabia que:

Nunca podemos ser plenamente livres, mas podemos em todas as circunstâncias ser inteiramente idênticos. Só que, se o preço da liberdade é pesado, o da identidade dobra. A primeira, pode-nos ser outorgada até por decreto; a outra, é sempre da nossa inteira responsabilidade. (Torga, 1999: 1677)

Mas voltemos ao herói da batalha de Aljubarrota.

A opção de Nun'Álvares Pereira, no fim da vida, por se entregar a uma vida de intensa espiritualidade, leva Torga a terminar o poema que dedica ao fundador do Convento do Carmo, em Lisboa, com os seguintes versos:

Mais difícil era a empresa
Que a seguir comecei:
Já sem cota de malha, combater
Por outro Reino e por outro Rei!

A enorme admiração que o autor de *Poemas Ibéricos* tem pelo militar e, essencialmente, político, **Afonso de Albuquerque** deve-se à vontade férrea e clarividência com que na Ásia «De oeste a leste», administrou e fortificou o império e à coragem com que criticou «esses doirados paços de Lisboa.»

Navegadores

O Infante D. Henrique, Vasco da Gama e Fernão de Magalhães são os três navegadores que em *Poemas Ibéricos* saem do anonimato e nos mostram as razões do triunfo.

O Infante

Irradia vontade e confiança,
E os seus olhos videntes
Iluminam os outros penitentes.
(...)
E só o génio animoso
Dum inspirado
Tem a coragem nova de enfrentar
O medo acomodado
Que não deixa passar.

Vasco da Gama

Somos nós que fazemos o destino.
Chegar à Índia ou não
É um íntimo desígnio da vontade.
(...)

O próprio génio pode estar ausente
Da façanha.
Basta que nos momentos de terror,
Persistente,
O ânimo enfrente
A fúria de qualquer Adamastor.

A vontade, que o Infante D. Henrique e Vasco da Gama personificam, é definida por Torga como: «O mais apaixonante enigma da nossa natureza! Força obscura que supera a razão e o próprio instinto» (Torga, 1999: 1515). Já a importância atribuída ao génio, encontra nos dois poemas em causa uma enorme contradição. Em ambos os poemas, para enfrentar o «medo»/«terror» é imprescindível ter ânimo, mas o génio não é

dispensado no poema dedicado ao Infante, enquanto que no de Vasco da Gama «pode estar ausente».

O poema dedicado a Vasco da Gama levanta outra questão fundamental na obra torguiana: o destino. Parece-nos que Torga, tirando momentos de grande exaltação, como é o caso do poema em causa, atribuía ao destino um poder imenso, mas não absoluto. Recordemos três passagens:

- «O destino destina,/ Mas o resto é comigo.» («Prelúdio», *Orfeu Rebelde*)
- «Tirar todas as oportunidades ao destino. Ser também o homem que ele menos predestinou.» (Torga, 1999: 1612)
- Recordemos uma das citações que fizemos quando falávamos de S. Martinho de Tours (e de Torga): «O nosso destino é um rio com muitos afluentes. E o seu curso pode alterar-se quando os mais impetuosos nascem dentro de nós.» (Torga, 1999: 1490)

Fernão de Magalhães (Torga, 1995a: 45) toca o coração de Torga com uma força de «tojo arnal sobre uma fraga», em primeiro lugar porque o navegador também nasceu no «Reino Maravilhoso», a escassos quilómetros de S. Martinho, mais precisamente em Sabrosa; depois porque ambos namoraram a «terra em corpo inteiro»; e, por fim, porque o navegador é o paradigma do que o poeta nos diz em «Viagem»: «Em qualquer aventura/ O que importa é partir, não é chegar.» (Torga, 1983: 83)

Outros heróis:

«**Não passarão**» («No pasarán») é o grito, durante a Guerra Civil de Espanha, da Passionária, heroína torguiana, que marcou pela coragem e pelo sonho toda a vida do Orfeu Rebelde. Quando ela morreu (12-11-1989) o nosso diarista gravou:

As lágrimas que chorei a ouvi-la clandestinamente pela rádio nos dias trágicos da guerra civil de Espanha! Não era para nós uma mulher partidária a discursar. Era a mãe libertária ibérica a clamar.

No pasarán!

(...)

Santa Teresa laica, com a mesma grandeza de alma e o mesmo poder comunicativo, o Bernini que lhe quisesse eternizar os êxtases místicos terá apenas de trocar no mármore inspirado a seta que fere de amor divino por outra que trespasse de amor humano. (Torga, 1999: 1669)

O «quixotismo» de D. Pedro inspirou a Torga o poema «**Inês de Catro**»: «E mostrar-lhes que o amor contrariado/ Triunfa até da própria sepultura:»

E Torga encerra a sua peregrinação pelos heróis ibéricos com o poema «Exortação a Sancho». O povo da Ibéria de Cervantes e de Torga era um «Servo vencido/ Na terra sonhada»; tinha, pois, que ter a coragem de dizer «No pasarán!», tal como a Passionária, aos «falsos namorados» e para isso precisava de pegar na «lança» e no «arado»:

Venha o teu grito de transfigurado:
Ai, no se muera!... E a Donzela acorda
E renega o idílio traiçoeiro.
Venha o Sancho da lança e do arado,
E a Dulcineia terá, vivo a seu lado,
O senhor D. Quixote verdadeiro! (Torga, 1995a: 77)

António Quadros chamou *Mensagem e outros Poemas Afins* a um estudo que fez sobre Pessoa. Acrescentou aos poemas de *Mensagem* vários poemas afins. O mesmo se poderia fazer em relação a *Poemas Ibéricos*.

Acerca de **D. Dinis**, diz-nos o poeta: «(...) num areal/Semeou um futuro Portugal,/ Confiado na graça da semente.» (Torga, 1999: 1529). E referindo-se ao padrão que **Diogo Cão** - navegador que, tal como Magalhães nasceu no «Reino Maravilhoso» (Vila Real) - deixou na foz do Zaire, em 1483, diz: «Limpo brasão de quem só descobriu/ E nada conquistou.» (Torga, 1999: 1250)²¹

Manuel Falla (já referido neste trabalho quando falámos da importância da música para Torga.)

²¹ Este padrão encontra-se no Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa. É um museu muito pouco visitado, apesar de possuir uma valiosíssima colecção de etnografia africana e de se encontrar numa zona central da capital.

4.8.4.4.3. ORÁCULOS ESTRANGEIROS DE ALÉM PIRENÉUS

*A consolação que a cultura me dá, é o Rousseau, com aquele génio todo, a gemer:
«Je n'écris point de lettres sur les moindres sujets qui ne me coûtent des heures de
fatigue...
(Torga, 1999: 51)*

*Traduzir. Trasladar a expressão. Florir o génio de uma língua no génio doutra. Fazer
o milagre de dar ubiquidade a um texto, que, com força nativa, tenha voz alheia.
(Torga, 1999: 1613)*

O tema desta tese é *O Portugal de Miguel Torga*. Mas, como, repetidamente, dizia o autor de *Portugal*, «O universal é o local sem paredes», por conseguinte, qualquer nação que queira ter uma dimensão universal tem que interrogar «sem descanso a realidade» (Torga, 1999:1352), e isso implica que os seus filhos, a começar pelos poetas, estejam disponíveis para conhecerem a cultura universal. Foi isso que Torga fez. E à medida que ia conhecendo mais e melhor os oráculos estrangeiros ia-se conhecendo melhor e transformando-se, e contribuindo para a transformação de Portugal, sem contudo, perderem, ele e a pátria, a profunda identidade que traziam do passado.

O número de oráculos estrangeiros citados por Torga no *Diário* constitui uma floresta com uma considerável dimensão. (Em *A Criação do Mundo* cita poucos). Vai desde a antiguidade clássica a finais do século XX e ultrapassa as fronteiras europeias.

Bernardino Henriques fez, no seu livro *Miguel Torga – (Quase) na Primeira Pessoa* um levantamento quase exaustivo da onomástica do *Diário*. Foi, essencialmente, a partir deste trabalho que fomos, de uma forma sistemática, ao encontro da utilização que Torga fez da leitura de escritores estrangeiros.

Já foram referidos escritores, santos e pintores espanhóis quando analisámos o livro *Poemas Ibéricos*. Chamámos, nessa ocasião, a atenção para o facto de que Torga se sentia aí com a sua gente, tal como Pessoa, em *Mensagem*. Podemos dizer que o autor do *Diário* continua a sentir que convive com parentes quando contacta oráculos de

outras nações para lá dos Pirenéus e do Atlântico. Com estes contactos leva-nos até à ciência, e alarga as questões literárias, religiosas, sociológicas e históricas.²²

Como notas prévias a este sub-capítulo, registre-se que Torga:

- Releu vários dos escritores que cita, concretamente: Huxley, Lutero e Jean Rostand. Vejam-se as notas do *Diário* de 12-4-1939; 3-12-1969; 14-8-1941 e 10-10-1967.
- Lia com uma enorme rapidez. Repare-se na nota de «*Monte Real, Agosto de 1938, Quarta*»: «li hoje de enfiada dois romances policiais».
- Recorrendo ao exemplo da intensidade de trabalho de criadores literários, como Balzac e Proust, e de escultores, como Miguel Ângelo e o Aleijadinho, conclui que: «Nenhum criador verdadeiro, mesmo que seja Deus, descansa no sétimo dia...» (Torga, 1999: 1000)²³
- Lia muitos escritores estrangeiros, cita-os com frequência, como já referimos, mas não desenvolve muito esses textos. Contudo, o que escreve é da máxima importância.

Neste sub-capítulo teremos como principal preocupação comentar as notas do *Diário* que:

- mais o ajudaram a compreender o mundo e a compreender-se e justificar-se a ele próprio;
- nos ajudam a reflectir sobre questões relacionadas com o turismo cultural.
- Possam propiciar maior motivação aos turistas da nacionalidade dos oráculos.

²² Torga era, também, um grande apreciador de romances policiais. Registe-se o que o autor do *Diário* escreveu em Monte Real, em Agosto de 1938: «É preciso fazer esta confissão, mesmo que a posteridade depois desista da lápide. É preciso dizer que li hoje de enfiada dois romances policiais, dum tal Sr. Armstrong, e que gostei. E acrescentar que tinha ao lado, interrompido, *A Luz de Agosto* de Faulkner.» (Torga, 1999: 69)

²³ Não raras vezes diz-nos que não descansava nem na sétima noite. Tenha-se em consideração o que diz sobre as insónias (notas de 10-5-1974; 11-10-1974; 28-6-1976 e 4-1-1989)

RELIGIÃO

Torga era admirador da «santidade (...) dos heréticos»: «...não foi na própria santidade, mas na dos heréticos, cega e impiedosamente perseguidos, que a Igreja encontrou nos momentos difíceis a salvação». (Torga, 1999: 1167)

Santo Agostinho era um homem intemporal pois continuava «santo ao cabo de mil e quinhentos anos.» (Torga, 1999: 143) e isto devia-se ao facto do seu imenso saber teológico estar repleto de «heresia»: «É que o lastro da sua obra não é feito de santidade, mas de experiências. E a vida, por mais que se queira, não é canónica.» (Torga, 1999: 463)

O autor de *Confissões* foi uma excepção a uma ideia angustiante que frequentemente assaltava o autor de *Libertação*: «Ao fim e ao cabo, todos vivemos e morremos em segredo» ou então somos «mestres consumados do disfarce. Santos Agostinhos há poucos.» (Torga, 1999: 1726)

S. Martinho de Tours

Já nos referimos a este santo quando comentámos a pintura a óleo, representando S. Martinho, que se encontra no quarto de jantar da Casa-Museu. Acrescente-se agora, somente, outra afirmação de Torga sobre o orago da sua terra natal: «cavaleiro andante da fraternidade concreta.» (Torga, 1999: 1490).

S. Francisco de Assis

No dia em que Torga completou setenta e quatro anos, escreveu o poema «A S. Francisco de Assis». Repare-se no desejo de identificação total do poeta com o seu «Santo» («o meu santo» chamou-lhe o poeta em nota de 7 de Setembro de 1981).

Louvado sejas, meu irmão poeta,
Pela beleza excelsa do teu canto,
(...)
Sentimento de paz
(...)
Cego a exaltar a vida,
E até rendido aos pés da própria morte,
(...)
Da tua inspiração,
Que soube, humanamente, ser do chão,
Mesmo erguida nas asas e a voar...

E nas notas de 7-9-1981 e 20-10-93 dá-nos outros preciosos traços do seu «Santo»:

- integrou o próprio demónio na fraternidade cósmica. (p. 1449);
- (...) anarquista, possesso da alegria da vida (p. 1449);
- Um Cristo a abrir o caminho do Renascimento só por acreditar no homem e na natureza. (p. 1449)
- Um Cristo do mundo à medida do mundo. (p. 1449)
- único homem da Criação que na terra se mediu naturalmente com a grandeza de Cristo (p.1776);
- eternamente criança, messias da universalidade do amor... (p. 1776).

Compreende-se, assim, a presença de um quadro a óleo do fundador dos franciscanos na sala-biblioteca.

Lutero

Em nota do *Diário* de 3-12-1969 (p. 1167) Torga identifica-se com Lutero em três pontos:

- na «coragem de descer ao abismo da nossa pobre condição, e de enfrentar de olhos abertos a fatalidade das tentações que nos assaltam a cada hora.»;
- na «clarividência de que não era a grandeza de Deus que necessitava de exaltação, mas a pequenez humana de amparo»;
- na capacidade de «abrir sozinho um cisma triunfante na comunidade a que pertence».

João XXIII

Num texto de 3 de Junho de 1963 aquando da morte do papa João XXIII, Torga utiliza, com a sua melhor magia, três/quatro palavras fundamentais: Revoluções (justas), bondade e sinceridade. São três/quatro palavras que o descuido humano banalizou e, por isso, quando as ouvimos, gostamos, mas esquecemo-las rapidamente (talvez com uma excepção para revoluções justas, por se ouvir menos vezes). Contudo quando estas, ou outras palavras fundamentais, são utilizadas por mágicos «que não deseperam de

influenciar pela força da expressão o andamento do mundo» (Torga, 1999: 1028), têm condições para criarem raízes, não serem esquecidas e poderem dar frutos.²⁴

Acrescente-se ainda, no que respeita à postura religiosa do autor de *O Outro Livro de Job*, os nomes de **Milton** e de **Goethe**:

Já desde a Bíblia que Lucifer é o mais formoso dos Anjos e, naturalmente, o mais inteligente, corajoso e subtil. Assim o entenderam Milton e Goethe, que lhe deram a grandeza eterna do próprio espírito em protesto. Não se revolta contra Deus um desgraçado Mafarrico de bigodes e guizos. Ergue-se a desafiar o Criador a mais ambiciosa das suas criaturas. (...) Ser do partido do Diabo é, no fundo, aspirar à mais alta das perfeições. À super-perfeição. (Torga, 1999: 600-1)

Até certo ponto podemos dizer que o nosso poeta também salva a «Igreja» (Torga, 1999: 1167) pois possui múltiplas afinidades com os hereges que acabamos de referir.

CIÊNCIA

A ciência portuguesa não impressionou Torga, com excepção da do período dos Descobrimentos. Desta época, o autor de «Sagres» (capítulo de *Portugal*) enaltece Pedro Nunes, Duarte Pacheco Pereira, D. João de Castro e Garcia de Orta (ver Torga, 1986a: 139). Mas foram, sobretudo, Einstein e Jean Rostand que, como homens da ciência, mais influenciaram Adolfo Rocha e/ou com quem mais se identificou. É provável que Freud também tenha deixado uma marca importante no médico Adolfo Rocha.

A única nota escrita sobre **Einstein** (19 de Abril de 1955) parece-nos registar três convicções que muito ajudam a definir Miguel Torga:

- o verdadeiro criador tem que ser fraterno, ultrapassar fronteiras e iluminar sombras;
- há que rejeitar o maniqueísmo. Mesmo pessoas como Einstein, «em hora de desespero», correm o risco de ajudar a criar bombas atómicas;

²⁴ É, certamente, na linha do seu conceito sobre revoluções justas que o revolucionário Torga viria a escrever em 13 de Fevereiro de 1979: «As revoluções em Portugal, em vez do triunfo de ideais novos, são ajustes de contas velhas.» (Torga, 1999: 1387)

- passada a «hora de desespero» a própria pessoa ou os herdeiros da sua verdadeira mensagem emendarão o erro cometido.

«**Jean Rostand** disse-me apenas exemplarmente que, à minha maneira, interrogasse sem descanso a realidade.» (Torga, 1999: 1352).

Repare-se que o autor de *Pensées d'un Biologiste* não diz somente a Torga que «interrogasse sem descanso a realidade.» (o que já seria dizer imenso), diz-lhe também que interrogue à sua «maneira». E foi isto que Torga fez e, como não é demais repetir, de uma forma particularmente importante para o turismo cultural, isto é, viajando e convivendo muito com as culturas erudita e popular.

A propósito duma gárgula da igreja medieval de Santa Maria da Oliveira, em Guimarães, refere-se ao fundador da psicanálise da seguinte forma: «Uma gárgula pornográfica e significativa. A que pequena distância da verdade esteve a igreja, e a que distância está! Agora, amaldiçoa **Freud**; dantes, punha-o nas caleiras dos seus templos.» (Torga, 1999: 389). E em 10-7-1971 cita pertinentemente Freud para falar do «instinto da morte» a que chama «força negativa que progressivamente aviva em nós a apetência do nirvana da sepultura, mesmo contra os protestos da razão. Desejo obscuro do reencontro com a felicidade fetal perdida, de que a posição embrionária que procuramos na cama ao adormecer seria o eco.» (Torga, 1999: 1207)

Este texto e o poema que escreveu «quando só conhecia Freud de nome» («Romance» do livro *O Outro Livro de Job*) parecem-nos muito adequados para serem utilizados em itinerários megalíticos, concretamente quando se visitam antas tão abundantes e, algumas, imponentes, como é o caso das que Torga comentou admiravelmente nas notas do *Diário* de 13-4-1974, de 21-9-1984 e, principalmente, de 1-6-1986.

DIARÍSTICA

O diarista Torga tem, como não podia deixar de ser, importantes reflexões sobre a especificidade deste género literário. Depois da «Leitura do *Journal* de Green e de extractos do de Léautaud» diz-nos que «por mais que se faça, atenuam-se as rugas e adoçam-se os traços. Ou então carrega-se nas tintas, e tenta-se invalidar a confissão pelo exagero. Ser um escritor autêntico (...) diante do espelho implacável de um diário, é quase uma impossibilidade humana.» (Torga, 1999: 442)

Por este motivo Torga tinha uma imensa admiração por **Pepys**: «O que nos degrada, diminui e apouca, não é sermos pequenos; é não termos dos nossos defeitos a consciência inteira (...) Um diário como o de Pepys é uma lição de esperança. Uma espécie de cura psicanalítica.» (Torga, 1999: 432)

A força que Torga atribui a este género literário leva-o, por vezes, a imaginar a humanidade inteira a escrever um *Diário* secreto:

Cada indivíduo, no recato da noite, a dar expressão consciente à sua vida, depois de ter passado o dia a dar expressão inconsciente à sua morte. Uma humanidade que deixasse o seu testemunho autêntico nas gavetas da secretária, já que não pode mostrar-se à luz do sol tal como é. (...) Desta forma preservar-se-ia uma consciência que torce mas não quebra, que persiste, que insiste, e que apesar de tudo tem esperança, porque não há palavra que se escreva sem esperança. (Torga, 1999: 578)

De **Amiel** o nosso diarista tira só um ensinamento: «Chaque jour nous laissons une partie de nous-mêmes en chemin». Mas este ensinamento é tão importante que Torga o regista na abertura de cada um dos dezasseis volumes do *Diário*. Maria Augusta Silva, numa breve conversa com o escritor, perguntou-lhe: «E por que abre sempre os *diários* com uma citação de Amiel?» (...) E a resposta foi pronta: «Porque todos os dias deixamos realmente pelo caminho as nossas células, bocados do nosso corpo, pedaços da nossa alma, não concorda?»²⁵

O *Diário* é uma das mais importantes obras de Torga e a única que lhe exigiu um fôlego de maratonista. Escrito ao longo de 61 anos e com 3816 entradas, mereceu-lhe sempre uma enorme atenção, apesar de nos ter dito em nota de 8-10-1955: «Já só dou à maior parte das notas deste *Diário* o tempo de fumar um cigarro. (...) Exaro a ocorrência, e passo adiante. Mas uma tal cobardia de avestruz nada resolve.» (Torga, 1999: 808).

Discordamos desta afirmação, pois a «maior parte das notas deste *Diário*» que antecede a nota em causa são muito elaboradas e de grande utilidade para compreendermos o autor e a vida. Marcaram-nos particularmente a de 22-8-1955 e a de 10-9-1955. A primeira remete-nos para a importância da solidão - «o religioso recolhimento da vida que tenta aprofundar-se» (p. 801) - e a segunda para o valor de cada vida - «a verdade é que, pelo grau de intensidade lírica, altura dramática ou íntima desolação, cada existência é uma *Guerra e Paz* sem tipografia» (pp. 801-2).

²⁵ Ver «Conversa com Maria Augusta Silva. Março de 1992. www.casaldasletras.com

A nota de 1-5-1956 é, provavelmente, aquela em que Torga revela mais intensamente a importância que o *Diário* tem para ele. Considera-o « um factor de consciencialização redentora», e acrescenta, logo a seguir, «à medida que a escrevo [a sua história individual], vou-me sentindo outro homem...» (Torga, 1999: 823)

Miguel Ângelo é o oráculo-escultor que mais marcou Torga. O poema «Moisés» faz parte dos oitenta poemas seleccionados por Torga, para gravar em disco, em 1987 (ano em que completou oitenta anos).

Pés terrosos, humanos,
Dos caminhos saibrosos da Verdade;
Tábuas da lei na mão,
Tábuas da lei do chão,
Única eternidade. (Torga, 1999: 61)

São versos que possuem uma força absoluta. Mas é, também, Miguel Ângelo, através da Pietà de S. Pedro de Roma, que ajuda o nosso poeta, na angustiante noite de Natal de 1939 (estava preso no Aljube), a encontrar o título e o fio condutor do poema Pietà. (ver Torga, 1999: 97)

A capacidade de compreensão da natureza do autor de *Terra Firme* vem do berço. As fragas, as torgas, o negrilho, os montes e o telurismo dos seus familiares, foram os seus primeiros mestres. No que respeita aos mestres eruditos há um oráculo que sobressai: **Colette**. «Confundimos a casca com o sabugo. Talvez porque só temos casca e não merecemos a graça de comungar à mesa onde Colette recebia o corpo eucarístico da natureza.» (Torga, 1999: 773). O autor de *Odes* não estava a ser totalmente sincero ao escrever isto porque, como vimos quando abordámos a natureza no capítulo sobre S. Martinho de Anta, ele conseguiu «comungar» na mesa de Colette e com a mesma convicção.

Em 26-8-1980 Torga anotou uma máxima de **Nietzsche**: «Escreveu Nietzsche que para amar o abismo é preciso ter asas.». O diarista, por vezes, duvidava que as tivesse. É isso que nos diz em 2 de Outubro de 1959: «A contemplação dos abismos naturais é necessária de vez em quando a quem tem a atracção dos outros. Toma-se consciência, com rigor físico, das asas que nos faltam para estar à altura da máxima de Nietzsche.» (Torga, 1999: 914)

Mas nós não temos quaisquer dúvidas de que Torga teve asas para os abismos da pobreza, da política, da religião, da mesquinhez do meio social e da alma humana. A

nível religioso foi um Lúcifer como os de Goethe e Milton. A nível sócio-político enfrentou, sempre vitoriosamente, a emigração, a prisão, o ostracismo durante o Estado-Novo (e no pós-25 de Abril) e recusou ceder ao canto de inúmeras sereias. Há só um abismo que Torga não sobrevoou com total segurança durante cerca de dez anos (de meados da década de setenta a meados da década de oitenta): referimo-nos ao dramático problema (largo e profundo abismo) da guerra de gerações o qual abordámos quando falámos da juventude.

Quando falámos da juventude dissemos que Leandro de Moraes Sarmiento («Ivo», n.º *A Criação do Mundo*) levou Torga para o mundo da banda desenhada, muito concretamente para a obra de Hergé. Para além do fascínio pela cor, pelo desenho e pelas histórias que o levaram aos «quatro cantos da terra e até da lua» Torga sentia-se particularmente empolgado com o carácter do jovem Tintin, um rapaz

sempre bom, sempre intrépido, sempre lúcido, sempre oportuno, sempre seguro de que a justiça e a perseverança podem desafiar com êxito o próprio inverosímil e, principalmente, nunca envergonhado, como o seu antepassado manchego, das inopinadas façanhas que cometeu. (Torga, 1999: 1478)

Depois de citar **Epicteto** («Quem se submete aos homens, submeteu-se primeiro às coisas»), o Orfeu Rebelde, que sabia que tinha nas suas mãos «O terrível poder de recusar!» (Torga, 1992a: 53), diz-nos: «Era assim no tempo e na Roma de Epicteto (...) e continua a sê-lo agora e no mundo inteiro, mesmo se covardemente nos esquecemos de o repetir.» (Torga, 1999: 1022)

E já quase no fim do *Diário* comenta, com culpabilidade e tristeza, a célebre máxima de **Horácio** «Carpe diem» nos seguintes termos: «*Carpe diem*. Foi-nos recomendado, e bem recomendado. Mas o talvez mais clarividente alerta que em todos os tempos um poeta nos fez, não teve, nem tem, ouvidos capazes de o ouvir.» (Torga, 1999: 1777)

É preciso conhecer (e agir em conformidade) a história do «pirú» de **Erico Veríssimo**: «Filho. Sabe da história do pirú? La gente risca com giz um círculo in torno do pirú. E o cretino do pirú crede que está preso. – Guarda...la vita é bela, il mondo te chiama. Salta o risco de giz, no seja come o pirú!» (Torga, 1999: 55)

André Breton é outro oráculo com quem Torga muito se identifica. Libertar e mobilizar «forças sinceras (...) açaimadas dentro de cada vida» (Torga, 1999:1092) é uma das grandes preocupações do nosso poeta e contista.

Outro tema muito abordado por Torga, e não raras vezes na primeira pessoa, é o da **humilhação**. Mas quanto aos oráculos estrangeiros é a humilhação de **Galileu** que marcou o Orfeu Rebelde. A abjuração que foi imposta pela Igreja a um dos pilares da ciência moderna é vista por Torga como «a maior humilhação do espírito de que há memória». Quando, em 1970, visitou Pisa escreveu:

Eu, Galilei, filho do defunto Vincenzo Gelilei... maldigo e detesto os erros e heresias...

E muita da beleza destes monumentos, que formam um dos mais extraordinários conjuntos que conheço, esfuma-se um pouco a meus olhos. (...) Em cada coluna sagrada vejo um mártir laico queimado. (Torga, 1999: 1195)

Por vezes o Orfeu Rebelde tem que olhar para fora da Europa, continente que o poeta considera decadente, não só política, mas também literariamente. E assim mergulha nas **Mil e uma Noites** que o leva a pensar na «falta que começa a fazer ao mundo a imaginação. Não a de o destruir, que abunda, mas a outra, que desapareceu: a de o reinventar.» (Torga, 1999: 1094)²⁶. Pode também mergulhar n' *A guerra do fim do mundo*, de **Vargas Llosa** «voz natural de todo um continente de forças primordiais sublevadas para além da mais verosímil narração.» (Torga, 1999: 1518)

De visita a Tubinga (Tubingen), e depois de olhar a torre onde **Holderlin** viveu e morreu, o nosso Orfeu escreveu algumas das suas mais fortes palavras sobre o poder do verbo, o qual tem «forças ocultas» capazes de resistir aos ataques dos «deuses» e que podem «salvar a humanidade» (Torga, 1999: 1189).

Goethe é um dos maiores mestres de Torga. Já vimos o que o autor de *O Outro Livro de Job* nos diz sobre o conceito que Goethe tinha de demónio. Vejamos agora o que nos diz sobre a divindade do oráculo alemão:

²⁶Em 1966, ano em que foi escrita esta nota, estamos em pleno período de indignação do Orfeu Rebelde com os poetas estruturalistas. Ver nota do *Diário* de 10-9-1966.

Último deus que andou sujo de lama
Junto de nós (...)
(...)
E deixou-nos o plano dessa guerra
Que é preciso fazer:
Criar o céu na terra
E viver! (Torga, 1999: 492)

Estes dois génios (Goethe e Holderlin), dos séculos XVIII e XIX, dão a Torga uma preciosa ajuda para resistir à «vaga do “nihilismo europeu” de **Kafka**»: «Os livros que se escrevem, as lições que se dão, o emprego, a sementeira ou a missa, não são actividades alicerçadas em nenhuma grande certeza humana ou esperança divina. (...)» (Torga, 1999: 561)

Se é um facto que Torga mudou com frequência de opinião sobre escritores (Gil Vicente, Camões e Gide, entre muitos outros), o caso mais flagrante parece-nos ser o relacionado com **Sartre**. Em 17 de Outubro de 1950 diz-nos que o filósofo francês, ao contrário de Sá-Carneiro (comparava *Náusea* com *Princípio*) «aguentou-se à tona da podridão, e deu corpo doutrinal e artístico às angústias» e desta forma «não morrerá mais na memória dos homens, gratos pelo novo humanismo que lhes mostrou, heroico justamente por não comportar ilusões.» (Torga, 1999: 560)

Mas 28 anos mais tarde arrasa Sartre ao escrever:

é estranho que no campo da política, que visa o bem de todos, seja tanta vez o intelectual a trair a nobreza do intelecto, pondo o preconceito adiante do conceito, e dando, ainda por cima, verosimilhança conceptual aos seus apressados pressupostos. Quem assim procede não faz mais do que promover a sua imagem, sem se importar com a culpa de ter eventualmente corrompido gerações inteiras. Foi o que Sartre fez. (Torga, 1999: 1376)

La Fontaine é outro oráculo gigante para Torga:

Rebelde a todos os constrangimentos, a ninguém serviu, a nada se prendeu, a nenhuma lei obedeceu. E assim livre, anarquista e desinteressado, deixou um tesouro à humanidade quando chegou ao fim da caminhada. Um Sésamo de maravilhas, que não exige o conhecimento de qualquer fórmula mágica para se abrir. (Torga, 1999: 1088)

Villon e **Victor Hugo** (juntamente com Gil Vicente e Guerra Junqueiro) contribuíram para a repulsa de Torga pela pena de morte. Naquela que foi, porventura, a sua

intervenção pública mais empolgante (discurso no colóquio comemorativo da abolição da pena de morte em Portugal) o autor de *Cântico do Homem* apresenta-se como o «poeta» que representará «o ardor indignado e fraterno de quantos, de Villon a Victor Hugo, de Gil Vicente a Guerra Junqueiro, protestaram contra o iníquo pesadelo, e contribuíram para a sua extinção ou repulsa na consciência universal» (Torga, 1999: 1111-2)

Miguel Torga raramente refere mulheres escritoras. Collete, a quem já nos referimos, e **Marguerite Yourcenar** são exceções. Quando a romancista belga se tornou membro da Academia Francesa, o escritor da Montanha escreveu, com veneração e emoção: «Aquele que, desde as *Memórias de Adriano*, nunca mais perdeu a majestade sapiente do imperador biografado»; e, mais adiante, mas na mesma nota: «nesta hora de negrura ocidental, dá cesáreo e vivo testemunho de milénios de claridade greco-latina.» (Torga, 1999: 1433-4).

Terá Yourcenar, com *Memórias de Adriano*, contribuído para uma aceitação de Torga da homossexualidade?

Em 1946 Torga é profundamente crítico da homossexualidade. Veja-se o que nos diz em 8 de Outubro desse ano: «À Grécia da pederastia, opus-lhe uma Grécia viril, limpa, um Sócrates insensível às seduçções imundas de Alcibíades, ou pelo menos Platão a dizê-lo, para glória da normalidade» (Torga, 1999: 370)

Mas em 1972, um pequeno busto de Antínoo, que viu no Museu de Arqueologia de Chaves, inspirou-lhe o seguinte texto:

fiquei (...) ali emocionado, a contemplar a figurinha togada e a pensar no desvairamento de Adriano quando o favorito, enciumado, se afogou no Nilo. Roído de dor e de remorsos, o augusto amante (...) passou o resto dos dias na obsessão de lhe perpetuar a memória de todas as maneiras. (...) Comovia-me, contudo, que, ao cabo de tantos séculos, tivesse chegado até mim, palpável, o eco de um dos maiores desesperos que o mundo viu de uma paixão humana. Encontrar numa longínqua terra de Trás-os-Montes aquela lágrima em bronze do grande imperador. (Torga, 1999: 1225)

Memórias de Adriano é um dos romances históricos com mais potencialidades de utilização em Itinerários Literários.

São inúmeras as situações e os espaços em que pode ser utilizado. Pense-se na Europa geograficamente greco-latina, nas universidades (instituições criadas na Idade Média, mas com uma fortíssima influência da cultura greco-latina), nos museus com peças de arte gregas ou romanas. Pense-se, ainda, na actualidade do problema da escravatura...

Este livro é também particularmente útil para uma reflexão sobre problemas que preocupavam Torga. Vejamos cinco exemplos:

1º. «O verdadeiro lugar de nascimento é aquele em que, pela primeira vez, se lança um olhar inteligente sobre si mesmo: as minhas primeiras pátrias foram os livros. Num grau inferior, as escolas.» (p. 34.)

Torga lançou pela primeira vez «um olhar inteligente sobre si mesmo em S. Martinho de Anta, no contacto com os pais, com o «Sr. Botelho», seu professor primário, e com os sábios de S. Martinho. No Porto e no Brasil fez, como vimos no capítulo «Período da vida de Torga entre S. Martinho e Coimbra», várias leituras importantes, mas foi, essencialmente em Coimbra, no colégio do «Dr. Almeida», que teve o primeiro forte enraizamento com a pátria dos livros. (veja-se Torga, 1970: 39)

2º. «Procurei comunicar às negociações aquele ardor que outros reservam para o campo de batalha; forcei a paz.» (p. 85)

Torga, não recusando em absoluto o recurso às armas, dedicou todo o seu génio e «ardor» ao combate pela paz [Com «ardor indignado e fraterno» (Torga, 1999: 1111)].

3º. «Duvido de que toda a filosofia do mundo consiga suprimir a escravatura: o mais que poderá suceder é mudarem-lhe o nome. Sou capaz de imaginar formas de servidão piores que as nossas, por serem mais insidiosas: seja que consigam transformar os homens em máquinas estúpidas e satisfeitas, que se julgam livres quando estão subjugados, seja que desenvolvam neles, com exclusão dos repousos e prazeres humanos, um gosto pelo trabalho tão arrebatado como a paixão da guerra entre as raças bárbaras. Prefiro ainda a nossa escravidão de facto a esta servidão do espírito ou da imaginação. Seja como for, o horrível estado que põe o homem à mercê de um outro homem precisa de ser cuidadosamente regulado pela lei.» (p.100)

As servidões do espírito e da imaginação, fazem parte das grandes preocupações torquianas. São inúmeras as notas do *Diário* e poemas de outros livros onde Torga

critica veementemente a servidão do espírito. Menos frequentes, mas não menos importantes, até porque têm enormes afinidades, são as que se referem à imaginação. Repare-se na passagem da nota de 5-11-1966, já citada neste trabalho: «fico-me a pensar na falta que começa a fazer ao mundo a imaginação. Não a de o destruir, que abunda, mas a outra, que desapareceu: a de o reinventar.» (Torga, 1999: 1094)

4º. «Foi em latim que eu administrei o império; o meu epitáfio será inciso em latim nas paredes do meu mausoléu na margem do Tibre, mas é em grego que eu terei pensado e vivido.» (p. 36)

5º. «Sim, Atenas continuava a ser bela (...) Tudo o que em nós é humano, ordenado e lúcido nos vem delas. Mas acontecia-me dizer a mim mesmo que a seriedade um pouco pesada de Roma, o seu sentido da continuidade, o seu gosto pelo concreto haviam sido necessários para transformar em realidade o que continuava a ser na Grécia um admirável conceito de espírito, um belo impulso de alma. (...) A palavra filantropia é grega, mas é o legista Sálvio Juliano e eu quem trabalha para modificar a miserável condição do escravo. A assiduidade, a previdência, a atenção ao pormenor corrigindo a audácia dos panoramas de conjunto tinham sido para mim virtudes aprendidas em Roma.» (p.188)

Torga está em total sintonia com o espírito destas duas citações, pois nunca ignorou que os *admiráveis conceitos de espírito* e os *belos impulsos de alma* só eram sublimes se não afastassem o artista «da terra de todos» (Torga, 1999: 31); daí a sua total entrega não só à poesia, mas também à medicina e à política.

4.8.4.4. TRADUÇÕES

As traduções revestem-se da maior importância no turismo cultural. Mas têm que ser utilizadas com moderação, principalmente quando se trata de poesia. Nas nossas experiências, ao longo de vários anos, com grupos francófonos e anglófonos, fomos obrigados a constatar que o entusiasmo com os nossos Orfeus não era tão grande quanto eles mereciam. E Torga explica-nos porquê: «Eu só gosto das traduções dos meus versos nas línguas que não conheço...» (Torga, 1999: 1451); «as traduções diluem e planificam»; uma tradução perfeita é um milagre porque, não esqueçamos, «Traduzir» é fazer «Florir o génio de uma língua no génio doutra. Fazer o milagre de dar ubiquidade

a um texto, que, com força nativa, tenha voz alheia. (Torga, 1999: 1613); e «Traduzir é, primordialmente, um acto de amor.» (Torga, 1999: 1693).²⁷

4.8.4.4.5. OS MITOS

Os mitos são verdades eternas.

(Torga, 1999: 1667)

No seu desespero de se multiplicar quotidianamente no caminho da perfeição, Torga procura também na mitologia greco-latina modelos que o possam ajudar.

Isabel Ponce de Leão sintetiza o essencial sobre esta questão nos seguintes termos:

...concilia Sísifo, na busca obstinada e incessante do ideal poético e social, sem regatear tormentos, Orfeu, na inspiração e na sensibilidade de um coração tão humanista quanto rebelde, Anteu, nas raízes telúricas, mas nem por isso menos universalistas, viabilizadoras da força interior, Prometeu, nos intentos de superação dos limites da condição humana, na exegese do agnosticismo. (Leão, 2005: 185)

Em termos de Itinerários Culturais o culto torguiano pela mitologia clássica tem espaços geográficos privilegiados. Vejamos os exemplos mais significativos:

Para **Anteu**, optamos por Covadonga, S. Martinho de Anta e Chaves.

Quando em 1962 Torga visitou a terra de Pelágio escreveu no *Diário*:

... há também santuários miraculosos da rebeldia. (...) Os Pelágios invencíveis da realidade são os Anteus concretos do mito. Homens de carne e osso, combatidos e feridos, que tocam a terra e recobram o alento – mas quando a tocam neste ou noutros pontos invulneráveis do seu corpo, providencialmente transfigurado, por mistério orográfico, de materno regaço em mítica fortaleza. Os penhascos deixaram de o parecer, e são agora ameias inexpugnáveis; e os despenhadeiros passaram de precipícios a fossos intransponíveis. Baluarte e sugestão, é somente força pura que o seio procriador irradia. Força que se recusa a temer a força, e anima de pertinaz e serena confiança as almas perseguidas e desesperadas. (Torga, 1999: 1010-1)

²⁷ Pensamos que foi este «acto de amor» que permitiu à tradutora francesa da obra torguiana, Claire Cayron, fazer «Florir o génio de uma língua no génio doutra.»

E em 1989 escreve em S. Martinho: «Quando aqui chego, é sempre um Anteu combalido que me sinto, a tocar a terra alentadora e a recuperar as forças. (...) É um gosto súbito de estar no mundo, uma alegria íntima e sadia do espírito (...)» (Torga, 1999: 1667)

Covadonga e S. Martinho são, para Torga, duas terras de enorme segurança. Nelas manifesta-se o Orfeu Torga «de um coração tão humanista quanto rebelde» (Leão, 2005: 185). Nestas terras Torga recupera forças para não deixar de acreditar que «Temos nas nossas mãos/ O terrível poder de recusar!» (Torga, 1992a: 53)

Em Chaves, cidade termal onde religiosamente passa, a partir da década de sessenta, quinze dias no fim do Verão, escreve: «E bebo religiosamente doses de água como se bebesse doses de energia. O mito de Anteu, para mim, vai até às entranhas da terra.» (Torga, 1999: 1518). E mais um vez Torga quer «de tudo/ Tudo.» (Torga, 1999: 1390)

Para **Sísifo** e **Prometeu** o espaço que privilegiamos é o rio Douro do livro *Portugal* (pensamos que em nenhum outro texto do Orfeu Rebelde há um recurso tão intenso à mitologia grega: Sísifo, Danaides, Prometeu, Titã e Zeus aparecem num texto que não chega a ter três páginas). No capítulo «O Doiro», do livro em causa, Prometeu (que tem um «perfil rebelde», tal como «o próprio perfil dos montes» - e de Torga, diríamos nós) é o «Titã» que nas margens do Douro, «chão árido e hostil», ensinou os homens [«os Sísifos (...) ao natural»] a darem «uma resposta quotidiana à morte» e a «transformar cada ravina em parapeito de esperança e cada bagada de suor em gota de doçura.» (Torga, 1986a: 45-47).

Para **Orfeu** todos os espaços que Torga frequentava são espaços de eleição, porque em todos eles Torga fazia-se acompanhar da «lira» que herdou do seu «Deus e carcereiro!». (Torga, 1977a: 7). Contudo, se pensarmos na face rebelde do autor de *Cântico do Homem* não podemos deixar de privilegiar as cadeias de Leiria e Lisboa, S. Martinho de Anta da maior parte dos contos da Montanha e as ruas da maior parte dos contos de *Rua*.

O culto do autor de *Odes* pela caça e pelo vinho levam-nos a registar o nome de mais dois deuses da mitologia greco-latina: **Diana** e **Baco** [já tratados nesta tese nos subcapítulos Caça (Diana) e Sala de jantar (Baco)].

4.8.4.4.6. NOVAMENTE O AUTO-RETRATO

É compreensível que o autor de *Poemas Ibéricos* - que afirmava «Sou uma fome incontida/ De viver.» (Torga, 1999: 1390), «Apesar da idade, não me acostumar à vida. (...) Não consentir que ela se banalize nos sentidos e no entendimento. (...) Nascer todas as manhãs.» (Torga, 1999: 1460) e que possuía incontida loucura intemporal, vontade, capacidade de amar (que lhe vinha do berço - família e aldeia) e espantosas qualidades intelectuais - se identificasse com Portugal, com Espanha, com a Europa, com o Mundo e que tivesse sete grandes sonhos:

1º. Ajudar a construir um império da cultura portuguesa:

Foi difícil meter-lhe no entendimento a evidência de que sou, por nascimento e cultura, europeu, e quero continuar a sê-lo desvanecidamente. Mas que sou também brasileiro, angolano, moçambicano, goês, macaense, cabo-verdiano, guinéu, timorense e cidadão de todos os mundos por nós descobertos e por descobrir, e vivo a sonhar um padrão português erguido neles em cada esquina. (Torga, 1999: 1710);

2º. Provar que na Ibéria «coube» (e, de certo modo, cabe ainda) «o Velho-Mundo e o Novo...» (Torga, 1995a: 7);

3º. Ajudar a Europa a manter vivos os valores helénicos de «beleza», «verdade» e «paz» (ver Torga, 1999: 721);

4º. Mostrar que qualquer homem que não é capaz de «rejeitar» (Torga, 1999: 1184) «Acovardou-se (...) não só perante as forças de fora como perante ele próprio. O ditador de cada um de nós vive em nós.» (Torga, 1999: 445);

5º. Provar que o povo deu um contributo inestimável ao progresso global da civilização, através da sua sabedoria, coragem e capacidade de trabalho;

6º. Conseguir mostrar a importância da ciência;

7º. Lutar, com Goethe e outros seus pares, para que a humanidade acredite que é possível «Criar o céu na terra...». (Torga, 1999: 492), ou, por outras palavras, que toda a terra pode ser «Um Reino Maravilhoso».

No discurso que proferiu, quando foi galardoado com o Prémio Camões, o autor de *Libertação* prometeu continuar a ser «no comportamento e na arte (...) um sinaleiro da

esperança». Pensamos estar aqui a principal mensagem que Torga nos legou: há motivos para termos esperança [«junquem de flores o chão do velho mundo:/ Vem o futuro aí!/ (...) Ninguém o viu ainda, mas é belo,/ É o futuro...» (Torga, 1974b: 82)], e ele esforçou-se, ao longo de toda a sua vida, por dizer isto «o melhor possível de todas as maneiras possíveis.» (Torga, 1999: 1409)

Há duas palavras-chave para um auto-retrato torguiano e que ficaram de fora no que acabámos de apresentar: riso e alegria.

Embora não se associe rapidamente a obra de Torga ao **riso**, ele está presente em muitas páginas da prosa torguiana, e, reflectindo sobre esta expressão de estado de alma, o autor diz-nos: «Por mim, sou pouco sensível à chalaça. O voltairianismo caseiro, em vez de me convencer, afasta-me. Gosto do riso, mas inteligente, limpo, nos lábios de Cervantes ou de Swift.» (Torga, 1999: 558)

E, ao traçar um quadro sobre a literatura portuguesa, comenta, nos seguintes termos, o contributo de Eça para uma transformação da expressão literária do humor: «O riso surge pela primeira vez no seio duma literatura que ou vivia de sobrolho carregado, ou conhecia apenas o sarcasmo rude e digestivo.» (Torga, 1969: 88)

A apologia da **alegria** é feita quase sempre indirectamente através dos seus textos de esperança, tanto em prosa como em verso. Mas há duas referências directas particularmente esclarecedoras:

- «No seu sentido mais profundo, a vida é bela e alegre. Todos nós tivemos já a experiência disso milhares de vezes. (...) Mas, apegados como estamos à aparência de tudo, esquecemos a voz do profundo, e ouvimos deliciados o som da superfície. Temos o vício da tristeza.» (Torga, 1999: 344)

- «Mais do que refocilar no lodo, é urgente que a Poesia arranque dele os que ali caíram desesperados, e lhes transmita a alegria de viver na descoberta sempre renovada e virginal dos seres e das coisas.» (Torga, 1999: 594)

4.8.4.4.7. ESCREVER

Escrever uma palavra no papel é um passo muito grave. Mas só depois dos cinquenta descobrimos isso.
(Torga, 1999: 1067)

A proceder e a escrever, concorri de algum modo, modestíssimo embora, para modificar a realidade social, ou, mesmo a combatê-la, apenas reforcei, no benefício da sua tolerância, a boa consciência dos que nela se refastelam?
(Torga, 1999: 1230)

Escrever foi a mais longa e a mais dolorosa paixão de Torga.

A segunda citação em epígrafe é de 1951. Mas esta mitificação da poesia já vinha de trás [veja-se no *Diário* os poemas «Santo e Senha» (p. 31), «Saudação» (p. 182) e «O Poeta» (p. 219); e em *Odes* os poemas «A Orfeu» (p. 7) e «À Poesia» (p. 9)], e manter-se-á até ao fim do *Diário*. Em 1984 diz-nos sobre a poesia e as outras artes: «Um quadro não muda um homem. Um verso, sim. (...) Faltam às artes plásticas, como falta à pura música a graça da palavra.» (Torga, 1999: 1511).²⁸ Mas que dúvidas e receio (principalmente a partir dos cinquenta anos) tinha Torga de não ser um digno discípulo de Orfeu!

O gosto pela escrita é consequência do poder e do fascínio que o Orfeu Rebelde atribuía à palavra, e da capacidade que ele sabia possuir de dar, através dela, respostas às perguntas do mundo.

O receio que a escrita lhe provoca relaciona-se com três aspectos: **1º.** a responsabilidade ética do escritor; **2º.** o trabalho e o cansaço; **3º.** a dificuldade do acto em si.

A responsabilidade ética do escritor é uma preocupação permanente em todos os momentos da obra torguiana, como consequência da sua educação desde a infância e do transcendente valor que atribuía à escrita.

²⁸ Contudo o que Torga nos diz de Nuno Gonçalves, Goya, Picasso, Miguel Ângelo, Haydn e Beethoven prova que, não raras vezes colocava a pintura, a escultura e a música ao nível da poesia. (Enfim, as assumidas, e nossas conhecidas, contradições do nosso artista!)

O trabalho e o cansaço

«Escrever era fundamentalmente o que me importava. E foi à escrita que dei menos horas e as mais cansadas. A maior parte do tempo perdi-o a ser médico, chefe de família, cidadão. (...). É tarde demais para tudo. Até para morrer.» (Torga, 1999: 1334)

(Este é um exemplo extremo de pessimismo, mas também de coragem, pois confessa algo que lhe era muito doloroso e íntimo).

A dificuldade do acto em si advem:

- Do estado dos «vocábulos». Eles, muitas vezes, estão «exangues, inertes, cadavéricos» e é preciso que sejam as pedras de «uma obra estuante de seiva como a própria Criação!» (Torga, 1999: 814);

- Do estado de espírito do escritor. Durante todo o período do Estado-Novo, O autor de *Portugal*, sentia frequentemente a pátria fechada ao mundo. Em 1949 escreveu uma nota de desespero: «A diferença entre um grande escritor lá de fora e um daqui, é que o daqui nunca poderá ser realmente grande. Nunca escreverá uma frase convencido de que ela terá qualquer ressonância cá dentro ou no estrangeiro. (Torga, 1999: 501-2). É este sentimento que o leva e escrever em 20-1-1955: «Cada dia se torna mais difícil escrever. (...) Mais livros, para quê? Para quem? (Torga, 1999: 784)

A censura do Estado-Novo levou o autor de *Libertação* a tomar a decisão de «Fazer uma literatura o mais perto possível da clandestinidade, mas publicável» pois esta é «a única esperança de salvação que resta ao artista.» (Torga, 1999: 485) ²⁹

- Da extrema dificuldade em conhecer as pessoas, porque são muito complexas e/ou porque não se querem dar a conhecer. Em 1991 e em 1993 faz duas afirmações paradigmáticas desta realidade: «Ao fim e ao cabo, todos vivemos e morremos em

²⁹ Talvez esta postura o tenha levado, vinte e três anos mais tarde, a escrever: «A proceder e a escrever, concorri de algum modo, modestíssimo embora, para modificar a realidade social, ou, mesmo a combatê-la apenas reforcei, no benefício da sua tolerância, a boa consciência dos que nela se refastelam? (Torga, 1999: 1230)

segredo. (...) Santos Agostinhos há poucos.» (Torga, 1999: 1726) e «ninguém conhece verdadeiramente ninguém.» (Torga 1999b: 1766)

É esta dificuldade do acto de escrever que o leva a confessar-nos:

- «São horas e dias e semanas agarrado ao mesmo poema, ao mesmo conto, à mesma página (...) As trevas que sonhava dissipar parecem-me ainda mais cerradas, o que consegui exprimir é uma caricatura do que pretendia dizer.» (Torga, 1999: 1083)

- «Nada. (...) A mudez da página em branco (...) parece que me contagia.» (Torga, 1999: 1389)

- «Estou à secretária, de pantufas, defendido pela própria intimidade. Mas entrego o manuscrito na tipografia, recebo provas, e começa o martírio. (...) e quando cuido que acabei de ordenar a obra, as páginas acusam-me, julgam-me e diante delas, em vez de me sentir criador, sinto-me réu.» (Torga, 1999: 1072)

- «Ah, grande Rimbaud! Tu, sim, soubeste resistir à tentação! Obrigado pelos deuses a rezar a primeira missa, recusaste-te heroicamente a rezá-la segunda vez...» (Torga, 1999: 1153)

Apesar de todas estas dificuldades e dúvidas, Miguel Torga considerava que:

Se há pecadores que se confessaram na vida, pertenço ao rol. Mas confessado decorosamente, com peso e medida, sem macerações patéticas. Desobriguei sempre e continuo a desobrigar a consciência atormentada numa barrela de sinceridade contida. O que não disse, nem eu o quero saber. (Torga, 1999: 1391).

Não podemos, de forma alguma, aceitar o último período desta citação (e acreditamos que Torga também não aceitava!...) É verdade que «Há recantos do ser e da vida que precisam de silêncio.» (Torga, 1999: 349), mas uma coisa é querer silenciar e outra querer ignorar.

O Orfeu Rebelde, num momento de pessimismo, disse: «As palavras estão gastas e já foi tudo dito.» (Torga, 1999: 1735) Não é verdade que já foi tudo dito. O próprio Torga escreveu: «Corro o mundo à procura dum poema/ Que perdi não sei quando, nem sei

onde.» (Torga, 1999: 722), e Régio dizia «Quisera, uma vez na vida,/ Dizer em metro e medida/ Nem sei que velha ferida/ Que me queima, devagar. (...) Vou-me a dizer, não me atrevo,/ vou-me a escrever, nada escrevo.» (Régio, 1984: 49, 53). Contudo, o facto de não ser possível dizer tudo não significa que não seja possível ouvir (quase) tudo. Há que ouvir com atenção o que é dito e, depois, utilizar a imaginação e colocarmo-nos no lugar das pessoas que sentimos que têm dores mudas. E procurarmos adivinhar o que elas nos gostariam de dizer.

É urgente arranjar forma de dizer tudo (ou, pelo menos, quase tudo) e de ouvi-lo. No entanto há que saber o quando, o como e o onde. Não tem que ser necessariamente só com palavras. Provavelmente só com palavras nunca lá chegaríamos. Tem que ser com o conjunto de todas as artes (incluindo a arte do silêncio), de todas as ciências, de todas as filosofias e de todas as religiões, porque **o Homem**, como Torga afirmou diversas vezes e de diversas formas, **é um Absoluto**. E o Turismo Cultural é um espaço privilegiado para o encontro destas diversas formas de cultura e a obra torguiana abre-nos muitas e largas portas para as pormos em contacto.

Numa primeira análise dir-se-ia que Torga disse o essencial até 1980. Em 12 de Agosto desse ano, dia do seu aniversário, escreveu: « Começo a sentir a impressão de que parei no tempo, de que marco passo em vez de caminhar» (Torga, 1999: 1422). É neste ano que termina *A Criação do Mundo*, onde, na penúltima página nos diz:

Quisesse ou não quisesse, durasse o que durasse, tudo estava consumado. O que viesse ainda a acontecer em nada modificaria a crueza dos factos: o mais essencial de mim por explicar, as obrigações cumpridas, os afectos gastos, os sonhos acordados. (...) Sim, a vida ia continuar. Outros dias viriam cheios de sol, de flores e de frutos. Mas não seriam meus. (Torga, 1981: 198).

Mas os volumes do *Diário*, posteriores a esse ano, revelam que o discípulo de Jean Rostand continuou a interrogar «sem descanso a realidade». (Torga, 1999: 1352) e a tirar proveito dela. Falou de política, da morte, da doença, da solidão, dos média... e aprofundou as questões relacionadas com o milagre de viver. Reconciliou-se com a juventude (e esta foi, porventura, a maior vitória de Torga nos últimos dez anos da sua vida.) Enfim, não alterou a sua postura perante a vida: ler, conversar com pessoas de cultura erudita e de cultura popular de todas as faixas etárias, contactar diariamente a natureza e, sobretudo, reflectir e escrever.

Há quatro livros de poesia que foram escritos quando Torga viveu nesta casa: *Penas do Purgatório* (1954); *Orfeu Rebelde* (1958); *Câmara Ardente* (1962); *Poemas Ibéricos* (1965). Analisámos *Poemas Ibéricos* isoladamente, por considerarmos particularmente importante para o tema desta tese.

Analizamos agora, em conjunto, os outros três. Eles dão-nos também informações preciosas para aprofundarmos o conhecimento do «rosto» do autor de *Portugal*. Passagens importantes destes poemas não são aqui referidas porque já foram noutras passagens deste trabalho. Haverá, contudo, outras já citadas que aparecerão novamente porque são imprescindíveis para compreender outros temas ainda não abordados.

«Mas só quero a fortuna/ De me encontrar» são dois versos do poema «**Prospecção**» do livro *Orfeu Rebelde* (p. 81) que nos colocam no centro de um dos maiores problemas (por ventura o maior) de qualquer ser humano. E o Orfeu Rebelde reflectiu e escreveu sobre o tema com uma intensidade invulgar e duma forma particularmente interessante para o turismo cultural, pois ele achava que para se encontrar precisava de viajar por todos os caminhos de Portugal (ver Torga, 1999: 899). Pensamos que um dos poemas onde ele está mais perto de se encontrar é em «**Esperança**» de *Penas do Purgatório*: «Peco/ Por absurdo humano:/ Quero não sei que cálice profano/ Cheio dum vinho herético e sagrado.» (p. 24). Pense-se no extraordinário peso que têm na obra torguiana as palavras «esperança», «profano», «cheio», «vinho», «herético» e «sagrado». Importa também pensarmos em versos do poema «**Perfil**»: Não. Não tenho limites./ Quero de tudo/ Tudo. (...) Sou uma fome incontida/ De viver./ E o que redime a vida/ É ela não caber/ Em nenhuma medida.» (Torga, 1999: 1390). Importa, ainda, pensarmos em versos de «**Condição**» (*Câmara Ardente*): «Mas o homem é o centro do infinito/Que procura.../ E quando julga andar longe de si,/ A combater dragões impessoais,/ É sempre a mesma luz/ Que o conduz,» (p. 9). Parece-nos que a «fome incontida/De viver» e de encontrar o «infinito», compatibiliza e potencializa tudo o que o poeta quer e permite-lhe (e permite-nos a nós, também) sonhar com um Reino Maravilhoso.³⁰

Na proposta que apresentaremos para um Itinerário Torguiano procuraremos dar um contributo para encontrarmos esse Reino (aliás Torga deixou, para quem o quisesse ler com atenção e sem preconceitos, uma sinalética clara e quase completa). Neste

³⁰ É um Santo Graal, «Cheio dum vinho herético e sagrado», (o mesmo é dizer: cheio de Deus, do diabo e da natureza.» (Torga 1999b: 1319) que Torga quer oferecer a Portugal e ao Mundo.

momento vamos, como já referimos, procurar os principais traços do «rostos» de Torga que os referidos livros contêm.

Consideramos que nestes três livros, em que Torga vai do «mais infinito ao menos infinito» (Gedeão), na crença do homem (incluindo-se a si próprio) e na crença da palavra, há quatro poemas que estão num primeiro plano (juntamente com «Esperança»), porque, em boa parte nos trazem novos traços do seu autor: «Apelo» de *Penas do Purgatório*; «Relâmpago» e «Flor da Liberdade» de *Orfeu Rebelde*; e «Colóquio» de *Câmara Ardente*.

Em «**Apelo**» (de *Penas do Purgatório*) o poeta pede ajuda urgente para poder «resistir/Ao inimigo»:

(...)
Mas aquele que me acuda,
Saiba que apenas
Poderemos
Combater
Nos altos, nos abismos e nos extremos,
Nos limites do mundo e do meu ser. (p. 73)

Sentimo-nos muito pequenos perante esta grandeza do autor de «Apelo» e pensamos na sua nota de 12-1-1979: «sou uma natureza incomunicável. O excesso não se partilha.» (Torga 1999: 1384). Mas pensamos também que provavelmente todos temos um «excesso» que é urgente descobrir e utilizar.

«**Relâmpago**» (de *Orfeu Rebelde*) coloca-nos, poeticamente, num mundo psicanalítico:

Rasguei-me como um raio rasga o céu.
(...)
Mas nada vi.
Caverna de pavores,
Só com tempo e vagar eu poderia
Encarar,
Castigar
E perdoar
Tanta abominação que em mim havia. (p. 13)

É preciso arranjar tempo, sabedoria e coragem para que possamos «Encarar,/ Castigar/ E perdoar/ tanta abominação que» há em nós. Assim, as férias e tempos livres deveriam, em parte, ser dedicadas a isto. Acreditamos que Torga depois deste poema seguiu este princípio nas longas férias que tinha. A maioria das pessoas ou têm férias que são pouco mais do que uma alienação/esquecimento, ou dedicam demasiado tempo a pôr leituras em dia. [É importante não esquecermos o que o autor do *Diário* nos disse: «Ler, ler,

ler... É quase um desespero. Quando me lembro dos antigos, que com meia dúzia de manuscritos faziam a festa!...» (Torga, 1999: 501)].

«**Flor da Liberdade**» (de *Orfeu Rebelde*), um dos mais conhecidos poemas torquianos, leva-nos para um mundo extremamente exigente, mas empolgante. Tem muitas afinidades com «Apelo».

(...)
Liberdade!
O não inconformado que se diz
A Deus, à tirania, à eternidade.
Sepultos insepultos,
Vivos amortalhados,
Passados e presentes cidadãos:
Temos nas nossas mãos
O terrível poder de recusar!
E é essa flor que nunca desespera
No jardim da perpétua primavera. (pp. 52-53)

«**Colóquio**» (de *Câmara Ardente*) revela as frequentes e dramáticas dúvidas que o poeta tinha em relação ao poder das palavras. Por outro lado chama-nos a atenção para um tesouro, que não raras vezes subestimamos: o silêncio.

Dúvida das palavras...
Nunca disseram nada.
(...)
Ouve o silêncio – a voz universal.
Só ele é o verdadeiro confidente
Do coração de tudo.
Poeta angustiado
E penitente,
Mudo
A teu lado
É que eu sou transparente...

Uma das principais missões do turismo cultural (mais concretamente do profissional de informação turística) é encontrar um equilíbrio entre a utilização da palavra e do silêncio. Esse doseamento nunca é o mesmo, até quando se trata de duas visitas iguais, pois o público é sempre diferente, e o guia, mesmo sendo o mesmo, nunca deve ser completamente igual na sua forma de comunicar.

Nos livros *Orfeu Rebelde* e *Penas do Purgatório* o poeta revela-se várias vezes profundamente descontente com ele próprio.

Em «**Letreiro**» de *Orfeu Rebelde* o insatisfeito Torga informa-nos que nasceu «subversivo»: «A começar por mim – meu principal motivo/ De insatisfação» (p. 7). Em «**Guerra Civil**» (também de *Orfeu Rebelde*) não é menos violento para consigo próprio: «É contra mim que luto./ Não tenho outro inimigo.» (p. 58)

«**Lavoura**» de *Penas do Purgatório* diz-nos que as suas sementeiras falham: «Escolho o tempo, semeio,/ Mondo a esperança,/ E é um campo de tristezas que descubro/ A nascer a meus pés!» (p. 35). No mesmo livro, no poema «**Maceração**» pede à «Musa» que pise os seus versos porque: «Nenhum deles te merece./ São frutos acres que não apetece/ Comer./ Falta-lhes génio, o sol que amadurece/ O que sabe nascer.» (p. 40). E em «**Pudor**», também de *Penas do Purgatório*, há um verso implacável e angustiante: «Não sei amar, ou amo o que me foge.» (p. 59) Talvez por isto nos diga em «**Dissonância**» (do mesmo livro): «A vida é um medo que não sei vencer.» (p. 47)

Outros exemplos poderiam ser aqui citados, mas parece-nos que estes são suficientemente reveladores do profundo pessimismo com que o Orfeu Rebelde frequentemente se avaliava.

Mas há o oposto. E sem sairmos dos três livros em causa podemos referir de *Penas do Purgatório* o poema «**Versos**» [«Versos. Este jejum/ Que me permite a santa comunhão/ Quotidiana;/ Esta magia humana/ Da verdade» (p. 17)]; de *Orfeu Rebelde*: «**Desencontro**» («Sois a noite, e eu sou a madrugada./ Onde começa a luz, começa a dimensão/ Da minha humanidade./ Vejo o sol, mostro o sol a quem é cego,/ E nego/ Que o tenebroso seja a claridade.» p. 48), «**Flor da Liberdade**» (já citado) e «**Profissão**» («Brilha o poema como um novo astro/ No céu da eternidade... (...) Amo/ O duro ofício de criar beleza,» pp. 70-71) ; e de *Câmara Ardente*: «**Voz Reflectida**» [«Eco da própria voz de quem me ouvir/ Canto a dor de existir,/ Transfigurada.» (p. 31)], «**Sondagem**» [(...) Que por dentro de mim é que sou rico. (...) Rico desta fortuna dos poetas,/ Sésamos naturais/ Eternamente/ E generosamente/ Abertos à pobreza dos mortais.» pp. 48-49] e «**Destino**» («Acordo e recomeço/ O canto interrompido:/ O desvairado canto/ Da ira irrequieta.../ - O canto que o poeta/ Se obrigou a cantar/ Antes de ter nascido,/ Antes de a sua angústia começar.» (p. 57).

A **noite** e o **dia** (que Torga acompanhava quase diariamente devido às suas insónias) constituem outro tema muito presente nos três livros que nos têm vindo a acompanhar.

Já o vimos em «Desencontro» de *Orfeu Rebelde*. Vejamo-lo agora com «**Voz Interior**» e «**Ave de Esperança**» de *Penas do Purgatório*.

Voz Interior

Livre, poeta, livre!
A noite é o teu Jardim das Oliveiras:
Ninguém te vê, nem ouve, nem pressente.
(...)
Corre, e canta a correr, água corrente!
(...)
E quando a luz do sol chegar de novo,
Entrega ao desespero do teu povo
O poema de amor que lhe fizeste:
(...)

Este poema chama-nos irresistivelmente para o poema com que Torga inicia o seu longo *Díário*: «Santo e Senha». A noite, a solidão, o canto, a vegetação e a água permitem ao poeta «Sonhar» e regressar ao amanhecer à «terra de todos, onde mora» e entregar ao «povo» um «poema de amor».

Ave de Esperança

Passo a noite a sonhar o amanhecer.
Sou a ave da esperança.
Pássaro triste que na luz do sol
Aquece as alegrias do futuro,
O tempo que há-de de vir sem este muro
De silêncio e negrura
A cercá-lo de medo e de espessura
Maciça e tumular;
(...)

Em «**Ave da Esperança**» a noite é, para o Orfeu Rebelde, uma metáfora do obscurantismo e da opressão a que o país estava sujeito. Ao poeta competia ser um soldado que trouxesse um novo tempo, «Com asas, primavera e liberdade;» (p. 16).

Outro tema profundamente torquiano e muito presente nestes livros é o da **natureza** numa íntima comunhão com o homem.

Em «**Voz Interior**» vimos a importância do «Jardim das Oliveiras», da «água corrente» e da «luz do sol» para a construção dum «poema de amor». A natureza é, de facto, para o autor de *Odes* o:

(...) catecismo
Onde qualquer analfabeto lê.
Abro, soletro e cismo:
Um outro céu, porquê?

Tudo aqui tão visível e concreto!
Tudo florido em letras de verdade!
Um rio passa, e passa a majestade
De um Júpiter discreto
Que liquefaz a própria eternidade.
(...)
Perguntas e respostas que eu entenda!
(...) («Doutrina», in *Penas do Purgatório*, pp. 26-27).

«**Advento**» e «**Miradoiro**» falam-nos da força que o Anteu de S. Martinho atribuía ao «chão» [(«Só do chão se levanta o pensamento.» («Advento», in *Câmara Ardente*, p. 41); «Vim por baixo, agarrado ao chão do mundo.» («Miradoiro», in *Orfeu Rebelde*, p. 83). Assim compreende-se o que nos diz no poema «**Invocação**»:

(...)
Abre as mãos e semeia,
Musa procriadora!
Versos! Versos bravios,
Que enraízem num saibro de amargura,
E, milagrosamente,
Anunciem vergéis de paz futura
Na aridez do presente! (in *Câmara Ardente*, p. 12)
(...)

Nascido na Montanha [terra de «rebanhos e neve» - a máxima brancura.» («Voz de Comando», in *Penas do Purgatório*, p. 31)] o autor do poema «Vessada» diz-nos que herdou do pai a certeza «De que a própria desgraça se semeia.../ Ninguém sabe o que pode a natureza,/ Que tem a cesta cheia/ De maravilhas... »(in *Penas do Purgatório*, p. 29)

Miguel Torga e Adolfo Rocha são, de facto, filhos da Montanha, mas ambos são também filhos do mar (Atlântico). É isto que o poeta nos diz no poema «**Circum-Navegação**»:

(...) tenho o mar nas veias.
E no mar há sereias
Que são musas isentas
Da nódoa do pecado original;
E ondas violentas
Que são versos salgados,
Arremessados
Contra as areias
Do esquecimento;
E fossas abissais
Que são degredos
De sangrentos segredos
Que ali fingem de cândidos corais.
(...) (in *Orfeu Rebelde*, pp. 20-21)

O grito contra o Poder religioso, político e social aparece, com particular força em: «Situação», «Apelo», «Flor da Liberdade», «Plateia» e «Esperança».

Em «**Situação**», de *Penas do Purgatório*, é um grito de vencido:

Não há refúgio, e o terror aumenta.
(...)
Dor deste tempo atroz, sem refrigério,
Eis os degraus do inferno que nos restam:
Morrer e apodrecer no cemitério
Onde fantasmas, como eu, protestam. (p. 57)

Mas em «**Apelo**», do mesmo livro, embora o terror seja ainda imenso, há uma determinação absoluta do poeta de combater, como já dissemos/citámos: «Nos altos, nos abismos e nos extremos,/ Nos limites do mundo e do meu ser.» (p. 73)

Esta determinação absoluta de lutar contra qualquer tirania encontramos-a também em «**Flor da Liberdade**» de *Orfeu Rebelde*, mas a vitória só será possível se estivermos disponíveis para aceitar o que o oráculo Torga nos diz: «Temos nas nossas mãos/ O terrível poder de recusar!» (p. 53)

Em «**Plateia**», de *Câmara Ardente*, o poeta rebelde fala-nos da necessidade de desmascarmos «a farsa do presente», ou, o que é o mesmo, a «mentira/Quotidiana.» E, novamente, a sua coragem revela-se absoluta ao afirmar: «Não sei quantos seremos, mas que importa?!/ Um só que fosse, e já valia a pena.» (pp. 26-27)

Esta coragem explica o poema que imediatamente se segue a «Plateia»: «**Esperança**». Aqui a «casa» do poeta (leia-se: Portugal) acredita que a esperança dominará «O rancor assassino/ Dos guardas vigilantes». (p. 28)

Em «Monólogo» (*Penas do Purgatório*) o poeta dá-nos um dos seus mais fortes testemunhos de optimismo: «Creio na perfeição, creio nos homens!/ Um novo dia, que oportunidade!» (p.51)

O «desespero humanista» de Miguel Torga de que nos fala Eduardo Lourenço, no seu ensaio *O Desespero Humanista de Miguel Torga e o das Novas Gerações*, é uma realidade. Ele atravessa toda a sua obra porque Torga, que afirmava em «Monólogo», como já citámos, «Creio na perfeição/ Creio nos homens!», não compreendia e não aceitava o sofrimento de tantos seres humanos, incluindo o do jovem e adolescente Adolfo Rocha. Por este motivo o seu desespero viril volta-se não só contra os homens que detêm o poder (inclusive o poder cultural), mas também contra Deus. Veja-se, no que respeita a sua revolta contra Deus, o poema «Depoimento» [«Não há céu que me queira depois disto,/ Nem deus capaz de ouvir-me. (...) E o que eu diria se, ressuscitado,/ Fosse chamado/ A depor!» (in *Penas do Purgatório*), p. 72)].

Pensamos que é o «desespero humanista» do poeta que o leva a uma tentação de suicídio:

Prova

Não me queiras, abismo!
Repele a tentação...
Obriga-me à normal aceitação
Do negro pesadelo de viver.
(...) (in *Câmara Ardente*, p. 74)

Mas o «sinaleiro da esperança» (Torga 1999b: 1662) vence esta «tentação» e termina «Câmara Ardente» com:

Viagem

Aparelhei o barco da ilusão
E reforcei a fé de marinheiro.
(...)
Em qualquer aventura,
O que importa é partir, não é chegar.

4.8.4.4.8. O 12 DE AGOSTO NO DIÁRIO³¹

*E ficou resolvido que no dia doze
Minha Mãe parisse
E pariu!
(...)
E aquele frágil cordão
deixou de ser o meu Pão,
o meu Vinho
e a paz eterna do meu coração
mesquinho!...
(Torga, 1986a: 10-11)*

*Falaste-me na barriga, filho!
(Torga, 1970:44)*

*É o cavalo do tempo a galopar...
(...)
Deixa a desolação por onde passa.
(Torga, 1983b: 63-64)*

Já vimos que Torga escreve no *Diário* com enorme insistência no Natal e na Páscoa. Mas o seu dia de aniversário também é profusamente contemplado. A data de 12 de Agosto aparece no *Diário* trinta e cinco vezes. E a partir de 1973 só não está presente em três anos (1983, 1989 e 1992).

Antes de passarmos para uma reflexão sobre o conteúdo das 35/36 notas – em 1993 escreve no dia 12, mas também no dia 14, pois foi este o dia escolhido pelos amigos para festejarem o 86º aniversário do «Rei (...) poeta.» (ver, Torga 1999: 1765) – façamos uma discriminação dos locais, registados no *Diário*, onde passou os seus aniversários:

³¹ Incluímos este tema no sub-capítulo *Sala-Biblioteca e/ou O Auto-Retrato Torquiano* porque tem muito a ver com o olhar do escritor sobre ele próprio.

Termas de S. Vicente: 1938; 1942. (2)

Leiria: 1940. (1)

Coimbra: 1941; 1973; 1974; 1975; 1980; 1981; 1984; 1985; 1986; 1988; 1990; 1991; 1993. (13)

Lavadores: 1946. (1)

Gerês: 1948; 1952; 1953; 1955; 1956; 1961; 1962; 1963; 1965. (9)

S. Paulo (Brasil): 1954. (1)

Miramar: 1967. (1)

S. Martinho de Anta: 1968. (1)

Nazaré: 1969. (1)

Albufeira: 1976; 1979; 1982. (3)

Quarteira: 1977. (1)

Vale do Lobo: 1978. (1)

Malaposta: 1987; 1993. (2)

Constatamos que excluindo Coimbra há dois espaços onde Torga está com frequência a 12 de Agosto: a serra (Gerês, associado às termas) e a praia (Lavadores, Miramar, Nazaré, Albufeira, Quarteira e Vale de Lobos), as duas grandes paixões geográficas do autor de *Terra Firme. Mar*.

Parece-nos importante chamar a atenção para o facto de que em 1973 Torga escreve em Coimbra, mas passou todo o dia «no litoral estremenho» (p. 1263). É bem possível que algo de semelhante, ou mesmo igual, tenha acontecido mais vezes.

Diga-se, também, que nos parece algo enigmático que o poeta de «Agarez» só tenha optado uma vez por ir (ou pelo menos por escrever no *Diário*) a S. Martinho no dia em que o seu «frágil cordão» umbilical «deixou de ser o [seu] Pão,/ o [seu] Vinho/ e a paz eterna do [seu] coração».

Os conteúdos das notas de 12 de Agosto (e 14, no caso de 1993) não nos revelam novos traços de Torga, mas sintetizam e reforçam traços muito importantes já nossos conhecidos, pelo que se justifica que percorramos «fraternalmente» (p.1766) com o poeta os dias doze de Agosto do seu *Diário*.

O traço dominante nestas notas é o de um pessimismo, até à primeira metade da década de oitenta, mais intenso do que o habitual. Vejamos os casos mais paradigmáticos:

- «Há trinta e cinco anos que nasci/ Foi um calvário lento esta subida!» (p. 174);
- «dia fatídico (...) porque realmente o é todo aquele que assinala o nascimento de um poeta, mormente aqui em Portugal e nos tempos que vão.» (pp. 642-643);
- «Há cinquenta e cinco anos que faço o mesmo no tronco escorregadio da vida, só eu sei com que tenacidade e que insucesso.» (p. 1008). (Afirmção feita depois de ter assistido a um jogo de «mastro ensebado»).
- «Este dia é sempre assim/ Sol na paisagem da vida,/ E sombra dentro de mim.» (p. 1067)
- «Vamos seguindo confiados pela estrada fora. De repente, olhamos para trás, e que terramoto de ilusões! O que parecia grande mede um palmo, o que julgávamos sólido abana, o que dava a impressão de voar, patinha.» (p. 1107)
- «parto do mundo profundamente desiludido de mim. (...) Não realizei a obra que sonhava, fiquei aquém do que podia na profissão (...) cometi erros imperdoáveis a julgar os homens e os acontecimentos» (p.1161)
- «Um aniversário clandestino (...). Vão sendo horas de eu próprio me não lembrar dele». (p. 1350)
- «... a ouvir gemer o mar na concha da praia. (...) Nenhuma outra imagem mais fiel do meu actual estado de alma: um rumor de amargura ininteligível. Para os outros, evidentemente.» (p. 1323)
- «Começo a sentir a impressão de que parei no tempo, de que marco passo em vez de caminhar». (p. 1422)

- «estou cada vez mais só no mundo. Porque tudo ousei, nada calei e muito interroguei, tornei-me um monstro de inquietação até para os mais compreensivos.» (p. 1466).

A partir da segunda metade da década de oitenta Torga é, no dia do seu aniversário, muito acompanhado por «amigos fiéis! Os Cireneus do meu calvário de poeta.» (p. 1562). É o que se verifica nas notas de 1986, 1987, 1991 e 1993. São estes «Cireneus» que o levam a duas afirmações reconfortantes:

- «Sei o que valem as ideias, mas nem de longe as equiparo aos sentimentos.» (p. 1597)

- «a Bíblia, o livro dos livros, nos ensina que não há homem sem homem, e que o próprio Cristo teve, a caminho do Calvário, a fortuna dum Cireneu para o aliviar do peso da cruz. O que, trocado por miúdos, significa que a solidão radical de cada existência (...) é mitigada por uma força que, se não vence o destino, inconformadamente desde sempre o desafia.» (p. 1724).

Mas passemos agora para outros temas.

Não resistimos (e pensamos que correctamente) à tentação de voltarmos ao poema «Aniversário» [citado no capítulo «S. Martinho de Anta(s)»], escrito no Gerês a 12 de Agosto de 1948, dia em que Torga completou quarenta e um anos e menos de dois meses e meio após a morte da mãe:

Mãe:

Que visita tão pura me fizeste
Neste dia!
Era a tua memória que sorria
Sobre o meu berço.
Nu e pequeno como me deixaste,
Ia chorar de medo e de abandono.
Então vieste, e outra vez cantaste,
Até que veio o sono. (p. 423)

Pensamos que esta forma tão adulta e peculiar de ser profundamente criança só se compreende se tivermos em consideração as duas primeiras citações em epígrafe, a força telúrica e estética do Gerês e ainda o valor das férias para a criatividade poética de Torga.

A nota escrita em S. Martinho de Anta em 1968, remete-nos para o absoluto que para ele era a sua terra natal: «Em nenhum livro encontrara lição igual à que soletrara na dureza destas fragas, onde a verdade, a beleza e a esperança pareciam ter as raízes.» (p. 1142). Mas Torga diz-nos que deixou este «Paraíso» (p. 1142) «num impulso aventureiro/ E foi como se eu próprio me roubasse.» (Torga 1983b: 43). Se regressarmos à nota do *Diário* encontramos a explicação dos versos que acabámos de citar:

larguei vela ao desconhecido, e, quando fui a dar conta, estava enredado num matagal de hábitos e contradições de onde nunca mais consegui sair. Criara, no plano do corpo e do espírito, necessidades que me escravizavam, sem encontrar na satisfação delas qualquer plenitude. O rabo de sardinha salgada fora substituído na exigência da fisiologia pelo bife tenro, o sentido de higiene alargara-se da lavagem sumária da cara ao banho completo, o ritmo calmo da natureza dera lugar nos sentidos ao trepidante rolar dos motores, em vez de rifões passei a citar frases célebres. (p. 1142)

Esta saudade do «paraíso perdido» (p. 1142) associada:

- ao terror perante «o cavalo do tempo a galopar» que «deixa a desolação por onde passa»; (Torga 1983b: 63-64)
- às dúvidas que frequentemente sentia sobre as suas capacidades de trabalhar as palavras;
- e, embora com muito menos frequência, à descrença na capacidade das palavras de revelarem a alma das coisas;

levava o diarista a sentir-se profundamente frustrado e só.

Os amigos ficavam (até à primeira metade da década de oitenta) frequentemente aquém do seu conceito de amizade. Esta ideia é expressa numa forma particularmente dura na nota de 1974:

Oiço as acusações. Que sou intransigente, que era difícil o meu trato. Talvez. Resta saber o que fizeram os que se queixam, enquanto amigos, para enriquecer de algum modo a qualidade dos meus dias, e se, de facto, terão sido repelidos pelo meu mau génio. Ou movidos pela má consciência de que me pediam menos do que aquilo que eu lhes quis dar... (p. 1282)

Ora estes sentimentos de frustração e de solidão levam-no a procurar a lição e o afecto de dois gigantes da Igreja. É o que se passa a 12 de Agosto de 1941 com Santo Agostinho (ver p. 143) e a 12 de Agosto de 1981 com S. Francisco de Assis (ver p. 1446). Talvez a santidade intemporal e a sabedoria destes seus dois mestres o tenham levado a um sentimento de profunda generosidade e lucidez. Na nota de 1946 diz que não pode: «desprezar ninguém, mesmo os próprios inimigos. São meus semelhantes, apesar de tudo, e eu não consigo descrever do homem, seja ele como for. (...) Afinal somos todos elos de uma grande corrente, e é pelos ferrugentos que ela pode quebrar.» (p. 361).

Santo Agostinho e S. Francisco estão presentes nestes dias 12 de Agosto também por uma questão de angústia teológica. O autor d' *O Outro Livro de Job* diz-nos: «Sobretudo, não encontrei resposta para nenhuma das perguntas inquietantes que em momento algum deixou de me fazer a voz atormentada da alma. (...) A pobre luz natural do meu espírito nunca quis ceder o passo a qualquer claridade sobrenatural.» (p. 1161)

O Iberismo é focado uma só vez (1963), mas de uma forma muito esclarecedora: «com tantos anos de iberismo na pele, e continuo a sentir a espinha arrepiada quando piso a raia espanhola!» Mas, sem deixar de chamar a atenção para o «perigo da liberdade comprometida», reage e reencontra «a serenidade perdida, e o espírito espanja-se, até, num contentamento peninsular.» (p. 1034). E o autor de *Poemas Ibéricos* termina esta nota expressando uma dúvida quanto à reacção que tem quando pisa «a raia espanhola»: «Balizas inamovíveis de limites humanos irremediáveis, ou tropeços removíveis de uma universalidade ainda por atingir (...)» (p. 1035).

A preocupação com a juventude surge em duas notas: 1961 e 1978. Elas confirmam o que nos foi possível constatar quando analisámos a relação de Torga com a juventude coimbrã: uma invulgar capacidade de compreender a complexidade das dinâmicas culturais e sociais. Na nota de 1961, Torga, depois de reconhecer que há historicamente uma constante «incompreensão adulta», indica à «mocidade» qual a «arma eficaz que deve utilizar para se defender: a intransigente reivindicação de ser o que é». (p. 981).

Na nota de 1978 reconhece que o drama de ver o tempo «a galopar» não é exclusivo da anciania: «A juventude também conhece os dramas da idade. Também a voragem do tempo é para ela real factor de angústia. Talvez mais até do que para a velhice, que pelo

menos já não é espicaçada por legítimos intentos que necessitam de largas perspectivas.» (p. 1368)

Em 1954 Torga passou o dia de anos em S. Paulo (Brasil). Literariamente festejou esse dia com um poema a quem viaja por via aérea («Radiograma aos que voam»). O autor de *O Senhor Ventura*, que, como já ficou registado neste trabalho, só andou de avião pela primeira vez em 1972, faz no poema em causa um apelo «aos que voam» para que não se esqueçam da terra: «Olhai o chão, as fontes e as sementes». (p. 759)

E quando celebrou o septuagésimo segundo aniversário (1979) meditou sobre a importância de «Durar muito». Só quem dura muito pode «perspectivar capazmente todos os altos e baixos da vida.» Depois dá-nos, em poucas linhas, traços muito importantes da sua vida: «o que eu teria perdido se não tivesse amado tanto, visto tanto, sofrido tantas desilusões, sido tão controverso, lido tantos livros, e me faltassem na experiência emotiva e mental as guerras, as descobertas e as catástrofes a que assisti!» (pp. 1399-1400).

4.8.4.4.9. TELEFONE

O telefone é uma peça fundamental na sala-biblioteca, mas relativamente recente. Dissemos já que Torga se mudou para esta casa em 1953. Mas só passados mais de vinte anos é que passou a ter telefone em casa.

Sem telefone o escritor tinha os seus longos serões mais tranquilos e disponíveis para a leitura e para a sua actividade criadora.

Maria do Carmo Morais Sarmiento contou-nos que uma vez o presidente Ramalho Eanes quis falar com Torga à noite e teve de ligar para os vizinhos, isto é, para casa da família Moraes Sarmiento.

Mas o telefone, como tudo o que Torga decidia adquirir, tinha nas suas mãos uma função de grande importância. Em 21-10-1990 alguém telefonou-lhe, «Em lágrimas», pedindo-lhe «uma consolação». O esforço do médico e poeta foi, contudo, em vão. O que leva Torga a concluir: «as horas humanas de desespero são sempre inéditas. E as palavras, nessas ocasiões, não prestam. Dizem o que já foi dito e ouvido milhões de vezes, e era preciso dizer e ouvir pela primeira vez.» (Torga, 1999: 1691).

Há outras três conversas de enorme intensidade que nos levam para outro tema central da obra torguiana: a capacidade de indignação:

1ª. Depois de uma conversa com alguém que lhe «magoava o ouvido e a alma», exarou o seguinte «desabafo descoroçoado»: «Temos ainda o nome de homens. Mas perdemos o mais elementar dos seus atributos, aquele que o próprio Cristo assumiu, com todas as consequências: a capacidade de indignação.» (Torga, 1999: 1382)

2ª. «O telefone tocou, atendi, e, quando fui ver, tinha dito tais coisas ao bocal do aparelho que fiquei aflito. (...) Uma desobriga de tal modo sincera e funda que o meu ouvinte, depois das minhas primeiras palavras, emudeceu.» (Torga, 1999: 1384)

3ª. A terceira conversa coloca-nos explicitamente no mundo da política partidária e constitui um dos mais espantosos testemunhos da energia e da capacidade de indignação do Orfeu Rebelde. Este episódio aconteceu em 1 de Dezembro de 1993 quando a fragilidade física de Torga já era avassaladora:

Acaba de me telefonar com voz mansa e mimalha, na esperança oculta de receber aplausos à rábula partidária que representa no palco político. O dia era de conjurados [1 de Dezembro]. De humilhações que se revoltaram e sacudiram o jugo estrangeiro, de ânimos impacientes e combativos. E nem isso pesava nas respostas frouxas e evasivas que vinham do outro lado do fio. E a conversa teve este triste remate:

- Vejo que está muito pessimista.

- Estou. Infelizmente. Não acredito em nenhum de vocês. Não são quentes, nem frios. E, se leu o Apocalipse, sabe que até Deus vomita os mornos.» (Torga, 1999: 1783)

4.8.4.4.10. RÁDIO, GIRA-DISCOS E TELEVISÃO

A música, como já referimos, era uma das grandes paixões de Torga. E a Sala-Biblioteca era um espaço onde o autor de *Odes* ouvia, pela rádio até aos anos setenta, e posteriormente num gira discos e/ou na televisão, os seus compositores de eleição.

A revisora dos textos de Torga disse-nos que só passou a haver gira discos na casa do seu vizinho na adolescência da filha, o que cronologicamente nos remete para finais da década de sessenta, princípios de setenta.

Maria da Conceição Morais Sarmento contou-nos também que Torga só teve televisão em finais da década de setenta. Disse-nos que quando passou na televisão portuguesa a

telenovela *Gabriela, Cravo e Canela* (1977/8) o austero escritor e médico, por não ter televisão, ia para casa dos seus vizinhos Morais Sarmiento «gabrielar»! (expressão de Torga).

4.8.4.4.11. UM OLHAR SOBRE O MUNDO

Acreditamos que podemos dizer que Torga está, desde a sua adolescência, mais concretamente desde o tempo em que era estudante no Ginásio Leopoldinense, em Minas Gerais, muito atento ao que se passa no mundo.

Isto não significa que registre tudo o que certamente o terá marcado. Não nos parece verosímil que não se tenha indignado com o assassinio de Kennedy e não se tenha empolgado com a libertação de Nelson Mandela. Contudo o nome deles está ausente na obra torguiana.

As referências a oráculos estrangeiros já nos levaram ao encontro do olhar cultural torguiano sobre o mundo. Preocupemo-nos agora com a visão sobre o mundo político. Em relação a Espanha, Europa e Estados Unidos da América algo foi dito explícita e/ou implicitamente quando analisámos *Poemas Ibéricos*. Vejamos, por conseguinte, o que ainda não foi dito e que nos ajuda a compreender melhor Miguel Torga.

A Guerra Civil de Espanha marca, desde o seu início, toda a vida de Torga. Em 1984 (isto é, passados quarenta e oito anos após o deflagrar do conflito), depois de ter assistido a uma série televisiva sobre a guerra, escreveu: «Que remorsos de não ter ido arder no primeiro holocausto que o fascismo perpetrrou! Todos os da minha geração que não se bateram numa das frentes daquele fratricídio expiatório ficaram a mais no mundo.» (Torga, 1999: 1516).

A 2ª Guerra Mundial ocupa poucas páginas do *Diário* e d' *A Criação do Mundo*, contudo o escritor não nos deixa quaisquer dúvidas quanto à angústia e indignação que ela lhe causou. Em nossa opinião, uma das mais fortes e lúcidas notas que o Orfeu Rebelde escreveu no seu longo *Diário* foi inspirada neste conflito:

Combater é, em termos absolutos, uma diminuição. O homem, quer defenda a pátria, quer defenda as ideias, desde que passa os dias aos tiros ao vizinho, mesmo que o vizinho seja o monstro dos monstros, está a perder grandeza. (...) Mas quando numa comunidade alguém endoidece e desata a ferir a torto e a direito, é preciso dominar o

posseio de qualquer forma, e a guerra é fatal. (...) O que é contra todas as leis da vida é ficar ao lado da contenda como espectador. (...) Fica-se homem sem qualquer sentido, manequim vestido de gente, (...) no meio dum mundo onde sempre é preciso tomar posição (Torga, 1999: 286).³²

Quando a guerra terminou, e reagindo às notícias dos jornais, o escritor anota:

«Paz. Mas que trágica ironia é esta palavra escrita a letras gordas nos jornais que viveram seis anos a soldo da guerra, e na boca de estadistas que viveram os mesmos seis anos a aguentá-la!» (Torga, 1999: 307)

Nestas duas linhas Torga é implacável com a comunicação social e com os estadistas. Com excepção de Roosevelt, o autor do *Diário* não mostra simpatia por nenhum outro político envolvido no conflito. Leia-se a nota de 14-4-1945, escrita quando o diarista teve conhecimento da morte do presidente americano: «o destino, que nos queria ferir verdadeiramente, escolheu para sua vítima aquele que tinha o sofrimento radicado no corpo, e a alma radcada no coração dos simples.» Na mesma nota diz-nos de Churchill: «Um homem que visita os bairros destruídos a fumar charutos de libra, dá poucas garantias (...).» (Torga, 1999: 306).

A Europa ocidental, segundo Torga, ficou definitivamente nas mãos dos E.U.A., depois da 2ª Guerra Mundial. E a tristeza desta constatação leva-o a escrever sem contemplações as duas seguintes notas:

- «É preciso que a Europa ocidental tenha chegado às últimas, à extremidade da pobreza material e aos limites da decadência social, para se sujeitar a receber ordens de tal gente. Crianças que uma técnica manejada com a irresponsabilidade conhecida tornou mais que perigosas, sinistras.» (Torga, 1999: 817)

- «A velha Europa está a pagar o que fez no passado. A tristeza é que se num ponto de vista absoluto os seus actos pretéritos eram condenáveis, podiam ser justificados num plano mais superficial. Os homens que dominava, homens embora, pertenciam na verdade a raças atrasadas ou adormecidas no caminho da civilização. Enquanto que agora, a América calca aos pés os próprios pais. Europeus que nada têm a aprender com

³² Nas perto de trinta visitas que fizemos, com grupos de turistas e de alunos, a Cabanas de Viriato (terra natal de Aristides de Sousa Mendes), utilizámos este texto, tendo a reacção sido sempre gratificante.

ela, a não ser a possível lição dum gregarismo optimista de jovens num campo de triunfo. Enfim, Roma a submeter e a oprimir uma Grécia dividida, contraditória, céptica, que não espera da vida senão a morte.» (Torga, 1999: 839)

Mas é essencialmente a partir dos anos 70/80 que Torga mais escreve sobre acontecimentos da política internacional.

A U.R.S.S./Rússia e seu império aparecem com uma enorme frequência no *Diário*.

Quando em 1970 visitou a Alemanha, escreveu em Berlim: «Pego na caneta indignado e envergonhado ao mesmo tempo. Como foi possível, depois de tanta luta, de tanto sofrimento, de tantas mortes e de tanta esperança, que se erguesse no coração da Europa esta barreira de ódio?» (Torga, 1999: 1190)

E a Europa ocidental decadente nada conseguia fazer contra essa «barreira de ódio», e por isso o Orfeu Rebelde sentia-se não só indignado, mas também envergonhado:

Em 1978 escreveu: «Julgamentos de Moscovo. Mas já só vale a pena protestar no íntimo da alma.(...) Qualquer coisa como uma reza silenciosa, de dentes cerrados. Uma oração muda de um crente indignado.» (Torga, 1999: 1366). E no ano seguinte, regista, em relação à Checoslováquia, algo de muito semelhante: «Condenação de dissidentes na Checoslováquia. E só podemos acudir-lhes com a vergonha impotente da nossa indignação, ao ponto de sentir a própria liberdade como um remorso.» (Torga, 1999: 1407)

A 4 de Dezembro de 1989 escreve uma das notas mais significativas do seu pensamento sobre o que se passava no Leste: «Não consigo dar dimensão nestes registos telegráficos ao que se passa no Leste. É um sismo da História. Um abalo colectivo de ressurreição.» (Torga, 1999: 1670). É no contexto deste «abalo colectivo de ressurreição» que nos dirá em finais desse mês de Dezembro de 1989:

Foi uma sorte viver tanto como eu vivi. Oitenta e dois anos que parecem de ficção. Mesmo à sobreposse não lhes perdi nenhum lance. E tenho a memória cheia de imagens insólitas, que vão dos socacos durienses às matas tropicais, das planuras de Castela taladas pela Guerra Civil aos campos de concentração e de extermínio, das áridas paisagens lunares aos desertos africanos, da cortina de ferro às praças abertas das contestações a Leste.

Todas me maravilharam ou horrorizaram, e todas condicionaram os passos que dei. Mas foram sobretudo as últimas que mais agradeço ao destino. Medularmente confiado, sempre as esperei, mesmo nos piores momentos. Não contava é que tivesse a dita de as contemplar em vida, assim tão eloquentes e auspiciosas. (Torga, 1999: 1671)

É assim que o Orfeu Rebelde nos leva por países como Letónia, Lituânia, Polónia, Checoslováquia, Jugoslávia, Roménia, Hungria e, obviamente, Alemanha e U.R.S.S./Rússia. E por vezes sem utilizar mais de duas/três linhas (o poder da síntese, fundamental na informação turística!) faz-nos pensar em questões da maior importância. Vejamos três (mais um) exemplos:

- «Acordo na Polónia entre governo e a oposição. Quem viver mais algum tempo há-de ver coisas espantosas. Os tiranos de ontem a serem os democratas de amanhã. E de boa consciência.» (Torga, 1999: 1657)

- «A Letónia proclamou também a independência. Não há cobertores vermelhos que abafem duradoiramente o sarampo da identidade.» (Torga, 1999: 1680)

- «Continua o drama jugoslavo. Quanto mais o pragmatismo político teima na monótona concepção da uniformização do mundo, mais a realidade demonstra que o encanto dele é ser um caleidoscópio de diversidades.» (Torga, 1999: 1722)

Deixamos para último lugar o acontecimento que provavelmente mais empolgou Miguel Torga:

Ruiu o muro de Berlim. O cimento marxista não resistiu ao empurrão de milhões de vontades represadas. A ironia das coisas! Erguido para impedir a fuga de alguns, acabou por ser aberto para evitar o êxodo de todos. (...) Só quem um dia o viu ao natural, erigido de arame farpado e de metralhadoras, pode avaliar a vergonha e humilhação que ele representava para o espírito humano. (Torga, 1999: 1668)

Torga é bem claro em relação ao que pensa sobre quase todo o século XX da U.R.S.S./Rússia: rejeita a ideologia marxista, considera que houve uma estagnação durante o regime comunista [«A Rússia verdadeira não fez revolução nenhuma em 1917, nem depois. À semelhança do que acontece aos seus ursos no plano da fisiologia, hibernou, politicamente durante oitenta anos.» (Torga, 1999: 1726)], condena o imperialismo e preocupa-se com a fraqueza em que caiu depois do seu desmantelamento

[«Enquanto era uma grande potência, a Rússia aterrorizava-nos com a sua força. Agora, desmantelada, aflige-nos com a sua fraqueza..» (Torga, 1999: 1759)]

Há uma nota do *Diário* (8-12-1987) em que o autor revela em conjunto o seu desdém pelas duas superpotências: «Assinatura entre a América e a Rússia de um tratado de redução de armas nucleares. Um bem e uma vergonha. Este pobre mundo à mercê de duas insolências, que já nem sequer escondem o desprezo e o cinismo com que lhe jogam o futuro» (Torga, 1999: 1608)

A preocupação de Torga com o armamento nuclear vem de longe. É de 29-11-1953 a seguinte nota: «a correria atômica dos povos, sob o ponto de vista do perigo concreto da destruição total do homem, deixa-me sereno. Apavora-me, sim a ideia de que se faça dessa arma um maquiavélico instrumento de generalizado e permanente domínio e terror.» (Torga, 1999: 735)

A *Perestroika* e o seu autor (Gorbatchov) também fazem Torga reflectir. O livro *Perestroika*, que surge em 1987, enche o diarista de esperança:

Perestroika. O que aí vem, se o espírito diz com a letra! Se a palavra significa o reconhecimento da falência da mais planetária utopia do nosso tempo: a redenção marxista. Se, de facto, a cega ideologia deu finalmente lugar ao império do que Descartes um dia supôs ser um dom genérico da humanidade: o comum bom senso. (Torga, 1999: 1609).

Mas esta esperança não se mantém. Depois da «Colossal manifestação em Moscovo contra Gorbacov», em 1991, escreveu: «o homem que anunciou a Perestroika e se propôs mudar a face do mundo, ou mediu mal as forças, ou, diante do lugar na História com que a hora lhe acena, tem medo da sua própria glória.» (Torga, 1999: 1706)

O amor e o ódio, por vezes, têm rosto nas breves notas em que Torga se refere aos acontecimentos na Europa de Leste. É o que acontece quanto ao amor, na Rússia, com Gorbachov, como já vimos, e, essencialmente, com Sakharov [«As futuras enciclopédias registarão principalmente o nome de um homem símbolo, que soube amar o semelhante e a verdade, e pagar exemplarmente à vida o preço exorbitante que ela custa.» (Torga, 1999: 1670)]; e, quanto ao ódio, na Roménia, com, Ceausescu [«Guerra civil na Roménia. O opressor estrebucha e massacra até ao último alento. Com raiva paranóica, quer arrastar consigo todo o mundo na voragem, como se preferisse

eternizar-se na maldição dum desastre colectivo do que render-se à História.» (Torga, 1999: 1671)

E quanto à reunificação da Alemanha repare-se na visão, mesmo que consideremos que há empolamento, do ... historiador e analista político:

Reunificação alemã. Era uma necessidade, mas Deus nos defenda. A Alemanha é na Europa o que Castela é na Espanha: nunca terá paz nem deixará haver paz enquanto não conseguir polarizar em si todos os horizontes que lhe caibam na retina. E tem à frente um militarista que manobra e combate com marcos. (Torga, 1999: 1684)

Esta nota, escrita a 11 de Julho de 1990, prepara-nos para a nota de 1 de Novembro de 1993:

Entrada em vigor da União Europeia, eufemismo encontrado para nomear o negregado Tratado de Maastricht. Lá estamos, atentos à batuta do novo Bismark impante que tudo vai poder e dominar do seu teutónico quartel monetário. Lá estamos, infelizmente, na condição de humildes súbditos agradecidos, sem autonomia e sem voz, a beber champanhe comprometidamente, como parentes pobres numa boda de nababos (...). (Torga, 1999: 1778).

Comentando actos de violência absoluta, Torga deixa as seguintes opiniões:

- «O homem não pode viver sem violência. (...) A sociedade, para sobreviver, necessita de imolar vítimas às potestades que a protegem, sejam celestes, sejam terrenas.» (Torga, 1999: 1362)

- «Fuzilamentos na Libéria. A paz de espírito com que todos vemos na televisão um horror daqueles! A vulgarização pela imagem dos mais horrorosos crimes da crónica nacional e internacional, acabou por nos embotar a sensibilidade. E à hora do noticiário, que não raro é a hora da refeição.» (Torga, 1999: 1416)

- «Terrorismo aéreo. Imagens televisivas dos cadáveres de dois reféns atirados como sacos de lixo de dentro do avião sequestrado. E o noticiário continuou. São tantas, que mais uma, menos uma... Estamos vacinados contra a indignação.» (Torga, 1999: 1622)

Em relação ao primeiro registo não podemos concordar com Torga («O homem não pode viver sem violência»), e estamos convictos de que o próprio autor também não

concordava com aquele seu registo desesperado. Recordemos o que citámos quando falámos da infância: «Parte dos nossos crimes (...) e da nossa bruteza no trato advêm certamente duma infância atormentada que não pôde mergulhar as asas no banho lustral da fantasia e da ternura. Saímos todos da primeira comunhão com uma faca nos dentes!» (Torga, 1999: 520). Nesta nota, que acabamos de citar, Torga falava concretamente da dureza da vida da esmagadora maioria dos portugueses da sua geração. Mas certamente ele considerava que o que dizia se aplicava a todos os adultos cuja infância nunca mergulhou «as asas no banho lustral da fantasia e da ternura».

As outras duas notas levam-nos para uma questão cada vez mais actual: «A vulgarização pela imagem dos mais horrorosos crimes da crónica nacional e internacional (...) E à hora do noticiário, que não raro é a hora da refeição»

Enfim, esta visão torguiana do mundo tem uma grande complexidade, pois contempla muitas e antagónicas questões, todas levadas ao paroxismo.³³ Elas vão desde a enorme esperança no triunfo da liberdade, da identidade e da verdade em vários pontos do globo, até à repetição da violência louca e primária (fuzilamentos, suicídio colectivo e massacres) e da violência requintada e/ou alegremente perversa de muitos órgãos de comunicação social. Mas o resultado final é um reforço (ou pelo menos um desesperado esforço de reforço) da mensagem que «o sinaleiro da esperança» sempre quis passar aos seus leitores: vale a pena ter cicatrizes por se ser um Sísifo da esperança. (ver Torga, 1999: 1786).

4.8.4.4.12. DOENÇA, SOLIDÃO E MORTE

À medida que o tempo passa, mais agónicas são as horas. A saúde piora, a pátria desintegra-se, a solidão aumenta.
(Torga, 1999: 1336)

a suprema fortuna é saber corajosamente merecer a vida, e a suprema desgraça é covardemente não a saber perder.
(Torga, 1999: 1723)

³³ As notas de 21-11-1978, 10-1-1979, 24-11-1979 e 5-6-1989 revelam também um olhar muito lúcido sobre acontecimentos na Guiana («suicídio colectivo»), Cambodja («fogueira do fanatismo a queimar os fiéis da mútua heresia»), Irão (acção de «fanático tragicamente sanguinário») e China («Massacre dos estudantes contestatários.»)

A Biblioteca é também um espaço onde Torga vivenciou intensamente o drama da doença, da solidão e, podemos também dizer, da morte. É aqui (nas «quatro paredes a que estou condenado») que, já perto do fim da vida e, principalmente, já muitíssimo perto do fim do *Diário*, escreve uma nota de desespero absoluto:

Coimbra, 15 de Novembro de 1993 – (...) o destino reservava-me para o fim a suprema revelação da miséria da condição humana e da impotência universal para a remediar. Os limites da ciência, a incapacidade das religiões, a inutilidade da cultura, a precariedade dos afectos e a ineficácia da boa vontade de quantos nos procuram valer. Relanceio as quatro paredes a que estou condenado, o divã transformado num observatório de onde a própria realidade das coisas me parece absurda. (...) sinto-me um estranho na própria casa, a amanhecer nela todos os dias abusivamente. O meu estatuto, agora, é o de um lamentável e tolerado Job, que come as migalhas que caem da mesa farta da vida. (Torga, 1999: 1782)

O escritor já nos tinha dito várias vezes que a ideia de morte o acompanhava desde a infância (ver Torga, 1981: 72). A preocupação com a saúde também o assaltou desde muito novo. Frequenta, pelo menos desde de 1936/7, uma enorme diversidade de termas (ver nota do *Diário* de 5-9-1937) e com trinta e quatro anos escreveu: «O que eu queria da vida era um pouco de saúde, a ver se conseguia acabar de compor com livros meus uma travesseira capaz, onde um dia pudesse encostar a cabeça e morrer...» (Torga, 1999: 161). Mas pensamos que é essencialmente a partir dos setenta anos de idade que as preocupações com a doença, a solidão e a morte estão quotidianamente presentes.

A nota citada em epígrafe («À medida que o tempo passa, mais agónicas são as horas. A saúde piora, a pátria desintegra-se, a solidão aumenta.») foi escrita quando Torga estava quase a completar 70 anos. Não temos elementos objectivos que confirmem que nesta altura a sua saúde piora, mas não falta informação no *Diário* e n' *A Criação do Mundo - 6º Dia* que nos revelam a solidão do poeta e o sentimento apocalíptico que tinha em relação à evolução política da pátria.

A sua longa doença é acompanhada com assiduidade pela comunicação social; e a forma como o faz leva Torga a uma intensa manifestação de indignação:

A imprensa, a rádio e a televisão dão-me às portas da morte. O telefone não pára de tocar. Os jornalistas, cruéis, teimam, insistem, não desanimam. Querem, sadicamente, saber pormenores. Se morro, se não morro. E vão adiantando diagnósticos. Enfarte, hemorragia cerebral, paralisia. Neste mundo desapiedado e devassado não há mais lugar

para o sofrimento íntimo, recolhido (...). Somos públicos e baldios. (Torga, 1999: 1681-2)

Mas o homem que «sem poder, pôde até à exaustão» (Torga, 1999: 1786) «exorciza a violência das coisas» (Torga, 1999: 1367) e consegue despedir-se «dos seus semelhantes sem azedume e sem ressentimentos, na paz de ter procurado vê-los e compreendê-los na exacta medida.» (Torga, 1999: 1786)

Teria o drama torguiano ficado resolvido depois desta despedida. Infelizmente sentimos que não.

Há inúmeras presenças tutelares na Sala-Biblioteca, mas no contexto do que estamos a tratar (doença, solidão e morte) temos S. Francisco de Assis de quem, como já referimos, há um quadro a óleo e o autor do retrato de Torga (Guilherme Filipe). Sobre o fundador dos franciscanos Torga disse: «E até rendido aos pés da própria morte» (Torga, 1999: 1446); e em relação à sepultura de Guilherme Filipe (no cemitério de Fajão) o *Diário* regista duas notas verdadeiramente torguianas: «a imagem terrífica dum enterro absoluto» (Torga, 1999: 1205) e «por baixo da pedra (...) jaz um homem eternamente morto. (Torga, 1999: 1544).

Para o Torga de Coimbra há sempre, e acentua-se à medida que os anos passam, um feroz braço de ferro entre Amor e Morte/Solidão, sem que nenhum vença. O destino não quis que na casa de Coimbra do autor dos *Contos da Montanha* se acreditasse, ao contrário do que acontecia na casa da Montanha, que os mortos estão vivos, assim como não permitiu que o autor do *Diário* visse netos. Assim, para um homem com a idiosincrasia de Miguel Torga, esse braço de ferro não podia ter vencedor.

É com um sentimento de plenitude cultural e de amor, por um lado, mas, por outro, de angústia, por não vermos um desfecho positivo para a batalha entre os dois gigantes absolutos (Amor e Morte/Solidão), que terminamos a peregrinação na casa do poeta que nunca desistiu de cantar: «a revolta,/ A liberdade/ E o amor» (Torga, 1999: 1405).

Angústia, ainda, porque a totalidade da alma da casa não está presente.

O que é que o oráculo Casa-Museu Miguel Torga responderia à pergunta: como tens sido tratada?

A resposta não poderia ser animadora, pois:

- A planta de açafão, vinda do «Reino Maravilhoso», que diariamente inspirava o poeta e o médico, já não existe e não foi substituída;
- Há um projecto, que reduzirá consideravelmente a área do quintal, de construção de um edifício para centro de investigação;
- O quarto do casal foi completamente transformado, sendo hoje uma sala de exposições temporárias;
- A cozinha, onde tão bem se cozinhava e que regularmente recebia produtos de S. Martinho de Anta, foi substituída por instalações sanitárias;
- A pequena divisão, no vão das escadas, que servia de garrafeira, é hoje uma arrecadação de material de limpeza;
- A divulgação da casa é insuficiente, o que, em boa parte, explica o baixo número de visitantes.
- O horário das visitas não contempla os fins de semana.

Por estas razões, torna-se difícil manter viva a alma da casa do único grande escritor que optou por viver toda a sua vida de adulto em Coimbra. O *Transe* de amor, sonho e poesia, pode tornar-se num transe de agonia.

4.9. TORGA E OS SEUS ORÁCULOS DA LITERATURA PORTUGUESA³⁴

4.9.1. PANORÂMICA GERAL

Uma terra onde não passam permanentemente os destinos do mundo, não pode, como é natural, albergar ininterruptamente a inspiração dos oráculos. Mas, apesar disso, os oráculos gostam do seu clima, e às vezes dão nele respostas eternas às perguntas do mundo.

(Torga, 1969: 98)

³⁴ Optámos por inserir este tema num sub-capítulo que geograficamente se situa fora da casa do escritor porque imaginamos que Torga terá lido muitos escritores portugueses, ao contrário do que se passava com a leitura dos oráculos estrangeiros, fora da sua casa.

Com a frase citada em epígrafe, Torga termina a sua conferência *Panorama da Literatura Portuguesa*, realizada no Rio de Janeiro em 1954. Pensamos que a partir desta data o pensamento de Torga sobre os nossos escritores não sofre alterações significativas, razão pela qual nos apoiaremos, essencialmente, nesta conferência para abordarmos o tema em questão³⁵. Camões, Pessoa e Jorge Dias (etnólogo, mas também escritor³⁶) serão analisados no fim, pois a importância deles para o pensamento torquiano é de tal forma relevante que exige um tratamento que vai muito para além do que Torga nos diz na conferência do Rio de Janeiro.

Importa chamar a atenção para o facto de que o Orfeu Rebelde começou por ter uma opinião pouco entusiástica sobre os nossos escritores, com excepção de alguns poetas líricos. Veja-se a nota do *Diário* de 28-6-1941. Gil Vicente, Fernão Mendes Pinto, Camões, Camilo e Eça – nenhum deles consegue que as figuras centrais das suas obras atinjam «a grandeza do símbolo» e polarizem «exemplarmente ideias, sentimentos e paixões.» Torga encontra em todos estes escritores grandes virtualidades, mas:

Gil Vicente «em pleno alvorecer do renascimento» defendia valores «genuinamente medievais»; a *Peregrinação* «não vai além do livro bem rememorado do seu autor»; *Os Lusíadas* «não conseguem quebrar a sua condenação de epopeia para uso interno». E, logo a seguir, Torga acrescenta em relação ao Gama de Camões: «Não me parece que haja boa vontade capaz de comparar o herói Gama a Eneias ou a Ulisses.»; Camilo «Afogado em prosa, perdido no emaranhado do seu drama pessoal, tragicamente do Porto e da Samardã, deixou apenas pelo caminho clarões rápidos de genialidade.» E a Eça faltava-lhe «Uma integração perfeita no nosso húmus, o conhecimento vivo do povo. E os seus tipos, embora aliciantes, ou são caricaturas convencionais ou figuras locais, para toda a eternidade provincianas.»

Em 1954 os juízos de valor que Torga emite sobre os nossos escritores são bem mais favoráveis. Começamos por ver as linhas de força do pensamento torquiano em relação à literatura portuguesa, para de seguida nos debruçarmos sobre o que ele pensa dos mais representativos escritores portugueses.

³⁵ Sempre que depois duma citação, ou conjunto de citações, aparece somente um número de página estamos a citar a conferência em causa, publicada em *Traço de União*.

³⁶ José Saramago, em *Viagem a Portugal*, diz da monografia de Dias *Rio de Onor – comunitarismo agro-pastoril*: «de lá trouxe alguém um livro que, sendo obra de ciência, é das mais comovedoras coisas que em Portugal se escreveram.» (Saramago, 1999: 30).

Torga data o nascimento da literatura portuguesa dos começos do século XIV, época dos Cancioneiros Galaico-Portugueses (pp. 75, 80). A partir daqui a literatura portuguesa vai ser uma «fonte que nunca secou» (p. 98) embora tenha sido «irregular e caprichosa.» (p. 98) Contudo, na poesia é «constante e válida». (p.98) Torga diz mesmo que a literatura portuguesa mantém «galhardamente e no mastro grande, a flâmula da poesia». Quanto à prosa o escritor considera que os melhores prosadores se exprimem no conto e encontra semelhanças entre a poesia e o conto porque ambos têm uma expressão «quente e arrebatada» e a rapidez e o rigor de um «espasmo». (p. 92).

O autor de *Pedras Lavradas* traça as seguintes divisões na História da Literatura Portuguesa:

- Época Medieval: Cancioneiros Galaico-Portugueses, Crónicas de Fernão Lopes e Gil Vicente.
- Época dos Descobrimentos: Pêro Vaz de Caminha, Camões, Fernão Mendes Pinto, História Trágico-Marítima e Diogo Couto.
- Época Barroca: Padre Antónia Vieira.
- Época Romântica: Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Camilo Castelo Branco.
- Geração de Setenta: Antero de Quental, Oliveira Martins e Eça de Queirós. E à ilharga desta geração Fialho de Almeida.
- Os primeiros modernistas: Gomes Leal, Cesário Verde e António Nobre.
- Escritores não integrados em qualquer grupo: Raul Brandão, Aquilino Ribeiro, Camilo Pessanha e Teixeira de Pascoais.
- Geração de *Orfeu*: Fernando Pessoa, Sá-Carneiro e Almada Negreiros.
- Grupo da revista *Presença*: Torga não refere nomes.

Os Cancioneiros Galaico-Portugueses – «A singeleza lírica (...) é hoje ainda das coisas mais puras que se podem saborear. Nas suas cantigas de romaria e no gemer embalado dos seus versos marinhos» encontra-se a nascente do «rio poético que depois atravessa os séculos e o território luso...» (p.80).

Fernão Lopes, com a sua «Notação precisa da realidade, sem medo das palavras e da nudez dos factos», «permitirá a floração extraordinária de toda a prosa da expansão ultramarina.» (p. 80)

Em 1954 Torga já vê Gil Vicente como «um génio que fechou com chave de ouro as portas ogivais da Idade Média» (p. 76). «A graça espontânea do dizer, o lirismo natural, a funda pungência de certas falas, o pitoresco de muitas e variadas situações e, sobretudo, o marulhar duma irreverência que não tem ainda possibilidade de completa expressão» (p. 77) fazem das peças de Gil Vicente o ponto mais alto do Teatro Português.

Na conferência que nos serve de base a este texto, o autor de *Traço de União* não nos fala de Pêro Vaz de Caminha, contudo as três referências que lhe faz noutros textos são suficientes para considerarmos que o escrivão de Pedro Álvares Cabral é, para Torga, um dos mestres da língua portuguesa. Em 21-7-1969 alguém perguntou a Miguel Torga se tinha gostado de ver pela televisão as imagens do primeiro homem a pisar a lua. O escritor respondeu: «Muito. Mas confesso que preferia uma segunda carta de Pêro Vaz de Caminha...» (Torga, 1999: 1160)

Numa outra ocasião, depois de visitar a XVII Exposição do Conselho da Europa, *Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento*, em que se expunha o original da Carta, o diarista confessou: «Diante da carta de Pêro Vaz de Caminha até me vieram as lágrimas aos olhos.» (Torga, 1999: 1482).

E, em 10-6-1989, quando recebeu o prémio Camões, referindo-se à língua portuguesa classificou-a como «dúctil, maleável, de virtualidades infindas, que em todas as latitudes e longitudes se dá bem, que logo nos primórdios foi capaz de dizer o que disse na Carta de Pêro Vaz de Caminha...» (Torga, 1999: 1661).

Para o autor de *Traço de União*, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto (completada com os relatos da *História Trágico-Marítima*) oferece à humanidade, para «além da mais extraordinária e penitente auto-acusação que um povo pode fazer às injustiças do seu próprio imperialismo», um relato duma «autenticidade humana que tem a frescura duma reportagem de hoje e duma introspecção de sempre.» (p. 81).

Diogo Couto é o autor do «livro mais objectivo e corajoso que o espírito português produziu» no séc. XVI: *O soldado práctico*. O «seu memorial é uma espécie de negativo d' *Os Lusíadas*: o heróico com sinal menos.» (p. 82).

Torga refere-se com enorme parcimónia a Bandarra (está mesmo ausente na conferência do Rio), mas as poucas linhas que lhe dedica revelam que o considera um pilar da nação e um paradigma como escritor. Bandarra surge na galeria dos heróis de *Poemas Ibéricos* não com um poema a ele dedicado (ao contrário do que sucedeu em *Mensagem* de Pessoa), mas como professor de António Vieira. E para o autor de *Poemas Ibéricos* o jesuíta foi o primeiro «homem lusitano/ À medida do mundo.» e um «Misto de génio, mago e aventureiro.»

Como escritor, o sapateiro de Trancoso recebe de Torga um elogio admirável e invejável: «Sempre que aqui passo, recito mentalmente, num misto de admiração e de inveja, a quadra do sapateiro que eternizou o nome desta terra:

Quando eu morrer achareis,
Por desgraça ou por ventura,
O corpo na sepultura,
A alma nestes papéis. (Torga, 1999: 1122)

Durante o barroco os nossos escritores «tecem redes de palavras à volta de nada.» (p. 83). E compreende-se que assim seja porque estiveram sem «pátria certa durante sessenta anos», «atolados num beatismo de sacristia» e «sem nenhum destino social que lhes polarizasse a inspiração.» (p. 83) Há, durante este período somente uma excepção: o padre António Vieira. O jesuíta («Aluno do Bandarra/ E mestre/ De Fernando Pessoa» – Torga 1995a: 60) é uma alma «ao serviço dos homens e da pátria» (p.84). E Torga desculpa o artificialismo que enfeita a palavra de Vieira porque é uma palavra cheia de calor e porque o escritor «contactou profundamente com uma realidade luxuriante, tropical, de pujança exterior.» (p. 84)

O século XIX assiste a duas gerações brilhantes de escritores: os românticos e os da Geração de 70:

O liberalismo, conquistado nos barracões do desterro e na paixão das batalhas, unira todos os filhos progressivos da nação. E eis que renasce uma literatura rica das mais fundas virtualidades nacionais, máscula, imaginosa, ou grácil, com deliberadas raízes na tradição e altos anseios universais. (p. 85)

Torga refere-se obviamente a Almeida Garrett e a Alexandre Herculano que deram «ao teatro, ao romance, à poesia e à história uma dignidade e uma beleza há muito desconhecidas.» A arte passa a ser vista «como um bem colectivo, património de todos,

que é preciso defender e propagar.» Garrett e Herculano «são verdadeiros pais do escritor moderno português.» (pp. 85-6).

Destes dois génios românticos é Herculano que Torga mais admira. Enquanto que as veias de Garrett são afidalgadas, as de Herculano são plebeias. Herculano impôs uma extraordinária seriedade, força e altura à actividade criadora («... quando o porte/ Da criatura/ Excede o próprio excesso consentido, / Leva tempo a tornar-se natural/ Que uma grandeza tal/ Tenha existido.» (Torga, 1995a: 62).

Camilo Castelo Branco, apesar dum «provincianismo desesperante» (p. 87), marca profundamente a obra de Torga. Em nota do *Diário* de 7-12-1949 diz que Camilo «era muito mais autêntico» do que o Eça da *Cidade e as Serras* «porque atolava os pés no barro que moldava.» Em *Portugal*, no capítulo *Minho*, refere-se ao autor de *Novelas do Minho* como sendo um «nume indiscutível», amamentado «por dois seios de pedra, o Alvão e o Mezio...» a quem nem mesmo «os quilómetros de esmeralda» do noroeste de Portugal «tinham pacificado o coração.» (Torga, 1986a: 12-3).

Garrett e Herculano passaram o testemunho a Antero de Quental, Oliveira Martins e Eça de Queirós. As principais figuras da Geração de Setenta, apetrechadas «com outras ferramentas intelectuais, (...) deram à literatura portuguesa um banho lustral de gosto e de inteligência». (pp. 86-7).

Embora Antero «não seja excepcional poeta», nem Oliveira Martins «um historiador austeramente sereno»:

há nos versos dum e nas sínteses do outro uma largueza de fôlego europeu. (...) as visões que tiveram são justas em múltiplos aspectos, originais e antecipadas a cada passo, e foram sobretudo vazadas num estilo, ou ático ou empolgante, que é um regalo do entendimento e dos sentidos. (p. 87).

Acreditamos que Antero, com *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos*, exerceu uma profunda influência no pensamento histórico de Torga. Vejamos três extractos paradigmáticos da célebre conferência do *Casino*:

1º. «Que é pois necessário para readquirirmos o nosso lugar na civilização? (...) É necessário um esforço viril, um esforço supremo: quebrar resolutamente com o passado.

Respeitarmos a memória dos nossos avós: memoremos piedosamente os actos deles: mas não os imitemos. (...) Oponhamos ao catolicismo, não a indiferença ou uma fria negação, mas a ardente afirmação da alma nova, a consciência livre, a contemplação directa do divino pelo humano (isto é, a fusão do divino e do humano), a filosofia, a ciência, e a crença no progresso, na renovação incessante da humanidade pelos recursos inesgotáveis do seu pensamento, sempre inspirado, (...) Finalmente, à inércia industrial oponhamos a iniciativa do trabalho livre, a indústria do povo, pelo povo, e para o povo, não dirigida e protegida pelo Estado, mas espontânea, não entregue à anarquia cega da concorrência, mas organizada duma maneira solidária e equitativa, operando assim gradualmente a transição para o novo mundo industrial do socialismo, a quem pertence o futuro.» (pp: 67-8);

2º. A crítica extremamente dura do jovem Antero (tinha 29 anos) ao ideal da educação jesuítica, «para quem a razão humana e o pensamento livre são um crime contra Deus» (p.31) influencia, seguramente, o poema torguiano dedicado a «Loiola» (mas a pensar na Espanha de Franco e no Portugal de Salazar):

É um pesadelo a ressoar no ouvido:
- Obedece! Obedece! Obedece!
Num ritmo de prece,
O eco da remota intimação
Ordena à consciência do presente
A mesma penitente
Sujeição.
(...) (Torga 1995a: 50)

3º. E Antero termina a sua longa conferência com palavras que Torga também subscreveria na íntegra: «o Cristianismo foi a Revolução do mundo antigo. A Revolução não é mais do que o Cristianismo do mundo moderno.» (p. 69)

Embora o autor de *Poemas Ibéricos* não considerasse Oliveira Martins «um historiador austeramente sereno», considerava-o (entre outras coisas positivas) possuidor dum estilo «empolgante», e isso, para um poeta, não é menos importante do que ser «austeramente sereno». Vejamos para Oliveira Martins dois exemplos:

1º. Falando do Infante D. Henrique, diz-nos o autor de *Os Filhos de D. João I*:

A chama interior em que ardia, devorando-o, fortalecia-o. É um engano retórico supor que a intensidade de um pensamento, quando é fecundo, mata. O que destrói os homens

é a apatia e a enervação. Na sua vida, o infante apresenta-nos um dos primeiros exemplos do asceta da ciência. (Martins, 1993: 60)

Repare-se agora em alguns versos do poema «O Infante» de *Poemas Ibéricos*:

Irradia vontade e confiança,
E os seus olhos videntes
Iluminam os outros penitentes.
(...)
Guia de todos os descobrimentos,
É sempre ele o gajeiro,
Com nomes vários nos vários momentos. (Torga, 1995a: 39)

2º. E falando sobre Nun'Álvares, diz-nos: «O seu carácter, feito de decisão, subordinava tudo à vontade; e essa vontade obedecia ao impulso mental das revelações que lhe assaltavam o pensamento.» (Martins, 1984: 282).

E, duas páginas à frente, falando da opção do Condestável de trocar a vida militar pela religiosa (passando a viver num convento que mandou construir em Lisboa), diz-nos o autor de *A Vida de Nun'Álvares*: «De além, como águia dentro do ninho, Nuno Álvares dominava a cidade; e em frente do castelo dos tempos antigos, erguia o baluarte dos novos: diante de uma cidadela, uma catedral; diante da espada, a cruz.» (Martins, 1984: 284).

Citemos parte do poema «Nun'Álvares» de *Poemas Ibéricos*:

Pátria – é um palmo de terra defendida.
A lança decidida
Risca no chão
O tamanho do nosso coração,
(...)
Já sem cota de malha, combater
Por outro Reino e por outro Rei! (Torga, 1995a: 38).

Eça de Queirós foi «incapaz de auscultar o coração terroso e vivo da humilde camada social (...) ou de erguer figuras de uma grandeza moral pelo menos semelhante à de certos modelos vivos que tinha ao lado» (p. 88). Por conseguinte, não é ainda na sua obra que aparece «o todo nacional polarizado em personagens simbólicas, decantado na retorta dum espírito universal.» (p. 88) Contudo, Torga considera Eça «o mais completo romancista que Portugal teve até hoje.» (p. 88) O autor d'*Os Maias* e d'*O Crime do Padre Amaro* é apontado como exímio na «arquitectura e naturalidade dos seus

enredos», na «notação psicológica das situações», na «autenticidade e originalidade das personagens que criou» na «elegância da prosa em que exprimiu tudo isto», e na capacidade de «surpreender o que havia de gasto, de ridículo e de tóxico na classe burguesa de que era ornamento e cronista». Torga atribui ainda a Eça o mérito de ter sido o primeiro escritor português a introduzir o riso numa literatura que ou vivia de sobrolho carregado, ou conhecia apenas o sarcasmo rude e digestivo.» (pp. 87-8).

Fialho de Almeida é «um cronista-contista, que prolonga serodiamente, com mais talento, o barroco de setecentos. Nervoso e contundente na expressão, temperamental e de ressacas, é uma espécie de anarquista entre colegas disciplinados.» (p. 89).

Gomes Leal, Cesário Verde e António Nobre são os primeiros portugueses a receber o «vento subversivo» do modernismo. As «rajadas» deste vento trazem uma «arrojada inquietação consumidora, nauseante e suicida.» E ajudam os nossos poetas a criarem uma «autêntica vibração profunda, essencial, arrancada das coisas hipnoticamente, e requintada em todo o seu comportamento.» (p. 90)

- «Gomes Leal é o menos importante destes três poetas porque ... «acerta pouca vezes» (p. 90). Contudo, quando acerta «nada de mais tenso e luminoso.» (p. 90)

- «Cesário é um pintor de ar livre, de quadros naturalistas, onde cada pormenor é um milagre de observação e de desenhos (...). Poemas físicos, quase palpáveis, que parecem ter relevo (...). A chuva, neles, ensopa-nos até à medula (...). É necessário regressar a Camões e a Gil Vicente para se encontrar uma notação tão precisa e flagrante.» (pp.90-1)

- «António Nobre dá paisagens de dentro, mais maceradas e nevoentas (...). Poesia de confiança adolescente e tísica, desperta em nós um movimento natural de solícita ternura e fraternal adesão (...). Também há Só dentro de nós, onde o nosso exibicionismo narcísico se contempla ...» Neste poeta «intraduzível» encontra a sensibilidade lusa o «mais fidedigno e profundo» (pp. 91-2) representante.

Raul Brandão é certamente um dos escritores que mais ajudou Torga a observar a «cor das coisas e das paixões» (p. 93). O autor d'*Os Pescadores* e d'*As Ilhas Desconhecidas* (dois livros que explicitamente influenciaram o autor de *Mar*³⁷) é também para Torga o

³⁷ Tenha-se em consideração as notas do *Diário* de 9-7-1939 (remete-nos para *Os Pescadores*) e 16-3-1970 (leva-nos até a *As Ilhas Desconhecidas*).

responsável por «algum do pouco teatro de nível que depois de Gil Vicente e Garrett se escreveu entre nós.» (p. 93).

Guerra Junqueiro também está ausente do texto da conferência que temos vindo a citar, mas no *Diário* Torga confessa ter uma imensa admiração pelo poema «Moleirinha»: «ao ouvir a *Moleirinha*, *O Sentimento dum Ocidental*, a *Lusitânia no Bairro Latino*, algumas estâncias de *Os Lusíadas*, ou mesmo certos poemas de Pessoa, eis-nos a reviver emoções que trazemos no sangue e no coração.» (Torga, 1999: 534)

Teixeira de Pascoais é um: «Cósmico poeta de espantadas interrogações, alma errante que não ascende nem ao céu ingénuo do passado, nem desce ao inferno lúcido do presente, flui dos seus versos uma eternidade anímica de que nos vamos desacostumando: a duração edénica por detrás de névoas. (p. 95-6).

Em *Fogo Preso*, Torga considera Pascoais o poeta que mais se identificou com as raízes da essência nacional: «Nenhum como Pascoais capaz de uma identificação tão íntima com as raízes do que somos como homens específicos, plantados, ainda mais espiritual do que carnalmente, num chão específico.» (Torga, 1989:47). E no mesmo texto, duas páginas à frente, acrescenta: «confiou-lhe o destino essa missão sagrada de falar por nós. (...) é a própria respiração da pátria que sentimos nos seus poemas». No capítulo «Batalha» voltaremos a falar no autor de *Arte de Ser Português*.

Camilo Pessanha, Sá-Carneiro e Fernando Pessoa recebem o testemunho de Cesário Verde e de António Nobre e «afinam definitivamente» (p. 93) a poesia portuguesa.

Com Camilo Pessanha «a lira portuguesa encontra» os seus mais «subtis acordes.» (p. 94)

Sá-Carneiro herda a «lucidez de análise de Cesário» e a «amargura» de Nobre, o que resulta «num *non possumus* irremediável.» (p. 94). Quando falámos do existencialismo de Sartre falámos também do de Sá-Carneiro, mas importa, agora, acrescentar outra reflexão torquiana sobre o autor de *Princípio*:

A náusea que percorre o globo, o absurdo deste tempo que nos coube, cruel e atraente, a bebedeira que nos entontece e a angústia que nos punge – tudo ele viveu, intuiu e celebrou, como ninguém. Foi o primeiro existencialista português, e um dos poucos

coerentes que se conhecem no mundo, porque respondeu com a vida à lógica da desilusão. (p. 94).

Almada Negreiros não é referido no estudo sobre a literatura portuguesa publicado em *Traço de União*, mas nem por isso, e à semelhança do que se passou com Pêro Vaz de Caminha, com Bandarra e com Guerra Junqueiro, podemos dizer que Almada não foi para Torga um dos grandes marcos da cultura nacional, nomeadamente da literatura:

Almada, em Portugal, «foi o primeiro entre os primeiros apóstolos» da:

falange gloriosa dos homens do princípio do século que, por toda esta nossa crepuscular Europa, escancararam as portas pesadas e trancadas das artes, das letras e do pensamento. (...) Nem o seu talento, nem o seu pincel, nem a sua pena tiveram mais descanso. E legou-nos dessa actividade criadora e inovadora a singularidade dos seus desenhos, dos seus poemas, do seu teatro, dos seus romances e, sobretudo, a riqueza sem par do seu fecundo exemplo. (Torga, 1999: 1771).

Consideramos que há dois motivos para dar particular relevo a esta nota sobre Almada Negreiros. O primeiro reside no facto de Torga só muito raramente escrever sobre artistas seus contemporâneos. O segundo, porque em termos de Turismo Cultural é muito útil, pois pode ser utilizada em inúmeros itinerários em Lisboa, cidade repleta, em interiores e em exteriores, de obras do mestre Almada.

A geração de *Orfeu* passa o testemunho à geração da *Presença*. Torga caracteriza esta geração como tendo, provavelmente, a capacidade de criar «qualquer coisa de grande.» E se algo de grande se criar será certamente através da poesia, pois:

é ainda através da poesia que a moderníssima geração entronca mais castiçamente na tradição portuguesa. Nem doutro modo podia ser. Erguida pelos poetas anteriores ao pico mais alto da sua longa história, a poesia lusa é quase uma atmosfera que se respira. (...) Porque nenhum problema lhe foi estranho, nenhuma experiência falta no seu caminho, todo o aprendiz encontra ali estímulo e modelo para as suas mais inesperadas possibilidades. (p.97-8)³⁸

³⁸ Não entendemos como é que a tese de doutoramento de Luís Martins Fernandes afirma que Torga, ora considerava a língua portuguesa «excessivamente pragmática e pouco apta para grandes voos artísticos», ora a enaltecia «como material proteico e dúctil, adequado para todas as realizações do espírito.» (Fernandes, 2011: 426). Torga teve durante vários anos uma visão negativa sobre a língua portuguesa, mas a partir de meados do século essa opinião inverteu-se.

4.9.2. TORGA E CAMÕES – OS *LUSÍADAS*

é ele o meu paradigma do intelectual apegado ao ninho e solto, desassossegado, errante, aventureiro daquém e dalém mar, ávido de ver e saber, figuração perfeita da universalidade mental enraizada.
(Torga, 1999:1660-1)

Ser português acabado é ser ele, pioneiro, bandeirante, apóstolo, traficante, visionário, namorado e poeta.
(Torga, 1999: 1584)

Como já verificámos, até aos anos 40, Torga considerou Camões uma figura secundária no panorama da literatura universal.

Mas em 1952, no livro *Alguns Poemas Ibéricos*, Luís de Camões surge já como «génio», «herói» e «louco a cantar e louco a combater.» (Tenhamos em consideração a força que Torga atribuía à loucura: Os poetas são loucos./ E poucos/ Acreditam/ Que a loucura/ É o dom do eterno em cada criatura.» (Torga, 1999: 899).

Muito provavelmente, a opinião negativa que Torga teve durante vários anos sobre a obra de Camões tem duas explicações:

- o aproveitamento político da obra do épico, tanto pela 1ª República como pelo Estado-Novo.
- a forma como se ensinava *Os Lusíadas* nas escolas:

Na escola do meu tempo, d'Os *Lusíadas* aprendia-se tudo, menos o que verdadeiramente importava. Os mestres de então como que porfiavam em os tornar odiosos à nossa compreensão e sensibilidade juvenis. Para além da gramática e da genealogia das ninfas, nada nos diziam da beleza sem par da poesia que faísca a cada passo dos trâmites da narrativa, da erudição que subjaz a cada estrofe, da imaginação que ilumina cada episódio e o emblematiza, e, sobretudo, da significação universal da obra, a mais actual e objectiva epopeia de quantas se conhecem. (Torga, 1999: 1580).

Camões, que Torga considerava que, como poeta lírico, não foi «até hoje superado nas letras nacionais» (Torga, 1999: 1585), marcou essencialmente o autor de *Poemas Ibéricos* como poeta «das horas solares e negras da grei» (Torga, 1999: 1585), isto é, Camões marcou-o essencialmente através d'Os *Lusíadas*, que para Torga é a «Bíblia de

todo o português» (Torga, 1999:1585-6) e dá diversas «respostas eternas às perguntas do mundo.» (Torga, 1969: 98).

José Saramago, falando sobre o Mosteiro dos Jerónimos, disse, logo após ter feito uma referência ao túmulo de Vasco da Gama: «...à direita, a jacente estátua de Luís de Camões. que descobriu o caminho para chegar a Portugal.» (Saramago, 1995: 291).³⁹

Consideramos igualmente correcto, e oportuno, afirmar que em *Os Lusíadas* a carga lírica é tão forte (Inês de Castro, Veloso, Adamastor e Ilha dos Amores) que torna possível encontrar na «Bíblia de todo o português» algumas das melhores composições líricas do poeta.

Quadro/Índice das características d’*Os Lusíadas* segundo Miguel Torga.

Nota Prévia: é importante não esquecermos que a época em que Camões vive (1521?-1580) é uma das épocas com mais intensas mudanças na História: Renascimento, Movimento Religioso da Reforma; Globalização; Introdução (em Portugal) do Santo Ofício de Inquirir; Movimento da Contra-Reforma; Começo de Declínio Económico Português; Adormecimento (em Portugal) do Espírito de Aventura, de Investigação e de Trabalho em Equipa; Agudização (em Portugal) da Corrupção e do Espírito de Domínio, de Riqueza e de Poder Pessoal. Provavelmente, por ter vivenciado tudo isto Camões escreveu:

(...)
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.
(...)

E, afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mor espanto,
Que não se muda já como soía. (Camões, 2002: 48).⁴⁰

³⁹ Quanto a Torga parece-nos correcto afirmar-se: o autor de *Portugal*, e discípulo de Camões, actualizou e aprofundou o conhecimento do caminho para chegar a Portugal.

⁴⁰ Torga tinha igualmente plena consciência da omnipresença da Mudança. Falando em 1954 sobre as mudanças da sociedade brasileira, que os portugueses tinham tanta dificuldade em ver, disse: «Do anoitecer ao amanhecer, houve um cataclismo de que o sono não se apercebeu.» (Torga 1969: 10). E porque as mudanças são inevitáveis e irreversíveis, o autor de *Contos da Montanha* não duvida que «não há falência maior do que imitar o passado, mesmo que seja nosso.» (Torga, 1987: 135-6).

Podemos, num quadro/índice, afirmar que a obra mestra do poeta que foi «génio» e «herói» e «louco a cantar e louco a combater» (Torga, 1995a: 54), tem para Torga as seguintes características :

I - «beleza sem par da poesia que faísca a cada passo...» (Torga,1999: 1580)

II - «erudição que subjaz a cada estrofe» (Torga, 1999: 1580)

III - canta «a natureza com» profunda «naturalidade e flagrância...». (Torga, 1999: 1580)

IV - «imaginação que ilumina cada episódio e o emblematiza» (Torga, 1999: 1580)

V - Revela um intelectual que foi «ferozmente livre de espírito e fiel à sua missão.» (Torga,1999:1586)

VI - É «A Bíblia de todo o português.» (Torga, 1999: 1585-86)

VII - É «um espelho implacável» de todo o português. «...os vícios que o envilecem vão a par com as virtudes que o dignificam.» (Torga, 1999:1586)

VIII - É «Um hino de exaltação nacional.» (Torga, 1999: 1581)

IX - Indica aos portugueses «Um futuro que não será de ocupação, mas de comunhão.» (Torga, 1999: 1586)

X - «significação universal (...) a mais actual e objectiva epopeia de quantas se conhecem». (Torga, 1999: 1580)

XI - Imortaliza a mais alta hora da História. (ver Torga, 1999: 1582)

XII - Antevê «a harmonia futura» do mundo. (Torga, 1999: 1580)

Façamos considerações em torno destas características e tentemos encontrar os versos que melhor as ilustram e que têm melhores condições para serem utilizados num contexto de Turismo Cultural.⁴¹

⁴¹ Consideramos que o valioso trabalho de Maria Leonor Carvalhão Buescu, *Sulcando o Mar – Poemas de Os Lusíadas*, realizado no âmbito das comemorações do quinto centenário do Mosteiro dos Jerónimos, não contemplou o entrosamento dos Itinerários Turísticos com a obra do Épico.

I - «Beleza sem par da poesia que faísca a cada passo.»

É incontestável que o nosso pensamento, sentidos e sentimentos flutuam, voam e ardem com a leitura de praticamente cada estância. Estamos em cada uma delas por inteiro. Pertencemos a muitas delas. E muitas delas também são nossas.

Contudo Torga é demasiadamente generoso para com o autor da «Bíblia de todos os portugueses.»

Numa obra que tem 1102 estâncias será possível, por mais genial que seja o seu autor, que a beleza faísque a cada passo? Não será legítimo afirmar que a *loucura* de Torga pela obra e vida de Camões não lhe permitiu ver que algumas estâncias, embora muito poucas, não faíscam?

Repare-se nos últimos quatro versos da estância 144 do Canto X que, por assinalar o regresso à Pátria, era suposto possuir uma particular força/beleza:

Entraram pela foz do Tejo ameno,
E a sua pátria e Rei temido e amado
O prémio e glória dão por que mandou,
E com títulos novos se ilustrou.

A descrição do regresso de uma viagem «Por mares nunca doutro lenho arados» (VII-30), precisava de ter mais Pátria (que no poema aparece com minúscula), e menos Rei; mais alma, e menos *títulos*. A pouca força/beleza destes versos é particularmente notória quando os comparamos com a sublime estrofe da partida:

Já a vista, pouco e pouco, se desterra
Daqueles pátrios montes, que ficavam;
Ficava o caro Tejo e a fresca serra
De Sintra, e neles os olhos alongavam.
Ficava-nos também na amada terra,
O coração, que as mágoas lá deixavam.
E já depois que toda se escondeu,
Não vimos mais, enfim, que mar e céu. (V-3)

Ou será que para Camões o regresso à Pátria não é empolgante? Sentiria ele o mesmo que os portugueses da diáspora do século XX retratados por Torga? - «Os judeus da diáspora ansiavam por voltar a Canaan. Povo messiânico também, mas de sentido exógeno, para nós o regresso é o exílio. A nossa Terra Prometida estava fora de Portugal.» (Torga, 1999:1313).

II - «Erudição que subjaz a cada estrofe.»

É um facto. Atente-se nos conhecimentos do Poeta no que respeita à cultura greco-latina, à História de Portugal, à astronomia e à geografia mundial.

III - Canta a «natureza» com profunda «naturalidade e flagrância...».

A descrição camoniana da *tromba marítima* (V-18 a 23), do *escorbuto* (V 81-83)⁴², da *tempestade* (VI-70 à 79 e 84), e do amanhecer em Montemor-o-Novo, constituem exemplos paradigmáticos do rigor e arte com que Camões descrevia a natureza. A descrição detalhada da tempestade influenciou certamente um dos poemas que Torga mais admirava na sua obra – *Tormenta* (de *Poemas Ibéricos*).

Como é referido, com pertinência, na contra capa da edição inglesa d’*Os Lusíadas* da Oxford University Press, Camões foi o primeiro artista europeu a atravessar o equador, o que explica, em boa parte, o verismo camoniano.

Quem assistir a um claro amanhecer no castelo de Montemor-o-Novo (vila onde se encontrava D. Manuel quando tomou a decisão da Viagem à Índia) não poderá deixar de recordar, com paixão, a estância 75 do c. IV:

Não disse mais o Rio ilustre e santo,
Mas ambos *desparecem* num momento.
Acorda Emanuel *cum* novo espanto
E grande alteração de pensamento.
Estendeu nisto Febo o claro manto
Pelo escuro *hemisperio* sonolento;
Veio a manhã no céu pintando as cores
De pudibunda rosa e roxas flores. (IV-75)

IV - «Imaginação que ilumina cada episódio e o emblematiza.»

(IV.1. Guerra; IV.2. Amor; IV.3. Descoberta/Viagem (o sonho de D. Manuel, o outro civilizacional e o Adamastor); IV.4. Velho do Restelo; IV.5. Encontro de Vasco da Gama com o Samorim; IV.6. Riso-Espanto-Indignação; IV.7. Expansão).

⁴² «Ainda hoje impressiona o verismo com que a tromba marítima ou o escorbuto nos são descritos.» (Torga, 1999:1581)

Como sabemos, Torga atribuía extraordinário poder à imaginação, desde que guiada pela cultura, pela lucidez, pela experiência e pelo coração. Sendo assim, a imaginação pode encontrar a essência e o eterno que cada episódio contém.

IV.1. Guerra.

Camões, que foi também guerreiro, não deve ter sentido grande dificuldade para falar das características comuns a todas as guerras. Cada descrição que faz tem uma iluminação perfeita. Escolhemos três, que nos parecem as mais significativas e as mais eternas.⁴³

A importância da postura do líder

Entre todos no meio se sublima,
(...)
o *valeroso* Afonso, que por cima
De todos leva o colo alevantado,
E somente *co* gesto esforça e anima
A qualquer coração amedrontado. (III-108)

Quem assiste e como assiste

Estavam pelos muros, temerosas
E de um alegre medo quase frias,
Rezando, as mães, irmãs, damas e esposas,
Prometendo jejuns e romarias. (IV-26)

Afirmações/reflexões no fim da batalha.

Alguns vão maldizendo e blasfemando
Do primeiro que guerra fez no mundo;
Outros a sede dura vão culpando
Do peito cobiçoso e sitibundo,
Que, *por* tomar o alheio, o miserando
Povo aventura às penas do Profundo,
Deixando tantas mães, tantas esposas,
Sem filhos, sem maridos, desditosas. (IV-44)

⁴³ Deixámos de fora outras descrições também extremamente poderosas: o som (III-48); o movimento (III-51); a morte (III-52) e um possível cenário geográfico (IV-27).

Especificidades de cada guerra.

Ourique: (canto III, est. 42-54) remete-nos para o conflito com os muçulmanos e para a importância da religião na cultura portuguesa. São particularmente significativas as seguintes passagens:

A matutina luz, serena e fria,
As Estrelas do Pólo já apartava,
Quando na Cruz o Filho de Maria,
Amostrando-se a Afonso, o animava. (III-45)⁴⁴

(...)
Três dias o grão Rei no campo fica.
Aqui pinta no branco escudo ufano,
Que agora esta vitória certifica,
Cinco escudos azuis esclarecidos,
Em sinal destes cinco Reis vencidos. (III-53)

E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros por que Deus fora vendido,
Escrevendo a memória, em vária tinta,
D' Aquele de Quem foi favorecido. (III-54)

As duas últimas estâncias que acabamos de citar, em termos de turismo cultural, são de enorme importância para explicar parte dos símbolos da bandeira nacional.

Salado: (canto III, est. 107-117). A participação de D. Afonso IV na batalha do Salado ajuda-nos a compreender as relações de Portugal com Castela no contexto do conflito da Cristandade com o Islão.

Este sempre as soberbas Castelhanas
Co peito desprezou firme e sereno
Porque não é das forças Lusitanas
Temer poder maior, por mais pequeno;
Mas porém, quando as gentes Mauritanas,
A possuir o Hespérico terreno,
Entraram pelas terras de Castela,
Foi o soberbo Afonso a socorrê-la. (III-99)

⁴⁴ Comentando esta estância, Torga escreve: «O que me importa não é se Cristo apareceu ou não a D. Afonso Henriques antes da Batalha de Ourique; é se o rei o viu e convenceu disso os companheiros de armas, dando-lhes a certeza prévia da vitória.» (Torga, 1999: 1579)

Aljubarrota: (canto IV, est. 14-44) confronta-nos com a independência perante Castela e com a questão da liderança. Repare-se no detalhe com que a batalha é descrita: Camões dedica-lhe trinta e uma estâncias. Vejamos as passagens mais significativas, todas elas relacionadas com a conversa, antes da Batalha, do jovem comandante, D. Nuno Álvares Pereira, com os seus homens, que manifestam grande receio em participar num combate com forças muito mais numerosas.

Como?! Da gente ilustre Portuguesa
Há-de haver quem refuse o pátrio Marte?
Como?! Desta província, que princesa
Foi das gentes na guerra em toda parte,
Há-de sair quem negue ter defesa?
Quem negue a Fé, o amor, o esforço e arte
De Português, e por nenhum respeito,
O próprio Reino queira ver sujeito? (IV-15)

(...)
Pois se, com seus descuidos ou pecados,
Fernando em tal fraqueza *assi* vos pôs,
Torne-vos vossas forças o Rei novo,
Se é certo que *co* Rei se muda o povo. (IV-17)

(...)
E, se com isto, enfim, vos não moverdes
Do penetrante medo que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receio,
Que, eu só, resistirei ao jugo alheio. (IV-18)

IV.2. Amor

Este era certamente um dos temas onde o «visionário, namorado e poeta» (Torga, 1999: 1584) Camões se sentia mais à vontade para escrever.

Parece-nos importante destacar os seguintes aspectos:

O poder da esperança, da entrega total e da palavra. Veja-se o caso de Veloso que actua heróica, apaixonada e poeticamente; e assim o «seu Fado» mudou.

E tinha já por firme pressuposto
Ser com amores mal-afortunado,
Porém, não que perdesse a esperança
De ainda poder seu Fado ter mudança, (IX-75)

Espera um corpo de quem levas a alma! (IX - 76)

Nesta esperança só te vou seguindo:
Que ou tu não sofrerás o peso dela,
Ou, na virtude de teu gesto lindo,
Lhe mudarás a triste e dura estrela.
E, se se lhe mudar, não vais fugindo,
Que Amor te ferirá, gentil donzela,
E tu me esperarás, se Amor te fere;
E, se me esperas, não há mais que espere. (IX - 81)

Perante estes três poderes de Leonardo, a ninfa:

Volvendo o rosto, já sereno e santo,
Toda banhada em riso e alegria,
Cair se deixa aos pés do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor. (IX-82) ⁴⁵

Mas o amor pode constituir um perigo. Um gigantesco amor é, por vezes, cruelmente punido, como aconteceu com o Adamastor (e, provavelmente, com Camões).

Enfim, minha grandíssima estatura
Neste remoto Cabo converteram
Os Deuses; e, por mais dobradas mágoas,
Me anda Thetis cercando destas águas. (V-59)

Contudo Camões (e Torga também) acredita no triunfo do Amor universal.

Diremos que os dois poetas não duvidam de que a exortação de Inês de Castro a D. Afonso IV: «A morte sabes dar com fogo e ferro, / Sabe também dar vida, com clemência» (III - 128) será incansavelmente repetida em todos os cantos do mundo, por todas/os as/os Ineses de Castro, a todos os Afonsos IV, até ao triunfo total da **Vida/Amor**.

E Camões no Canto IX-42 assegura, através de Vénus, que haverá «na terra» um amor avassalador porque será um «fogo imortal».

IV.3. Descoberta/Viagem (o sonho de D. Manuel, o outro civilizacional e o Adamastor).

A ânsia/paixão de **descobrir/viajar** aparece magistralmente descrita pelo Magriço em VI-54:

Fortíssimos consócios, eu desejo,

⁴⁵ Não esquecer o que Torga disse do filme *Cyrano de Bergerac*: «Uma das mais belas homenagens prestadas ao poder da palavra. (...) Sem palavras não há comunhão de corpos e almas. Há tropeções do instinto.» (Torga 1999: 1703)

Há muito já, de andar terras estranhas,
Por ver mais águas que as do Douro e Tejo,
Várias gentes e leis e várias manhas.

Estes quatro versos são não só um magistral retrato da apetência pela viagem, mas também um enorme e fascinante desafio a todos os técnicos de turismo.

E em VII-29, onde Camões relata o entusiasmo com que os portugueses, recém-chegados à «terra de riquezas abundantes!» (VII-1), escutaram as palavras de Monçaide:

Qual se ajuntava em Ródope o arvoredor,
Só por ouvir o amante da donzela
Eurídice, tocando a lira de ouro,
Tal a gente se ajuntava a ouvir o Mouro.

O sonho de D. Manuel.

Estamos perante um dos episódios mais fortes do Poema (ver IV - 67-75). Há variadíssimas palavras (conceitos)-chave que nos remetem para um mundo de espanto e de êxtase: leito, imaginação, conceito, obrigação, coração, sonho/Morfeu, oriente/sol nascente, altura, água/fontes, isolamento, velhos/experiência, domínio, terra celeste e santidade.

Estando já deitado no áureo leito,
Onde imaginações mais certas são,
Revolvendo *contino* no conceito
De seu ofício e sangue a obrigação,
Os olhos lhe ocupou o sono aceito,
Sem lhe desocupar o coração;
Porque, tanto que lasso se adormece,
Morfeu em várias formas lhe aparece. (IV-68)

«Eu sou o ilustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro» (IV-74)

Não disse mais o Rio ilustre e santo,
Mas ambos *desparecem* num momento.
Acorda Emanuel *cum* novo espanto
E grande alteração de pensamento. (IV-75)

O poder deste sonho (e, certamente, a forma como é *proposto* pelo rei aos seus conselheiros) é/são tão fortes, que logo nesse dia rei e conselheiros:

Determinam o náutico aparelho,
Pera que, com sublime coração,
Vá a gente que mandar cortando os mares,
A buscar novos climas, novos ares. (IV-76)

Portugal é, para D. Manuel/Camões, tão sublime que se justifica que o *santo velho* Ganges solicite ser dominado pela «árvore, de Cristo mais amada/ Que *nenhua* nascida no Ocidente» (I-7).

O outro civilizacional.

Camões contactou com «mil nações, nunca sabidas» (X-126) mas as mais significativas descrições do outro civilizacional aparecem nas estrofes dedicadas ao povo com quem mais tempo contactou - os indianos do Malabar e os muçulmanos. Vejamos exemplos particularmente importantes:

Os indianos do Malabar.

O Malabar e as suas gentes ocupam quase todo o Canto VII, cerca de metade do VIII e as doze primeiras estrofes do Canto IX. Noutra parte deste capítulo assistiremos aos discursos do Gama e do Samorim. Agora preocupa-nos procurar um retrato dos mais significativos aspectos religiosos, sociais e psicológicos dos indianos do Malabar.

Jugo de Reis diversos o constringe
A várias Leis: alguns o vicioso
Maoma, alguns os Ídolos adoram,
Alguns os animais que entre eles moram. (VII-17)

Ali estão das Deidades as figuras,
Esculpidas em pau e em pedra fria,
(...)
Os cristãos olhos, a ver Deus usados
Em forma humana, estão maravilhados. (VII-47)

Um na cabeça cornos esculpidos,
Qual Júpiter Amon em Líbia estava;
Outro num corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antigo Jano se pintava;
Outro, com muitos braços divididos,
A Briareu parece que imitava;
Outro fronte canina tem de fora,
Qual Anúbis Menfítico se adora. (VII-48)

Porque os que usaram sempre um mesmo ofício,
De outro não podem receber consorte;
Nem os filhos terão outro exercício
Senão o de seus antepassados, até morte.
Pera os Naires é, certo, grande vício
Destes serem tocados, de tal sorte,
Que, quando algum se toca porventura,
Com *ceremonias* mil se alimpa e apura. (VII-38)

Gerais são as mulheres, mas somente
Pera os da *geração* de seus maridos.
Ditosa condição, ditosa gente,
Que não são de ciúmes ofendidos!
Estes e outros costumes variamente
São pelos Malabares admitidos. (VII-41)

Os Muçulmanos.

Há duas áreas muito importantes da História em que a visão de Torga é diametralmente oposta à de Camões: a importância absoluta que o autor d'*Os Lusíadas* atribuía ao catolicismo e, associado ao conceito do poder religioso, o conceito de poder político. Isto implica necessariamente conceitos muito distintos em relação ao islamismo.

O Islão é, para Camões, o grande obstáculo à harmonia universal. Várias das estâncias mais paradigmáticas do «Hino de exaltação nacional» possuem versos que revelam uma agressividade algo primária. Vejamos palavras desses versos, chamando a atenção para o facto de que surgem na descrição de momentos históricos muito diversos e cronologicamente distantes:⁴⁶

- «torpe Ismaelita » (I-8; época de D. Sebastião)
- «Perros» (III-48; Batalha de Ourique)
- «torpe Mauritano» (III-20; especificidade de Portugal como país cristão)
- «o vicioso/ Maoma» (VII-17; descrição da Índia, aquando da chegada de Gama)

Todos estes versos pertencem a estâncias que começam com um *hino de exaltação nacional*. Mas continuemos com referências ao Islão:

⁴⁶ Parece-nos estranho que Torga não tenha criticado esta realidade, que consideramos ser o calcanhar de Aquiles d'*Os Lusíadas*.

- «(...) quanto excede/ A Lei de Cristo à Lei de Mafamede.» (IV- 48; Época de D. João I)

- «torpe Maometa» (IV-49; época de D. João I)

(A conquista de Évora)

Olha aquele que *dece* pela lança,
Com as duas cabeças dos vigias,
A cidade, por manhas e ousadias.
Ela por armas toma a semelhança
Do cavaleiro que as cabeças frias
Na mão levava (feito nunca feito!).
Giraldo Sem Pavor é o forte peito. (VIII-21; época de D. Afonso Henriques)

As armas da cidade de Évora continuam a ser as mesmas. Segundo a lenda houve de facto ousadia na conquista da cidade, mas mais do que ousadia houve manha cruel. Parece-nos, pois, que devemos reflectir sobre o significado das armas de Évora exibirem as cabeças decapitadas de pai e filha.

Numa viagem que fez ao mediterrâneo oriental, em 1953, Torga visitou Argel, onde presenciou uma cena em que um polícia francês humilhou um nativo vagabundo:

As duas bofetadas que um polícia francês acaba de dar na minha frente a um nativo vagabundo não-de custar caro à França. Até me pareceu ver o céu claro da Argélia abrir-se ligeiramente, e Maomé tomar nota do caso no seu canhenho de represálias.

(...) Mas todo o submetido responde, mais cedo ou mais tarde, mesmo sem ser interrogado. (...) Mais do que o poder dos engenhos de repressão, do que as seduções dum progresso que atropela as essências, vale a obstinação dum versículo que se estampa nos olhos, depois de ser carícia nos lábios e friso caligráfico nas mesquitas. E mais ainda do que ele, vale a liberdade. (Torga, 1999: 719-720)⁴⁷

Os Melindanos são uma excepção entre os muçulmanos descritos por Camões.

⁴⁷ No conto «Areia Humana», Torga descreve um diálogo entre o «engenheiro Venâncio» e a sua mulher («Clarisse»): «... são os próprios fracos que se submetem. Resignam-se, evidentemente. Que não-de eles fazer, senão resignar-se!

- Esperam talvez a sua hora...» (Torga, 1992: 92)

Em *A Criação do Mundo* e *Diário* Torga regista várias situações em que ele próprio foi humilhado. Consideramos que uma das suas maiores virtudes reside no facto de ter conseguido sempre sublimar o sentimento de frustração que se seguia a essas humilhações. De facto, o Orfeu Rebelde foi permanentemente rebelde, mas nunca odiou.

O rei de Melinde, que nunca tinha visto «gente Lusitana», mas tinha ouvido que tivera guerra «Com gente da sua Lei» (II-102), é apresentado como um homem culto, inteligente e particularmente curioso, que para além de questionar sobre «guerras famosas», coloca outras questões ao Gama:

Agora lhe pergunta pelas gentes
Do toda a Hespéria última, onde mora;
Agora, pelos povos seus vizinhos,
Agora, pelos húmidos caminhos. (II-108)

E depois de considerar as navegações portuguesas a prova da capacidade lusíada de cometer contra a fúria divina (II-112), o rei termina o seu discurso de cinco estrofes revelando uma profunda admiração pelas «obras tão dignas de memória.» (II-113) dos portugueses.

Os **Africanos** da África subsariana - os homens «da cor da escura treva» (V-30) - são abordados superficialmente por Camões e com termos depreciativos: «selvagem», «bruto» (V-28). Mas pensamos que não é isto o que de mais relevante há que retirar da observação incompleta e eurocêntrica que Camões fez dos africanos. O fundamental é que se constata que, mesmo com povos com padrões culturais distintos, o entendimento pode sempre ser possível:

Depois de verificar (V-28) a impossibilidade de cativar com «prata fina» e com «a quente especiaria» (V-28), Gama opta por oferecer objectos supostamente menos valiosos e os resultados são imediatos:

Mando mostrar-lhe peças mais somenos:
Contas de cristalino transparente,
Alguns soantes cascáveis pequenos,
Um barrete vermelho, cor contente;
Vi logo, por sinais e por acenos,
Que com isto se alegra grandemente.
Mando-o soltar com tudo e assim caminha
Para a povoação, que perto tinha. (V-29)

Mas logo ao outro dia, seus parceiros,
(...)
Descendo pelos ásperos outeiros,
As peças vêm buscar que estoutro leva.
Domésticos já tanto e companheiros
Se nos mostram... (V-30)

O Adamastor, isto é, o gigante que se opõe a quem «No mundo» ousa cometer «grandes cousas», e passar por espaços abusivamente considerados privados, tem três estrofes paradigmáticas:

- O aspecto medonho do Adamastor:

Não acabava, quando *hua* figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura;
O rosto carregado, a barba esqualida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a cor terrena e pálida;
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos. (V-39)⁴⁸

- A resposta à pergunta do Gama: «Quem és tu?» (V-49):

Eu sou aquele oculto e grande Cabo
A quem chamais vós outros Tormentório,
Que nunca a Ptolomeu, Pompónio, Estrabo,
Plínio, e quantos passaram, fui notório.
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto Promontório,
Que *pera* o Pólo Antártico se estende,
A quem vossa ousadia tanto ofende!⁴⁹

- O desejo de vingança. Um caso concreto – Bartolomeu Dias. A nau que comandava, aquando da viagem de Pedro Álvares Cabral, em 1500, entre o Brasil e a Índia, desapareceu num naufrágio no Cabo das Tormentas:

Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobriu suma vingança.
E não se acabará só nisto o dano
De vossa *pertinace* confiança:
Antes, em vossas naus vereis, cada ano,
Se é verdade o que meu juízo alcança,
Naufrágios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte! (V-44)

IV.4. Velho do Restelo.

Como é fácil ouvirmos «a voz pesada» e vermos «meneando» a cabeça os *Velhos* do Restelo depois de lermos as estrofes 94-104 do canto IV!⁵⁰

⁴⁸ Pensemos no quadro de Carlos Reis *Aparição do Adamastor* do Museu Militar de Lisboa e na estátua do mostrengo de Júlio Vaz Júnior no miradouro de Santa Catarina.

⁴⁹ Pense-se no quadro *Fala do Adamastor* de Condeixa, no Museu Militar de Lisboa.

A vaidade e a sede insaciável de grandes realizações destrói o homem:

Nenhum cometimento alto e nefando
Por fogo, ferro, água, calma e frio,
Deixa intentado a humana *geração*.
Mísera sorte! Estranha condição! (IV-104)

Por isso:

Quanto *milhor* nos fora, Prometeu,
E quanto pera o mundo menos dano,
Que a tua estátua ilustre não tivera
Fogo de altos desejos que a movera! IV-103)

E o Velho do Restelo, pensando no caso concreto dos portugueses, maldiz «o primeiro que no mundo,/ Nas ondas vela pôs em seco lenho!» (IV-102), «Fonte de desamparos e adultérios» (IV-96) e continua a anatemizar a geração dos descobridores nos seguintes termos:

Deixas criar às portas o inimigo,
Para ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o Reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe! (IV-101)

IV.5. Encontro de Vasco da Gama com o Samorim.

Encontramos aqui todos os passos de um discurso diplomático altamente elaborado.

Gama começa elogiando o Samorim:

Um Grande Rei, (...)
Ouvindo do rumor que lá responde
O eco, como em ti da Índia toda
O principado está e a majestade,
Vínculo quer contigo de amizade. (VII-60)

Logo a seguir fala da riqueza de D. Manuel: «Tudo tem no seu Reino em grande cópia.» (VII-61) e apresenta a proposta de aliança, privilegiando a componente económica.

E, se queres, com pactos e *lianças*
De paz e amizade, sacra e nua,
Comércio consentir (...)
Por que *creçam* as rendas e abastanças
(Por quem a gente mais trabalha e sua)
(...) será certamente
De ti proveito, e dele glória ingente. (VII-62)

E não termina sem aludir ao poder bélico de D. Manuel:

(...)
Estará pronto a toda a adversidade
Que por guerra a teu Reino se ofereça,

⁵⁰ Veja-se o quadro *O Velho do Restelo*, daquele que foi provavelmente o maior pintor português do século XIX (Columbano), no Museu Militar de Lisboa.

Com gente, armas e naus, de qualidade
Que por irmão te tenha e te conheça; (VII-63)

A resposta do Samorim, apresentada não em discurso directo, mas através do poeta, não é menos elaborada:

(...)
Que, em ver *embaxadores* de nação
Tão remota, *grão* glória recebia;
Mas neste caso a última tenção
Com os de seu conselho tomaria,
Informando-se certo de quem era
O Rei e a gente e terra que dissera; (VII-64)⁵¹

IV.6. Riso-Espanto-Indignação

Torga atribuía uma importância capital ao riso, ao espanto e à indignação: «forças centrífugas que alargam o espírito, o fluidificam e universalizam.» (Torga 1999: 894).

Todas estas capacidades humanas aparecem n' *Os Lusíadas*.

Riso

Há inúmeras situações de fino humor no Poema, mas pensamos que os mais emblemáticos são protagonizados pelos Doze de Inglaterra, por Veloso e pelos navegadores em geral, na Ilha dos Amores. Qualquer um deles aponta, directa ou indirectamente, para aquilo a que Torga chamaria a «femeeira vocação» lusíada (Torga 1999: 716).

O humor no episódio dos doze de Inglaterra (VI, 44-69) está disperso pela totalidade das estâncias. Pensamos que é impossível lê-las sem um quase constante sorriso (e, acrescente-se, constante espanto) provocado pela forma como Camões descreve o absurdo de um episódio emblemático do espírito medieval.

Veloso, que já se tinha evidenciado no canto V-35, contornando, com humor, uma situação que punha em causa a sua valentia, surge no canto IX-69 como o paradigma da «femeeira vocação»:

Dá Veloso, espantado, um grande grito:

⁵¹ Pensemos na enorme tela a óleo de Salgado Veloso *Vasco da Gama perante o Samorim de Calecute*, que se encontra na Sociedade de Geografia de Lisboa.

“Senhores, caça estranha (disse) é esta!
Se inda dura o Gentio antigo rito,
A Deusas é sagrada esta floresta.
(...) (IX-69)

Sigamos estas Deusas, e vejamos
Se fantásticas são, se verdadeiras.”
Isto dito, *veloces* mais que gamos,
Se lançam a correr pelas ribeiras.
Fugindo as Ninfas vão por entre os ramos,
Mas, mais industriosas que ligeiras,
Pouco e pouco, sorrindo, e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcançando. (IX-70)

Camões, a propósito do amor na Ilha dos Amores.

Oh! Que famintos beijos na floresta,
E que mimoso choro que soava!
Que afagos tão suaves, que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava!
O que mais passam na *menhã* e na sesta,
Que Vénus com prazeres inflamava,
Milhor é esprimentá-lo que julgá-lo;
Mas julgá-o quem não pode *esprimentá-lo*. (IX-83)⁵²

Espanto

O espanto n’Os *Lusíadas* surge sempre que há um encontro com fortes e novas realidades físicas, com os momentos altos da história pátria e com o outro civilizacional, desde que este seja considerado razoavelmente civilizado, o que acontece em relação aos indianos e aos melindanos.

Repare-se nas descrições, já aqui referidas, da Tromba Marítima, do Escorbuto e da Tempestade.

Repare-se, agora, no que ao outro civilizacional diz respeito:

Se o outro civilizacional é apresentado por Camões como superior, o espanto manifestado aproxima-se muito de um estado de êxtase. É o que se passa quando Vasco da Gama narra pormenorizadamente ao rei de Melinde e ao seu séquito a história de Portugal:

Da boca do facundo Capitão
Pendendo estavam todos, *embibidos*,
Quando deu fim à longa narração

⁵² Pense-se no quadro de Malhoa *A Ilha dos Amores*, do Museu Militar de Lisboa.

Dos altos feitos, grandes e subidos. (V-90).

Espanto, também, encontramos quando lemos as descrições da cultura do Malabar. Parece-nos que este espanto (e pensamos essencialmente nas estâncias que citámos em «Os Indianos do Malabar») é consequência não só das grandes diferenças, mas também das diferenças que parecem, de início imensas, mas que com uma análise cuidada e erudita, como a de Camões, revelam, na essência, muitas afinidades, o que é o caso das estrofes 47 e 48 do Canto VII que falam das divindades dos templos hindus e que têm muitas semelhanças com divindades da bacia do Mediterrâneo.

Indignação

Repare-se em IV-44 e III-128 (já citadas) e que revelam, a primeira, a indignação perante a guerra, e a segunda, a indignação perante a condenação à pena de morte.

São também atravessadas por um forte sentimento de indignação todas as citações feitas no ponto 5. (Intelectual que foi «ferozmente livre de espírito e fiel à sua missão.»)

As duas últimas estâncias do Canto VIII, que se referem ao poder do dinheiro, são implacáveis para com militares, amigos, nobres, cientistas, juristas, reis e clérigos. Constituem, muito provavelmente, o momento mais pessimista e preocupante de todo o poema:

Este rende munidas fortalezas;
Faz trédoros e falsos os amigos;
Este a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega Capitães aos inimigos;
Este corrompe virginais purezas,
Sem temer de honra ou fama alguns perigos;
Este deprava às vezes as ciências,
Os juízos cegando e as consciências; (VIII-98)

Este interpreta mais que *sutilmente*
Os textos; este faz e desfaz leis;
Este causa os perjúrios entre a gente
E mil vezes tiranos torna os Reis.
Até os que só a Deus onipotente
Se dedicam, mil vezes ouvireis
Que corrompe este encantador, e ilude;
Mas não sem cor, contudo, de virtude. (VIII-99)

Não são frequentes as referências que Camões faz ao povo. Contudo, sempre que surgem, revelam uma profunda empatia e uma feroz coragem na denúncia dos «principais» que «no bem *pubrico*» não imaginam. (IX-27)

Pera taxar, com mão *rapace* e escassa,
Os trabalhos alheios que não passa. (VII-86)

Vê que aqueles que devem à pobreza
Amor divino, e ao povo, caridade,
Amam somente mandos e riqueza,
Simulando justiça e integridade.
Da feia tirania e de aspereza
Fazem direito e vã severidade.
Lei em favor do Rei se estabelecem;
As em favor do povo só perecem. (IX-28)

IV.7. A Expansão

Camões sintetizou, com não menos rigor do que um rigoroso historiador, mas com mais poesia, as complexas e contraditórias razões da expansão portuguesa:

- Combater os muçulmanos

Este é o primeiro Rei que se desterra
Da Pátria, *por* fazer que o Africano
Conheça, *polas* armas, quanto excede
A Lei de Cristo à Lei de Mafamede. (IV-48)

- Dilatar a Fé e o Império, mesmo que seja necessário devastar

(...)
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando, (I-2)

- A curiosidade científica

«buscar novos climas, novos ares.» (IV-76)

(...)
...descobrimos os mares inimigos
Do quieto descanso, pretenderam
De saber que fim tinham e onde estavam
As derradeiras praias que lavavam. (VIII-70)

- Os interesses económicos

Vimos buscar do Indo a *grão* corrente,
Por onde a Lei divina se *acrecente*. (VII-25)⁵³

⁵³ Ver ainda VII-62, citado quando falámos do encontro de Gama com o Samorim.

V - Revela um intelectual que foi «ferozmente livre de espírito e fiel à sua missão.»

Pensamos que os exemplos que demos para explicitar a indignação camoniana são os que também melhor ilustram a liberdade de espírito de Camões e a fidelidade à sua missão.

VI - É «A Bíblia de todo o português.»

«A Bíblia de todo o português» aponta para a necessidade de conhecer «O como, o quando, e onde as cousas cabem.» E esse conhecimento atinge-se pela experiência. Camões aconselhava a D. Sebastião:

Os mais *esprimentados* levantai-os,
(...) pois que sabem
O como, o quando, e onde as cousas cabem. (X-149).

Mas experiência de quê?

De saber que:

As grandes conquistas nacionais exigem um trabalho longo (frequentemente englobando várias gerações), árduo, perigoso e colectivo:

(...)
Despertai já do sono do ócio ignavo,
Que o ânimo, de livre, faz escravo. (IX-92)

Sabe que há muitos anos que os antigos
Reis nossos firmemente propuseram
De vencer os trabalhos e os perigos
Que sempre às grandes cousas se opuseram; (VIII-70)

(...) descobriram,
Pouco e pouco, caminhos estrangeiros,
Que, uns sucedendo aos outros, prosseguiram. (VIII-72)

Há uma herança de deveres:

... obrigação que lhe ficara
De seus antepassados... (IV-67)

As honras não se herdaram, conquistam-se:

... buscar, com seu forçoso braço,
As honras que ele chame próprias suas; (VI-97)

Tudo tem que ser feito com paixão/coração:

Os olhos lhe ocupou o sono aceito,
Sem lhe desocupar o coração; (IV-68)

Determinam o náutico aparelho,
Para que, com sublime coração,
Vá a gente que mandar cortando os mares,
A buscar novos climas, novos ares. (IV-76)

O esforço, a arte, a ousadia, o engenho, a sabedoria e a determinação/propósito vencem qualquer batalha, mesmo que o inimigo seja a Fortuna, tornando divinos os protagonistas:

(...) esforço e arte
Vencerão a Fortuna e o próprio Marte. (X-42)

(...) com força e saber, que mais importa,
Batalha dá *felice* e soberana. (X-71)

Assi, com firme peito e com tamanho
Propósito vencemos a Fortuna, (VIII-73)

Voar com pensamento a toda a parte,
Adivinhar perigos e evitá-los,
Com militar engenho e subtil arte,
Entender os inimigos, e enganá-los, (VIII-89)

O mundo *cos* varões que esforço e arte
Divinos os fizeram, sendo humanos; (IX-91)

É fundamental viajar:

Se os antigos Filósofos, que andaram
Tantas terras, *por ver* segredos delas,
As maravilhas que eu passei, passaram,
A tão diversos ventos dando as velas,
Que grandes escrituras que deixaram!
Que influência de *sinos* e de estrelas!
Que estranhezas, que grandes qualidades!
E tudo, sem mentir, puras verdades. (V-23)

Sem descanso não há fúria criativa:

Apolo e as Musas, que me acompanharam,
Me dobrarão a fúria concedida,
Enquanto eu tomo alento, descansado,
Por tornar ao trabalho mais folgado. (VII-87)

A libertação da «lei da Morte» atinge-se pela acção:

(...)

...aqueles que por obras *valerosas*

Se vão da lei da Morte libertando: (I-2)

Todos estes mandamentos da «Bíblia de todo o português» aplicam-se, também, aos outros povos. A especificidade de cada povo deve ser procurada através do mandamento que nos diz que **há uma herança de deveres**. E o dever herdado de cada português, segundo Torga, é explorar o que de melhor havia em Camões: aventureiro daquém e dalém mar» e «namorado e poeta.»

Ser, hoje, «namorado e poeta», não exige quaisquer alterações de relevo aos padrões camonianos. Ser «aventureiro daquém e dalém mar» exige uma postura e objectivos substancialmente diferentes. Esta questão, capital para a tese que estamos a desenvolver, será desenvolvida no capítulo «Conclusão e Propostas».

VII - É «um espelho implacável» de todo o português. «...os vícios que o envilecem vão a par com as virtudes que o dignificam.»

Comecemos pelas **VIRTUDES**.

Capacidade de resistir à força centrípeta de Castela

Torga, quando observava Portugal do outro lado da fronteira de Trás-os-Montes, comovia-se com a constatação de que apesar das tão visíveis diferenças económicas os portugueses preferiam a independência. E quando visitou Aljubarrota, a 22-3-1983, escreveu:

Visita compenetrada à capelinha de S. Jorge e ao campo de batalha. De vez em quando faz bem retemperar o patriotismo nos lugares onde ele tem mais legitimidade. E em Portugal não há outro tão significativo como este. Aqui já não foi a ambição do poder que terçou armas. Foi a liberdade que não se deixou vencer por nenhum argumento. (Torga, 1999: 1479)

Não esqueçamos a força e o tempo (trinta e uma estâncias) que Camões dedicou a este tema, mais concretamente à batalha de Aljubarrota.

Capacidade de compreender o mar.

Trata-se de uma capacidade que quase se perdeu e que muito recentemente parece dar sinais de recuperação. Pensemos no pouco aproveitamento económico, cultural e turístico que dele tem sido feito. Torga em nota do Diário de 20-8-85, escrita em S. Pedro de Moel, comenta implacável e magistralmente:

O mar. A matéria prima inesgotável de que somos milionários, que tantos nos invejam, que se nos oferece disponível e prestável à necessidade e à imaginação, que com tanta naturalidade e génio soubemos utilizar, que foi a nossa obsessão e fez a nossa glória, e de que agora apenas nos lembramos raquiticamente de ano a ano. (20-8-85).

Andarilho, pioneiro e bandeirante.

A nação de pouco mais de um milhão de habitantes no século XV e que multiplicou, ao longo de cinco séculos, cerca de duzentas vezes o número de pessoas que falam português, e que construiu na América, em África e na Ásia diversos patrimónios classificados pela UNESCO teve que ser andarilha, pioneira e bandeirante.

Apóstolo.

É impossível não estarmos reconhecidos pela acção humanitária desenvolvida por muitos clérigos, de muitas nacionalidades, em todos os continentes. Torga ficou particularmente marcado pelo padre António Vieira, que aparece, como já vimos, na galeria dos heróis torguianos dos *Poemas Ibéricos* e pelos missionários da missão católica da Huíla. (27-5-1973).⁵⁴

Namorado e poeta.

A enorme energia e qualidade que o fado e a poesia têm na actualidade, é um garante de que Portugal continua a ter recursos humanos talvez tão fortes quanto os que possuía na época de Camões.

⁵⁴ «Aqui jaz... Aqui jaz... Aqui... jaz... E são nomes de todas as nacionalidades (...) inscritos lado a lado em humildes lousas iguais, seguidas de uma inscrição trágica: Falecido com 24 anos, com 45, com 51, com 32... Nomes de homens que vinham ao encontro da morte certa e prematura por conta de Deus e do semelhante. Por conta da fé, da esperança e da caridade.» (Torga 1999b: 1252)

VÍCIOS

Traficante. Pouca capacidade de resistência à sedução pelo dinheiro.

O poderoso tráfico de influências e a grande quantidade de pessoas que não resistem às seduções do dinheiro são severamente condenadas n' *Os Lusíadas*.

Intolerante.

Quando Camões atinge a maioridade já o Santo Ofício de Inquirir estava instalado em Portugal (1536). Camões conheceu de perto o absurdo e o escândalo da Inquisição, tanto na Índia como em Lisboa.

Desinteressado pela cultura.

Nas estâncias 95-97 do canto V Camões refere que o conhecimento do «verso e rima» e da «arte» é indispensável. Todos os grandes chefes militares (Octávio, César e Alexandre) tinham uma enorme devoção pela poesia. Os portugueses eram a exceção:

Enfim, não houve forte Capitão
Que não fosse também douto e ciente,
Da Lácia, Grega ou Bárbara nação,
Senão da Portuguesa tão-somente. (V-97)

VIII - É «Um hino de exaltação nacional.»

Para Torga *Os Lusíadas* foram um hino de exaltação nacional no tempo dos Filipes e no Ultimatum. «Agora, que atravessamos um período crucial da História, é ainda com ele no pensamento que poderemos encontrar ânimo para enfrentar o futuro.» Isto disse o autor do *Diário* em 9-6-87 (p. 1586), mas pensamos que neste momento diria exactamente o mesmo.

(Heróis do mar e heróis da terra)

... eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram. (I-3)

(Os feitos dos portugueses ultrapassam os da antiguidade)

Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta. (I-3)

(...)
A verdade que eu conto, nua e pura,
Vence toda grandiloqua escritura! (V-89)

E Camões, que tinha uma imensa auto-estima assim como um incomensurável culto pela poesia, não estava seguro de que a grandeza da História de Portugal «cabe em verso»:

Que se espalhe e se cante no Universo,
Se tão sublime preço cabe em verso. (I-5)

Portugal - cabeça da Europa

Eis aqui se descobre a nobre Espanha,
Como cabeça ali de Europa toda (III-17)

Eis aqui, quase cume da cabeça
De Europa toda, o Reino Lusitano,
Onde a terra se acaba e o mar começa
E onde Febo repousa no Oceano. (III-20)

Somos aqui tentados a olhar para a Europa como Pessoa e Torga olharam:

A Europa jaz, posta nos cotovelos:
De Oriente a Ocidente jaz, fitando,
(...)
Fita com olhar esfíngico e fatal,
O Ocidente, futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal. («O Dos Castelos», *Mensagem*)

Uma antena de Europa a receber
A voz do longe que lhe quer falar... («Ibéria», *Poemas Ibéricos*)

Voltando a Camões, podemos afirmar que para ele (e o mesmo podemos afirmar em relação a Pessoa e a Torga), Portugal é a parte mais nobre do mais nobre continente («Vês Europa Cristã, mais alta e clara / Que as outras em pólicia e fortaleza.» (VIII-92).

A descoberta do mar e de novas partes do mundo (incluindo o hemisfério sul, («novo Hemisperio»), onde toda a navegação não costeira obrigava a uma reaprendizagem da navegação astronómica.

(O pioneirismo)

Assi fomos abrindo aqueles mares,
Que *geração alguma* não abriu, (V-4)

Já descoberto tínhamos diante,
Lá no novo *Hemisperio*, nova estrela,
Não vista de outra gente, (V-14)

Por mares nunca dantes navegados (I-1)

Por vias nunca usadas... (I-27)

No largo mar fazendo novas vias, (V-66)

Por mares nunca doutro lenho arados, (VII-30)

(O trabalho realizado em equipa e por diversas gerações)

(...) descobriram
Pouco e pouco, caminhos estrangeiros,
Que, uns sucedendo aos outros, prosseguiram. (VIII-72)

(O trabalho realizado em função dos outros)

Novos mundos ao mundo irão mostrando. (II-45)

O 5º Império.

Portugal nasce com a benção de Cristo que se mostrou ao rei fundador da nacionalidade antes da Batalha de Ourique (ver III-45)

Vede-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a vitória já passada,
Na qual vos deu por armas e deixou
As que Ele *pera* Si na Cruz tomou; (I-7)

(Portugal é a Nação eleita por Cristo)

Vós, tenro e novo ramo *florecente*,
De *hua* árvore, de Cristo mais amada
Que *nenhua* nascida no Ocidente, (I-7)

(A nação escolhida por Deus necessita um rei também escolhido por Ele)

E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade,
E não menos certíssima esperança
De aumento da pequena Cristandade,
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,
Para do mundo a Deus dar parte grande. (I-6)

IX - Indica aos portugueses “Um futuro que não será de ocupação, mas de comunhão.»

Não concordamos totalmente com Torga. Camões acredita que é possível dialogar com outros povos de outros credos, mais ainda, acredita que é possível ter relações de amizade (como acontece com os muçulmanos de Melinde), mas o seu grande objectivo é o de ajudar a criar o que António Vieira viria a chamar o 5º Império.

X - «Significação universal (...) a mais actual e objectiva epopeia de quantas se conhecem».

As observações e reflexões sobre diversos povos africanos e asiáticos, a par com constantes referências às diversas fases da civilização europeia, *planetarizaram* «pela primeira vez o espírito» (Torga, 1999: 1581). Essas descrições e reflexões do autor *d’Os Lusíadas* sobre povos aparentemente possuidores de padrões culturais radicalmente opostos, permitiram encontrar afinidades de valores religiosos, sociais, económicos e lúdicos e assim ter-se-á chegado àquilo a que Torga chamou o *arredondamento da* «concepção do mundo» (Torga, 1999: 1580), e o homem tornou-se «finalmente, não mais um admirador limitado, mas um interrogador ilimitado.» (Torga, 1999: 1580).

A epopeia camonianiana tem ainda, sobre todas as anteriores, a superioridade de não cantar semi-deuses: «pinta indivíduos que actuam por conta própria. Seres vivos, psicologicamente matizados, a braços com o seu destino singular, que assumem no corpo e na alma as consequências das façanhas que empreendem. Travam lutas incertas, temem, hesitam.» (Torga, 1999: 1581-2)

Compreende-se melhor esta afirmação de Torga, se tivermos em consideração a descrição que Vasco da Gama faz ao rei de Melinde do seu estado de espírito, no momento da partida de Belém:

(...)
Certifico-te, ó Rei, que, se contemplo
Como fui destas praias apartado,
Cheio dentro de dúvida e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio. (IV-87)

XI - Imortaliza a mais alta hora da História.

É raro Torga referir-se aos Descobrimentos em termos tão fortes. Concretamente, diz-nos: «Não conheço outra [hora] que se lhe compare, na magnitude e nas consequências.» (Torga, 1999: 1582). Mas não é raro sentirmos que o autor de *Portugal* olha para os Descobrimentos com não menos deslumbramento do que o autor *d’Os*

Lusíadas ou o de *Mensagem*. E Torga despe-se do seu frequente narcisismo com a constatação de que essa hora máxima da Humanidade foi cantada por um português – Luís Vaz de Camões.

XII - Antevê «a harmonia futura» do mundo.

Antes de entrarmos propriamente nesta questão, parece-nos oportuno olharmos para a visão que o europeu Camões tinha do seu continente.

Camões vive numa época de eurocentrismo e é um profundo conhecedor da cultura europeia. Não admira, pois, que se refira ao seu continente nos seguintes termos: «...soberba Europa...» (II-80 e III-6); «Vês Europa Cristã, mais alta e clara/ Que as outras em polícia e fortaleza.» (VIII-92).

Em relação a Roma admirava o «valor antigo» (VII-8), mas acusava a actualidade por graves vícios: «ócio», «tirania» e guerra entre as Repúblicas (ver VII-8).

A Grécia é retratada com seis sublimes versos:

E vós também, ó terras, excelentes
Nos costumes, engenhos e ousadia,
Que criastes os peitos eloquentes
E os juízos de alta fantasia
Com quem tu, clara Grécia, o Céu penetras
(E não menos por armas, que por letras). (III-13)

A Espanha

A estância 17 do canto III demonstra bem a enorme admiração que Camões tinha pela Ibéria: «nobre Espanha; «cabeça» (...) de Europa toda»; «nunca poderá (...) a Fortuna inquieta pôr-lhe *noda*,/ Que lha não tire o esforço e ousadia/ Dos belicosos peitos que em si cria.»

Embora Portugal fosse, para Camões, a nação mais nobre da «nobre Espanha» a sua admiração/paixão pelas outras nações ibéricas é ilimitada, mesmo por Castela (e aqui a sua posição diverge muito da de Torga, o qual tinha várias reservas em relação a Castela).

Sobre as diversas nações ibéricas diz-nos.

Com nações diferentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano,
Todas de tal nobreza e tal valor,
Que qualquer delas cuida que é *milhor*. (III-18)

E sobre Castela, em concreto escreve:

... o grande e raro
Castelhano, a quem fez o seu Planeta
Restituídor de Espanha e senhor dela; (III-19)

O resto da Cristandade

A forte faceta do Camões fiel ao espírito do Concílio de Trento (1545-63) leva-o a condenar implacavelmente todas as nações da Cristandade que não seguiam os passos das nações ibéricas, muito em especial os de Portugal.

Da Alemanha, diz-nos que em vez de lutar contra «o *superbissimo* Otomano» só tem como preocupação «sair do jugo soberano». (VII-4)⁵⁵

Os ingleses, com o anglicanismo, afastam-se da Santa Sé e não se esforçam por reconquistar a «velha e santíssima Cidade» (Jerusalém), cidade da qual se consideravam soberanos desde Ricardo *Coração de Leão*. (ver VII-5).

Quanto a Francisco I de França, considera-o um «indigno» herdeiro de Carlos Magno e de Luís IX (S. Luís), porque se aliou ao Império otomano numa liga militar e comercial contra Carlos V. (ver VII-6)

Será, pois, para Camões, uma Europa liderada pelas nações Ibéricas (onde Portugal tem, como já vimos, um lugar de destaque), que poderá contribuir para a «harmonia futura» do mundo.

O caminho a seguir poderá encontrar um excelente guia em Camões.

Pensamos que o que ele nos indica, com duas excepções muito importantes (considerar o cristianismo/catolicismo uma verdade absoluta e o absolutismo régio um regime politicamente perfeito), tem todas as condições para obter um consenso universal.

Passamos a enumerar aqueles que consideramos serem os principais conselhos camonianos, isto é, as suas respostas às perguntas do mundo:

- **Acreditar no triunfo final da justiça:**

(...)
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa, o mundo está guardando
O prémio lá no fim, bem merecido,
Com fama grande e nome alto e subido. (IX-88)

⁵⁵ Trata-se de uma referência à revolta contra o imperador do Sacro Império Romano-Germânico, Carlos V, que pretendia manter o catolicismo na terra de Lutero.

- **Acreditar no triunfo dos sentidos**, que Camões nos apresenta na Ilha dos Amores. Aqui, o Poeta acredita no triunfo da Humanidade através do Amor que, privilegiando, de início, o sensual, acaba por atingir o espiritual:

Enfim, com mil deleites não vulgares,
Os esperem as Ninfas amorosas,
De amor feridas, *pera lhe* entregarem
Quanto delas os olhos cobiçarem. (IX-41)

Quero que haja no reino Neptunino
Onde eu nasci, progénie forte e bela,
E tome exemplo o mundo vil, *malino*,
Que contra tua potência se *revela*,
Por que entendam que muro adamantino
Nem triste *hypocresia val* contra ela.
Mal haverá na terra quem se guarde,
Se teu fogo imortal nas águas arde. (IX-42)

- **Acreditar nas capacidades humanas.**

O Velho do Restelo poderá (e deverá) continuar a criticar a vaidade e a sede insaciável do poder e discordar de táticas seguidas, mas não poderá, de forma alguma, opor-se às grandes ousadias daqueles que em qualquer época ou qualquer região queiram «por obras valorosas» libertarem-se «da lei da morte.»

- **Acreditar na Poesia.**

Já vimos a importância que Camões atribuía à poesia quando comentámos a estrofe 97 do Canto V.

Heróis/Mitos Camonianos

A existência de heróis é vital para a vida e para a obra de Camões e de Torga. Camões escreve a sua obra maior em função de todos aqueles que «Se vão da lei da morte libertando», e Torga inspira-se nos seus heróis para escrever alguns dos mais importantes livros de toda a sua vastíssima obra: *Contos da Montanha*, *Novos Contos da Montanha* e *Poemas Ibéricos*.

A decantação, com imaginação ardente e genialidade dos seus heróis, foi um dos mais fascinantes legados que estes génios da língua portuguesa nos deixaram.

Não é, certamente, exagero afirmar que tanto Camões como Torga se viam, eles próprios, como destacados elementos das suas galerias de heróis.

Já fizemos, quando falámos da Casa-Museu Miguel Torga, um retrato do auto-retrato torguiano.

Quanto a Camões, podemos afirmar que ele se sentia à altura de contar (e cantar) a História de Portugal. O autor d'*Os Lusíadas* não precisa de mais de uma estância para nos apresentar o seu auto-retrato: é um homem de «honesto estudo», «esperiencia» e «engenho», « cousas que juntas se acham raramente.» (X-154). Sendo assim, compreende-se que considerasse que D. Sebastião, ao contrário de Alexandre Magno, não tinha motivos para invejar Aquiles, que teve Homero para enaltecer os seus actos.

Camões e Torga tiveram como uma das suas maiores paixões/obsessões a causa nacional. E ambos nos apontam magistralmente o caminho para chegar à pátria.

A Cultura e a Ética (que comporta uma forte carga epicurista) seriam para Camões e para Torga caminhos fundamentais a percorrer (e, para o autor d'*Os Lusíadas*, a religião católica era um terceiro caminho incontornável).

A relação com o todo Ibérico e a postura perante as viagens e o descanso também encontram enormes afinidades entre estes génios nacionais.

A erudição é fundamental para qualquer pessoa, seja qual for a sua actividade. Mas Camões (tal como Torga) não se ficava pelo conhecimento livresco. Repare-se que entre os grandes escritores europeus seus contemporâneos (Shakespeare, Rabelais e Cervantes), o nosso poeta é o único a ir conhecer as realidades do hemisfério sul e do oriente.

E terminamos esta reflexão sobre Luís de Camões visto por Miguel Torga com uma pergunta. Se Adolfo Rocha tivesse adoptado o seu pseudónimo depois de mudar de opinião sobre o valor da obra de Camões, não teria escolhido como nome próprio - Luís Miguel?

4.9.3. MIGUEL TORGA E FERNANDO PESSOA

Pessoa sabia: a língua é uma pátria.
(Torga, 1999: 1094)

*Rosa dos ventos com antenas em todas as direcções, a sua pena é uma agulha de
sismógrafo, sensível e científica.*
(Torga, 1969: 95)

Fernando Pessoa

(...)

*Foi o vidente filho universal
Dum futuro-presente Portugal,
Outra vez trovador e argonauta.*
(Torga, 1995a: 67)

(...)

*Sou o Descobridor da Natureza.
Sou o Argonauta das sensações verdadeiras
Trago ao Universo um novo Universo
Porque trago ao Universo ele-próprio.»*
(Pessoa, 1972: 226)

Tanto Pessoa como Torga se consideravam poetas eleitos. Ambos se posicionam ao lado, senão mesmo à frente, dos heróis dos seus livros. António Quadros, no seu erudito e pertinente ensaio sobre *Mensagem (Mensagem e outros Poemas Afins)*, sugere que quando Pessoa decompôs, numa folha solta, encontrada no espólio, a palavra MENSAGEM em MEAM e GENS queria dizer «eis aqui a minha gente ou a gente a que eu pertenço.» (in Quadros, 1990: 122)

Vejamos, com um exemplo para cada um dos poetas, o que eles pensavam de eles próprios:

Gládio (Fernando Pessoa)

Deu-me Deus o seu gládio, porque eu faça
A sua santa guerra.
Sagrou-me seu em génio e em desgraça,
(...)
E eu vou, e a luz do gládio erguido dá
Em minha face calma.
Cheio de Deus, não temo o que virá,
Pois, venha o que vier, nunca será
Maior do que a minha alma. (Quadros, 1990: 171)

Catequese (Miguel Torga)
Reza comigo, se te queres salvar.
Deus é pura poesia,
(...)
Reza comigo, a ler-me e a memorar
Os versos que mais possam alargar
O teu entendimento
De ti, do mundo e do negro inferno
De cada hora.
Purificada neles, terás então
No coração
A paz aliviada que te falta agora. (Torga, 1999: 1739)

Pessoa não coloca Camões na galeria dos seus heróis de *Mensagem*. Sabemos que nutria uma enorme admiração por ele, mas como poeta lírico, não como épico. É sobejamente conhecido, mas sempre importante recordar, o estudo astrológico que Pessoa fez e que o levou à conclusão de que a 13 de Junho de 1888 tinha nascido o supra-Camões, isto é, ele próprio. De facto o autor de *Mensagem* considerava o seu gládio divino, podendo, assim, ir mais longe do que o autor d'*Os Lusíadas*.

Já vimos que Torga, até cerca de 1950, não nutria uma particular admiração por Camões. Mas, como vimos no capítulo sobre Camões, a sua posição mudou radicalmente.

Analiseemos agora o pensamento de Torga sobre Pessoa:

Clara Rocha conta-nos que o jovem Adolfo Rocha reagiu «em termos bastante acres» (Rocha, 2000: 54) à crítica que Pessoa fez ao livro *Rampa*. Mas passado este episódio, a admiração de Torga pelo poeta dos heterónimos foi sempre imensa.

Pessoa morre cinco anos depois deste relacionamento crispado. Torga encontrava-se em Vila Nova de Miranda do Corvo, freguesia onde exercia medicina. Ao receber a notícia (três dias depois da morte!) reage da seguinte forma:

Mal acabei de ler a notícia no jornal, fechei a porta do consultório e meti-me pelos montes a cabo. Fui chorar com os pinheiros e com as fragas a morte do nosso maior poeta de hoje, que Portugal viu passar num caixão para a eternidade sem ao menos perguntar quem era. (Torga, 1999: 37)

Sabemos, através de nota que antecede o índice de *Alguns Poemas Ibéricos*, que «Quase todos os poemas deste livro foram escritos em 1935 e 1936». Sabemos também, porque Torga nos diz em *A Criação do Mundo* e no *Diário*, que neste período da sua vida os

acontecimentos político-militares de Espanha estavam sempre presentes no seu espírito. E, embora o autor não o diga, é inverosímil que os poemas de *Mensagem*, livro publicado em 1 de Dezembro de 1934, não tenham também constituído uma quotidiana reflexão de Torga.

Entre 1935 e 1987 Torga refere-se a Pessoa em 22 entradas do *Diário*⁵⁶; numa breve, mas muito importante passagem de *Fogo Preso* (p.108); no ensaio «Panorama da Literatura Portuguesa» (in *Traço de União*, p. 95); e dedica-lhe um poema em *Poemas Ibéricos*.

Os temas mais importantes relacionam-se com o valor da vida, com a loucura, com a poesia, com o convívio mental, com a língua e com a postura perante os Descobrimentos e a Pátria. E nos bastidores de muitos dos textos torquianos sente-se a presença de Pessoa/Alberto Caeiro em três temas de importância absoluta: infância, natureza e religião.

Em 10-1-49, o autor de *Diário* escreve: – «Tudo vale a pena, se a alma não é pequena – disse o Poeta. É do mais belo que se escreveu em todos os tempos.»

Torga escreve isto num momento de profunda descrença em Portugal, na humanidade, mas também, e principalmente, nele próprio. «O ditador de cada um de nós vive em nós», escreveu no *Diário*, também a 10-1-1949. Considerava, nessa mesma nota «o grito» de Pessoa («Tudo vale a pena, se a alma não é pequena») «o último de um mundo que esperava que os seus valores se salvassem do terramoto que os abanava. E não se salvaram.»

Esta angústia do poeta, que rejeitava visceralmente a possibilidade de perder a esperança, explica a sua admiração pela loucura. Ele disponibilizou-se para herdar a loucura de Pessoa/D. Sebastião: «Minha loucura, outros que me a tomem» (Pessoa 1972: 76).

Noutra nota do *Diário* (26-9-1949) refere-se explicitamente à loucura de Pessoa nestes termos: «A nossa poesia não tem loucos. (...) Só Gomes Leal se desbordou, mas sem

⁵⁶ 3-12-1935; 7-9-1947; 10-6-1948; 21-9-1948; 26-9-1949; 14-5-1950; 9-8-1950; 11-10-1950; 11-12-1950; 26-11-1952; 26-4-1953; 11-7-1962; 11-6-1966; 14-11-1966; 12-9-1967; 2-5-1972; 1-8-1976; 6-6-1977; 22-5-1979; 30-11-1983; 20-8-1984; 24-11-1987.

grandeza. Por isso o superlúcido Pessoa, através de Walt Whitman, veio mergulhar neste brumoso inglês as raízes ávidas de cósmico e de inorganizado.»⁵⁷

Com Torga a nossa poesia passa a ter um segundo louco, (aliás, um terceiro) lúcido e com grandeza. Dizemos terceiro porque, na realidade Torga considerava que Camões também possuía essa virtude: «Foste louco a cantar e louco a combater.» (Torga 1995a: 54).

Noutros pontos do nosso trabalho já comentámos a importância da loucura para Torga. Importa, neste momento, recordar o que nos diz no poema «Lamento» escrito em Setembro de 1975, altura em que estava perplexo e indignado com a desorientação da nação. Neste poema, Torga quer colocar-se «na gávea da loucura» para procurar «um caminho português.» (Torga, 1999: 1311)

Outra questão de particular importância, quanto ao pensamento de Torga sobre Pessoa, prende-se com a língua. O autor de *Pedras Lavradas* também pensava que «a língua é uma pátria.» (Torga, 1999: 1094) principalmente quando se exprime através da poesia, pois «são os poetas que melhor sabem exprimir a nossa realidade telúrica e humana.» (Torga, 1999: 534). E, nesta mesma entrada do *Diário*, fundamenta a sua afirmação recorrendo a variadíssimos exemplos: «Meia dúzia de Cantigas de Amigo, pedaços do Cancioneiro Geral, composições de Camões, Diogo Bernardes, Cesário, António Nobre e Junqueiro.(...) ou mesmo certos poemas de Pessoa».

Um dos graves problemas que Torga aponta à cultura portuguesa está no facto de termos (ou termos tido, seria mais correcto dizer) pouco convívio mental. Mas Pessoa, «Rosa dos ventos com antenas em todas as direcções» (Torga, 1969: 95), é mais uma vez apontado como uma excepção.

Para sintetizar o pensamento de Torga sobre Fernando Pessoa podemos, inspirados no último verso do poema «Fernando Pessoa» de *Poemas Ibéricos*, dizer que com Pessoa Portugal volta a ser «trovador e argonauta», o que não é muito diferente, e cremos que

⁵⁷ Pessoa, Álvaro de Campos, escreve em *Saudação a Walt Whitman*:
(...) Não sou indigno de ti, bem o sabes, Walt,
Não sou indigno de ti, basta saudar-te para o não ser...
(...)
E conforme tu sentiste tudo, sinto tudo, e cá estamos de mãos dadas,
De mãos dadas, Walt, de mãos dadas, dançando o universo na alma.
(...)
(Pessoa, 1972: 336)

não é menos importante, do que, no mesmo livro, Torga disse sobre Camões: «Chamar-te génio é justo, mas é pouco./ Chamar-te herói, é dar-te um só poder./ Poeta dum império que era louco,/ Foste louco a cantar e louco a combater.»

Camões e Pessoa são, de facto, as maiores referências literárias nacionais de Miguel Torga.

Sendo a veneração de Torga por Pessoa imensa, como acabámos de constatar, não admira que existam múltiplas afinidades entre os dois poetas.

Teresa Rita Lopes, em *Miguel Torga – Ofícios a um “Deus de Terra”*, capítulo «Torga e Pessoa», aponta as seguintes: nacionalismo cosmopolita; indignação contra a subserviência em relação à cultura francesa; luta contra todos os tiranos e todas as formas de opressão, sendo a pior a Finança Internacional; a busca de quem somos; exaltação de valores que nos sirvam de farol; a recusa do catolicismo tal como é praticado; uma postura neopagã muito forte (que se revela em Pessoa através de Alberto Caeiro). (ver Lopes, 1993: 81-92)

Concordamos com a professora, mas consideramos que há mais afinidades:

Ricardo Reis, com a sua cultura helénica, também terá influenciado Torga. Repare-se na posição de Miguel Torga em relação à cultura grega, bem explícita numa nota do *Diário* (já citada neste trabalho) depois de uma viagem à Grécia: «E nada, ninguém, nem o tempo, nem a força, poderão despojar-me agora desse instante, que foi o encontro da beleza, da verdade e da paz. Levo a fonte comigo.» (Torga, 1999 :721) . E os versos de Reis - «Para ser grande, sê inteiro: nada/Teu exagera ou exclui./ Sê todo em cada coisa. Põe quanto és/ No mínimo que fazes.» (Pessoa, 1972: 289), - não podem ter deixado de impressionar fortemente Torga. Pensamos na sua afirmação - «A querer imitar e suplantar o alheio, apenas se consegue diminuir o próprio. Grande, só a multiplicação incansável do autêntico.» (Torga, 1986a: 66). E pensamos, também, numa conversa que tivemos com Maria da Conceição Morais Sarmiento, que nos contou que o escritor se entregava totalmente a tudo o que fazia; mesmo quando jogava às cartas, estava sempre totalmente concentrado, zangando-se com os parceiros que não procediam de igual modo.

A posição, em relação ao dever é a mesma: Pessoa trabalha toda a sua vida para alargar a consciência da humanidade e para poder dizer, no fim de *Mensagem*, «Valete,

Frates.». Tal como «D. Duarte, Rei de Portugal» («Cumpro contra o destino o meu dever./ Inutilmente? Não, porque o cumpro.»), Pessoa quis cumprir quotidianamente o seu dever. Como já referimos noutra passagem deste trabalho, Carlos Fernandes Maia, no livro *A Dimensão Ética e Educativa na Obra de Miguel Torga*, diz, em sub-título do livro, que o escritor é «Um poeta do dever». De facto, toda a obra (e vida) torguiana é atravessada pela constante preocupação de cumprir o dever. No poema «Nihil Sibi» (Nada para Si), do livro com o mesmo nome, o autor diz-nos:

O Poeta é uma fonte:
Nada reserva para a sua sede;
Canta também a dar-se,
E não dorme, nem pára. (Torga, 1975: 9)

Por conseguinte, o «Poeta» Torga podia estar relativamente tranquilo quando recordava (e isto acontecia sempre no início de cada *Diário*) a afirmação de Amiel: «Chaque jour nous laissons une partie de nous-mêmes en chemin.»

Outra afinidade tem a ver com os destinatários dos valores que Pessoa e Torga exaltam. Eles, os destinatários, não são somente os portugueses, mas também os estrangeiros. Se alguns valores pessoanos e torguianos são eminentemente nacionais, outros, os mais importantes, são profundamente universais.

Também, como diz Teresa Rita Lopes (e como nós próprios já dissemos), Pessoa e Torga consideram-se «cidadãos» da língua portuguesa. Mas há que discordar da autora de *Miguel Torga – Ofícios a um “Deus de Terra”* quando diz que Torga sentia a língua portuguesa como uma «língua de cavadores». (Lopes, 1993: 88). Afirmações deste teor surgem, é certo, mas nos primeiros *Diários*. Em 6-6-1977 o escritor regista: «É o português uma velhíssima e nobre língua...»; e, mais concludente ainda, afirmou, aquando da cerimónia em que foi galardoado com o prémio Camões, «que manejava uma língua dúctil, maleável, de virtualidades infindas, que em todas as latitudes e longitudes se dá bem (...) nenhum purismo lhe tolhe a aptidão planetária.» (Torga, 1999:1661)

Apesar de Pessoa e Torga terem frequentado muitas tertúlias literárias, temos que afirmar que ambos (e, no caso de Pessoa, os seus heterónimos também) eram autodidactas.

Os heróis pessoanos e torguianos encontram-se essencialmente na *Mensagem* e nos *Poemas Ibéricos*. Sacadura Cabral, para Pessoa, e D. Dinis e Diogo Cão, para Torga,

são excepções. Segundo António Quadros, é provável que Pessoa tencionasse colocar o poema «Sacadura Cabral» em *Mensagem*, mas abandonou essa ideia porque queria que houvesse um grande distanciamento temporal entre o livro e os seus heróis (ver Quadros, 1990: 193). Quanto à não inclusão de D. Dinis e Diogo Cão em *Poemas Ibéricos*, desconhecemos o motivo. O rei poeta surge no *Diário* a 2 de Novembro de 1969 e a 21 de Novembro de 1984 e Diogo Cão, também no *Diário*, a 23 de Maio de 1973. Todas estas datas são posteriores à da 1ª edição de *Poemas Ibéricos* (1965), mas houve novas edições, e nelas Torga poderia ter incluído estes dois heróis.

É também estranho (e oportuno recordar aqui) que Torga nunca se tenha preocupado em escrever sobre Sacadura Cabral e Gago Coutinho, heróis que não podia deixar de admirar. A travessia do Atlântico levada a cabo pelos dois aviadores constitui, porventura, o último feito nacional de projecção internacional. Conhece-se bem a euforia da comunidade portuguesa do Brasil quando em 1922, (época em que Torga vivia no Brasil), viu os seus conterrâneos chegarem a várias terras do litoral brasileiro. E é também bem conhecido o profundo amor de Torga pelo Brasil.

Estas obras (*Mensagem* e *Poemas Ibéricos*) foram, certamente, para os autores, das mais importantes que escreveram. É sobejamente conhecido o envolvimento de ambos os poetas com Portugal. E terá ainda existido uma emulação de ambos com Camões e de Torga com o «supra-Camões».

O pequeno-gigante livro *Mensagem* demorou 21 anos a realizar-se – de 1913 (com o poema «Gládio», que iria surgir no livro, após ligeiras alterações, com o título D. Fernando, Infante de Portugal) a 1934 («Viriato», «D. Dinis», «D. João o primeiro», «D. Pedro, Regente de Portugal», «Os Colombos», «O Desejado», «As Ilhas Afortunadas», «O Encoberto», «Tormenta» e «Calma»). E a gestação de *Poemas Ibéricos* demorou 29 anos; começou em 1935 (ano da morte de Pessoa); em 1952 é publicado o livro *Alguns Poemas Ibéricos* e só em 1965 surge a primeira edição de *Poemas Ibéricos*.

Entre as muitas referências que poderiam ser aqui evocadas quanto à transcendente importância que os poetas atribuíam aos heróis/mitos, seleccionámos uma para cada um deles:

- «O mito é o nada que é tudo.» (Pessoa: Ulisses, in *Mensagem*)

- «Que falta fazem os mitos, afinal!» (Torga: *Diário*, p.1322)⁵⁸

A leitura destas duas obras (*Mensagem* e *Poemas Ibéricos*) levanta inúmeras questões. Eis as que propomos, e às quais daremos as nossas respostas no capítulo «Conclusão e Propostas», inspirados essencialmente em Torga, porque só então teremos «O como, o quando e onde» (Camões, 1996: 354) as respostas cabem:

- Como interpretar a divisa em latim de *Mensagem* «Bellum Sine Bello»?
- Quem são os «novos infiéis»? (*Mensagem*, «D. Afonso Henriques»)
- Pode (e deve) um político ser poeta?
- O que é ser-se patriota?
- O que é necessário para «chegar à Índia», caso concordemos com Torga, quando afirmava: «Chegar à Índia ou não/ É um íntimo desígnio da vontade. (...) O próprio génio pode estar ausente/ Da façanha»? («Vasco da Gama», in *Poemas Ibéricos*)
- O que significa (e o que é necessário para) «Já sem cota de malha, combater/ Por outro Reino e por outro Rei!»? («Nun' Álvares» in *Poemas Ibéricos*)
- Como entrosar e potenciar *Os Lusíadas*, *Mensagem* e a mensagem torguiana sobre Portugal, em termos de turismo cultural?
- O que falta ser feito para «cumprir-se Portugal!»? («O Infante», in *Mensagem*)
- «Em que rosa-dos-ventos há um caminho/ Português?» («Lamento», in *Diário* p. 1311)

Num discurso que proferiu em 1975, Torga afirmou: «Portugal há muito que parou à beira da hora que o autor da *Mensagem* anunciou, e que agora poderá ser cumprida.» (Torga, 1989:108)

É óbvio que a «hora» não foi cumprida em 1975, como aliás Torga repetidamente constatou. E seria de uma grande ingenuidade pensarmos que agora poderá ser cumprida na totalidade. Contudo já não será ingenuidade acreditar, e exigir, que seja parcialmente cumprida.

⁵⁸ No sub-capítulo sobre Camões já demos este exemplo. Repetimo-lo aqui porque nos parece que o seu valor justifica a repetição.

Torga e os heterónimos Alberto Caeiro⁵⁹, Álvaro de Campos e Ricardo Reis

É para nós um mistério o facto de Torga só citar Pessoa como autor de *Mensagem*, quando o Pessoa/Alberto Caeiro foi para Torga um dos seus principais mestres.

O poeta da Montanha continuou de uma forma mais larga e talvez não menos profunda o trabalho de Caeiro como mitificador da infância e como «Descobridor da Natureza [e] Argonauta das sensações verdadeiras» (Pessoa, 1972: 226).

Já abordámos a questão da infância na obra torguiana quando falámos sobre o Natal e sobre a filha do poeta. Alberto Caeiro, com *O Guardador de Rebanhos*, terá certamente, ajudado Torga a sentir um crescente fascínio pela infância, principalmente quando nos fala de Jesus Cristo «outra vez menino» (Pessoa, 1972: 209). É sobre este «menino» que Caeiro diz: «A mim ensinou-me tudo.» (Pessoa, 1972: 210), isto é, ensinou-lhe a ser poeta e a achar que «tudo vale a pena» (Pessoa, 1972: 211), inclusive morrer, porque é possível morrer sonhando e brincando.

(...)
E é porque ele anda sempre comigo que eu sou poeta sempre,
(...)
A Criança Nova que habita onde vivo
Dá-me uma mão a mim
E a outra a tudo que existe
E assim vamos os três pelo caminho que houver,
Saltando e cantando e rindo
E gozando o nosso segredo comum
Que é o de saber por toda a parte
Que não há mistério no mundo
E que tudo vale a pena.

Quando eu morrer, filhinho,
Seja eu a criança, o mais pequeno.
(...)
E conta-me histórias, caso eu acorde,
Para eu tornar a adormecer.
E dá-me sonhos teus para eu brincar
Até que nasça qualquer dia
Que tu sabes qual é. (Pessoa, 1972: 211-212)

⁵⁹ Quando falamos de Alberto Caeiro (e da criação dos heterónimos) é sempre importante termos presente o que Pessoa disse em carta a Adolfo Casais Monteiro (13-1-1935): «foi em 8 de Março de 1914 – (...) escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida (...) Abri com um título, *O Guardador de Rebanhos*. E o que seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre.» (Lancastre 1985: 10)

Caeiro, como já dissemos, para além de mitificar a infância também mitifica a natureza (certamente, com total regozijo do seu discípulo Torga):

Mas se Deus é as flores e as árvores
E os montes e sol e o luar,
Então acredito nele,
Então acredito nele a toda a hora,
E a minha vida é toda uma oração e uma missa,
E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos. (Pessoa, 1972: 207-8)

E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca. (Pessoa, 1972: 212)

Sou o Descobridor da Natureza.
Sou o Argonauta das sensações verdadeiras
Trago ao Universo um novo Universo
Porque trago ao Universo ele-próprio. (Pessoa, 1972: 226)

Em Poemas «Inconjuntos» Alberto Caeiro diz «(...) fui o único poeta da Natureza. (Pessoa, 1972: 237). Pensamos que a partir de Torga deixou de ter essa exclusividade.

Álvaro de Campos

A «**Ode Marítima**» (de Álvaro de Campos), parece-nos que só foi possível graças à especificidade dos Descobrimientos, aos ensinamentos dos mestres Alberto Caeiro e Walt Whitman, e a antigos e profundíssimos sentimentos de Pessoa.

«Ah, todo o cais é uma saudade de pedra!» (Pessoa, 1972: 315). Foi isto que, certamente o jovem Adolfo Rocha sentiu quando, sozinho e passageiro de terceira classe, partiu, por tempo indeterminado, do cais de Lisboa para o Brasil.

Também nos parece que o jovem estudante de medicina que, com os seus colegas da *presença*, queria transformar o Fado⁶⁰, teria gostado de escrever:

Ter a audácia ao vento dos panos das velas!
Ser, como as gáveas altas, o assobio dos ventos!
A velha guitarra do Fado dos mares cheios de perigos,
Canção para navegadores ouvirem e não repetirem! (Pessoa, 1972: 323)

⁶⁰ «Mas no próprio fado se procurava encontrar o lado solar, a pureza expressiva, num repúdio sadio de sentimentalidades chulas e langores turísticos. Queríamos ser a autenticidade dum Portugal local, que desejávamos tornar universal.» (Torga, 1970: 84)

Já numa idade bem madura, o autor dos poemas «A Largada», «Tormenta», «O Infante», «Vasco da Gama», «Fernão de Magalhães» e «Portugal», também podia dizer com Campos:

Quero ir convosco, quero ir convosco,
(...)
Quero encontrar vossos perigos frente a frente,
Sentir na m' nha cara os ventos que engelharam as vossas,
Cuspir dos lábios o sal dos mares que beijaram os vossos,
Ter braços na vossa faina, partilhar das vossas tormentas,
Chegar com vós, enfim, a extraordinários portos! (Pessoa, 1972: 322)

Todos os mares, todos os estreitos, todas as baías, todos os golfos,
Queria apertá-los ao peito, senti-los bem e morrer! (Pessoa, 1972: 318)

Ah, seja como for, seja por onde for, partir!
Largar por aí fora, pelas ondas, pelo perigo, pelo mar,
Ir para Longe, ir para Fora, para a distância Abstrata,
(...) (Pessoa, 1972: 320)

A «**Ode Triunfal**» escrita no «dia triunfal (...) sem interrupção nem emenda» (Lancastre, 1985: 10-11) parece-nos que só foi possível graças à inspiração desse dia único (8-3-1914) do jovem poeta, à influência do seu mestre Caeiro e, obviamente, ao contexto histórico que se vivia no país onde estudou Álvaro de Campos (Reino Unido). O cidadão Campos é de facto um discípulo, embora totalmente autónomo, de Alberto Caeiro. Repare-se:

Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
De vos ouvir demasiadamente de perto,
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso
De expressão de todas as minhas sensações.
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!
(...)
Em febre e olhando os motores como uma Natureza tropical
Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força –
(...)
Como eu vos amo de todas as maneiras,
Com os olhos e com os ouvidos e com o olfato
E com o tato (o que palpar-vos representa para mim!)
E com a inteligência como uma antena que fazeis vibrar!
Ah, como todos os meus sentidos têm cio de vós! (Pessoa, 1972: 306, 308)

«Ode Triunfal» termina com um verso que, mais do que definir Álvaro de Campos, define o seu criador: «Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!» (Pessoa, 1972: 311). Não nos disse Torga que o seu mestre Pessoa era uma «Rosa de ventos com antenas em todas as direcções», dono de uma espada que «é uma agulha de sismógrafo, sensível e científica»? (Torga, 1969: 95)

E para terminarmos as referências a Álvaro de Campos, vejamos o que o engenheiro nos diz do médico Ricardo Reis:

- «é um grande poeta (...) se é que há grandes poetas neste mundo fora do silêncio de seus próprios corações.» (Pessoa, 1972: 251). Torga, num dos seus momentos de maior pessimismo em relação à palavra disse, como já vimos noutra parte deste trabalho, no poema «Colóquio» (*Câmara Ardente*): «Duvida das palavras.../ Nunca disseram nada./ (...) / Ouve o silêncio – a voz universal./ Só ele é o verdadeiro confidente/ Do coração de tudo.»

Pensamos que **Ricardo Reis** foi, dos três principais heterónimos pessoanos, o que menos marcou Torga. Mas talvez seja só uma aparência. Já neste capítulo nos referimos ao gosto de ambos pela cultura helénica e à resposta à pergunta do mundo (o que é necessário para ser grande?) dada por Reis: «Para ser grande, sê inteiro: nada/Teu exagera ou exclui./ Sê todo em cada coisa. Põe quanto és/No mínimo que fazes.» (Pessoa, 1972: 289)⁶¹. E isto já é muitíssimo.

Torga, em 1948, perguntava: «Fernando Pessoa, culturalmente considerado, não será muito mais poeta nacional deste século do que Camões?» (Torga, 1999:421)

Pessoa, nos primeiros anos da República, vivia no Largo do Carmo. No dia 10 de Junho via (e sentia) a Praça de Camões repleta de republicanos que saudavam o autor do «álibi supremo da nossa falsa vida.» (Lourenço, 2002: 240). E, de facto, Pessoa, sem deixar de querer (tal como Camões) o absoluto para Portugal, vai querer um absoluto diferente. Camões «tem de ser negado para dialecticamente ser cumprido ao nível de significado.» (Lourenço, 2002: 241). O «Supra-Camões» tinha plena consciência de que:

- o Império estava a chegar ao fim [«Cumriu-se o Mar, e o Império se desfez./ Senhor, falta cumprir-se Portugal!» (O Infante)];

- o catolicismo tinha que sofrer uma revolução.

Enfim, os «heróis da guerra santa camoniana»,(Lourenço, 2002: 248-9) tinham que ser substituídos por novos heróis e uma nova guerra santa tinha que surgir («Bellum sine Bello» - primeira divisa de *Mensagem*).

⁶¹ Esta máxima de Ricardo Reis marcou também profundamente José Saramago. Veja-se (Saramago, 1999b: 24)

Eduardo Lourenço, no ensaio que temos vindo a citar (*Pessoa e Camões*), diz que o Eros de Camões «de todo falta, não só em *Mensagem* como na obra inteira de Fernando Pessoa.» (Lourenço, 2002: 251). E acrescenta que o autor d'*Os Lusíadas* «foi um Orfeu com Eurídice», (p. 252) ao passo que o namorado de Ofélia Queiroz «só podia trazer da peregrinação infinita no seu próprio labirinto a Eurídice-Poema.» (p.252). Concordamos só em parte com Lourenço. Parece-nos que seria mais correcto afirmar que enquanto o Eros em Camões (e em Torga) é assumido com total plenitude, em Pessoa é «Quasi». Repare-se nas largas dezenas de cartas de amor que em 1920 e 1929-30 trocou com Ofélia. A tia de Carlos Queiroz não era uma comum dactilógrafa, como Saramago a descreve em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Ofélia lia Shakespeare e Goethe, que o sobrinho Carlos lhe emprestava.⁶² Aliás as cartas da jovem Ofélia (em 1920 tinha apenas vinte anos) estão repletas de sensibilidade, sensualidade, humor e inteligência.

Nesta linha de defesa do Eros pessoano, parece-nos importante recordar duas quadras do autor de *Quadras ao Gosto Popular*:

Levas chinelas que batem
No chão com o calcanhar.
Antes quero que me matem
Que ouvir esse som parar. (p. 40)

Só com um jeito do corpo
Feito sem dares por isso
Fazes mais mal que o demónio
Em dias de grande enguiço. (p. 97)

⁶² Informação dada por Maria da Graça Queiroz, filha de Carlos Queiroz.

4.9.4. MIGUEL TORGA E JORGE DIAS

(...) o povo português tem uma alma (...)
(Torga, 1999:885)

Foi a grande força atractiva do Atlântico que amontoou no litoral a maior densidade da população portuguesa do Norte, criando como que um vácuo para o interior. Desde Caminha a Lisboa estabeleceram-se inúmeras amarras que defenderam Portugal da força centrípeta de Castela. Mas foi sobretudo o estuário do Tejo, esse forte abraço do mar com a terra, que definitivamente presidiu aos destinos de Portugal.
(Dias, 1961:99-100)

É pena que ainda não seja possível consultar a correspondência de Jorge Dias depositada no Museu Nacional de Etnologia. Muito provavelmente lá encontraríamos cartas de Torga que nos ajudariam a esclarecer vários assuntos.

Contudo, estamos certos de que são muitas e profundas as afinidades entre estes dois estudiosos, nascidos em 1907 e que acompanharam de perto a passagem do Portugal rural para o Portugal urbano.

Para além das afinidades existentes entre pessoas contemporâneas, eles encontram-se pela espantosa atracção que ambos tinham pelas culturas popular e erudita, pela profunda ligação de ambos à terra e ao mar e por um esclarecido culto pela Pátria (mais esclarecido em Torga do que em Dias).

Torga tinha na sua biblioteca a obra do etnólogo, e sabemos, pela Fotobiografia de Torga, que os casais Rocha e Dias eram amigos. (Rocha, 2000: 103)⁶³

Todos os torguianos conhecem sobejamente a sensibilidade de Torga aos temas que referimos no penúltimo parágrafo (culturas popular e erudita, terra e mar, e culto pela Pátria; temas que, aliás, fazem parte das análises desta tese). Passemos então, de imediato, para Jorge Dias: a sua paixão pela etnologia levava-o (na companhia de Fernando Galhano) a percorrer centenas de quilómetros a pé, com um saco às costas, dormindo em palheiros, em furnas, ou em cabanas de pastores. Esta imersão total de Dias no Portugal rural ajuda-nos a compreender não só a paixão do etnólogo pela cultura popular, mas também o rigor dos seus cerca de 160 trabalhos.

⁶³ Repare-se que Andrée Rocha e Margot Dias eram estrangeiras (a primeira belga e a segunda alemã) e ambas eram também pessoas da cultura (da área da literatura, no caso de Andrée e da área da música, no caso de Margot).

Em carta de 8 Julho de 1947, (ver p. 12 de *Vinte Anos de Investigação Etnológica do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular*. Instituto de Alta Cultura, Lisboa. 1968). Dias propõe um programa de trabalho para a Secção de Etnografia no Centro de Etnologia Peninsular da Universidade de Coimbra, que vai fundar a convite de Mendes Correia. Repare-se no momento crucial, para Portugal, em que isto acontece - 1947. Está-se em plena época de mudança de mentalidades, resultante do início do fim de um mundo eminentemente rural e do triunfo de um paradigma urbano.

São particularmente importantes cinco pontos do programa:

- «Organização de trabalhos de campo intensivos, em vista ao urgente levantamento etnográfico e etno-sociológico geral de todo o País».
- «Elaboração de um ficheiro de bibliografia da Etnografia Portuguesa».⁶⁴
- Estudos monográficos em extensão, relativos aos vários elementos culturais característicos, de natureza tanto espiritual como material e sociológica, em todo o país – para começar: «estudo, classificação e localização do arado.
- «Estudo de aldeias com interesse etnográfico, sobretudo as que conservam organizações próprias de tipo comunitário»;
- «Sínteses interpretativas dos vários elementos culturais estudados, e estudos comparativos que situem os factos da cultura portuguesa no quadro geral dos fenómenos da cultura».

Não é raro encontrarmos ambiciosos e bem estruturados programas, como o que está em causa, mas já é raro encontrarmos programas que se concretizaram quase na íntegra, como sucedeu com este.⁶⁵

Dias também nutria, como dissemos, um enorme gosto pela cultura erudita. Ele considerava que as quatro obras-primas da arte portuguesa são: «*Os Lusíadas*, os Jerónimos, o Político de Nuno Gonçalves e os Tentos de Manuel Coelho» (Dias 1961: 102). Torga tinha exactamente a mesma opinião em relação a *Os Lusíadas* e ao *Político de Nuno Gonçalves*. Quanto ao monumento arquitectónico, talvez só o mosteiro da Batalha pudesse competir com o dos Jerónimos nas preferências de Torga.

⁶⁴ Este trabalho será essencialmente realizado pelo seu colaborador Benjamim Pereira, na exaustiva obra *Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa*.

⁶⁵ O que não foi concluído em vida de Jorge Dias (ele morre em 1973) continuou a ser trabalhado, e quase sempre concluído, por três seus discípulos, companheiros e amigos: Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamim Pereira.

A única questão que fica em aberto tem a ver com a música, pois Torga, que se referia com frequência a músicos estrangeiros, não faz, na sua vastíssima obra, referências a músicos clássicos nacionais.

Quanto à cultura erudita, o etnólogo tinha um gosto particular pela poesia. Ele dizia que «a poesia lírica é a forma literária mais representativa do génio lusitano» (Dias, 1947: 8) e, três páginas à frente (p. 11) acrescentava: «a poesia é o melhor padrão para aferir a alma dum povo». Há nestas citações, e em particular na última, uma total sintonia com Torga. [«Quanto mais percorro o país, mais me convenço de que ainda são os poetas que melhor sabem exprimir a nossa realidade telúrica e humana» (Torga 1999a: 534)].

O mar tinha para Jorge Dias uma importância ainda superior à que Torga lhe atribuía.

Vejamos:

O mar é o Leitmotiv de toda a lírica portuguesa, desde as suas origens até hoje. (...) E não são só os poetas do litoral que evocam o mar. Florbela Espanca, alentejana, não o esquece. Pacoães, lá das portas do Marão, e Junqueiro e Torga, transmontanos, têm-no sempre presente. Até aqueles que erguem o seu canto longe da pátria e longe da natureza, fascinados pelo brilho de Paris, como Nobre e Sá-Carneiro, lembram a sua nostálgica magia. (Dias, 1947: 11)

Este protagonismo do mar na história e sensibilidade de Portugal é também sentido por Torga. Anotemos três casos, sem sair do seu «livro de peito»: *Portugal*:

- «O litoral português devia formar uma província à parte.» (p. 91)
- «Embalado numa ilusão de movimento, o espírito julga-se ali na gávea de uma iniciação. (...) Nenhum adeus se distingue já no cais de embarque. As admoestações dos velhos do Restelo morreram no ouvido. O corpo acostumou-se aos balanços... Agora é o longe, o Tormentoso.» (p. 101-2)
- «o teimoso promontório de esperança, há séculos, permanece ignorado junto de nós. E as próprias ondas, cansadas de tão estranho absurdo, escavam nas ilhargas do rochedo e minam-lhe os fundamentos. Indignado, o “mar português” quer destruir o pesadelo, ou, pelo menos, transformá-lo numa ilha onde não possam chegar peregrinos da impotência. Quer destruí-lo, ou separá-lo de Portugal.» (p. 141)

Jorge Dias dá um precioso contributo para a compreensão da formação das culturas nacionais, particularmente da portuguesa.

Comecemos por abordar os seus conceitos de cultura.

Para o autor de *Ensaio Etnológico* há dois tipos de cultura: cultura local, que é essencialmente popular, e cultura superior, que tem elementos populares mas que a transcende. Diz-nos Dias:

Em geral, cultura popular é a cultura de certas classes humanas que se encontram num estado seminatural, espontâneo, irreflectido, mítico, mas sem fronteiras rígidas com o mundo lógico da reflexão crítica, que caracteriza o homem da cultura superior. Pode dizer-se que o *popular* representa a zona obscura e semiobscura da alma, a que em psicologia se chama *inconsciente* e *subconsciente*, em oposição à transparência e luminosidade do *consciente*, que caracteriza a cultura superior. (Dias, 1961: 84)

Dias diz-nos ainda sobre a cultura popular e a cultura superior que a primeira é «o produto de três elementos distintos: o *homem*, a *terra* e a *tradição*. (Dias, 1961: 86), e a segunda (a superior) caracteriza-se «pela atitude de reflexão crítica do indivíduo que não se submete livremente à imposição do costume ou da natureza (...) [tendo] sempre carácter dinâmico e temporal, razão porque dá origem à história, que sem devir não teria realidade.» (Dias 1961: 88)

A colaboração de indivíduos de eleição saídos das várias culturas regionais/locais dá origem à cultura superior. «Estabelece-se, assim, num plano espiritual, uma nova realidade cultural, que é por assim dizer, uma sublimação das culturas locais» (Dias, 1961: 164). Todas as grandes manifestações culturais são o produto da elaboração de indivíduos de várias áreas: «como eles todos se formam e informam num ambiente intelectual comum – constituído pelas obras de todos – estabelece-se uma espécie de superestrutura cultural assente como uma cúpula, em pilares regionais». (Dias, 1961: 164).

É precisamente daqui, do conceito de cultura superior, que podemos partir para o de cultura nacional.

Passamos a desenvolver este tema, com base nos ensaios *Os elementos fundamentais da cultura portuguesa* e *Paralelismo de Processo na formação das nações*. (Dias, 1961: 97-119 e 159-172)

Há países de «ambiente natural e cultural tão uniforme que a cultura nacional coincide com uma só área cultural» (p. 164), como seja o caso da Holanda e das nações escandinavas. Nestes casos, pensamos que para Jorge Dias (e dizemos pensamos porque ele não o afirma explicitamente) a cultura superior surge em consequência de contactos culturais com o exterior e em consequência das aculturações internas que são o produto lógico dos contactos que se produzem entre os vários estratos sociais. Contudo estes casos são raros.

A grande maioria das nações apresenta uma diversidade de áreas culturais e naturais. Como surge, então, a cultura nacional? Para o nosso etnólogo a cultura nacional só surge depois da formação da nação. E como surge a Nação? Ela nasce sempre de um acto político realizado voluntariamente por um homem ou um grupo de homens que, nuns casos, foram capazes de polarizar as aspirações dispersas duma população ou, noutros casos, são o instrumento duma necessidade histórica.

Com frequência a nação cria-se por imposição violenta de padrões de cultura duma província sobre as outras (Prússia e Castela, no caso da Alemanha e da Espanha, respectivamente). Mas nem sempre esta imposição violenta acontece. Em Portugal, o acto político, saído da vontade de autonomia de D. Afonso Henriques, duma aristocracia militar e ainda das aspirações de independência latentes nas populações de Entre-Douro-Minho, foi completado por circunstâncias de ordem sócio-económica e naturais que permitiram que a unificação da Nação não fosse o resultado duma imposição violenta do padrão cultural duma região (Entre Douro e Minho) sobre as outras. (ver Dias, 1961: 99).

Uma vez unificada a nação e fixadas as populações, inicia-se o processo de formação da cultura nacional por sublimação de todas as culturas locais. Começam a fixar-se os padrões de natureza ideal dessa superestrutura cultural e a partir desse momento há uma tendência a conservá-los, mesmo quando deixam de ser funcionais. E Dias explica-nos a força da tradição nestes termos: «É a tendência inata das gerações para conservar o que vem do passado; é um respeito inconsciente, mas vivo e forte, pelo passado que as leva a agarrarem-se tenazmente ao que vem dos abismos do tempo.» (Dias, 1961: 163).

E o local de formação da cultura portuguesa é, essencialmente, Lisboa. Tenha-se em consideração a parte final da citação em epígrafe : «Mas foi sobretudo o estuário do Tejo, esse forte abraço do mar com a terra, que definitivamente presidiu aos destinos de Portugal.» (Dias 1961:99-100)

As constantes culturais do povo português, segundo Dias

Desenvolveremos este tema com base no ensaio *Os elementos fundamentais da cultura portuguesa* (Dias 1961: 97-119).

Temperamento «expansivo e dinâmico» (p. 108)

Este temperamento surge, antes do mais, como consequência da situação geográfica. Tem raízes bem fundas, talvez na cultura dolménica, ou pelo menos nas tribos celtas que ocuparam o norte de Portugal.

Profundo «sentimento humano, que assenta num temperamento afectivo, amoroso e bondoso.» (p. 109)

Jorge Dias prova o temperamento amoroso dos portugueses com exemplos, cuja maioria poderia ser apontada por Torga, da história (D. Pedro e D. Inês), da literatura medieval, da lírica de Camões, as cartas de Soror Mariana Alcoforado, os sonetos de Florbela Espanca, as poesias de João de Deus e a poesia popular. Os casos de bondade e afectividade exemplifica-os com a pobreza da nossa literatura dramática, com o facto de gostarmos de filmes de *happy ending*, com as touradas portuguesas em que o touro não morre e é embolado, com a extinção da pena de morte muito cedo e com a afectividade em relação aos parentes, amigos e vizinhos. Finalmente, com exemplos da religião: as imagens que se vêem nas igrejas portuguesas são sempre de santos bons e humanos, «Não se vêem os Cristos lívidos e torturados de Espanha» (p. 111)⁶⁶; «Não se erguem nas aldeias portuguesas igrejas enormes e solenes, tão características da paisagem espanhola, que na sua imponentia apagam a nota humana» (p. 111). E termina

66 Quando Torga visitou o Museu de escultura policromada de Valladolid, escreveu a seguinte nota sobre os trabalhos de Berruguete, Hernandez e Juan de Juni: «Uma espécie de manicómio teológico, onde cada internado se contorce na pedra ou na madeira benta do seu corpo. Que Espanha! Que gente! Estes diabos não são capazes de conceber uma dor sem trejeitos, uma fé sem cilícios, uma morte sem agonia, uma eternidade sem pesadelo.» (Torga 1999a: 610)

chamando a atenção para o facto de o estilo românico, «com o seu arco singelo bem apoiado na terra» (p. 111), ter uma extraordinária expansão, enquanto que os exemplares do estilo gótico são poucos numerosos e os que existem denotam uma má assimilação do espírito desse estilo, pois a profundidade e horizontalidade sobrepõem-se à verticalidade.⁶⁷ Neste facto vê Jorge Dias mais uma prova do sentimento humano e terreno da nossa religiosidade e a negação das grandes abstracções. (ver Dias pp. 109-111)

Negação «do espírito capitalista» (p. 116)

Se para os Anglo-Saxões *time is Money*, para os portugueses *money is (was) time*. Os valores humanos sobrepuseram-se sempre ao lucro e ao utilitário. Falta-nos o espírito de capitalização e de consciência do valor da moeda. Por este motivo, mesmo no período áureo dos Descobrimentos nunca acumulámos riqueza, pois ela passava por nós e ia sempre parar às mãos dos ingleses e holandeses. «Soubemos traficar, mas faltou-nos sempre o sentido capitalista. No século XVI, quando Lisboa era o grande empório do mundo, sob o brilho do luxo já se ocultava a miséria.» (Dias, 1961:108-9)

Concepção comunitária de vida

Esta concepção de vida comunitária, interpenetrando-se com os princípios morais cristãos e com um modo de vida baseado numa economia de subsistência, está na base da ausência de etnocentrismo e de um invulgar poder de assimilação por adaptação.

A afirmação de uma concepção comunitária de vida baseia-se no facto de ter existido no nosso país, até um período recente da nossa história, uma percentagem enorme de aldeias que tinham inúmeros trabalhos colectivos, gratuitos e recíprocos.

A concepção comunitária de vida atravessa, explícita ou implicitamente, toda a obra de Torga, mas é particularmente importante no período que se segue a Abril de 74. Já noutro ponto deste trabalho («As aldeias e as cidades») analisámos esta temática. Vejamos dois discursos registados em *Fogo Preso*. No primeiro, proferido em Lisboa

⁶⁷ Torga referiu-se ao românico da Sé de Lisboa, quando nela passou em Dezembro de 1939, a caminho da prisão do Aljube, nos seguintes termos: «Dava segurança, o românico! Firme, sóbrio, reflectido. Talvez que nunca a humanidade tivesse conseguido um estilo arquitectónico tão solidamente assente na alma...» (Torga 1974a: 111)

em 20 de Abril de 1975, na abertura do comício socialista, Torga aponta, como forma do Portugal se cumprir, um socialismo fora de «critérios estereotipados». A opção socialista deve ir na senda da «lição de Antero e António Sérgio, que repensaram à luz do nosso tempo a vocação ancestral de uma pátria comunitária.» (Torga, 1989: 108). Mas o discurso que melhor retrata o pensamento do autor de *Fogo Preso* sobre o valor intemporal do comunitarismo é o de dez de Abril de 1976, proferido na sede do concelho da sua aldeia natal – Sabrosa. Diz-nos o escritor transmontano: «Se alguma coisa o transmontano sabe, é ser livre e cooperante». E, depois de enumerar formas concretas de cooperação, conclui:

É nesse sentido comunitário, nessa fraternidade prática e prestadia, que confio, e é por ela que me encontro aqui, a louvá-la e a desejá-la actualizada e alargada ao país inteiro. É essa maneira cívica de estar em Portugal e no mundo que todos precisamos de consciencializar e renovar, com o braço da ciência e da técnica a reforçar o nosso «saber de experiência feito». (Torga, 1989: 122-3)

Mas pensamos que, no que respeita ao comunitarismo, a maior influência de Dias em Torga, diríamos mesmo uma influência avassaladora, está nas monografias *Vilarinho da Furna – Uma Aldeia Comunitária* e *Rio de Onor – Comunitarismo Agro-Pastoril*. Ao lermos as notas do *Diário* sobre estas aldeias, em especial as escritas em Rio de Onor, sentimos que Torga está em levitação permanente. Isto só deverá ter sido possível graças ao que aprendeu com Jorge Dias.

Invulgar capacidade de adaptação

Dias constata esta constante cultural ao estudar as aculturações que fomos realizando ao longo da nossa história e afirma: «A capacidade de adaptação, a simpatia humana e o temperamento amoroso são a chave da colonização portuguesa.» (Dias, 1961: 117)

Torga reforça esta ideia dizendo o seguinte de cada português protagonista da colonização: «Despido de pruridos raciais, uma vez em terra alheia, miscigena-se, adapta-se, integra-se, mas sem perder nunca os traços nativos.» (Torga, 1999: 1640)

Mentalidade em que predominam os elementos de cultura popular

O estudioso incansável das aldeias comunitárias faz esta afirmação depois de constatar que a população portuguesa é (era, até há poucas décadas) essencialmente rural e piscatória. E, mesmo na população urbana, Dias considera que ainda há largos sectores com fortes laços à terra e ao mar. E o seu amigo, autor do *Diário*, discrimina: «Nos seus *Cancioneiros*, no seu rifoneiro, no seu artesanato, está documentada uma singularidade temperamental e intelectual que faz a admiração de quem a conhece. (...) É que o Portugal eterno (...) é (...) o do arado e do remo.» (Torga 1999: 1640).

Invulgar «capacidade de improvisação» (p. 117)

«A imaginação sonhadora, a antipatia pela limitação que a razão impõe e a crença milagreira» (p. 117) levam o português a situações difíceis das quais só se salva devido à invulgar capacidade de improvisação de que é dotado.

Mais uma vez, é fácil encontrar palavras afins de Torga:

Povo sem vocação ideológica, dono de uma originalidade que não passa, à semelhança das grandes culturas europeias, pela elaboração de sistemas organizados de pensamento (...) Escravos da ortodoxia, nem os timoneiros que vão ao leme dos acontecimentos se dão ao trabalho de afeiçoar as teses importadas ao temperamento fluido dos indígenas, gente medularmente adversa ao rigor dos métodos e impulsivamente rendida aos encantos da improvisação. (Torga, 1989:106-7)

O culto de Dias pela Pátria

Este culto surge quando enaltece o património cultural (a literatura, essencialmente), a História e, principalmente, quando enaltece o povo. O mesmo se passa com Torga.

Se Torga foi algo parcimonioso em relação aos elogios ao património artístico, não ficava atrás de Dias quando elogiava a História e o povo. Parece-nos, contudo, que há muitos momentos, nos ensaios do etnólogo, em que este não consegue grande objectividade e revela uma leitura da nossa História muito próxima da ideologia do Estado-Novo.

Como é que Dias e Torga se podem completar (e potenciar)?

Parece-nos que há dois preciosos contributos que Dias e Torga podem dar em conjunto. O primeiro tem a ver com o registo que ambos, independentemente e por caminhos distintos, fizeram da cultura popular portuguesa. Podemos imaginar em todos os espaços da criação literária de cunho telúrico de Torga a etnografia de Dias, e a obra do autor de *Terra Firme* e dos *Contos da Montanha* ajuda-nos a sentir melhor o calor da obra do autor de *Rio de Onor – Comunitarismo Agro- Pastoril*.

O segundo consiste na ajuda que ambas as obras podem dar para uma maior compreensão e aproximação do Brasil.

5 - VILA NOVA DE MIRANDA DO CORVO – Alucinante actividade literária e profissional⁶⁸

Louvados sejam o barulho e as facadas da Central!

(Torga, 1999: 37)

Tudo são homens. E ao cabo, ao cabo, tanto pesa uma arroba de terra, como uma arroba de filosofia.

(Torga, 1999: 39)

É escusado. Ou se lavram estes montes a instrução e a higiene, ou então não vale a pena um médico perder a vida aqui.

(Torga, 1999: 47)

É a partir do período em que Torga vive em Vila Nova de Miranda do Corvo (1934-1937) que começa a escrever com regularidade no *Diário*⁶⁹

A primeira nota escrita nesta freguesia (7-11-1934) relata o insucesso na luta para manter vivo um recém-nascido, e termina a descrição do seu desespero com estas palavras dramáticas: «Quem saberá por aí uma palavra para estes momentos? Uma palavra para um médico dizer a esta mãe, que entregou à vida um filho vivo e recebeu da vida um filho morto.» (Torga, 1999: 34)

É, de facto, em Vila Nova, que Torga inicia a sua fase de maturidade como médico. Tanto no *Diário* como n' *A Criação do Mundo* encontramos o jovem e solitário Dr. Adolfo Rocha cercado de doentes que padecem das mais graves doenças [«Tísicos que cuspiam os pulmões no bacio enquanto os auscultava, cancerosos que alimentava a

⁶⁸ Em finais do século passado e inícios deste deslocámo-nos diversas vezes a Vila Nova de Miranda do Corvo e a Miranda do Corvo para iniciativas culturais relacionadas com Miguel Torga. Tivemos sempre uma entusiástica colaboração dos autarcas e das escolas de Miranda do Corvo e de Vila Nova. Em Julho deste ano (2015) voltámos lá. Desta vez só contactámos o presidente da Junta de Freguesia de Vila Nova (José Alexandre Paiva) e um seu colaborador. Pensamos que continuam a existir condições para retomarmos essas iniciativas.

⁶⁹ Durante alguns meses de 1934, Adolfo Rocha exerceu medicina em S. Martinho de Anta, mas escreveu muito pouco. O *Diário* contém apenas três notas desse período. Todas elas revelam uma incapacidade de se readaptar ao chão onde a sua raiz «bebeu sempre [e] saudades dos eléctricos, das livrarias e do Joaquim António de Aguiar dentro da casaca de bronze à Portagem.» (Torga, 1999: 33)

morfina, gafados junto de quem não conseguia esquecer a repugnância que sentia.» (Torga, 1999: 146-7)]. O seu envolvimento com estas situações tão cruéis explica, em grande parte, os seus poemas: «As páginas sangravam como feridas rasgadas, e os poemas pareciam uivos. (...) Testemunha de horrores, não podia entoar loas ao inefável. A violência estava na própria vida.» (Torga, 1970: 147)⁷⁰

Parece-nos, também, correcto afirmar que é em Vila Nova que começa a sua fase de maturidade como escritor (Adolfo Rocha, a partir de 1934, passa a usar o pseudónimo de Miguel Torga), com os seus livros *O Outro Livro de Job* (de 1936) e *A Criação do Mundo – os dois primeiros dias* (de 1937). É ainda no período em que vive em Vila Nova de Miranda do Corvo que escreve a maioria dos poemas de *Alguns Poemas Ibéricos* (ver Torga, 1952: 85)⁷¹, e que dirige a revista coimbrã *Manifesto* (da qual saíram cinco números, três em 1936, um em 1937 e o último em 1938).⁷²

«A vida (...) é para se viver, não é para se fazer dela literatura.» (Torga, 1999:42), diz-nos o Orfeu Rebelde, em Vila Nova. Mas o poeta tinha plena consciência de que a literatura pode ajudar-nos extraordinariamente a termos consciência das coisas realmente importantes da vida. É ele que vinte dias depois de ter escrito esta máxima, escreve, novamente em Vila Nova: «Um belo dia de sol, e eu sem paisagem dentro de mim para o receber. Que destino este! Nem a gente ter força dentro de si para aceitar estas dádivas puras da natureza! Os dias passam-se à margem do que realmente é vida.» (Torga, 1999: 43)

Vida era também, para o poeta, contemplar a macieira que, em Vila Nova, ele viu florir, em Abril, durante uma «tarde inteira»:

(...)
São dois braços abertos de brancura;
Mas em redor
Não há coisa mais pura
Nem promessa maior. (Torga, 1999: 40)

⁷⁰ Na obra de Torga encontramos muito poucas referências ao estudo de casos médicos. No caso concreto da sua actividade em Vila Nova era natural que ele nos dissesse como se preparava para enfrentar tantas e tão graves doenças. Ficamos com a ideia de que os livros que comprava eram só de literatura e que os fins de semana em Coimbra eram preenchidos com tertúlias e idas à gráfica e ao cinema.

⁷¹ Torga que, como já referimos noutros pontos deste trabalho, se identificava, sobre muitos aspectos, com Pessoa, estava em Vila Nova quando teve conhecimento da morte do autor de *Mensagem*. Ver nota do *Diário* de 3-12-1935.

⁷² Albano Nogueira era também director da revista. (ver Pires, 1986: 201)

No ambiente da casa, onde não havia nada⁷³, torna-se fácil imaginarmos o Orfeu Rebelde de «propensão ascética» (Torga, 1970: 134) a declamar poemas de *O Outro Livro de Job* ou de *Alguns Poemas Ibéricos*⁷⁴. Fernando Martinho, no ensaio «Miguel Torga e a Bíblia: O Caso de o Outro Livro de Job», defende a pertinente tese de que em *O Outro Livro de Job* «No centro de tudo não está, afinal, senão o poeta, que se apropria dos mais diversos temas e motivos com a exclusiva preocupação de afirmar a sua condição de Homem, com todas as suas contradições, e injustamente atingido por um Deus contra o qual ergue o seu canto de altiva insubmissão.» (Martinho, 2001: 123). Pensemos, essencialmente, e imaginando que continuamos na casa de Torga (que tinha lareira) nos poemas: «Primeira Lamentação» [(«Tudo/ por causa da minha Fé/ na minha sabedoria/ de andar em pé!...// Tudo/ por eu ser um pobre vivo/ a eternizar/ o mesmo Homem de sempre/ com raízes/ que ninguém pode arrancar...// (...) Tudo/ porque disse que o teu céu/ só era meu/ neste mundo!») (Torga, 1986b: 24, 26)]; em «Livro de Horas» [(«Aqui, diante de mim,/ eu, pecador, me confesso/ de ser assim como sou./ (...) Me confesso/ o dono das minhas horas./ O das facadas cegas e raivosas,/ e o das ternuras lúcidas e mansas./ E de ser de qualquer modo/ andanças/ do mesmo todo...// (...) Me confesso de ser eu./ Eu, tal e qual como vim/ para dizer que sou eu/ aqui, diante de mim!») (Torga, 1986b: 83, 84, 86)]⁷⁵; e em «Terceira Lamentação» [«Porque, Senhor, onde chego/ chega o fogo da fogueira.../ Ardo e dou calor à Vida/ para me aquecer a Ela.../ E chego a ter nos braços a donzela,/ só porque a minha paixão é verdadeira!...// (...) Não tenho culpa de a Obra/ cair, por causa da Cobra,/ das tuas mãos sem firmeza. // Conquisto a Vida e o Pão de cada dia!/ Bebo Sol quando há Sol, e noite quando há noite,/ e grito quando a voz do teu açoite/ fende o meu corpo em dois e o deixa inteiro./ E quando junto do muro me ajoelho,/ quebra-me as pernas o costume velho/ de te sonhar às vezes justiceiro...» (Torga, 1986b: 36-8)].

⁷³ A casa onde Torga residiu, encontra-se na rua que tem o seu nome. Acabou de ser construída no ano em que Adolfo Rocha se estabeleceu em Vila Nova e é, actualmente, uma residência particular. No exterior existe uma placa que regista o facto de ter sido a residência do escritor-médico. Em *A Criação do Mundo – o Terceiro Dia* (p. 134), Torga diz-nos, em relação a ele e à casa: «Limitado ao estritamente indispensável, sem cuidar de adquirir um móvel ou uma gravura de enfeite para encher aquele vazio, comecei a povoá-lo de imaginação.»

⁷⁴ Em *A Criação do Mundo – O Terceiro Dia* o autor escreve: «Senhor absoluto de toda a casa, parecia um fantasma febril a percorrê-la nas horas de exaltação criadora. Recitava em voz alta os versos que ia compondo, ou relia páginas inteiras ainda frescas de tinta.»

⁷⁵ José Carlos Seabra Pereira considera que Torga, com este poema, manifesta uma acentuada «egolatria» (Seabra Pereira, 2006: 35).

Os dois primeiros poemas que acabámos de citar («Primeira Lamentação» e «Livro de Horas»), podem, numa visita à casa do escritor, ser ouvidos da voz do próprio autor, pois estão gravados no C.D. *Oitenta Poemas*.⁷⁶

Mas a casa vazia de Torga estava cheia de desespero e de sonho. Cheia, como vimos, de uma luta com Deus e de uma identificação com grandes heróis da humanidade.

Alguns Poemas Ibéricos permitem-nos povoar a casa vazia de Torga e nela encontrar, para além do povo anónimo da Ibéria, figuras como «Viriato», «Séneca», «O Cid», «Inês de Castro» (e D. Pedro), «O Infante» (D. Henrique), «O príncipe perfeito», «Santa Teresa», «Camões», «Filipe Segundo», «Cervantes», «Goya», «Unamuno», «Picasso» e «Frederico Garcia Lorca»; enfim, algumas das maiores figuras mundiais dos mais diversos mundos: amor, literatura, religião, pintura, navegação e governação.

Concretamente, em relação à composição do poema dedicado a Santa Teresa (de Ávila), o poeta dá-nos uma curiosa (e angustiante) informação no *Diário*:

Um Poema. Uma *Santa Teresa* na cova, com a telúrica consciência de que não há corpo santo que resista à podridão laica. Mistérios que só eu entendo...

Uma semana a aplinar isto. Entretanto, em frente, na oficina dele, nesses sete dias de febre, calmamente, um carpinteiro vizinho fez um carro. (Torga, 1999: 45)

É também na casa de Vila Nova que Torga vive os seus mais intensos envolvimento com a Guerra Civil Espanhola. Numa parede, o autor do poema «Não passarão», colocou um grande mapa onde acompanhava «de coração apertado cada ofensiva.» (Torga, 1970: 173). E a esta confissão acrescenta, na mesma página, outra: «A sentir oscilar o chão peninsular debaixo dos pés, em pânico existencial, as páginas que agora escrevia eram gráficos de febre.»

Os cerca de dois anos e meio em que o jovem escritor e médico viveu em Vila Nova foram de alucinante actividade literária e profissional. Não admira, pois, que tenha tido um esgotamento que o obrigou a ir de urgência para Coimbra. O relato da vivência desse incidente surge, com perspicácia e humor, em *A Criação do Mundo*: «Ia sem versos no bolso para ler aos amigos, sem compromissos intelectuais e sociais, livre como nunca me sentira. Por fora, almofadas e solicitude; por dentro, desobrigado de

⁷⁶ O mesmo acontece com o poema «Imagem».

tudo. Finalmente descera sobre mim a graça da irresponsabilidade.» (Torga, 1970: 182-3)

Quando, vinte anos mais tarde, Torga regressa a Vila Nova, escreve, em menos de uma linha: «Cá está tudo, tal e qual. Eu é que não.» (Torga, 1999: 847)

Isto é escrito em 1957, o que significa que as pessoas de Vila Nova de Miranda do Corvo com mais de setenta e cinco anos ainda se lembram como era Vila Nova em 1957, o mesmo é dizer como era em 1934-7, época em que Torga lá viveu. É, obviamente, urgente proceder-se ao registo das memórias desses veteranos.

6 - LEIRIA - «os caminhos da poesia, da liberdade e do amor.»

Esta terra foi a grande encruzilhada do meu destino. Aqui identifiquei e escolhi os caminhos da poesia, da liberdade e do amor.
(Torga, 1999: 1432)

Onde encontrar referências a Leiria na obra torguiana:

Diário – Há 47 entradas escritas em Leiria: 44 no 1º. volume, entre 7-7-39 e 29-3-41; 1 no 2º. volume, 23-4-43; 1 no 10º volume, 27-5-68; e 1 no 13º. volume, 20-11-80.

Portugal -: Capítulo *Estremadura*.

Criação do Mundo - volume IV (O Quinto Dia), 1974: entre as páginas 26 e 104.

Criação do Mundo - volume V (O Sexto Dia), 1981: entre as páginas 10 e 23, e 32 e 40.

Tendo terminado a especialização em otorrinolaringologia em 1938, o médico-escritor opta, em 1939, por abrir consultório em Leiria. Aqui ficava relativamente perto (cerca de sessenta quilómetros) das tertúlias, livrarias e tipografia de Coimbra e seria o único médico de «ouvidos, nariz e garganta» da cidade do Lis. O jornal «Região de Leiria» de 24-5-39 noticia:

No dia 1 de Junho abre consultório nesta cidade, no 1º andar do prédio que o sr. Marques da Cruz acaba de construir ao princípio da Rua Comandante João Belo, o sr. Dr. Adolfo Rocha, especialista de doenças de ouvidos, nariz e garganta. (...) a permanência do novo médico em Leiria resultará duplamente benéfica para quantas pessoas nesta cidade e região necessitem de recorrer aos seus serviços (...) sem os incómodos, inconvenientes e encargos provenientes de terem de procurar longe o tratamento que, assim, lhes está em casa ou quasi à porta. (*in* Silva, 2009: 11)⁷⁷

Torga vai encontrar uma «cidadezinha de ruas de curto fôlego e praças de intimismo familiar, acolhedora, a ressumar história e cultura por todas as pedras e ao mesmo

⁷⁷ A morada completa era: Rua Comandante João Belo, nº. 5, 1º. Leiria.

tempo impregnada de ruralidade.» (Torga, 1974a: 27). Enfim, inúmeros ingredientes fundamentais para a sua criatividade!

Apresenta-nos uma cidade culturalmente estática o que de forma alguma coincide com o estudo que Sandra Duarte publicou nas *Actas do II Colóquio – Miguel Torga em Leiria*. No seu trabalho, subordinado ao tema «Viagem à Leiria cultural que Miguel Torga conheceu (1939-1941)», Sandra Duarte apresenta-nos exemplos e um gráfico esclarecedores do dinamismo dos pólos culturais leirienses: Teatro Maria Pia, a Biblioteca Erudita, o Leiria Gimnásio Club, o Grémio Literário e Recreativo e o Parque da Cidade. Esta tese de Sandra Duarte é reforçada por uma citação que faz de Vasco da Gama Fernandes no jornal *A República* de 9-1-1950: «Conheço o país suficientemente para assegurar que Leiria é das mais actualizadas cidades de província.» (p. 30).

Adolfo Rocha manterá o consultório até 1942 (ver Silva, 2009: 18), ano em que abre o consultório de Coimbra.

Leiria foi, como Torga nos diz explicitamente na nota do *Diário* em epígrafe, outra cidade-chave na obra e vida do escritor.

Este gigante da literatura atinge a plena maturidade como escritor no período entre 1939 e 1941, precisamente a época em que vive e convive com o mundo de Leiria (e o do Aljube - prisão política em Lisboa, onde esteve preso entre Dezembro de 39 e Fevereiro de 40).

A saúde de Torga encontrava-se, nesta época, particularmente fragilizada, o que não o impediu de ter uma prodigiosa actividade literária. Aliás o autor de *Bichos* chega mesmo a considerar que os problemas físicos com que se debate são uma das principais razões da sua febril criação. Em nota escrita em Leiria, em 14-3-40 (*Diário*), depois de afirmar que se sente cada «vez pior dos achaques» estabelece uma belíssima comparação entre ele e a «constante e febril» capacidade dos pinheiros («fustigados sem piedade pelo vento» e com «a morte permanentemente» a rondá-los) em darem «o que um pinheiro, em verdade e em honradez, pode dar: pinhas.»

O escritor, que «dormia acordado», tinha ainda tempo para fazer inúmeras leituras. Grande parte realizavam-se na *Biblioteca Erudita* sobre a qual nos diz: «Foi o que me valeu, encontrar aqui uma biblioteca assim. Nunca supus. Boa de verdade! O fundo dos

clássicos portugueses, então, é notável. Excepcional, mesmo. E de literatura francesa moderna tem também muita coisa...» (Torga, 1974a: 75). Contudo, Torga não é muito explícito em relação às leituras que faz. De concreto, sabemos apenas que leu: Raul Brandão (ver *Diário* 9-7-1939), Eça de Queiroz (ver *Diário* 6-8-1939; 26-8-1939 e 29-3-1941), Virgínia Woolf (ver *Diário* 26-8-1939), Cervantes (ver *Diário* 18-11-1939), José Agostinho de Macedo (ver *Diário* 17-3-1941) e António Feliciano de Castilho (ver *Diário* 29-3-1941).

Façamos referências a quatro destes escritores:

Eça de Queiroz foi para Torga um romancista sempre presente, mas muito em especial durante o período em que vive em Leiria. Miguel Torga diz-nos que «lia em cada rua uma página do *Crime do Padre Amaro*» (Torga, 1999: 1131), e a intensidade dessa leitura era de tal forma forte que o autor do *Diário* bendizia «a desgraça de ter havido poucos Eças em Portugal. É que assim ainda podemos ver a maior parte dos recantos da pátria sem ser pelos olhos deles...» (Torga, 1999: 1131).

Raul Brandão teve certamente um papel determinante na forma como Torga olhava para Portugal (e foi precisamente no período em que vivia em Leiria que o nómada Torga começou a preparar o livro *Portugal*⁷⁸). Cite-se, entre vários exemplos que poderiam ser referidos, a nota do *Diário* escrita em Leiria em 9-7-39: «Berlengas o dia inteiro. Vide Raul Brandão, página 195 de *Os Pescadores*. (Para que raio há-de a gente estar para aqui a presumir.)»

António Feliciano de Castilho, tão pouco referido na obra torguiana, merece uma importante nota no *Diário* (29-3-1941) no período de Leiria. O diarista, reflecte - depois de ter constatado, «numa correspondência de Castilho», que este chamava a Antero «A Pantera do Quintal» - sobre «a ferida eterna daquele velho, a sangrar o seu desgraçado travo pessoal e humano» e conclui, passando do indivíduo para a humanidade, que, dramaticamente, ninguém consegue «ser ao mesmo tempo amado em Tebas e Atenas.»

Por fim, Miguel de Cervantes. No *Diário*, o nosso Miguel faz, pelo menos, 18 referências a Cervantes, mas uma das mais interessantes é escrita em Leiria (18-11-39).

⁷⁸ «E começamos [ele e o «Tomé»] a percorrer sistematicamente os arredores, num inventário minucioso (...). Mas pouco a pouco a circunferência foi-se alargando (...). E eu ia enchendo os sentidos de uma geografia terrena e humana insuspeitada, numa aprendizagem imprevista, de que só agora verificava a carência.» (Torga, 1974a: 47-8)

Nela há uma reconfortante constatação: Cervantes, com o «seu génio demiúrgico e generoso», apresenta-nos um ser fascinante (D. Quixote) que «nós tínhamos (...) dentro da alma». Aqui está um fortíssimo sinal de esperança que Torga nos lega – a convicção de que no mais profundo do nosso ser também somos D. Quixote.

Das 47 entradas do *Diário* escritas em Leiria há uma que nos dá uma ajuda preciosa para compreender por que razão Torga afirmou em 1980, à laia de balanço de vida: «Esta terra foi a grande encruzilhada do meu destino. Aqui identifiquei e escolhi os caminhos da poesia, da liberdade e do amor (...)». Essa entrada data de 30-11-1939 e foi escrita na prisão, depois de ter sido detido no consultório, em consequência da publicação (1939) d’*O Quarto Dia* d’*A Criação do Mundo*:

EXORTAÇÃO

Meu irmão na distância, homem
Que nesta mesma cama hás-de sofrer:
Que nem a terra nem o céu te domem;
Nenhuma dor te impeça de viver!

Esta quadra sintetiza o essencial de uma esmagadora parte da sua poesia, das noventa páginas que em *Criação do Mundo* dedica ao tempo em que passou no Aljube e de muitos contos, com particular destaque para «Vicente». Diríamos, mesmo, que esta quadra sintetiza o essencial de Torga. De facto, a luta pela verdadeira poesia e pelo verdadeiro amor exigem disponibilidade para correr riscos tão intensos quanto os da luta pela liberdade.

Quando Torga fala dos caminhos do amor escolhidos em Leiria, pensa certamente na sua opção em casar-se com a mulher que viria a ser a sua companheira durante cinquenta e cinco anos (Andrée Crabbé Rocha), mas parece-nos ser também lícito afirmar que pensa nos quatro amigos que arranjou quando aqui viveu, e que tão bem e tão comoventemente os retrata em *A Criação do Mundo*, muito em especial nas páginas 101-104 do Quinto Dia [O «Dr. Olívio» (advogado), a «D. Gena» e o «marido» (proprietários de uma pensão onde Torga esteve hospedado) e o «Tomé» (gerente bancário)].

Durante o período de Leiria, o autor de *Libertação* escreve mais de cem entradas do *Diário*; *O Quarto Dia da Criação do Mundo* (1939); *Bichos* (1940); *Terra Firme. Mar* (1941); *Contos da Montanha* (1941); *Rua* (1942) e começa a preparar, com trabalho de

campo e escrevendo, *Portugal*. E tudo isto sem deixar de exercer dedicada e eficazmente a sua actividade de otorrinolaringologista!

Dos livros que acabamos de citar, três estão entre os mais importantes livros de Torga:

- *O Quarto Dia da Criação do Mundo*, onde, tendo como cenário a Guerra Civil de Espanha, luta até à exaustão pela liberdade, restituindo «ao verbo aviltado pela prepotência a dignidade roubada» (Torga, 1971: 19). Este livro, como já referimos, levá-lo-ia à prisão.

- *Bichos* é, dos livros de *contos* de Torga, o mais conhecido pelo público em geral, e o mais admirado pelos especialistas [veja-se a publicação da Universidade Fernando Pessoa, *Viver é ser no tempo intemporal (Recados a Miguel Torga)*, 2007, coordenação de Isabel Ponce de Leão, p. 13].

- *Portugal* foi um dos livros de mais longa gestação e que o autor viria a considerar, como já referimos noutra ponto desta tese, «um livro de peito (...) a pátria vista e decifrada pelos olhos do corpo e da alma.» (Torga, 1999: 1613)

A Leiria de Torga deve, numa perspectiva de Turismo Cultural, ser olhada como um centro privilegiado da Alta Estremadura, o mesmo é dizer um centro privilegiado do país. Pense-se nas curtas distâncias que a separam de três patrimónios mundiais (mosteiros da Batalha e de Alcobaça, e Convento de Cristo de Tomar), de Fátima e do litoral (pinhal de Leiria, Nazaré, S. Pedro de Moel e Berlengas); pense-se, ainda, na boa oferta hoteleira de que dispõe.

Como resposta ao nosso desafio de 2007 - «O Dia de Miguel Torga – Um Desafio às Autarquias e às Regiões de Turismo», a Delegação de Leiria da Fundação INATEL, o Jornal das Cortes e a Junta de Freguesia de Leiria organizaram um Colóquio em 2009 e outro em 2011, cujas actas foram publicadas.

O primeiro colóquio teve as seguintes comunicações:

- «Mensagem aos participantes» – *Clara Rocha*

- «A encruzilhada do destino: um balanço do período leiriense de Miguel Torga» – *Carlos Alberto Silva*.

- «O processo-crime instruído a Miguel Torga, em 1939, pela PVDE» – *Renato Nunes*.
- «O Dia de Miguel Torga» – *José Cymbron*
- «Sinto o medo do avesso: perscrutando a luz e sondando a sombra em Miguel Torga» – *Celeste Alves*
- «Deambulação à volta da poética torguiana» – *Alix de Carvalho*

O segundo colóquio contou com as seguintes comunicações:

- «Miguel Torga, uma força da natureza» – *Susana Couceiro Santos*.
- «Viagem à Leiria cultural que Miguel Torga conheceu (1939-1941)» – *Sandra Duarte*
- «Leiria torguiana: no rasto de Rodrigues Lobo e de Eça» – *Luís Martins Fernandes*⁷⁹
- «Miguel Torga e Fernando Pessoa – um Encontro em Leiria» – *José Cymbron*

No âmbito destes colóquios foram colocadas duas placas alusivas à presença do autor d'*A Criação do Mundo* em Leiria.

A primeira, no dia do I Colóquio, encontra-se no exterior da cadeia e contém um extrato d'*O Quinto Dia da Criação do Mundo* que descreve a vista sobre a cidade e o campo que o preso político observava da sua cela (ver Torga, 1974a: 94). Em nossa opinião, teria mais peso e significado que a placa transcrevesse o poema «Exortação».

No âmbito do II Colóquio, colocou-se num moderno edifício, construído no local onde existia o prédio do consultório de Adolfo Rocha, uma placa com o seguinte texto: «Neste local existiu, entre 1939 e 1942, o consultório de otorrinolaringologia do Dr. Adolfo Rocha, Miguel Torga em literatura.» Lamentamos ter, mais uma vez, de discordar da opção. É óbvio que uma informação daquele tipo era imprescindível, mas seria muito importante acrescentar-lhe um (pequeno) texto torguiano. Eis uma sugestão: «ali passava parte das manhãs e das tardes, sonolento, a atender os raros doentes que a notícia da minha chegada num jornal da terra ia trazendo, a ler e a escrever nos longos intervalos das consultas, enquanto os quartos caíam monotonamente da torre da Sé». (Torga, 1974a: 29)

E, para terminarmos este capítulo, apresentamos uma proposta:

⁷⁹ Luís Martins Fernandes é autor de uma tese de doutoramento sobre *Expressões da Identidade Nacional na obra de Miguel Torga*.

O património cultural de Leiria remete-nos, de imediato para a literatura. É forçoso, e fácil, pensarmos em D. Dinis, Rodrigues Lobo, Eça de Queirós, Afonso Lopes Vieira e... Torga. Mas, não menos importante é o património do século XV imprescindível para a edição de livros: a tipografia, ainda tão presente no imaginário leiriense (repare-se no brasão da freguesia) e o moinho de papel (recuperado há poucos anos).

A língua portuguesa e as obras literárias mais representativas dos países de expressão portuguesa poderiam inspirar a realização em Leiria, com uma periodicidade a estudar, de um Congresso Internacional, cujo tema seria *As Obras dos Escritores Galardoados com o Prémio Camões* (não esqueçamos que Torga foi o primeiro galardoadado com este prémio). Este evento poderia (e deveria) ser coordenado com o Encontro Bienal que o Instituto Politécnico de Leiria realiza sobre escritores de língua portuguesa.

7 - LISBOA

O espelho liso da alma dum povo, que deve ser a sua capital – e o povo português tem uma alma –, nesta pobre terra é empenado.
(Torga, 1999: 885)

Ah, quem pudesse viver aqui sem memória! Estar todo nos sentidos!
(Torga, 1999: 1618)

7.1. INTRODUÇÃO

Lisboa tem uma importância capital na obra de Miguel Torga. Ela surge em:

A Criação do Mundo (Volume I, «O Primeiro Dia», pp. 107-109, Volume II, «O Terceiro Dia», p. 16; Volume IV, «O Quinto Dia», pp. 104-191);

Diário (Cento e três entradas);

Portugal (capítulo «Lisboa»);

Contos da Montanha («A Maria Lionça», p.21»; «Justiça»,p. 171; «O Pé Tolo», p.221);

Novos Contos da Montanha («O Lopo», p. 91);

Rua («O Estrela e a Mulher», pp. 40-44)

O Senhor Ventura (Primeira Parte – capítulo III, pp. 15-16; capítulo IV, p. 18; capítulo V, pp. 19-21; Terceira Parte – capítulo XXV, p. 151).

Fogo Preso [O discurso de Torga na abertura do Comício Socialista, realizado em 20 de Abril de 1975 em Lisboa (pp. 105-110). Este discurso não contém referências directas à capital, mas o facto de ter sido proferido nela e de constituir uma reflexão sobre a História Nacional justifica que seja abordado neste capítulo do nosso trabalho.].

O Tejo, as Colinas, a Luz, o Mar, a História (Descobrimientos, essencialmente), os Monumentos, as Exposições Temporárias, a Religião, a Política (com o Aljube, antes de Abril de 74, e com os «bastidores» do «poder», depois), os Intelectuais, a Sociedade, a partida e chegada de viagens (do escritor), os internamentos ou consultas em Hospitais, um «gigantesco comício», a gravação de discos com poemas seus, o Jardim Zoológico,

o Fado e as cerimónias de atribuição, a ele, de prémios literários, cruzam-se, dialogam, e lançam desafios, ao escritor e a nós, ao longo de todas estas páginas torguianas.

A Lisboa de Torga estende-se geograficamente de Odivelas (Torga, 1999: 1529) ao Bugio (Torga, 1999: 1487), e da zona ribeirinha (variadíssimas referências) ao Marquês de Pombal (Torga, 1999: 1233) e às Avenidas Novas (Torga, 1999: 274); cronologicamente, há uma referência a 1920 (Torga, 1994a: 108-9) e muitas a partir de finais de 1939, no conjunto das obras formado por *A Criação do Mundo*, *Diário*, *Portugal* e *O Senhor Ventura*.

Acrescente-se, como conclusão desta Introdução, que, tendo em consideração a definição de Torga de capital, citada em epígrafe [(«O espelho liso da alma dum povo, que deve ser a sua capital (...)» (Torga, 1999: 885)], consideramos que neste capítulo sobre Lisboa, a província deve aparecer. E pensamos que este objectivo é alcançado com a análise dos *80 Poemas*.⁸⁰

O autor de *Portugal* olha para a **geografia de Lisboa** a partir das colinas, do estuário do Tejo (Torga só começa a viajar de avião em 1972), da Ponte Salazar/25 de Abril, mas essencialmente das janelas da prisão do Aljube, como veremos quando falarmos do período em que o autor d' *A Criação do Mundo* foi preso político.

«A luz é deslumbradora» (Torga, 1999: 622) e «Tanta e de tal pureza» (Torga 1999: 1124), o que facilita que «de cada colina (...) o espírito» fique «rendido a uma bênção de cor, de grandeza e de harmonia.» (Torga, 1986a: 112)

O Tejo, «Rio perfeito/ (...) Largo, sereno, aberto» (Torga, 1999: 1217) que se avista não só da zona ribeirinha, mas também das colinas, é uma presença constante, em prosa e em verso, nas páginas torguianas dedicadas a Lisboa. Foi esta imensa superfície de água que levou o «Senhor Ventura» a exclamar, quando pela primeira vez veio à capital: «Isto, pelos modos, é que é o Tejo! Que mar de água!». (Torga, 1991b: 16)

E, no ponto mais ocidental do estuário do rio, encontra-se um forte (Torre do Bugio), que Torga visitou e que descreve do seguinte modo: «Portugal tem dois miradoiros flutuantes: o castelo de Almourol e o baluarte onde me encontro. De um, o que há nele

⁸⁰ Disco gravado em Lisboa (Paço d'Arcos) nos Estúdios Valentim de Carvalho, por ocasião do octagésimo aniversário do poeta.

de telúrico entra pelos sentidos todos; no outro o que há nele de marítimo entra pelo entendimento todo.» (Torga, 1999: 1487)

O primeiro contacto de Torga com Lisboa deu-se em 1920 (contava então treze anos) quando, cumprindo o destino duma grande parte dos jovens transmontanos, emigrou por cinco anos para o Brasil. Trazia com ele, de S. Martinho, uma ideia de Lisboa certamente semelhante à que nos é dada em quatro contos.

«Maria Lionça», conto que dá início aos *Contos da Montanha*, mostra-nos Lisboa como o porto da emigração que, muitas vezes, não tem regresso:

Envergonhado dum pai que lhe passara apenas pelos olhos como um fantasma de podridão, e sem poder abarcar a grandeza daquela mãe que fazia do absurdo o pão da boca, abalou para Lisboa, sem Galafura saber a quê. E nova via sacra começou na loja do correio. (Torga, 1987: 21)

«Justiça» (*Contos da Montanha*) e «O Lopo» (*Novos Contos da Montanha*) falam-nos do como Lisboa (e o Porto) se relacionavam com as leis:

- «E, nisto de tribunais, quem vai à frente é que geme. Depois, com advogados do Porto e de Lisboa não se brinca. Comem muito.» (Torga, 1987: 171)

- «- Perdeste – reforçou o advogado, a fazer balançar o mata-borrão sobre a banca. E acrescentou: - Recebi ontem à tarde a notícia da sentença. Tive de telefonar para Lisboa, e disseram-me do Tribunal.» (Torga, 1991a: 91)

Em «O Pé Tolo», a capital não se coíbe de, por razões pouco mais do que tolas, ameaçar a província com bombardeamentos: «Intimações da capital do distrito, ameaças de Lisboa, e nada. Uma tentativa da Guarda foi rechaçada a tiros, à pedrada e a estalho. E, claro, o Governo ameaçou de bombardear a terra.» (Torga, 1987: 221)

7.2. O PODER

7.2.1. MIGUEL TORGA E O ALJUBE

O homem só se descobre a descobrir. E descobria até que ponto ele é capaz de reverter a seu favor os próprios malefícios da desgraça.
(Torga, 1974a: 95)

Torga foi preso político (em Leiria e em Lisboa) entre 30 de Novembro de 1939 e 2 de Fevereiro de 1940. Em *A Criação do Mundo* (que abrange o período que vai da sua 4ª classe até cerca de 1980) o escritor dedica, num total de 923 páginas, 90 ao período em que está preso (sendo 11 a Leiria e ao percurso entre Leiria e Lisboa, e as restantes 79 a Lisboa). Isto significa que cerca de 0,26% do tempo da *Criação do Mundo de Torga* ocupa 9,7% do livro de *A Criação do Mundo*. Estes dois meses e três dias de prisão constituem um período fulcral (pela intensidade e criatividade) da sua vida.

Pensamos ser correcto afirmar que Torga, no ano em que é preso, ainda não tinha solidamente organizados os seus *discursos teológico* («apelo da transcendência»), *cósmico* («fascínio telúrico») e *sociológico* («imperativo da liberdade») (Gonçalves, 1998:131). A dura ascese a que se submete no Aljube permitiu-lhe um importantíssimo salto qualitativo no aprofundamento dos seus discursos.

Acompanhemos os passos mais significativos desse processo.

As acérrimas críticas aos regimes de Franco, Mussolini e Salazar, escritas no 4º Dia d'*A Criação do Mundo*, levam à apreensão do livro e à detenção do escritor-médico (Torga estava a meio duma consulta, no seu consultório de Leiria, quando foi detido).

Na prisão de Leiria, o rebelde Torga escreve, no dia em que foi preso, um dos poemas mais curtos e mais fortes de toda a sua obra e que sintetiza aspectos muito importantes dos seus discursos teológico e sociológico (pensamos que apesar de já ter sido citado o poema é importante citá-lo, uma vez mais):

Exortação

Meu irmão na distância, homem
Que nesta mesma cama hás-de sofrer:
Que nem a terra nem o céu te domem;
Nenhuma dor te impeça de viver! (Torga, 1999: 96)

O discurso teológico, concebido na prisão, aparece ainda bem explícito num conto que, tudo indica (Torga 1974a: 137), terá sido esboçado no Aljube – «Vicente» de *Bichos*.

Há, neste conto, três passagens reveladoras do profundo e consciente desafio de Torga a Deus:

- «Escolhera a liberdade, e aceitara desde esse momento todas as consequências da opção.» (p. 133)

- «(...) a total autonomia da criatura em relação ao criador.» (p. 134)

- «A significação da vida ligara-se indissoluvelmente ao acto de insubordinação.» (p. 134)

Contudo, esta sua posição de autonomia total perante Deus nunca o impediu de ter um profundo «fundo cristão». Comentando a noite de Natal que passou no Aljube, o poeta escreveu que o seu «fundo cristão necessitava (...) de ver nascido no estábulo dos corações um messias da fraternidade humana, do amor universal.» (Torga, 1974a: 149). Esta necessidade nunca o abandonará, como, pensamos, ficou explícito quando, em S. Martinho de Anta, abordámos o tema Natal.

O «discurso telúrico» tem como principais espaços físicos o estuário do Tejo, que o escritor contemplava da janela da enfermaria (no último piso da prisão) e para onde Torga foi transferido, em 18 de Dezembro, por se encontrar profundamente debilitado), e Trás-os-Montes, espaço onde a imaginação do contista terá colocado os seus Bichos.

Em relação ao estuário do Tejo, o escritor diz-nos: «O amplo estuário do Tejo como que entrava pelas grades dentro, a encher o dormitório de luz e de lonjura.» (Torga, 1974a: 162). E dezoito páginas à frente (pp. 180-1) acrescenta: «Quis então dizer adeus ao panorama que mais demoradamente contemplara na vida, e que fora simultaneamente um alvo de adestramento dos olhos e um espaço aberto onde diariamente me pudera encontrar.» (p. 180/1). (Este panorama, com casas sem antenas de televisão, contemplado pelo Orfeu Rebelde entre 18 de Dezembro de 1939 e 2 de Fevereiro de 1940, poderá ser visto hoje em diversos quadros de Carlos Botelho).

Em relação aos seus *Bichos*, o autor d'A *Criação do Mundo*, dá-nos esta preciosa informação: «Ia-se radicando no meu espírito a determinação de passar ao papel algumas vidas animais, tão estremadas na pureza instintiva que o homem pudesse identificar nelas a sua naturalidade perdida.» (Torga, 1974a: 137-8).

O contraste entre o espaço sem fim do «Reino Maravilhoso» e o espaço exíguo e degradante do Aljube explicam que os sentidos (e a alma) de Torga atinjam paroxismos opostos na prisão (Torga 1974a: 113/4) e no reino maravilhoso de alguns «Bichos» («Nero» – pp. 18 e 19; «Mago» – p. 28; «Bambo» – pp. 65-67; «Tenório» – p. 70; «Cega-Rega» – p. 87 e «Farrusco» – 106/7).

O «discurso sociológico» está, talvez mais do que os outros, em permanente descoberta. Os guardas, os presos, os visitantes, as pessoas anónimas que passam na rua, os intelectuais e, essencialmente, ele próprio, são incansavelmente observados. Citemos as passagens mais significativas:

- «Essa generalizada covardia preventiva diante das vítimas do poder, fruto da outra que o legalizava, era o último sintoma trágico da desagregação social do país. Em vez dum apertado círculo de solidariedade, o perseguido sentia em redor de si um vazio de pavor e cautela.» (Torga, 1974a: 98)

- «Nunca tanto interrogara a minha condição, a avaliar-lhe as reservas de energia e os limites de resistência. (...) Os brônquios acatarroavam, a velha úlcera do estômago começava a refilar, emagrecia a olhos vistos. Mas todo eu era um acto aplicado da vontade. Da vontade que sempre soubera vencer – ou convencer – a fisiologia, e que havia por força de levar a melhor mais uma vez. (Torga, 1974a: 116/7)

- «O osso ia ser duro de roer, mas estava decidido a rilhá-lo corajosamente, como outros o tinham feito antes de mim, por ventura com mais mérito, risco e humildade.» (Torga, 1974a: 118)

- «...no plano dos valores humanos, ninguém está sozinho no mundo, por mais isolado que pareça. Que sempre uma legião de sombras vem solícita em nosso socorro (...). Antepassados e contemporâneos, vinculados às mesmas ideias e sentimentos...» (Torga, 1974a: 119)

- «Numa casa daquelas, ao fim de certo tempo, o preso que perdesse a capacidade de indignação estava perdido. (...) Saíra a tempo. Mais uns meses, e perderia o gosto da liberdade.» (Torga, 1974a: 178).

As paixões humanas de Torga estão, também, bem presentes nas páginas sobre o Aljube, como acontece em relação aos pais e à D. Gena (proprietária duma pensão em Leiria, onde o escritor esteve hospedado).

Os pais estão, indubitavelmente, presentes em toda a obra torguiana. Mas, mais uma vez, aqui no Aljube, os sentimentos de Torga exacerbam-se e os pais surgem como seres perfeitos, dir-se-ia mesmo - sagrados. Sobre o pai escreve: «A verticalidade de meu Pai dera-me a medida do homem: um ser em que toda a grandeza concebível tinha a obrigação de se reflectir.» (Torga, 1974a:115).

E quanto à mãe compara-a, na noite de Natal, à Virgem («Pietà»), sendo ele Cristo, «morto e nu» e «embrulhado nas dobras» do manto da Mãe – (Torga, 1999: 97).

A D. Gena deslocava-se, regularmente, de Leiria a Lisboa para visitar Torga no locutório do Aljube, transmitindo-lhe sempre uma «humanidade transbordante» (Torga, 1974a: 146). Deliciemo-nos com os «mimos» desta senhora:

a D. Gena sempre carregada de bolos, marmelada e outros mimos (...) E, no locutório, parecia estar em casa, a conversar ao serão. Gracejava, inquiria, contava, de tal maneira alheada das grades que as fazia esquecer. E, quando se despedia, de sorriso nos olhos, deixava-me no coração a força daquela humanidade transbordante, a apontar sem desfalecimentos para além dos presídios, do tempo e das contingências. (Torga, 1974a: 146)

A intensidade do sofrimento, das reflexões, dos afectos e da disciplina de Torga na prisão, colocam-no, frequentemente, no mundo da Poesia. Repare-se que o *Diário*, no período em que Torga está preso, não apresenta uma única entrada em prosa. Em contrapartida aparecem seis magníficos poemas, marcados pelo culto da liberdade e do amor.

Quando Torga abandona o Aljube, a 2 de Fevereiro de 1940 (contava, então, 32 anos), já traz consigo a maturidade suficiente para afirmar o que só viria a escrever no *Diário*, a 9-12-1993, com 86 anos de idade: «De alguma coisa me hão-de valer as cicatrizes de defensor incansável do amor, da verdade e da liberdade, a tríade bendita que justifica a passagem de qualquer homem por este mundo.» (Torga, 1999: 1786)

Relacionado com a prisão de Torga e com a capital, é do maior interesse uma visita à Torre do Tombo para ver os quatro processos instruídos pela polícia política do Estado Novo a Miguel Torga, os quais:

são constituídos por quatrocentas e cinquenta e cinco páginas. Nelas se incluem as mais variadas informações relativas ao escritor, cronologicamente compreendidas entre os anos de 1939-1973. (...) só não existem informações (...) para os anos de 1942 e 1971. (Nunes, 2007: 20).

Em Fevereiro de 1975 o autor d'*A Criação do Mundo* teve acesso ao seu processo da PIDE. No *Diário* registou a sua reacção:

Uma alma devotada envia-me um monte de fotocópias do meu processo na Pide. Um acervo de documentos ridículos e trágicos ao mesmo tempo. Os passos que dei durante quarenta anos seguidos hora a hora, reproduções de cartas particulares que escrevi e recebi, denúncias feitas por pessoas insuspeitadas (...). (Torga, 1999: 1292)

A experiência de Torga na prisão condicionou, para sempre, a sua postura perante a capital, em particular perante o poder político. Vejamos o que ele pensava sobre o homem responsável pela sua prisão - Salazar:

As circunstâncias, uma inteligência impassível, um certo sentido de grandeza pessoal, o conhecimento satânico do preço dos homens, a obstinação, o oportunismo, a ousadia, a crueldade e o desprezo podem num dado momento fazer do mais apagado indivíduo um chefe providencial. (Torga, 1999: 1146)

E no fim da nota que acabámos de citar (e que foi escrita no dia em que Salazar, por motivos de saúde, «foi exonerado e substituído»), Torga coloca uma pergunta da máxima pertinência: «Resta apenas perguntar o que vai ser agora do nosso espírito bambo, mole».

Em 27 de Julho de 1970 o fundador do Estado-Novo morre, o que leva o Orfeu Rebelde a escrever: «A obra de domesticação nacional estava realizada há muito (...) A fome de aventura, a inquietação de liberdade, o alento da esperança, o orgulho, o brio, a alegria e a coragem – tudo fora sistemática e impiedosamente apagado na lembrança da grei.» (Torga, 1999: 1185).

Estas duas notas são bem esclarecedoras do enorme peso que o autor do poema «Portugal» (e do ensaio com o mesmo nome) sentia sobre os seus ombros, isto é, como conseguiria avivar o «rosto eterno» da sua Pátria, que já quase só tinha «um rosto

circunstancial» e um «rosto postiço»? (Torga, 1999: 1213). Até então Torga tinha como quase único inimigo o «ditador». Agora tem que lutar contra uma nação onde tudo (as principais virtudes) «fora sistemática e impiedosamente apagado na lembrança da grei.»

Recuemos ligeiramente no tempo. No ano em que a filha completa dez anos (1965), visita com ela o Jardim Zoológico e, numa linha, diz-nos muito: «Eram horas de a iniciar no abc da ferocidade.» (Torga, 1999: 1061)

Em 1968, talvez com a filha («Mostrei-lhe a Sé e o Aljube»), passa na Sé e no Aljube e sintetiza, também numa linha, o seu pensamento sobre as afinidades entre o poder político e o da Igreja: «a Sé e o Aljube. (...) em ambas se prendia o espírito, ou em nome do ódio humano ou em nome do amor divino.» (Torga, 1999: 1124).

E poucos meses depois volta a falar da «realidade social da pátria» face à PIDE: «Nenhum português deste século ficou a conhecer a realidade social da pátria se não passou pelos calabouços da P.I.D.E. ou por um tribunal político, mesmo só a testemunhar.» (Torga, 1999: 1147)

No pós-25 de Abril a desilusão de Torga com o novo poder político surge rapidamente e é profunda, mas na primeira referência feita em Lisboa (Abril de 1975) ainda acredita em alguns políticos.

Neste mês de Abril de 1975, dia 20, o autor de *Fogo Preso*, é convidado pelo Partido Socialista a presidir a um «Gigantesco comício». Torga vê o PS como «um grande partido que avança corajosa e nobremente em direcção ao dia de amanhã com o pendão do destino nacional erguido em liberdade, igualdade e fraternidade» (Torga, 1989: 108).

Entre 1979 e 1988 as entradas do *Diário* escritas em Lisboa revelam-nos um privilegiado contacto com o poder político. E ficamos aterrados. O poder não ouve, não tem um código ético e é infeccioso. Há uma cripto-ferocidade nos palácios do poder. E esta ferocidade é denunciada pelo autor do *Diário* em cinco paradigmáticas entradas:

- «O poder. É engraçado conhecer-lhe os bastidores! São doirados e alcatifados. E têm muitos reposteiros...» (Torga, 1999: 1397)

- «O difícil não é dizer-lhe as duras verdades que lhe digo. É reiterá-las, a saber que entram por um ouvido e saem por outro. O poder não ouve.» (Torga, 1999: 1471)

- «Deus nos defenda! Há um agente infeccioso dos palácios como o há nos hospitais. Um miasma subtil que contamina as consciências e as conforma com as sinuosidades do poder, dando-lhes uma versatilidade artilosa que, à força de compromissos, pequenas traições e vagos sucessos, se julga tão inteligente como a inteligência.» (Torga, 1999: 1471)
- «Mais um diálogo inútil com o poder. O inconformismo poético e o conformismo político num esforço vão de entendimento. Um, livre, descomprometido, a planar no absoluto; o outro, peado comprometido, a choutar no relativo.» (Torga, 1999: 1535)
- «Estão perdidos. E não consigo deixar de lho fazer sentir. É o mesmo que nada. Comprometidos com o poder, coniventes de mil traficâncias, já nem sequer compreendem os meus escrúpulos.» (Torga, 1999: 1617)

7.2.2. MIGUEL TORGA E O PODER INTELECTUAL

Perante o poder intelectual, Miguel Torga tem uma postura semelhante à que sempre teve perante o poder político: uma crítica constante. Mas a crítica concreta ao poder intelectual da capital surge, essencialmente, durante o período do Estado-Novo. O autor do *Diário* começa por atacar, com ironia implacável, Júlio Dantas, autor do poema cantado por Amália Rodrigues, «Ó Rua do Capelão!». A esta crítica de 1944 seguem-se duas, em 1949 e 1960, dirigidas aos intelectuais do Chiado. É importante citar as três críticas:

- «Beco do Jasmim, Largo da Rosa... (...)
Mas o ar pesado não deixava o fedor das pias e das sarjetas levantar-se de sobre aquelas flores da imaginação.
(...)
Ó rua do Capelão,
Juncada de rosmaninho...

Homens felizes, os da Academia, que confundem rosmaninho com bosta...» (Torga, 1999: 275)

- «...o Chiado, esta vitrine única do mundo, onde se pode ver a arte e a inteligência em compota, dentro de frascos transparentes. (...)

Não. Portugal não tem, nem terá nunca uma literatura digna e viva enquanto não vier outro terramoto de 1755. Só quando cair e arder esta viela da embófia, e o Tejo varrer

de uma vez para sempre o cadáver destes frutos humanos mirrados e embalsamados, poderá surgir uma arte que tenha as raízes na sua pátria e dê flores capazes de serem admiradas em qualquer parte do mundo.» (Torga, 1999: 467)

- «Diante do semi-analfabetismo do Chiado, até apetece valorizar o analfabetismo do resto do país. Nele, ao menos, perdura uma virgindade espiritual que ainda dá esperança...» (Torga, 1999: 957)

Na época em que Torga criticava a «Academia», Carlos Queiroz acompanha-o com não menos intensidade e ironia:

Epigrama

Se de Camões o Espírito, algum dia,
A pátria visitasse,
Quando na *douta* Academia entrasse...
(Para ouvir o que nela se dizia),
Confuso, pensaria: - Que erro enorme!
Como eu julguei ser esta pifieza
Aquela antiga pátria portuguesa
Que me deixou morrer à fome!... (Queiroz, 1989:29)

Mas a Lisboa que Torga descreve não é somente a Lisboa do poder. Vejamos a Lisboa dos «alfacinhas».

A primeira entrada do *Diário*, escrita em Lisboa, posterior à prisão no Aljube, dá o tom de todas as outras: pessimismo perante um presente «cadavérico» e saudades da época das Descobertas: «O Tejo parecia um écran melancólico das aventuras passadas; o Carmo, os ossos ruídos de Nun'Álvares; e S. Vicente, cadavérico, branco, lembrou-me um grande frigorífico real a empestar a Mouraria.» (Torga, 1999: 274)

Em 1948 olha em direcções diferentes, mas o desprezo é o mesmo:

Cada vez se torna mais difícil andar aqui, dormir aqui, viver aqui. Exposições de artes plásticas que parecem estendais de habilidades domésticas, teorias filosóficas que lembram congeminções de farmacêuticos de vila, versos e prosas de almanaque. (...)
Nunca esta Lisboa exprimiu a Pátria.» (Torga, 1999: 416)

A dificuldade de «andar aqui», surge novamente, de forma explícita, em 7-4-1952, 17-7-1958, 27-5-1959, 19-1-1973 e 27-12-1978.

Em 1973 o sentimento agrava-se porque teme que Portugal se transforme «numa Lisboa gigantesca»:

Tenho a sensação que as ruas avançam alguns quilómetros ao meu encontro, de que as casas activaram o mimetismo, e que as pessoas progrediram no sentido de se transformarem definitivamente em bonecos de corda. (...) E vejo, no plano do tempo, Portugal transformado numa Lisboa gigantesca, a terra arável removida pelos serviços camarários para estufas e canteiros, e a outra, depois de convenientemente pelada, coberta por um monstruoso eczema de cimento e asfalto. (Torga, 1999: 1233)

E as conversas que tem com a maior parte dos lisboetas deixam-no perplexo e magoado: «A distância a que todos estes alfacinhas com quem converso estão do país! Ignoram-no de tal modo que se tem a impressão de que nunca o sentiram na raiz da alma.» (Torga, 1999: 1495)

Vimos até aqui, essencialmente, a posição de Torga em relação à capital. Importa, agora, ver a relação do resto do país com Lisboa. Neste plano a agressividade não é tão intensa. Mais uma vez o *Diário* é imprescindível, mas também os *Contos da Montanha*, *Novos Contos da Montanha*, *Rua* e o capítulo «Lisboa» de *Portugal*.

Já salientámos o que nos dizem os Contos. Aí, Lisboa é símbolo de emigração, duma justiça ao serviço de quem tem mais dinheiro e da imposição da ordem pela utilização da força das armas.

Em *Rua*, no conto «O Estrela e a mulher», há uma visão totalmente diferente de Lisboa. A visita que o barbeiro Estrela e sua mulher fazem à capital é um momento mágico, «uma carícia funda da vida.» (Torga, 1985: 40).

No capítulo «Lisboa» de *Portugal* a **emigração**, no passado e no presente, é novamente estigmatizada. Para os portugueses da província:

o Cais das Colunas, os Jerónimos, a Torre de Belém, a estátua de Afonso de Albuquerque e o aeroporto da Portela de Sacavém são símbolos tangíveis duma permanente perdição. Instintivamente, o bom senso telúrico defende-se dum destino que nunca quis do coração e que em Lisboa teve e tem ainda o seu aliciente embarcador, real ou imaginário. (Torga, 1986a: 114-5)

Depois de citar o «grito doloroso e revoltado» da província, «O país não é o Terreiro do Paço!», o escritor da Montanha diz que esse Terreiro de ministérios, acentuando cada vez mais a centralização das decisões na capital, aviva «feridas mal cicatrizadas e abre outras de maior purulência ainda». (Torga, 1986a: 115).

Mas a continuação da reflexão sobre a relação da Pátria com a capital, permite ao poeta terminar o seu ensaio com palavras que constituem um grandioso desafio a cada português:

Talvez mesmo lá no fundo, no fundo da desavença, não haja senão um sentimento de culpa comum, a mesma mágoa inconfessada duma desgraça que abrangeu toda a nação, mas que tem na capital o seu estigma indelével. (...)

Enamorado de si, morreu Narciso à beira dum regato onde se mirava. E as ninfas compadecidas da sua desgraça, pediram aos deuses que o transformassem numa flor.

Narcisos que fomos também um dia, esperava-nos um destino igual ao do filho de Céfiso. Lisboa é essa flor em que o destino nos transformou; O Tejo, o rio onde nos perdemos a contemplar a própria imagem.» (Torga, 1986a:116-117)

7.3. A HISTÓRIA

Cronologicamente a História de Lisboa, na obra de Torga, estende-se de D. Dinis (a quem dedica um poema) e vai, com muitas interrupções, até aos anos 80 do século XX. A máxima torguiana, «A memória é a faculdade mais precária que temos. E, no entanto, é só nela que o pretérito joga o seu futuro.» (Torga, 1999: 1487), escrita na Ericeira, poderia ter sido escrita depois de uma visita à Torre do Tombo. Neste edifício, que só por si merece uma visita, encontra-se uma enorme parte da memória de Portugal. A «Carta de Pêro Vaz de Caminha a El Rei D. Manuel» e o dossiê da PIDE referente a Torga são comentados no *Diário* (10-5-1983 e 18-2-1975, respectivamente).

O poema dedicado a D. Dinis é escrito em «Lisboa – Odivelas» perante o túmulo do monarca (Convento de Odivelas). É produto da grande admiração pelo soberano [(«grande rei/ Poeta! (...) Não acordes agora./ A hora/ Não te merece.» (Torga 1999: 1529)], mas também da sua, já nossa conhecida, desilusão com a pátria.

Nun'Álvares Pereira só é referido nos textos sobre Lisboa, numa entrada repleta de pessimismo (Torga 1999: 3-5-1944), mas a presença da sua memória e do seu convento são tão fortes que nos permitem evocá-lo num contexto torguiano através dos *Poemas Ibéricos*:

Nun'Álvares

“(…)

Mais difícil era a empresa

Que a seguir comecei:

Já sem cota de malha, combater

Por outro Reino e por outro Rei!

O século XV torguiano da capital, empolga-nos através de duas entradas do *Diário*, em que comenta os Painéis de Nuno Gonçalves:

- «(...) o políptico, em vez de uma misericórdia de almas hierarquizadas e suplicantes à sombra de qualquer capa, é uma confraternização viril de homens da mesma grandeza, livres e triunfantes ao lado uns dos outros.» (Torga, 1999: 1061)

- «(...) A família portuguesa como era no passado, e tenho esperança que será no futuro, estética e psicologicamente retratada para a eternidade. Não há rosto lusíada paradigmático, avalizado pela história, que não esteja ali (...) figurado ao natural, decidido a tudo, alheado de tudo, resignado a tudo. (...)» (Torga, 1999: 1483)

Olhando e lendo, com tempo e minúcia, os Painéis e estes dois textos do autor de *Portugal*, uma das muitas conclusões a que podemos chegar é que Torga, junto dos painéis, sente-se junto da sua gente: «decidido a tudo, alheado de tudo, resignado a tudo.»

Ao ver, na XVII Exposição do Conselho da Europa «Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento», a *Carta de Pêro Vaz de Caminha a El Rei D. Manuel*, que sem a sociedade dos painéis não existiria, o autor de *Traço de União* ficou comovido [(«até me vieram as lágrimas aos olhos» (Torga, 1999: 1482)].

Em consequência da existência das sociedades dos «Painéis de Nuno Gonçalves» e da *Carta de Pêro Vaz de Caminha a El Rei D. Manuel*, Lisboa pôde ser «capital (...) de direito» (Torga, 1986a: 14) de Portugal e ter homens «que fizeram redes e desfizeram teias de aranha» (Torga, 1999: 274) e possuíram o «dom das línguas» (Torga, 1999: 1149) por serem circum-navegadores.

Os séculos XVII e XIX da capital não são contemplados nas páginas torguianas sobre Lisboa, mas, recorrendo à estatúaria e à toponímia, podem ser apresentados através do que Torga escreveu sobre figuras como: Padre António Vieira, Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Antero de Quental, Oliveira Martins e Eça de Queirós.

No poema «Ímpeto», escrito em Lisboa, o autor do poema «Portugal», que contava então setenta e sete anos, mais uma vez identifica-se com Portugal:

Fui Portugal
Na minha meninice.
Quem diz que já não posso
Rezar um Padre Nosso
E partir em seu nome na velhice? (Torga, 1999: 1535)

O último poema escrito por Torga em Lisboa, «Pesadelo» (20-4-1988), é paradigmático da sua postura perante o passado e o presente da «Nação»:

Memória do passado.
Quem pudera apagá-la
Neste cais deserto!
Nenhum cabo do mundo descoberto,
Nenhum convés de aventura.
Um Tejo sem vocação
De caminho de Nação
Para o mar e a lonjura. (Torga, 1999: 1624)

7.4. A ARTE

O primeiro encontro, em Lisboa, de Torga com a arte foi com a Sé. No *Diário* e em *Portugal* surgem várias referências ao estilo românico que revelam uma enorme admiração, mas poucas são tão esclarecedoras quanto a que Torga regista no IV volume d'*A Criação do Mundo* (p. 111), quando descreve a ida para o Aljube: «Passávamos agora diante da Sé, de que só conseguia ver parte do pórtico. Dava segurança, o românico! Firme, sóbrio, reflectido. Talvez que nunca a humanidade tivesse conseguido um estilo arquitectónico tão solidamente assente na alma...»

Torga identificou-se sempre com a firmeza, a sobriedade, a reflexão e a espiritualidade deste estilo medieval.

No Museu Nacional de Arte Antiga, o autor de *Portugal* encontra-se, através de dois quadros, com o século XV de Nuno Gonçalves: *Ecce Homo* e os *Painéis de S. Vicente*.

Ecce Homo

Humanidade exposta
À varanda do mundo,
A mostrar,
Consumadas,
As horas cruciantes da paixão.
As chagas a sangrar
E as mãos atadas...
Violência e prisão.

Semivelado, o rosto
Não tem olhos.
Ou cobre-os o pudor
Da lucidez...
Alheio ao sol fortuito do poder
E à vencida aparência que lhe dê,
O penitente deixa-se apenas ver.
O que ele vê, não se vê... (Torga 1999 1045)⁸¹

Julgamos que Torga pensaria que o que Cristo vê, e a maioria das pessoas não vê, são os bastidores/raízes da «Violência e prisão.». Torga também vê em grande parte esses bastidores/raízes e cada vez mais utilizará essa visão na sua obra.

Os Painéis de Nuno Gonçalves foram tratados aquando da abordagem da História de Portugal e do auto-retrato de Torga, mas neste momento importa chamar a atenção para o facto de que Torga também foi sensível à componente artística da obra. Vejamos:

Não se sabe ao certo quem realizou o prodígio. Mas foi de certeza um génio medularmente irmanado com os modelos. De tal modo integrado na humana realidade da pátria essencial que não lhe escapou nenhum dos seus estigmas. (...) Que seja obra de um artista nacional ou estrangeiro, tanto faz. (Torga, 1999: 1484)

O estilo manuelino, como expressão artística de um período da História de Portugal considerado por Torga como um dos mais brilhantes da História da Humanidade, inspirou-lhe, em Lisboa, três lapidares definições:

- «rendilhada [Torre de Belém] por mãos que fizeram redes e desfizeram teias de aranha.» (Torga, 1999: 274)

⁸¹ Pedro Dias, comentando o quadro em causa diz-nos: «Aqui, Nuno Gonçalves conseguiu a simbiose perfeita entre o homem e Deus» e retratou «o martírio e glória do Filho de Deus como nenhum outro pintor até hoje o conseguiu fazer.» (Dias, 1986: 177)

- «tão especificamente português como a língua que falamos e o chão que nos criou. Foi uma secreção do nosso gosto, da nossa maneira de unir a realidade ao sonho» (Torga, 1999: 275)

- «Gosto dos nossos diálogos, porque sintonizamos um com o outro logo à primeira.

- Na Batalha falo português; em Alcobaça, latim. A Batalha é um monumento cívico; Alcobaça um testemunho religioso. Por isso, num sítio sinto-me nacional; no outro, ecuménico.

- E nos Jerónimos é como se tivesse o dom das línguas e se considerasse ainda circum- navegador, claro...» (Torga, 1999: 1149)

A obra de Amadeu de Sousa Cardoso (que Torga visitou numa exposição, em Lisboa, de arte contemporânea portuguesa) fascinou o autor de *Odes*, porque possui uma dimensão europeia sem deixar de ter raízes locais: «Sabe bem verificar que também somos capazes de estar à altura de qualquer tempo europeu enraizados em Manhufe.» (Torga, 1999: 1489)

Uma boa exposição pode levar-nos a uma vasta e profunda viagem pelos mais altos momentos da História da Humanidade. Em Lisboa, Torga visitou em Dezembro de 1988 a Exposição *Aventura Humana* e anotou no *Diário*:

O longo caminho da vida e o curto percurso do homem! Mas o que ele fez em trinta e seis mil anos! Descer dum galho, erguer-se nos pés, pintar Altamira, construir o Partenon, escrever *D. Quixote* e subir à lua, é obra! Só é pena que no plano moral não tenha sabido ser digno dessa magnitude. (Torga, 1999: 1647)

Das quatro grandes obras da humanidade seleccionadas pelo autor d'*A Criação do Mundo* duas são espanholas, sendo que *D. Quixote* é a que lhe inspira mais textos.

A «...primeira Sixtina que o homem pintou» (Cuevas de Altamira) leva o autor de *Poemas Ibéricos* a sentir uma:

profunda e comovente reverência pelo que o espírito é e pode: Força milagrosa e gratuita, que procura, desde que o mundo é mundo, suprir a temporalidade da vida pela intemporalidade da beleza. (...) Adão a descrever os espinhos da luta fora do paraíso -, começa aqui o caminho da grande peregrinação do génio através da terra: consciência dramática do nosso destino de permanentes caçadores nas selvas da natureza, e lúcido dom de revelar em formas maravilhosas essa consciência. (Torga, 1999: 557)

Depois da visita à Grécia, Torga sintetizou, nos seguintes termos, a sua experiência na «Atenas palpável!»: «E nada, ninguém, nem o tempo, nem a força, poderão despojar-me agora desse instante, que foi o encontro da beleza, da verdade e da paz. Levo a fonte comigo!» (Torga, 1999: 721)

E, perante a obra maior do seu mestre Miguel de Cervantes, o autor de *Poemas Ibéricos* poderá ter recordado as entradas do *Diário*: 18-11-1939; 28-6-1941; 6-4-1944; 20-1-1947 11-10-1950; 20-4-1951; 18-12-1987; 5-4-1990 e os poemas «Cervantes», «Pesadelo de D. Quixote» e «Exortação a Sancho» do livro *Poemas Ibéricos*.

A leitura destes textos leva-nos a afirmar que, segundo Torga, o «Sublime louco» deu à causa de D. Quixote o «Absoluto» (génio, generosidade e energia) e compreendeu que uma obra só é universal quando tem «as raízes na pátria» do seu criador. Com tudo isto, e recorrendo a um «riso» «inteligente» e «limpo», Cervantes foi ao encontro do D. Quixote que nós temos «dentro da alma» (Torga, 1999: 93). E foi a apoteose.

A subida «à lua», que comentámos em «A importância das viagens para Torga» [capítulo «Torga e o Turismo (Cultural)»], reforçou a esperança do Quixote Torga na criatividade do Homem.

7.5. O FADO

Embora não o colocando ao nível da ópera, nem dos grandes mestres da música clássica (ver «O Senhor Ventura», p. 18, e *Diário*, 10-4-1948), Torga, em meados do século vinte, considerava que:

o melhor que Portugal deu na época presente foram fadistas. Nenhum criador se levantou à altura das nossas cantadeiras.

A Maria de Noronha, a Amália e a Hermínia são agora o Antero, o Eça e o Oliveira Martins. (Torga, 1999: 496)

Com o livro *O Senhor Ventura*, o nómada Torga dá-nos elementos muito importantes para compreendermos a essência do Fado.

O soldado «Senhor Ventura» (um amador, mas completo fadista, pois cantava e tocava guitarra), conquistou o quartel, durante um curto período em que esteve preso por

desacatos provocados numa noite de boémia: os camaradas, os guardas e um oficial rendem-se às serenatas que o presidiário lhes oferecia através das grades da sua cela.

Num desses momentos fadistas um tenente passa junto da cela e diz ao *Senhor Ventura*: «Então agora ópera, ó 158?!

- Ópera não, meu tenente... Ainda lá não cheguei... Era só um fadinho para consolar a rapaziada... (p. 18)

Algumas páginas à frente (p.30) encontramos o «Senhor Ventura» longe da pátria. É um fim de tarde e uma saudade indefinível e angustiante, invadiu-o. E o «Senhor Ventura», agarrando a «guitarra esquecida (...) começou a dedilhar com a mão direita as cordas que a esquerda premia como a torturar alguém.» E, por fim, «Um fado gemeu (...) daquela angústia.»

Enfim, prisão/ausência de liberdade, lonjura, saudade e angústia explicam em boa parte uma certa alma do Fado.

Na última referência que Torga faz ao fado, sentimos que o autor de *Portugal* considera que certo fado exprime a alma da pátria, mas de uma pátria decadente, masoquista e sem capacidade de sublimar. Oiçamo-lo:

Jantar numa casa de fados. E lá estive até às tantas a ouvir gemer a alma de Portugal na voz de vários penitentes. Todos, na mesma maceração, a saborear a própria dor, desciam a tais profunduras do sentimento que acabavam por atingir o êxtase em negativo.

A ascese de que somos capazes: arrebatamentos sem sublimação nas trevas da desventura. (Torga, 1999: 1474)

7.6. OS DISCURSOS AQUANDO DA ENTREGA DE PRÉMIOS LITERÁRIOS

Em 26 de Dezembro de 1978, na Fundação Calouste Gulbenkian, o autor do *Diário* é homenageado, por iniciativa de David Mourão-Ferreira. (ver Rocha, 2000: 151) e aí proferiu um discurso que se desenvolveu a partir de duas «datas rituais, uma cristã e outra pagã, do Natal e do Ano Novo.» (Torga, 1999: 1380).

Mais uma vez, Torga traz para a capital o seu «Reino Maravilhoso», com o que esse reino tem de «sagrado» e de «profano» [«(...) valores a que sempre me rendi: o sagrado e o profano. O sagrado e o profano que há na própria vida. O fulgor da luz transcendente que alumia as almas, e o calor do sol em ascensão que aquece os corpos.» (Torga, 1999: 1380)]

Mas traz ainda do «Reino Maravilhoso» o respeito pelo património popular: «É que temos de reconhecer o terrível paradoxo nacional de raro se encontrar no património mental do português culto algo de semelhante à exemplar coerência patente no anímico património popular.» (Torga, 1999: 1381)

Em 1981 recebe o prémio Montaigne. Aproveita a ocasião para recordar que o autor de *Ensaio* é o «mais paradigmático dos fundadores do pensamento moderno, que nele encontra o modelo de um incansável esforço de objectividade crítica.» e para defender a sua «velha convicção de que a cultura universal tem de ser o somatório de todas as culturas nacionais.» (Torga, 1999: 1435-6). E dá como exemplo a obra do humanista francês: «Foi, de resto, Montaigne que assim no-lo ensinou, redigindo a sua obra monumental no idioma materno, ele que o aprendera só depois de conhecer o latim cosmopolita.» (Torga, 1999: 1436)

Em 1992 é galardoado com o Prémio Vida Literária, da Associação Portuguesa de Escritores (ver Rocha, 2000: 174).

Portugal, com três sub-temas, está no centro deste discurso (19-3-1992): Portugal e o capitalismo internacional; o Marão, Portugal e o mundo; e, por fim, a língua portuguesa. Um país de onde se «abrange (...) o mundo» e com uma «língua proteica» que alargou a pátria «aos cinco continentes, lusitanizando oceanos, terras e almas.», está, no presente (1992), com uma «curta visão do que fomos, podemos e devemos ser e subserviente ao «capitalismo internacional». (Torga, 1999: 1736-7)

7.7. 80 POEMAS – UM DIA (30-6-1987) COM 55 ANOS DE POESIA

Lisboa, 30 de Junho de 1987 - Oitenta poemas em disco, em lembrança dos oitenta da idade. Ainda estou para saber a que funduras da fisiologia vou buscar as forças em certas ocasiões. Mas nunca me faltam quando as circunstâncias o exigem. (...) Sou uma vontade tetanizada.
(Torga, 1999: 1592)

Foi em Lisboa que Torga fez duas das suas mais fortes referências à Poesia:

A primeira é, como orador, no «Gigantesco comício» (Torga 1999: 1296) realizado pelo Partido Socialista, em Lisboa, em 20 de Abril de 1975. O Orfeu Rebelde define os

poetas como uma «espécie inquieta e inquietante de bruxos adivinhos que, na sua disponibilidade, mesmo sem querer, visionam, revelam e alertam». (Torga, 1989: 108) E, nove anos mais tarde, vai talvez ainda mais longe quando afirma:

Um quadro não muda um homem. Um verso, sim. Se é genial, há nele uma tal carga emotiva e um fascínio intelectual tão denso e coerente que pode virar o leitor do avesso. Falta às artes plásticas, como falta à pura música a graça da palavra. Impressionam mas não dizem. Não implicam o esforço conjunto de todas as nossas faculdades. Deixam o espectador e o ouvinte perplexos numa encruzilhada afectiva, à mingua de uma linguagem inteligível que dê norte ao espírito. É verdade evangélica que no princípio era o Verbo... (Torga, 1999: 1511)

Esta é uma das entradas mais importantes do *Diário* para compreendermos Torga. Quais seriam os versos que o Orfeu Rebelde considerava geniais? E desses, quantos são da sua autoria? (Não tenhamos dúvidas de que ele se considerava autor de versos que podem «virar o leitor do avesso.» O poema «Catequese» (Torga, 1999: 1739) é disso suficientemente elucidativo [«Reza comigo, se te queres salvar./ (...) Reza comigo, a ler-me (...)»]. Certamente que os anteriores a 1987 estão registados nos discos *80 Poemas*, que ele gravou nesse ano, e *Natal – Um Conto e Vinte e Um Poemas*, gravado no ano anterior.

Conceitos e sentimentos de uma intensidade extrema e sentidos opostos, trabalhados ao longo de cinquenta e cinco anos, encontram-se no consciente de Torga num só dia, este (30-6-1987) – o da gravação dos 80 poemas escolhidos pelo autor⁸². Podemos, pois, dizer que nesse longo dia de Junho Torga teve uma imersão total nas vivências mais importantes da sua vida, e compreende-se que tenha escrito no seu *Diário* a entrada citada em epígrafe.

Vários destes poemas podem, e devem, ser lidos como uma exigência à capital (só assim ela poderá voltar a ser «O espelho liso da alma» portuguesa). Eis o que, em nossa opinião, os poemas deste disco exigem a Lisboa:

- Conhecer todo o país. Não é de subestimar o facto de Torga ter contemplado, como veremos mais à frente, na selecção dos oitenta poemas, todo o território nacional continental. Pensamos que o Portugal insular (principalmente os Açores) só se torna

⁸² Este deverá ter sido o dia mais significativo da preparação da gravação. Ao lermos a nota fica-se com a ideia de que tudo se passou em 30-6-1987, mas segundo a brochura que acompanha o C.D. as gravações tiveram lugar a 30 de Junho e 1 e 3 de Julho.

profundamente importante para Torga a partir da atribuição do Prémio Camões (10-6-1989), que lhe foi entregue, pelo presidente Mário Soares, em 10-6-1989, em Ponta Delgada.

- Saber olhar o trabalho agrícola e a natureza – terra, água (rios, termas, mar e lagos), árvores, frutos, flores, serras, fragas, planícies, sol, cereais, jardins e animais. (Pensamos que os variadíssimos poemas telúricos, que integram os *80 Poemas* permitem fazer esta afirmação).

- Estabelecer objectivos e não aceitar que fiquem a meio caminho: «Bartolomeu Dias», «Príncipe Perfeito», «Sísifo» e «Perfil».

- Apostar fortemente nos séculos XV e XVI, mas com espírito crítico, principalmente em relação ao sebastianismo: «Ibéria», «Tormenta» e «D. Sebastião», e rejeitando liminarmente o possível desejo de o imitar.

- Acompanhar e apoiar os trabalhos que visem conhecer e aprofundar as relações com a Espanha: «Ibéria», «Fronteira», «Príncipe Perfeito».

- Apostar fortemente na Poesia, pela importância em si mesma e pela qualidade da poesia portuguesa ao longo de quase toda a História da Cultura Portuguesa.

- Alimentar o Sonho (Torga escreve várias vezes sonho com maiúscula) com loucura lúcida: «Santo e Senha», «Parábola», «Tormenta», «Ariane», «Brinquedo», «Mágoa» e «Sísifo».

- Regar a Liberdade: «Flor da Liberdade».

- Procurar numa «rosa-dos-ventos» um «caminho português»: «Lamento».

Os temas essenciais destes poemas, com frequentes e profundos entrosamentos, são:

Auto-retrato: «Primeira Lamentação», «Livro de Horas», «Serenata em Dó Menor», «O Lázaro», «À Poesia», «Canção do Semeador», «Legado», «Confiança», «Fado», «Câmara Escura», «Santo e Senha», «Visita», «Mágoa», «Dúvida», «Perdição»,

«Perfil», «Eco», «Depoimento», «Ícaro», «Cantilena de Pedra», «Orfeu Rebelde», «Sísifo», «Flor da Liberdade» e «Biografia».

Poesia: «À Poesia», «Canção do Semeador», «Orfeu Rebelde», «Via-Sacra», «Santo e Senha», «A um Negrilho», «Missão», «Viático», «Imagem», «Bucólica», «Visita», «Insónia» e «Resguardo».

Homem: «Primeira Lamentação», «Ar Livre», «Sísifo», «Bartolomeu Dias» e «Lezíria» e «Hossana».

Natureza: «Santo e Senha»; «A Baco», «Para a Manhã», «Imagem», «Bucólica», «Visita», «S. Leonardo de Galafura», «Lição», «Reflexão», «Êxtase», «Manhã», «Abril», «Pátria», «Regresso», «A Um Negrilho» e «Via-Sacra».

Sonho-Realidade-Ilusão: «Da Realidade», «Legado», «Confiança», «Tormenta», «Fado», «Santo e Senha», «Brinquedo», «Parábola» e «Biografia».

Justiça/Esperança: «Moisés» e «Não Passarão».

Vontade: «Cantilena de Pedra», «Sísifo» e «Perfil».

Religião: «De Profundis», «Santa Teresa», «Princípio», «Flor da Liberdade», «Tântalo», «S. Leonardo de Galafura» e «Desfecho».

Morte (terror e repugnância): «S. Teresa».

Lisboa: «Lisboa».

Património Cultural: «Moisés», «Ibéria» e «Algarve».

Portugal: «Ibéria», «O Príncipe Perfeito», «Bartolomeu Dias», «Tormenta», «D. Sebastião», «Pátria», «Lamento» e «Algarve». Em muitos outros poemas deste disco Portugal aparece de uma forma implícita.

Ibéria: «Ibéria», «Fronteira», «Príncipe Perfeito», «Santa Teresa» e «Não Passarão».

Família: «Romance», «Mãe», «Bucólica», «Flor Preservada» e «Écloga».

Loucura: «Flor Preservada», «Sísifo» e «Ibéria».

Também podemos agrupar estes poemas seguindo um critério inspirado em Fernão de Magalhães Gonçalves que considera que a obra torguiana:

é progressivamente estruturada por três discursos ou níveis de sentido que evoluem através de fenómenos de divergência e de convergência numa suscitação dialéctica que

põe a nu o movimento das elementares componentes dramáticas da natureza humana: o apelo da transcendência (*discurso teológico*), o fascínio telúrico (*discurso cósmico*) e o imperativo da liberdade (*discurso sociológico*). (Gonçalves,1998:132).

Parece-nos particularmente importante, no que respeita ao papel da cidade de Lisboa na obra de Miguel Torga, lembrar o que dissemos quando abordámos o período em que Torga esteve preso: estes discursos foram estruturados e, essencialmente, solidificados em Lisboa, no período em que o autor de *A Criação do Mundo* esteve preso no Aljube – de Dezembro de 1939 a Fevereiro de 1940.

Discriminação dos locais e datas de quarenta e quatro poemas do *Diário seleccionados para este disco* (no que respeita aos restantes trinta e seis poemas não há referências aos locais onde foram escritos nem às datas):

Não só encontramos aqui todas as províncias de Portugal Continental, como as localidades que por motivos familiares, profissionais, cinegéticos, balneares, termais e paisagísticos foram particularmente relevantes para Torga:

A bordo: 1 [(«Missão» (27-7-1954));

Albufeira: 1 [(«Algarve» (27-7-1982));

Chaves: 2 [(«Lamento» (11-9-1975) e «Resguardo» (12-9-1983));

Coimbra: 18 [(«Santo e Senha» (3-1-1932), «Brinquedo» (6-2-1936), «Dúvida» (15-8-1941), «Fantasia» (20-10-1945), «Quase um Poema de Amor» (7-2-1950), «Poema Melancólico a Não Sei que Mulher» (22-4-1955), , «Alba» (1-7-1955), «Tântalo» (20-7-1955), «Perdição» (12-10-1958), «Flor Preservada» (16-10-1958), «Écloga» (2-5-1961), «Cantilena de Pedra» (30-7-1968), «Insónia» (10-5-1974), «Sísifo» (27-12-1977), «Perfil» (2-3-1979), «Depoimento» (15-2-1981), «Viático» (20-5-1982) e «Ícaro» (20-2-1987)];

Gerês: 3 [(«Pátria» (20-8-1942, «Parábola» (30-8-1942) e «Reflexão» (2-8-1968));

Leiria: 2 [(«Visita» (10-4-1940) e «Mágoa» (11-8-1940));

Lisboa: 2 [(«Ariane» (1-1-1940) e «Lisboa» (20-2-1946));

Miuzela: 1[«Manhã» (7-11-1971)];

Monforte do Alentejo: 1[«Êxtase» (28-12-1968)];

Ordonho: 1[«S. Leonardo de Galafura» (2-10-1961)];

Porto: 1[«Ressurreição» (12-11-1957)];

Ribatejo: 1[«Lezíria» (11-8-1941)];

Roma: 1 [«Moisés» (6-1-1938)];

S. Martinho de Anta: 7 [«Bucólica» (30-4-1937), «Mãe» (1-6-1948), «Regresso» (Natal de 1951), «A Um Negrilho» (26-4-1954), «Lição» (3-5-1964), «Abril» (14-4-1974), «Eco» (25-8-1979)];

Vila Nova de Miranda do Corvo: 2 [«Prece» (11-12-1934) e «Imagem» (4-4-1936)].

A esmagadora maioria destes oitenta poemas tem uma forte, ou fortíssima, carga telúrica, mesmo os escritos nas cidades. As exceções (onze) são: «Quase um Poema de Amor» (Coimbra, 7-2-1950); «Tântalo» (Coimbra, 20-7-1955); «Insónia» (Coimbra, 10-5-1974); «Depoimento» (Coimbra, 15-2-1981); «Viático» (Coimbra, 20-5-1982); «Mãe» (S. Martinho de Anta, 1-6-1948); «Serenata em Dó Menor» (*O Outro Livro de Job*); «Dies Irae» (*Cântico do Homem*); S.O.S. (*Cântico do Homem*); «O Príncipe Perfeito» (*Poemas Ibéricos*) e «Câmara Escura» (*Orfeu Rebelde*).

Sabemos que Torga considerava o poema «O Sentimento dum Ocidental», de Cesário Verde, um dos melhores poemas de toda a nossa literatura. Vejamos:

Quanto mais percorro o país, mais me convenço de que ainda são os poetas que melhor sabem exprimir a nossa realidade telúrica e humana. (...) ao ouvir a *Moleirinha*, *O Sentimento dum Ocidental*, a *Lusitânia no Bairro Latino*, algumas estâncias de *Os Lusíadas*, ou mesmo certos poemas de Pessoa, eis-nos a reviver emoções que trazemos no sangue e no coração. (Torga, 1999: 534).

E o que pensaria o Orfeu Rebelde, concretamente, dos versos: «A Dor humana busca os amplos horizontes,/ E tem marés, de fel, como o sinistro mar!»? («O Sentimento dum Ocidental»)

Torga tinha uma profunda «Dor humana». Sem sairmos dos oitenta poemas do Disco temos como principais causas:

- Injustiças sociais («Lezíria»)
- Situação político-social («Ar Livre» «Coroai-me de Espinhos» e «Lamento»)
- Egoísmo («S.O.S.»)
- Ausência de rumo para a Pátria («Lamento»)
- Religião («Lázaro»)
- Morte («Santa Teresa»)
- A impossibilidade de qualquer tipo de paz («Princípio»)

Regressando ao poema de Cesário Verde «O Sentimento de um Ocidental», que, com os versos - «A Dor humana busca os amplos horizontes/ E tem marés, de fel, como um sinistro mar.» - inspirou a pergunta: que pensaria Torga destes versos? -, importa agora, com base no último verso - «E tem marés, de fel, como um sinistro mar!» -, perguntar se Torga tinha «marés, de fel (...)».

Torga, como todos os grandes artistas que puderam dizer «viver é sobretudo amar e ser amado.» (Torga, 1999: 294), conseguiu sublimar, através da arte, «A Dor humana», e em vez de «marés de fel» teve marés de indignação e de amor (indignação e amor são duas palavras imprescindíveis para compreender a obra torguiana) e tornou-se um «sinaleiro da esperança». (Torga, 1999: 1662).

E, novamente com base nos *80 Poemas*, importa perguntar: quais são as direcções que o «sinaleiro» Torga nos aponta? No poema «Perfil» o poeta diz-nos que «o que redime a vida/ É ela não caber/Em nenhuma medida.» Ora, quem atribui à vida uma tal dimensão não pode apontar uma só direcção para a esperança. Vejamos, então, quais são as múltiplas direcções que ele nos aponta:

I - Amor – «Bucólica», «Flor Preservada» e «Écloga».

II - Vida – «Perfil» (Todos os outros poemas contêm, implicitamente, o tema Vida).

III - Sonho - «Santo e Senha», «Brinquedo», «Parábola», «Sísifo», «Tormenta» e «Legado».

IV - Justiça – «Não Passarão».

V - Vontade – «Cantilena da Pedra», «Sísifo» e «Flor da Liberdade».

VI - Loucura – «Flor Preservada», «Sísifo» e «Ibéria».

VII - Natureza - Vinho («Bucólica» e «Baco»); **Terra** («Manhã», «Êxtase» e «Canção do Semeador»); **Rios** – («S. Leonardo de Galafura»); **Mar** («Visita»); **Serra** («Pátria»); **Fragas** («Regresso» e «S. Leonardo de Galafura»); **Árvores** («Negrilho», «Imagem» e «Fantasia»); **Frutos** («Imagem») **Flores** («Hossana», «Para a Manhã», «Flor Preservada» e «Abril»); **Relva** («Écloga») **Animais** («Lição»); **Sons** («Via Sacra» e «Ressurreição»); **Sol** («Abril», «Algarve» e «Flor Preservada»); **Cereais** («Abril») e **Ninhos** («Abril»).

VIII - Poesia – «À Poesia» e «A Um Negrilho».

IX - Património Cultural – «Moisés», «Ibéria» e «Algarve».

X - Cultura Grega – «Orfeu Rebelde» e «Sísifo».

XI - Confiança - «Canção do Semeador» e «Hossana».

Poder-se-ia dizer que não há novidades aqui, que estamos quase perante lugares comuns; mas tenha-se em consideração o seguinte poema de Carlos Queiroz:

- Quem sabe se era
Dentro de algum
Lugar-comum
Que estava à espera
De nós (em vão)
A salvação?... (Queiroz, 1984: 140)

Quem leu atentamente a obra torguiana não tem, certamente, quaisquer dúvidas de que o poeta se cruzou frequente, demorada e profundamente com tudo o que nos diz nos poemas que acabamos de referir. Tudo é visceralmente sentido, mentalmente amadurecido e desafia o leitor a reflectir e agir com lucidez, liberdade e identidade. Assim, «A salvação» não estará «em vão» «à espera/De nós». Olhemos para os versos que nos parecem possuir «uma tal carga emotiva e um fascínio intelectual tão denso e coerente» que podem ajudar a «virar o leitor do avesso». (Torga, 1999: 1511). Propomo-nos, também, reflectir sobre esses versos.

I. Amor

- **Bucólica** (S. Martinho de Anta – 30-4-1937)

A vida é feita de nadas:
De ver esta maravilha:
Meu Pai a erguer uma videira

Como uma mãe que faz a trança à filha.
Um pequeno-grande poema de Carlos Queiroz dá mais luz e força a «Bucólica»:

(...)
Dentro de vós
Dorme a poesia,
(...)
Do vosso fértil
Interior
Nasce o que é grande,
O próprio amor. («Pequenas Coisas»; Queiroz 1989: 46)

- Flor Preservada (16-10-1958)

Colho, maravilhado,
A flor do teu sorriso;
E tudo à minha volta
Se transfigura:
(...)
Filha:
Os poetas são loucos.
E poucos
Acreditam
Que a loucura
É o dom do eterno em cada criatura.
(...)

- Écloga (2-5-1961)

Acarício a relva
Dos teus cabelos...
É o bucolismo
Que me apetece:
Pousar a mão
Numa loira cabeça de criança,
E fruir esta tenra sensação
De bem-aventurança.
(...)

Temos, nestes dois poemas, a vivência da bem-aventurança, que é consequência de duas «Pequenas coisas»: o sorriso duma criança, no primeiro, e o acto de «Pousar a mão/ Numa loira cabeça de criança», no segundo. Em «Flor Preservada» repare-se, ainda, no elogio da loucura feito num momento de profunda felicidade. Note-se, por fim, que nos três poemas do tema **Amor** estão presentes a natureza e a família do poeta: a filha, nos dois últimos; o pai, e provavelmente a mãe e a irmã, no primeiro.

II. Vida

Perfil (2-3-1979)

Não. Não tenho limites.
Quero de tudo
Tudo.
(...)
Sou uma fome incontida
De viver.
E o que redime a vida
É ela não caber
Em nenhuma medida.

Parece-nos que estamos perante um dos momentos mais altos da poesia de Torga. «Sou uma fome incontida/ De viver.»; de viver uma vida que não cabe «Em nenhuma medida.». A família, o «Reino Maravilhoso», a cultura, e muito, muito trabalho, permitiram-lhe escrever «Perfil». É isto que importa levar a todas as pessoas.

III. Sonho

- **Confiança** (*Cântico do Homem*)

O que é bonito neste mundo, e anima,
É ver que na vindima
De cada sonho
Fica a cepa a sonhar outra aventura...
(...)
Muito mais pura
E muito mais nova...

Pensamos que para o autor de *Cântico do Homem* a «vindima/De cada sonho» seria, essencialmente a publicação de um novo livro. A aventura do próximo era «Muito mais pura/E muito mais nova...» Este sonho de ir sempre mais longe, na esperança de alcançar a perfeição, levou o seu colega Cesário Verde a escrever: «Se eu não morresse, nunca! E eternamente/ Buscasse e conseguisse a perfeição das cousas!» («O Sentimento dum Ocidental»)

- **Santo e Senha** (3-1-1932)

(...)
Deixem passar
Quem vai cheio de noite e de luar.
(...)

Deixem, que vai apenas

Beber água de Sonho a qualquer fonte;
(...)

Vem da terra de todos, onde mora
E onde volta depois de amanhecer.
Deixem-no pois passar, agora

Que vai cheio de noite e solidão.
Que vai ser
Uma estrela no chão.

O poeta deve morar na «terra de todos» e ser «Uma estrela no chão», mas também precisa de saber e apreciar estar sozinho e encontrar uma fonte onde possa «Beber água de Sonho».

- **Brinquedo** (6-2-1936)

Foi um sonho que eu tive:
(...)
O menino tinha lançado a estrela
Com ar de quem semeia uma ilusão;
E a estrela ia subindo, azul e amarela,
Presa pelo cordel à sua mão.

Mas tão alto subiu
Que deixou de ser estrela de papel.
E o menino, ao vê-la assim, sorriu
E cortou-lhe o cordel.

Já comentámos este poema no sub-capítulo «Quarto da Filha e Infância», mas acrescente-se o seguinte: se as crianças tiverem condições para semear ilusões, terão uma grande margem de possibilidades de colher frutos (reais), não só durante a infância, mas ao longo de toda a vida. Para isto, é necessário que os adultos alimentem, com lucidez, a loucura das crianças.

- **Parábola** (30-8-1942)

No silêncio do parque abandonado
O repuxo prossegue a sua luta;
(...)

Ergue-se a pino ao céu como uma lança;
Ergue-se a pino, e sobe na ilusão;
Até que a flor do ímpeto se cansa
E cai morta no chão.

Mas a raiz do Sonho não desiste;

Subir, subir ao céu, alto e fechado!
(...)

Os Sonhos só merecem maiúscula quando têm raízes que não desistem.

- Tormenta (*Poemas Ibéricos*)

(...)
O naufrágio alargou-se ao mar inteiro.
E o corpo morto dum herói, primeiro
Cruzado da unidade deste mundo,
No dorso frio duma onda irada,
Mandou aos mortos, com a mão na espada,
Boiar o sonho, que não fosse ao fundo.

Mesmo que o naufrágio se alargue «ao mar inteiro» é imperioso que o sonho não vá ao fundo.

(Por que razão não terá Torga escrito sonho com maiúscula?)

IV. Justiça

- Não Passarão (*Poemas Ibéricos*)

Não desespere, Mãe!
O último triunfo é interdito
Aos heróis que o não são.
(...)
Arde a seara, mas dum simples grão
Nasce o trigal de novo.
Morrem filhos e filhas da nação,
Não morre um povo!

O «sinaleiro da esperança», embora permanentemente desiludido com a política, e frequentemente com os homens, acreditava no triunfo final da justiça.

V. Vontade

Cantilena da Pedra (30-7-1968)⁸³

Sem musa que me inspire,
Canto como um pedreiro
Que, de forma singela,
Embala a sua pedra pela serra fora...
Upa! Que lá vai ela!
Upa! Que vai agora!
(...)

Upa! Meu sofrimento!
Upa! Que falta pouco...

Flor da Liberdade (*Orfeu Rebelde*)

(...)
Temos nas nossas mãos
O terrível poder de recusar!
E é essa flor que nunca desespera
No jardim da perpétua primavera.

Quantas vezes não terá Torga ouvido em S. Martinho a Cantilena da Pedra?! Esse canto, e o exemplo de quem o cantava, ter-lhe-á, certamente, servido de incentivo sempre que sentiu a obrigação de utilizar «O terrível poder de recusar!» (Torga, 1992a: 53).

⁸³ Este poema é certamente inspirado num poema popular com o mesmo nome, largamente conhecido no país (conhecemos em Sortelha um pedreiro com cerca de setenta anos que o sabe de cor) e foi registado por Giacometti e Lopes-Graça em CD: «Música Regional Portuguesa. Vol. 2. Trás-os-Montes». PORTUGALSOM.

VI. Loucura

- Sísifo (27-12-1977)

Recomeça...
Se puderes,
Sem angústia e sem pressa.
E os passos que deres,
Nesse caminho duro
Do futuro,
Dá-os em liberdade.
Enquanto não alcances
Não descanses.
De nenhum fruto queiras só metade.

E, nunca saciado,
Vai colhendo
Ilusões sucessivas no pomar.
Sempre a sonhar
E vendo,
Acordado,
O logro da aventura.
És homem, não te esqueças!
Só é tua a loucura
Onde, com lucidez, te reconheças.

Pensamos que «Sísifo» e «Perfil» constituem um dos pontos mais altos e delicados da obra torguiana. A loucura, que Torga enaltece em várias passagens da sua obra só é válida quando é controlável pela lucidez de quem a possui. O equilíbrio, que o Sísifo Torga conseguiu, é de uma extrema dificuldade. Quem conseguir este tão difícil equilíbrio terá dado um passo de gigante no acesso a uma «fome incontida/De viver.» («Perfil»)

VII. Natureza

Não raras vezes, os trabalhos, agrícolas ou não, surgem nos poemas relacionados com a natureza e enriquecem-nos, como é o caso de: «Bucólica»; «Via-Sacra», «Manhã», «S. Leonardo de Galafura», «Cantilena da Pedra», «Canção do Semeador» e «Tormenta». Quando falamos da importância da natureza na obra torguiana, não podemos esquecer o valor que o autor de *Odes* atribuía aos sentidos. Os cinco sentidos de Torga tiveram um importantíssimo protagonismo na escolha dos *Oitenta Poemas*. Vale a pena relembrarmos a nota do *Diário* de 15-2-1984: «Falei-lhe dos sentidos, da importância que tiveram na minha vida. (...). Como só desejei atingir, nas horas de exaltação e

abstracção no mundo interior, essa plenitude a que me acostumei diariamente no mundo exterior.» (Torga, 1999:1498)

Vejamos os poemas que nos parecem os mais significativos:

- Regresso (Natal de 1951)

Regresso às fragas de onde me roubaram.
Ah! Minha serra, minha dura infância!
(...)

Depois o céu abriu-se num sorriso,
E eu deitei-me no colo dos penedos
A contar aventuras e segredos
Aos deuses do meu velho paraíso.

Em S. Martinho de Anta(s) a relação das pessoas com os «penedos» é de imensa intimidade. Na grande festa da Senhora da Azinheira, em 15 de Agosto, há um piquenique realizado por todas as famílias junto à capela da Santa Padroeira. Cada família tem como mesa um «Penedo». E a comunhão que o poeta de S. Martinho tinha com as fragas foi provavelmente mais longe do que a dos seus conterrâneos. Em 25-2-1945 escreveu: «(...) coisas minhas, que dão à própria pedra uma alma, uma fala, uma intenção, um destino (...)». (Torga, 1999: 304)

Compreende-se, assim, que quando regressava à terra natal se deitasse «no colo dos penedos/ A contar aventuras e segredos».

- S. Leonardo de Galafura – Ordonho (2-10-1961)

À proa dum navio de penedos,
A navegar num doce mar de mosto,
Capitão no seu posto
De comando,
S. Leonardo vai sulcando
As ondas
Da eternidade,
Sem pressa de chegar ao seu destino.
(...)

Lá não terá socalcos
Nem vinhedos
Na menina dos olhos deslumbrados;
(...)

E cada hora a mais que gasta no caminho
É um sorvo a mais de cheiro
A terra e a rosmaninho!

Jaime Cortesão, que tem inúmeras afinidades com Torga (Torga dedicou-lhe o poema «Regresso»⁸⁴), referindo-se aos trabalhos realizados por «uma raça de gigantes» no vale do Douro, concluiu que «Esses foram e são os Lusíadas sem Camões». (Cortesão 1995: 28)

- **Manhã**⁸⁵ (7-11-1971)

Largo sorriso da terra
A festejar o sol nado;
Um arado
Aguça a ponta de ferro
Na luz macia,
Antes de começar o dia
De trabalho;
Por um atalho,
Vestido de lã churra,
Rola um rebanho, à frente
Do pastor paciente
Que o empurra.

A natureza e o trabalho rural podem proporcionar momentos de tal forma intensos, que nos levem até ao paroxismo torguiano: um arado pode ter vida própria e determinação.

- **Abril** (14-4-1974)

Dia feliz, passeado.
Sol a jorros, sem calor;
Os santos, de sentinela
Nos miradoiros lavados
Onde flameja a brancura
Da graça do seu renome;
Centeio a jurar à fome
O advento da fartura;
Ninhos, namoros, ternura,
E caminhos de amargura
Atapetados de flores
De uma insolência sincera:
Vulvas de todas as cores
No impudor da primavera.

A Primavera surge em Torga como símbolo da beleza, da sensualidade, mas, talvez, sobretudo como símbolo duma promessa de fartura.

Em entrada de 21-3-1985, o autor de *Odes* comentando a *Primavera* de Boticelli escreveu:

⁸⁴ Ver *Seara Nova* n.ºs 1266-69 de 27-12-1952

⁸⁵ Este poema foi escrito em Miuzela, concelho de Almeida. Deslocámo-nos lá em 2013 e, como era de temer, fomos informados de que os grandes rebanhos acabaram (em finais da primeira década deste século).

Um mundo sempre em mudança irreversível não daria tempo à reflexão e à sublimação. Assim, com gente de várias épocas a contemplar e a mitificar as graças habituais de Abril, é possível chegar-se à síntese emblemática da *Primavera* de Botticelli. (Torga, 1999: 1540)

Será que Torga pensava que este seu poema era a *Primavera* de Botticelli da literatura?

- **Algarve** (27-7-1982)

O mistério do mar,
O milagre do sol
E a graça da paisagem
Na moldura dos olhos.
E a paz feliz de que tenho o que é meu.
Ah, terra bem amada!
Bênção da natureza
Caiada de pureza
E nimbada
De saudade.
Algarve. Liberdade
Dos sentidos.
Férias ao sul
Da imaginação.
Ainda a mesma nação,
Mas com outros sinais.
E a memória também
De que todo o além
Começa neste cais.

Não sabemos se um especialista literário pode encontrar alguma falha neste poema, mas em termos de Turismo Cultural, principalmente se o turista for português, é nossa convicção de que não seria possível ir mais longe.

VIII. Poesia

- **A um Negrilho** (26-4-1954)

Na terra onde nasci há um só poeta.
Os meus versos são folhas dos seus ramos.

Um cidadão tem uma enorme dificuldade em compreender este tipo de sentimento telúrico. E como seria bom que todos tivéssemos uma loucura como a de Torga: achar que as folhas duma árvore são versos!

IX. Património Cultural

- Algarve

(...)

E a memória também

De que todo o além

Começa neste cais.

- Ibéria

(...)

Terra nua e tamanha

Que nela coube o Velho-Mundo e o Novo...

Que nela cabem Portugal e Espanha

E a loucura com asas do seu Povo.

Esta constatação de um património cultural de dimensão universal é um estímulo para os iberos, ou para quem visita a Ibéria, reflectirem sobre a evolução humana e agirem em conformidade.

X. Cultura Grega

Já referimos, quando abordámos a Arte, a paixão de Torga pela cultura grega. No *Diário* há uma profusão de referências à mitologia grega, sendo que os deuses mais marcantes no imaginário do Orfeu Rebelde são quatro: Sísifo, Orfeu, Anteu e Prometeu (ver Leão, 2005a:185)

No âmbito do estudo dos *80 Poemas* já citámos «Sísifo», mas impõe-se que «Orfeu Rebelde» seja também citado:

(...)

Canto, a ver se o meu canto compromete

A eternidade no meu sofrimento.

Outros, felizes, sejam rouxinóis...

Eu ergo a voz assim, num desafio:

Que o céu e a terra, pedras conjugadas

Do moinho cruel que me tritura,

Saibam que há gritos como há nortadas,

Violências famintas de ternura.

(...)

O Orfeu Rebelde-Sísifo não desiste de convencer o céu e a terra de que há «Violências famintas de ternura.»

XI. Confiança

- Confiança

Na terra negra da vida,
(...)
É que o Poeta semeia.

É difícil, mas possível, compensa e fascina, trabalhar «Na terra negra da vida».

Depois desta viagem por poemas torguianos, que em nossa opinião podem ajudar a «virar o leitor do avesso», é legítimo concluir que o «sinaleiro da esperança» acreditava que, se seguíssemos com total liberdade e identidade as direcções que estes poemas indicam, poderíamos dizer com ele:

- Hossana! (*Cântico do Homem*)

Junquem de flores o chão do velho mundo:
Vem o futuro aí!
(...)
Ninguém o viu ainda, mas é belo.
É o futuro...

E poderíamos sonhar com uma velhice semelhante à de um amigo seu, que ele encontrou em Lisboa, e que descreve desta forma sublime:

Há criaturas assim, tão solidamente constituídas de alma que parecem imunes à corrupção do tempo. Os discretos sinais de alteração que se lhe notam só o beneficiam. Um certo adoçamento nas reacções, uma outra equanimidade na visão do mundo. Mais riqueza interior e mais urbanidade exterior. É como se nele, à medida que os dias correm, a própria vida fosse melhorando de qualidade. (Torga, 1999: 1510)

7.8. PROPOSTA DE ITINERÁRIO TORGUIANO

Com base na obra torguiana, directa ou indirectamente relacionada com Lisboa, é possível traçar-se um Itinerário na capital, de fácil concretização a pé e de transportes públicos (eléctrico, autocarro e metropolitano). Passamos a discriminá-lo:

- Chiado: Crítica aos intelectuais do Chiado.

- Largo do Carmo: D. Nuno Álvares Pereira; O 25 de Abril.

- Sociedade de Geografia: O Padrão de Diogo Cão.
- Sé: o românico.
- O Aljube: o período de prisão de Torga.
- Castelo de S.Jorge: as colinas de Lisboa.
- Alfama: O Fado.
- Tejo: A emigração.
- Museu de Arte Antiga. Os quadros de Nuno Gonçalves: *Ecce Homo* e *Painéis de S. Vicente*.
- Gare Marítima da Rocha de Conde d' Óbidos: Almada Negreiros [«Depois dele, tudo na vida mental lusitana foi e será diferente.» (Torga, 1999: 1772)]
- Torre de Belém: As «teias de aranha» desfeitas pelos navegadores portugueses.
- Jerónimos: O Manuelino. Vasco da Gama, Camões, Herculano e Fernando Pessoa.
- Palácio de Belém: O Poder.
- Torre do Tombo: Tratado de Tordesilhas, Carta de Pêro Vaz de Caminha e dossiê de Miguel Torga na secção da PIDE.
- Convento de Odivelas: Túmulo de D. Dinis.
- Paço D'Arcos: estúdios da EMI – Valentim de Carvalho (onde Torga gravou *Natal – Um Conto e Vinte e um Poemas* (1986) e *80 Poemas* (1987)).

7.9. TORGA E UM EVENTO ÂNCORA EM LISBOA.

E nem Lisboa, nem o Porto, têm um evento âncora que contribua para a captação de turistas e para a mediatização das cidades nos principais mercados emissores.
(In «City Breaks» – Turismo de Portugal, 2006, p. 27)

É nossa profunda convicção que Lisboa pode ter, sem grandes obstáculos a ultrapassar, um (mega) **Evento Âncora**.

Pensamos que esse evento deve inspirar-se, fundamentalmente, na especificidade da cultura portuguesa. Três temas impõem-se:

1º. Cristianismo;

2º. Mar/Descobrimentos/Contactos Civilizacionais;

3º. Poesia.

E a obra torguiana poderá ter neste Evento um papel fundamental, porque o seu actor:

- Tinha do Cristianismo uma visão moderna e livre.
- O tema Mar/Descobrimentos/Contactos Civilizacionais era uma das suas maiores obsessões/paixões em todos os géneros literários que cultivou.
- A poesia era o género literário que o Orfeu Rebelde mais apreciava e poucos grandes escritores terão, como Torga, venerado tanto *Os Lusíadas* e *Mensagem*, obras dos dois escritores que estarão em destaque neste «Evento Âncora».

Chame-se ainda a atenção para o facto de que Torga, com raras excepções, soube tratar estes três temas com enorme objectividade, evitando nacionalismos exacerbados e anacrónicos.

Na capital encontramos manifestações destes três temas com tanta intensidade que pensamos ser dispensável tecer de imediato alguns comentários sobre eles.

Começaremos por propor uma data para o evento em causa: **de 7 a 13 de Junho.**

Neste (curto) espaço de tempo (em que os dias são longos e o calor ainda não torna árdua a prática do turismo urbano) comemoram-se quatro eventos de capital importância (todos eles relacionados com as três mais importantes especificidades da cultura portuguesa):

- 7 de Junho: Dia da assinatura do Tratado de Tordesilhas;
- 10 de Junho: Dia de Camões, de Portugal e das Comunidades;
- 13 de Junho: Dia de Santo António (sem esquecer as marchas e o arraial da véspera) e aniversário do nascimento de Fernando Pessoa.

Para os diferentes eventos, que constituirão o **Evento Âncora**, importa propor diversos espaços, alguns mesmo fora de Lisboa, mas o núcleo forte deverá ser próximo do rio, entre Belém e o Parque das Nações, coincidindo quase na íntegra com o espaço contemplado pelo projecto de recuperação da Frente Ribeirinha.

Comecemos pela abordagem do tema **Mar/Descobrimentos/Contactos Civilizacionais**:

Portugal, o país por excelência das Descobertas, não tem um Museu dos Descobrimentos! Pensamos que não interessa reflectir neste trabalho sobre as razões de tão bizarra inexistência. Importa, isso sim, pensar como, sem grandes investimentos, será possível criar esse museu.

É possível afirmar que o Museu dos Descobrimentos já quase existe. Ele está espalhado por diversos núcleos, todos eles localizados próximo do rio. Falta pouco mais do que criar um centro de interpretação e de orientação para os visitantes.

O espaço de Belém com o Museu da Marinha, Mosteiro dos Jerónimos, Torre de Belém, e Padrão dos Descobrimentos; o Museu do Oriente; o Museu de Macau; as Estações Marítimas de Rocha de Conde de Óbidos e de Alcântara (talvez um excelente espaço para o Centro de Interpretação e Orientação do Museu dos Descobrimentos); o Museu Nacional de Arte Antiga; a Praça do Comércio/Terreiro do Paço; a Casa dos Bicos; o Museu Militar; o Forte do Bugio e o Museu da Sociedade de Geografia são, todos eles, com maior ou menor intensidade, núcleos do enorme Museu dos Descobrimentos.

As visitas a estes espaços permitem usufruir intensas emoções estéticas e ter uma visão alargada da complexidade dos Descobrimentos. Mas a mais marcante experiência relacionada com este tema penso que consistiria numa (pequena) viagem numa caravela ou numa nau. Uma viagem entre Lisboa e o Cabo da Roca (normalmente referenciado como o ponto mais ocidental da Europa, mas que deveria ser identificado, por ser uma referência ainda com mais impacto, como o ponto mais ocidental do continente euro-asiático).

As visitas realizadas no âmbito dos três temas propostos preparariam os turistas para compreenderem o espírito das tripulações das embarcações de que eles, turistas, seriam agora parte da tripulação.

As caravelas e naus não teriam que ser utilizadas somente durante o tempo do **Evento Âncora**, poderiam ser utilizadas durante todo o ano, rentabilizando, deste modo, o investimento financeiro na construção e na manutenção das embarcações.

No forte do Bugio, totalmente desconhecido dos turistas não só estrangeiros mas também nacionais, Miguel Torga escreveu uma nota lapidar: «Portugal tem dois miradoiros flutuantes: o castelo de Almourol e o baluarte onde me encontro. De um, o que há nele de telúrico entra pelos sentidos todos; no outro, o que há nele de marítimo entra pelo entendimento todo.» (Torga, 1999:1487)

No *Diário*, na *Criação do Mundo*, em *Portugal, em Traço de União* e nos *Poemas Ibéricos* Torga deixou-nos preciosas referências ao Portugal marítimo e ao mundo lusófono que encontrariam aqui (Bugio) um palco ideal para registo e meditação.

O estuário do Tejo, poderia também encher-se de memórias das embarcações que nele desempenharam as mais diversas funções. Bastaria, para tal, fazer réplicas das mais representativas embarcações que se encontram no Museu da Marinha, e que poderiam transportar os turistas entre as diversas zonas da Lisboa Ribeirinha.

Nos dias do **Evento Âncora** seria, provavelmente, possível ter em Lisboa o Navio-Museu Santo André, para recordar outra epopeia marítima dos portugueses: a pesca do bacalhau. Há, pelo menos, dois livros preciosos que retratam episódios empolgantes e/ou arrepiantes dessa epopeia, e que deveriam ser largamente utilizados durante a visita ao Navio-Museu: *A Campanha do Argus* de Alan Villiers e *Nos Mares do Fim do Mundo* de Bernardo de Santareno.

O tema Mar/Descobrimientos/Contactos Civilizacionais leva-nos para a questão das técnicas que permitiram a aproximação das pessoas. E aqui os portugueses continuaram a ser grandes depois da grande epopeia de quatrocentos, e essa grandeza deve ser explicada e mostrada a quem nos visita. Pensemos no aeróstato de Bartolomeu de Gusmão (recorde-se o painel gigante de azulejos na zona de embarque do aeroporto de Lisboa) e no sextante de Gago Coutinho (em exposição no Museu da Marinha). Durante a semana do **Evento Âncora** poderia haver várias demonstrações de como funcionava a passarola de Bartolomeu de Gusmão e o hidroavião de Gago Coutinho e daquele a quem Pessoa chamou «jóia do ousar» («Sacadura Cabral», in *Mensagem e outros Poemas Afins*).

O 10 de Junho é o dia ideal para levarmos os visitantes de Lisboa (estrangeiros e nacionais) a conhecerem melhor o que **Camões** representa para a poesia e para Portugal.

Todos os grandes nomes da literatura portuguesa prestam homenagem a Camões; alguns deles, com frases tão lapidares que estas deveriam surgir em todos os livros de divulgação da obra e da vida do autor d'*Os Lusíadas*. Eis alguns exemplos:

- Saramago, descrevendo o mosteiro dos Jerónimos em *Viagem a Portugal*, diz-nos: «Aqui mesmo à entrada está, à mão esquerda, Vasco da Gama, que descobriu o caminho para chegar à Índia, e, à direita, a jacente estátua de Luís de Camões, que descobriu o caminho para chegar a Portugal.» (Saramago, 1999a: 291)
- Manuel Alegre, referindo-se ao Épico, afirmou que com *Os Lusíadas* nasceu «a verdadeira fronteira de Portugal.» (Alegre, 2002: 89)
- Eugénio de Andrade, perante a pergunta dum amigo que queria saber qual era o mais fascinante livro de poesia escrito em português, respondeu-lhe, sem hesitar: «o livro de sonetos de Camões escolhidos por mim». (Andrade, 2002: 5)
- Torga, no discurso que proferiu quando foi galardoado com o Prémio Camões, disse: «é ele o meu paradigma do intelectual apegado ao ninho e solto, desassossegado, errante, aventureiro daquém e dalém mar, ávido de ver e saber, figuração perfeita da universalidade mental enraizada.» (Torga, 1999: 1660-1)

São inúmeros os locais de Lisboa onde nos podemos encontrar com Camões. Apontamos, duma forma não exaustiva, os seguintes:

Jerónimos (túmulo); **Tejo** (ver *Os Lusíadas*: I, 4; V, 3; VII, 78); **Padrão dos Descobrimentos** (a estátua do poeta com uma longa folha onde se pode ler a estância 14 do canto VII); **Castelo** (ver *Os Lusíadas*: III, 57, 58, 59); **Museu Militar** (quadros de Columbano, José Malhoa, Carlos Reis e Condeixa, inspirados em catorze estâncias d'*Os Lusíadas*; **Praça Luís de Camões** (estátua); **Monumento à Guerra Peninsular** (quatro estâncias estão parcialmente gravadas neste monumento); **Estação do Metropolitano de Entre Campos** (treze estâncias estão parcialmente gravadas numa parede do cais); **Casa do Alentejo** (possui dez painéis de azulejos inspirados n'*Os Lusíadas*).

Todos estes encontros com Camões permitem abordar a maior parte dos mais relevantes temas d'*Os Lusíadas*, tais como: importância de Lisboa e do Tejo no imaginário de Camões; o recurso frequente à mitologia clássica; episódios de Egas Moniz, Inês de Castro e Velho do Restelo; as condições imprescindíveis para se ser independente («Fé», «amor», «esforço» e «arte»); a importância da liderança; o longo e complexo conflito com o Islão; o que visualizam e o que sentem os portugueses quando partem e quando regressam; a superioridade dos portugueses em relação aos países da cristandade envolvidos em conflitos religiosos no seio da própria cristandade; o fascínio da descoberta de mares, terras, céus e gentes sem fim; a paisagem, o erotismo, o humor e o amor na «Ilha namorada»; negociações do Gama com o Samorim; auto retrato de Camões e a sua relação com D. Sebastião; a perplexidade perante a essência de Deus.

Um outro encontro, e particularmente forte, com Camões pode ocorrer na **Mouraria**, através da obra de Saramago *Que farei com este livro?* Este livro de Saramago deveria ser traduzido para diversas línguas (não há uma única tradução), e posto à venda na loja do Mosteiro dos Jerónimos, à semelhança do que já se faz com o *Memorial do Convento* na loja do Convento de Mafra. É um dos livros menos conhecidos de Saramago, mas um dos mais importantes em termos de Turismo Cultural. Com *Que farei com este livro?* ficamos muito mais próximos do drama de Luís de Camões em 1571/2 quando, depois de regressar da Índia, já pouco acreditava que fosse possível ver *Os Lusíadas* publicados. Ficamos, ainda, mais íntimos de Diogo do Couto e de Damião de Góis.

Pensemos agora em **Santo António**. A festa profana (noite de 12) e a festa religiosa (tarde de 13) completam-se. Santo António é, de facto, a grande figura religiosa de Lisboa, ultrapassando largamente o culto prestado a S. Vicente. Quantos lisboetas terão já assistido à cerimónia religiosa em 22 de Janeiro, em homenagem a S. Vicente? A cerimónia, que decorre na Sé e é presidida pelo cardeal patriarca, dificilmente enche metade do templo!

Santo António é o nosso único doutor da Igreja e, com Pedro Hispano (papa João XXI), o primeiro português com projecção internacional.

Em 1995, aquando das celebrações do 8º centenário do nascimento do santo, procurou-se utilizá-lo como uma mais valia para o Turismo Religioso. Cremos que nada foi alcançado.

No que se refere a Santo António, na área do Turismo Religioso e do Turismo Cultural, tudo deve/deveria partir do renovado Museu Antoniano, cuja inauguração ocorreu em Julho de 2014, com o nome de Museu de Santo António. Foram-nos criadas expectativas de que o novo Museu iria corresponder à grandeza de Fernando de Bulhões. Um Museu que atrairia uma considerável parte dos muitos visitantes que diariamente passam ao pé dele, que lhes diria que o Santo para além de ser português adquiriu em Portugal (mosteiro de S. Vicente de Fora e Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra) a maior parte da sua cultura, que explicasse os aspectos mais relevantes do seu pensamento e que mostrasse as diversas manifestações de culto que em todo o mundo lhe é prestado. Não podemos assegurar que houve falta de visão, mas, seguramente, houve falta de ambição. De facto o Museu continua a não mostrar a espantosa cultura que Fernando de Bulhões adquiriu em Portugal e o culto que lhe é prestado em todos os continentes. Mas tendo em consideração que se ampliou o espaço e que museologicamente houve melhorias, queremos acreditar que as lacunas (mesmo sem intervenção do Santo) venham a ser ultrapassadas.

Relacionado com Santo António e com espectáculos musicais impõe-se, no âmbito do **Evento Âncora**, propor um concerto pelo coro gregoriano de Lisboa, que tão bem interpreta a Liturgia de Santo António.

O dia 13 de Junho é também o dia de **Fernando Pessoa**.⁸⁶

«Oh Lisboa, meu lar!» (Pessoa, 1991: 121), escreveu uma vez Pessoa/Bernardo Soares e sentiu-o certamente muitas vezes.

Se é fácil encontrarmos Camões em Lisboa, mais fácil ainda é cruzarmo-nos com o criador de heterónimos. Para além da Baixa e da Lisboa ribeirinha, encontramos Pessoa, com uma forte presença, em dois lugares não turísticos: referimo-nos a Campo de Ourique (Rua Coelho da Rocha) e à Estefânia (Rua Passos Manuel, 24 – 3º. E), duas zonas da cidade onde Pessoa viveu. A casa da Coelho da Rocha (Casa-Museu) é razoavelmente conhecida, já a da Rua Passos Manuel é totalmente desconhecida. E foi aqui que Pessoa teve o seu «dia triunfal» (como ele próprio disse em carta, já citada neste trabalho, a Adolfo Casais Monteiro), a 8 de Março de 1914, contava 25 anos. Compreende-se facilmente o êxtase de Pessoa, pois acabava de dar origem a três génios:

⁸⁶ É estranho que das cento e três entradas do *Diário* escritas em Lisboa não haja uma única que tenha sido dedicada a Pessoa.

Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Pensamos que seria fascinante criar-se aqui a Casa-Museu Pessoa-Caeiro-Reis-Campos. E se este sonho é de difícil concretização, coloque-se, ao menos, uma placa alusiva à efeméride.

Uma forma interessante de, no âmbito do **Evento Âncora**, ter um encontro com Pessoa seria realizar-se, porventura no Martinho da Arcada, noites de fado em que os fadistas cantassem predominantemente, ou talvez mesmo exclusivamente, poemas de Pessoa. Eis alguns nomes de fadistas que cantam Pessoa: Ana Moura, Camané, Cristina Branco, Katia Guerreiro, Joana Amendoeira, João Braga, Maria Ana Bobone e Mariza.

Pessoa/Álvaro de Campos exige um longo passeio bem junto ao rio, para se sentir a «Ode Marítima» e, já dentro do Museu da Electricidade, imaginar a «Ode Triunfal».

Em 13 de Junho de 2010 realizámos com um grupo de técnicos de turismo um itinerário de «full day» inspirado no *Ano da Morte de Ricardo Reis*. O «feed back» foi francamente positivo. A riqueza dos textos e a quantidade e qualidade de espaços que o livro nos permite visitar justificam plenamente um itinerário de «full day».

Enfim, no Dia do Nascimento de Fernando Pessoa é muito fácil estarmos com ele em muitos lugares de Lisboa, seu e, pelo menos por um dia, nosso lar!

É, ainda, possível acrescentar a estes sete dias do **Evento Âncora** um oitavo – o dia 14, dia do aniversário de Ofélia. As cartas, publicadas, entre o «adorado Fernandinho»/«Nininho adorado»/«Encantos Meus»/ «Exmo. Senhor Engenheiro Álvaro de Campos» e a «Ofelinha»/«Bebezinho mau»/«Víbora»/«Terrível Bebê», permitem elaborar itinerários lisboetas cheios de referências geográficas e, essencialmente, de pertinentes e imaginativas referências amorosas.

Sete/oito dias para o **Evento Âncora** exige uma enorme oferta de eventos, para além dos propostos neste artigo, passando pela história, pela arte, pela música, pela gastronomia e pela natureza. A programação de animação cultural que mensalmente encontramos na Agenda Cultural de Lisboa prova, à saciedade, que Lisboa tem oferta cultural e «know how» suficientes para que o evento em causa triunfe.

8 - PORTO e (RIO) DOURO

Quando iniciámos a redacção desta tese tínhamos planeado colocar em capítulos distintos o Porto e o Douro. Mas o aprofundamento da reflexão e o desenvolvimento da redacção levaram-nos à conclusão de que cidade e rio são, muito em especial numa perspectiva torguiana e turística, indissociáveis.

8.1. PORTO

Este Porto dá-me segurança! Depois das fragas da minha terra, é nele que me sinto mais protegido e livre.(...) Aqui (...) caminho de coração tranquilo.
(Torga, 1999: 463)

Uma saudável consciência gregária, uma solidez de processos de conduta e relação, deram a este aglomerado humano foros de única grande cidade castiçamente nossa.
(Torga, 1986a: 59)

Continuo a gostar desta terra, a cidade que o meu Doiro merecia. Um socalco urbano granítico, a reflectir o voluntarismo laboral e cívico nas águas dum rio de suor penitente.
(Torga, 1999: 1561)

A cidade do Porto aparece na obra do Orfeu Rebelde em:

- Conferência *O Pôrto*. (1944)
- *Portugal*. O capítulo «O Porto» é o mais extenso do livro «de peito» (Torga 1999: 1613) do escritor (21 páginas)⁸⁷.
- *Diário*. Vinte e seis notas.
- *A Criação do Mundo – O Primeiro Dia* (pp. 62-71)

O espaço geográfico do Porto, na obra torguiana, estende-se até aos concelhos de Matosinhos [«Senhor de Matosinhos» (Torga, 1986a: 64)] e de Gaia [«Senhor da Pedra» (Torga, 1986a: 64)]

⁸⁷ Coimbra ocupa seis páginas e Lisboa sete.

A relação de Miguel Torga com o Porto é, como se depreende das citações em epígrafe, uma relação de amor e de identificação, que se desenvolveu ao longo de toda a sua vida. Essa relação sente-se com particular força nos seus textos *O Pôrto* (conferência) e «O Porto» (capítulo de *Portugal*). É com base nestes dois textos (muito semelhantes) que iniciamos a análise do pensamento torguiano sobre a Cidade Invicta.

A conferência *O Pôrto* foi proferida no Clube dos Fenianos Portuenses na noite de 5 de Fevereiro de 1944.⁸⁸

Esta conferência está na base do capítulo «O Porto» do livro *Portugal*. São textos muito semelhantes, que, em nosso entender, só apresentam duas diferenças relevantes:

- Na conferência, Torga refere-se às pessoas eruditas nos seguintes termos: «Mas eram homens sábios e ilustres, os piores dos homens para dizer verdades.» (Torga, 1944: 6);
- Em *Portugal*, embora diga o mesmo, é menos agressivo e mais elaborado (ou mais diplomático):

a ajuda maior que recebi foi a do senhor Agostinho Peixoto, que tinha loja de negócio na minha aldeia. Outros homens mais sábios e mais ilustres disseram-me, evidentemente, também coisas belas e profundas da cidade e da sua gente. Mas eram homens sábios e ilustres, os menos indicados para certas clarificações. (Torga, 1986a: 54)

Mas a maior diferença, e que em nossa opinião representa uma enorme mais valia, surge já quase no fim do capítulo, quando o escritor - criticando os tripeiros que rejeitam o Porto, tal como é, e os que «gritam (...) num bairrismo agressivo»: «- Porto! – Porto!» - acrescenta a seguinte reflexão: «A querer imitar e suplantar o alheio, apenas se consegue diminuir o próprio. Grande, só a multiplicação incansável do autêntico.» (Torga, 1986a: 66)⁸⁹

Para compreender a «capital telúrica» (Torga, 1986a: 60) da pátria, Torga serviu-se, obviamente, «de sábios e ilustres» (Torga, 1986a: 54), mas os seus maiores oráculos foram figuras populares e o senhor Botelho (o seu professor da instrução primária). Sigamos uma ordem cronológica. Temos, em primeiro lugar os avós almocreves, que

⁸⁸ O Clube dos Fenianos Portuenses, situado no coração da cidade (Av. dos Aliados), continua a ser um dinâmico Clube, realizando regularmente conferências e mantendo uma escola de dança cujo lema é «Viver dançando».

⁸⁹ Esta reflexão ainda não aparece na 1ª edição de *Portugal* (1950). Surge, pela primeira vez, na 2ª edição (1957).

diziam ao jovem, de seis anos: «Trinta léguas de rota batida, filho, para ter a montanha farta de bacalhau, arroz e sabão...» (Torga, 1986a: 51). O senhor Botelho falou-lhe das origens de Portugal: «como na margem direita do Douro havia uma povoação chamada Portucale...» (Torga, 1986a: 51). Mais tarde, já depois do regresso do Brasil, conheceu o comerciante, da sua aldeia, Agostinho Peixoto e uma criada de servir, que encontrou numa quinta do Minho. O vendeiro (senhor Agostinho Peixoto) falou-lhe com genuína convicção de dois «valores autênticos da vida» (Torga, 1986a: 50) - honestidade e liberdade:

- É de confiança? – interrogava a freguesia, a apalpar a chita.

- É do Porto, caramba! Arreliava-se ele.

(...)

Rapazes, isto há viver e morrer. Mas pela liberdade, eu acho que vale a pena arriscar tudo... (Torga 1986a: 54-5)

A «criada de servir», com uma grande ingenuidade, perguntou a Torga: «O senhor já viu no mundo terra mais linda e gente mais séria?». E o autor de *Portugal* confessa-nos: «Devo confessar ter-lhe respondido que a respeito de boniteza conhecia melhor. Mas, quanto a seriedade, concordei.» (Torga, 1986a: 57)

Entre a descrição dos ensinamentos dos avós almocreves e do senhor Botelho, e as descrições do senhor Peixoto e da «criada de servir», Torga fala-nos da sua relação com o Porto quando tinha vinte anos. «A idade, os livros, e aquela ciência certa que o sofrimento nos traz» (Torga, 1986a: 53) ajudaram-no a descobrir o significado dos dois cartazes gustativos do Porto⁹⁰ – as tripas («grosso, terroso, sujo como a trivialidade da natureza») e o vinho fino («subtil, etéreo, imponderável como a própria magia»). O vinho significa o espírito e as tripas a matéria. E, Torga, conclui: «Espírito e matéria – são a soma da Vida. Uni-los, dar-lhes o sustento de que necessitam, ambrósia a um, dobrada a outro, não é vergonha: é autenticidade!» (Torga, 1986a: 53-4).

Adolfo Rocha só conhecerá o Porto aos onze anos e, como vimos, aos seis já ouvia os «avós almocreves» apresentarem-lhe a cidade como um local onde, com trabalho honesto, se encontrava a fartura. Também, ainda antes de 1918 (ano em que conhece a cidade) o senhor Botelho deu-lhe a chave para que mais tarde, passeando nas ruas d'A

⁹⁰ Neste texto que estamos a citar, o autor considera que «todas as terras do mundo» (p. 53) só têm um cartaz gustativo.

Cidade Invicta, sentisse que estava ali a «Raiz de Portugal e daquilo que em nós significa apego ao torrão.» (Torga, 1986a: 62)

Lisboa é para Torga a capital marítima e a cidade cosmopolita, enquanto o Porto é a segunda cidade de Portugal Europeu e «a primeira de Portugal Peninsular» (Torga, 1986a: 68).

É no Porto, como vimos no capítulo «Período da Vida de Torga entre S. Martinho e Coimbra», que o poeta vem a ter o primeiro contacto com a cultura erudita (literatura, estatutária e arquitectura) e com o mar.

Já vimos que para Torga a raiz de Portugal está em Portucale. O autor de *Portugal* não se alonga a traçar a evolução histórica da cidade⁹¹, mas tem uma ideia clara do que foi o seu passado:

- Uma Idade Média marcada, sim, pelo religioso: Sé [«que segregou a golpes de inspiração» (Torga, 1986a: 63)] e pela igreja de Cedofeita [cujas «pedras lavradas» lhe provocavam, em 1918, um «olhar pasmado» (Torga, 1944: 4-5)]; mas também, uma Idade Média, marcada por uma enorme capacidade do povo em se afirmar livre perante privilégios de que a nobreza e o clero usufruíam no resto do país. (Ver Torga, 1986a: 50)

- Uma Idade Moderna em que não há uma prolongada participação na empresa dos Descobrimentos. Contudo as navegações e descobertas marcaram indelevelmente o Porto através de duas das figuras que Torga mais admirava na História pátria: o Infante D. Henrique e Pêro Vaz de Caminha.

O Porto da Idade Moderna também empolgou o autor de *Cântico do Homem* porque durante toda a vigência do Santo Ofício de Inquirir (1536-1821) não houve na cidade mais do que um auto de fé.

Na Torre dos Clérigos (século XVIII) o Orfeu Rebelde via um símbolo dos «valores autênticos da vida» os quais têm de ser «sólidos como a praça da Liberdade e altos como a Torre dos Clérigos.» (Torga, 1986a: 50-1).

⁹¹ O mesmo acontece com as outras cidades que ele descreve.

- O século XIX, século do liberalismo, é para Torga o período de ouro da cidade do Porto. Neste século a cidade é palco da resistência dos liberais aos absolutistas⁹² (1832-3); é sede da Junta da Patuleia (1846-7); Guerra Junqueiro luta assombrosamente contra a pena de morte; o «*Trinta e Um de Janeiro* explodiu na sua alma» (Torga, 1986a: 63-4); e, após o ultimato inglês (1890) é aqui que tem sede a Liga Patriótica do Norte, presidida por Antero de Quental.

O Porto do século XX que Torga descreve é, essencialmente, o Porto do Estado Novo. É, certamente, por este motivo, que a Cidade Invicta, nos aparece com fragilidades. No capítulo «O Porto» diz-nos que os grandes sentimentos «Obrigam-nos a uma tensão contínua, ilimitada, que só se mantém à custa de maceração e luta. Por isso, já minados desta anemia moral que nos corrompe, há quem vá desesperando aqui da sua antiga nobreza» (Torga, 1986a: 57). E, em 3-2-1962 escreve no *Diário*: «Não há dúvida: as Mecas da liberdade caíram em desuso.» (p. 996).

Fazendo uma reflexão intemporal sobre a vida, Miguel Torga diz-nos: «É uma admirável certeza esta que os anos nos dão de que a tendência de tudo é para o equilíbrio. (...) O Porto, em muitos aspectos da sua vida, tem sabido encontrar esse equilíbrio». (Torga, 1986a: 63). Pensamos ser correcto dizer que Torga não rejeitaria a afirmação de que ele assim interpretou a reacção do Porto (e do norte do país) a vários excessos da política portuguesa nos primeiros anos do pós 25 de Abril. Repare-se numa nota escrita no Porto em 7-5-1977:

De Coimbra aqui a cruzar-me com vagas sucessivas de peregrinos de Fátima. (...) E nessa ostensiva exaustão, nessa obstinada maceração física, pareceu-me ver mais do que um cego tropismo devoto. Havia certamente em tão absurda caminhada uma inconsciente necessidade de dizer não aos respeitos humanos da hora presente, a tiranias doutrinárias que, a pretexto de uma suposta libertação das consciências, substituem opressões manifestas por opressões dissimuladas. (Torga, 1999: 1335-6)

É este gosto e capacidade de lutar pela liberdade e autenticidade que leva Torga a valorizar empolgadamente:

⁹² Convém, a este propósito, lembrar a relação de D. Pedro IV (que Torga tanto admirava) com a Cidade Invicta. O rei fez questão de doar o seu coração à cidade, o qual se encontra, por decisão da filha (D. Maria II), na igreja da Lapa, pois era aqui que o rei assistia à missa durante o cerco do Porto. Parece-nos também oportuno recordar o livro de Oliveira Martins *Portugal Contemporâneo*, onde, com minúcia e rigor, o historiador (também tão admirado por Torga) descreve, nos capítulos II e III do «Livro Terceiro», a presença de D. Pedro e das suas tropas na cidade.

- a «báquica festa de S. João (...) Nessa quente noite de Verão, (...) o Porto encarna sem disfarces cristãos o velho e sanguíneo Portugal, de bombo, ferrinhos e cavaquinho, a comer, a beber, a cantar, a dançar e a extravasar em sémen a sua alegria.» (Torga, 1986a: 64/5);

- e o informalismo com que os portuenses estão na vida, dando como exemplos mais paradigmáticos Sampaio Bruno, que é encontrado por Unamuno «a vender pão na rua do Bonjardim» (Torga, 1986a: 65)⁹³ e o facto de os portuenses terem conseguido «derreter um protocolo régio e pôr uma rainha de Inglaterra a passear de camioneta pelas suas ruas» (Torga, 1986a: 69)

O autor de *Contos da Montanha* sentia também o Porto, da primeira metade do século XX, como uma urbe que possuía uma ruralidade plena de música e de fantasia. Era certamente assim em 1918 e ainda em 1943, ano em que escreve no *Diário*: «o Porto, a nossa cidade mãe, com cornos em lira e jugos lavrados de fantasia.» (Torga, 1999: 269).⁹⁴

Torga era não só um apaixonado pela história do Porto e pelo carácter dos seus filhos, naturais e adoptivos (com destaque para Infante D. Henrique, Pêro Vaz de Caminha, Almeida Garrett, Soares de Passos, Soares dos Reis, Pousão, Ramalho Ortigão, Antero de Quental, António Nobre, Sampaio Bruno, Basílio Teles, Jorge Dias e Eugénio de Andrade), mas, também, por muitos espaços e monumentos da cidade, sendo que vários estão fora dos circuitos turísticos normais, como é o caso de «larguinhos românticos [e] cemitérios familiares» e o «Passeio das Virtudes», onde certamente o Soares de Passos namorou candidamente. (Torga, 1986a: 64)

A paragem da construção da Av. dos Aliados quando se deparou com o dilema de se ter que demolir a igreja da Trindade para poder continuar a expansão para norte, leva Torga a fazer uma constatação e a pedir, depois, aos portugueses que meditem sobre ela:

⁹³ Sampaio Bruno herdou do pai uma padaria na rua do Bomjardim (ver «Sampaio Bruno», in Wikipédia, Bibliografia)

⁹⁴ Até às obras do Metro, a Praça da Liberdade e algumas ruas envolventes tinham, entre outros motivos decorativos das calçadas, carros de bois típicos do noroeste do país, isto é: os bois possuem «cornos em lira e jugos lavrados de fantasia.» Felizmente não desapareceu tudo: a pequena rua pedonal Sampaio Bruno mantém a calçada com o carro de bois e o barco rabelo.

Até no ritmo de progredir, na maneira formal de realização, eu julgo ver o Porto com mais carácter português. Um certo cortar em largo, em medida exagerada às nossas forças, em estilo de embaixada de D. Manuel e de convento de Mafra (...)tem aqui a sua morada. Sem mesmo faltar depois a nossa costumada renúncia, sentimental na aparência e tragicamente fatal no fundo. (Torga, 1986a: 61).

É a velha questão do «Quasi» de Sá Carneiro, que o diarista utiliza para reflectir sobre Portugal na nota de 3-10-1957.

Preocupemo-nos, agora, essencialmente com o que nos diz nas notas do Diário, que começam em Dezembro de 1941 e terminam em Maio de 1987. São notas que abordam a cultura num sentido amplo (literatura, dança, mentalidades, teatro e cinema) e a doença.

Aqui, no Porto, a propósito do «grande génio» Camilo, Torga dá-nos, pensamos nós, uma pista fundamental para compreendermos o pouco sucesso que ele próprio obteve como romancista: «O romance é a vida de relação. (...) Ora como em Portugal cada um tem a sua toca e a sua pateguice, não há romance. (...) O que matou aquele grande génio [Camilo] foi nunca ninguém o convidar para tomar chá.» (Torga, 1999: 287-8). Teria Torga sido suficientes vezes convidado «para tomar chá»? Parece-nos que Torga se relacionava muito, mas sempre em contextos de tertúlias (em cafés ou no seu consultório), de caçadas ou de consultas (médicas).

Outra nota importante para irmos conhecendo melhor o diarista é a de 10 de Outubro de 1946, a qual aborda a homossexualidade. Torga, com «grande mágoa interior» disse a um «jovem» homossexual, com quem convivia regularmente, que reprovava a homossexualidade. Depois de descrever a reacção brutal do seu interlocutor, termina a nota afirmando: «E ficámos de bem, ao fim. Ele a saber até onde o compreendo, mas o não aprovo, e eu a conhecer os magros argumentos com que se segura ao mundo a anormalidade.» (Torga, 1999: 370)

A propósito de uma conversa a dois, ou de uma tertúlia, Torga, preocupado com a incapacidade da sociedade pensar livremente, coloca a seguinte pergunta:

«Picar a manada... Mas com que espécie de aguilhão?»

E a conclusão/resposta revela grande pessimismo: «Que esforço inútil foi todo o meu apelo de ontem! (...) E não eram façanhas que pedia! Limitava-me a exigir que não deixássemos substituir dentro de nós o pensante pelo ruminante...» (Torga, 1999: 566-7). Parece-nos que Torga se alheou da realidade (que tão bem conhecia) quando afirmou que não pedia façanhas. Tendo em consideração os interesses e a actuação das oligarquias que controlavam (e controlam) o mundo é fácil (e cómodo) ser-se «ruminante», e muito difícil (e arriscado) ser-se «pensante».

Em 1952 assiste ao bailado *Variações Sinfónicas*, inspirado em César Frank, e serve-se da ida a esse espectáculo para traçar um retrato do machismo luso:

As Sílides do palco eram mulheres, e Vénus anda sempre enrodilhada na vida dos Portugueses. Dos despojos da divina Grécia ficou-nos apenas essa prenda carnal (...). E onde os outros vêem Terpsicore ou Euterpe, desencantamos nós a companheira duma boa noitada. (Torga, 1999: 624)

Também em 1952 dá-nos mais uma prova da forma larga e profunda com que analisava a História da Humanidade: numa conversa com diversas pessoas [«Em volta duma mesa a abarrotar de bolos e de vinhos» (Torga, 1999: 657) várias vozes manifestavam-se preocupadas com o futuro dos valores. Com segurança e tranquilidade Torga expõe o seu pensamento:

se os valores cristãos desaparecessem, dariam lugar a outros, como sempre aconteceu. (...) Mas fui interrompido. E a desintegração em cadeia? (...) Em todas as épocas de viragem, surge esse terror da desintegração. Por alturas da Revolução Francesa, quando as cabeças começaram a rolar, quem é que não acreditava no esbarrondamento do mundo e da humanidade? E, afinal, um dia a guilhotina parou... (Torga, 1999: 657-8)

Esta nota está em sintonia com a sua tese, atrás citada, de que «a tendência de tudo é para o equilíbrio.»

Em 1954, no que é provavelmente o mais conhecido clube portuense, e também situado no coração da cidade - o Ateneu Comercial – o Orfeu Rebelde, proferiu, aquando das comemorações do centenário da morte de Garrett (1954), um importante discurso, revelador da sua enorme admiração pelo autor de *Folhas Caídas* e pelos futuros Orfeus. No discurso, o ainda jovem poeta (tinha quarenta e sete anos), explica porque rejeitou o prémio que lhe tinha sido atribuído pelo livro *Penas do Purgatório*, sendo o júri

composto por Afonso Duarte, João Gaspar Simões, Paulo Quintela e Vitorino Nemésio. Entre os concorrentes encontravam-se Fernando Echevarria Ferreira, António Gedeão e José Carlos Ary dos Santos⁹⁵. Torga explicou-se nos seguintes termos:

não quero de maneira nenhuma o lugar de triunfador. Ponho-o à disposição dos Orfeus do futuro. São os novos que precisam de ser ajudados, e é a poesia nova, a poesia nascente, a que traz esperança, que eu gostaria de ver glorificada nesta casa, à sombra tutelar de Garrett, poeta eternamente jovem que foi, além de poeta livre, homem livre e português livre que também quis e conseguiu ser. (Torga, 1999: 779)

Entre 27 de Outubro de 1957 e 14 de Novembro do mesmo ano, há cinco notas no *Diário*, todas elas motivadas por uma delicada intervenção cirúrgica a que Adolfo Rocha se sujeitou no Porto. Nelas começa por nos falar do espanto que sente por não sentir o «dramatismo» que era suposto vivenciar perante «uma hora tão dramática» como aquela:

Lá fora, a vida continua na sua lufa-lufa, e é ela, no fundo, que me importa. Um eléctrico ... Um automóvel... Um ardina a apregoar jornais... (...) Desde que o mundo não pare, nada está perdido... Pasmado, o meu pobre doente olha-me sem compreender. Pensa nele, é claro. Disfarçadamente, por uns restos de piedade humana, volto-lhe as costas. Que vá para o diabo e mais o egoísmo!

E que morra, se tem de morrer. Tenho visto morrer tantos... (Torga, 1999: 854-5)

Fala-nos depois dos amigos, os quais, ao contrário do que sucedeu quando esteve preso, cumpriram à risca «a obra de misericórdia» (Torga, 1999: 855) de o visitarem.

Segue-se uma nota com uma reflexão sobre a «impessoalidade» a que a doença nos reduz:

Sem nenhuma espécie de vontade preservada – quanto à intimidade, devassada por dentro e por fora, nem é bom falar nisso -, o indivíduo sente-se apenas um manequim dorido, que mãos estranhas ou familiares manobram com doçura e uma paciência exausta. (...) E, embora pareça estranho, o que nestas ocasiões mais se deseja não é melhorar: é simplesmente ascender de farrapo humano a homem, ou deixar de existir. (Torga, 1999: 855)

⁹⁵ Ver texto de Amélia Campos in *Album de Memórias do Ateneu Comercial do Porto* (pp. 184-6).

A 12 de Novembro o poeta «Depois das negras horas da Paixão» volta a cantar com o poema «Ressurreição», e a 14, já em contacto com «o mundo», diz-nos: « Cá está o mundo, outra vez. E é bonito, o grande malandro! Tem sol, tem flores, tem barulho, e não cheira a remédios, ainda por cima. Dá-nos picadelas também, evidentemente, mas não são de morfina. São ferroadas de vida, de amor. Ou parecem-me...» (Torga, 1999: 856)

É no Porto que escreve a nota sobre La Fontaine, a que nos referimos no sub-capítulo «Oráculos Estrangeiros de Além Pirenéus». Recorde-se que foi na Cidade Invicta que Torga leu pela primeira vez o autor de *Fábulas*, tinha onze anos, e não era um rapaz livre. E os tripeiros são, para Torga, entre todos os cidadãos nacionais, os que têm um carácter que mais se aproxima do de La Fontaine e que se resume com uma palavra: «livre».

Em 1958 vai à Cidade Invicta para assistir à representação duma peça sua. E sai do teatro desiludido com ele, com os actores e com o público: «Nada se pode contra a debilidade dum texto a que estamos amarrados, contra a interpretação que o revela, e contra a opinião dum público que é livre nas suas reacções, sempre imprevisíveis e, na maior parte dos casos, arbitrárias.» (Torga, 1999: 864)

Em 16 de Junho de 1978 assiste a um filme sobre a sua vida. Revolta-se e angustia-se porque: «mostra apenas o que fui por fora através dos anos». E termina a nota afirmando: «apesar do pudor com que me confessei ao longo dos anos, ainda fui eu até hoje quem mostrou de mim o mais fiel sudário.» (Torga, 1999: 1364).

Depois de inúmeras declarações de amor à cidade que o seu «Doiro merecia» o prosador-poeta afirma, numa explosão de lúcido optimismo que caso o Porto recupere e actualize a sua essência «teremos nele a própria imagem do futuro sonhado: - um enxame de fraternidade a mourejar e a progredir dignamente num jardim de camélias.» (Torga, 1986a: 70)⁹⁶.

⁹⁶ Torga era, como bem sabemos, um apaixonado por flores. No Porto, as inúmeras cameleiras inspiraram-lhe, como vimos, a apoteótica conclusão do capítulo sobre a cidade. Em boa hora, o Turismo do Porto tomou a iniciativa de realizar anualmente a festa das camélias, que se realiza em inícios de Março, e, através de um amplo desdobrável, sugere-nos variadíssimos passeios por jardins não só públicos, mas também privados.

8.2. (Rio) DOURO

Há gente cá na pátria que, em vez de cobrir de desânimo e renúncia as lajes onde nasceu, faz delas a peanha duma vontade fecunda.
(Torga, 1999: 1051)

Não há bardo sem palco próprio. O meu não podia ser outro. A minha voz é também uma levada barrenta de esperança que tenta rasgar e reflectir a majestosa e tormentosa orografia da vida.
(Torga, 1999: 1403)

O Doiro necessita de ser finalmente olhado pela nação como o seu Olimpo sagrado.
(Torga, 1999: 1403)

O Douro aparece na obra do autor de *Contos da Montanha* em:

- *Portugal* – capítulo «Doiro» (analisado no sub-capítulo 4.8.4.4.5 - «Os Mitos»).
- *Vindima* – Toda a obra, mas com particular realce para as páginas: 8, 9, 11-13, 47; 77; 95, 131-3, 153, 226-7 e 229-30.
- *Diário* – 11-8-1938; 6-1-1942; 17-9-1945; 25-9-1945; 15-7-1946; 8-4-1947; 10-4-1947; 28-12-1947; 13-3-1949; 14-3-1949; 29-9-1952; 29-9-1953; 30-9-1953; 25-12-1953; 30-10-1954; 25-12-1954; 8-4-1955; 29-10-1956; 1-11-1959; 2-11-1960; 2-10-1961; 16-9-1962; 13-4-1963; 1-1-1964; 16-8-1964; 31-10-1966; 26-2-1967; 23-3-1967; 28-7-1968; 8-4-1977; 20-9-1977; 19-8-1979; 23-8-1979; 8-12-1979; 20-12-1979; 2-11-1980; 11-9-1981; 14-1-1989. [Repare-se que os meses privilegiados são Abril (mês da Páscoa e do início da Primavera) e Setembro (mês das vindimas e do início do Outono)].

Como Torga percorria o Douro:

- **A pé.** Pensamos que a esmagadora maioria das vezes em caçadas, mas sempre com a preocupação de encontrar os altares dos «seus deuses naturais (...) inacessíveis a qualquer roda.» (Torga, 1999: 965)
- **De burro.** Em nota escrita em Barca de Alva o «nómada açaimado» (Torga 1999: 802) diz-nos: «Descida de burro de Freixo até aqui.» (Torga, 1999: 376). A distância, por estrada, entre Freixo de Espada à Cinta e Barca de Alva é de cerca de 20 km. Num

trilho, onde um burro possa caminhar, a distância é certamente mais curta; contudo, Torga passou seguramente algumas horas montado no burro, meditando sobre «os estremecimentos inquisitoriais da nossa alma [e] os êxtases do nosso corpo.» (Torga, 1999: 376)

- **De carro.** Descrevendo uma viagem nas encostas do Douro, na companhia de um homem «ao serviço de Deus» (muito provavelmente o padre Avelino), Torga confessou-lhe: - «Só tenho pena de morrer por causa desta paisagem...» (Torga, 1999: 1450)⁹⁷

- **De barco.** Foi somente em 1968 que Torga desceu o Douro de barco: «Faltava no meu rol de deslumbramentos o maior de todos, que só hoje (...) me foi concedido por não sei que caprichoso deus do acaso.» (Torga, 1999: 1135). Não deixa de ser estranho que tal só tenha acontecido quando já contava mais de sessenta anos e, ainda por cima, por um «caprichoso deus do acaso»!

Em 1954, contava então quarenta e sete anos, o diarista escreve:

Na paisagem da minha vida há dois rios: este Doiro e o Mondego. (...) O primeiro, terroso, caudaloso, insofrido, todo aos cachões e às golfadas, a correr entre viris penedias, quente de sol e seiva; o segundo, límpido, magro, paciente, a deslizar sem alardes através de areais de erosão. Mas em nenhum deles encontro a imagem do homem que eu gostaria de ser. Falta à água do passado certa claridade purificadora, e à do presente mais força de arranque. Talvez que ambas, misturadas, pudessem conseguir o milagre. (Torga, 1999: 780-1)

É nossa convicção que o poeta conseguiu quase sempre «o milagre», isto é, foi praticamente sempre um Orfeu Rebelde. Repare-se no que nos diz em 1-9-1959 e em 23-8-79 (nota citada em epígrafe):

- «A minha astenia só tem um remédio: o Doiro. Mal o vislumbro de qualquer das vertentes, sinto logo a tensão arterial aumentada. O caudal barrento entra-me automaticamente nas veias... E cabe cá todo!» (Torga, 1999: 915)

- «A minha voz é também uma levada barrenta de esperança que tenta rasgar e reflectir a majestosa e tormentosa orografia da vida.» (Torga, 1999: 1403)

⁹⁷Na nota que acabamos de citar Torga regista a reacção do seu companheiro nos seguintes termos: «E ele, como num eco:
- Também eu...»

A raiz do Orfeu Rebelde [o «soro», a «hemoglobina», e a «pulsção» (Torga, 1999: 1026)] está aqui, no Douro. Temos ainda que o «Doiro» constitui para Torga a mais «bela paisagem» que conhece, «é jovem, (...) é uma realidade e um símbolo português, (...) é peninsular...» (Torga, 1999: 1026)

Já vimos, noutro ponto deste trabalho que Torga mostrou à filha Barca de Alva, com as suas amendoeiras floridas, e, emocionado perante a pergunta da jovem (onze anos) - «Que maravilha é esta?», responde-lhe: «É o meu berço florido;/ O duro chão da minha terra em festa!» (Torga, 1999: 1100)

Compreende-se, pois, que nos diga, com orgulho, pesada responsabilidade e esperança, que o seu «palco de bardo (...) não podia ser outro.» (Torga, 1999: 1051)

Na primavera (e Páscoa) de 1977, Torga escreve, em S. Leonardo de Galafura, um dos seus mais fortes textos dedicados à paisagem [e que muito nos faz pensar na sua afirmação «Sem verbo não há catarse. E sem catarse não há ressurreição.» (Torga, 1999: 1331)]:

S. Leonardo de Galafura, 8 de Abril de 1977 – O Doiro sublimado. O prodígio de uma paisagem que deixa de o ser à força de se desmedir. Não é um panorama que os olhos contemplam: é um excesso da natureza. Socalcos que são passadas de homens titânicos a subir as encostas, volumes, cores e modulações que nenhum escultor, pintor ou músico podem traduzir, horizontes dilatados para além dos limiares plausíveis da visão. Um universo virginal, como se tivesse acabado de nascer, e já eterno pela harmonia, pela serenidade, pelo silêncio que nem o rio se atreve a quebrar, ora a sumir-se furtivo por detrás dos montes, ora pasmado lá no fundo a reflectir o seu próprio assombro. Um poema geológico. A beleza absoluta. (Torga, 1999: 1332)

Sentiria Torga, quando relia este texto, o mesmo que nós sentimos quando o relemos, principalmente se nos encontramos junto do «Santo»? Sentimos que estamos a ler um texto que possui uma beleza absoluta. Mas impõe-se dizermos que este texto ainda pode ser mais absoluto se o associarmos à música de três compositores que Torga considerava que tinham atingido o absoluto da beleza: Bach, Haydn e Beethoven.

Parece-nos muito significativo o facto de este texto ter sido escrito no dia seguinte àquele em que o autor de *Pedras Lavradas* atribuiu ao verbo a capacidade de fazer ressuscitar. O Orfeu Rebelde sentia-se seguro de que a sua arte (a escrita) era superior às

outras. Repare-se que quando descreve o «poema geológico» diz que «nenhum escultor, pintor ou músico [o] podem traduzir», mas não inclui nesse grupo de impotentes os artistas da palavra.

Os escritos sobre o Douro reflectem mais uma vez as contradições e dúvidas do poeta. No dia em que escreveu um dos seus mais paradigmáticos poemas – S. Leonardo de Galafura (2-10-1961) – escreve uma nota que antecede o poema, onde nos diz: «Os poetas não trasladam feições. Já se consideram felizes se conseguem dar do modelo uma sugestão suficientemente aliciante para despertar nos curiosos o desejo de confronto. Assim seja, mais uma vez.» (Torga, 1999: 986)

Esta incapacidade, que Torga afirma, de os escritores darem um real retrato do modelo, é reforçada na nota 28-7-1968, mas totalmente contrariada nas notas de 29-9-1952, 29-9-1953 e 30-9-1953. Nestas notas, o «poder da força criadora» (Torga, 1999: 726) dos escritores geniais (neste caso, Eça de Queirós), consegue superar a realidade:

- «É uma pena localizar a paisagem dos livros. Neles é que ela é verdadeira...» (Torga, 1999: 649)

- «A alma do livro não cabe no corpo da geografia.» (Torga, 1999: 725)

- «há, de facto, eleitos (...) que eternizam Tormes que não existem. Tormes feitas a tinta e papel, que são ao mesmo tempo utopias e paraísos habitados. Tormes mais reais do que a própria realidade.» (Torga, 1999: 726)

- «Chega a parecer feitiçaria: temos tudo e falta o essencial. Ou melhor: os lugares e as coisas estão animados de uma vida que a auscultação física não confirma. Uma presença oculta por detrás da realidade fá-la pulsar, sem que ela na verdade se mova. E essa força secreta não é outra senão o génio do romancista.» (Torga, 1999: 727)

O Douro, com as suas montanhas, leva-o também a identificar-se com a «alma religiosa da pátria», muitíssimo superior à «alma cívica.» Na capela de Nossa Senhora dos Prazeres, no monte da Senhora da Cunha (S. Mamede de Riba Tua), tem esta lapidar afirmação:

Mais um marco geodésico da nossa fé. Cá estou no topo, a olhar, maravilhado, outros ao longe, sobranceiros ao deslumbrante panorama duriense, e a fazer com eles a triangulação da alma religiosa da pátria. A avaliação da sua alma cívica fi-la ao longo dos anos de miradoiros rasos, ao rés-do-chão, de onde se viam apenas tristes paisagens humanas... (Torga, 1999: 1353)

Convidado para «meditar em voz alta», num encontro na Régua (19-8-1979) sobre o homem duriense (que escreveu a sua história trágico-telúrica «nas fragas com a tinta do suor»), começa por se apresentar como «Filho, neto, bisneto e tetraneto de obscuros cavadores, carreiros e almocreves, que séculos a fio saibraram, sulcaram e palmilharam as encostas do Doiro (...)».

Depois de repetir elogios (mas sempre em termos novos e fascinantes) à beleza duriense, tece implacáveis críticas aos «cartazes folclóricos»:

Nos cartazes folclóricos, que cobrem as paredes turísticas e comerciais, os vindimeiros atestados levitam a caminho das dornas, as croças de colmo aquecem o corpo, não há sono nem cansaço nas lagaradas, ninguém morre abafado dentro dos tonéis, a espadela do barco rabelo é um leme sem peso, as cardenhas têm colchões de sumaúma, o magro caldo de feijões e abóbora rescende, as jornas são generosas. (...)

Termina esta longa nota (pp. 1401-3) afirmando que «O Doiro necessita de ser finalmente olhado pela nação como o seu Olimpo sagrado.» (Torga, 1999: 1401-3).⁹⁸

Numa nota escrita no Pinhão, trinta e quatro anos antes da que acabamos de citar, Torga indigna-se com o facto de ninguém se preocupar em divulgar aquele:

abismo de cor, ao fim do qual dois rios se bebem com sede um do outro. (...) O povo, fechado nos antolhos da sua fome milenária, só vê courelas e água de regar courelas. E os outros, os bem comidos e bebidos, e que por isso tinham obrigação de uma acuidade mais ampla, (...) vão gastar o cansaço dos servos nos cafés de Paris, certos de que têm bom gosto e são pessoas civilizadas. (...) e quando regressam, ficam-se pela Capital. (Torga, 1999: 318-9)

Em 1989, depois de uma visita a quintas onde os seus antepassados trabalharam, escreveu uma nota que reforça a profunda ligação que estabelecia entre o trabalho dos seus avós, que «ensoparam de suor» os caminhos que ele percorria comodamente de carro, e o seu trabalho de escritor, e coloca uma pergunta que o angustia: «poderei legitimamente reivindicar a herança de tenacidade e sofrimento que me legaram?» (Torga, 1999: 1650)

Os seus antepassados não lhe legaram somente uma «herança de tenacidade e sofrimento»; legaram-lhe também uma importante veia artística, pois, como o escritor

⁹⁸ Para melhor compreender esta nota sobre o homem duriense, é importante ler-se o fim da página 46 e o princípio da 47 de *Vindima*.

nos diz noutra nota do *Diário*, pertenciam a um grupo de homens que architectaram «jardins suspensos na mais agreste paisagem de Portugal.» (Torga, 1999: 1402)⁹⁹

Com estes textos compreende-se que o escritor «Filho, neto, bisneto e tetraneto de obscuros cavadores, carreiros e almocreves» tivesse, por vezes, profundas dúvidas sobre a capacidade de a arte retratar o sofrimento humano. É isso que ele nos diz num texto também escrito no Douro: «Entre a arte e a realidade há sempre um abismo sem nenhuma ponte. (...) Feita para divertir, mesmo quando faz chorar de piedade e fremir de revolta, a arte é sempre a versão doirada do que se vê.» (Torga, 1999: 463-4). E no prefácio de *Novos Contos da Montanha* diz aos leitores algo que tem afinidades com a última citação, mas que vai mais longe, deixando alguma esperança: «Na tua ideia, o que escrevo, como por exemplo estas histórias, é para te regalar e (...) comover. Mas quero que saibas que ousei partir desse regalo e dessa comoção para te responsabilizar na salvação da casa que, por arder, te deslumbra os sentidos.» (Torga, 1991a: 9)

Esta visão das gentes deste rio ibérico terá certamente inspirado o autor de *Poemas Ibéricos* a escrever:

A VIDA

(...)

O caminho é saibro e franciscano

Do berço à sepultura;

Mas a grande aventura

Não é rasgar os pés

E chegar morto ao fim;

É nunca, por nenhuma razão,

Descrer do chão

Duro e ruim! (Torga, 1995a: 14)

As barragens do Douro, cujo início da construção data de meados da década de cinquenta do século passado, entristeceram e revoltaram Torga. É importante termos isto bem presente, pois quando falamos duma total identificação do Orfeu Rebelde com o seu rio, estamos a falar do rio anterior às barragens. Tenha-se em consideração o que o Orfeu do «Doiro magro e viril»¹⁰⁰ nos diz em 1956: «O Doiro entoirido pelas primeiras barragens. É como se na minha própria aorta se formassem aneurismas.» (Torga, 1999: 837). E em 1979 reforça esta ideia: «O Doiro magro e viril, que ainda não há muito desci de barco rabelo e de credo na boca, a saltar de sorvedouro em sorvedouro, ei-lo

⁹⁹ Quase que poderíamos afirmar que quando Torga fala do «Doiro» os seus antepassados estão tão presentes quanto nos momentos em que fala de S. Martinho.

¹⁰⁰ Chame-se a atenção para o facto de que Torga também era magro e viril.

agora entoirido, manso, paralítico, passeado numa lancha a vapor, sem sobressaltos de qualquer ordem.» (Torga, 1999: 1412).

Concluimos com duas reflexões:

- A identificação total de Torga com o rio Douro (anterior às barragens) fascina qualquer leitor atento, mas simultaneamente assusta porque nos sentimos ao pé dum gigante que exige a si próprio, e provavelmente também a nós, um esforço absoluto.

- No Porto e no Douro [onde devemos incluir S. Martinho de Anta(s)], Torga, «Surdo às razões do tempo e da fortuna/ [exilou-se] Na gávea do futuro,/ Mais alta ainda do que no passado.» (Torga, 1999: 1048) e encontrou a Terra, a Cidade, o Homem e o Mito; enfim, esteve «quasi» a encontrar, a «Palavra Perdida» (ou as Palavras Perdidas) de que tanto nos fala Carlos Carranca¹⁰¹.

8.3. SUBSÍDIOS PARA UM EVENTO ÂNCORA NO PORTO COM BASE NA OBRA DE TORGA

Pensamos que este evento, com a duração de cerca de uma semana, deveria ocorrer entre meados de Setembro e inícios de Outubro. Este período do ano é, no vale do Douro, um tempo de explosão de vida e beleza [ver notas do *Diário* de 17-9-45, 25-9-45, 2-10-61, 16-9-62, 20-9-77, 11-9-81 e conto «Tenório» de *Bichos* (fim da página 70 e início da 71)] e coincide com o início do ano lectivo.

O público-alvo deve ser a comunidade académica, muito em especial os mais jovens estudantes universitários, os estudantes Erasmus e as respectivas famílias. Seria uma forma de lhes apresentar a cidade e a região, e conquistar para a cultura as praxes académicas.

Imaginamos este Evento tendo como tema central a Esperança, que, como veremos no capítulo sobre Chaves, consideramos a principal mensagem torguiana.

¹⁰¹ Privilegiamos uma passagem de *O Sentimento Religioso em Torga e Unamuno*: «A obra poética de Torga é marcada pela angústia religiosa de quem procura, como poeta, a pureza original – A Palavra Perdida. A Palavra que originou o mundo, a Palavra essencial.» (p. 57)

No caso concreto do Evento Âncora no Porto privilegiamos o poema «Esperança» de *Penas do Purgatório*¹⁰²:

(...)
Peco
Por absurdo humano:
Quero não sei que cálice profano
Cheio dum vinho herético e sagrado. (p. 24)

Que Santo Graal é este? Quando abordámos este poema no sub-capítulo «A Casa – Um Espaço de “Transe”» dissemos, utilizando palavras do escritor, que é um cálice cheio «de Deus, do diabo e da natureza» (Torga, 1999: 1319), isto é, cheio de absoluto. Mas pensamos que, sem entrar em contradição com essa definição, podemos dizer que é um cálice que está cheio de «respostas eternas às perguntas do mundo» (Torga, 1969: 98) dadas por Torga e pelos seus oráculos. Estas perguntas colocam-nos perante uma diversidade enorme de questões que, em nosso entender, podem constituir um estimulante desafio a colocar aos participantes no Evento Âncora: o valor de cada vida; a necessidade de conhecermos o passado; o perigo da mitificação da máquina; os milagres que a natureza pode fazer quando a amamos e com ela partilhamos alguns dos nossos melhores momentos; o valor sagrado das aldeias comunitárias; a religião; a palavra; o silêncio; a beleza; a alegria; e, finalmente, aquela que é para nós, uma das mais importantes máximas torguianas e que, como já recordámos, foi escrita no Porto: - «A querer imitar e suplantar o alheio, apenas se consegue diminuir o próprio. Grande, só a multiplicação incansável do autêntico.» (Torga, 1986a: 66)

Tal como dissemos em relação a Lisboa, pensamos que um Evento Âncora no Porto não exige que nessa semana não se saia da cidade e do rio. Propomos:

- um full-day em Coimbra, cidade onde tantos portuenses estudaram até que fosse fundada uma universidade no Porto;
- o conhecimento do Atlântico. Leça, Espinho e Miramar, tiveram grande importância na vida de Torga.
- Um full-day a S. Miguel de Seide (casa-museu de Camilo – uma das mais interessantes casas de escritores portugueses e que está a beneficiar de obras que lhe permitirão criar salas para ateliers temáticos e uma pequena quinta pedagógica)¹⁰³,

¹⁰² Não esqueçamos que *Penas do Purgatório* ganhou o prémio Almeida Garrett, aquando do centenário da morte do autor de *Viagens na Minha Terra*.

¹⁰³ Ver artigo «Casa de Camilo será ampliada», in *Jornal de Notícias*, p. 51, de 16 de Março de 2015.

Braga, Citânia de Briteiros e Guimarães. (Torga dedicou muito pouca atenção a Braga e a Guimarães, por conseguinte as visitas podem ser breves).

- Um full-day ao Gerês: Termas, Serra e Vilarinho da Furna.

- Um dos dias no Porto comportaria visitas a Pousão, Soares dos Reis (artistas que estão, essencialmente, representados no Museu Soares dos Reis), Caves, Sé, Jardim das Virtudes, Palácio de Cristal, casa-museu Guerra Junqueiro. À noite, na Casa da Música, um concerto com as *Estações* de Haydn ou de Vivaldi. E, porque não, depois do espectáculo, convidar os noctívagos para um itinerário pela cidade, inspirado no livro *Uma Gota de Sangue?* O capítulo XIII do livro do colega de Torga da *Presença* é a descrição dum fascinante percurso nocturno dum adolescente inseguro (Lêlito), mas simultaneamente atraído pelo risco de caminhar sozinho nas zonas pobres, históricas e mais nevoentas do Porto. E não esqueçamos que o Porto que José Régio descreve no livro em causa é o que Torga conheceu em 1918, pois Régio frequentou o Liceu Rodrigues de Freitas e a Escola Académica precisamente nesse mesmo ano.¹⁰⁴

- Cinema – *Douro, Faina Fluvial*. Este documentário de Manoel de Oliveira, realizado em 1931, retrata um Porto (ribeirinho) que não apresenta grandes diferenças daquele que Torga conheceu em 1918. E se é verdade que a paixão de Torga pelo cinema o acompanhou durante toda a vida, ela deverá ter sido mais forte durante a década de trinta. Vejam-se as notas do *Diário* de 6-3-1933; 6-2-1935; 10-10-1938; 30-10-1938 e 7-12-1938.

- Vila do Conde – Casa-Museu José Régio. Esta Casa-Museu, embora não tendo um espólio material tão rico quanto o da Casa-Museu de Portalegre, tem uma memória que nos permite reconstituir quase todos os períodos da vida do autor de *A Velha Casa*, *Confissão de um Homem Religioso* e *Correspondência Familiar – Cartas a seus Pais*.

8.4. O DIA DE MIGUEL TORGA NO PORTO

Já fora do Evento Âncora, propomos que o Porto crie *O Dia de Miguel Torga*. Sugerimos que este dia seja a 5 de Fevereiro. Foi neste dia de Fevereiro de 1944 que Torga, na conferência que utilizámos neste capítulo, declarou amar «esta terra do âmago do coração». (Torga, 1944: 4). Imaginamos como actividades para esse dia aquelas que propomos nos nossos opúsculos *O Dia de Miguel Torga – Um Desafio às Autarquias e*

¹⁰⁴ Ver Novais 2002: 15.

Regiões de Turismo e O Dia de Miguel Torga (O Porquê, o Como, o Quando e o Onde). Como especificidade do *Dia de Miguel Torga* no Porto propomos que a conferência se realize na sala do Clube dos Fenianos Portuenses, onde em 1944 teve lugar a proferida por Torga, e que haja um jantar no Clube seguido de um baile, tendo em consideração o excelente salão de dança que o Clube possui e, como já registámos, a apetência dos fenianos portuenses para a dança. O baile deveria ser precedido de uma actuação da escola de dança. Não esqueçamos que Torga tinha uma enorme sensibilidade à dança, como provam as suas notas de 11-6-1940 e 26-4-1952.

8.5. UM DESAFIO AO PORTO

Terminamos este capítulo com a seguinte reflexão-desafio: é urgente encontrar uma sólida cidade universitária que represente e divulgue Miguel Torga. Coimbra e Lisboa, pelos motivos que pensamos estar explícitos e implícitos no que escrevemos sobre as duas cidades, não têm apetência para assumirem genuinamente essa função. É nossa convicção que o Porto é a cidade que apresenta melhores condições para dar «segurança»¹⁰⁵ ao futuro da obra torguiana. Tenha-se em consideração a sua importância histórica e económica; a ligação («do âmago do coração»¹⁰⁶) do escritor à cidade da liberdade, do trabalho, do Douro e das camélias; o facto de ter uma universidade (Fernando Pessoa) que tem feito, e motivado, muita investigação sobre o Orfeu Rebelde; e, finalmente, o enorme crescimento da procura e da oferta turísticas.

¹⁰⁵ Não esqueçamos a citação em epígrafe: «Este Porto dá-me segurança. (...) Aqui (...) caminho de coração tranquilo». (Torga 1999: 463).

¹⁰⁶ Torga, 1986a: 50.

9 - CHAVES - NOVOS CONTRIBUTOS PARA VELHAS QUESTÕES

Férias antecipadas, todo o ano apetecidas, nesta cidade caseira, onde a minha ruralidade tem conforto em todos os horizontes. Aqui, civilizado mas desgravatado, com os pés como raízes no húmus de cada rua, sinto-me sempre urbano sem me sentir postiço.

(Torga, 1999: 1664)

Os habituais quinze dias terapêuticos a ingerir linfas cálidas. Sou médico, mas acredito mais na natureza do que na ciência. E tenho inscrições votivas em todas as fontes de Portugal.

(Torga, 1999: 1600)

Chaves aparece no *Diário* em cento e dezanove notas, entre Setembro de 1958 e Setembro de 1993, sendo que quinze dessas notas são escritas em freguesias fora da cidade (Castelões, Cimo da Vila, Curral de Vacas, Granjinha, Mairos, Moreiras, Pedra Bolideira, S. Caetano e Tinhela).

Parece-nos importante chamar a atenção para o facto de que os últimos quatro anos do *Diário* têm como cenário, quase exclusivamente, Coimbra e Chaves. Por isso, muito do que dissemos, no sub-capítulo «A Casa – um espaço de “Transe”» sobre os últimos anos da vida de Miguel Torga é completado, e por vezes aprofundado, no capítulo «Chaves».

Quando começámos a pensar nas palavras-chave para este sub-capítulo, elas apareceram em catadupa: Cidade, Comunicação Social, Confissões, Coragem, Conversas, Doença, Emigração, Escrita, Esperança, Frustração/Amor, Homossexualidade, Iberismo, Imaginação, Loucura, Medicina, Natureza, Património, Política, Portugal, Povo, Reino Maravilhoso, Religião, Solidariedade/Amor, Termas, Turismo/Férias e Vida.

São, essencialmente, as termas, que levam Torga a Chaves. Para além do enorme valor terapêutico que Torga atribuía às termas, elas eram também espaços privilegiados de inspiração literária. Parece-nos que Torga escolhe Chaves como estância termal

definitiva porque gosta da cidade pequena, histórica e rural¹⁰⁷; porque se encontra no «Reino Maravilhoso»; porque lhe permite à ida ou no regresso (ou em ambas as situações) fazer uma estada em S. Martinho e porque encontrou uma hospedagem familiar em casa de Isaura e Alcino Sousa.¹⁰⁸

As viagens de Coimbra para Chaves, e as pequenas viagens que faz durante a estada na cidade do Tâmega, levam o autor de *Portugal* a escrever duas notas (26-8-1990 e 24-8-1993) que nos são preciosas para reforçarmos o que dissemos no capítulo sobre «Torga e o Turismo (Cultural)» acerca da paixão de Torga, mesmo depois de já se encontrar muito doente, pelas viagens e pelo território português. Na nota de 1990 diz-nos: «volto sempre, e sempre com a mesma curiosidade e disponibilidade emotiva.» (p. 1686); e na nota de 1993 escreve: «Num molho, mas cheguei. O que me vale é saber Portugal de cor tão bem sabido, que, mesmo a atravessá-lo ofegante e mareado, o vejo sempre inédito e deslumbrador como da primeira vez.» (p. 1769)

Quando Torga começa a frequentar regularmente as termas de Chaves, já está muito próximo dos sessenta anos. Este é, certamente, um dos principais motivos porque repete muitos dos seus temas mais queridos. Mas repete-os sempre de uma forma diferente e, frequentemente, mais profunda. Não é raro encontrarmos notas posteriores a 1980 de extraordinária pertinência e beleza. É o caso das notas 7-9-1981 (religião), 4-9-1989 (amor e frustração), 6-9-1989 (almas «viciadas no desespero»), 8-9-1990 (coragem), 26-8-1991 (imaginação), 6-9-1991 (viver é...) e 25-8-1993 (imaginação), que serão, obviamente, utilizadas neste texto sobre Chaves. Consideramos pertinente chamar a atenção para isto porque o escritor, na última página d' *A Criação do Mundo*, obra terminada precisamente em 1980, diz-nos: «Sem mais direito ao amor e à inspiração, despojado de ambições e a redoirar a esperança à sobreposse, nem a lição de Agarez (...) me podia valer. De ora em diante, como lenitivo, só o cilício cruciante da meditação.» (Torga, 1981: 198)

As férias não impediam o autor de *Pedras Lavradas* de lavrar diariamente o papel onde lançava as suas palavras. Ele afirmava, como já vimos, que era «agónico a tempo

¹⁰⁷ Vejam-se as notas 24-9-1971, 6-9-1981, 7-9-1982 e a primeira citada em epígrafe: a luz, o rio, a urbanidade, a ruralidade e a ética que encontra em Chaves são fonte de tranquilidade e de inspiração.

¹⁰⁸ Isaura Sousa contou-nos que a filha, estudante de medicina, ficava espantada com os conhecimentos médicos e a capacidade de os transmitir de Adolfo Rocha.

inteiro» (Torga, 1999: 1634). Sendo assim, compreende-se que escrevesse com enorme frequência porque: «Quanto mais apertado me sinto na prensa da vida (...) mais necessidade tenho de escrever.» (Torga, 1999: 1130). E essa necessidade é consequência do autor sentir que na escrita há «rigor e nitidez, que dão transparência e inteligibilidade ao próprio rosto absurdo da vida.» (Torga 1999: 1130)¹⁰⁹

Em nota de 9-9-1969 recorda Pavlov, dizendo: «Recebo o correio, leio num dos embrulhos “Provas tipográficas”, e aí começo eu a babar tinta. E o pior é que o reflexo condicionado só pára quando devolvo a solfa ininteligível...». (Torga, 1999: 1162).

Numa das muitas cartas que recebe quando está em Chaves vêm elogios que lhe merecem o seguinte comentário: «Foi pena que não mandassem hoje, juntamente com os elogios (...) a convicção para os receber.» (Torga, 1999: 1163). Este comentário leva-nos para o constante problema torguiano (e provavelmente de todos os grandes escritores) da insegurança e segurança em relação à sua obra. Sem sairmos de Chaves lembremos mais duas afirmações de insegurança e duas de pujante (diríamos, mesmo, arrogante) segurança:

- «Infelizmente, em matéria literária, ninguém me pode dar segurança. Insegurança, sim. Agora tirar-me deste inferno em que me deixa cada obra editada, só a morte.» (Torga, 1999: 1428)

- «Peregrinação contrita à Senhora do Engarinho, desta vez por minha intenção, na esperança de que ela seja também advogada dos enjeridos do espírito.» (Torga, 1999: 1664)

- «Os poetas não assentam bem a terra nenhuma. Ficam sempre largos demais.» (Torga, 1999: 961)

- «Desvendo o indesvendável» (Torga, 1999: 1564)

É aqui, na cidade onde «todos os anos [renova] o prazer calmo e urbano de viver» (Torga, 1999: 1467), que o escritor do «Reino Maravilhoso» nos oferece uma das mais importantes chaves para entrarmos nos bastidores do seu processo criativo:

¹⁰⁹ Há um provérbio persa que diz «o bico da pena penteia a cabeleira da linguagem». (Sha, 2002: 110)

Converso indiscriminadamente com conhecidos e desconhecidos das mais diversas categorias. Perco horas e horas a ouvir coisas e loisas que parecem banais e até insignificantes. (...) É através de pequenas revelações quase involuntárias que vem à tona a originalidade irredutível do humano. Mas essas raras pepitas apenas se conseguem depois de joeirar muito cascalho. (Torga, 1999: 1283-4)

E esta exigente operação de encontrar «revelações» importantes debate-se, ainda, com outro obstáculo: «O pudor, a covardia, o orgulho e a vergonha, [que] impedem a draga de trazer à tona certas lamas.» (Torga, 1999: 1119)

A escrita, para atingir plenitude, necessita também de loucura, de coragem e de imaginação.

A loucura surge em três notas flavienses sempre com força e intenção extremamente positivas. Em 25-9-1960 (p. 962) o louco (mas com os pés bem assentes na terra) Torga diz que os poetas são «naturezas (...) sedentas de absoluto» e por isso têm muita dificuldade em se contentarem com «o quotidianamente possível na moral, na política, na ciência, no amor e na religião.». O problema, para Torga, é que o «quotidianamente possível» é demasiadamente pequeno, e por isso é necessário que o homem se convença «de que pode mover montanhas com um simples gesto.» (Torga, 1999: 1602).

É esta necessidade de absoluto e de convicção de que o homem pode mover montanhas, que leva o Orfeu Rebelde, durante o escaldante *Verão Quente* de 1975, a não se conformar com a loucura negativa que ameaçava Portugal e a perguntar, no poema «Lamento»:

Em que rosa-dos-ventos há um caminho
Português?
Um brumoso caminho
De inédita aventura,
Que o poeta, adivinho,
Veja com nitidez
Da gávea da loucura? (Torga, 1999: 1311)

E para se atingir esta loucura é necessária muita coragem. Nas páginas do *Diário* dedicadas a Chaves encontramos também três notas fundamentais para compreendermos a importância capital que Torga atribuía à coragem. Num poema com uma forte carga psicanalítica («Exortação», p. 963) o poeta diz-nos que é preciso

descermos «às íntimas funduras» do nosso ser e enfrentarmos os «monstros» que lá moram. E termina com uma afirmação de extraordinário optimismo: «Os leões da caverna só devoram/ Quem os ouve rugir e se recusa a entrar...».

Seis anos mais tarde (em 1966, quando Salazar ainda era frequentemente visto por Torga como o único homem que dirigia o país) o diarista regista uma genial reflexão sobre a coragem:

Só há uma lepra humana pior do que o despotismo: a cobardia. A cobardia individual ou colectiva, a que recua diante da força ou diante dos factos. De maneira singular ou plural, aberta ou encobertamente, a vida faz-nos sempre a mesma exigência: o exercício quotidiano da coragem e do risco. (Torga, 1999: 1091)

Em 1990, quando contava oitenta e três anos, Chaves proporciona ao aquista Torga mais uma lapidar reflexão sobre a coragem: «Os gestos que não fazemos à espera que outros os façam por nós. E assim perdemos a vida, que é uma expressão permanente que não pode ser adiada, nem diferida. Nenhuma prova de comunhão devemos esperar receber que não formos capazes de primeiro ousar.» (Torga, 1999: 1688)

Acreditamos que para o autor de *Portugal* a imaginação é também uma chave fundamental para o sucesso da escrita, mais ainda: para o sucesso da vida. Numa conversa com um jovem que se lamentava porque considerava que tudo o que é importante é impossível de alcançar o autor de *Libertação* diz-lhe: «Ó rapaz (...) Vê se olhas a vida de uma vez para sempre sem muros à volta da imaginação.» (Torga, 1999: 1727). E no último ano em que frequenta as termas da cidade do Tâmega, escreve sobre um erudito: «Sabe tudo do Barroso. Mas falta-lhe o principal: não é capaz de o imaginar.» (Torga, 1999: 1769).

Cremos que o fascínio dos escritos de Torga sobre Portugal passa muito pela sua capacidade de imaginar cada localidade, cada província e o todo nacional. O livro *Portugal*, mais do que revelar um profundo conhecimento do país, revela uma imaginação repleta de paixão angustiada.

Pelo menos em 1970 Torga já necessitava de óculos para trabalhar. É desse ano uma nota que nos diz: «Perdi os óculos e não posso trabalhar. Mas, embora aparentemente arreliado, no íntimo todo o meu ser agradece aos deuses o contratempo. (...) Fico inútil no mundo, de boa consciência.» (Torga, 1999: 1197) É uma nota curiosa e com humor,

mas cujo último período não corresponde à verdade. O poeta sabia que não ficava «inútil no mundo». Poderia conversar, reflectir, passear ou estar numa postura existencial em que «Viver (...)/ É encontrar quando nada se procura.» (Torga, 1999: 1729)

É também durante este «ritual ortodoxo» (Torga, 1999: 1636) de se deslocar anualmente a uma estância termal, que nos revela outra das suas facetas: «Viver clandestinamente. Que outra maneira airosa tem um poeta de o ser neste mundo de hoje, senão parecer uma coisa por fora e ser outra por dentro? Mas sê-lo então, de verdade, frontal e desassombradamente, com a prova insofismável da poesia.» (Torga, 1999: 1727)

Frequentemente, quando o diarista fala da sociedade portuguesa, não só nas notas de Chaves, mas nas de todas as localidades, só sabemos se está a escrever antes ou depois do 25 de Abril (de 74) quando olhamos para a data das respectivas notas. De facto, o Orfeu Rebelde, considerava que muito pouco, do essencial, mudou na sociedade portuguesa com a «revolução dos cravos».

Vejamos, alguns exemplos, com notas escritas em Chaves:

- «Somos socialmente uma sociedade pacífica de revoltados.» (Torga, 1999: 983)
- «Chega a ser aflitivo o denodo com que procuramos o nirvana da falência, a paz morta da abdicação do espírito.» (Torga, 1999: 1090)
- «As pessoas afivelam uma máscara, e ao cabo de alguns anos acreditam piamente que ela é o seu verdadeiro rosto. E, quando a gente lha arranca, ficam em carne viva, doridas e desesperadas, incapazes de compreender que o gesto violento foi a melhor prova de respeito que lhes podíamos dar.» (Torga, 1999: 1283)
- «Em que rosa-de-ventos há um caminho/ Português?» (Torga, 1999: 1311)
- «(... ???) ouvem com indisfarçável desconfiança quem procura ajudá-las, a mostrar-lhes a luz. Anos e anos de recalçamento, criaram nelas uma segunda natureza, tímida, fechada, esquiva. E é no fundo do poço que se sentem seguras. Ao menos aí, nada as acusa. O consciente culpa-se; o subconsciente desculpa-se.» (Torga, 1999: 1666)

Compreende-se que em Chaves Torga também estivesse atento à emigração. Trás-os-Montes é historicamente uma província de emigração, e a cidade do Tâmega está a

escassos quilómetros da fronteira. Num dos anos da guerra colonial, mais precisamente em 1964, encontramos no *Diário* a seguinte nota:

Onde pode chegar o aviltamento humano!

– Entregas-me as peles em Mairos. – A que horas?

– Às onze.

As peles eram emigrantes clandestinos. (Torga, 1999: 1056)

Seis anos mais tarde (1970), encontrando-se o escritor em França (Lyon), no consulado português, testemunha uma pungente e humilhante cena em que os emigrantes são os protagonistas: «O drama da emigração... Aqui o tenho diante dos olhos, maciço, brutal, irremediável, a transbordar da exígua sala do consulado de Portugal e a indignar a vizinhança, ciosa do seu sossego, da sua higiene, dos seus ouvidos e do seu olfacto...» (Torga, 1999: 1188)

É este povo que, no pós 25 de Abril, continua a ser traído pelo poder:

- «Ah, meu povo traído,/ Mansa colmeia/ A quem ninguém colhe o mel!...» (Torga, 1999: 1311);

- a política é feita «na praça pública com demagogia e nos bastidores com maquinação.» (Torga, 1999: 1353)

A sua primeira nota escrita em Chaves (23-9-1958) remete-nos para o povo do seu «Reino Maravilhoso». Depois de uma conversa e discussão infrutíferas com um intelectual, o escritor de Trás-os-Montes procurou a «verdadeira vida» no mercado da cidade:

Desço os degraus do mercado, e aí estou eu perdido e achado no meio da verdadeira vida.

Sem esperança nos letrados (...) volto-me para os analfabetos. Junto deles encontro ainda o riso, a indignação e o espanto – forças centrífugas que alargam o espírito, o fluidificam e universalizam. (...)

O mundo absurdo, desesperado e negativo a que cheguei, não é, felizmente, o mundo de onde parti. E o meu instinto nunca se esquece de que existe essa tábua final de salvação... (Torga, 1999: 894)

Mas, tal como quando se encontra em S. Martinho, a comunhão de Torga com o povo não lhe impede de tecer duras críticas: «Que povo este! Fazem-lhe tudo, tiram-lhe tudo, negam-lhe tudo, e continua a ajoelhar-se quando passa a procissão.» (Torga, 1999: 1131)

O estado de conservação do património construído merece, durante as estadas de Torga em Chaves, condenações que se alastram, em 1983 e 1986, à pátria e ao génio criador. A propósito da incúria com a queda dum tecto duma «capelinha românica» diz-nos:

Pátria desmoronada! Tudo nela cai aos bocados. Os monumentos, o carácter e a própria fé. Agora a incúria do abade e dos fiéis até deixou que abatesse o tecto desta serrana capelinha românica de S. João, e consente que se percam no montão de ruínas, partidos, os rústicos modilhões que faziam dela uma raridade cultural. Num dos mais expressivos, o falo procriador que exibía mantém ainda ingloriamente a erecção. A limpa erecção dum tempo que acreditava na vida e a exaltava na cornija dos templos, a unir no mesmo culto o que nela havia de sagrado e de profano. (Torga, 1999: 1491)¹¹⁰

Três anos mais tarde é uma «capelinha visigótica arruinada» com «uma airosa cruz vazada [que] parece querer levantar voo» e com «a mais bonita ara romana que se pode ver» que o leva a um desabafo repleto de pessimismo: «O nosso génio criador, por mais que se exceda, acaba sempre nisto: num pungente testemunho de que só a incompreensão e o abandono esperam no futuro as obras de qualquer presente.» (Torga, 1999: 1564)

A medicina não surge com frequência na obra de Torga, mas, como Isabel Ponce de Leão deixou bem claro no seu livro - *A Obrigação, a Devoção e a Maceração (O Diário de Miguel Torga)* -, foi fundamental na vida e obra do escritor. Em Chaves, depois de ter ajudado a resolver um parto particularmente complicado, escreveu:

E mais uma vez senti a alegria de ser médico. Graças à “rainha das ciências”, não só pude compreender e aceitar durante a vida a minha condição de filho da natureza, verme integrado nas suas leis e alicerçar todos os meus valores, como ainda ter o orgulho legítimo de lhe corrigir ou completar de vez em quando as obras. (Torga, 1999: 1198)

¹¹⁰ É interessante comparar esta nota com a de 31-7-1947, e que citámos quando falámos de Freud no subcapítulo «Oráculos estrangeiros de além Pirenéus» (4.8.4.4.3).

Foi no Museu de Arqueologia de Chaves que Torga viu um busto que «segundo o parecer dos entendidos» (Torga, 1999: 1225) representa Antínoo. E a partir desse busto tece as considerações que citámos quando, no sub-capítulo 4.8.4.4.3 falámos do livro de Marguerite Yourcenar, *Memórias de Adriano*. É, portanto, em Chaves que Torga nos revela uma mudança de postura perante a homossexualidade.

Também no sub-capítulo citado no parágrafo anterior falámos da importância que para o Orfeu Rebelde teve S. Francisco de Assis. Cremos que de todas as referências torguianas a S. Francisco, a mais forte é a nota de 7-9-1981, escrita precisamente «nesta cidade caseira» (Torga, 1999: 1664) onde Torga encontrava «o prazer calmo e urbano de viver.» (Torga, 1999: 1467).

Em 4-9-1989 fala-nos, o quanto basta, com enorme beleza e profunda dor, de algo muito íntimo:

Frustração

Foi bonito
O meu sonho de amor.
Floriram em redor
Todos os campos em pousio.
Um sol de Abril brilhou em pleno estio,
Lavado e promissor.
Só que não houve frutos
Dessa primavera.
A vida disse que era
Tarde de mais.
E que as paixões tardias
São ironias
Dos deuses desleais. (Torga, 1999: 1665)

Hospitalizado de urgência, no hospital de Chaves, recebeu dos «Médicos, enfermeiras e simples serventes», todos transmontanos, uma genuína atenção que o levou a escrever: «A secura afectiva que estiola a nossa civilização não chegou felizmente a estas benditas terras transmontanas.» E, mais adiante, mas na mesma nota, reforça a homenagem a toda a equipa hospitalar e enaltece o «Reino Maravilhoso»:

almas irmãs, que sabem apenas de mim que tive a dita de nascer, como elas, neste mesmo chão generoso que em todas as horas e latitudes, e de todas as maneiras, por palavras e obras, exaltei como pude, rendido à lição que desde menino aprendi, a calcorreá-lo e a meditá-lo: que nele até a própria violência é cristã. (Torga 1999: 1748-9).

E, como não podia deixar de ser, Chaves é também um local donde Torga olha para a actualidade internacional: «Israel e os palestinianos vão finalmente entender-se. A paciência de Job não teve limites mais uma vez. E mais uma vez venceu as tentações do diabo.» (Torga, 1999: 1769).

O Iberismo é um dos temas mais presentes na obra de Torga. Já o abordámos quando no sub-capítulo «A importância das viagens para Torga» falámos das suas idas a Verin (feitas a partir de Chaves) e quando no sub-capítulo «A Casa – Um espaço de “Transe”» falámos dos *Poemas Ibéricos* e do dia 12 de Agosto (dia do aniversário do escritor). Voltaremos ainda ao Iberismo num capítulo sobre as grandes cidades históricas espanholas próximas da fronteira e, por fim, no capítulo «Conclusão e Propostas». Mas aqui, em Chaves (que forma, na obra torguiana, um sólido eixo com Verin), é também fundamental fazermos uma constatação sobre essa realidade tão fascinante e, simultaneamente, tão preocupante, que era, para Torga, a presença, para lá da totalidade da nossa fronteira terrestre, dum colosso que se chama Espanha.

Em Chaves, o sentimento dominante de Torga em relação ao Iberismo é de desconforto [«Quanto mais chegado a Espanha, mais eu gosto de Portugal» (Torga 1999: 1664)]. O autor de *Poemas Ibéricos*, quando está na cidade termal, não deixa de ter uma profunda admiração pelo «génio criador [dos nossos vizinhos] que excede em tudo todas as medidas» (Torga, 1999: 1468), mas manifesta três grandes preocupações:

- «os nossos vizinhos só nos deram tréguas quando nos viram encostados à parede. Até onde havia terra arável, nenhuma paz possível.» (Torga, 1999: 1468);
- incapacidade dos espanhóis de compreenderem «o nosso apego à liberdade» (Torga, 1999: 1468) aliada a uma manifesta «arrogância» e (...) desprezo» (Torga, 1999: 1770) em relação aos portugueses;
- incapacidade dos nossos governantes de manterem os «últimos trunfos nacionais» que levará a que um dia «um outro Filipe II nos integre submissos no grande redil peninsular, desta vez sem necessidade de herdar, de comprar e de conquistar o rectângulo rebelde. Recebe-o gratuitamente de bandeja.» (Torga 1999: 1770)

Deixamos para o fim o tema que consideramos o mais importante; o da **Esperança**.

É em Chaves que o autor de *Cântico do Homem* escreve o texto que, em nossa opinião, melhor esclarece a polémica sobre a postura de Torga perante o optimismo e o pessimismo. Depois duma conversa que teve com alguém que o admirava, mas que lhe pedia que fosse menos pessimista, escreveu:

Pacientemente, tentei explicar-lhe que, muito embora não trouxesse o sol na lapela, era, contudo, um homem de esperança. Só que essa esperança passava pela lucidez, o que significava não ser cúmplice dos meus desejos nem tomar por Junos nuvens que sabia verdadeiras.

(...)

E já nem tive coragem de acrescentar às minhas razões que se o culto da perdição é, realmente, um crime, também ninguém se pode salvar na ignorância do preço da salvação. (Torga, 1999: 1371)

Esta questão (da Esperança) é da maior importância por razões tão óbvias que dispensam comentários. Mas é ainda importante porque impediu que o autor de *Portugal* fosse um forte candidato ao prémio Nobel em 1978. Eugénio Lisboa, conta-nos como, nesse ano, a Academia Sueca rejeitou uma candidatura de Torga:

Soube depois, por carta da minha amiga Regina que, no verão de 1978 (...) lhe fora pedido pela Academia Sueca um parecer sobre o mérito de Miguel Torga, para um possível galardão Nobel. (...) redigira um parecer favorável, mas não entusiástico. A principal reserva que punha à obra do escritor residia no pessimismo, que ressaltava, tão continuamente, das páginas do poeta, do diarista, do ficcionista... (Lisboa, 2014: 87-8).

O autor de *Acta Est Fabula* informa-nos, também, que a professora Regina (da Universidade de Upsala), teve para ler toda a obra de Torga somente as férias de verão. Pensamos que, por este motivo, a professora não conseguiu ver que o optimismo da obra de Torga é mais profundo e alto do que o pessimismo, o qual, eventualmente, é mais largo.

Na obra do autor de *Cântico do Homem*, para além de incontáveis referências à esperança em textos em prosa, há oito poemas com o título «Esperança». Há ainda um nono poema, cujo tema é a esperança, mas que tem como título «A Âncora» e um décimo que tem como título «Ave da Esperança». Só há um tema que em número de

poemas ultrapassa o da Esperança; é o Natal, mas numa perspectiva torguiana Esperança e Natal têm profundas afinidades.

No discurso que proferiu, quando foi galardoado com o Prémio Camões, o autor de *Cântico do Homem* prometeu continuar a ser «no comportamento e na arte (...) um sinaleiro da esperança». (Torga 1999: 1662) Pensamos estar aqui a principal mensagem que Torga nos legou: há motivos para acreditarmos que há um caminho (ou mais do que um) que nos levará até Um Reino Maravilhoso [«junquem de flores o chão do velho mundo:/ Vem o futuro aí!/ (...) Ninguém o viu ainda, mas é belo,/ É o futuro...» (Torga, 1974b: 82)], e ele esforçou-se, ao longo de toda a sua vida, por dizer isto «o melhor possível de todas as maneiras possíveis.»

Olhemos para as passagens com mais força e magia dos poemas:

- Espremo o sol num poema, e bebo o sumo! (Torga, 1999: 682)
- Quero não sei que cálice profano/ Cheio dum vinho herético e sagrado. (Torga, 1976a: 24)
- Ah, que festa haveria nos meus braços,/ Se batesses à porta, como outrora! Toda a casa acredita nessa hora, (Torga, 1983b: 29)
- Quero que sejas/ A última palavra/ Da minha boca./ A mortalha de sol/ Que me cubra e resuma. (Torga, 1999: 1108)
- sei/ Cantar sem pressa./sei recomeçar... (Torga, 1999: 1346)
- cada dia (...) É sempre um dia novo/ De renovo/ E poesia. (Torga 1999: 1672)
- O emblema ali está (...) A dizer não eternamente/ Ao desespero que desespera. (Torga, 1999: 1662) (Estes versos são do poema «A Âncora», poema inspirado no suicídio de Antero de Quental, junto à âncora que se encontra no muro do Convento da Esperança, em Ponta Delgada.)

Para Torga a Esperança tem que ser a «última palavra» da sua boca e a palavra que o resume. É imperioso «dizer não eternamente/ Ao desespero que desespera.». Mas para isso é necessário ter um «cálice profano/ Cheio dum vinho herético e sagrado.» Que

Santo Graal é este? Pensamos que é um cálice que está cheio de «respostas eternas às perguntas do mundo» (*Traço de União*, p. 98) dadas por Torga e pelos seus oráculos. Elas colocam-nos (como temos visto ao longo deste trabalho, e continuaremos a ver) perante uma diversidade enorme de questões: o valor de cada vida; a necessidade de conhecermos o passado; o perigo da mitificação da máquina; os milagres que a natureza pode fazer quando a amamos e com ela partilhamos alguns dos nossos melhores momentos; o valor sagrado das aldeias comunitárias, a coragem, a loucura, a cultura, a religião, a palavra e o silêncio.

Maria do Carmo Azeredo Lopes aborda, em nossa opinião, de uma forma muito pertinente a questão da esperança em Torga. Diz-nos a investigadora:

Se revela na sua obra poética todas as preocupações que surgiram ligadas à crise existencialista na Europa de então, verificamos todavia, que ele nunca se deixa dominar pela onda de nihilismo e pessimismo que se generalizou. Pelo contrário, nele todo o desespero conduz inqubrantavelmente à esperança.» (Lopes, 2005: 226)

Em 31 de Agosto de 1987 o autor do *Diário* escreveu em Chaves uma preciosa nota de uma linha: «Sabe tanto de mim como poeta que quando nos encontramos sinto-me transparente.» (Torga, 1999: 1600). Quem será esta figura capital para nos falar do Orfeu Rebelde? Será o padre Valentim (proprietário da Gráfica de Coimbra), que costumava acompanhar Torga nas suas deslocações a Chaves e com ele partilhava a hospedagem em casa de Isaura e de Alcino Sousa?

A profunda e profícua comunhão entre Torga e Chaves, que se dá num contexto de férias e no apogeu da sua maturidade, permitiu ao autor de *Cântico do Homem* escrever:

Evasão

De luz são estas horas clandestinas
E vagabundas,
Roubadas à razão e à lógica dos outros.
O sol ergue-se nelas com fulgor
Dobrado.
Não há sombras no largo descampado
Onde se esconda a alma envergonhada.
Pura, campeia, íntima e liberta,
Contente
Do ensejo gratuito da aventura.
Viver é ser no tempo intemporal.
É nuca, a ser o mesmo, ser igual.
É encontrar quando nada se procura. (Torga, 1999: 1729)

10 - AS ALDEIAS HISTÓRICAS. DAS FRAGAS E DA HISTÓRIA À ANIMAÇÃO CULTURAL – O CASO DE SORTELHA

10.1. INTRODUÇÃO

O *Programa das Aldeias Históricas de Portugal* foi criado nos anos oitenta do século passado, tendo como principal objectivo a recuperação material de *Aldeias* consideradas os melhores exemplos do «património construído», «ambiente de vida» e cultura do mundo rural da Beira Interior. Nos anos noventa considerou-se «fundamental juntar-lhe duas novas dimensões: a animação sócio-económica, envolvendo os actores locais através das associações de desenvolvimento local existentes e a promoção turística no mercado nacional e internacional.» (*Programa das Aldeias Históricas de Portugal*. CCRC, 1998).

Há um total de doze Aldeias Históricas: Castelo Rodrigo, Marialva, Trancoso, Linhares da Beira, Almeida, Castelo Bom, Sortelha (a mais central e uma das mais bem preservadas), Belmonte (a que possui melhor património museológico), Monsanto (a mais imponente no que respeita à existência de fragas), Idanha-a-Velha (a que possui melhor património arquitectónico), Castelo Novo e Piódão.

10.2. TORGA E AS ALDEIAS HISTÓRICAS

Miguel Torga é parcimonioso nas referências importantes às Aldeias Históricas. Faz apenas quatro, todas elas no *Diário*: Monsanto (26-9-1941), Sortelha (21-8-1977), Linhares da Beira (16-11-1986) e Piódão (7-4-1991).

São quatro curtas referências, mas imprescindíveis para compreendermos o seu sentimento telúrico (Monsanto) e o conceito de Portugal (as restantes três). Vale a pena transcrever duas na íntegra e duas quase na totalidade

- Monsanto:

O que é a fraternidade dos ossos! Estas fragas estavam todas em Trás-os-Montes no princípio do mundo. Mas, como Deus determinou que eu tinha de nascer e vir desesperar-me de tédio nestas léguas de nada durante quinze dias, que é que fizeram as santas das minhas pedras? Meteram-se a caminho (...) e zás: quando menos o bom do homem da bolota esperava, aparece-lhe pela proa o mais belo afloramento de granito que já vi. (...) uma aldeia que ou é coisa mágica, ou ilusão. (Torga, 1999: 149-150).

- Sortelha:

O que mais me dói na pátria é não haver correspondência no espírito dos portugueses entre o seu passado e o seu presente. Cada monumento que o acaso preservou inteiro ou mutilado – castelo, pelourinho, igreja, solar, ou simples fontanário – é para todos nós uma sobrevivência insólita, que teima em durar e em que ninguém se reconhece. Olhamos os testemunhos da nossa identidade como trastes velhos, sem préstimo, que apenas atravancam o quotidiano. Que memória individual ou colectiva se relembra nesta crónica ameaçada? (Torga, 1999: 1351-2)

- Linhares da Beira:

Aqui ando num pânico fervor a revisitar estas terras velhas de Portugal. É na sua autenticidade que se fortalece a minha esperança inquieta. (...) Mas a perdição só poderá consumir-se se o povo se esquecer dos seus valores, simbolizados nos castelos, nas igrejas matrizes, nos pelourinhos e nos fóruns onde o passado justifica o presente e incentiva o futuro. São esses monumentos de vontade, de fé, de equidade e de concertação que inventario incansavelmente. Com a desculpa de que regalo os olhos e a imaginação, inspecciono à socapa, a pensar no pior, a solidez das possíveis linhas de resistência da nação. (Torga, 1999: 1566-7)

Piódão:

Com o protesto do corpo doente pelos safanões tormentosos da longa caminhada, vim aqui despedir-me do Portugal primevo. Já o fiz das outras imagens da sua configuração adulta. Faltava-me esta do ovo embrionário. (Torga, 1999: 1710).

A referência a Monsanto mostra-nos, mais uma vez, o peso que o telúrico tem na sensibilidade torguiana. E quando o telúrico é composto por fragas a sua força torna-se irreal. É isto que temos que concluir da sua afirmação sobre «as fragas beiroas»: «... coisas minhas, que dão à própria pedra uma alma, uma fala, uma intenção, um destino...». (Torga, 1999: 304).

As restantes entradas do *Diário* que citámos remetem-nos directamente para os conceitos torguianos da nação portuguesa. Três ideias são fulcrais:

- 1º. estas aldeias representam o «ovo embrionário» da pátria (nota sobre Piódão);
- 2º. Não há, no espírito dos portugueses, uma correspondência «entre o seu passado e o seu presente». (nota sobre Sortelha)

3º. Quando escreve a nota de Linhares da Beira o seu pensamento é praticamente o oposto ao expresso nove anos antes em Sortelha. Em Linhares, Torga está mais optimista em relação à memória e à postura do povo em relação aos valores nacionais: «a perdição só poderá consumir-se se o povo se esquecer dos seus valores, simbolizados nos castelos, nas igrejas matrizes, nos pelourinhos e nos fóruns onde o passado justifica o presente e incentiva o futuro.»

Estas três entradas constituem mais uma prova do profundo culto de Torga pelos valores do «Portugal primevo» (Torga, 1999: 1710), e são uma prova cabal de que nas Aldeias Históricas encontramos um espaço ideal para reflectirmos sobre a obra torguiana e para, a partir dela, procurarmos outros escritores e com todos eles reflectirmos sobre Portugal. (Destacaremos o Camões d'Os *Lusíadas* e o Pessoa de *Mensagem*.)

10.3. SORTELHA

Entre as doze Aldeias Históricas optámos por privilegiar Sortelha porque:

1º. Em nenhuma outra Aldeia Histórica encontraríamos tantas condições para fazer um continuado estudo. Comprámos em 2007 uma casa em Sortelha, e como veremos mais adiante, já lá realizámos cinco (mais um) eventos de divulgação cultural a partir da obra de Torga.

2º. a freguesia de Sortelha (e o concelho do Sabugal) permite-nos ir não só ao encontro do pensamento de Torga sobre as Aldeias Históricas, mas também entrarmos noutras questões fundamentais da obra do autor de *Portugal*, como é o caso do Iberismo (o Sabugal é um concelho raiano e foi em território do além-Côa que se traçou definitivamente a fronteira portuguesa); da Ruralidade; da Emigração; do Contrabando e das Viagens;

3º. as suas fragas (barrocos, como lá se diz) atingem quase a mesma imponência das de Monsanto. Alguém disse que «Salamanca possui magníficos monumentos de pedra e o concelho do Sabugal possui pedras que são magníficos monumentos». E nós podemos acrescentar que os «magníficos monumentos de pedra», existentes no concelho do Sabugal, se concentram, essencialmente, em Sortelha.

4º. É, pela História e pelo estado de conservação, uma das mais interessantes Aldeias Históricas;

5º. Situa-se, como já foi referido, no centro das suas congéneres;

6º. A entrada a ela dedicada, no *Diário*, (21-8-1977) para além de reflectir um pensamento torguiano muito importante sobre o passado histórico e sobre os portugueses, apresenta um desafio particularmente interessante: «Que memória individual ou colectiva se relembra nesta crónica ameaçada?», ao qual, temos procurado, com o envolvimento da população, dar resposta;

7º. Tem excelentes espaços e motivos para abordar *Os Lusíadas*, *Mensagem* e *Poemas Ibéricos*.

O século XVI (século de Camões) é uma época muito importante para Sortelha: D. Manuel concede-lhe um novo foral com o objectivo de «motivar o seu repovoamento e economia». (Osório, 1998: 28). Este arqueólogo acrescenta, na referida monografia, que «Recolheram-se abundantes fragmentos cerâmicos e diversas moedas que provam o dinamismo comercial de Sortelha no séc. XVI.» O século de Camões é também a época em que o jesuíta Gonçalo da Silveira, filho do 1º Conde de Sortelha, é martirizado em África, em 1561, por ordem de Benomotapa/Monomotapa. Camões elogia a «Fé santa» de Gonçalo na estância 93 do Canto X.

Pessoa, ao escrever *Mensagem*, quis dar-lhe uma ambiência histórica. Repare-se que a sua mensagem é publicada em 1934, e o poeta faz questão de não respeitar o último acordo ortográfico, que datava de 1911, para reforçar a marca profundamente histórica existente em cada um dos seus poemas.

Poemas Ibéricos, porque nos remete para a História e para a mensagem das nações Ibéricas, tem, nesta Aldeia Histórica de um concelho raiano, um cenário perfeito.

8º. Sortelha também é um cenário ideal para se ouvir música clássica (e sem nos afastarmos do espírito torguiano). Pensamos, essencialmente, em Bach (*A Paixão segundo S. Mateus*) e em Vivaldi (*As Quatro Estações*).

Como já escrevemos, Torga registou num apontamento, para uma auto-biografia,: «Gosta de música, particularmente de Bach.» E se cruzarmos duas entradas do *Diário* encontraremos o porquê da sua escolha:

- «Deve-se encher os olhos da mesma paisagem tantas vezes quantas forem necessárias para que ela seja dentro de nós um cenário quotidiano. (...) Imagens que nos lembrem sem querer, como trechos de Bach ou de Beethoven, e que encham a nossa solidão pela vida fora.» (Torga, 1999: 495)

- «Bach. Tudo, mas principalmente uma genialidade que se desconhece, que levanta as suas obras na humildosa modéstia de quem executa apenas capazmente a obrigatória

tarefa profissional. Foi o romantismo que perverteu nos artistas essa inocência original, tão próxima da devotação artesã e do inglório brio camponês.» (Torga 1999: 618).

Os graníticos altares das Estações da Paixão, que harmoniosamente se distribuem por Sortelha, são locais perfeitos para com um leitor de C.D. ou com um audio-guia ouvirmos a *Paixão segundo S. Mateus*.

Torga não nos deixou nada escrito sobre Vivaldi, mas sabemos por Maria da Conceição Morais Sarmiento que o poeta sentia um enorme fascínio pel' *As Quatro Estações*.

As *Estações* de Vivaldi, com excepção do Verão, cabem, quase como uma luva, nas Estações de Sortelha.

A Aldeia Histórica tem na Primavera, quanto baste e em perfeita harmonia, pássaros, riachos, relâmpagos, trovões, pastores, luminoso céu, flores e árvores. Sendo assim é fácil visionarmos «Ninfas e pastores» dançando «ao som alegre de uma sanfona/ sob o luminoso céu da Primavera.» (ver libreto de *Estações*).

A actividade cinegética é importante (javali, coelho e perdiz) no concelho do Sabugal e podemos dizer, com a mesma frieza do soneto «O Outono»: «A fera [leia-se: javali], aterrorizada com o som dos cães e das armas,/ posta em perigo e com ferimentos,/ procura escapar, mas é vencida e morre.»

No Inverno, em Sortelha, tal como n' *O Inverno* de Vivaldi, há um «violento vento frio», dir-se-ia que se ouvem «todos os ventos uivando como numa batalha» e as pessoas passam muito tempo tranquilas «junto à lareira».

Enquadramento Histórico

A mais central das Aldeias Históricas remete-nos para um mundo medieval guerreiro e mágico. A tradição local e diversos dicionários consideram que Sortelha significa anel. O dicionário Houaiss diz-nos: «m.q. Sortilha.» E a Sortilha atribui os seguintes significados: «1. ant. anel us. esp. em sortilégios e actos de magia (...); 2. Competição a cavalo em que o cavaleiro tem de enfiar a lança num aro suspenso.» O mesmo, e quase com as mesmas palavras, nos diz o Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa, de António de Morais Silva: «Anel empregado especialmente em sortilégios ou na magia. Corrida de cavalos, em que o cavaleiro deve enfiar uma lança num anel suspenso de um arco.»

Uma das muitas particularidades de Sortelha está na sua toponímia. Não encontramos no interior das muralhas uma única praça ou rua com nome de algum ilustre da terra ou da nação. As três praças/largos chamam-se: do Corro, do Pelourinho e da Igreja. E as ruas: Direita, do Encontro, da Cerdeira, das Lajes, da Fonte, da Fontinha e da Mesquita. Nesta toponímia impera o telúrico, o religioso e o comunitário (Corro), três conceitos particularmente gratos a Torga.

Está situada a 760 metros de altitude «numa região de orografia acidentada, que marca a transição brusca da Meseta Ibérica para as planuras da Cova da Beira», (Osório, 1998: 11). Do seu castelo, com visibilidade até Belmonte, Covilhã e Monsanto, vigiava-se todo o vale do Casteleiro «via natural de passagem das terras altas do interior para as terras baixas.» (Osório, 1998: 11). A profusão de gigantescos afloramentos graníticos também terá contribuído grandemente para a importância militar de Sortelha.

A existência de cobre e estanho deram-lhe grande importância na antiguidade, e a existência de urânio e volfrâmio fizeram da freguesia de Sortelha um espaço economicamente dinâmico durante as duas guerras mundiais.

D. Sancho II atribui foral a Sortelha. Posteriormente o castelo, que provavelmente foi mandado construir por D. Sancho I, sofre alterações no tempo de D. Dinis, D. Fernando, D. João I e D. Manuel.

O Tratado de Alcanices (1297) tirou-lhe protagonismo militar (ficou a mais de 50 Km da fronteira), mas não afectou a sua importância administrativa, pois manteve-se sede de concelho até 1855.

Sabe-se que entre 1297 e 1300 D. Dinis passou cerca de 140 dias no Sabugal (20 em 1297, 75 em 1298 e 45 em 1300). (Ver Carlos Alberto Morgado Gomes *Forais do Sabugal*, p. 6).

Sortelha teve três condes, da família Silveira, que viveram nos reinados de D. João III, D. Sebastião e D. Filipe I. O 1º Conde, D. Luís da Silveira, foi embaixador junto do imperador Carlos V e poeta (encontramos poesias suas no Cancioneiro Geral).

Se tivéssemos que escolher palavras-chave para caracterizar a História recente do concelho do Sabugal escolheríamos cinco: raia, emigração, contrabando, retornados e (torres) eólicas.

Os contactos com Espanha são uma realidade quase diária. Até ao pós 25 de Abril, através do contrabando (tão bem caracterizado por Nuno de Montemor em *Maria Mim*) e através das boas estradas e supressão de controlo alfandegário (1992). Há quem resida num país e trabalhe no outro, e vá diariamente almoçar a casa.

A emigração transformou radicalmente o concelho nos últimos cinquenta anos, principalmente nas décadas de sessenta e setenta. Se por um lado contribuiu para uma enorme melhoria das condições de vida dos sabugalenses, por outro provocou uma desertificação preocupante. Em 1960 o concelho tinha 38.062 habitantes; em 1981 a sua população era de 18.927 habitantes (em vinte e um anos houve uma perda demográfica superior a 50%).

Actualmente o concelho tem cerca de 13.000 pessoas.

Muitos sabugalenses viviam em Angola antes de 1974. Essa realidade será brevemente apresentada no filme *Nascidos em Angola*, que o realizador Rui Goulart está a rodar.

O concelho do Sabugal apresenta um único sinal com um dinamismo muito superior ao da média nacional: a produção de energia eólica está a tomar uma dimensão considerável neste concelho, sendo responsável por mais de 10% da produção nacional.

10.3.1. CINCO (MAIS UM) ENCONTROS

Introdução:

Os cinco Encontros, que decorreram entre Janeiro de 2008 e Outubro de 2012, tiveram como principal objectivo divulgar a obra de Miguel Torga, num profundo entrosamento com os Patrimónios Construído, Histórico e Natural de, essencialmente, Sortelha, mas também de outras regiões do concelho do Sabugal e dos Patrimónios Construído e Histórico de Belmonte (concelho contíguo ao do Sabugal).

Procurou-se:

- Envolver o maior número possível de forças vivas do concelho do Sabugal:
- . autarcas da Câmara e das Freguesias;
- . comunicação social (Jornal Cinco Quinas);
- . professores das três Escolas do Concelho;
- . grupos culturais (o grupo de teatro «Os Guardiões da Lua» e o Rancho Folclórico);
- . comerciantes (uma proprietária de um restaurante; uma fabricante e vendedora de artesanato; proprietários de duas casas de velharias e de artesanato; quatro Jovens com formação universitária, aqui residentes ou que aqui passam os fins-de-semana). A proprietária do restaurante, com cerca de cinquenta anos, e um dos comerciantes, com cerca de sessenta e cinco anos responderam positivamente ao nosso desafio, isto é, escreverem as suas memórias sobre Sortelha.

Procurou-se ainda, e com razoável sucesso, trazer aos Encontros:

- . pessoas de Lisboa (entre 15 a 25 pessoas, sendo que mais de metade são pessoas que trabalham na área da educação e/ou da cultura);
- . um responsável pelo Projecto das Aldeias Históricas (Isabel Boura – coordenadora do Projecto - esteve presente em quatro Encontros);
- . um representante do Centro de Estudos Ibéricos (Rui Jacinto – representante da Universidade de Coimbra na direcção do Centro - também esteve em quatro Encontros).

Publicámos no jornal Cinco Quinas duas cartas e fomos pelo mesmo jornal entrevistados três vezes. Nestas cartas e entrevistas colocámos, essencialmente, as seguintes questões (às quais tentámos responder durante os vários encontros):

1ª. No poema *Os Biombos de Nambam*, Sophia de Mello Breyner diz-nos: «Porque o mundo encontrado/ É muito mais belo/ Do que o imaginado.»

Será sempre assim? Se não é, qual a razão?

2ª. O poeta Carlos Queiroz definiu o Turismo como sendo «a arte de animar em nós próprios o orgulho de sermos nacionais. E só depois poderá ser – simultânea ou imediatamente – a arte de atrair estrangeiros.»

Como poderemos potenciar esta definição?

3ª. Como deveremos (e poderemos) divulgar em Portugal e no estrangeiro o nosso património literário?

4ª. Mário de Sá-Carneiro, no poema *Quasi* diz: «Quasi o amor, quasi o triunfo e a chama,/ Quasi o princípio e o fim – quasi a expansão.../ (...) Ai a dor de ser-quasi, dor sem fim...» e Torga, inspirado neste poema, exclama indignado: «É sempre por um triz que o génio falha nesta terra. Mas falha sempre.» (Torga, 1999: 853)

Estaremos, realmente, condenados a ser eternamente uns *Quasi*?

Qual o contributo que Sortelha (e o concelho do Sabugal) pode/podem dar para que Portugal vá além do *Quasi*?

5ª. Poderemos encontrar em Sortelha espaços ideais para lermos *Os Lusíadas*, *Mensagem* e *Poemas Ibéricos*?

6ª. Poderemos provar a curto prazo, em relação ao concelho do Sabugal, que Torga estava certo quando incansavelmente afirmava que «o universal é o local sem paredes.»?

7ª. Seremos capazes de em 2015 (cinquentenário do lançamento de *Poemas Ibéricos*, inaugurar duas esculturas de artistas internacionalmente consagrados (um português, o outro espanhol), na Serra das Mesas (serra fronteiriça, com enormes barrocos e mais de

1200 metros de altitude), que reflectam a mensagem do poema *Ibéria?*: «Terra nua e tamanha/ Que nela coube o Velho-Mundo e o Novo.../ Que nela cabem Portugal e Espanha/ E a loucura com asas do seu Povo.»

1º. Encontro:

12 e 13 de Janeiro de 2008

Reunimos cerca de 50 pessoas.

Dia 12: No salão da Junta de Freguesia (antiga Escola) abordámos o tema *Turismo Cultural* (essencialmente numa vertente de Turismo Literário) e *as Potencialidades de Sortelha*. Isabel Boura falou do projecto das Aldeias Históricas e lançou um desafio que nos parece particularmente pertinente: Sortelha deveria ser apresentada como um lugar de eleição para a reflexão e criação artística.

Estudantes da Escola Secundária do Sabugal leram poemas de Torga e algumas entradas do *Diário*.

No exterior do edifício, o vereador da Cultura da Câmara do Sabugal e o Presidente da Junta de Freguesia de Sortelha descerraram uma placa com a entrada do *Diário* sobre Sortelha (21-8-1977).

Seguiu-se um passeio pela Aldeia e um lanche à base de queijo, pão, vinho e enchidos da região.

Dia 13: 10h – Visita ao Museu Arqueológico do Sabugal, com orientação da conservadora do Museu.

2º. Encontro:

6 e 7 de Dezembro de 2008

O tema central do Encontro foi *O Natal em Sortelha com Miguel Torga*.

Reunimos cerca de 40 pessoas. (A diminuição de presenças, em relação ao 1º Encontro, deve-se ao facto de terem ido menos pessoas de Lisboa. Sortelha fica a 300 Km da capital, o que implica uma despesa considerável pois, para além do transporte, é necessário contar com, pelo menos, uma noite numa unidade hoteleira).

Dia 6: 15.30H - Leitura de poemas de Torga, Pessoa, Carlos Queiroz e Artur Lambert da Fonseca nos Largos do Pelourinho e da Igreja. Os temas (Guerra e Descobrimentos) foram sugeridos pela presença do castelo e de diversas esferas armilares.

16.30H – Lanche.

18H – Reunião à volta de uma fogueira, no Parque Infantil, com leitura e comentários de poemas de Torga dedicados ao Natal. A leitura ficou a cargo de voluntários e os comentários foram feitos por nós e por Bernardino Henriques (natural do concelho do Sabugal), autor do livro *Miguel Torga (Quase) na Primeira Pessoa*.

19H – Visita a uma casa particular.

21H – No auditório de Quarta-Feira (aldeia anexa de Sortelha) assistimos à representação da peça de Torga *Terra Firme*, representada pelo grupo «Os Guardiões da Lua» e à actuação do violinista Norberto (professor de música no Conservatório de Belmonte), que interpretou a Estação *Inverno* de Vivaldi.

Dia 7: 10H – Visita a Belmonte (terra natal de Pedro Álvares Cabral): Panteão dos Cabrais; Núcleo Museológico sobre as Peregrinações a Santiago de Compostela; Museu Judaico.

Da parte da tarde passeio a pé pelo Centro Histórico, com leitura de textos torguianos relacionados com o Brasil e visita aos Museus do Vale do Zêzere e do Azeite. Num local, com vista sobre o Vale do Zêzere, Rui Jacinto (do Centro de Estudos Ibéricos) abordou temas sócio-económicos relacionados com a região.

Em toda a obra torguiana não há uma única menção de relevo a Belmonte, mas o berço do descobridor do Brasil dá, indirectamente, através do seu património histórico e museológico, um valioso contributo para a compreensão do pensamento de Torga sobre Portugal.

3º Encontro

1, 2 e 3 de Maio de 2009

Reunimos cerca de 40 pessoas.

O tema central do Encontro foi ***A Primavera em Sortelha com Miguel Torga***.

Dia 1, 15H – Leitura e comentários de textos de Torga sobre a Primavera. O violinista Norberto interpretou a Estação *Primavera* de Vivaldi.

17H – Convívio com o Rancho Folclórico de Sortelha.

18.30H – Plantação, no exterior das muralhas, de um carvalho e de um castanheiro, em homenagem ao telurismo torguiano em geral e, em particular, ao seu poema «Mensagem»: «Tendes (...) / carvalhos, e velhos castanheiros, / A cuja sombra um dormir celestial / Pode tornar os sonhos verdadeiros.» (Um enorme incêndio ocorrido em Agosto desse ano – 2009 - queimou as duas árvores).

Dia 2, 15H – Visita a Fóios, freguesia da raia e onde se encontra a nascente do Côa. Passeio pedestre até à nascente do Côa e pela linha da raia. Leitura e comentários de textos torguianos sobre iberismo, fronteira e contrabando. Nuno de Montemor também foi citado diversas vezes através do seu romance *Maria Mim*.

21H – Visita da aldeia de Fóios. O seu património construído é extremamente modesto, mas a visita tornou-se fascinante graças à graça e às memórias do nosso guia: o Presidente da Junta de Freguesia.

Dia 3, 10H – Gravação, em duas fragas, do início de dois poemas: um de Carlos Queiroz («É urgente descobrir»); outro de Miguel Torga («Convite»)

4º. Encontro

12 e 13 de Novembro de 2011.

Reunimos cerca de 40 pessoas.

O tema central do Encontro foi ***No Sabugal e em Sortelha com Camões e Torga***.

(Este Encontro teve o envolvimento directo não só da presidência da Junta de Freguesia de Sortelha, mas também da presidência da Câmara (Presidente e Vice-Presidente).

Entre as 15h30 e as 18h trouxemos para o auditório da Câmara Municipal do Sabugal, através da toponímia da cidade, o Camões d'*Os Lusíadas* e o Torga dos *Poemas Ibéricos*, e membros do grupo de teatro «Os Guardiões da Lua» representaram um acto da peça de Saramago *Que Farei com Este Livro?*

Dia 13, 10H: Itinerário poético de Sortelha. Tentámos provar que é possível encontrar em Sortelha espaços ideais para a leitura das mais significativas passagens d' *Os Lusíadas*. (Torga afirmou, sobre Camões, que «... era bom que todas as cidades e aldeias de Portugal lhe disputassem a origem. (...) Quem tão genialmente deu expressão à pátria, tem o berço em cada seu recanto.» (Torga, 1999: 1579)

5º. Encontro

O quinto Encontro não teve como principal objectivo divulgar a obra de Miguel Torga. Foi mais generalista. Reuniu, durante a tarde do 1º dia do ano de 2012, cinquenta e quatro funcionários reformados do Metropolitano de Lisboa, numa visita não só a Sortelha, mas também ao Sabugal. Deu-se particular destaque à História e à Etnografia, mas a Literatura (com considerável presença torguiana) esteve sempre presente. Não havia neste grupo nem professores nem pessoas profissionalmente ligadas à cultura, mas a reacção à utilização de poesia foi encorajadora.

6º Encontro

O 6º Encontro realizou-se a 6 e 7 de Outubro de 2012 e reuniu cerca de trinta e cinco pessoas.

Às 14.30 do dia 6, numa colina, com pinheiros e vista para a Serra da Estrela, junto do início da estrada de terra batida que liga Sortelha a Quarta-Feira, apresentámos o programa para essa tarde:

- Intervenção da presidente da Junta de Freguesia (licenciada em engenharia agrónoma) sobre a realidade agrícola da região;
- Apresentação, por nós, de provérbios de todo o mundo (não esqueçamos a máxima torguiana: «O universal é o local sem paredes»). Sugerimos que esses provérbios fossem lidos, meditados e discutidos na fase seguinte do programa;
- Caminhada de 45 minutos até Quarta-Feira;
- Visita de Quarta-Feira, aldeia onde a ruralidade se impõe pelos cheiros e pelo gado que, com enorme facilidade, encontramos em currais e mesmo nas ruas, por vezes conduzido por velhinhas desdentadas e completamente vestidas de negro;
- Leitura integral do conto «Tenório» (passa-se em Outubro) de *Bichos*, junto a uma capoeira onde se encontrava um tenório.
- Lanche na sede do grupo *Guardiões da Lua*.
- Visita ao atelier do pedreiro, escultor e poeta João Reis.
- Visita de uma pequena adega privativa.

No dia 7, realizámos de manhã uma visita literária e musical a Sortelha, com base no desdobrável, por nós concebido, *A POESIA E AS PEDRAS – Itinerário Literário em Sortelha*.

Na igreja Matriz um grupo de estudantes da Escola de Música do Fundão interpretou trechos de música sacra. No salão nobre da Junta de Freguesia, uma professora do conservatório da Guarda, interpretou, ao violino, a estação de *Outono* de Vivaldi.

Terminámos o Encontro no exterior da muralha, no lado com vista para a Serra da Estrela com a plantação de: «o louro da virtude,/ A oliveira da paz e o lírio agreste.../ E carvalhos, e (...) castanheiros,/ A cuja sombra um dormir celestial/ Pode tornar os sonhos verdadeiros.» (Torga, 1944: 86)

10.3.2. CONCLUINDO

Depois dos seis Encontros realizados concluímos que, para levar a bom porto o projecto para Sortelha, inspirado em Torga, é imprescindível:

- conseguirmos o envolvimento do Centro de Estudos Ibéricos (CEI). Rui Jacinto mostrou grande disponibilidade para criar um protocolo. Parece-nos que um dos primeiros desafios que podemos apresentar ao CEI consiste na realização de acções de formação para professores de História e Português dos ensinos básico e secundário que contemplem um dia no Sabugal e outro em Sortelha.

No **Sabugal**, para além da visita ao Castelo e ao Museu, podemos propor:

- . Um passeio no Centro Histórico, onde, com base na toponímia, falaríamos de D. Sancho I, D. Dinis, Rainha Santa Isabel, Santo Condestável, D. Manuel e Pedro Álvares Cabral.
- . Uma palestra sobre emigração e contrabando, e sobre um possível Museu dedicado a estes dois temas (tal como existe em Melgaço).
- . Uma palestra sobre *Viajar*.

Para **Sortelha** propomos o tema *Os Lusíadas, Mensagem e Poemas Ibéricos, dentro e fora das muralhas*.

- Conquistar para a causa mais professores das três escolas do concelho e técnicos dos serviços culturais e turísticos. A dificuldade, por motivos diversos, em nos deslocarmos com mais frequência a Sortelha não nos proporcionou mais contactos, formais e informais, com estas pessoas;
- Conseguir uma maior adesão da população e dos proprietários de casas no interior das muralhas;
- Ter os espaços públicos mais limpos;
- Retirar a incarácterística e inestética construção onde se encontra o Posto de Turismo. Um Posto de Turismo deve ter características muito próximas de um núcleo museológico; deve permitir ao turista uma primeira imersão na cultura da localidade que vai visitar e, por conseguinte, no caso de Sortelha, justificava-se plenamente a utilização de uma casa do interior das muralhas. (Tudo indica que esta proposta, pela qual tanto nos temos batido, se concretize brevemente);
- Não permitir que as casas tenham as janelas que dão para a via pública repletas de teias de aranha (isto acontece com várias casas das muitas que estão desabitadas);

- Concluir o projecto, pelo qual também muito nos temos batido, de transformar o jardim junto à antiga Escola num espaço de grande qualidade para descanso e reflexão. Se possível com um carvalho e um castanheiro. Este espaço é verdadeiramente central para Sortelha: num raio de 50 metros encontramos símbolos do poder político (edifício da Junta); do poder cultural (antiga escola); do poder judicial (pelourinho e prisão); do poder religioso (igreja); do poder militar (Castelo); do poder telúrico (fragas/barrocos); do poder da casa/lar (diversas casas); e do poder da morte (sepulturas antropomórficas). É, também, um espaço que pode ser usufruído pelas largas dezenas de pessoas que, ao Domingo, vão à missa e têm por hábito reunirem-se no exterior da igreja antes e depois da cerimónia religiosa.
- Criar condições para que seja possível o acesso à Torre de Menagem;
- Criar condições para que se possa passear, com segurança, nas muralhas;
- Nunca esquecer que (a freguesia de) Sortelha não é somente a Aldeia Histórica, mas também as suas anexas. Normalmente pensamos que conhecendo a sede de uma freguesia conhecemos a realidade dessa freguesia. Isto está longe de ser verdade, e a freguesia de Sortelha é um excelente exemplo desse erro; enquanto que na Aldeia Histórica a ruralidade já é bastante ténue, na sua anexa Quarta-Feira tudo nos assegura que ainda está vivo em Portugal um arcaico mas fascinante mundo rural.
- Proporcionar-lhe (a Sortelha) uma intensa vida cultural. Dever-se-á, a curto prazo, dar início à implementação dum Itinerário Poético (dentro e fora) das muralhas. Pensamos que, para o efeito, há que ter as seguintes preocupações:
- Escolher um número, quanto baste, de textos e colocá-los em painéis. Importa que os visitantes não se sintam submersos pelos painéis literários, sob pena de os rejeitarem em bloco.
- Nem todos os textos devem figurar em painéis. Alguns deverão ficar apenas registados numa brochura (e/ou em áudio-guia) que o visitante poderá adquirir no Posto de Turismo.
- É importante que existam painéis com características que permitam a rotatividade de textos. Um exemplo: textos sobre as estações do ano ou sobre festas cíclicas não devem estar em exposição permanente.
- Deve haver afinidade entre os textos escolhidos e a sensibilidade literária de Torga.
- Os textos devem contemplar a literatura erudita e a literatura popular.
- Sempre que possível não escolher textos eruditos demasiadamente complexos.

- É imprescindível um entrosamento dos textos com os patrimónios histórico, edificado e natural.
- Procurar utilizar alguns escritores que tenham fortes vínculos a Sortelha e/ou ao concelho do Sabugal.
- Os textos, principalmente os escolhidos para figurarem permanentemente, devem ser explicados ao maior número possível dos habitantes de Sortelha, para que estes se identifiquem com o Projecto, considerando-o uma mais valia que importa preservar.
- Ter uma constante preocupação com a procura dos locais a sugerir para a leitura dos textos. Vejamos os que de uma forma genérica propomos para *Os Lusíadas*, para a *Mensagem* e para *Os Poemas Ibéricos*:

- ***Os Lusíadas*:**

O amor punido (Inês de Castro e Adamastor): Junto ao *Beijo Eterno*.

Espanha: qualquer espaço seguro das muralhas, voltado para Este.

Descobrimentos: Largo do Pelourinho (onde há várias esferas armilares)

Ilha dos Amores: no jardim, depois de recuperado.

Guerra (Ourique, Salado e Aljubarrota): na cidadela.

Poder, religião e cultura: Jardim, por se situar ao pé da antiga Câmara, da Igreja principal e da antiga Escola.

Europa: espaços seguros das muralhas voltados para os países em questão.

Respostas às perguntas do mundo: no jardim ou no exterior das muralhas, com vista sobre a Serra

- ***Mensagem***: Duas hipóteses:

1ª. Em qualquer lugar bonito, sossegado e confortável, e na presença de uma bandeira nacional, tendo em consideração a entrada do *Diário* de Torga de 30 de Novembro de 1983:

Inauguração de um monumento a Fernando Pessoa. No fim da cerimónia, em que colaborei, ofereceram-me a bandeira nacional que a cobria. E vou guardá-la por duas razões. Por ser o símbolo da Pátria e por ter envolvido emblematicamente a glória do poeta. Glória pura que, como poucas, merecia a graça desse póstumo calor materno. Ninguém antes tinha realizado o milagre de criar de raiz um Portugal feito de versos.

2ª. Na cidadela, todos os poemas do ***Brasão***, com excepção para os poemas do *Timbre* (*O Infante D. Henrique, D. João o Segundo e Afonso de Albuquerque*, que deverão ser

lidos perto de uma das esferas armilares (pensamos que a mais adequada é a do pelourinho).

Perto de uma esfera armilar todos os poemas de *Mar Português*.

Junto à antiga **Escola** os poemas da terceira parte do livro – *O Encoberto*.

- Poemas Ibéricos:

Ibéria: junto ao solar Correia de Barros (no exterior das muralhas). A actual proprietária (viscondessa de S. Sebastião) é portuguesa pelo lado materno e espanhola pelo lado paterno, e diz, com plena convicção, algo que certamente muito agradaria a Miguel Torga (e provavelmente a Unamuno e a Cervantes): «eu sou 100% portuguesa e 100% espanhola». A ela Sortelha deve muito, pois foi por sua iniciativa que, entre outras coisas, se criou o rancho folclórico e uma oficina de restauro de tapeçarias e de fabrico de tapetes de Arraiolos, que deu até há pouco tempo trabalho a cerca de cinquenta pessoas.

História trágico-telúrica: espaços no exterior da muralha, voltados para a Cova da Beira e para a Serra da Estrela.

História trágico-marítima: nos espaços onde se encontram esferas armilares.

Os Heróis: A Este os poemas dedicados aos heróis espanhóis; a Oeste os dedicados aos heróis portugueses.

Foi na obediência a estes princípios que em 2012 concebemos o desdobrável *A Poesia e as Pedras...* (que se encontra em anexo).

10.3.3. PROVÉRBIOS QUE PROPOMOS PARA REFLEXÃO NA CAMINHADA ENTRE SORTELHA E QUARTA-FEIRA

Depois de concluídos os Encontros e depois de uma nova reavaliação dos provérbios, constatámos que é possível, através deles, fazer uma primeira conclusão desta tese, isto é, mostrar o retrato de Torga e o projecto de vida que ele propõe não só aos portugueses, mas a toda a humanidade.

Dos cerca de 7200 provérbios que consultámos, seleccionámos (já em Abril de 2015) 65, que passamos a citar, referindo em negrito o tema e fazendo muito pontualmente breves comentários (em roda-pé):

Provérbios

- Ditados velhos são evangelhos. (Texto Editora, 1999: 35)

Férias

- Um dia de lazer é um dia de imortalidade. (Sha, 2007: 60)

Passado

- Pensa naquele que plantou a árvore cujos frutos comes. (Sha, 2003d: 135)
- Uma vez construída a casa, esquece-se o carpinteiro. (Sha, 2003c: 31)
- Quem não sabe de onde veio, não sabe para onde vai. (Letria, 2001: 60)¹¹¹
- O morto é o guia do vivo. (Sha, 2003c: 57)

Sentidos

- Não terá uma vida feliz quem não garantir os prazeres do corpo. (Letria, 2001: 50)

Natureza

- Quando se procura abrigo, deve-se escolher a sombra de uma grande árvore. (Sha, 2007: 17)
- Uma árvore com raízes fortes ri-se da tempestade. (Sha, 2003d: 30)
- Nunca escolhas uma cidade para viver se não tiver jardins. (Letria, 2001: 76)

Crianças (e loucos)

- Casa sem crianças é como jardim sem flores. (Letria, 2001: 33)
- As crianças e os loucos dizem a verdade. (Texto Editora, 1999: 15)

Conhecimento de nós próprios

- Quem não se conhece poderá ser assassino de si mesmo. (Letria, 2001: 92)
- A vontade dum homem é o seu paraíso, mas pode vir a ser o seu inferno. (Sha, 2003b: 17)
- Cada um é o vizinho mais próximo de si próprio. (Sha, 2003b: 60)

Vizinhos

- Ninguém é tão rico que não precise de um bom vizinho. (Sha, 2003b: 55)
- Antes de comprares a casa, pergunta quem será teu vizinho. (Letria, 2001: 77)

Bens materiais

¹¹¹ No contexto desta tese este provérbio é o mais importante.

- Demasiado é pior que pouco. (Sha, 2007: 34)

Ingratidão

- O coração do ingrato é semelhante a um deserto que bebe a chuva do céu, absorve-a e nada produz. (Sha, 2003e: 110)

Alegria

- Toda a vida tem a sua alegria e toda a alegria a sua lei. (Sha, 2003b: 144)
- A alegria tem a natureza do prazer e a profundidade da dor. (Letria, 2001: 17)

Complexidade da vida

- O melhor espelho não reflete o outro lado das coisas. (Sha, 2007: 32)

Sabedoria

- O saber que não entra nos olhos e nos ouvidos assemelha-se a uma refeição tomada durante o sonho. (Letria, 2001: 53)
- O sábio não é estrangeiro em nenhum país. (Sha, 2003c: 117)
- Aquele que confessa a sua ignorância mostra-a uma vez; o que tenta escondê-la mostra-a várias vezes. (Sha, 2007: 47)
- Quem estuda com um só mestre desconhece a abundância. (Letria, 2001: 69)

Loucura

- Enquanto o sábio estava à procura da ponte, o louco atravessou a ribeira. (Sha, 2003e: 55)

Postura na vida

- Enquanto disputam os cães, come o lobo a ovelha. (Texto Editora, 1999: 40)
- Não há atalho para o êxito. (Texto Editora, 1999: 66)
- Se andares depressa apanhas a desgraça; se fores devagar, é a desgraça que te apanha. (Sha, 2003f: 82)
- Para julgar e condenar outrem, é preciso ser santo. (Sha, 2003f: 96)
- O caminho do dever está sempre próximo, mas o homem procura-o longe. (Letria, 2001: 41)

Sufrimento

- É uma lei: sofrer para compreender.¹¹² (Sha, 2003a: 46)
- As grandes dores são sempre mudas. (Letria, 2001: 27)
- Deus mora na igreja, não sai de casa e, ainda por cima, tranca-se dentro do sacrário. (Vaz, 2004: 40)

Solidão

- Estudar na solidão das montanhas vale menos que ficar nas encruzilhadas dos caminhos e ouvir as palavras dos homens. (Letria, 2001: 54)
- Mesmo no paraíso, seria insuportável viver só. (Sha, 2003f: 120)
- Uma só cabeça nunca se põe de acordo. (Letria, 2001: 94)

Pobreza

- Quando a miséria entra pela porta, a virtude sai pela janela.¹¹³ (Texto Editora, 1999: 91)

Palavra

- Quem domina a sua língua salva a sua cabeça. (Sha, 2003a: 136)
- As palavras são como a teia de aranha: para o homem habilidoso, são um abrigo; para o desajeitado, são uma armadilha. (Sha, 2003d: 69)
- O bico da pena penteia a cabeleira da linguagem. (Sha, 2003e: 110)

Acção

- No hotel da decisão as pessoas dormem bem (Sha, 2003e: 28)
- Pode ficar-se imóvel nas ondas do mar, mas não nas ondas do mundo. (Sha, 2007: 43)

Beleza

- Contemplar a beleza é rezar. (Letria, 2001: 15)
- Não se vive da beleza, mas pode morrer-se por ela. (Sha, 2003b: 63)

Posição perante o poder

- Aquele que carrega o ídolo não o adora. (Sha, 2003c: 34)
- Neste mundo é impossível alguém manter-se de pé sem nunca se curvar.¹¹⁴ (Sha, 2007: 14)

¹¹² Torga concordava com este provérbio, mas não hesitaria em dizer igualmente: gozar para compreender.

¹¹³ Os pais de Torga foram uma excepção. Daí resulta, em boa parte, a grandeza moral que viria a ter Adolfo Rocha.

Pátria

- Um homem sem pátria é um rouxinol que não canta. (Sha, 2003f: 11)
- Viaja por países longínquos, mas volta sempre a casa. (Sha, 2003f: 125)

Casa/Família

- No seu ninho, a gralha arranca os olhos ao abutre. (Sha, 2003f: 97)
- Quando o dono parte, as paredes da isbá choram. (Sha, 2003f: 97)
- Se o marido bebe, metade da casa arde; se a mulher bebe, toda a casa fica em chamas. (Sha, 2003f: 93)
- A tua posteridade só te pertence quando o teu neto brinca em frente da tua porta. (Sha, 2003c: 104)
- Quem não está em paz na sua casa pode dizer que se encontra no inferno do mundo. (Sha, 2003g: 87)

E terminamos com provérbios relacionados com os três temas que «o sinaleiro da esperança» considerava constituir uma «tríade bendita»: Liberdade, Verdade e Amor.

Liberdade

- A corda para amarrar os pensamentos ainda não foi urdida.¹¹⁵ (Sha, 2003b: 116)
- A liberdade não é um direito, mas uma obrigação. (Sha, 2003f: 13)

Verdade

- A mentira dá flores, mas não frutos. (Sha, 2003e: 64)
- Dai um cavalo a quem diz a verdade para que possa fugir logo que a diga. (Letria, 2001: 20)
- Certas mentiras são preferíveis à verdade. (Sha, 2003g: 23)

¹¹⁴ Na infância e na adolescência, Torga, por razões bem conhecidas, curvou-se algumas vezes. Mas parece-nos que na maioridade tal não terá acontecido, pois teve sempre sabedoria, energia e coragem para ser um «Orfeu Rebelde».

¹¹⁵ Não é verdade. As ideologias utilizadas pelo poder, foram e são cordas que amarram o pensamento. Hoje em dia, nos países económica e tecnologicamente mais evoluídos, essas cordas são extremamente sofisticadas e praticamente invisíveis. Cabe, essencialmente, aos Orfeus Rebeldes encontrá-las e desfazê-las, e criar outras que ajudem a humanidade a ir, sem amarras, mais longe.

Amor¹¹⁶

- Amor e morte, nada é mais forte. (Texto Editora, 1999: 9)
- Quem dá passagem alarga o caminho. (Letria, 2001: 45)
- Dois enamorados podem equilibrar-se sobre o fio de um machado. (Sha, 2003f: 155)
- O espírito nunca chega tão longe quanto o coração. (Letria, 2001: 49)

¹¹⁶ O que escreveria no seu *Diário* o autor de *Libertação* e *Cântico do Homem*, se estivesse entre nós, sobre os naufrágios de refugiados no Mediterrâneo? Certamente algo onde caberia o provérbio «O náufrago agarra-se às cordas do vento». (Sha 2003e: 108)

11 - LITORAL E A FRONTEIRA (TERRESTRE) OU OUTRAS LINHAS DO ROSTO DE PORTUGAL E DE TORGA

Cascais, 25 de Junho de 1986 – Primeiro, sem pressa, pela marginal, a rever-me no impressionante número de fortes com que os antepassados nos souberam defender a independência. Depois, almoço melancólico a espreitar os olhos envergonhados no mar traído onde ela se justificou.
(Torga, 1999: 1560)

Fronteira

*De um lado terra, doutro lado terra;
De um lado gente, doutro lado gente;
Lados e filhos desta mesma serra,
O mesmo céu os olha e os consente.
(...)
Mas uma força que não tem razão,
Que não tem olhos, que não tem sentido,
Passa e reparte o coração
Do mais pequeno tojo adormecido.*
(Torga, 1978: 58-9)¹¹⁷

11.1. INTRODUÇÃO

Os textos literários, assim como todas as manifestações artísticas de grande qualidade, podem, hoje (ou a curto/médio prazo), exercer a função defensiva que outrora os fortes tiveram no litoral e na fronteira terrestre. Tal facto revela um extraordinário salto qualitativo na história das mentalidades e da educação. As nossas manifestações artísticas podem ser um valioso contributo para a auto-estima nacional, não só pela qualidade, mas por motivarem um sentimento de pertença a uma velha nação. E mais uma vez a obra torguiana tem condições para dar um espantoso contributo. Na praia da Boa Nova (concelho de Matosinhos), Torga escreveu: «Os poetas são como os faróis: dão chicotadas de luz à escuridão.» (Torga, 1999: 1087). Mas como a escuridão volta depois da chicotada há que utilizar muitos faróis, deixando, contudo, algum tempo para a escuridão, pois ela também pode iluminar.¹¹⁸

¹¹⁷ Este poema foi seleccionado pelo autor para integrar o disco *Oitenta Poemas*.

¹¹⁸ Nas visitas de estudo, com alunos do Instituto Superior de Novas Profissões, utilizávamos, para além de Torga, obras de: Afonso Lopes Vieira (*Onde a Terra se Acaba e o Mar Começa*) Alves Redol (*Uma Fenda na Muralha*); António Lobo Antunes (*As Naus*); António Nobre («Lusitânia no Bairro Latino»); Bernardo de Santareno (*Nos Mares do Fim do Mundo*); Branquinho da Fonseca (*Mar Santo*); Camões

Em *Sinfonia*, o «Poeta» diz ao «Preso»: «sei que a minha voz pode mais do que os tiros. As balas resolvem os problemas do momento. Mas os versos resolvem os de sempre...» (Torga, 1947: 27)

Os locais do litoral e da fronteira terrestre que vamos evocar estão entre os mais importantes espaços onde Torga se procura e, não raras vezes, se vai encontrando.

O livro *Portugal* dá uma excelente ideia do pensamento torguiano sobre o Portugal telúrico, mas é bastante incompleto em relação ao Portugal marítimo. Sem dúvida que os capítulos «Berlengas» e «Sagres» são assombrosos, mas o capítulo «O Litoral» é muito curto e comete o grave erro de considerar todo o litoral igual. O próprio Torga não pensava assim, como sobejamente provou com diversas notas do *Diário*, muito em particular com a de 25-7-1972, em que nos diz, no poema «Registo», escrito na Praia do Carvoeiro:

Mar feliz do Algarve!
(...)
Que vento inquietador e pertinaz
Se arrependeu
E te deixou em paz?
(...) (Torga, 1999: 1221)

Seremos, portanto, obrigados a utilizar outros livros do nosso guia Miguel Torga, com destaque particularmente relevante para *Diário*.

11.2. O LITORAL

Mar, terra e pescadores. Três forças de uma trindade, quase tão poderosa como a da doutrina. (Torga, 1999: 245)

11.2.1. NAZARÉ

Apesar de Torga se ter apaixonado pelo mar em Leça (ver Torga, 1999: 1566), quando aos onze anos foi trabalhar para o Porto, o profundo e continuado contacto com o Atlântico dá-se a partir das suas primeiras idas à Nazaré.

(Os *Lusíadas*); Carlos Queiroz (*Desaparecido*; *Breve Tratado de Não-Versificação*; *Epístola aos Vindouros e Outros Poemas*); Cesário Verde («O Sentimento dum Ocidental»); Jaime Cortesão (*A Terra e o Homem*); José Régio (*Fado*; *A Velha Casa – III*); Manuel Alegre (*Atlântico*); Pessoa (*Mensagem e Ode Marítima*); Raul Brandão (*Os Pescadores*); Sebastião da Gama (*Serra-Mãe*; *Itinerário Paralelo*; *Pelo Sonho é que Vamos*); Sophia de Mello Breyner (*Mar*; *Navegações*; *Ilhas*); Manuel Teixeira Gomes (*Agosto Azul*). Utilizávamos, igualmente, a antologia organizada por José Fanha e José Letria *Cem Poemas sobre Portugal e o Mar*.

A Nazaré foi para Torga um lugar chave da sua obra, entre finais dos anos trinta e o ano em que refundiu *Mar*: 1958.

O autor de *Mar* começa a deslocar-se à Nazaré porque gostava de banhos de sol e de mar e por uma questão pragmática: a proximidade entre Nazaré e Leiria, cidade onde residiu de 1939 a 1941. Em 1941 publica *Terra Firme. Mar*, mas dois anos depois reconhece que o que escreveu estava muito aquém do que existia para ser dito sobre a Nazaré: «foge-me a inspiração [e] a pena emperra na folha branca.» (Torga, 1999: 245).

Acabaria, contudo, por conseguir impedir que a inspiração fugisse e que a pena emperrasse, e apresenta-nos em 1958, com brilho e fôlego, a trindade Mar-Terra-Pescadores¹¹⁹. Este amadurecimento torguiano deve-se muito ao seu trabalho, ao longo das décadas de quarenta e cinquenta, de observação e descrição não só das três componentes da trindade, mas também das figuras da Montanha, que têm afinidades com as figuras do litoral.

Entre 1941 e 1958 Torga frequenta e/ou visita localidades marítimas que muito contribuíram para o aprofundamento da sua ligação ao mar e às gentes marítimas e cujas descrições nos ajudam a compreendê-lo melhor. É o caso de: Póvoa do Varzim, Lavadores (concelho de Gaia), Miramar, Espinho, Mira (e Palheiros de Mira), Buarcos (concelho de Figueira da Foz), Praia da Vieira (concelho de Marinha Grande), Berlengas, Lisboa, Arrábida e Sagres. Entretanto volta, pelo menos, sete vezes à Nazaré, onde escreve treze notas no *Diário* (ver listagem alfabética, em anexo, das notas do *Diário*).

Importa analisarmos, em primeiro lugar, as passagens de Torga por Mira (e Palheiros de Mira). O que lá escreve na década de quarenta é da maior importância: «Também me servia passar a vida entre pescadores, e ser no meio deles o Luís Milheirão (...) Que tipo curioso e rico este homem, cozinheiro, caçador, pescador, e sobretudo, poeta! Nada na natureza o desinteressa, nenhum fenómeno o encontra desprevenido.» (Torga, 1999: 427)

Torga diz-nos que Luís Milheirão foi guia de Afonso Costa e de Raul Brandão, e que sem saber nada deles foi capaz de os entender «de homem para homem». Nesta mesma nota o diarista acrescenta: «Pobres de nós, que só com perspectiva histórica somos

119 É pena que na edição de 1958 Torga não tenha introduzido uma realidade que passa a ser importante na Nazaré no período posterior à 2ª Guerra Mundial: o turismo, que tanto viria a influenciar a mentalidade nazarena, como tão bem nos provou Alves Redol em *Uma Fenda na Muralha*.

capazes de valorizar alguém!» (Torga, 1999: 430). Pensamos ser correcto afirmar que Luís Milheirão está à altura dos grandes homens da Montanha.

São estes pescadores, liderados pelo guia de Afonso Costa, de Raul Brandão e de Torga, que levam o autor de *Poemas Ibéricos* e lúcido admirador do autor de *Mensagem* a dizer:

À proa, a vê-los remar compassadamente ou a perscrutar os horizontes, sinto-me feliz, solidário com eles na mesma aventura (...). Fernando Pessoa, depois das descobertas, ficou desempregado. Eu não. Eu corro dos camponeses de Trás-os-Montes aos marítimos do litoral, a colaborar nas suas fainas e a esperar. Tenho a certeza de que a história de Portugal continua. (Torga, 1999: 428)

É também em Mira (e Palheiros de Mira) que Torga aprofunda a sua relação directa com o areal e o mar. Considera o areal um local ideal para se sentir «bêbado de sol, de sal e de som» (Torga, 1999: 483) e chega ao paroxismo de afirmar: «cada vez que vou ao mar, é como se entrasse no meu cemitério ideal. Que grande túmulo para um poeta!» (Torga, 1999: 477)

A identificação com os pescadores; a compreensão de que a história de Portugal não terminou com a época dos Descobrimentos, continuando o mar a ter um papel fundamental para a nossa realização; o seu fascínio pelo «embalador (...) ritmo contínuo das ondas» e a luta entre «a inércia e o movimento» (Torga, 1999: 846) que a praia lhe provoca, permitem-nos afirmar que o autor de *Terra Firme* e de *Mar*, selou em Mira a sua eterna aliança com os homens do remo¹²⁰.

Depois duma visita à Arrábida o diarista escreve uma lapidar nota com menos de duas linhas: «Quando a serra e o mar se juntam, não há nada a fazer nem a dizer. Com fragas e ondas, a vida fica tão perfeita, que seria uma estupidez intervir.» (Torga, 1999: 467)

Em Buarcos diz-nos que acompanha os pescadores na ida ao mar para «pescar imagens» para a sua poesia, e acrescenta: «Há uma coisa que nenhuma ideologia pode tirar aos artistas verdadeiros: é a sua consciência de que são tão fundamentais à vida como o pão.» (Torga, 1999: 263). E, nesta nota, chama ao Atlântico «mar da criação».

¹²⁰ Em S. Martinho de Anta já tinha selado aliança eterna com os homens do arado.

Uma ida à lota da Póvoa do Varzim em 1950 leva-o à conclusão que as mulheres marítimas têm um heroísmo que não é inferior ao dos pescadores:

Ver estas mulheres de pescadores a vender peixe dá vontade de rifar as nossas. Isto sim, é que são companheiras! Evas que amam de verdade, e que prolongam o trabalho dos seus homens num esforço igual ao deles. Nenhum sua mais a apanhar um sável do que elas a negociá-lo. Se no barco rema uma mancha de galerianos, no palanque da lota agita-se um friso de possessas. (Torga, 1999: 512)

No ano em que Torga refunde *Mar*, escreve no *Diário*: «Transita-se bem da montanha para o mar. Não há quebras na respiração. Enche-se a alma da mesma amplitude e da mesma pureza. Todas as coisas grandes são, na verdade, irmãs.» (Torga, 1999: 891)¹²¹.

O mesmo sente em relação às suas pessoas. De facto, uma leitura atenta de *Mar* e de *Contos da Montanha* e *Novos Contos da Montanha* mostra-nos semelhanças flagrantes entre Domingos (*Mar*) e o Artilheiro (do conto O «Artilheiro»), o Rebel (do conto «Um Filho») e o Raul (do Conto «O Sésamo»); e entre Mariana (*Mar*), provavelmente a mais completa heroína da ficção torguiana, e Maria Lionça, do conto com o mesmo nome e a Felisberta, do conto «Renovo».

E o mesmo podemos dizer em relação à poesia do Orfeu Rebelde. Constatamos esta realidade não só na poesia do *Diário*, mas também na dos livros exclusivamente de poesia. São muitos os casos em que no mesmo poema (e repare-se que não é necessário dizer – no mesmo livro) encontramos a terra e o mar. Passamos a referir o nome dos poemas que nos parecem mais paradigmáticos:

Em *Diário*: «Visita» (p. 109); «Canção» (p. 270); «Faina» (p. 309); «Suicídio» (p. 464); «Portugal» (p. 1048); «Lamento» (p. 1311) «Algarve» (p. 1464); «Requiem por mim» (p. 1786)¹²².

Em *Nihil Sibi*: «O Poema» (p. 16); «Universalidade» (p. 25).

121 Torga escreve esta nota em Miramar a 1-9-1958 e a «montanha» concreta que estava no seu espírito era, muito provavelmente, o Gerês, pois a nota anterior a esta é escrita precisamente nesta serra a 27-8-1958.

122 Para melhor compreendermos a ligação deste poema à terra e ao mar é conveniente ler no *Diário* a nota de 2-3-1992 (p. 111) e a de 8-5-1949 (p. 477)

Em *Cântico do Homem*: «Perseverança» (p. 18); «Fraternidade» (p. 22); «Quando chegar a hora» (p. 65), (o mais significativo dos poemas torguianos com a característica que estamos a considerar); «Último reduto» (p. 74).

Em *Orfeu Rebelde*: «Exame» (p. 34); «Sondagem» (p. 60).

Em *Penas do Purgatório*: «Posição» (p. 36).

Em *Poemas Ibéricos*: «Ibéria» (p. 7); «A Raça» (p. 12); «Fernão de Magalhães» (p. 45).

Pensamos que estas referências que temos vindo a fazer à obra de Torga sobre o mar, entre 1943 e 1958, nos ajudam a compreender a edição refundida de *Mar*.

Nesta edição deparamo-nos, em primeiro lugar, com um aumento substancial de páginas. De cinquenta e oito páginas, na primeira edição, *Mar* passa para cento e vinte e uma.

Surgem duas novas figuras: Capitolina e o «Mudo».

Capitolina é uma mulher dos anos cinquenta do século passado, profundamente católica, mas que se permite encarar o amor com enorme naturalidade e abrangência. Veja-se como, sem deixar de respeitar o marido, se refere à grande paixão da sua vida (ver páginas 26 e 107).¹²³

Nas afirmações de Capitolina as duas presenças mais importantes são Deus e o mar. O mar, nas palavras da nazarena, tem um significado sagrado: «sagrado mar» (p. 26); «santas águas» (p. 78); «pia benta» (p. 79); «águas benditas!» (p. 109).

O «Mudo» surge apenas numa página, mas é fundamental para Torga reforçar a força que atribui à palavra. Num dos momentos mais dramáticos da peça – quando na taberna «Flor dos Pescadores» se tem conhecimento do suicídio da Rosa - a Cacilda diz: «E agora é que estou a ver porque é que o Mudo ia a chorar... Cuidei que vós o tínheis arreliado, e afinal era já por causa da rapariga. Morria por ela!» E, de imediato, o «1º Pescador» comenta: «Pois morria, morria! Mas não tinha paleio... E as mulheres são como lebres na cama: quem quiser agarrá-las, é pôr-se-lhes a dizer baboseiras.» (Torga, 1983a: 45).

¹²³ Muito depois de 1958, mais precisamente no Natal de 1987, Torga viria a escrever: «O Natal é telúrico. Mas vim ver o mar. Na terra nascem messias, profetas, tiranos, energúmenos. Nele, nasce Vénus, a deusa do amor. (Torga, 1999: 1611)

As amizades, como veremos em breve, quando falarmos dos heróis, são mais fortes.

Mar

O mar está omnipresente e é onnipotente em praticamente todos os textos torguianos sobre a Nazaré.

Na linguagem das suas personagens o mar é referência para os mais sérios assuntos da vida, tais como: educação, amor e Deus. Vejamos alguns exemplos:

- «E tu, Mariana, não aperreies a mocidade. Deixa a maré subir de seu vagar!» (Torga, 1983a: 23)
- «Escolheste bem, rico amor. Aquilo é peixe sem espinhas! (...). Limpo de alma como aquele sagrado mar que o viu nascer...» (Torga, 1983a: 25-6)
- «A bondade de Deus é maior do que o mar!...» (Torga, 1983a:109)

Compreende-se esta omnipresença do mar na linguagem nazarena porque ele é onnipotente:

- «... o mar é em última análise o coração do mundo. (...) pulsa, (...) geme, só por ser como o nosso: fonte e consciência biológica de tudo.» (Torga, 1999: 118)
- «Olhai que aquelas santas águas são a vossa Cruz e a vossa Redenção!» (Torga, 1983a: 78)

Esta afirmação de Capitolina é, por ventura, a que melhor explica a visão que Torga tem do mar. O mar é, de facto, para o autor de *Cântico do Homem*, Cruz e Redenção.

Cruz:

- «berço traiçoeiro» (Torga, 1999: 428)
- «deserto de água» (Torga, 1983a: 107)
- «Mar!/ Enganosa sereia rouca e triste!» (Torga, 1995a: 30)

Redenção:

- «Vem até mim, onda que trazes vida!/ Soro da redenção!» (Torga, 1999: 362);

- «Sono embalado pelo mar materno./ E sonho que renasço/ Do seu ventre salgado/ Apolíneo, inspirado,/ A cantar ao compasso/ Dos versos que me canta.» (Torga, 1999: 1368)

- «Mar!/ (...)/ Ah, quem pudesse ouvi-lo sem mais versos!/ Assim puro,/ Assim azul,/ Assim salgado...» (Torga, 1999: 1141)

E, entrosando o mar-«Cruz» com o mar-«Redenção», temos o poema «Abyssus Abyssum», que é um retrato do Orfeu Rebelde e do seu Portugal:

Abyssus Abyssum

Gosto do mar desesperado,
A bramir e a lutar;
E gosto de um barco ainda mais ousado
Sobre esta rebeldia a navegar. (Torga, 1999: 332)

Compreende-se, também, que o mar se tenha tornado para Torga um absoluto e que afirme, pela boca de Domingos: «Lá em baixo o mar era um vidro a espelhar o Altíssimo...» (Torga, 1983a: 66).¹²⁴

Terra

Quanto à terra, Torga privilegia dois espaços: o Sítio e as dunas com pinheiros. Mas em cada um deles está obviamente presente o mar.

O Sítio:

- «Fazia-lhe [a Rita] uma casa no Sítio, que nem o palácio do rei!» (Torga, 1983a: 83), garante Domingos ao pai de Rita, caso o «ti Manuel» lhe desse a filha em casamento.

Em nota do *Diário* da «Páscoa de 1943» Torga já se tinha apercebido da espantosa força e expressão do Sítio: «o Sítio e os seus ossos atormentam a imaginação, querem rasgar

¹²⁴ Encontramos aqui uma flagrante afinidade entre esta afirmação e o último verso de «Mar Português», de Fernando Pessoa: «Mas nele é que espelhou o céu.» Diríamos, mesmo, que a afinidade entre o poema pessoano em causa e o conceito torguiano de mar como sinónimo de «Cruz» e «Redenção» vai mais longe. O penúltimo verso de «Mar Português» fala-nos da «Cruz»: «Deus ao mar o perigo e o abismo deu».

no entendimento representações precisas de um grande drama, a quilha duma guinada maior pede a Vitória de Samotrácia a voar dali» (Torga, 1999: 245)

A importância das dunas na obra torguiana aparece na diarística, na poesia e no teatro. Veremos em breve a importância que as dunas têm no momento mais alto, em nossa opinião, de *Mar*. Neste momento repare-se no que sobre elas nos diz no poema «Quando chegar a hora»:

Quando chegar a hora decisiva,
Procurem-me nas dunas, dividido
Entre o mar e a terra.
Marujo e cavador, tanto me quer a espuma
Como a folhagem. (Torga, 1974b: 65)

Pescadores

Na abordagem deste tema temos, por imperativo lógico, que incluir as mulheres dos pescadores. A frequência, as funções e a força com que aparecem nos textos sobre a Nazaré dão-lhes pleno direito para integrarem a trindade que Torga encontra nas povoações marítimas.

Um dos momentos mais altos da sintonia de Torga com as gentes marítimas, não se dá em nenhuma praia, mas no consultório, em Coimbra, e não é com nenhum elemento masculino da comunidade piscatória, mas com uma jovem. Trata-se de uma filha, neta e bisneta de pescadores – cuja mãe («camponesa») resolve «retirar os filhos da servidão oceânica». Os irmãos aceitaram bem o exílio «em terra firme», mas a jovem «vivía roída de saudades da lota e da canastra». Torga, fascinado pelo empolgação com que a sua paciente falava (parecendo «um arrais à proa do barco»), juntou à receita um volume de *Mar*. (Torga, 1999: 1127-8)

O autor de *Mar* tinha plena consciência que o poder das mulheres nazarenas, tal como das poveiras, ia muito para além do trabalho que desenvolviam. É um poder tutelar, que pode chegar ao poder mágico, e que se exerce a partir de fortes convicções, postura física e domínio da palavra. Vejamos como actua e o que consegue a «pitonisa» Gertrudes Morraça quando os barcos regressam à praia debaixo de um temporal:

Com os pés inchados e descalços na areia molhada, vai conjurando o mal para cada embarcação. As companheiras, atrás, olham-na com respeito. E ela alarga os braços, e como se remasse com as mãos, olhos fitos na barco que avança, vai-o encomendando

Ao Santíssimo Sacramento,
E à flor donde nasceu,
E à hóstia consagrada
E à cruz onde morreu.

A artilharia toda. E um a um vai-os safando. (Torga, 1999: 478)¹²⁵

Esta última oração é utilizada em *Mar* na boca da «Mãe do rapaz» (ver p. 125)

O poder quase absoluto da palavra, encontra-o Torga, facilmente na Nazaré, e, essencialmente, como já dissemos, na posse das mulheres e/ou consciencializado por elas. É precisamente a figura mais destacada de *Mar* – Mariana – quem melhor se apercebe desse dom humano:

Rita

Eu podia lá gostar dum homem assim? Do rei das petas!

Mariana

Gostas, e sabes porquê? Por isso mesmo. Porque conta... Como foi, como não foi... Se tiveram perigo, se não... Conta! É melhor como os outros (...) que parecem pedras! A mastigar o cigarro, a mastigar as palavras, e ninguém percebe patavina... (p. 21)

Mariana

Há lá nada que pague uma pessoa ser capaz de tirar ideias da cabeça e saber dizer as coisas! (p. 32)

As mulheres das povoações piscatórias são, como vimos, pessoas profundamente ligadas/enraizadas ao mar, mas o lugar onde estão é em terra. Para os homens o mar é o único lugar que lhes interessa e que entendem. Vejamos os passos mais significativos da escrita torguiana sobre este tema:

125 Gertrudes Morraça desempenhava na Nazaré o papel que cabia a Maria da Purificação em S. Martinho de Anta (ver Torga, 1999: 1331).

- «Habitante do largo, a terra é no seu entendimento uma simples taberna de olvido.»
(Torga, 1999: 246);

- «Mas jogar com gigantes é um vício sem cura. E, à primeira aberta, lá vai o cordeiro manhoso ao encontro do lobo inocente. (Torga, 1999: 246)

Voltando a *Mar*:

Os Heróis

São três os heróis de *Mar*:

- «o rapaz» (Silvino);
- o Domingos, jovem pescador, mas que já vai à pesca do bacalhau na Gronelândia;
- a Mariana, dona da taberna «Flor dos Pescadores».

São precisamente estes três heróis que protagonizam o momento mais belo, sério e revelador do pensamento torguiano nos seus escritos em/ou sobre a Nazaré. Na taberna «Flor dos Pescadores» o «rapaz» e o Domingos propõem a Mariana que os acompanhe num passeio pelo pinhal. Oiçamos o diálogo (que não existe na primeira versão de *Mar*):

Mariana: Bem gostava... Mas tenho este fadário da loja...

Domingos: Feche a porta, e venha connosco. Um dia não são dias!...

Rapaz: Venha!

Mariana: Não. O meu lugar é aqui. Mas tenho pena. Os três agora pelas dunas adiante, a ouvir a ladainha do mar e a comer camarinhas!... Nem quero pensar... Era o passeio mais bonito da minha vida!.. (Torga, 1983a: 88-9).

Profunda comunhão de sentimentos, sentido (exagerado) do dever e paixão oceânica e telúrica – eis uma outra forma de sintetizar a essência da mensagem torguiana.

Na obra de Miguel Torga a Nazaré está para o fascínio pelas ondas assim como S. Martinho de Anta está para o telurismo torguiano, isto é, S. Martinho de Anta e Nazaré são os principais pilares materiais da obra do autor de *A Criação do Mundo*. É contudo

lícito afirmar que o pilar Nazaré, embora não tão profundo quanto o pilar S. Martinho, é mais abrangente, pois consegue, o que é de todo impossível em S. Martinho, fundir o mar e a terra.

É também importante recordarmos que foi na Nazaré que Torga fez uma das suas maiores amizades. Falamos do pintor Guilherme Filipe. O autor de *Mar* passou alguns dias na casa que o pintor tinha no Sítio. Foi aqui que, segundo o autor d' *A Criação do Mundo*, Guilherme Filipe pintou o retrato do poeta que se encontra na sala-biblioteca da Casa-Museu de Coimbra¹²⁶. Em *A Criação do Mundo*, o autor, depois de descrever os projectos políticos, culturais e sociais do excêntrico pintor, diz, sobre a amizade que os uniu para sempre: «aquela amizade, em tudo surpreendente desde a primeira hora, seria sempre electiva, intangível e libertadora.» (Torga, 1981: 59).

Onde encontrar as principais referências à Nazaré na obra de Miguel Torga:

Mar – 1958.

Diário – 1939 (11-8); 1940 (2-7; 3-7; 4-7); 1943 (três entradas sem data, mas com a indicação *Páscoa*); 1944 (1-1; 2-1); 1945 (9-6; 10-6); 1946 (16-5); 1947 (20-4; 21-4); 1949 (22-5); 1955 (15-7); 1969 (10-8; 12-8; 13-8; 14-8; 17-8); 1973 (1-1); 1976 (8-5); 1984 (26-8).

A Criação do Mundo - O Sexto Dia (pp. 57-9)

11.2.2. OUTRAS LOCALIDADES E OUTRAS QUESTÕES DO LITORAL

Depois de 1958 o litoral continuou a ter uma presença muito forte na obra torguiana. Há, contudo, uma alteração relevante: o contacto com as populações piscatórias passa a ser muito menos frequente. Talvez Torga sentisse que o essencial sobre os heróis e heroínas do mar já tinha sido registado. A partir de agora os seus textos escritos no litoral e directamente relacionado com ele (litoral) são essencialmente voltados para reflexões e confidências sobre a forma como sentia o areal e o mar.

¹²⁶ Ver *A Criação do Mundo* – O Sexto Dia (p. 57).

O areal é um espaço perfeito para a sensualidade e para namorar, isto é, para vivências que em Torga atingiam a dimensão do absoluto:

- Tentação

Vénus lançada à praia pelo mar inquieto,
Inquietas os meus olhos, sátiros cansados.
Vem de ti uma luz que o sol não tem,
E sozinha povoa o areal.
(...) (Torga, 1999: 1448)

- O dia inteiro ao sol, estendido na areia, a ver quebrar as ondas e a ouvir confidências amorosas. (...) Que saudades eu tive, (...) Dos tempos em que namorar uma rapariga era dar à minha humanidade limitada a dimensão infinita da beleza, da confiança e do amor. (Torga, 1999: 1109)

Mar

Pensamos que à medida que os anos passam o mar vai-se tornando cada vez mais importante para o escritor da Montanha, que desde a infância tinha «o Marão nativo [ancorado] em água salgada.» (Torga, 1999: 1566).

Iremos exemplificar o que acabamos de afirmar com diversas citações, seguindo, sempre que possível, uma ordem cronológica.

Em Miramar, no Verão de 1963, Torga mostra-se, mais uma vez, perplexo com a dimensão infinita do «Oceano»:

(...)
Da terra, a olhar-te,
Embebedam-se os olhos
Dos poetas.
Mas excedes, também, os versos do seu canto.
(...) (Torga, 1999: 1032)¹²⁷

Também em Miramar, no Verão de 1964, Torga chega ao paroxismo de desejar hipnotizar e engolir o mar: «Desde manhã estendido ao sol como um lagarto. Um lagarto que fita persistentemente o mar, a ver se o hipnotiza e o engole.» (Torga, 1999: 1056)

No Verão de 1972, no Algarve (Praia do Carvoeiro), escreve:

O dia inteiro a despedir-me melancolicamente do mar, numa saudade antecipada. Não há dúvida de que os cinco litros de sangue que me correm nas veias são água dele,

¹²⁷ Tal como as árvores (o Negrilho e, talvez, o carvalho do poema de *Diário* «A um Carvalho» - 10-8-1950) o mar também pode ser mais do que os poetas.

lotada com mosto do Doiro. E o mais curioso é que já em pequeno, muito antes de o ver, o sentia assim, fundamental e vivo na circulação. (Torga, 1999: 1221)

E nesta nota, por ventura a mais abrangente que escreve sobre o mar, considera que as outras crianças do interior do país, que como ele nunca tinham visto mar, «à lareira rezavam para que os seus frutos chegassem a porto de salvamento.»

Há ainda, nesta nota, duas informações da maior importância:

- «De costas voltadas à cobiça de Castela, só nos resta o aceno deste livre e largo horizonte azul, de onde nos pode vir alguma coisa: a sardinha fresca, o bacalhau salgado, o sargaço fecundante e a carta ansiada...» E Torga estava convicto de que todos os portugueses tinham uma razoável consciência disto. Todos sabiam que «outros irmãos de língua e raça o lavram de manhã à noite a favor de quantos fazem parte da comunidade.»

- o gosto do poeta «de colher flores de espuma na crista das ondas – versos de renda e movimento impossíveis de encontrar na macicez parada dos fraguados.» (Torga, 1999: 1221-2)

Também no Algarve (Albufeira) escreve em Agosto de 1976: «Além do mais, o mar proporciona ao homem o regresso à sua primitiva decência. Talvez por estar ainda dentro de nós, salgado, a pulsar nas artérias, com vagas e marés.» E, na mesma nota acrescenta que a onda a que o corpo se «abandona é como um litúrgico líquido amniótico que o envolve de novo momentaneamente e o devolve à praia baptizado, limpo,» (Torga, 1999: 1322)

Em 1981 (Praia de Pedrogão) e em 1987 (Praia da Oura) dá-nos, em menos de uma linha, dois retratos que sintetizam a total identificação do poeta com a terra e com o mar: «animal fisiológica e nacionalmente anfíbio» (Torga, 1999: 1447) e «anfíbio, carnal e espiritualmente.» (Torga, 1999: 1594-5).

No ano em que faz oitenta anos (1987), escreve na Figueira da Foz: «De vez em quando, a propósito e a despropósito, venho desaguar a angústia neste mar desassossegado. Tenho a sensação de a deixar embalada no único regaço que a merece.» (Torga, 1999: 1572)

Impõe-se agora perguntarmos como é possível conciliar o profundo e longo amor de Torga pelo mar com vários momentos de ódio. Quando nos referimos ao mar-«cruz» durante a análise do livro *Mar* demos três exemplos de ódio. Acrescente-se agora um quarto, escrito em 1967 em Miramar, depois do escritor ter tido uma conversa com um pescador que «durante todo o diálogo (...) não tirou os olhos azuis da planura azul. (...) A atenção deles estava voltada para o horizonte, largo e brumoso.» (Torga, 1999: 1109):

Regressei pelo areal a pensar naquele encantamento. Na misteriosa atracção que exerce sobre as almas ribeirinhas um meio traiçoeiro e movediço, onde a sede não encontra refrigério, a nudez cobertura, a memória sinais. Um meio irredutivelmente hostil à arte e ao pensamento, que nunca permitiu à fé a construção de catedrais, ao cansaço a sombra dum rumo, nem à própria morte a piedade rasa dum epitáfio. (Torga, 1999: 1109)

Seria muito difícil anatematizar o mar de uma forma mais radical. Talvez a mais adequada resposta à questão de como explicar o amor e o ódio de Torga ao mar esteja numa nota de 1977 do *Diário* (e que já utilizámos no sub-capítulo «Auto-Retrato Torquiano»): «Natureza imprevisível, o pior que se pode pedir a um poeta é que seja fiel às suas palavras.» (Torga, 1999: 1350).

Consideramos, contudo, que estes momentos de ódio ao mar, não justificam as afirmações que Teresa Rita Lopes (TRL) faz em *Miguel Torga – Ofícios a “Um Deus de Terra”* e em *Traves Mestras do Edifício Torquiano* (in *Agenda 2007 – Miguel Torga*).

A autora de *Miguel Torga – Ofícios a “Um Deus de Terra”* termina o ensaio com um belo poema dedicado ao autor de *Portugal*, mas na estrofe VII diz: «odiou o mar»; e logo a seguir acrescenta:

(...) Quis bem
aos rios Ah esses sim Em seu caudal contido
entre maternas margens afoitou-se às vezes
num barco
Mas sempre desdenhou o que não tinha raiz
o leviano balanço de um lenho que o fogo não abraça
e a terra não faz florir (Lopes, 1993: 95)

Comparando *Poemas Ibéricos* com *Mensagem*, TRL diz em *Traves Mestras do Edifício Torquiano*:

Estes *Poemas Ibéricos* não cantam, como os da *Mensagem*, a gesta dos Descobrimentos, pelo contrário, denigrem o mar, «essa sereia rouca e triste», que nos atraiu para nos trair. Pessoa exalta a distância, «a proibida azul distância», Torga condena a ambição ou louco impulso que leva o homem para longe desse chão em que, como bicho da terra que é, se deve cumprir.

Se assim fosse, e sem ser necessário recorrer a outras obras torguianas para além dos *Poemas Ibéricos*, como explicar os poemas «Ibéria», «A Raça», «Sagres», «A Largada», «Tormenta», «O Infante», «Bartolomeu Dias», «Vasco da Gama», «Fernão de Magalhães», «Afonso de Albuquerque», «Camões», «António Vieira», e «Fernando Pessoa»? Parece-nos incontestável que neles «a gesta dos Descobrimentos» e o «louco impulso que leva o homem para longe» são enaltecidos das mais diversas formas.

Em relação às peças de teatro *Terra Firme* e *Mar* diz-nos TRL: «dão expressão cénica à fulcral oposição entre o que é próprio da terra, útero primordial, que dá à luz a vida e recupera a morte, e o mar, seio de perdição, traiçoeiro porque movediço, onde nenhuma raiz pode ter poiso firme.» (2ª página de *Traves Mestras do Edifício Torquiano*).

Parece-nos que o que escrevemos sobre o Litoral nos permite não estar de acordo com a visão maniqueísta da ensaísta.

Portugal e o mar

Já nos debruçámos sobre este tema ao analisarmos a importância para a obra torguiana de Camões, Pessoa e Jorge Dias. O mesmo se passou quando no sub-capítulo «Auto-Retrato Torquiano» reflectimos sobre os heróis de *Poemas Ibéricos* e no capítulo «Lisboa» falámos da dimensão marítima da capital. Importa agora pensarmos no que Torga nos diz em duas localidades do litoral, incontornáveis a nível paisagístico, histórico e turístico: Berlengas e Sagres.

Berlengas

No capítulo de *Portugal* sobre as Berlengas, Torga começa por considerar que elas são o primeiro pedaço das «nossas terras ultramarinas» e/ou «a primeira estação da longa via-sacra que tivemos de percorrer através do grande Oceano (...) em direcção ao desconhecido.» (Torga, 1986a: 101)

No resto deste curto mas belíssimo texto o prosador-poeta desenvolve a ideia do «longe» e do «TormENTOSO» onde construímos uma pátria cultural, mas que não se mantem, porque «Por toda a parte do mundo onde chegámos vai a erosão do tempo destruindo os alicerces dos padrões que erguemos...» (Torga, 1986a: 103).

Sagres

O teimoso promontório de esperança, há séculos, permanece ignorado junto de nós.
(Torga, 1986a: 141)

Cada vez mais seguro da sua força indicadora, que a própria inactividade acumulava, e a que bastaria apenas actualizar o sentido aliciante de outrora, endureceu as linhas do perfil, repuxou os músculos da fisionomia, e negou-se à degradação de se ver transformado num cemitério de renúncia colectiva – necrópole onde os cadáveres não fossem os mortos do passado, mas os vivos do presente.
(Torga, 1986a: 140)

Em 1942 «Doido de terra, de mar e de história (que é aqui onde em Portugal as três coisas se vêm sem ninguém as poder diminuir nem aumentar)» (Torga, 1999: 158) o autor de *Diário* foi pela primeira vez a Sagres à procura dum «Homem português que fosse o verdadeiro Infante» (Torga, 1999: 158). Ele sabia que o promontório de Sagres simbolizava o ponto nevrálgico da colossal antena que era a Península Ibérica, península descrita no poema «Ibéria» como «Uma antena da Europa a receber/ A voz do longe que lhe quer falar...» (Torga, 1995a: 7). E o que a voz do longe queria dizer à Ibéria era «um cósmico segredo.(...) [:] As duas margens da certeza incerta/ Teriam de se unir!» (Torga, 1995a: 21).

O primeiro herói torguiano a aperceber-se de tudo o que implicava esse «cósmico segredo» foi o Infante D. Henrique [«Sagres humano com raiz no mar» (Torga, 1952: 22), o mesmo é dizer um homem que «Irradia vontade e confiança» (Torga, 1986a: 39)].

Depois da gesta assombrosa que foram os Descobrimentos portugueses, Portugal entra numa profunda e longa crise, da qual nunca viria a recuperar, e que Torga, certamente influenciado por Antero e Oliveira Martins, comenta nestes termos:

Depois esquecemos a lição. A intolerância religiosa, que o ar do largo não arejara, expulsou o judeu e o capital; a terra não dava carvão nem petróleo; os frutos reais do esforço despendido iria fugir-nos das mãos. Era preciso opor a essas riquezas do progresso outros valores igualmente cotados na praça da civilização, que teriam agora de ser desencantados de não sei que Tormentoso interior ... Mas não. Enquanto os vizinhos da Europa, sem descanso, continuaram a ser pioneiros nas empresas que a vida lhes confiava, nós, enxutos da grande maratona oceânica, ficámos em cima da penedia a ver passar ao longe, a fumegar, as embarcações alheias, e a cantar, ao som duma guitarra, loas à fatalidade.

Mas a lenga-lenga não enterneceu o pedaço de chão que nos mandara ser inquietos e temerários. Cada vez mais seguro da sua força indicadora, que a própria inactividade acumulava, e a que bastaria apenas actualizar o sentido aliciante de outrora, endureceu as linhas do perfil, repuxou os músculos da fisionomia, e negou-se à degradação de se ver transformado num cemitério de renúncia colectiva – necrópole onde os cadáveres não fossem os mortos do passado, mas os vivos do presente. (Torga, 1986a: 140)

Depois deste texto do último capítulo de *Portugal*, Torga viria a escrever no *Diário* duas notas sobre Sagres e o Infante. A primeira data de 1976 e reflecte a profunda preocupação e mágoa com que o autor de *Portugal* observava a forma como nesse período era ensinada a História: «Sagres sem o infante. (...) Agora, que não temos História, o recurso é olhar esta grandeza assim, ao natural. Mas que falta lhe faz o herói! Que falta fazem os mitos, afinal!» (Torga, 1999: 1322)

Três anos depois o diarista volta ao promontório, e, como das outras vezes, vai acompanhado da esperança de encontrar o Infante. Com algum espanto nosso encontra-o «no espanto recolhido de quantos aqui vêm.» (Torga, 1999: 1399) E nós perguntamos se não haverá na constatação torguiana excesso de optimismo. Das dezenas de vezes que fomos a Sagres sentimos na maioria dos visitantes um entusiasmo que estava bastante aquém do que era legítimo esperar. Voltaremos a esta questão na conclusão da tese.

Em 1982 o autor de *Mar* faz um «Grande passeio de barco ao longo da costa» (Torga, 1999: 1465) algarvia, com a finalidade de aprofundar o conhecimento da identidade de Portugal: «Talvez (...) depois de tanto lhe esquadrihar em terra a identidade, seja essa a maneira mais directa de o surpreender na sua flagrância elementar. Como que a flutuar ainda no líquido amniótico.» (Torga, 1999: 1465) Terra e mar revelam-se, mais uma vez, fundamentais para a compreensão da identidade nacional.

Em Março de 1970, depois de uma viagem aos Açores e à Madeira, Torga escreveu, a bordo, um curtíssimo poema, mas fundamental para compreendermos o significado nacional que atribuía ao Atlântico:

Descoberta

O tempo que levou a tua imagem
A encontrar nos meus olhos a medida
Dum íntimo destino,
Mar que juntas a pátria repartida
E lhe salgas o nome masculino!

E, como não podia deixar de ser, o mar, na obra torguiana, está profundamente ligado à emigração. Em 1988 escreveu: «Todos os caminhos transversais de Portugal vêm ter ao mar. Verificá-lo, é avivar na consciência a nossa razão de ser. Que nascemos para embarcar. Ou de imediato, ou na lembrança, ou na imaginação.» (Torga, 1999: 1616). É óbvio que quando o autor do *Diário* escreveu esta nota a realidade nacional já não era esta. Desde os anos sessenta os emigrantes utilizam cada vez menos o transporte marítimo e o principal destino passa a ser a Europa. Mas Torga pensava numa perspectiva histórica, e aí a nossa emigração é através do Atlântico.

O mar era também, para Torga, um espaço ideal para falar e reflectir sobre os mais nobres sentimentos. Por mero acaso, encontrou durante um banho na praia da Oura, pessoas conhecidas dum grande amigo seu «que a morte levou cedo». Depois de afirmar que «Em sua memória, as ondas abrandaram a fúria durante o diálogo», o poeta concluiu a nota do *Diário* com esta reflexão:

Vir ao mundo só vale a pena assim: quando se deixa nele uma imagem que em todos os tempos e lugares mereça a celebração dos que ficam e a bênção da própria natureza. Quando, a lembrar-nos, a posteridade sinta que não há grandeza maior do que a grandeza de alma. (Torga, 1999: 1596-7)

A convivência de Torga com o mar, com a emigração (por mar), com as gentes marítimas (pescadores e, não menos importante, com as peixeiras) e com a história de Portugal tê-lo-á ajudado a «pescar imagens» (Torga, 1999: 263) para a sua poesia, e a interiorizar, cada vez mais, o poema «Identificação», de *Orfeu Rebelde*:

Vai a barca do mundo à flor das vagas
No seu mar de tormentas;
(...)
E tu, poeta, como um sacerdote
Da bonança,
A conjurar o mal,
A pregar confiança,
A cantar,
A cantar,
Sem nenhum desespero
Te desesperar!
(...) (Torga, 1992a: 46)

11.3. FRONTEIRA TERRESTRE

A fronteira terrestre é, como o litoral, um local onde Torga procura apaixonada e agonicamente a sua identidade e a de Portugal. É sempre num contexto de *Turismo de Saúde e Bem Estar* e/ou de *Turismo Cultural* que se desloca a estas regiões do país. Não esqueçamos que o nosso guia dizia que «O génio de um povo está patente na primeira aldeia fronteiriça.» (Torga, 1999: 1423)

11.3.1. GÊRES

Pátria

Serra!

*E qualquer coisa dentro de mim se acalma...
Qualquer coisa profunda e dolorida,
Traída,
Feita de terra
E alma.*

*Uma paz de falcão na sua altura
A medir as fronteiras:
- Sob a garra dos pés a fraga dura,
E o bico a picar estrelas verdadeiras...
(Torga, 1999: 175)*

Génesis
Ah, beleza encontrada
Deste painel de montes, céu e água,
Que o acaso pintou
Com cega brutalidade,
E deixou
Na pura exactidão que exige a eternidade!
(Torga, 1999: 1196)

O *Diário* tem 118 notas escritas no Gerês/Terras de Bouro: 22 na década de quarenta; 51 na década de cinquenta; 33 na década de sessenta (sendo que 24 foram escritas na primeira metade da década) e doze na década de setenta. Isto significa que a esmagadora maioria (97) foram escritas no período de maior actividade literária do autor de *Odes*.

O Gerês era, seguramente, um local de muitas e intensas leituras. A nota de 17-8-1948 permite-nos afirmar, ou pelo menos supor, que Torga também privilegiava as Terras de Bouro para leitura de escritores estrangeiros: «Leitura maciça de alemães. Goethe, Schiller, Eichendorff, George...». (Torga, 1999: 424).

Foi também neste local da pátria - de serras, termas e rios – que o Orfeu Rebelde fez uma das mais importantes afirmações sobre a nossa literatura:

Diz-se com frequência que somos um povo de poetas. Somos. Porque assim o determinam razões obscuras de sensibilidade, ou porque um treino literário amadurecido em formas cada vez mais puras nos conduz de preferência para esse caminho (...) É aí que mora a universalidade do nosso génio. (Torga, 1999: 534-5).

Parece-nos que a serra, a água (a água termal e a água dos rios e dos ribeiros), a vegetação, as fragas e a forte ruralidade que Torga encontra no Gerês (não esqueçamos que ele frequenta esta região de Portugal essencialmente numa época em que a ruralidade ainda era muito forte) fazem com que os seus escritos no Gerês sejam os que têm maior carga telúrica. É evidente que os escritos de S. Martinho de Anta e do Douro são também profundamente telúricos, mas nestes dois locais as directas e muito próximas preocupações sociais do autor ocupam um espaço maior do que no Gerês. Consideramos, pois, correcto afirmar que as Terras de Bouro são um espaço de eleição de Torga para dialogar directamente com a natureza¹²⁸. Este diálogo ter-lhe-á dado uma

¹²⁸ É importante recordarmos que foi no Gerês que Torga nos falou da «mesa onde Colette recebia o corpo eucarístico da natureza.» (Torga, 1999: 773)

extraordinária energia, disponibilidade e lucidez para reflectir e escrever sobre Portugal e sobre a Humanidade. Parece-nos razoável fazer esta afirmação, pois o próprio escritor dizia que era quando estava de férias que a sua actividade literária era mais produtiva. (ver Torga, 1999: 395).

A enorme quantidade de água (fontes, rios e ribeiros) que encontramos no Gerês dá a esta serra uma forte identidade, e inspiram ao Orfeu poemas como: «Água» (25-8-1942); «Parábola» (30-8-42); «Embaló» (7-8-44); «A Um Ribeiro Inquieto» (1-8-1950); «Passeio» (8-8-52); «Destino» (8-9-54); «Dissonância» (17-7-75); «Prostração» 24-7-75. Em todos estes poemas corre uma água que transmite, nos seis primeiros, música, frescura, mistério, paz e «Sonho». O «Sonho» surge essencialmente em «Parábola», poema que o Orfeu Rebelde seleccionou para o seu C.D. de oitenta poemas. No sétimo («Dissonância») encontramos desânimo perante a situação do país, e no oitavo angústia existencial («Prostração»).

As árvores de Terras de Bouro também empolgaram o autor de *Odes*.

A Um Carvalho

Eis o pai da montanha, o bíblico Moisés
Vegetal!
Fala com Deus também, deste Sinai
De granito...
(...)
Forte como um destino,
Calmo como um pastor.
(...) (Torga, 1999: 535)

Este «bíblico Moisés/ Vegetal», não é, para Torga, menos importante do que o Moisés de Miguel Ângelo, que o poeta nos descreveu em Roma a 6-1-1938. Torga considerava-o um paradigma a seguir:

Tantas vezes me tenho lembrado da paciência deste carvalho (...) O milagre de uma serenidade assim, nem passiva nem agónica, apenas atenta e disponível, seria na minha vida o começo da redenção. Talvez até o tal livro ideal, tão repetida e baldadamente escrito, (...) me surgisse claro e perfeito na imaginação. (Torga, 1999: 796)

Em «Acorde Florestal» (Torga, 1999: 640) o poeta diz-nos que não entende «as palavras» dos «Sussurrantes pinhais!», mas diz-nos também que o seu instinto lhe garante que são «Poemas simples, de raiz agreste» que está a ouvir.

Mas são as serras que ocupam mais espaço nos textos de Torga em Terras de Bouro. Tenha-se em consideração o poema «Pátria» que serve de epígrafe a este sub-capítulo («Serra!/ E qualquer coisa dentro de mim se acalma...»). Este poema de 1942 (primeiro ano em que Torga escreve no Gerês) dá-nos a chave dos textos sobre as serras escritos pelo poeta-«falcão».

O poeta da Montanha considerava a Serra Amarela (entre o Gerês e o Lindoso) «o Portugal nuclear, a Ibéria na sua pureza essencial e granítica.» (Torga, 1999: 312). A longa nota em que faz esta afirmação é uma das mais importantes de todo o *Diário* no que respeita a relação do autor de *Portugal* com a pátria, pátria que ele acreditava poder ser eterna. É importante lembrar que esta nota é escrita numa terra da promessa – Vilarinho da Furna. Impõe-se transcrever uma boa parte da mesma. Paisagem e guia (um «contrabandista» que é «a cultura autêntica de um povo.») deixam-no assombrado:

Sem capelas e sem romarias, cruzam-na os lobos, os javalis e as corças. A praga dos pinheiros oficiais ainda lá não chegou. (...)

Mas quando ele me assombra inteiramente, é à tardinha, ao cair da noite, no momento em que um grande rebanho comunitário de duas mil e quinhentas cabras entra na povoação, e do alto de um fraguado me mostra o espectáculo. Está transfigurado. O pé do Cabril, a Borrageira, o Altar de Cabrões e a Calcedónia, ao longe, parecem deuses solenes, com as cabeças divinas envoltas na fofa bruma das nuvens. O vale do Homem^[129], ao fundo, fértil, verde e brilhante, com lagos de água cristalina a reluzir de onde em onde, parece a terra da promessa. Um silêncio preservado rodeia tudo de paz. E o meu contrabandista, então, perde-se no meio de tanta grandeza e de tanta liberdade, e monologa:

- Acredite que não trocava a minha vida pela de nenhum rei! Gosto tanto destas penedias, que, se me tirassem um pedaço a uma, dava conta! (Torga, 1999: 312-3).

Mas olhemos, segundo uma ordem cronológica, para outras notas de enorme relevância no que às serras diz respeito:

Em 9-8-1944 encontra a 1536 metros de altitude, no «Altar dos Cabrões» o culto pela «virilidade mágica, que não nega nem degrada a natureza.» Em 23-7-1945 confronta-se com o problema da solidão que, no caso concreto desta nota, só é ultrapassado porque no local em que é escrita passa uma geira romana, o que leva Torga a perceber «a

¹²⁹ Em nota anterior a esta diz, sobre o rio Homem: «que assombroso nome para um rio!» (Torga, 1999: 311)

sedução mágica dos caminhos»; em 12-8-1955 procura um «vislumbre de ressurreição»; em 14-8-1961 abraça a «Paz das alturas, evasão furtiva/ Da inquietação rasteira.»; em 13-8-1962, acompanhado pela filha, de seis anos, lança-se à aventura da «Ascensão» em direcção à «cúpula do mundo»; em 2-8-1965, falando do que vê do alto da serra do Gerês, revela-nos, mais uma vez, a extraordinária importância que atribuía à visão:

O movimento que têm nas minhas [pupilas], agora, as chãs, as lombas, os píncaros e os abismos onde a inércia da morte parece habitar! Dessa imagem dinâmica à palavra que a significa, vai um palmo. E a palavra reveladora pode ser o intróito dum verso. E o verso **a eterna e ritmada pulsação audível dum imenso e oculto coração de granito.** (Torga, 1999: 1067).¹³⁰

Em 16-7-1976 confessa-nos uma profunda frustração:

Subo, subo, subo. Mas de nada vale. Não consigo chegar ao cimo de nenhum Sinai de transfiguração. A sarça ardente que me envolve em cada píncaro é um delírio dos sentidos exasperados pelo próprio cansaço. As tábuas da lei que me ficam nas mãos depois do transe são as mesmas tristes normas de vida que já trazia. A abóbada celeste devolve-me apenas o eco da minha pobre humanidade. (Torga, 1999:1319-20).

Pensamos que este encontro com as serras, com a água, com a vegetação e, essencialmente, com o comunitarismo de Vilarinho da Furna, explica as constantes idas de Torga para o Gerês no período mais rico da sua produção literária. Terá o Orfeu Rebelde deixado de ir para as Terras de Bouro porque entretanto já tinha conseguido apanhar, através do verso, «a eterna e ritmada pulsação audível dum imenso e oculto coração de granito» (Torga, 1999: 1067) e, por outro lado, porque não conseguiu encontrar «um Sinai de transfiguração»? (Torga, 1999: 1319)

As estadas de Torga nas termas do Gerês eram também utilizadas para observar e reflectir sobre a sociedade e a política do seu tempo. Nas termas encontravam-se, nos meses em que o Orfeu Rebelde as frequentava (entre Julho e Setembro) muitos aquistas representantes de «três pisos» sociais: «O povo, a pequena burguesia e a alta finança.» (Torga, 1999: 890). Havia mesmo um 4º piso: «algumas celebridades nacionais» (Torga, 1999: 980). Isto leva o autor do *Diário* a 2 conclusões:

- os representantes dos diversos pisos «actuem em compartimentos estanques e não se vêem nem se ouvem uns aos outros» (Torga, 1999: 890);

¹³⁰ O negrito é da nossa autoria.

- grande parte dos aquistas estão, em relação a Torga «do outro lado da barricada» e, por conseguinte, «Em vez de se ver monstruosa no cristal da lógica, vê-nos a nós monstruosos no espelho deformante do fanatismo.» (Torga, 1999: 829).

Férias torguianas no Gerês no «Verão Quente» (1975)

Gerês, 16 de Julho de 1975 - O mundo pasmado a olhar o céu, à espera de ver os astronautas russos e americanos no seu primeiro abraço estratosférico e eu com todos os sentidos postos em Lisboa, à espera que um capitão qualquer decida do nosso destino.
(Torga, 1999: 1302)

O aquista Torga passa, no Gerês, pelo menos dez dias no «Verão quente» (de 15 a 24 de Julho).

A 15 de Julho, a viagem para o Gerês, inspira-lhe um texto que nos dá um incontornável retrato da condução rodoviária dessa época:

De quilómetro em quilómetro, um carro espatifado. Latas amolgadas, estilhaços de vidro, sangue – o espólio catastrófico de uma irresponsabilidade colectiva que só no fundo do abismo pode encontrar paz. Não a de a ter procurado e achado, mas a de a ter achado a fugir-lhe. (Torga, 1999: 1302)¹³¹

O escritor que, como vimos quando abordámos o tema «A importância das viagens para Torga», sempre se empolgou com as viagens espaciais, não consegue prestar atenção ao «primeiro abraço estratosférico» de astronautas russos e americanos. As decisões políticas tomadas na capital absorviam-lhe as suas capacidades intelectuais e emotivas. E é este estado de espírito que o acompanha durante a quase totalidade da sua presença, nesse Verão de 75, no Gerês. A 17 escreve:

Passeio matinal no parque, o mais belo que conheço. Nunca vi um tão feliz encontro da mão urbanizadora com a natureza virgem. (...) Mas atravessei aquelas alamedas como um sonâmbulo, com os sentidos bloqueados pelo vigente tetanismo social. Reduzido à pura condição política, o homem é um desertor do mundo primordial. Doente desse morbo, a mais pequena notícia basta para lhe desfazer o equilíbrio anímico e transformá-lo num ser desnaturado – escravo de uma fixação mental que não deixa espaço para mais nada. (Torga, 1999: 1303)

¹³¹ Este texto, em termos de informação turística, tem não só um precioso valor no que respeita a análise psicológica, mas também porque permite ser um ponto de partida para uma reflexão sobre a revolução que se deu em Portugal, nas últimas décadas, na construção de rodovias.

Nesse mesmo dia escreve o poema «Dissonância». Aqui só o «ócio vegetal» consegue ouvir o «rio a cantar». Ele, o poeta, caminha ao lado «Desatento, alheado,/ Sem ócio, sem pureza e sem ouvidos.» (Torga, 1999: 1303)

A 19 constata que para as pessoas como ele «Estar longe dos acontecimentos não dá sossego.» porque «imaginar o que se passa é mais dramático do que viver as situações.» (Torga, 1999: 1304).

As notas de 20 e de 24 são as mais pessimistas. Na primeira considera que está numa época da sua vida «em que não tem razões para viver nem para morrer.» (Torga, 1999: 1304). E na nota de 24 (um poema - «Prosação») nem mesmo as vozes de «Um melro» e «do ribeiro» conseguem afastar «A sombra que de mim se alarga ao mundo inteiro,/ E é como um cansaço/ Total e derradeiro...» (Torga, 1999: 1304).

Mas Torga, mesmo nos momentos mais agónicos e pessimistas, consegue encontrar motivos que o (e nos) cativam pela carga positiva que encerram. É o que se passa com as notas escritas a 18 e a 22.

A nota de 18 é escrita em Falperra (concelho de Braga), mas consideramos que se justifica utilizá-la aqui, porque foi escrita durante o período de férias em causa. Neste dia Torga terá decidido dar um passeio de algumas dezenas de quilómetros, e, na nota que então escreve, o amante de arte e de voluptuosidade, definiu lapidariamente, em apenas duas linhas, a igreja de Falperra [citação já apresentada no capítulo «Torga e o Turismo (Cultural)»]: «A igreja de Santa Maria Madalena num barroco tão voluptuoso que parece uma carta de namoro em granito que o arquitecto pecador tivesse escrito à padroeira pecadora.» (Torga, 1999: 1303).¹³²

A nota de 22 remete-nos para o mundo feminino, enaltecido das mais diversas formas na obra torguiana:

Na sala de espera do balneário, a descansar do banho, no meio de um enxame de senhoras, frenéticas, a fazer croché. Nunca me canso de admirar este dom feminino de, com o simples recurso de uma agulha e alguns novelos de lã, conseguir aprisionar o tempo num labirinto de malhas. (Torga, 1999: 1304)

¹³² Que mais se pode pedir para utilização na informação turística? Há rigor, arte, humor e enorme economia de palavras.

11.3.2. OUTRAS LOCALIDADES E OUTRAS QUESTÕES DA FRONTEIRA TERRESTRE

Através da magia do conto «Fronteira», Torga desperta-nos para o mundo do magro e inofensivo contrabando de toda a raia portuguesa.

Uma das mais fortes mensagens do escritor da Montanha, e repetida várias vezes, surge neste conto: «o coração dos homens, por mais duro que seja, tem sempre um ponto fraco por onde lhe entra a ternura.» (Torga, 1991a:30). Eis, aqui, um dos melhores exemplos do que dissemos no início deste capítulo: Os textos literários (...) podem (...) exercer a função defensiva que outrora os fortes tiveram no litoral e na fronteira terrestre.

Sendo o contrabando durante a maior parte da vida de Torga uma prática ao longo de toda a fronteira terrestre, passagens do conto «Fronteira» podem ser utilizadas em qualquer ponto estratégico. O excelente Museu da Emigração e do Contrabando de Melgaço dá grande destaque a este conto torquiano.

CHAVES

No capítulo sobre Chaves escrevemos que quando começámos a pensar nas palavras-chave para esse capítulo, elas apareceram em catadupa: Cidade, Comunicação Social, Confissões, Coragem, Doença, Emigração, Escrita, Esperança, Fronteira, Frustração/Amor, Homossexualidade, Iberismo, Imaginação, Loucura, Medicina, Natureza, Património, Política, Portugal, Povo, Reino Maravilhoso, Religião, Solidariedade/Amor, Termas, Turismo/Férias e Vida.

Pensamos que, com o desenvolvimento desse capítulo, ficou provada essa afirmação, isto é, em Chaves Torga abordou uma enorme diversidade de temas de grande relevância. Sendo assim, temos mais um exemplo que confirma a nossa convicção de que os lugares de fronteira foram fundamentais para a incessante procura do Orfeu Rebelde da identidade pessoal e nacional.

RIO DE ONOR

Nas notas de 27 e 28 de Setembro de 1946 e de 17-7-1976, já analisadas neste trabalho [ver «As Aldeias e as cidades» no capítulo «Torga e o Turismo (Cultural)»], o escritor,

que ao longo de toda a sua obra procura desesperadamente aperfeiçoar o rosto de Portugal, encontra em Rio de Onor (assim como em Castro Laboreiro e Vilarinho da Furna) o espaço onde o seu «comunitarismo impenitente mergulha as raízes» (Torga, 1999: 1320).

ALÉM-CÔA

No poema «Cantiga de Amigo» (Torga, 1999: 1166), escrito em terras de Além-Côa, o poeta apresenta-se como mandatado por D. Dinis para trovar «de amor» à terra que o rei-poeta «mais quis». Já vimos em Lisboa, ou melhor em Odivelas a enorme admiração de Torga pelo rei que estabeleceu as fronteiras do país e «Semeou um futuro Portugal,/ Confiado na graça da semente.» (Torga, 1999: 1529)

QUADRAZAIS

Quadrazais, freguesia raiana do concelho do Sabugal, constitui o principal cenário do romance de Nuno de Montemor *Maria Mim*, que tem como tema central o contrabando e a relação amorosa da jovem contrabandista Maria Mim com um jovem alferes (Júlio Marinho). Terá Torga recebido alguma influência deste romance na concepção do conto «Fronteira»?

Em Quadrazais o autor de «Fronteira» escreveu em 1-12-1960 (data de particular simbolismo) a seguinte nota:

Pelo-me por vir de vez em quando a estas terras raianas saborear nas barbas dos guardas o eterno triunfo dos guardados. À minha maneira, sou também contrabandista. Passo mercadoria poética nas fronteiras da burguesia. (...) Por isso, sinto-me aqui entre irmãos. Cada batalha que ganham enche-me de orgulho. E somam vitórias, os maltrapilhos! Armados apenas da sua obstinação subversiva, numa lépida alegria que a pesada tristeza dos funcionários nunca poderá entender, vencem por obra e graça da própria vida.(...) Nuns, a má consciência gorda da repressão; nos outros, a boa consciência magra da liberdade. (Torga, 1999: 966)

MONFORTINHO

Em Monfortinho, junto ao ribeiro que serve de fronteira, Torga vê, no lado espanhol, uma natureza rigorosamente igual à do lado português, mas sente-se «diante duma outra natureza (...) onde tudo diz D. Filipe, quando eu digo D. Sebastião.» (Torga, 1999: 149)

E treze dias depois de ter escrito esta nota volta a escrever em Monfortinho algo cuja essência é a mesma:

Caçada na outra banda. O coração comovido, o meu iberismo todo aos saltos, mas o toco dum carrasco é que não quis saber de lérias: foi-se-me a um joelho e deu-me cabo dele. E eu atravessei a fronteira com esta sabedoria dos avós na perna dorida: de Espanha, nem bom vento nem bom casamento. (Torga, 1999: 150)

MARVÃO

Em **Marvão** identifica-se com o esforço extremo e o sonho que as muralhas e as ameias do castelo transmitem: «Das muralhas destes velhos castelos nacionais é que se vê bem o sonho que é preciso ter para criar uma obra. (...) Mas deve ser bonito, depois, debruçar-se a gente nas ameias, onde muitas vezes o corpo se espetou em angústias de luta, e olhar o longe...» (Torga, 1999: 267)

ELVAS

Mais uma vez Torga, junto da raia, sente que há uma identidade nacional que coincide com a fronteira política. A única nota escrita em Elvas, e que em parte já foi utilizada quando falámos das cidades no capítulo «Turismo Cultural», termina com a seguinte afirmação: «a viver-lhe repousadamente a intimidade e a contemplar, há pouco, do alto do castelo, os seus horizontes, é que vi até que ponto a linha da raia desenhada na planura era a fronteira do meu cartão de identidade.» (Torga, 1999: 1325)

OLIVENÇA

Olivença, que segundo o direito internacional continua a ser território português, tem um riquíssimo património não só histórico, mas também artístico. Ambos os patrimónios têm sido mantidos com particular rigor pelas autoridades espanholas.

Foi neste enclave português em território espanhol que Torga escreveu em 5-6-1954 um texto sobre a sua ideia de nação: «A ideia de nação, embora historicamente se justifique

(...) não é de certeza a última palavra em matéria de arrumação do mundo.» (Torga, 1999: 748).

De facto, para Torga - assim como para os seus colegas-oráculos que mitificaram a pátria (Camões, Teixeira de Pascoaes, Jaime Cortesão e Fernando Pessoa) - muito mais importante do que a nação é a Humanidade.

12 - OUTROS LUGARES DE PORTUGAL (COM BREVES INCURSÕES EM ESPANHA)

12.1. INTRODUÇÃO

Podemos dizer que todas as regiões de Portugal, com excepção dos arquipélagos da Madeira e dos Açores, foram já apresentadas neste trabalho. Há, contudo, aspectos dessas regiões que não o foram, ou que não ficaram suficientemente explicitados. A finalidade deste capítulo é dar esse passo e apresentar os Açores e a Madeira.

No capítulo «O Alentejo» de *Portugal*, o autor diz-nos, logo no início: «Em Portugal há duas coisas grandes, pela força e pelo tamanho: Trás-os-Montes e o Alentejo.» (Torga, 1986a: 119). Mas, um dos encantos de viajarmos em Portugal com Torga é sentirmos que o poeta, com a excepção parcial do Minho, se deslumbrava com todas as províncias, e sentia que todas elas, embora com especificidades muito acentuadas, faziam parte inalienável da mesma Casa.

12.2. EM TRÁS-OS-MONTES

A serra do Marão, que separa o Portugal *submisso* do Portugal *livre*, fica bem perto de S. Martinho e é outra das realidades telúricas com que o poeta se identifica – «este Marão que sou.» (Torga, 1999: 109). E um dia, como já referimos noutro ponto deste trabalho, ao passar pelo Marão, exclamou: «Que pena eu não poder deixar os olhos à filha!» (Torga, 1999: 1159).

Vilarinho de Samardã, em pleno Marão é o local onde viveu parte da infância e da adolescência Camilo Castelo Branco. O telúrico Torga explicava, em grande parte, a genialidade de Camilo como sendo uma consequência do Marão que o adoptara. Nem mesmo a paisagem pouco viril da província do Minho, onde Camilo em adulto escreveu as *Novelas do Minho*, o impediu de as desenvolver «como turbulentas paixões entre o céu e a terra, nuas e ossudas.» (Torga, 1986a: 13).

No conto «A Festa», de *Novos Contos da Montanha*, encontramos Torga num dos seus momentos mais altos de descrição das festas do povo transmontano. Com a nota escrita

em 13-9-1981, na senhora da Pena, Mouçós, (a poucos quilómetros de Vila Real) a arte e o engenho do escritor da Montanha atinge também o cume da perfeição. Torga acaba por, à sua maneira, comungar com o «paroxismo gregário de comunhão, delírio e abandono» do povo do seu «Reino Maravilhoso»:

Meio Trás-os-Montes a dar largas à vitalidade da alma e do corpo numa romaria onde a fé e a força se desmedem, uma de joelhos a suplicar e a agradecer, e a outra erecta, a emborcar copos de vinho e a sopesar andores monumentais que deslizam seguros por cordas e lembram veleiros a navegar num mar de gente. O que eu daria para (...) ser capaz de tanta devoção, tanto brio, tanta alegria, tanto desbordamento! Para me não sentir envergonhado de, em vez de participar pletoricamente neste paroxismo gregário de comunhão, delírio e abandono, andar aqui a registá-lo como um intruso no segredo da retina. (Torga, 1999: 1450)¹³³

A conferência «Trás-os-Montes no Brasil», proferida no Centro Transmontano de São Paulo e repetida no Centro Transmontano de Rio, em 1954, para transmontanos emigrados, não podia deixar de ser esplendorosa.

Para além da saudade, que autor e assistência partilham, há um discurso milimetricamente preparado.

A «ciência infusa a preparar o fumeiro, de tender folares, de tecer linho ou prever trovoadas, implica uma decantação de **sentidos** que nada fica a dever à melhor purificação da **alma**.» (Torga, 1969: 59) ¹³⁴ E, mais adiante, (p. 63) o autor de *Contos da Montanha* reforça esta ideia falando-nos «do gosto apurado duma alheira de Chaves» ou no «modo de erguer uma videira»¹³⁵, para rematar que estas trivialidades em que ninguém repara são tesouros que permitem «um salto para além da barreira de instintiva preservação fisiológica, que é já libertação e permanência no intemporal».

Torga viveu e contactou com pessoas que possuíam o dom de fazer estes tesouros: os pais, a irmã, a senhora que lhe inspirou a figura de Maria Lionça, e, certamente, muitas outras.

¹³³ Num dos primeiros anos deste século assistimos a esta festa. Como já tinham passado cerca de vinte anos sobre a nota do *Diário* receámos, no início, que a festa se tivesse desvirtuado. Felizmente constatámos que tudo o que Torga descreveu em 1981 ainda podia ser observado.

¹³⁴ Os negritos são da nossa autoria.

¹³⁵ Pensemos no poema «Bucólica» (Torga, 1999: 48) em que o poeta enaltece a arte com que o pai erguia uma videira.

Em relação à dança, Torga decreta, certamente com a assistência rendida à sua paixão e clarividência: «Dançar nas vindimas, nos magustos ou nas festas, nunca histrionicamente, mas numa lúdica e religiosa entrega ao espírito criador de todas as coisas.» (Torga, 1969: 60).

E a apoteose da auto-estima transmontana surge quando o orador diz:

O universal é o local sem paredes. É o autêntico que pode ser visto de todos os lados, e em todos os lados está certo, como a verdade. Ora Trás-os-Montes é essa realidade sem muros (...) não só os seus filhos, mas até um dos frutos dos seus geios, o vinho fino que o Porto apadrinhou, é o mais ecuménico dos mimos lusitanos. Também ele, sumo específico daquele lagar de obstinação, aquece depois a alma indiscriminada de quantos o bebem, repartido com um sorriso dos deuses pelos cinco continentes. (Torga, 1969: 69)

Sobre a morte dos transmontanos, o autor de *Portugal* escreve algo que mais uma vez temos que classificar de assombroso:

Os que ficam, cavam a vida inteira. E, quando se cansam, deitam-se no caixão com a serenidade de quem chega honradamente ao fim dum longo e trabalhoso dia. E ali ficam nuns cemitérios de lívida desilusão, à espera que a lei da terra os transforme em ciprestes e granito. (Torga, 1986a: 30)

Esta interpretação da postura dos transmontanos perante a morte ajuda-nos a compreender a relação que Torga tem com a natureza. Para ele as árvores e as pedras herdaram o corpo de quem chegou «honradamente ao fim».

Pensamos que não devemos terminar estas últimas referências ao «Reino Maravilhoso» sem realçar a convicção e a esperança torguianas de que «sempre houve e haverá reinos maravilhosos neste mundo.» (Torga, 1986a: 27). Torga conseguiu (quase) sempre olhar para além do seu próprio umbigo.

12.3. NO MINHO

O Minho, a província que muito provavelmente ocupa mais páginas dos guias turísticos sobre Portugal, não encantava Torga. Não entendemos como foi possível ao diarista dedicar no seu tão longo *Diário* apenas duas notas a Guimarães, uma a Viana do Castelo e zero a Braga, Ponte de Lima e Valença.

Torga queixava-se da onnipresença do verde: a paisagem, a sopa e o vinho, tudo isto é verde. Mas é sobretudo a submissão do seu povo ao poder clerical e senhorial o que mais desagradava a Miguel Torga entre os minhotos.¹³⁶ Há, contudo, dois patrimónios no Minho que o escritor admirava incondicionalmente: um, natural (o Gerês)¹³⁷, o outro construído: as pequenas igrejas românicas do vale do rio Lima, e, também românica, a «capelinha de S. Miguel» em Guimarães onde se encontra a «pia baptismal do rei obstinado.» (Torga, 1986a: 11).

12.4. NA BEIRA

«O Marão separa dois mundos – o minhoto e o transmontano. O Caldeirão, no pólo oposto de Portugal, imita-o como pode. Mas a Estrela não divide: concentra.» (Torga, 1986a: 72) Cremos que é isto que o Orfeu Rebelde, nos momentos de «loucura com asas» (Torga 1995a: 7) pretende ser. Explicitemos melhor: ele pretende concentrar em si, tanto quanto possível, tudo o que há de positivo em Portugal. Dizemos, mesmo, que não raras vezes Torga acredita poder concentrar em si tudo o que há de positivo na Ibéria, na Europa e ... na Humanidade.

O escritor peregrino identifica-se não só com a serra da Estrela, mas também com os seus habitantes. Nos beirões e nele há «uma obstinação de caruncho, muda, modesta, inflexível, incapaz da piedade de ceder ao seu próprio cansaço.» (Torga, 1986a: 56). E, na mesma página, Torga acrescenta: «Sem o dizer, sem o afirmar, o beirão sente-se dono de Portugal.» No poema «Portugal» e no discurso proferido no comício socialista

¹³⁶ Mas este juízo sobre os minhotos não está completo. Em *O Senhor Ventura* Torga encontra no minhoto «Pereira» um homem que soube revelar-lhe «através de um Portugal em alho, salsa e pimenta, uma existência mansa, corredia, de avós a netos, que lhe parecera então quase absurda, mas que era dele, afinal, como a saliva da boca.» (Torga 1991b: 84)

¹³⁷ É fundamental não esquecermos que nesse património natural que é o Gerês existia a aldeia comunitária de Vilarinho da Furna, que, por razões já nossas conhecidas, era um santuário para o Orfeu Rebelde.

de Lisboa em 1975 (ver *Fogo Preso* p. 108) o autor de *Portugal* apresenta-se, em grande medida, como dono de Portugal.

É na Beira que Torga tem os dois mais empolgantes encontros com a pastorícia. Um em Miuzela (concelho de Almeida), que o leva a escrever o poema «Manhã», que comentámos em «80 Poemas», capítulo «Lisboa»; o outro, na serra da Estrela. Deste último encontro com a pastorícia, e com o qual Torga fecha o capítulo «A Beira» de *Portugal*, surge a apologia do pastor:

O peregrino esbarra a cada momento com a figuração do homem que desejaria ser, simples, livre e feliz. Um homem de pau e manta, a guardar um rebanho – criatura ainda impoluta do pecado original, para quem a vida não é nem suplício nem degradação, mas um contínuo reencontro com a natureza, no que ela tem de eternamente casto, exaltante e purificador. (Torga, 1986a: 83)

12.5. NA ESTREMADURA

«A Estremadura é no corpo de Portugal a figuração da sua própria alma.» (Torga, 1986a: 100). Torga faz esta afirmação depois de encontrar nesta província um cenário natural e histórico que «é como um introito a uma santa missa do espírito, que o espírito acaba por celebrar.» (Torga, 1986a: 99), e de constatar que «o melhor da força criadora nacional está concentrado nesse pequeno reduto» (Torga, 1986a: 97). E foi precisamente aqui (e em Coimbra e S. Martinho) que Torga escreveu o mais intenso da sua produção literária.

São inúmeros os lugares da Estremadura fundamentais para Torga, mas pensamos ser correcto privilegiar os seguintes: Leiria, Nazaré, Berlengas, Alcobaça, Batalha, Tomar (oficialmente na província do Ribatejo, mas para Torga na Estremadura), Fátima e Lisboa.

De todos estes lugares há quatro que ainda não comentámos: os três patrimónios mundiais (Mosteiro de Alcobaça, Convento de Cristo de Tomar e Mosteiro da Batalha) e Fátima.

Mosteiro de Alcobaça

O escritor encontra em Alcobaça um mosteiro que fala «latim» (Torga, 1999: 1149). De facto este imenso mosteiro (a igreja, de finais do século XII, tem 106 m de comprimento), foi construído pelos cistercienses que procuravam, então, impor-se em toda a cristandade. Mas Torga vê também Alcobaça como a descendente do assombroso dólmen do Zambujeiro (concelho de Évora), um dos maiores dólmenes de todo o mundo megalítico. (ver Torga, 1999: 1559)

Convento de Cristo.

O castelo-mosteiro de Tomar, mais conhecido por Convento de Cristo, também não podia deixar de inspirar Torga. Românico, gótico, manuelino, maneirista e barroco, todos estes estilos se encontram neste monumento, um dos mais fascinantes e intrigantes de toda a Cristandade. Foi sede dos Templários em Portugal e depois da extinção da ordem por Clemente V passou a ser a sede da ordem de Cristo, a qual viria a ter enorme protagonismo na empresa dos Descobrimentos. O panorama avistado das muralhas do castelo e todo o mosteiro prenderam a atenção de Torga, mas foi, sem dúvida alguma, a igreja românica a parte do monumento que mais sensibilizou o poeta. Ele considera que esta igreja sintetiza todos os «sacrários» da Estremadura onde mora «um ázimo pão sobrenatural.» (Torga, 1986a: 100).

Mosteiro da Batalha

Este mosteiro, ao qual já nos referimos na Introdução desta tese, aparecerá novamente no fim, como pano de fundo da conclusão e propostas.

Fátima

Há no *Diário* duas notas da maior importância sobre Fátima. A primeira data de Maio de 1975 e a segunda de Maio de 1977. São dois textos muito marcados pela sensibilidade religiosa de Torga e pela leitura que faz da idiossincrasia do povo português, e muito influenciados, principalmente o segundo, pelo momento político que então se vivia em Portugal

Na primeira nota, Torga compara Fátima a santuários do mundo helénico, muçulmano e cristão - Elêusis, Delfos, Meca, Compostela e Lourdes -, e contesta os livres-pensadores («Se não há sobrenatural, como eles afirmam, há pelo menos necessidade de transcendência.»). O nosso escritor, que nasceu num mundo comunitário, pensa que é

em grupo («em procissão») que se torna mais fácil termos acesso «às nascentes sagradas que, parecendo manar do chão bendito» que pisamos, na realidade nascem das funduras «da própria alma.» (Torga, 1999: 1298-9).

Na segunda, já parcialmente utilizada no capítulo sobre o Porto, o autor de *O Outro Livro de Job* revela-nos que acredita que o povo, apesar de longas e diversas manobras do poder (político e religioso) para desvirtuar o seu sentimento religioso conserva a essência da sua crença. Nesta nota (estamos em Maio de 1977) a agressividade de Torga em relação ao poder político é, porventura, maior do que a manifestada nos anos duros do Estado-Novo:

O delírio subversivo foi longe demais. (...) E o povo, com o instinto de conservação intacto, protesta. (...) E talvez seja lícito ler no seu gesto reactivo uma mensagem positiva de salvação. Virando assim costas desassombradamente aos valores falsificados que lhe quis inculcar uma revolução de mentira, acaba por restaurar em nós a esperança numa revolução de verdade. (Torga, 1999: 1336)

12.6. NO RIBATEJO

Na província do Ribatejo Torga encontra-se no «sítio do mundo onde (...) é mais belo e natural» (Torga, 1986a: 108) o embate do instinto de homens e bichos «nos terreiros que o sol da razão não ilumina» (Torga, 1986a: 108). E Torga convida-nos a contemplarmos o campino, o cavalo e o toiro nas ubérrimas lezírias ribatejanas e uma pega numa praça de touros. É ainda no Ribatejo e a propósito da luta entre homens e touros que Torga exclama: «As sociedades protectoras de animais quadrúpedes e bípedes têm-se esforçado por negar à vida a legítima afirmação das suas leis profundas.» (Torga, 1986a: 107-8). É particularmente interessante este pensamento num homem que lutou toda a sua vida pela não violência e pelo respeito por todas as manifestações de vida. O escritor da Montanha encontrava nestas manifestações não iluminadas pelo «sol da razão» uma forma de se libertar de uma pesada racionalidade que o caracterizava e que lhe dificultava a identificação, não raras vezes procurada, com os homens do tempo das pinturas de Altamira. Torga ambicionava atingir o absoluto, e o absoluto passa também pela irracionalidade.

Quanto ao Ribatejo é também incontornável a sua descrição, e crítica implacável, do marialvismo que anualmente se exibia na feira de S. Martinho, na Golegã. A crítica torna-se particularmente pungente quando, já quase no fim, Torga compara a nossa feira à feira espanhola de Sevilha:

Incapaz de criar nada de grande, conteúdo e cenário, a nossa fidalguia manhosa opôs à feira de Sevilha esta da Golegã. E num palco de miséria e água-pé, aqui vem neste dia exhibir os safões e as esporas. Trazida pelas rodas do progresso, que a hão-de trilhar, sai dos automóveis a arrastar a gota, e sobe para as velhas caleches da ortodoxia. (Torga, 1999: 398)

12.7. NO ALENTEJO¹³⁸

Mas o que nele é sobretudo extraordinário é a sua inflexível determinação de conservar uma fisionomia inconfundível, haja o que houver.

(Torga, 1986a: 127)

Gosto de vir de vez em quando ao Alentejo desdobrar a alma. É como se a estendesse num coradoiro imenso.

(Torga, 1999 : 775)

Há terras onde pegamos de estaca e temos como que um segundo nascimento activo, sem progenitores.

(Torga, 1999: 1369)

O Senhor Ventura não podia conceber um filho seu, que nem português falava, na terra portuguesa de Penedono. Não. Ficava já no Colégio de Santo António, e, quando mais tarde soubesse dizer Alentejo, como um cristão, iria.

(Torga, 1991a: 147-8)

Pela importância atribuída pelo autor de *Portugal* ao megalitismo, a Évora, à autenticidade, à paisagem e ao livro *O Senhor Ventura*, pensamos ser correcto afirmar

¹³⁸ Neste capítulo, o Alentejo ocupa um espaço consideravelmente maior do que as outras províncias por dois motivos: primeiro, porque já muito foi dito sobre as outras províncias a propósito de cidades onde o escritor viveu e termas ou praias que frequentava; depois, porque Torga tinha uma relação privilegiada com o Alentejo.

que, para Torga, é no (Alto) Alentejo, a par com Trás-os-Montes, que se encontra a maioria das mais profundas raízes da nação. No poema «Canção a Évora» o escritor transmontano chega mesmo a preterir o seu berço a favor da «Moira cativa e rainha»: «Évora que não és minha/ E que eu gostava de ter (...) Ah! Se eu pudesse mudar,/ Já que tu, moira, não mudas!...» (Torga, 1999: 340)

Talvez não seja por acaso que é no Alentejo (Amieira, concelho de Nisa) que Torga nos faz uma das suas mais esclarecedoras confidências sobre a importância vital que tinha para ele viajar em Portugal : «Cada qual procura-se onde se sente perdido. Eu perdi-me em Portugal, e procuro-me nele.». (Torga, 1999: 899)

A arquitectura alentejana é um dos patrimónios alentejanos que mais impressionou Torga. Vejamos o que nos diz sobre o megalitismo e sobre a cidade de Évora.

Pensamos ser correcto afirmar que Torga encontra no Homem megalítico o primeiro representante do Homem actual. Para o nosso escritor, o Homem megalítico tem pátria, religiosidade e espantosa capacidade de trabalhar a pedra e compreender a terra (ver Torga, 1999: 1559 e 1583). Não admira, pois, que Torga se sentisse fascinado pelas construções megalíticas e que tenha visto no dólmem do Zambujeiro um «assombroso prenúncio de tudo o que depois fizemos de grande em pedra espiritualizada. Uma igreja de Alcobaça megalítica, com sua nave, sua capela-mor, sua religiosidade ascensional.» (Torga, 1999: 1559).

Évora

até hoje, em Portugal, só esta terra me deu a justa medida e a justa prova da séria e humana pegada que deixaram no seu caminho nossos pais.
(Torga, 1999: 157).

não há em Portugal maná tão doce e apetitoso. O espírito, aqui, senta-se à sua mesa.

(Torga, 1999: 1099)

A cidade de Évora, classificada pela UNESCO como património mundial, foi inúmeras vezes visitada por Torga e algumas vezes descrita. Entre os anos quarenta e oitenta, não há uma única década em que Torga não escreva sobre Évora. Na década de 50 a capital do Alto Alentejo não é contemplada no *Diário*, mas ocupa lugar de destaque no capítulo «Alentejo» de *Portugal*, cuja primeira edição data de 1957.

Podemos dizer que Évora está para o mundo urbano, assim como Rio de Onor, Vilarinho das Furnas e Castro Laboreiro estão para o mundo rural: representam o paradigma a seguir.

De facto, nas sete notas do *Diário* sobre Évora, e numa página de *Portugal*, a cidade alentejana surge sem uma única mácula. Tudo nela é harmonia, história, arte, dignidade, purificação, autenticidade, destino colectivo, tradição e visão do futuro; tudo nela é empolgante.

A primeira nota escrita em Évora, e citada em epígrafe, dá o mote para tudo o que Torga viria a escrever sobre a cidade.

Vejamos as passagens mais significativas (às quais devemos juntar, obviamente as citações em epígrafe):

- «É de noite que eu gosto de ver Évora (...) é tal a transfiguração, que de madrugada tenho sempre de molhar as mãos na fonte do Giraldo para me reencontrar.» (Torga, 1999: 505).
- Um «grito/Da condição humana,/ Erguido na planície alentejana.» (Torga, 1999: 1096) Estes versos fazem parte do poema «Coluna», no qual o poeta estabelece um paralelismo entre as colunas do «templo de Diana» e os menires do Alto Alentejo.
- «Enquanto os companheiros ouviam missa, purifiquei-me eu a deambular mais uma vez pelas calçadas desta cidade bem amada.» (Torga, 1999: 1288)
- «uma autenticidade que nunca teve pejo de enfrentar o futuro alicerçada na tradição.» (Torga, 1999: 1289)
- «a pegada dos séculos é sempre a feliz ilustração de um destino colectivo, e cada esquina um Jano de pedra e cal, com o duplo rosto voltado para o que foi e para o que há-de ser.» (Torga, 1999: 1289)

Não admira que depois desta exaltação cultural de quatro décadas (entre 1942 e 1982) Torga tenha escrito na sua última nota sobre Évora (14-8-1982): «O aprumo interior a que nos obrigam certas terras do mundo! (...) É uma dignidade ambiente que se pega, que nos impõe a mesma autenticidade, a mesma pulcritude, a mesma distinção.» (Torga, 1999: 1466).

A página e meia dedicada em *Portugal* a Évora (pp. 124-6) é fascinante, mas não acrescenta nova informação à que encontramos nas notas do *Diário*.

Terminemos as considerações sobre a Évora torguiana chamando a atenção para o partido que o turismo cultural poderia tirar caso, não só em relação a Évora mas em relação a todas as cidades, seguisse o conselho do nosso mestre: realizar visitas nocturnas. As cidades têm de noite uma poesia diferente da do dia, para além de haver mais espaço livre para as pessoas se movimentarem e menos poluição sonora e atmosférica. As visitas nocturnas são ainda um excelente motivo para depois de um jantar, que em férias nem sempre é frugal, se fazer algum exercício físico.

Todas as províncias requerem uma adequada preparação para nelas entrarmos. Mas o Alentejo requer cuidados redobrados. Torga aconselha-nos nestes termos: «Será preciso quebrar primeiro a nossa luneta de horizontes pequenos» (Torga, 1999: 127) E, o escritor aconselha ainda a prepararmo-nos para encontrar o «diverso», o «inesperado» e o «antagónico», pois só assim estaremos aptos para praticarmos «um acto de entendimento» (Torga, 1999: 126). Miguel Torga considera que o Alentejo revela «uma inflexível determinação de conservar uma fisionomia inconfundível, haja o que houver.» (Torga, 1999: 127)

O exotismo do Alentejo encontra-o Torga com os olhos, com o paladar e com os ouvidos, na paisagem, na arquitectura, na luz, na gastronomia, no traje¹³⁹, na música e na fala. O artesanato alentejano é outra manifestação da cultura regional que empolga Miguel Torga e cujo mérito atribui à terra e ao homem: «Dando às mãos ágeis e fantasistas materiais nobres e moldáveis – o mármore, o cobre, a lã, o coiro e o barro - , a terra alentejana quis que a vida no seu corpo tivesse beleza.» (Torga, 1999: 124).

Em nenhuma outra província, como o Alentejo, há um «limite nítido entre a intimidade do homem e a integridade do ambiente.» (Torga, 1999: 122). E Torga explica: «são em redil os aglomerados, respeitosos da extensão imensa que os circunda, e um suíno (...)

¹³⁹ Repare-se nesta coisa espantosa que nos diz sobre o pelico: «É preciso ter uma grande dignidade humana, uma certeza em si muito profunda, para usar uma casaca de pele de ovelha com o garbo dum embaixador.» (Torga, 1986a: 123)

não faz parte da família (...) Assegura-se dessa maneira a conservação duma dignidade que o bípede não deve alienar, nem a paisagem perder.» (122)¹⁴⁰

A imensa planície alentejana, com algumas colinas de barro, levou o autor de *O Senhor Ventura* a afirmar: «Só daquelas ondas de barro, que se sucedem sem naufrágios e sem abismos, se poderia partir com confiança para as verdadeiras (...) passado o Tejo, a grei foi afeiçoando os olhos à grande luz das distâncias...» (Torga, 1999: 119).

É um facto que Torga nos fala assombrosamente dos grandes navegadores/aventureiros, a quem a nação presta culto, em *Poemas Ibéricos* (não só no capítulo «Heróis», mas também no capítulo «História Trágico-Marítima»); mas o aventureiro que melhor responde ao constante e profundo desejo torguiano de «descobrir e saber, (...) de distância e de perigo» (Torga, 1991b: 13) é o alentejano «Senhor Ventura».

É ainda este alentejano aventureiro que serve de paradigma «do nosso destino nacional e universal» (Torga, 1991b:111). Somos do mundo inteiro, mas há «um tropismo que nos anda no sangue e nos chama em qualquer parte do mundo a este pobre redil (...) ao mesmo tempo tão absurdo e tão humano.» (Torga, 1991b: 110)¹⁴¹

Pensamos que a obra de Torga *O Senhor Ventura* não tem sido suficientemente valorizada. A beleza e rigor de análise, feita pelo escritor-aventureiro, da «raiz mais funda» (Torga, 1991b: 115) que prende uma pessoa à sua terra natal, só encontra paralelo nos textos sobre S. Martinho de Anta.

Tendo em consideração a paixão de Torga pelo Alentejo não é de estranhar que em 15-8-1978 tenha escrito no Torrão a seguinte nota:

Há terras onde pegamos de estaca e temos como que um segundo nascimento activo, sem progenitores. Vivi aqui horas de tanta intensidade literária, política, religiosa e lúdica, que Bernardim Ribeiro bem podia considerar-me seu conterrâneo. Duvido que a

¹⁴⁰ Em nota escrita em Vila Nova de Miranda do Corvo em 22-1-1936, Torga apresentava, sobre este tema, uma visão bastante diferente: «A intimidade desta vida de aldeia é um espectáculo ao mesmo tempo repugnante e maravilhoso. Estrume da cabeça aos pés. Entre o porco e o dono não há destriça. Mas, ao cabo, esta animalidade toda, de tão natural, acaba por ser pura e limpa como a bosta de boi. (Torga, 1999: 37)

¹⁴¹ Não esqueçamos que *O Senhor Ventura* já nos deu um contributo importante para compreendermos a alma do Fado, tema que abordámos no capítulo sobre Lisboa.

naturalidade dele seja mais significativa do que a minha naturalização. (Torga, 1999: 1369)

E terminemos o capítulo sobre o Alentejo com uma reflexão do autor de *Portugal* sobre os portugueses e a sua História: «É sempre no Alentejo que esta ideia me vem: o português, que entendeu tão profundamente o mar, teria entendido igualmente a terra?» (Torga, 1999: 816). Parece-nos ser esta pergunta um excelente desafio a quem pratica turismo no espaço rural (e, obviamente, aos responsáveis pela política agrícola nacional).

12.8. NO ALGARVE

Torga também fazia, e com imensa satisfação, férias. E, a partir dos anos setenta, o lugar privilegiado era, a par de Chaves, o Algarve, província que lhe foi particularmente difícil de radiografar porque toda ela, à excepção de Sagres, é, para o autor de *Portugal*, diferente do resto do país.

O autor de *Portugal* encontrou no Algarve uma geografia onde: «A terra não hostiliza os pés, o mar não cansa os ouvidos, o frio não entorpece os membros, e os frutos são doces e sempre à altura da mão.» (Torga, 1986a:132) E a noite algarvia era para o poeta ainda «mais acolhedora do que o dia» porque «coberta por um manto de estrelas dum resplendor de festa, a alma, em vez de adormecer como de costume, sonha». Não admira, pois, que depois destas constatações o poeta afirme: «A ideia que tenho dum paraíso terrestre, onde o homem possa viver feliz ao natural, vem-me dali.» (Torga, 1986a: 135).

12.9. AÇORES E MADEIRA

O autor do *Diário* visitou em 1970 S. Miguel, Pico, Faial e Terceira, e regressou em 1989 a S. Miguel para ser galardoado (em 10 de Junho) com o Prémio Camões.

Podemos afirmar que os textos torquianos sobre os Açores nos remetem essencialmente para temas recorrentes da sua obra, tais como: Natureza, Insularidade, Lusofonia, Literatura, Humanidade e Esperança. Mas nos Açores, muito particularmente em S.

Miguel, Torga encontrou um terreno e um contexto ubérrimos para se envolver com os seus temas predilectos; por conseguinte atinge, frequentemente, momentos de paroxismo e enorme confiança.

Façamos algumas citações:

- «Assombrado, perdi a firmeza diante dum tal fascínio» (Torga, 1999:1174);
- «verifico que esses excessos de natureza apenas sublimam o que já era deslumbrador.» (Torga, 1999: 1175);
- Há, nos Açores, uma lusitanidade «que nenhum abandono metropolitano esmorece e nenhuma presença estrangeira desfigura.» (Torga, 1999: 1176). (Esta afirmação é particularmente importante quando a comparamos com o que sobre o mesmo assunto nos diz sobre a Madeira.);
- A língua portuguesa tem uma «aptidão planetária», o que permite que «Quem conhecer o dia de amanhã, há-de presenciar o prodígio dum imenso espaço humano multirracial, a entender-se nas mesmas palavras de Gil Vicente e de Machado de Assis, e a produzir com elas obras imprevisíveis e certamente imorredouras, numa fecunda congregação de diversidades.» (Torga, 1999: 1661).

Torga, que assumiu durante toda a sua vida o compromisso de nunca deixar de ser «no comportamento e na arte (...) um sinaleiro da esperança», termina o seu Diário Açoriano (11-6-89) com um poema dedicado a Antero e à Esperança (poema citado quando no capítulo «Chaves» abordámos o tema Esperança. É este o momento mais alto do paroxismo do autor de *Cântico do Homem* nos Açores (experiência vivida no Campo de S. Francisco, junto ao local onde Antero pôs termo à vida – a âncora que se encontra esculpida no muro do Convento da Esperança).

A ilha de S. Miguel tem um tesouro torguiano. Como preservá-lo e potenciá-lo?

Quatro sugestões:

- Atribuir o nome de Miguel Torga a uma artéria importante de Ponta Delgada;
- Colocar uma placa com o poema «A Âncora» no Campo de S. Francisco;
- Organizar anualmente um seminário sobre Torga, destinado a docentes e técnicos de turismo.

- Realizar um périplo torguiano em S. Miguel, todos os anos, no dia 12 de Agosto – **Dia de Miguel Torga**. Agosto é um mês em que muitos turistas portugueses do continente visitam S. Miguel, principalmente desde que em inícios deste ano (2015) tiveram início as carreiras de low-cost.

Madeira

Torga passou na Madeira em 1920 quando, como emigrante, viajava para o Brasil. Não desembarcou, mas guardou dela uma imagem de «formusura sem mácula.» (Torga, 1999: 1180).

Em 21-3-1970, regressando de uma viagem aos Açores, visita a Madeira. Com um programa que só a ânsia e a resistência de Torga aguentavam, e acompanhado por inúmeras leituras, que não especifica, percorre a cidade («em todas as direcções urbanas e sociais»), Câmara de Lobos, Cabo Girão, Pico dos Barcelos, o Monte, Pico Ruivo, Ribeiro Frio, Faial, Souto da Serra, Camacha. E conclui anatematizando os madeirenses e a prática turística: «O íncola sem a força preservada do açoriano, e os hábitos sem raízes no sagrado. Almas e práticas maculadas pelo morbo cosmopolita...» (ver Torga, 1999: 1179-80).¹⁴²

Entre 25 e e 31 de Agosto de 1980 volta à Madeira. Embora continue a criticar as consequências do mau turismo [«Nas nossas estâncias turísticas, (...) o alheio sobrepõe-se de tal modo ao caseiro que o configura.» (Torga, 1999: 1425)] revela-nos uma enorme paixão pelo Pico do Areeiro, Porto Moniz, Cabo Girão, e, principalmente, pela paisagem humanizada das levadas que tanto lhe faz lembrar o seu «Doiro amado»: «Aqui como lá, a mão laboriosa soube humanizar a rude paisagem natural sem a desfigurar. O que era majestoso e belo de origem, ficou ainda mais majestoso e belo depois de granjeado.» (Torga, 1999: 1427).

¹⁴² É no regresso desta viagem que, ainda a bordo, escreve o poema já nosso conhecido «Descoberta».

12.10. BREVES INCURSÕES EM ESPANHA

O génio de um povo está patente na primeira aldeia fronteiriça.
(Torga, 1999: 1423)

Em Espanha, o humano configura tudo.
(Torga, 1999: 960)

A “Hombridad” espanhola é uma sobrançeria geográfica. Não há grandeza possível emoldurada num pequeno caixilho territorial.
(Torga, 1999: 955)

Parece-nos não ser descabido recordar que esta tese visa encontrar a interacção entre o rosto de Portugal e o de Torga. Mas não podemos esquecer que o autor de *Portugal* dizia que para alcançar a plenitude necessitava não só de percorrer o território e a cultura nacionais, mas também toda a Ibéria telúrica e cultural.

Ao analisarmos *Poemas Ibéricos* e quando, em diversos passos da tese, abordámos o iberismo torguiano, encontrámos, pensamos nós, o essencial do pensamento torguiano sobre a Ibéria. Consideramos, contudo, que faz sentido dedicar um (pequeno) capítulo a quatro cidades espanholas próximas da fronteira (Santiago de Compostela, Salamanca, Mérida e Sevilha) todas elas classificadas pela UNESCO), porque:

- Num itinerário turístico, sem deixarmos de dormir em Portugal, é possível, dedicando a cada uma delas um full-day, ficar a conhecer a especificidade de cada cidade;
- Todas elas têm uma enorme importância histórica e artística, e podem dar um inestimável contributo para o conhecimento de Portugal:

. Santiago de Compostela, numa perspectiva religiosa. Não esqueçamos os *Caminhos de Santiago* e os conflitos anteriores à fundação da nacionalidade entre as dioceses de Braga e de Santiago;

. Salamanca, na área cultural. Joaquim Veríssimo Serrão em *História das Universidades*, escreveu: «Poucas Universidades tiveram nos fins da Idade Média a fama do estudo salmantino, ao ponto de ser considerada um dos quatro centros do saber, a igual nível de Paris, Bolonha e Oxford.» (Serrão, 1983: 53);

. Emerita Augusta (Mérida) foi capital da Lusitânia, e sabemos a importância que Torga atribuía às capitais e à cultura romana;

. Sevilha conserva um fabuloso património islâmico e cristão, que muito contribuíram para a formação da idiossincrasia sevilhana. Patrimónios e idiossincrasia de Sevilha marcaram profundamente o autor de *Poemas Ibéricos*.¹⁴³

Pensando na máxima torguiana [citada em epígrafe e comentada no sub-capítulo «Torga e as Viagens» (1.2)] - «O génio de um povo está patente na primeira aldeia fronteiriça.», diríamos que se ela é manifestamente exagerada, já não o seria se o escritor dissesse que visitando algumas cidades, cuidadosamente selecionadas, podemos conhecer um país. Parece-nos que é o que se passa com estas quatro cidades, tanto mais que o espaço geográfico em que se encontram são profundamente distintos.

Salvato Trigo considera que a última estância do poema «Ibéria» «sintetiza (...) a ideia e o sentimento ibéricos de Miguel Torga». Ideia e sentimento que o reitor da Universidade Fernando Pessoa identifica com uma gigantesca «Terra-Mãe» (Trigo, 1994 :11), isto é, um «continente cultural, económico e político» (Torga, 9-2-1983) onde Portugal tem uma espantosa e positiva vocação marítima (que justifica a sua independência¹⁴⁴). Pensamos que esta interpretação da última estância de um dos poemas que Torga selecionou para o disco *Oitenta Poemas*, e à qual nós aderimos, reforça a importância de um Itinerário na Casa do Orfeu Rebelde incluir as quatro cidades espanholas em causa.

O autor de *Diário* é extremamente parco em textos sobre **Santiago de Compostela**, mas a curta nota que lá escreveu em 1962 (já depois de muito ter viajado em Espanha) é um enorme desafio, onde não falta um forte toque de ironia, à reflexão sobre o significado da grandiosidade das catedrais do país vizinho:

Confesso que ainda não cheguei a perceber se os espanhóis erguem tantas e tão grandes catedrais porque têm necessidade de espaço onde caiba a muita fé que os devora, ou se, pelo contrário, constroem primeiro os templos desmedidos para se obrigarem depois a enchê-los de devoção. (Torga, 1999: 1010)

¹⁴³ A dimensão de Sevilha, justifica uma visita superior a um dia. Neste caso é particularmente difícil conciliar o conhecimento da essência da cidade com o interesse económico de conseguir que o turista durma sempre em território nacional.

¹⁴⁴ Ver Trigo, 2007: 352.

Salamanca surge no *Diário* em diversos anos: 1950, 1951, 1960 e 1970. Surge também n' *A Criação do Mundo – III* pp. 23-4)

Encontramos, nestes textos, esclarecimentos sobre a forma como Torga sentia os dois países e reflexões sobre o poder telúrico e o poder humano (onde se inclui o político e o clerical). As referências ao autor de *Del Sentimento Trágico de la Vida*, só por si já justificariam uma utilização em Itinerários Culturais destes textos torguianos sobre Salamanca.

N' *A Criação do Mundo*, o nosso Miguel encontra-se com «a sombra tutelar do grande biscainho» na Plaza Mayor, na velha Sé e na Universidade. Torga revela-nos uma espantosa admiração pela hombridade do grande reitor que, durante uma cerimónia oficial, respondeu «ao grito de “morte à inteligência”» da «estupidez fardada» com as seguintes palavras:

- Este é o templo do intelecto, de que eu sou o sumo-sacerdote. Sois vós quem profanais os seus paços sagrados. Vencereis, porque possuis força bruta mais que suficiente. Mas não convencereis, porque para convencer é necessário persuadir. E para persuadir seria preciso possuídes aquilo de que careceis nesta luta: razão e direito. (Torga, 1971: 24).

Este «sumo-sacerdote», que assimilou na íntegra a «lição de coragem mental» (Torga, 1971: 23) de Frei Luís de León, empresta a Salamanca a sua fisionomia¹⁴⁵. E esta fisionomia é:

uma máscara patética de poeta, talhada em calcário róseo, alanceada de fé e de cepticismo, possessa de temporalidade, onde os arados que lavram a planície circundante prolongam os sulcos doridos do eternamente agónico sentimento trágico da vida. (Torga, 1999: 960)

Contudo, este extraordinário poder do reitor da Universidade não é suficiente para se opor com sucesso ao poder político e religioso. Em pleno franquismo (meados do século XX, mais precisamente em 1950) Torga escreve em Salamanca: «Pensar, em Castela, é deambular numa prisão. A prisão da Fé e da Pátria.» (Torga, 1999: 536)

Os textos de Salamanca são ainda de enorme valor para compreendermos melhor o pensamento torguiano sobre a influência da geografia na formação do carácter dos seus habitantes (e do nosso):

¹⁴⁵ Torga diz-nos que em Espanha «As próprias cidades acabam por ter um rosto de gente. Trujillo, o de Pizarro; Medellin, o de Cortez; Toledo, o de Greco; Ávila, o de Santa Teresa; Soria, o de Machado; Granada, o de Lorca; Valência, o de Ibañez» (Torga 1999: 960)

Há nesta Espanha um lado que me fere sempre: a constância. Terra dum largo alento, onde cada paisagem insiste na retina horas a fio, o tempo das suas reacções é diferente do nosso, habitantes que somos dum microcosmo, e por isso homens de espasmos e de mutações. Incapazes, por condenação telúrica, destas sementeiras em grande, destas arquitecturas em descomunal, destas façanhas em absoluto, mesmo nos melhores tempos da nossa valentia ficámos sempre aquém da fúria castelhana. Vasco da Gama necessitava de ter sempre as costas quentes com os canhões da armada; Cortês, esse desembarca de espada em punho e manda queimar os navios para que nem ele nem os companheiros pudessem fugir à aventura. (Torga, 1999: 599-600)

Nove anos mais tarde reforça esta ideia, nos seguintes termos:

A «hombridad» espanhola é uma sobranceria geográfica. Não há grandeza possível emoldurada num pequeno caixilho territorial. Ninguém peça largueza de espírito, fidalguia de gestos, nobreza de atitudes a um homem que viva a tropeçar nas fronteiras da pátria e a contar os grãos de centeio da courela que amanhã. (Torga, 1999: 955)

Em 1970 volta a escrever em Salamanca sobre a cidade e, também, sobre Espanha. A curtíssima nota que regista no *Diário* é bem reveladora da perda de poder da Igreja Católica no fim do franquismo: «Olho as torres da Catedral e da Cleresia, e só consigo ver nelas foguetões do passado apontados ao céu, a que faltasse no presente o carburante da fé. (1188)

Mérida merece a Torga apenas duas notas no *Diário* (uma em 1951 e a outra em 1960), mas qualquer uma delas tem enorme valor.

A nota de 15-4-1951 constitui uma reflexão sobre a civilização romana. O imponente, diversificado e bem conservado património arqueológico romano de Emerita Augusta, leva o diarista a sistematizar bem o seu juízo sobre a política imperial dos «senhores do Lácio». Ao contrário dos gregos, os romanos, do período imperial, «sôfregos de poder, quiseram engolir o mundo, e qualquer chão lhes servia para ostentar a monumentalidade da sua força.» Insensíveis à especificidade das diversas paisagens «só a eficiência das construções utilitárias e em série os contentava.»

Ainda nesta nota, o autor de *Poemas Ibéricos*, diz-nos que em matéria de beleza «os senhores do Lácio nunca convenceram ninguém fora de casa.» Em 1967 viria a mudar, não radicalmente, mas bastante, de opinião. Estamos a pensar na nota que escreveu em

Monforte do Alentejo, sobre a **Villae** de Torre da Palma, onde, perante um painel de mosaicos, representando as nove Musas, a sua «alma de poeta exultou». (Torga, 1999: 1123)

A outra nota (8-6-1960) remete-nos para a velha questão do Iberismo. É raro Torga referir-se com tanto entusiasmo a esta forma de sentir e pensar a Ibéria como acontece aqui. O crescimento físico, espiritual e intelectual atinge a plenitude:

Não há dúvida que me sinto bem a pisar terra espanhola! É uma sensação agradável de alargamento físico, de reconciliação íntima, de fome satisfeita. Parece que se completam em mim não sei que crescimento celular interrompido, que voo espiritual travado, que compreensão esboçada. (...) A minha humanidade tem agora as dimensões da Península (...). Vou do realismo minhoto ao misticismo castelhano, do transbordamento andaluz à contensão asturiana, da resignação galega à insubmissão catalã, sem tropeções. Sou outro homem. Ou o mesmo, esquecido de Aljubarrota e do tratado de Tordesilhas. (Torga, 1999: 958-9)

No sub-capítulo 1.4 («Torga e o Património Construído») citámos a nota escrita em **Sevilha** em 16-4-1951. Nesta nota sentimos todo o ser de Torga abraçando a cidade e as suas gentes, o que o levou a afirmar: «se houve um encontro feliz de raças e de civilizações, foi, na Andaluzia.»¹⁴⁶ (Torga, 1999: 595) Torga, que também tinha uma grande admiração pela civilização judaica, refere-se na nota em causa exclusivamente ao encontro de cristãos e muçulmanos.

¹⁴⁶ Em Córdoba existe um pequeno, mas precioso «Museu das Três Religiões» que põe em destaque o contributo civilizacional dado pelo convívio, na Andaluzia, de crentes das três religiões monoteístas.

CONCLUSÃO E PROPOSTAS (TENDO COMO PANO DE FUNDO O MOSTEIRO DA BATALHA)

Em que rosa-dos-ventos há um caminho/ Português?
(Torga, 1999: 1311)

Capazes de intuições que depois se mostram fecundas, não temos o condão de as estruturar e de oferecer ao mundo uma obra acabada, na altura em que o mundo precisa dela.
(Torga, 1999: 560)

Terra nua e tamanha/ Que nela coube o Velho-Mundo e o Novo.../ Que nela cabem Portugal e Espanha/ E a loucura com asas do seu Povo.
(Torga, 1995a: 7)

A querer imitar e suplantar o alheio, apenas se consegue diminuir o próprio. Grande, só a multiplicação incansável do autêntico.
(Torga, 1986a: 66)

1. CONCLUSÃO

Nota prévia

Um dos dois maiores cumprimentos que podemos fazer a Miguel Torga é sentirmos que, depois de tantos anos de íntimo e fascinante convívio, temos total autonomia em relação à obra e ao escritor. Não é verdade que o autor de *Libertação* sempre desejou que cada pessoa fosse tão autónoma quanto possível?

O segundo dos maiores cumprimentos que lhe podemos fazer tem a ver com o facto de nunca encontrarmos ódio na sua obra. Em todos os seus livros encontramos, com frequência, momentos de indignação e arriscada denúncia de prepotências, que por vezes levam o Orfeu Rebelde a incitar à revolta armada, mas trata-se sempre de uma rebeldia onde o ódio está ausente e onde ele tem plena consciência de que «Combater é, em termos absolutos, uma diminuição.» (Torga, 1999: 286).¹⁴⁷

¹⁴⁷ Vejam-se as notas do *Diário* de 22-5-1944 e de 22-6-1971 e os últimos versos do poema «Exortação a Sancho» de *Poemas Ibéricos*. Estamos certos de que Torga, se estivesse entre nós, defenderia uma ofensiva militar contra o Estado Islâmico. Contudo, diria o que disse em 1945: «Combater é, em termos

Quando estamos no Mosteiro da Batalha e pensamos no que grandes nomes da nossa literatura disseram sobre o Mosteiro, sentimo-nos num Reino Maravilhoso, onde encontramos espaço para o nacionalismo e o universalismo¹⁴⁸, o mesmo é dizer, parafraseando Régio e Torga, que estamos numa casa que tem «alma e nervos» e, por conseguinte, virtualidades para ser surda «às razões do tempo e da fortuna», e capaz de levar quem a visita a procurar a purificação.¹⁴⁹ Estamos, pois, no espaço ideal para concluir a nossa tese e apresentar propostas.

Porque o autor de *Portugal* considerava que a pátria eterna pensa e sente a partir do cume duma alta montanha/serra, ou duma alta gávea, os seus leitores são inevitavelmente levados a olhar muito para além das fronteiras. Sendo assim, compreende-se que os principais contributos da arte do Orfeu Rebelde contemplem temas que têm uma dimensão universal: a tríade (amor, verdade e liberdade); a infância (e a juventude); a ecologia; e o turismo cultural.

Eugénio Lisboa chamou-nos a atenção, no nosso primeiro encontro, para a importância de Torga para a ecologia. Disse-nos que os ecologistas ainda não se tinham apercebido do partido que poderiam tirar da obra torguiana. Concordámos de imediato, e à medida que o trabalho foi avançando solidificou-se essa ideia.

Nós acrescentamos que a esmagadora maioria dos pedagogos ainda não se apercebeu do partido que podem tirar da obra do autor de *Bichos*. Torga sempre acreditou que a maioria das crianças começa por ser «uma fome incontida de viver» (Torga, 1999: 1390). Mas, tragicamente, pelo caminho a maior parte vai-se perdendo.

Acrescentamos, ainda, que os docentes e os técnicos de turismo ainda estão longe de descobrir a mais valia que o autor de *Portugal* pode trazer para a expansão de um

absolutos, uma diminuição.», pois não se esqueceria de que o mundo ocidental teve, frequentemente, perante o mundo islâmico uma postura de total ausência de «devoção humanitária.» (Torga 11-7-1947).

¹⁴⁸ Pensemos no **Herculano** das *Lendas e Narrativas* («Não é este edifício obra de reis, aindaque por um rei me fosse encomendado seu desenho e edificação, mas nacional, mas popular, mas de gente portuguesa, que disse: *não seremos servos do estrangeiro e que provou seu dicto.*»); no **Oliveira Martins** de *Os Filhos de D. João I* («D. João I, conta seu filho, sentindo os encargos do rei, em uma roupa fez bordar um camelo, por ser besta de maior carga, com quatro sacos, em que eram postos sobre cada um estas letras: no primeiro, temor de mal reger; no segundo, justiça com o amor e temperança; no terceiro, contentar corações desvairados; no quarto, acabar grandes feitos com pouca riqueza.»); no **Jaime Cortesão** de *Portugal – A Terra e o Homem* («que Deus guie todos os loucos que lutam pela independência e a liberdade dos homens!»); no **Torga** d'*A Criação do Mundo* («na Batalha, a ler português, descobria a dimensão íntima da pátria.»); no **Saramago** de *Viagem a Portugal* («Estão ali dois soldados vivos a guardar um soldado morto. E um arquitecto morto que guarda os soldados e o viajante. Há-de encontrar-se um modo de nos guardarmos a todos.»).

¹⁴⁹ Ver Régio, 1982: 149-150 e Torga, 1999: 1048 e 1288.

turismo de qualidade, de qualquer faixa etária, e que pode ajudar a combater a sazonalidade e a estimular a procura de regiões do país que estão fora das principais rotas turísticas.

Reflectindo sobre a construção das grandes obras, Torga disse: «É uma tolice desculpar um falhado com argumentos de meio, época, saúde, idade, etc. O verdadeiro triunfador cria as condições da sua realização.» (Torga, 1999: 328). Discordamos, em larga medida, do autor. No caso concreto da sua obra pensamos que, muito mais do que criar as condições para triunfar, Torga alimentou e potenciou, na maior parte dos casos, as condições que lhe foram dadas. De facto, o que o autor d'*A Criação do Mundo* conseguiu realizar é assombroso, principalmente se tivermos em consideração que partiu de um meio muito pobre e muito afastado dos centros da cultura. Mas o jovem Adolfo Rocha recebeu em S. Martinho de Anta aquilo que muitos jovens nascidos em berço de ouro, nas grandes cidades da cultura, não recebem: inteligência, saúde (que, não raras vezes, malbaratou), virilidade e uma família que lhe deu um inesgotável amor e um tesouro de valores morais. Parece-nos que a auto-estima exacerbada, que com alguma frequência se apoderava do Orfeu Rebelde, nem sempre lhe permitiu consciencializar-se dessa realidade, com excepção, obviamente, no que concerne ao amor e aos valores morais que recebeu da família.

A extraordinária capacidade que Torga tinha de alimentar e potenciar o que herdou levou-o a:

- conquistar um grupo invejável e diversificado de amigos. Para além da família de S. Martinho e agregado [ama e «ti Maria Ambrósia» (Torga, 1994a: 104)], há que registar o pintor Guilherme Filipe, o escritor Ruben A., o poeta Manuel Alegre, os padres Valentim e Avelino¹⁵⁰, os médicos Mário Vale, Frederico de Moura (autor do livro *Vestígios de Miguel Torga*), e Sampaio e Melo, os professores de Coimbra Paulo Quintela e Martins Carvalho, a revisora dos seus textos (Maria da Conceição Morais Sarmento), Leandro Morais Sarmento (confidente de Torga e responsável pela paixão do poeta por banda desenhada) e Mário Vilela (ex-presidente da Junta de Freguesia de S. Martinho de Anta), que herdou do autor do conto «O Caçador» as armas e roupas de

¹⁵⁰ Há, ainda, que acrescentar o padre «Júlio», professor do «Ginásio de Ribeirão», ao qual nos referimos no capítulo «Período da vida de Torga entre S. Martinho e Coimbra». Recordemos o último período da citação referente ao velho padre: «Cada geração que vinha frequentar o Ginásio herdava da anterior o respeito por aquele velho, que passava na rua e deixava atrás de si um rasto de santidade encarnada.» (Torga, 1994a: 208)

caça. Parece-nos oportuno recordar aqui a máxima torguiana: «Viver é amar e ser amado» (Torga, 1999: 294);

- encontrar uma companheira ideal (Andrée Crabbé), com quem viveu cinquenta e cinco anos;

- optar por uma profissão que lhe permitiu contactar e ajudar, quase diariamente, quem sofre;

- escolher para viver uma cidade que, apesar dos aspectos negativos que o escritor não se cansava de assinalar, lhe permitiu um permanente contacto com a cultura (em boa parte através de tertúlias, prática cada vez mais em desuso), com a juventude e com a ruralidade (Coimbra, até meados do século XX, ainda tinha uma forte carga rural, e Miguel Torga, na casa onde passou a habitar, em 1953, tinha, para além dum jardim, uma horta);

- a não se esquecer que o contacto frequente com camponeses e pescadores era-lhe imprescindível para conhecer o rosto eterno de Portugal;

- organizar com rigor viagens culturais (foi pena que não tivesse viajado mais nos arquipélagos da Madeira e dos Açores, e no estrangeiro);

- possuir uma riquíssima biblioteca;

- saber olhar e apreciar outras manifestações artísticas, para além da literatura;

- ter uma excelente garrafeira. (Parece-nos que não se tem chamado suficientemente a atenção para o valor que tinha para o autor de *Odes* o culto do deus Baco. Não foi certamente por acaso que Andrée lhe ofereceu uma estátua do deus depois de ele ter escrito a ode «A Baco»).

Em 1947, Torga colocou uma questão fundamental para o progresso e dignidade da Humanidade. Hoje, a actualidade dessa questão mantém-se:

O único problema do nosso tempo é saber como se hão-de guindar as massas à vida e à cultura. (...) Como ? É o que resta saber. Os quadros da nossa cultura têm possibilidades

que não foram nem de longe esgotadas. (...) Mas para isso não basta só uma doutrina. É preciso também uma devoção humanitária. (Torga, 1999: 387)

Este homem, portador de uma sabedoria cósmica, porque profunda e assente numa enorme diversidade de pilares (alguns já em desuso, como seja o caso do telúrico e o das tertúlias), e que no mosteiro da Batalha se sente em casa, pode dar-nos a chave que nos ajuda «a guindar as massas à vida e à cultura.»

Ao comentar a morte de Rudolf Hess, Torga disse que só quem viveu os tempos trágicos do nazismo se lembrava desse «herói maldito» e acrescenta: «A História memória; mas o tempo desmemória. E o homem vive no tempo, não vive na História.» (Torga, 1999: 1599-1600).

Consideramos que é fundamental, e possível, pôr o homem a viver também na História. Aliás, quando o poeta nos diz que «Viver é ser no tempo intemporal» (Torga, 1999: 1729), está a dizer que também vive na História.

O Orfeu Rebelde e todos os grandes artistas podem ajudar os homens a viverem no tempo e na História. Por este motivo, é fundamental o entrosamento das grandes obras de artistas das mais diversas áreas. E a Batalha é um excelente lugar para vivermos na História.

Para o escritor da Montanha era imprescindível que soubéssemos imaginar. É esta a sua principal mensagem quando, em 1983, fala do mosteiro da Batalha, mais concretamente das Capelas Imperfeitas: «Vim completá-las novamente com a imaginação, como devia competir a todos os portugueses pelo menos uma vez na vida.» (Torga, 1999: 1478). Mas já nas décadas de cinquenta e de sessenta nos tinha chamado a atenção para o valor da imaginação. No poema «Cordial», de *Orfeu Rebelde*, diz: «Há milagres .../ Sempre a imaginação/ Imaginou.» e, em 1966, escreve no *Diário*: «(...) a falta que começa a fazer ao mundo a imaginação. Não a de o destruir, que abunda, mas a outra, que desapareceu: a de o reinventar.» (Torga, 1999: 1094)

No poema «Fernando Pessoa», o autor de *Poemas Ibéricos* lança à nossa imaginação um difícil, mas fascinante desafio quando escreve: «Foi o vidente filho universal/ Dum futuro-presente Portugal,/ Outra vez trovador e argonauta.» (Torga, 1995a: 67)

Qual é o Tosão de Ouro que temos que encontrar e quem é que o esconde?

Pensamos que Camões, Pessoa, Dias e Torga nos diriam que quem nos esconde o Tosão de Ouro somos nós próprios, porque sabemos que para o encontrar é necessário muita coragem, muito trabalho, muita organização e muita cooperação. Todas estas qualidades já as tivemos, mas foram-se perdendo depois dos Descobrimentos.

O actual Tosão de Ouro que temos que encontrar começa a ser desvendado por Torga quando nos diz, em pleno período de descolonização:

Nómadas do mundo, teremos de ser agora sedentários conviventes nesta Europa onde sempre coubemos mal e nunca nos soubemos realizar. (...) Hoje os caminhos não serão já os da demanda de espaços abertos a uma afirmação tolhida no berço, mas os de um achamento interior protelado séculos a fio. (Torga, 1999: 1281)

Nun'Álvares (que tem uma imponente estátua equestre no terreiro do mosteiro) ensina-nos que não há pátria sem coração [«Pátria – é um palmo de terra defendida./ A Lança decidida/ Risca no chão/ O tamanho do nosso coração» (Torga 1995a: 38)]. Foi com este sentimento que Torga escreveu o livro *Portugal*. Mas outra lição, não menos importante, que o Santo Condestável nos dá é a do inestimável valor da liberdade: [«A liberdade não discute os meios/De se manter.» (Torga, 1995a: 38)]

Em 1983 Torga afirmou que é fundamental sentir Portugal «na raiz da alma.» (Torga, 1999: 1495) Foi isto que Camões, Pessoa e Torga sentiram e que a esmagadora maioria das nossas elites não sente.

É essa paixão por Portugal que o leva a um profundo desejo de liberdade colectiva: liberdade perante a Espanha, a Europa, os Estados Unidos e a doutrina marxista. Contudo este sentimento de liberdade não o impede de ter também uma paixão pela Europa e, muito em particular, pela Ibéria. Falando do seu iberismo, diz-nos: «Não é paixão que entre em conflito com o que sinto pela pátria. É algo de afectivo que, sem a trair civicamente, lhe alarga as fronteiras para além de todos os limites culturais configuradores.» (Torga, 1999: 1495)¹⁵¹

Outro caminho que o «sinaleiro da esperança» nos aponta (e aqui também com o apoio dos seus pares Camões, Pessoa e Dias) é que é muito importante os políticos terem um forte sentimento poético, como foi o caso de D. Dinis.

¹⁵¹ Apesar desta afirmação, a questão do Iberismo em Torga não ficou devidamente esclarecida, como provavelmente não está resolvida em nenhum português. Pensamos que ao longo da tese mostrámos várias situações em que o autor se contradiz em relação a este tema.

A loucura que Torga, com orgulho, dizia existir nos poetas, devia ser uma loucura lúcida, pelo que não prejudicaria a sensatez que as decisões políticas exigem. Falando num comício do Partido Socialista, em Abril de 1975, o autor de *Fogo Preso* definiu os poetas como «espécie inquieta e inquietante de bruxos adivinhos que, na sua disponibilidade, mesmo sem querer, visionam, revelam e alertam.» (Torga, 1989:108).

Torga é implacável em relação aos (muitos) injustificados elitismos culturais. Pensamos ser claro que para o autor de *Novos Contos da Montanha* certas áreas da cultura não podem deixar de ser para «ungidos» («complicados»). Mas são só algumas áreas. Os «leigos» («simples») podem (e devem) ter acesso a muitas áreas da cultura. Há que ir procurando quais e encontrar as melhores formas de lá chegar. (as citações são de *Novos Contos da Montanha*, p.14). Parece-nos também claro que nesta questão o escritor dá-nos três grandes sinais: 1º. mais e melhor educação infantil; 2º. mais contacto com a natureza e a cultura popular, pois só assim compreenderemos os tesouros que lá existem; 3º. mais «devoção humanitária.» (Torga, 1999: 387).

Ao longo da elaboração da tese fomos sentindo que uma grande parte das nossas elites não adere com grande entusiasmo à obra torguiana. Parece-nos que há para este facto duas explicações. Uma, porque não leu com objectividade e com tempo a vastíssima obra do autor do *Diário*. A outra, porque está muito afastada duma realidade que era fundamental para Torga, a realidade do «arado e do remo» (Torga, 1999: 1640). Parece-nos, ainda, que faz sentido perguntar se o grau de exigência ética de Torga não será incómodo para muitos elementos das elites nacionais.

Outro sinal que Torga nos dá, e que pode ter enormes implicações no campo económico, é o da necessidade de dignificar qualquer actividade profissional. Quando o escritor e médico visitou Londres, escreveu, encantado: «Para cada actividade há uma dignidade» (Torga, 1999: 1344). Mas já muitos anos antes da sua visita a Inglaterra, os pais e outros heróis e heroínas da Montanha e do Mar lhe tinham ensinado o valor sagrado do trabalho honesto.

Para encontrar o Tosão de Ouro é imprescindível termos um Jasão. Ora, em nossa opinião, é Torga, e não Camões, o argonauta melhor posicionado para nos dar «ânimo para enfrentar o futuro» (Torga, 1999: 1586). Torga herda a «figuração perfeita da universalidade mental enraizada» (Torga, 1999: 1661) de Camões, o que lhe permite alterar o rosto de Portugal sem o desfigurar, e isto é um espantoso legado, mas a posição

religiosa de Camões é difícil de aceitar para um intelectual da sua craveira, mesmo tendo em consideração que viveu no século XVI.

Ousamos, mesmo, dizer que Torga se via, e nós em grande parte concordamos, como o espelho do Portugal eterno. Tal como referimos, no capítulo sobre Lisboa, o autor do *Diário* pensava que «O espelho liso da alma dum povo (...) deve ser a sua capital» (Torga, 1999: 885), como aconteceu no tempo dos Descobrimentos, mas logo a seguir acrescenta que a Lisboa do seu tempo é um espelho «empenado».

Parafraseando, mas em sentido oposto, o autor do *Diário* [«Capazes de intuições que depois se tornaram fecundas, não temos o condão de as estruturar» (Torga, 1999: 560)], podemos dizer que ele foi capaz de estruturar as suas intuições suficientemente bem, de forma a que quem o lê, com atenção e disponibilidade de tempo, encontra uma obra acabada, imprescindível para Portugal e de enorme encanto e utilidade para o mundo.¹⁵²

Continuando a nossa viagem ao encontro do Velo de Ouro, impõe-se perguntarmos em que situações é que o homem é «mais infinito» (Gedeão, 2004:9) em Torga, isto é, quando é que o Homem toca o absoluto/a perfeição/a plenitude? Na maior parte dos casos, é em situações de esclarecida e livre austeridade, de profundo contacto com a natureza, de ... postura franciscana. Não é por acaso que S. Francisco é o seu santo.

O drama, em Portugal, é que a maior parte da população portuguesa, principalmente a citadina, já perdeu a dimensão telúrica da vida.¹⁵³

Acreditamos que a principal conclusão a tirar da obra de Torga (e que, estamos certos, Camões, Pessoa e Dias subscreveriam) é que o maior problema, não só de Portugal mas de todas as nações, é um problema da área da cultura, da ética e da imaginação. Sem a resolução desta tríade, que exige uma guerra superior («Bellum Sine Bello»), não se resolvem os grandes dramas da Humanidade, nem mesmo o económico.

¹⁵² Quando Fernando Pessoa/ Álvaro de Campos escreveu a Adolfo Rocha agradecendo-lhe a oferta de *Rampa* disse-lhe: «O livro é interessante (é, realmente, muito interessante) como sensibilidade, mas imperfeito e incompleto como uso dela; e é o uso da sensibilidade, e não a própria sensibilidade, que vale em arte.» (Lopes, 2005: 24). Esta carta, que muito irritou o jovem escritor da *Presença*, não terá sido esquecida por Miguel Torga que, com os anos, aprendeu a estruturar (e a usar) a sua sensibilidade.

¹⁵³ Que crianças (e pais) usufruem com segurança dos jardins públicos? Haverá algum jardim que não tenha permanentemente vários dejectos de cão? Quantos lagos/tanques estão limpos? Quantas fontes não estão secas? Não admira que muitos pais (conformados com o que não seria particularmente difícil mudar) prefiram passear com os seus filhos em Centros Comerciais. (E, regressando aos dejectos dos cães, o que dizer em relação à impossibilidade de os invisuais os localizarem?!).

2. PROPOSTAS

Em obediência ao que Torga sugere, nas Capelas Imperfeitas, «a todos os portugueses», vamos dar o nosso contributo, na área do Turismo Cultural, para a continuação «da obra sempre por acabar.» (Torga, 1999: 1478).

1ª. Evento Âncora em Lisboa. Esta proposta foi apresentada no fim do capítulo sobre Lisboa.

2ª. Evento Âncora no Porto. Esta proposta foi apresentada no fim do capítulo sobre o Porto, sob o título «Subsídio para um Evento Âncora no Porto com base na obra de Miguel Torga».

3ª. Elaboração, em diversas cidades, de itinerários em zonas não reconhecidas como zonas históricas, mas com algumas unidades hoteleiras. Breves acções de formação aos recepcionistas dos referidos hotéis.

A maior parte das unidades hoteleiras não se encontram nos centros históricos das cidades. Isso, contudo, não significa que não haja muita história na zona da cidade onde estão localizadas e que a arte que aí se encontra, embora frequentemente pouco relevante, não mereça uma curta visita. O turista tem, na maior parte dos casos, alguma apetência e disponibilidade para conhecer o bairro onde se encontra o seu hotel, o que pode fazer antes de se deitar ou enquanto aguarda pela hora de um transfer ou de algum encontro.

4ª. O mesmo do ponto anterior, mas para locais com estabelecimentos do ensino superior. Acções de formação aos alunos desses estabelecimentos de ensino.

É importante que os estudantes, que estarão pelo menos três anos na mesma Universidade, conheçam o património que os rodeia. Imediatamente após as praxes de recepção aos caloiros, e (por que não?) ainda num ambiente com uma significativa carga lúdica, deveriam ser convidados a percorrer alguns itinerários partindo da Universidade.

5ª. Programas, de fim de semana, de animação turístico-cultural em cidades com estabelecimentos de ensino superior.

Público-alvo: familiares (três gerações) e amigos dos estudantes.

Inúmeras cidades académicas ficam quase desertas durante os fins-de-semana, porque uma grande parte dos estudantes não é dessas cidades. Parece-nos que seria relativamente simples persuadir os estudantes, uma ou duas vezes por cada trimestre (ou semestre), a ficarem nas cidades académicas e serem anfitriões dos seus familiares e amigos. As Regiões de Turismo e as autarquias (pelouros do turismo, da cultura e do ambiente) em articulação com a Universidade ou Instituto Politécnico encarregar-se-iam de organizar eventos culturais e lúdicos.

6ª. Itinerário(s) da Bandeira Nacional.

Aquando dos grandes eventos desportivos, a esmagadora maioria dos portugueses vibra com a Bandeira Nacional. Consideramos que é relativamente fácil utilizarmos esse entusiasmo para levá-los a orgulharem-se do complexo e diversificado património histórico e artístico, que está por detrás dos símbolos da Bandeira. Isto implica a elaboração de Itinerários locais, regionais e nacionais.

7ª. Valorizar o Património Megalítico.

A Revolução Megalítica constitui um dos marcos mais relevantes da História da Humanidade, e o distrito de Évora possui, muito provavelmente, um dos mais ricos patrimónios megalíticos a nível mundial. Tendo em consideração estas duas realidades e, ainda, o facto de que perto dos megalíticos referidos existe um património construído e natural de extraordinário valor, parece-nos que se justificaria um investimento na criação de núcleos museológicos e centros de interpretação junto dos principais cromeleques, menires e antas. Pense-se no partido, não só cultural mas também económico, que a Irlanda tira dos núcleos museológicos dos seus monumentos megalíticos.

8ª. Levar mais Miguel Torga para o (recente) Museu do Aljube.

Quando, em inícios de 2015, fizemos a primeira redacção desta proposta, escrevemos:

Há um projecto já muito estruturado, da autoria do Movimento Cívico «Não Apaguem a Memória», que visa criar o Museu da Resistência e Liberdade no Aljube. Tendo em consideração a transcendente importância dos temas e a localização do edifício (em Alfama, junto à Sé, isto é, num local onde diariamente passam muitos turistas e estudantes em visitas de estudo), é realista afirmar que este museu poderá ter uma enorme procura. Esperemos que os responsáveis pela concepção do Museu não se esqueçam de utilizar as preciosas noventa páginas que Miguel Torga dedica em *A Criação do Mundo* aos dois meses em que foi preso político no Aljube.

Infelizmente o nosso receio confirmou-se. Quando, recentemente, visitámos o Museu, aberto ao público em 25 de Abril deste ano, verificámos que a utilização da obra de Torga ficou muitíssimo aquém do que seria pertinente.

9ª. Propor a reedição das obras de Jorge Dias e de Carlos Queiroz, ambos nascidos no ano de Torga (1907).

A obra de Jorge Dias é imprescindível para a preservação da cultura popular. Um dos trunfos que a nossa oferta turística pode ter encontra-se no riquíssimo património popular que ainda está vivo, e que pode ser dinamizado pelos estudos de Jorge Dias e pela memória das pessoas com mais de setenta anos do interior do país, pois ainda conheceram um Portugal eminentemente rural.

Carlos Queiroz é um dos grandes poetas do «Século de Ouro» da poesia portuguesa (séc. XX). É muito fácil encontrar na sua obra um nítido território lisboeta particularmente visitado por centenas de milhares de turistas anualmente (Baixa, Chiado e Lisboa Ribeirinha). Importa também não esquecer que Queiroz foi director durante quase toda a década de quarenta da revista *Panorama – Revista de Arte e Turismo*.

10ª. Elaborar e traduzir para diversos idiomas uma antologia de textos e poemas de grandes escritores, que permitam conceber itinerários histórico-literários.

As edições em idiomas estrangeiros devem ser mais curtas do que a edição em Português. Uma das principais lições que recebemos, com a utilização de textos literários nas visitas guiadas que conduzimos ou nas aulas que damos, a estrangeiros é que é uma grande mais valia essa utilização, mas deve ser em quantidade moderada, principalmente quando se trata de poesia.

Apresenta-se aqui uma relação, não exaustiva e por ordem alfabética, de autores que muito nos têm ajudado nas visitas que realizamos com alunos e turistas: Afonso Lopes Vieira, Agustina Bessa-Luís, Alexandre Herculano, Almada Negreiros, Almeida Garrett, Alves Redol, Antero de Quental, António Botto, António Gedeão, António Lobo Antunes, António Nobre, (padre) António Vieira, Aquilino Ribeiro, Ary dos Santos, Augusto Gil, Bernardo Santareno, Branquinho da Fonseca, Camilo Castelo Branco, Camões, Carlos Queiroz, Cecília Meireles, Cesário Verde, Conde de Ficalho, Damião de Góis, David Mourão-Ferreira, Domingos Monteiro, Eça de Queirós, Eduardo Lourenço, Eugénio de Andrade, Eugénio de Castro, Eugénio Lisboa, Fernão Lopes, Fernão Mendes Pinto, Ferreira de Castro, Fialho de Almeida, Francisco Bugalho, Gaspar Frutuoso, Gil Vicente, Fernando Campos, Fernando Namora, Fernando Pessoa, Fernão Lopes, Ferreira de Castro, Fialho de Almeida, Florbela Espanca, Gaspar Frutuoso, Guerra Junqueiro, Irene Lisboa, Jaime Cortesão, João Aguiar, João de Deus, Jão de Melo, Jorge Dias, Jorge de Sena, José Cardoso Pires, José Gil, José Gomes Ferreira, José Régio, José Rodrigues Miguéis, Joaquim Paço D' Arcos, Júlio Dinis, Manuel da Fonseca, Luís de Sttau Monteiro, Manuel Alegre, Mariana Alcoforado, Miguel Torga, Miguel de Unamuno, Natália Correia, Nuno Montemor, Oliveira Martins, Pedro da Silveira, Ramalho Ortigão, Raul Brandão, Rentes de Carvalho, Rodrigues Lobo, Sebastião da Gama, Soeiro Pereira Gomes, Sophia de Mello Breyner, Teixeira Gomes, Teixeira de Pascoaes, Vasco Graça Moura, Venceslau de Moraes, Vergílio Ferreira e Vitorino Nemésio.

11ª. Edição de C.D's de fados que permitam: A) A compreensão da essência do fado; B) A leitura dos espaços dos Itinerários Turísticos; C) O reforço do conhecimento da obra de muitos dos nossos maiores poetas.

A crescente importância, a nível nacional e internacional, que se vem dando ao fado (tenha-se em consideração a classificação pela UNESCO do fado como património imaterial da humanidade), a grande qualidade de inúmeros intérpretes e o número suficiente de livros credíveis sobre o tema, justificam e tornam relativamente fácil a execução desta proposta.

É óbvio que esta edição não pode prescindir de brochuras com a letra dos poemas em diversos idiomas e de diversas explicações, nomeadamente sobre os Itinerários Turísticos que podem ser enriquecidos através dos respectivos fados.

Chame-se ainda a atenção para o facto de que esta edição de C.D's pode ter uma larga utilização em cursos de Português para estrangeiros.

12ª. Edição, pela TAP, de opúsculos e de DVD's, que poderiam ser apresentados durante os voos, sobre as personalidades cujos nomes foram atribuídos a aviões, e propostas de visitas a locais relacionados com essas personalidades.

Os cinquenta patronos dos aviões da TAP são figuras fascinantes que nos permitem não só compreender a História da Cultura Portuguesa, mas também elaborar variadíssimos Itinerários.

Cronologicamente, eles vão do século XIII ao século XX, com especial destaque para os séculos XVI (11) e XX (19).

Por áreas em que se distinguiram temos: arquitectura/urbanismo (Francisco D'Ollanda); escultura (Soares dos Reis); coleccionismo/mecenato (Calouste Gulbenkian); religião (papa João XXI); ciência física (D. João de Castro e Pedro Nunes); sociologia (António Sérgio e Agostinho da Silva); música (Viana da Mota e Guilhermina Suggia); canto (Luísa Todi e Amália Rodrigues); história (Damião de Góis, Alexandre Herculano e Teófilo de Braga); pintura (Nuno Gonçalves, Josefa de Óbidos, Amadeo de Souza Cardoso, Almada Negreiros e Helena Vieira da Silva); política (D. João II, D. Francisco de Almeida, Mouzinho da Silveira e Humberto Delgado); navegação (Infante D. Henrique, João Gonçalves Zarco, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral, Fernão de Magalhães, Bartolomeu de Gusmão, e Gago Coutinho); e literatura (Gil Vicente, Pêro Vaz de Caminha, Luís Vaz de Camões, Fernão Mendes Pinto, Padre António Vieira, Almeida Garrett, Camilo Castelo Branco, Antero de Quental, Eça de Queirós, Venceslau de Moraes, Aquilino Ribeiro, Fernando Pessoa, Vitorino Nemésio, José

Régio, Miguel Torga, Florbela Espanca, Natália Correia, Alexandre O'Neill, e Eugénio de Andrade).

Sete aviões possuem nomes femininos: Helena Vieira da Silva, Josefa de Óbidos, Guilhermina Suggia, Luísa Todi, Florbela Espanca, Natália Correia e Amália Rodrigues.

13ª. O Dia de Miguel Torga.

Pretende-se com esta proposta persuadir um largo número de autarquias, em estreita colaboração com as Regiões de Turismo e as Escolas, a criarem o seu próprio Dia de Miguel Torga. Há várias localidades do país sobre as quais Torga escreveu algo de particularmente importante num dia que ficou registado no *Diário*. Esse dia pode ser escolhido pela autarquia para ser o Dia de Miguel Torga nesse município.

Mas o Dia de Miguel Torga também pode (diríamos, mesmo, deve) ser criado a nível nacional. Neste caso o dia mais indicado será o dia 12 de Agosto, dia do nascimento do Orfeu Rebelde. Dir-se-á que em Agosto o país está de férias. Mas, atenção, tenha-se em consideração os seguintes factos:

1º. Os concelhos com uma forte carga torguiana são muitos e estão espalhados por quase todo o país, por conseguinte quem fizer férias em Portugal tem fortes possibilidades de estar próximo de um concelho eminentemente torguiano, o que lhe permite peregrinar pelos caminhos de Torga.

2º. Em Agosto estão em Portugal muitos portugueses emigrantes a gozar férias. A espantosa mensagem que o autor de *Contos da Montanha* tem para estes portugueses pode ser-lhes facilmente explicada e de uma forma aliciante num contexto de Itinerários Literários.

3º. No mês do nascimento de Torga encontram-se em Portugal muitas centenas de milhares de turistas. É nossa profunda convicção que, ao contrário do que Torga pensava, há um número razoável de turistas que têm motivações culturais. Há, somente, que ir ao encontro deles, e para isso a obra de Miguel Torga, com algumas breves explicações, é perfeita e tem a grande vantagem de estar, em boa parte, traduzida para várias línguas.

Pensamos que a data para a celebração em causa também poderia ser o dia 16 de Dezembro, dia em que Torga escreveu o poema que nos acompanhou ao longo de toda a tese - «Portugal».

14ª. Itinerário Ibérico [Ibéria: «Terra nua e tamanha /Que nela coube o Velho-Mundo e o Novo...» (Torga 1995a:7)]

Pensamos que os Operadores Turísticos poderiam alcançar importantes resultados se conseguissem passar aos seus clientes a verdade contida nos dois versos citados do poema «Ibéria». De facto, um itinerário bem elaborado na Península Ibérica permite-nos conhecer não só a História da Europa, mas também a História Universal.

15ª. Itinerários com base na toponímia e na estatuária.

As cidades «são crónicas vivas. Ler as respectivas placas toponímicas é folhear um passado presente.» (Steiner, 2006: 33)

Propõe-se uma selecção, na toponímia e na estatuária de todas as sedes de distrito, de nomes de figuras de projecção nacional e regional, elaborando, posteriormente, um livro com as suas biografias e propostas de Itinerários.

16ª. Circuitos em Lisboa e Porto com estrangeiros (quadros superiores de empresas e instituições) residentes nestas cidades. Entrega de inquéritos no final das visitas.

É prática habitual realizarem-se inquéritos aos turistas que nos visitam. Parece-nos, contudo, que obteríamos respostas bastante mais consistentes se os inquéritos fossem dirigidos aos estrangeiros supra-citados. De uma forma geral, eles conhecem melhor o país do que os estrangeiros que nos visitam durante alguns dias, e têm um perfil cultural que corresponde ao perfil dos turistas que procuramos atrair.

17ª. Itinerário, em Lisboa, dos Direitos Humanos. Selecção e comentário de textos.

O circuito contempla essencialmente os seguintes locais e temas:

Aljube (a repressão durante o Estado-Novo); Alfama (bairro onde nasceu o Padre António Vieira, grande defensor dos direitos dos índios do Brasil e dos cristãos novos; e bairro onde se encontram vestígios de uma das três judiarias medievais de Lisboa); Mouraria («Será que o mito do Islão enquanto inimigo natural desapareceu na Península Ibérica? Ou ter-se-á mantido?» – Paulo Mendes Pinto); Largo de S. Domingos e Rossio (o Santo Ofício de Inquirir); Av. da Liberdade (estátuas de homens do século XIX que lutaram pela liberdade: Bolívar, Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Oliveira Martins); Estação de Metro do Parque (Aristides de Sousa Mendes e a Declaração Universal dos Direitos Humanos); Igreja de S. Sebastião da Pedreira (aqui esteve em Câmara Ardente, com a capela praticamente vazia, o «Justo» que salvou 30.000 vidas – Aristides de Sousa Mendes); Praça de Londres (estátua de Guerra Junqueiro, um dos portugueses que mais lutaram pela abolição da pena de morte); Igreja de S. João de Deus (tríptico que descreve a vida de S. João de Deus – o primeiro homem que soube olhar para os loucos como doentes, e não como possessos pelo demónio); Cidade Universitária (Arquivo Nacional para ver os arquivos da PIDE e da Inquisição); Restelo (estátua de Gandhi – «um Sócrates da acção» (Torga 1999: 407); Belém (no Mosteiro dos Jerónimos e Padrão dos Descobrimentos abordar-se-á a expansão portuguesa e o olhar sobre o outro civilizacional, e no Monumento aos Mortos na Guerra do Ultramar reflectiremos sobre a guerra e sobre a descolonização).

18ª. Encontros na Batalha, de dois em dois anos, no dia 15 de Março.

Em 15 de Março de 2008 (vinte e cinco anos passados sobre uma nota do *Diário* escrita na Batalha), com sugestão nossa, o Instituto Superior de Novas Profissões, em parceria com a Câmara Municipal da Batalha e com o Mosteiro, e com o patrocínio do general Ramalho Eanes (que esteve presente), organizou um Encontro no Mosteiro da Batalha para reflectir, numa perspectiva turístico-cultural, sobre património arquitectónico, histórico e literário. Colocou-se uma placa junto às Capelas Imperfeitas com uma passagem do *Diário* (15-3-1983). Tendo em consideração a importância do monumento e o facto de uma enorme quantidade de grandes escritores terem escrito empolgadamente sobre ele, julgamos que se justifica a realização dum Encontro aqui de

dois em dois anos, dando, em cada um dos Encontros, particular destaque a um ou dois escritores.

19ª. Propor aos CTT Correios a edição, em diversos idiomas, de alguns dos seus livros e colocá-los à venda nas lojas dos principais monumentos nacionais.

Alguns exemplos: *A Herança Judaica em Portugal*, *A Herança Árabe em Portugal*, *A Herança Filipina em Portugal*, *Patrimónios Mundiais com Selo Português em quatro continentes* e *Santo António*.

São livros de grande rigor científico, excelente qualidade gráfica e não são demasiadamente extensos. Acrescentando-lhes somente algumas e breves notas, teriam todas as condições para terem uma considerável procura pelos turistas com motivações culturais.

20ª. Educação.

Um dos principais desafios que o Turismo nos apresenta reside na sua relação com a Educação. Tem-se avançado razoavelmente na área da cooperação entre Turismo e Cultura, mas muito pouco tem sido feito em prol da cooperação entre Turismo e Educação.

Noções sobre Turismo e prática de Itinerários Turístico-Culturais devem passar a integrar o plano curricular do ensino básico. Alunos e professores continuam a conhecer mal não só o país, mas também a forma como conhecê-lo.

No que se refere aos cursos superiores de Turismo, há uma necessidade absoluta de atrair alunos com melhor preparação, maior motivação e sólidos hábitos de trabalho. O curso de Turismo não pode ser uma segunda ou terceira escolha. Um Profissional de Informação Turística tem uma função, e por conseguinte uma responsabilidade, muito semelhante à de um professor.

Quanto aos professores dos cursos de Turismo, há que descobrir como tornar possível viajarem mais. Dir-se-ia que este problema tem que ser resolvido por eles próprios. Pensamos que só parcialmente esta afirmação é correcta. Se vários grupos profissionais de turismo têm condições especiais para viajar, por que não os professores também usufruírem dessas condições?

21ª. Pôr à venda nas lojas dos nossos principais monumentos e museus, principalmente nos relacionados com a epopeia dos Descobrimentos, as seguintes obras, em diversos idiomas: *Os Lusíadas*, *Mensagem* e *Poemas Ibéricos*.

Consideramos que estas três obras são para a literatura o que o Mosteiro dos Jerónimos, a Torre de Belém, o Convento de Cristo e o Mosteiro da Batalha são para a arquitectura, os painéis de Nuno Gonçalves para a pintura e a Custódia de Belém para a ourivesaria.

22ª. Fazer das Aldeias Históricas Belmonte-Sortelha/Sabugal um eixo charneira do Turismo Cultural.

Belmonte tem, e pode ter cada vez mais, uma enorme importância no imaginário histórico-turístico, importância que lhe advém do facto de ser o berço de Pedro Álvares Cabral e a terra onde melhor se preservou a cultura cripto-judaica. Cremos ser correcto afirmar que, em termos proporcionais, nenhuma terra de Portugal tem tantos espaços museológicos quanto Belmonte.

Se Belmonte, pela mão de Cabral, nos remete para o **Novo Mundo** e para os mares «sem fim», Sortelha/Sabugal (a 23 Km de Belmonte) remete-nos para um mundo totalmente diferente, mas igualmente fascinante: o mundo da Idade Média (Sabugal é o concelho do país com mais castelos – cinco) e o mundo do contrabando, da emigração e das viagens para a Europa (**Velho Mundo**). Por estas razões diríamos, também, que o Sabugal é um concelho profundamente torguiano, como cremos que ficou provado no capítulo sobre as Aldeias Históricas.

Neste concelho do Sabugal, na freguesia de Foios, encontra-se um dos melhores locais para a colocação dum painel com o poema torguiano «Ibéria» e para a construção de um monumento concebido por destacados artistas ibéricos, inspirado no referido poema. A geografia do poema [«Terra./ (...) / Só assim a resume / Quem a contempla do mais alto cume, / Carregada de sol e de pinhais.» (Torga, 1995a: 7)] encontra-se na Serra das Mesas, e esta serra, com mais de mil e duzentos metros de altitude, é território da Beira Alta, Beira Baixa, Leão e Estremadura. Este concelho, embora não possuindo, como já atrás referimos, boas condições para a prática da agricultura, tem excelentes condições para a silvicultura, particularmente para a cultura de castanheiros. A poesia das fragas e das árvores do Sabugal e a História de Belmonte têm todas as condições para fazerem

destes dois concelhos um eixo charneira do Turismo Cultural. Acrescente-se, ainda, que Belmonte, através do Zêzere, está em contacto com o grande rio do sul – o Tejo, enquanto que o Sabugal, através do Côa, está em contacto com o grande rio do norte – o Douro.

23ª. Colocar a ilha de S. Miguel no Centro da Lusofonia. Organizar, de dois em dois anos, com base essencialmente em Camões, Antero, Torga e escritores galardoados com o Prémio Camões, um Congresso Internacional sobre Lusofonia.

Em 11 de Junho de 1989, Miguel Torga concebeu, no Campo de S. Francisco (Ponta Delgada), um dos seus mais intensos poemas, «A Âncora», que citámos quando falámos dos Açores.

Torga terá acordado, nessa manhã do dia 11 de Junho, ainda profundamente imerso na emoção provocada na véspera, dia em que foi galardoado, em Ponta Delgada, com o prémio Camões. Imaginamo-lo solitário, ou talvez acompanhado por sua mulher, parado, junto do «recanto intemporal/Da grande praça do quotidiano» a reflectir sobre a esperança e sobre «Santo Antero» (considerado por Torga um paradigma do bom gosto, da lucidez e da integridade).

Importa recordar que o autor do *Diário* foi o primeiro galardoado com o Prémio Camões, o que confere a Torga e à ilha de S. Miguel posição de destaque na história do mais importante galardão literário da língua portuguesa.

A força, literária e moral, de Camões, Antero e Torga, associada à força da natureza da ilha de S. Miguel, permitem-nos acreditar que a realização do Congresso supra-citado poderia atrair um considerável número de visitantes, não só a S. Miguel mas a outras ilhas do arquipélago, muito em particular à Terceira, terra natal de Vitorino Nemésio e possuidora de um património construído classificado pela UNESCO – Angra do Heroísmo.

24ª. Elaboração de um Itinerário Literário Europeu, com base em textos de escritores europeus, dando particular destaque aos textos que cada autor escreve não sobre o seu país, mas sobre os outros.

Pretende-se, com esta proposta, apresentar cada país visto por quem, sendo europeu, não é cidadão desse país, para se criar um maior entrosamento e simpatia entre os cidadãos europeus.

Apresentamos dois exemplos: um, do *Diário* torguiano, e outro, de uma carta de Sophia de Mello Breyner a Jorge de Sena. Ambos nos remetem para Reinos Maravilhosos. Se consciencializarmos e potenciarmos esses Reinos, a ideia de nação passará a ter outros contornos – será mais rica e menos perigosa:

Londres, 8 de Junho de 1977 – (...) Despeço-me das nuvens e desço nesta terra britânica. E que impressão imediata de solidez colectiva, de coerência histórica! Tudo certo, tudo harmonioso. O rio corre disciplinado, a liberdade autolimita-se, as instituições funcionam. Para cada actividade há uma dignidade. Os gestos mais opostos correspondem-se. Pessoas e coisas espelham-se umas nas outras. Lado a lado e no mesmo estilo austero, o parlamento é uma catedral de vivos e a catedral um parlamento de mortos. Ali estão irmanados, numa glória que parece respirar, os que cantaram, os que pensaram, os que administraram e os que combateram. Os que engrandeceram de qualquer maneira a pátria. A pátria que é memória e acção. Que é uma comunhão quotidiana de presenças e ausências (...). (Torga, 1999: 1344-5)

Foi como se eu me despedisse de todos os meus desencontros, todas as minhas feridas e acordasse no primeiro dia da criação num lugar desde sempre pressentido. Sobre a Grécia só o Homero me tinha dito a verdade: mas não toda. O primeiro prodígio do mundo grego está na Natureza: no ar, na luz, no som, na água. É uma natureza mitológica onde as montanhas e as ilhas têm um halo azul que não é imaginado, mas sim fenómeno físico objectivo (...) Sob o sol a pique, numa claridade azul indescritível, o ar é tão leve que nos torna alados e o menor som se recorta com uma inteira nitidez.

As enormes e constantes montanhas povoam tudo de solenidade. Cheira a resina e a mel e há uma embriaguez austera e lúcida. Mas tanto como a natureza – e ligada à natureza – espantou-me a incrível religiosidade de tudo. Depois da Acrópole, S. Pedro de Roma pareceu-me mundano e fútil e pesado. (Andresen, 2006: 65-6)

25ª. Inauguração em 2017, pelo Papa Francisco, dum painel de azulejos, na estação do metropolitano do Parque (Lisboa), alusivo aos Direitos Humanos.

O Metro de Lisboa (desde que volte a ter o aspecto asseado/cuidado que tinha antes do início da crise) é um espaço privilegiado para sonharmos. A estação do Parque é essencialmente dedicada à Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), com magníficos azulejos de Françoise Schein e Frederica Matta, e um (pequeno) monumento dedicado a Aristides de Sousa Mendes, da autoria de João Cutileiro. Esta estação inspirou a José Gil um espantoso texto. Diz o filósofo que devemos «Ver nas concentrações subterrâneas das massas urbanas não exílios mas partidas para novas viagens; descobrir a ideia que pode unir, que une já, sem o saberem, todas essas gentes anónimas e dispersas na simples humanidade que as faz manter de pé.» (Gil, 2007: 13).

Pensamos que a ideia que une «essas gentes» é a ideia «de paz lúdica e laboriosa» (Torga, 1992b: 157), ideia pilar da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Esta é a História do momento presente da estação do Parque.

Gostaríamos muito que a História Futura passasse pelo seguinte sonho:

Com base:

- no pensamento de José Gil;
- na exposição (que teve lugar na estação do Parque em Abril de 2014), organizada pela Fundação Aristides de Sousa Mendes e por 23 escolas, de papagaios inspirados no poema «Brinquedo» de Torga e nos artigos da DUDH;
- nos cento e cinquenta anos que, em 2017, se completam sobre a abolição da pena de morte em Portugal;
- nas inúmeras e profundas afinidades entre o pensamento do Papa Francisco e o de Miguel Torga;

seria feito um painel alusivo aos Direitos Humanos, numa perspectiva ecológica.

Recordemos que já está a ser preparada a candidatura da azulejaria portuguesa a Património da Humanidade, a qual deverá ser apresentada em Janeiro de 2018. Parece-nos que a inauguração que propomos, em Maio de 2017, poderia dar um valioso contributo para o sucesso da referida candidatura.

Registamos, aqui, afirmações de Miguel Torga e do Papa Francisco (Encíclica *Louvado Sejas*) que revelam sólidas afinidades entre dois incondicionais admiradores de S. Francisco de Assis e que poderiam inspirar os autores do painel.

De Miguel Torga, sobre S. Francisco:

- «único homem da Criação que na terra se mediu naturalmente com a grandeza de Cristo.» (Torga, 1999: 1776)

- «eternamente criança, messias da universalidade do amor» (Torga, 1999: 1776)

Do papa Francisco, sobre S. Francisco:

- «Francisco é o exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade.» (Francisco, 2015: 11)

- «A pobreza e a austeridade de S. Francisco não eram simplesmente um ascetismo exterior, mas algo de mais radical; uma renúncia a fazer da realidade um mero objectivo de uso e domínio.» (Francisco, 2015: 12)

De Miguel Torga, sobre «o paradigma tecnocrático» (Francisco, 2015: 79)

- «Mito moderno da produção incessante [a máquina], que começou por acudir à fome saciável do necessário, e acaba por não satisfazer a fome insaciável do supérfluo.

Não parece evidente que a parte mais profunda de cada um de nós necessite dos mil confortos de que a cercaram e dispense a meia dúzia de valores permanentes de que foi espoliada.» (Torga, 1999: 759)

Do papa Francisco, sobre «o paradigma tecnocrático»

- «A cultura ecológica (...) Deveria ser um olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade que oponham resistência ao avanço do paradigma tecnocrático.» (Francisco, 2015: 78/9)

- «O antropocentrismo moderno acabou, paradoxalmente, por colocar a razão técnica acima da realidade, porque este ser humano “já não sente a natureza como norma válida

nem como um refúgio vivente. Sem se pôr qualquer hipótese, vê-a, objectivamente, como espaço e matéria onde realizar uma obra em que se imerge completamente, sem se importar com o que lhe possa suceder.”» (Francisco, 2015: 81)

26ª. Começar a preparar o segundo centenário da independência do Brasil e o primeiro da travessia do Atlântico sul por Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Torga residia no Brasil aquando da viagem transatlântica (1922).¹⁵⁴ A paixão do autor de *Traço de União* pelas terras e cultura de Vera Cruz era incomensurável. Fala-se muito do iberismo de Torga, mas esquecemo-nos com frequência da sua relação umbilical com a «Pátria que (...) vai ter no mundo um papel que grandes potências no apogeu ou na agonia já não poderão desempenhar.» [Isto foi escrito pelo autor de *Traço de União* há mais de sessenta anos! (ver Torga 1969: 9-10)]. Mas é no *Diário* que Miguel Torga faz as suas principais declarações de amor eterno ao Brasil:

- «Foi o diabo eu não ter ficado naquela grande terra! Ali, entre gente nova e virgem, é que eu tinha coisas para dizer!» (Torga, 1999: 516)

- «A língua que se mama no seio da mãe ou no seio da história é uma vara de condão que realiza prodígios. (...) não há separação possível entre os eternamente unidos pelo cordão umbilical da expressão.» (Torga, 1999: 1126)

- «(...) a carta de Pero Vaz de Caminha de quinhentos é um juramento português de amor e fidelidade eternos à Terra de Santa Cruz e à sua gente. (Torga, 1999: 1757).¹⁵⁵

27ª. Propor ao próximo presidente da República que as comemorações de um 10 de Junho do seu mandato tenham lugar em S. Martinho de Anta(s).

Torga e Portugal merecem. E pensamos que há espaço suficiente para que o desfile militar possa decorrer com normalidade e o *Espaço Miguel Torga*, já concluído e aberto

¹⁵⁴ É estranho que Torga nunca tenha escrito sobre Sacadura Cabral e Gago Coutinho, heróis que não podia deixar de admirar. A travessia do Atlântico levada a cabo pelos dois aviadores constitui, porventura, o último feito nacional de projecção internacional.

¹⁵⁵ Tanto quanto nos foi possível observar e sentir, Portugal e o Brasil tiraram muito pouco partido deste espantoso documento, histórico e literário, aquando das comemorações do quinto centenário da chegada a Porto Seguro.

ao público, foi concebido por um dos maiores nomes da arquitectura mundial (Souto Moura).

28ª. Sugerir à UNESCO que passe a classificar como Património Imaterial da Humanidade a obra dos maiores escritores de sempre, principalmente daqueles cuja obra potencia os Patrimónios Construídos e Naturais. A concretização desta proposta seria, também, uma forma de compensar os escritores que, injustamente, ficaram afastados do prémio Nobel.

BIBLIOGRAFIA

1. BIBLIOGRAFIA ACTIVA

- 1944 – *O Pôrto – Conferência*. Coimbra.
- 1950 – *Portugal* (1ª edição). Coimbra. Gráfica de Coimbra.
- 1956 – *Rua* (3ª edição). Coimbra. Gráfica de Coimbra. (1ª edição: 1942).
- 1957 – *Portugal* (2ª edição). Coimbra. Gráfica de Coimbra.
- 1969 – *Traço de União* (2ª edição). Coimbra. Gráfica de Coimbra. (1ª edição: 1955)
- 1970 – *A Criação do Mundo - o terceiro dia* (4ª edição). Coimbra. Gráfica de Coimbra. (1ª edição: 1938).
- 1971 – *A Criação do Mundo - o quarto dia* (2ª edição). Coimbra. Gráfica de Coimbra. (1ª edição: 1939).
- 1974a – *A Criação do Mundo - o quinto dia* (1ª edição). Coimbra. Gráfica de Coimbra.
- 1974b – *Cântico do Homem* (4ª edição). Coimbra. Gráfica de Coimbra. (1ª edição: 1950).
- 1975 – *Nihil Sibi* (3ª edição). Coimbra. Gráfica de Coimbra. (1ª edição: 1948).
- 1976a – *Penas do Purgatório* (3ª edição). Coimbra. Gráfica de Coimbra. (1ª edição: 1954).
- 1977a – *Odes* (4ª edição). Coimbra. Gráfica de Coimbra. (1ª edição: 1946).
- 1977b – *Terra Firme* (4ª edição). Coimbra. Gráfica de Coimbra. (1ª edição: 1941).
- 1977c – *O Paraíso* (2ª edição). Coimbra. Gráfica de Coimbra. (1ª edição: 1949).
- 1978 – *Libertação* (4ª edição). Coimbra. Gráfica de Coimbra. (1ª edição: 1944).
- 1981 – *A Criação do Mundo - o sexto dia* (1ª edição). Coimbra. Gráfica de Coimbra.
- 1983a – *Mar* (4ª edição). Coimbra. Gráfica de Coimbra. (1ª edição: 1941)
- 1983b – *Câmara Ardente* (2ª edição). Coimbra. Gráfica de Coimbra. 1962). (1ª edição: 1962).
- 1985 – *Rua* (5ª edição). Coimbra. Gráfica de Coimbra. (1ª edição: 1942).
- 1986a – *Portugal* (5ª edição). Coimbra. Gráfica de Coimbra. (1ª edição: 1950).
- 1986b – *O Outro Livro de Job* (5ª edição). Coimbra. Gráfica de Coimbra. (1ª edição: 1936).
- 1987 – *Contos da Montanha* (7ª edição). Coimbra. Gráfica de Coimbra. (1ª edição: 1941).
- 1989 – *Fogo Preso* (2ª edição). Coimbra. Gráfica de Coimbra. (1ª edição: 1976).
- 1991a – *Novos Contos da Montanha* (15ª edição). Coimbra. Gráfica de Coimbra. (1ª edição: 1944).
- 1991b – *O Senhor Ventura* (3ª edição). Coimbra. Gráfica de Coimbra. (1ª edição: 1943)
- 1992a – *Orfeu Rebelde* (3ª edição). Coimbra. Gráfica de Coimbra. (1ª edição: 1958).
- 1992b – *Pedras Lavradas* (4ª edição). Coimbra. Gráfica de Coimbra. (1ª edição: 1951).
- 1994a – *A Criação do Mundo – Os dois Primeiros Dias*. (5ª edição). Coimbra. Grá-

- fica de Coimbra. (1ª edição: 1937).
- 1994b – *Vindima*. (5ª edição). Coimbra. Gráfica de Coimbra. (1ª edição: 1945).
- 1995a – *Poemas Ibéricos* (3ª. edição). Coimbra. Gráfica de Coimbra. (1ª edição: 1965).
- 1995b – *Bichos* (19 edição). Coimbra. Gráfica de Coimbra. (1ª edição: 1940).
- 1999 – *Diário I (vol. I a VIII)*. (2ª. edição). Lisboa. Publicações D. Quixote. (1ª. edição: 1995)
- 1999 – *Diário II (vol. IX a XVI)*. (2ª. edição). Lisboa. Publicações D. Quixote. (1ª. edição: 1995).

2. BIBLIOGRAFIA PASSIVA

AFONSO, António

1999 – Organização e apresentação de: *Antologia (Diário) – Extractos relativos a Terras de Bouro*. Câmara Municipal de Terras de Bouro.

AGAREZ, M. Hercília

2007a – *Miguel Torga e a política nacional*. In *Terra Feita Voz – Revista do Círculo Cultural Miguel Torga*, nº 4. Círculo Cultural Miguel Torga.

2007b – *A Força das Raízes*. Papiro Editora.

2013 – *Dois Homens num só Rosto*. Lema d' Origem. – Editora, Lda.

ALEGRE, Manuel

2000 – *O Rosto de Viriato*. In *Miguel Torga – Fotobiografia*. Publicações D. Quixote.

ALVAREZ, Eloísa

2001 – *Os Poemas Ibéricos de Miguel Torga. Mito e subversão*. In *Para Miguel Torga*, pp. 101-115. Sintra. Câmara Municipal de Sintra.

ALVES, Celeste

2009 – *Sinto o medo do avesso: perscrutando a luz e sondando a sombra em Miguel Torga*. In *Actas do I Colóquio – Miguel Torga em Leiria*. Leiria. Delegação de Leiria da Fundação INATEL e Jornal das Cortes.

ALVES, Dário Moreira de Castro

2001 – *Miguel Torga e o Brasil*. in *Para Miguel Torga*. Sintra. Câmara Municipal de Sintra.

AMADO, Jorge

1989 – *Depoimento*. In *Miguel Torga – Fotobiografia*. Publicações D. Quixote.

ANDRADE, Carlos Santarém

2003 – *Os dias de Coimbra na Criação de Miguel Torga*. Câmara Municipal de Coimbra – Comissão de Coordenação da Região Centro.

ANDRADE, José Carlos Vieira de

2007 – *A Portugalidade de Miguel Torga*. In *Viver é ser no tempo intemporal (Recados a Miguel Torga)*. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

ANDRESEN, Sophia Mello Breyner

2000 – *Depoimento*. In *Miguel Torga – Fotobiografia*. Publicações D. Quixote.

ARNAUT, António

1996 – Coordenação (com Rui Mendes) de: *Cântico em honra de Miguel Torga*. Coimbra. Fora de Texto.

1997 – *Estudos torquianos*. Coimbra Editora.

2000 – *Depoimento*. In *Miguel Torga – Fotobiografia*. Publicações D. Quixote.

2005 – *O médico Adolfo Rocha e o escritor Miguel Torga*. In *Um mortal que torceu mas não quebrou (homenagem a Miguel Torga)*, 183-195. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

BERNARDES, José Augusto Cardoso

2008 – *Miguel Torga, ano de 2007*. In *Humanidades, Revista Portuguesa de Estudos Literários*. Vol. 12-2, pp. 81-89. Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Filosofia de Braga.

BIZARRO, Rosa

2007 – *A Escola e o Professor d'A Criação do Mundo: imagens de um Tempo Marcado*. In *A minha verdadeira imagem está nos livros que escrevi – Volume I*, pp. 401-412. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

BRANCO, Maria do Carmo Castelo

2005 – *Torga, ou um certo circuito objectivo da intimidade*. In *Miguel Torga e a Literatura Intimista – Actas do Colóquio*, pp. 55-63. Câmara Municipal de Coimbra.

CABRAL, Vasco

2001 – *Miguel Torga, uma luz intensa no firmamento da criação artística*. in *Para Miguel Torga*, 69-75. Sintra. Câmara Municipal de Sintra.

CARRANCA, Carlos

1988 – *Torga – o português do mundo*. Coimbra Editora.

2002 – *O Sentimento Religioso em Torga e em Unamuno*. Hugin Editora.

2012 – *O Casticismo em Unamuno e Torga*. MinervaCoimbra.

2015 – *da Ibéria*. Figueira da Foz. Talencilicious.

CAYRON, Claire

2000 – Depoimento. In *Miguel Torga – Fotobiografia*. Publicações D. Quixote.

COUTO, Mia

2001 – O Alfabeto da Paisagem. In *Para Miguel Torga*, pp. 97-98. Sintra. Câmara Municipal de Sintra.

CRUZ, Elizabeth Ceita Vera Cruz

2001 – *Miguel Torga e a Nobreza do Compromisso entre a Liberdade e a Ética*. In *Para Miguel Torga*, 21-27. Sintra. Câmara Municipal de Sintra.

CYMBRON, José

2007a – *O Dia de Miguel Torga. Um desafio às autarquias e Regiões de Turismo*. Coimbra, edição do autor.

2007b - *Miguel Torga e o Aljube*. In *Terra Feita Voz – Revista do Círculo Cultural Miguel Torga*, nº 4, pp. 59-64. Círculo Cultural Miguel Torga.

2007c – *Um desafio aos Açores no centenário do nascimento de Miguel Torga*. In “*Açoriano Oriental*”, 12-8-2007, p. 15.

2008 – *O Dia de Miguel Torga (O Porquê, o Como, o Quando e o Onde)*. Separata da *Revista Portuguesa de Humanidades*. Braga. Faculdade de Filosofia da U.C.P.

2011 – *Miguel Torga e Fernando Pessoa – Um encontro em Leiria*. In *Actas do II Colóquio – Miguel Torga em Leiria*, pp. 49-60. Leiria. Junta de Freguesia de Leiria - Delegação de Leiria da Fundação INATEL.

2015 – *O que fazer com o património legado pelo «Sineleiro da Esperança»?* In *Negrilho – Homenagem a Miguel Torga*. pp. 197-208. Chaves. Alecrim e Alfazema.

DUARTE, Sandra

2011 – *Viagem à Leiria cultural que Miguel Torga conheceu (1939-1941)*. . In *Actas do II Colóquio – Miguel Torga em Leiria*, 17-30. Leiria. Junta de Freguesia de Leiria - Delegação de Leiria da Fundação INATEL.

FERNANDES, Luís Martins

2111- *Expressões da identidade Nacional na Obra de Miguel Torga*. Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia.

FERREIRA, António Manuel

2008 – *O Brasil de Miguel Torga*. In *Humanidades, Revista Portuguesa de Estudos Literários*. Vol. 12-2, pp.11-17. Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Filosofia de Braga.

FREIRE, António

1990 – *Lendo Miguel Torga*. Porto. Edições Salesianas.

GAGO, Dora Maria Nunes

2007a – *A imagem do Oriente no Diário de Miguel Torga*. In *A minha verdadeira imagem está nos livros que escrevi*, pp. 237-248. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

2007b - *A imagem de África no Diário de Miguel Torga*. In *Terra Feita Voz – Revista do Círculo Cultural Miguel Torga*, nº 4, pp. 23-32. Círculo Cultural Miguel Torga.

GOMES, José António

1994 – *A Infância nos Contos de Miguel Torga*. In *Aqui, neste lugar e nesta hora. Actas do Primeiro Congresso Internacional sobre Miguel Torga*. pp. 163-175 Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

GONÇALVES, Fernão de Magalhães

1998 – *Ser e Ler Miguel Torga*. Tartaruga.

GUIMARÃES, Rui Dias, CASTELO, Nuno

2007 – *Sementes de Torga - Iberismo e Novo Humanismo*. In *A minha verdadeira imagem está nos livros que escrevi – Volume I* Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

HENRIQUES, Bernardino

2007 – *Miguel Torga – (Quase) na primeira pessoa*. Gráfica de Coimbra.

HERRERO, Jesús

1979 – *Miguel Torga poeta ibérico*. Arcádia.

HOBBS, John

1994 – *The Telluric Vocation: Miguel Torga's Poemas Ibéricos in the Light of História de Portugal by Oliveira Martins*. In *Aqui, neste lugar e nesta hora. Actas do Primeiro Congresso Internacional sobre Miguel Torga*, pp. 183-198. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

LEÃO, Isabel Ponce de

2003 – *O essencial sobre Miguel Torga*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

2005a – *A Obrigação, a Devoção e a Maceração (O Diário de Miguel Torga)*. Lisboa. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

2005b - *A Criação do Mundo: “uma torrente de emoções”?*. In *Um mortal que torceu mas não quebrou (homenagem a Miguel Torga)*, 105-117. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

2007a – *A matriz etnológica de Poemas Ibéricos*. In *A minha verdadeira imagem está nos livros que escrevi – Volume I*, pp. 87-99. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

LISBOA, Eugénio

1994 – *O Sentido do Dever e o Dever dos Sentidos*. In *Aqui, neste lugar e nesta hora. Actas do Primeiro Congresso Internacional sobre Miguel Torga*, pp. 209-217. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

2007a – *O Almocreve Cintilante*. In *A minha verdadeira imagem está nos livros que escrevi – Volume I*, pp. 35-37. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

2007b – *Descansar as angústias na letra redonda*. In *A minha verdadeira imagem está nos livros que escrevi – Volume II*, pp. 255-264. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

LISTOPAD, Jorge

1994 – *Os Homens da Montanha*. In *Aqui, neste lugar e nesta hora. Actas do Primeiro Congresso Internacional sobre Miguel Torga*, pp. 235-239. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

LOBO, Manuela Sousa

2001 – *Notícia dos Inventados – 3 Cartas para Miguel Torga*. in *Para Miguel Torga*, 87-96. Sintra. Câmara Municipal de Sintra.

LOPES, Maria do Carmo Azeredo

2005 – *Miguel Torga – Uma poética de autenticidade*. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

2007 – *Facetas da sensualidade e do amor na poesia de Miguel Torga*. In *A minha verdadeira imagem está nos livros que escrevi. Volume I*, pp. 121-140. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

LOPES, Teresa Rita

1993 – *Ofícios a “Um Deus de Terra”*. Edições Asa.

2007 – *Traves mestras do edifício torquiano*. In *Agenda 2007 – Miguel Torga*. INCM (Imprensa Nacional-Casa da Moeda).

LOURENÇO, Eduardo

1955 – *O Desespero Humanista de Miguel Torga e o das Novas Gerações*. Coimbra. Coimbra Editora.

2002 – *Poesia e Metafísica*. Gradiva.

MACHADO, Álvaro Manuel

1994 – *Génio Nacional e Modelos Estrangeiros: Reflexões Comparativistas Sobre Miguel Torga*. In *Aqui, neste lugar e nesta hora. Actas do Primeiro Congresso Internacional sobre Miguel Torga*, pp. 285-298. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

2007 – *Miguel Torga: as viagens e o «silêncio dos livros»*. In *A minha verdadeira imagem está nos livros que escrevi – Volume I*, pp. 217-228. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

MAIA, Carlos Fernandes

2000 - *A dimensão Ética e Educativa na Obra de Miguel Torga – Um poeta do dever*. Coimbra, Gráfica de Coimbra.

2007 – *O perfil ético e educativo do homem torquiano*. In *A minha verdadeira imagem está nos livros que escrevi – Volume II*, pp. 195-218. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

MALDONADO, Maria Manuela

1994 – *Errância em Miguel Torga*. In *Aqui, neste lugar e nesta hora. Actas do Primeiro Congresso Internacional sobre Miguel Torga*, pp. 307-316. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

MARTINHO, Fernando

2001 – *Miguel Torga e a Bíblia: O caso de O Outro Livro de Job*. in *Para Miguel Torga*, pp. 117-128. Sintra. Câmara Municipal de Sintra.

2007 – *Emigrante e escritor*. In *A minha verdadeira imagem está nos livros que escrevi – Volume II*, pp. 183-192. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

MARTINS, Albano

1994 – *O Santo e a Senha ou o Lugar Onde do Poeta*. MALDONADO, Maria Manuela. In *Aqui, Neste Lugar e Nesta Hora – Actas do primeiro Congresso Internacional sobre Miguel Torga*. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

MARTINS, José Cândido de Oliveira Martins

2008a – *Miguel Torga (1907-1995) – no I Centenário do Nascimento*. In *Humanidades, Revista Portuguesa de Estudos Literários*. Vol. 12-2, pp. 7-9. Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Filosofia de Braga.

2008b - *Miguel Torga, Poemas Ibéricos – e o espelho intertextual do imaginário trágico-marítimo*. In *Humanidades, Revista Portuguesa de Estudos Literários*. Vol. 12-2, pp. 91-107. Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Filosofia de Braga.

MATEUS, Isabel Maria Fidalgo

2007a – *Outros contos da montanha: o Portugal Rural de Miguel Torga precisa urgentemente de ser repovoado*. In *Terra Feita Voz – Revista do Círculo Cultural Miguel Torga*, nº 4, pp. 125-138. Círculo Cultural Miguel Torga.

2007b – *A Mulher na Viagem de Miguel Torga/ do eu em A Criação do Mundo*. In *A minha verdadeira imagem está nos livros que escrevi – Volume I*, pp. 263-283. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

MELO, José de

1995 – *Miguel Torga (Fotobiobibliografia)*. Aveiro. Estante Editora.

MONGINHO, Julieta

2001 – *Esta tarde, com Torga*. in *Para Miguel Torga*.pp. 141-143. Sintra. Câmara Municipal de Sintra.

MONTEIRO, Maria da Assunção Morais

2003 – *Acerca de Miguel Torga... (Com depoimentos de Padre Avelino e cartas)*. Vila Real. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

MONTEIRO, Maria da Assunção Morais, GONÇALVES, Henriqueta Maria

2004 – *Estudar o conto com Bichos de Miguel Torga*. Vila Real. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

MORAIS, Maria da Assunção Anes

2007 – *Entre Quem é! – Tradições de Trás-os-Montes e Alto Douro no Diário de Miguel Torga*. Pé de Página Editores.

MOREIRO, José María

1996 – *Miguel Torga e África*. Universitária Editora, Lda.

MOURA, Frederico de

1977 – *Vestígios de Miguel Torga*. Portugal.

NASCIMENTO, Maria Teresa

2007 – *O Portugal de Miguel Torga*. In *A minha verdadeira imagem está nos livros que escrevi – Volume I*, pp. 329-341. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

NUNES, Renato

2007 – *Miguel Torga e a Pide – A Repressão e os Escritores no Estado Novo*. Coimbra. MinervaCoimbra.

PAZ, Olegário

2007 – *Miguel Torga e os escritores portugueses. Juízos de valor, in Diário*. In *A minha verdadeira imagem está nos livros que escrevi – Volume I*, 359-386. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

PEPETELA

2001 – *Mandioca de Feitiço*. In *Para Miguel Torga*, pp. 29-35. Sintra. Câmara Municipal de Sintra.

PEREIRA, Daniel Bacelar

2007 – *Deus também erra*. In *Terra Feita Voz – Revista do Círculo Cultural Miguel Torga*, nº 4, pp.165-169. Círculo Cultural Miguel Torga.

PEREIRA, José Carlos Seabra

2003 – Coordenação científica de: *Caminhando... pela Rota de Miguel Torga – Coimbra Miranda do Douro*. Comissão de Coordenação da Região Centro.

2005a – *Fogo Preso sobre Portugal (identidade nacional e identidade pessoal em Torga)*. In *Um mortal que torceu mas não quebrou (homenagem a Miguel Torga)*, pp. 171-181. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

2005b - *Para conhecer...Miguel Torga (Rota dos escritores do século XX)*. Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro.

2007a – *Para o estudo da antropologia torquiana*. In *A minha verdadeira imagem está nos livros que escrevi – Volume II*. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha

1994 – *Mitos Gregos em Miguel Torga*. In *Aqui, Neste Lugar e Nesta Hora. Actas do Primeiro Congresso Internacional sobre Miguel Torga*, pp. 403-410. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

PICCHIO, Luciana Stegagno

1994 – *Entre Douro e Mondego: A Metáfora Fluvial em Miguel Torga*. In *Aqui, neste lugar e nesta hora. Actas do Primeiro Congresso Internacional sobre Miguel Torga*. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

REBELO, Soares

2007 – *O Calvário do Poeta*. Câmara Municipal de Coimbra.

REBELLO, Luiz Francisco

2001 – *O Teatro na Obra de Torga*. in *Para Miguel Torga*. Sintra. Câmara Municipal de Sintra.

ROCHA, Clara

1977 – *O Espaço Autobiográfico em Miguel Torga*. Coimbra. Livraria Almedina.

2000 – *Miguel Torga – Fotobiografia*. Publicações Dom Quixote.

RODRIGUES, José Narciso Cunha Rodrigues

1995 – *Representações da Justiça em Miguel Torga*. Coimbra Editora.

2001 – *MIGUEL TORGA, cientista social*. in *Para Miguel Torga*. pp. 133-140. Sintra. Câmara Municipal de Sintra.

SANTANA, Maria Helena

2009 – *Narrando o mundo pelo olhar dos rústicos: os contos de Miguel Torga*. In *Dar Mundo ao Coração – Estudos sobre Miguel Torga*, pp. 169-180. Texto.

SANTOS, António de Almeida Santos

2000 – *Depoimento*. In *Miguel Torga – Fotobiografia*. Publicações Dom Quixote.

2001 – *Prefácio a: Para Miguel Torga*, pp.9-13. Sintra. Câmara Municipal de Sintra.

SARMENTO, Maria da Conceição Morais

2009 – *A procura da palavra*. In *Viver é ser no tempo intemporal (Recados a Miguel Torga)*, p. 85. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

SEIXO, Maria Alzira

2009 – *Torga e o Romance – Dar os seus passos... No corpo do mundo*. In *Dar Mundo ao Coração – Estudos sobre Miguel Torga*, pp. 85-102. Texto.

SILVA, Alberto da Costa e

2001 – *O Mundo Começava em Trás-os-Montes*.in *Para Miguel Torga*, pp. 39-46. Sintra. Câmara Municipal de Sintra.

SILVA, (Padre) Avelino Augusto da Silva

2007 – *O Torga com quem convivi*. In *Terra Feita Voz – Revista do Círculo Cultural Miguel Torga*, nº 4, pp.11-12. Círculo Cultural Miguel Torga.

SILVA, Carlos Alberto

2009 – *A encruzilhada do destino: um balanço do período leiriense de Miguel Torga*. In *Actas do 1º Colóquio – Miguel Torga em Leiria*, 9-21. Leiria. Delegação de Leiria da Fundação INATEL – Jornal das Cortes.

SILVA, João Amadeu Oliveira Carvalho da

2008 – *Entre os “Heróis” dos “Poemas Ibéricos” de Torga e os heróis da “Mensagem”*. In *Humanidades, Revista Portuguesa de Estudos Literários*. Vol. 12-2. pp. 59-69. Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Filosofia de Braga.

2010 – *a Leiria de Miguel Torga – Guia da cidade*. Junta de Freguesia de Leiria e Agência de Leiria da Fundação INATEL.

SILVA, João Céu e

2007 – *Uma longa viagem com Miguel Torga*. Edições Asa.

SILVA, Maria Madalena Teixeira da

2007- *Pesquisa do ser e errância da memória. O sentido da infância na poesia de Miguel Torga*. In *A minha verdadeira imagem está nos livros que escrevi – Volume I*, pp.159-179. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

2008 – *Arte e testemunho: A referência autobiográfica em Miguel Torga*. In *Humanidades, Revista Portuguesa de Estudos Literários*. Vol. 12-2. Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Filosofia de Braga.

SILVA, Raul Calane da

1994 – *Moçambique na África de Miguel Torga ou Portugal Mítico Ancorado Numa Ilha*. In *Aqui, neste lugar e nesta hora. Actas do Primeiro Congresso Internacional sobre Miguel Torga*, pp. 467-474. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

SILVA, Sara Reis da

2002 – *A identidade ibérica em Miguel Torga*. Principia.

SILVEIRA, Francisco Maciel

2008 – *Poemas Ibéricos: um fado (telúrico). Belo, mas mal orquestrado*. In *Humanidades, Revista Portuguesa de Estudos Literários*. Vol. 12-2, pp. 19-30. Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Filosofia de Braga.

SOARES, Mário

2000 – *Depoimento*. In *Miguel Torga – Fotobiografia*. Publicações D. Quixote.

SOUSA, Carlos Soares

2007 – *Miguel Torga, autor de Diário, é médico*. In *A minha verdadeira imagem está nos livros que escrevi – Volume I*, pp. 229-235. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

TRIGO, Salvato

1994 – *Miguel Torga e a Questão Ibérica*. In *Aqui, neste lugar e nesta hora. Actas do Primeiro Congresso Internacional sobre Miguel Torga*, pp. 9-17. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

2007 – *Torga e o Iberismo*. In *A minha verdadeira imagem está nos livros que escrevi – Volume II*, pp. 343-352. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

VILELA, Ana Luísa

1994a – *Mitos Viris na Simbólica da Paisagem Torguiana*. In *Aqui, neste lugar e nesta hora. Actas do Primeiro Congresso Internacional sobre Miguel Torga*, pp. 494-504. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

2007 – *Poética da infância em Torga*. In *A minha verdadeira imagem está nos livros que escrevi I*, 43-53. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

XIN, Fran Wei

1994 – *Mais uma Obra de Miguel Torga em Chinês*. In *Aqui, neste lugar e nesta hora. Actas do Primeiro Congresso Internacional sobre Miguel Torga*, pp. 505-509. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

3. OUTRA

3.1. GERAL

ALEGRE, Manuel

2002 – *Arte de Marear*. Lisboa. Publicações D. Quixote, Lda.

2013 – *Coimbra nunca vista*. Lisboa. Publicações D. Quixote.

ALVES, Adalberto

1996 – *Al-Mutamid – Poeta do Destino*. Assírio e Alvim.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner

2001 – *Mar*. Editorial Caminho.

2004 – *Ilhas*. Lisboa, Editorial Caminho. (1ª. edição:1989).

2006 – *Correspondência (1959-1978) - Sophia de Mello Breyner e Jorge de Sena*. Guerra e Paz.

ANDRADE, Carlos Santarém

2001 – *A Envolvência Coimbrã de Régio e Nemésio*. Câmara Municipal de Coimbra.

ANTUNES, António Lobo

1979 – *Os Cus de Judas*. Lisboa. Editorial Vega

2005 – *D' este viver aqui neste papel descripto*. Lisboa. Dom Quixote.

2006 – *As Naus*. Lisboa. Dom Quixote

2007 – *O Esplendor de Portugal*. Lisboa. Dom Quixote.

BRANDÃO, Raul

S/d – *Os Pescadores*. Publicações Europa-América

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão

2001 – *A Epopeia Portuguesa, Os Lusíadas...*, in *Sulcando o Mar*, pp. 13-16. Instituto Português do Património Arquitectónico.

CAMÕES, Luís

1996 - *Os Lusíadas*. Porto Editora.

CAMINHA, Pêro Vaz de Caminha

1974 – *Carta a el-rei D. Manuel*. Lisboa. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

CORTESÃO, Jaime

1998 – *O Infante de Sagres*. In CORTESÃO, Jaime *Teatro*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. (1ª. edição: 1916).

DIAS, Jorge

1947 - *Antologia da Lírica Portuguesa Contemporânea*. Santiago de Compostela. Universidad de Santiago de Compostela.

1948 – *Vilarinho da Furna – Uma Aldeia Comunitária*. Porto. Instituto de Alta Cultura

1953 – *Rio de Onor – Comunitarismo Agropastoril*. Porto. Instituto de Alta Cultura.

1961 – *Ensaaios Etnológicos*. Lisboa. Junta de Investigações do Ultramar.

DIAS, Pedro

1986 – *A Pintura Gótica*. In *História da Arte em Portugal – O gótico*. Lisboa. Publicações Alfa.

2008 – *Cem Obras de Arte de Coimbra*. Fundação Bissaya Barreto.

FANHA, José, LETRIA, José Jorge

2007 – *Cem Poemas Portugueses sobre Portugal e o Mar*. Terramar

FERREIRA, Vergílio

1993 – *manhã submersa*. Bertrand Editora.

FONSECA, Branquinho

1971 – *Mar Santo*. Portugália Editora

s/d – *O Barão*. Publicações Europa-América

2010 - *A Porta de Minerva*, in *Obras completas*, pp. 195-447. Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

GEDEÃO, António

2004 – *Poemas Escolhidos – Antologia organizada pelo autor*. Lisboa. Edições João Sá da Costa. (1ª. edição: 1996)

GARRETT, Almeida

s/d – *Viagens na Minha Terra*. Lisboa. Livraria Bertrand.

GIL, José

2005 – *Portugal, Hoje – O Medo de Existir*. Lisboa. Relógio d'Água.

2007 – *A catedral subterrânea*. In *De Lisboa para o Mundo – Azulejos para o Metropolitano de Lisboa*. pp. 213-215. Museu Nacional do Azulejo.

GOMES, Carlos Alberto Morgado

1996 – *Forais do Sabugal*. Câmara Municipal do Sabugal.

GUERREIRO, Kátia

2004 – *No Passado, no presente e no futuro, o Fado...em que mãos?* In *25 de Abril: Os desafios para Portugal nos próximos 30 anos*, pp. 149-155. Presidência do Conselho de Ministros – Comissão das Comemorações dos 30 Anos do 25 de Abril.

HERCULANO, Alexandre

s/d “*A Abobada*”, in: *Lendas e Narrativas*. Livraria Bertrand.

JACINTO, Rui

2005 – *Entre Margens e Fronteiras – Para uma geografia das ausências e das identidades raianas*. Campo das Letras.

LETRIA, José Jorge

2001 – *Provérbios do Mundo*. Notícias editorial.

LISBOA, Eugénio

1984 – *O segundo modernismo em Portugal*. Biblioteca Breve – Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

1985 – *A Matéria Intensa*. Baden.

2007 – *O essencial sobre José Régio*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

2014 – *Acta Est Fabula. Memórias – IV – Peregrinação: Joanesburgo. Paris. Estocolmo. Londres. (1976-1995)*. Opera Omnia.

LÚCIO, Álvaro Laborinho

2008 – *Educação Arte e Cidadania*. Temas & Letras.

MARTINS, Joaquim de Oliveira

1976 - *Portugal Contemporâneo*. Lisboa. Guimarães Editores.

1984 – *A vida de Nun' Álvares*. Lisboa. Guimarães Editores.

1993 – *Os Filhos de D. João I*. Lisboa. Guimarães Editores.

1994 - *História da Civilização Ibérica*. Lisboa. Guimarães Editores.

MARTINS, Joaquim Tenreira

2008 – *Viagens na minha infância – Lembranças romanescas*. O Progresso da Foz e Côa-Águeda.

MATSUURA, Hoichiro

2006 – *É muito mais fácil ensinar matemática e ciência do que artes*. Público, 7-3-2006, p. 6.

MEIRELES, Cecília

1979 – *Poesias Completas (Volume IX)*. Civilização Brasileira.

MIGUÉIS, José Rodrigues

1993 – *A Escola do Paraíso*. Editorial Estampa. (1ª. edição: 1960)

MONTEMOR, Nuno

2003 - *Maria Mim*. Câmara Municipal do Sabugal.

MOURA, Vasco Graça

2004 – *Mais Fados & Companhia*. Público.

NERY, Rui Vieira

2004 – *Para uma História do Fado*. Público.

NOBRE, António

1974 – *Só*. Livraria Tavares Martins.

NOVAIS, Isabel Cadete

2002 – *José Régio – Itinerário Fotobiográfico*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

OSÓRIO, Marco

1998 – *Sortelha*. Câmara Municipal do Sabugal.

2008 – *Sabugal – Peripécias históricas das gentes do Alto Côa*. Câmara Municipal do Sabugal.

2011 – *Sortelha: segredos por desvendar*. Sabugal +EM

PASCOAES, Teixeira

1978 – *Arte de Ser Português*. Lisboa. Edições Roger Delraux.

PEREIRA, Gaspar Martins; PEREIRA, Luciano Vilhena; SIZA, Teresa; VIDINHA, Francisco João

1995 – *Album de Memórias do Ateneu Comercial do Porto*. Porto. Ateneu Comercial Do Porto.

PESSOA, Fernando

1972 – *Fernando Pessoa – Obra Poética*. Rio de Janeiro. Companhia José Aguilar Editôra.

1991 – *Livro do Desassossego*. Vol. II. Editorial Presença.

PINTO, Fernão Mendes

1988 – *Peregrinação*. Europa-América.

QUADROS, António

1990 – *Introdução geral à vida e à obra poética de Fernando Pessoa*. In *Mensagem e outros Poemas Afins*. Publicações Europa América.

QUEIROZ, Carlos

1948 – *Breve Tratado de Não-Versificação*. Lisboa.

1984 – *Desaparecido e Breve Tratado de Não-versificação*. Edições Ática.

1989 – *Epístola aos Vindouros e outros poemas*. Lisboa. Edições Ática.

QUENTAL, Antero

1987 - *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos*. Ulmeiro.

RAMOS, Rui

2009 – *História de Portugal*. A Esfera dos Livros.

REDOL, Alves

1965 – *Uma fenda na muralha*. Publicações Europa-América.

RÉGIO, José

1981 - *A Velha Casa – Uma gota de sangue*. Brasília Editora. (1ª edição: 1945)

1982 – *A Velha Casa – As raízes do futuro*. Brasília Editora. (1ª. edição: 1947)

2000 – *Páginas do Diário Íntimo*. Lisboa. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. (1ª edição 1994)

2001- *Confissão dum Homem Religioso*, Lisboa. Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

2006 – *Jogo da Cabra Cega*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

SANTARENO, Bernardo

2006 – *Nos Mares do Fim do Mundo*. Editorial Nova Ática.

SARAIVA, António José

1970 – *História da Literatura Portuguesa*. Publicações Europa-América.

SARAIVA, José Hermano

2003 – *Comentários a Os Lusíadas*. Edição Expresso.

SARAMAGO, José

1982 - *Memorial do Convento*. Caminho.

1999 – *Discursos de Estocolmo*. Caminho.

2007 – *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Caminho.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo

1983, *História das Universidades*. Lello & Irmão – Editores. Porto.

SHA, Rosa

2003a – *Provérbios Gregos*. arte**plural** edições.

2003b – *Provérbios Escandinavos*. arte**plural** edições.

2003c – *Provérbios Indianos*. arte**plural** edições.

2003d – *Provérbios Malaio*s. arte**plural** edições.

- 2003e – *Provérbios Persas*. arteplural edições.
- 2003f – *Provérbios Russos*. arteplural edições.
- 2003g – *Provérbios Turcos*. Arteplural edições.
- 2007 – *Provérbios Japoneses*. arteplural edições.

SILVA, Agostinho da

- 1996 – *Vida de Francisco de Assis*. Lisboa. Ulmeiro.

STEINER, George

- 2006 – *A Ideia de Europa*. Gradiva.

TABUCCHI, Antonio

- 2006 – *Requiem – uma alucinação*. Dom Quixote.

VAZ, Guerreiro

- 2004 – *Deus e o Diabo*. Notícias editorial.

VERDE, Cesário

- 2001 – *Poesia Completa*. Lisboa. Publicações Dom Quixote.

3.2. ARQUIVOS

TORRE DO TOMBO (Secção PIDE) *Processo SR. 1638. Cx. 2348.*

3.3. SOBRE TURISMO

AMADO, José Carlos

- 1966 – *Turismo Interno e Turismo Social*. Lisboa. Instituto de Novas Profissões.

ASESORES EN TURISMO, HOTELERÍA Y RECREACIÓN, S.A.

- 2006 - *10 Produtos Estratégicos para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal*. Turismo de Portugal.

BERNIER, Enrique Torres

- 2001 – *Planeamiento Urbano, Política Turística y sostenibilidad en las Ciudades Históricas Monumentales*. In *Actas del 6º Coloquio Internacional de las Ciudades del Patrimonio Mundial*, pp. 37-43. Puebla. Organizacion de las Ciudades del Patrimonio Mundial.

BÉTEILLE, Roger

- 1996 – *Le Tourisme Vert*. Que sais-je? Presses Universitaires de France.

BLANCO, Carlos

2001 – *Itinerarios Culturales y Literatura – Cervantes en Sanabria. La Ruta de Don Quijote*. In *Actas del Congreso Internacional de Itinerarios Culturales*, pp. 17-20. Madrid. Ministerio de Educación, Cultura y Deporte.

BRITO, Luís Miguel

2013 – *Informação Turística – A Arte do Guia-Intérprete: Entre a Cultura do Turista e do Destino*. Chiado Editora.

CARVALHO-OLIVEIRA, J.M., CYMBRON, José

1994 – *Ser Guia-Intérprete em Portugal*. Lisboa. Instituto Superior de Novas Profissões.

CAZES, Georges e Potier Françoise

1996 – *Le Tourisme Urbain*. Que sais-je? Presses Universitaires de France.

CLUZEAU, Claude Origet

1998 - *Le Tourisme Culturel*. Que sais-je? Presses Universitaires de France.

CONSELHO da EUROPA

2005 – *Convenção-Quadro do Conselho da Europa relativa ao Valor do Património Cultural para a Sociedade*. Conselho da Europa.

CORTESÃO, Jaime

1995 - *Portugal – A Terra e o Homem*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

CYMBRON, José

1998 – *Mar de Pessoa, Português de Lisboa*. (Co-autoria de Gabriela Carvalho). Lisboa. Instituto Nacional de Formação Turística.

2006 - *Turismo, Manifestos Presidenciais e imagem de Portugal no Mundo*. In *Publituris*, 1-1-2006.

2009 – *Dois mil e onze: Um Desafio Nacional no Início do Novo Século do Turismo em Portugal*. (Projecto apresentado pela Fundação Aristides de Sousa Mendes à Assembleia da República).

2015 – *Carlos Queiroz e o Turismo – Um Evento Âncora para Lisboa*. (no prelo). In *Carlos Queiroz – Retrato de um poeta feito pelos seus amigos*. Org. Maria Boichichio. Coimbra. Centro Nacional de Cultura e Centro Interuniversitário de Estudo Camoniano.

ICOMOS

1999 – *Carta Internacional do Turismo Cultural*. ICOMOS.

2008 – *Carta dos Itinerários Culturais*. ICOMOS.

LAMA, Gonzalo Rey Lama

2001 – *Las Rutas Literarias de Las Casas-Museo de Escritores*. In *Actas del Congreso Internacional de Itinerarios Culturales*, pp. 51-58. Madrid. Ministerio de Educación, Cultura y Deporte.

LANQUAR, Robert

1994 – *Sociologie du Tourisme et des Voyages*. Que sais-je? Presses Universitaires de France.

LOUSADA, Victor

2004 – *Viajar com... Miguel Torga*. Delegação Regional da Cultura do Norte. Edições Caixotim.

MIGUÉIS, José Rodrigues

1997 – *Uma viagem na nossa terra*. In *Léah e outras histórias*. Editorial Estampa. (1ª. edição: 1958)

NEMÉSIO, Vitorino

1998 – *Viagens ao Pé da Porta*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

PAIVA, María Valentina Soares dos Santos

2001 – *Caminos maredionales de Santiago y Miguel de Cervantes Saavedra*. In *Actas del Congreso Internacional de Itinerarios Culturales*, pp. 81-84. Madrid. Ministerio de Educación, Cultura y Deporte.

PASCOAES, Teixeira de

1994 – *A Beira (Num Relâmpago) – Duplo Passeio*. Assírio & Alvim.

PINA, Paulo

1988 – *Portugal, o Turismo no Século XX*, Lucidus.

PIRES, José Cardoso

1997 – *Lisboa. Livro de Bordo – vozes, olhares, memorações*. Publicações Dom Quixote.

PROENÇA, Raul (coord.)

1924 - *Guia de Portugal*. Fundação Calouste Gulbenkian. (Apublicação da totalidade da obra só terminou em 1969)

QUEIROZ, Carlos

1940 – *Paisagens e Monumentos de Portugal*. Secretariado da Propaganda Nacional.

1941-9 – *Panorama – Revista de Arte e Turismo*. (Coord.) Secretariado da Propaganda Nacional.

RODRÍGUEZ, Leandro

2001 – *Los Caminos de Cervantes y Sefarad*. In *Actas del Congreso Internacional de Itinerarios Culturales*, pp. 33-49. Madrid. Ministerio de Educación, Cultura y Deporte.

SARAIVA, José Hermano

1987 – *Itinerário Português – O Tempo e a Alma*. Gradiva.

SARAMAGO, José

1999 – *Viagem a Portugal*. Caminho.

SERRA, João B.

2011 – *O Guia de Portugal de Raul Proença: O que os Portugueses devem saber sobre Portugal*. In *Viajar*. Centenário da República. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

UNAMUNO, Miguel de

1989 – *Por Terras de Portugal e de Espanha*. Assírio & Alvim.

ANEXOS

ANEXO I - FOTOGRAFIAS RELACIONADAS COM TEMAS QUE MARCARAM PROFUNDAMENTE MIGUEL TORGA E QUE LHE MOTIVARAM ALGUNS DOS SEUS MAIS BELOS TEXTOS.

Consideramos que são todas imprescindíveis para um Itinerário Turístico-Cultural.

1 - Pomba branca de papel feita por Unamuno. Casa-Museu Miguel de Unamuno (Salamanca)



(...)
Fazia pombas brancas de papel
Que voavam da Ibéria ao fim do mundo.
(...) («Unamuno» - Torga, 1995a: 63)

2 e 3 - Quixote e Sancho Almada Negreiros. Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa.



Sancho: ouço uma voz etérea
Que nos chama...
Ibéria, dizes tu?!... Disseste Ibéria?!
Acorda, Sancho, é ela a nossa dama!
(...) («Pesadelo de D. Quixote» - Torga, 1995a: 73)

4 – Moisés de Miguel Ângelo. Basílica de São Pedro. Roma



*Moisés de Miguel Ângelo e meu:
Força da terra a olhar o céu
Em desafio
(...) («Moisés» - Torga, 1999: 61)*

5 – Miguel Torga



Raízes de Miguel Torga: raiz de torga
(que nos foi oferecida por um
transmontano) e oceano Atlântico
(Guincho).

6 – «Solar de Família» (antes das obras de 1960)

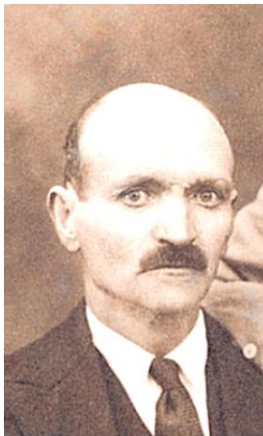


Chego, e adeus solidão. Fico logo acompanhado por todos os meus penates. Presenças virtuais mas agentes, estimulam-me o entendimento, pacificam-me o coração, corrigem-me a pauta dos versos. Ninguém como eu continua a padecer no mundo mais amparado. Até quando cavo o quintal, e começo a abafar, sinto que as suas mãos invisíveis seguram também o cabo do enxadão (Torga, 1999: 1461).

7 – Pais

Ficava-me a pensar na coesão daquelas almas, encostadas uma à outra como castanhas no mesmo ouriço. Que força misteriosa as unia? (Torga, 1981: 31-2)

8 - Pai



Lia nos astros melhor do que eu nos livros. Movia-se no mundo na paz de quem o entendia de todas as maneiras. (Torga, 1981: 30)

9 - Mãe



Faminta de perfeição, necessitava tanto da magia do maravilhoso como da harmonia do trivial. (Torga, 1970: 23-4)

10 – Irmã



Gostávamos um do outro como dois cúmplices do mesmo mistério sagrado, feito de raízes e vínculos. Tudo nela era, como em mim, ligação à terra, às tradições, às origens. (...) S. Martinho falava pela sua boca mais eloquentemente do que pela minha pena. Numa imagem, num rifão, consubstanciava toda a realidade física e metafísica que a rodeava.(Torga, 1999: 1480)

11 - Mulher



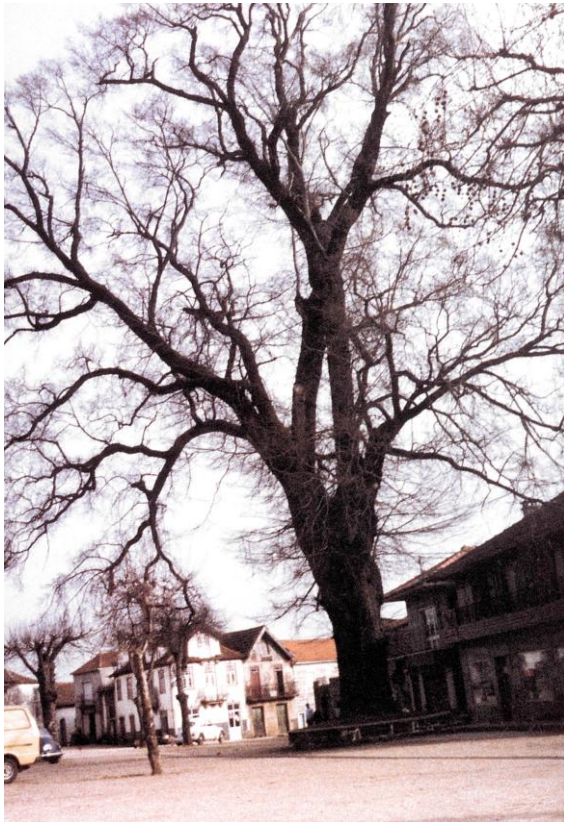
Teria eu vindo simplesmente em visita formal, apenas para lhes dar uma satisfação, ou inconscientemente movido pela necessidade de enraizar o passo que dera na exemplaridade de uma comunhão modelar? (Torga, 1981: 32)

12 - Filha



*Colho, maravilhado,
A flor do teu sorriso;
E tudo à minha volta
Se transfigura
(...) («Flor Preservada» - Torga, 1999: 899)*

13 - Negrilho



*Na terra onde nasci há um só poeta.
Os meus versos são folhas dos seus ramos.
(...)
(«A um Negrilho» - Torga, 1999: 743)*

14 - Monte de S. Domingos



*Foi ali que num remoto dia de mocidade me senti consciente do meu destino de artista,
bafejado por não sei que estimulante vento do espírito. Ali ia retemperar a lira quando
a sentia bamba. (Torga, 1999: 852-3)*

15 - Caça



(...) caça para além das lebres e das perdizes. Montes e montes devorados a passos largos e sôfregos. (Torga, 1999: 121).

Estas botas de caça, do caçador-poeta, foram oferecidas por Torga a Mário Vilela (Ex-Presidente da Junta de Freguesia de S. Martinho de Anta).

16 - Fragas



(...) coisas minhas, que dão à própria pedra uma alma, uma fala, uma intenção, um destino (Torga, 1999: 304).

17 - S. Leonardo de Galafura



Um universo virginal, como se tivesse acabado de nascer, e já eterno pela harmonia, pela serenidade, pelo silêncio que nem o rio se atreve a quebrar, ora a sumir-se furtivo por detrás dos montes, ora pasmado lá no fundo a reflectir o seu próprio assombro. Um poema geológico. A beleza absoluta.
(Torga, 1999: 1332)

18 - Vinhas



*Vou-te cantando, Baco!
Não pela colheita de hoje, que é pequena,
Mas pela de amanhã, muito maior!*
(«A Baco» - Torga, 1977a: 79)

19 - Marão



Do meu Marão nativo abrange-se Portugal; e, de Portugal, abrange-se o mundo.
(Torga, 1999: 1737)

20 - Chaves



Acordo a ouvir os galos da redondeza, que da penumbra me desafiam a inspiração, e os roncos impacientes que dos chiqueiros pedem lavagem. E bendigo mais uma vez esta terra de Portugal, que tem História, que tem civismo, que tem arte, que tem pergaminhos de toda a ordem, e que ainda se exprime, antes de erguer a voz urbana, numa sã linguagem rural de cacarejos e grunhidos.
(Torga, 1999: 1688)

21 - Rio de Onor



Morar alguns dias dentro de uma aldeia que não intriga, que não rouba, que tem do vizinho um conceito fraterno, e que não se embebeda porque é sábado mas por uma razão sagrada de celebração equinocial, é ficar ligado a uma dívida que não se paga nos jornais mas sim na ara da consciência. (Torga, 1999: 366).

22 - Castro Laboreiro



Foi aqui, em Vilarinho da Furna e em Rio de Onor que vi pela primeira vez ao natural criaturas de Deus na sua plenitude livre e solidária. (Torga, 1999: 1320)

23 e 24 - Vilarinho da Furna



(...)
*Mas, de repente, um muro de cimento
Interrompeu o canto
De um rio que corria
Nos ouvidos de todos.
E um Letes de silêncio represado
Cobre de esquecimento
Esse mundo sagrado
Onde a vida era um rito demorado
E a morte um segundo nascimento.*
(«Requiem» - Torga, 1999: 1321)

25 – Gerês



*Ah, beleza encontrada
Deste painel de montes, céu e água,
Que o acaso pintou
Com cega brutalidade,
E deixou
Na pura exactidão que exige a
eternidade!*
(«Génesis» - Torga, 1999: 1196)

26 – Antas



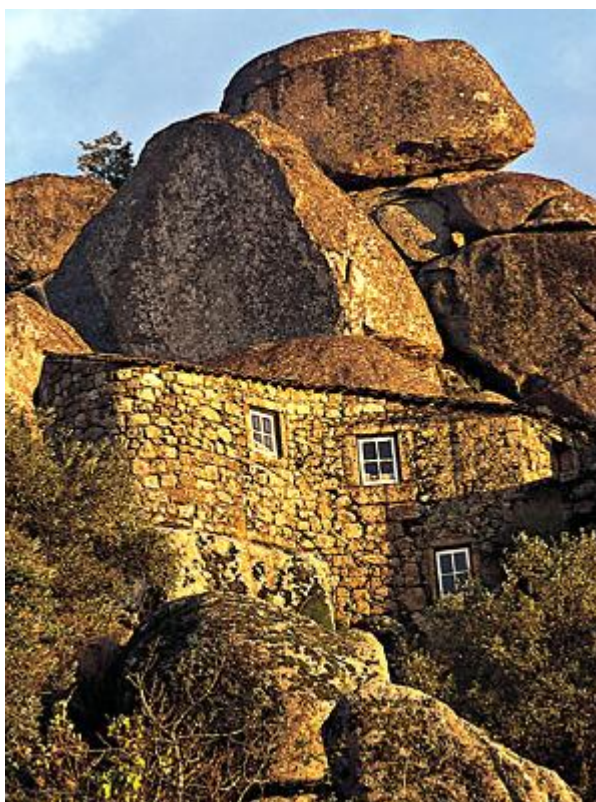
*Formula-se hoje a rigorosa hipótese que
é no homem dolménico que radicam os
valores espirituais que ainda nos
motivam. (...) A ideia de imortalidade, de
uma vida para além da vida, certamente a
mais rica de consequências que a
condição humana concebeu, terá sido ele
que a teve pela primeira vez. (...) Ora acontece que foram os nossos antepassados
neolíticos os primeiros a erguer esses sólidos e misteriosos monumentos funerários que
enxameiam todo o país (...). (Torga, 1999: 1583)*

27 – Espigueiros do Lindoso



*De todas as aldeias portuguesas que
conheço, nenhuma me parece possuir
como esta uma consciência tão concreta
da sagrada realidade do pão. Aninhada
atrás dum outeiro coroadado de canastos
de granito, sólidos e majestosos, lembra-
me um lugarejo grego que tivesse
crescido à sombra duma acrópole
inteiramente dedicada a Deméter; que pusesse toda a ruminação metafísica em
monumentos culturais onde residisse a confiança no arado, a paz da abundância, e a
força vital do povo. (Torga, 1999: 536)*

28 - Monsanto



*(...) o mais belo afloramento de granito
que eu já vi. (Torga, 1999: 149)*

29 – Sortelha



*Que memória individual ou colectiva se
relembra nesta crónica ameaçada? (Torga,
1999: 1352)*

30 - Porto



Na história portuguesa, os mais altos momentos (...) foram aqui. (Torga, 1986a: 59)

Ah! Eu gosto do Porto! (Torga, 1986a: 68)

31 - Farol



Os poetas são como os faróis: dão chicotadas de luz à escuridão. (Torga, 1999: 1087)

32 – Monumento a Fernando Pessoa. (Vila da) Feira



Inauguração de um monumento a Fernando Pessoa. No fim da cerimónia (...) ofereceram-me a bandeira nacional que o cobria. E vou guardá-la por duas razões. Por ser o símbolo da Pátria e por ter envolvido emblematicamente a glória do poeta. (...) Ninguém antes tinha realizado o milagre de criar de raiz um Portugal feito de versos. (Torga, 1999: 1494-5)

33 - Aveiro

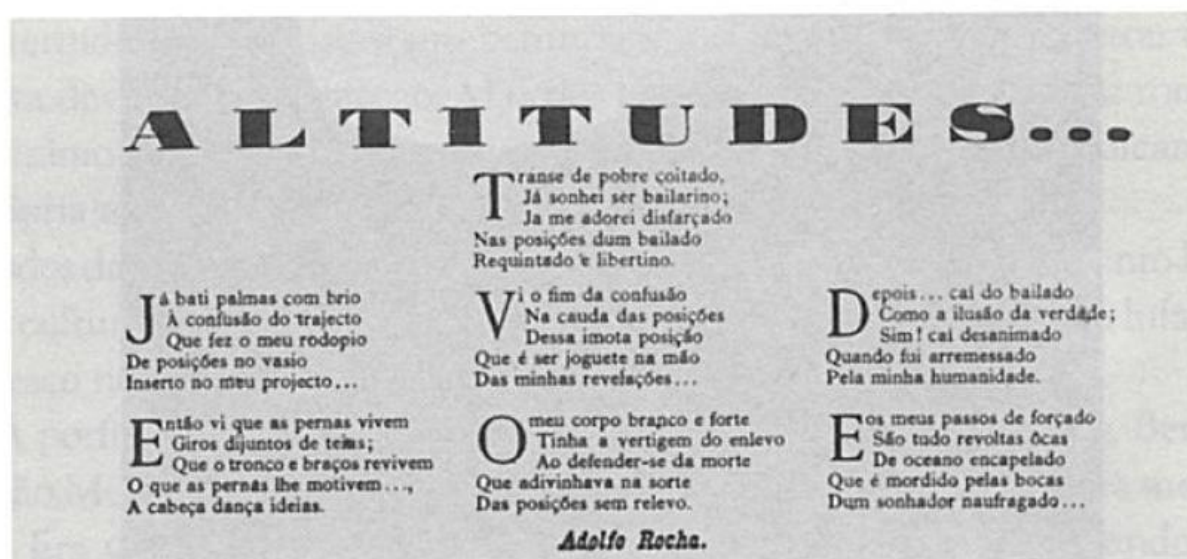


Gosto desta terra. (...) Entra-se nela e respira-se doutra maneira. O peito oprimido enche-se dum oxigénio imprevisto e generoso, ainda nativo, e já com todo o iodo tónico do largo. O iodo tónico da liberdade... (Torga, 1999: 869-70)

34 - Coimbra



Esta paisagem coimbrã tem o diabo dentro dela. No Alentejo, caminho; em Trás-os-Montes, trepo; aqui, levito. (Torga, 1999: 1147)



A minha geração falhou, ou falharam-na? Fomos nós que não pudemos, ou fomos impedidos de poder? (Torga, 1999: 823)

36 - Mondego (vista do consultório)



*De todos os cilícios, um, apenas,
Me foi grato sofrer:
Cinquenta anos de desassossego
A ver correr,
Serenas,
As águas do Mondego.
(«Memória» - Torga, 1999: 1494)*

37 - Cristo Negro (Museu Machado de Castro. Coimbra)



*Não,
Senhor dum sonho exausto!
Deus, se viesse,
Seria a claridade
Do amanhecer.
Nunca este breu de morte
Que tu és,
Terrífica presença,
Medieva e soturna encarnação!
Perto do sol a luz é mais intensa,
Corpo de trevas sem ressurreição,
Noite nua suspensa!*
(«A Um Cristo Negro») (Torga, 1999: 731)

O que marcou a infância de Torga foi a predominância de um cristianismo de sofrimentos vários. Um cristianismo mais sexta-feira de Paixão que domingo de Ressurreição. (Carranca, 2002:43)

Este Cristo, em madeira policromada, esteve durante séculos revestido duma película negra, provocada pelo «fumo das velas e candeias». Só na década de sessenta do século passado foi sujeito a restauro. (Repare-se que o poema de Torga é de 1953.) Pedro Dias considera que esta obra possui «grande qualidade plástica» e sugere que seja vista «de baixo para cima». (Pedro Dias, *100 Obras de Arte de Coimbra*, p. 40)

38 - Busto de António Nobre. Penedo da Saudade.



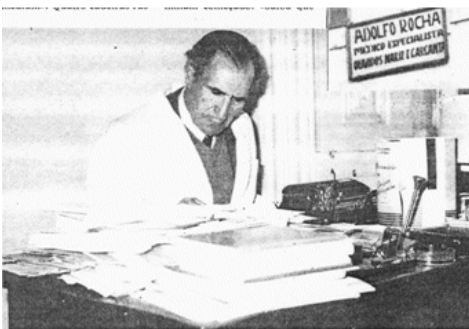
*eu sou pelas consagrações! Qual é o pobre escriba
que o não é... Mas que trágico destino ficar numa
praça a apanhar vento e chuva até à consumação dos
séculos! Era bom estar ali, era. Havia de ser, porém,
acompanhado duma saudade verdadeira. Duma
lembrança quente, perene, constante, que fosse como
uma seiva a correr entre a vida e a morte. Mas qual
o quê! Entre nós, uma estátua significa apenas o
chumbo que se não pôs no esquite.* (Torga, 1999: 195)

39 – Central. Coimbra.



Vila Nova, 1 de Novembro de 1935 – Depois de dias como o de hoje tenho a sensação do vazio absoluto. Os amigos têm que fazer, os doentes têm que morrer, os livros parecem múmias, e a noite nem sequer traz sono. Louvados sejam o barulho e as fachadas da Central! (Torga, 1999: 37)

40 – Consultório (Largo da Portagem)



Naquele velho refúgio que vai ser demolido e remodelado, estão muradas as minhas outras vidas. Das duas janelas que lhe davam luz, perspectivei durante meio século o mundo e as tragédias dele. Ali enxuguei muitas lágrimas, resisti a muitas tentações, remediei até onde pude erros da natureza, ouvi as mais íntimas confidências, sonhei, acudi a muitas aflições, dei o melhor de mim. (Torga, 1999: 1740)

41 – Máquina de dactilografia



*Era com esta máquina de escrever que o «Emendador impenitente» (prefácio à *Antologia Poética*, p. 9) escrevia os seus textos.*

42 - Sala de estar da casa de Maria da Conceição Morais Sarmento



Era nesta poltrona que Torga se sentava quando, com Maria da Conceição, discutia as revisões dos seus textos.

43 e 44 - Escritório de Leandro Morais Sarmento (na casa dos Morais Sarmento, contígua à de Miguel Torga).



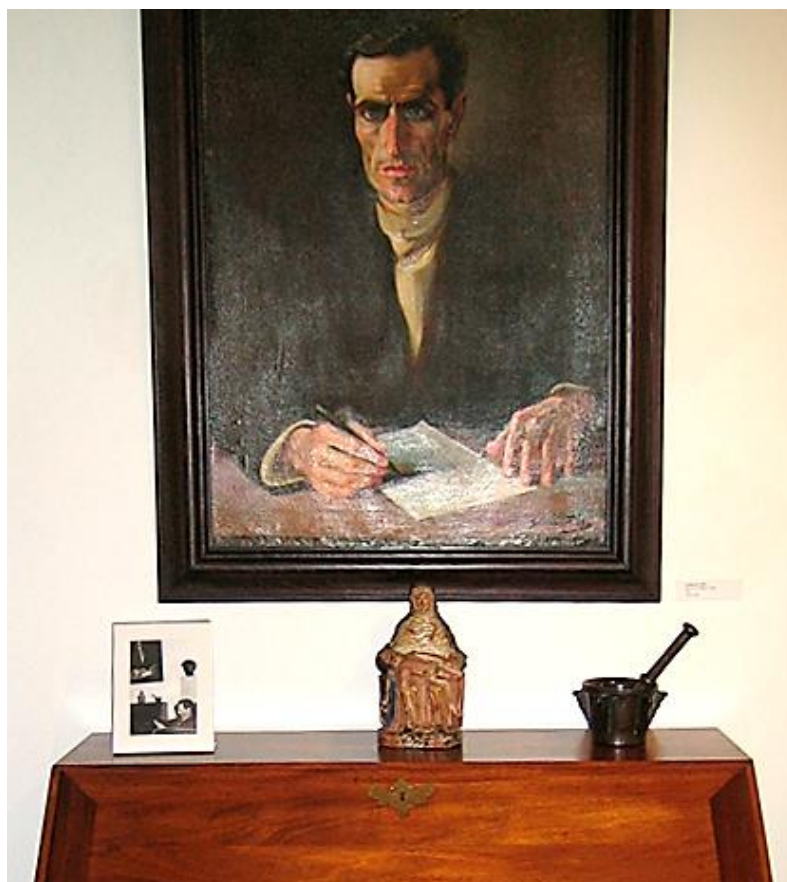
Aqui, Torga, graças ao seu amigo Leandro («Ivo», d' *A Criação do Mundo*), aprendeu a gostar de banda desenhada e teve longas e profícuas conversas com o seu vizinho, trinta anos mais novo! O Orfeu Rebelde nunca duvidou que muito se pode aprender com os jovens.

45 - Casa de Coimbra (Rua Fernando Pessoa)



As casas dos escritores também podem ser oráculos, mas para isso é necessário que a alma lhes seja mantida.

46 – Retrato de Torga por Guilherme Filipe



Flagrantemente mais parecido comigo do que eu próprio. (Torga, 1981:59) Segundo *A Criação do Mundo* este quadro a óleo de Guilherme Filipe data da época em que Torga viveu em Leiria (finais da década de trinta e inícios de quarenta.) Consideramos não ser por acaso que junto ao quadro se encontra uma Pietà. Pensemos no poema «Pietà» (*Diário*) escrito na noite de Natal de 1939, na prisão do Aljube.

47 e 48 - Vila Nova de Miranda do Corvo



Maria da Conceição Morais Sarmiento (não só vizinha e amiga de Torga, mas também revisora dos seus textos) e Padre Valentim (director da Gráfica de Coimbra e amigo do poeta), numa cerimónia (por nós organizada) em Vila Nova de Miranda do Corvo, plantando uma macieira.

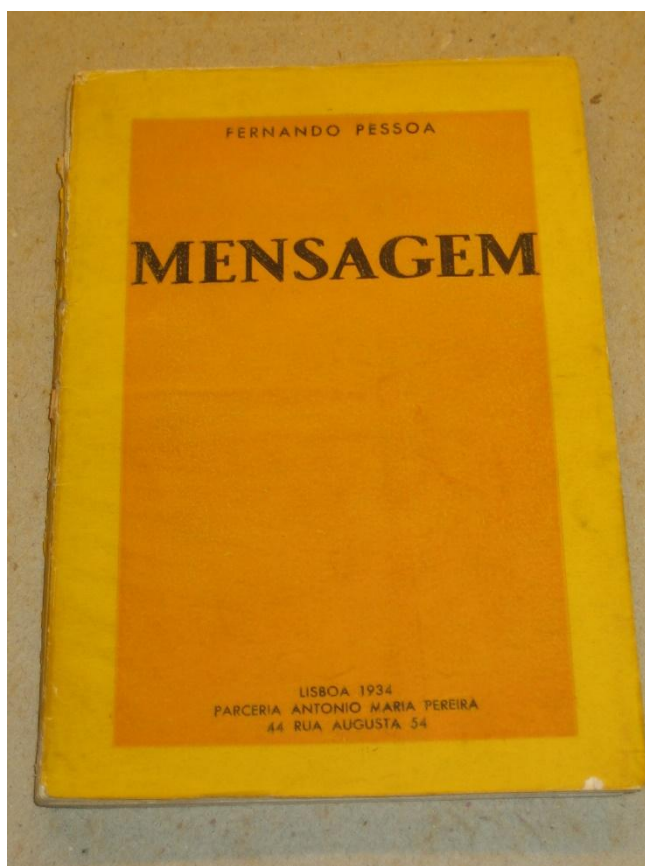


*Este é o poema duma macieira.
Quem quiser lê-lo
Quem quiser vê-lo,
Venha olhá-lo daqui a tarde inteira.*

*Floriu assim pela primeira vez.
Deu-lhe um sol de noivado,
E toda a virgindade se desfez
Neste lirismo fecundado.*

*São dois braços abertos de brancura;
Mas em redor
Não há coisa mais pura,
Nem promessa maior.*
(«Imagem» - Torga, 1999: 40)

49 – 1ª Edição de *Mensagem*.



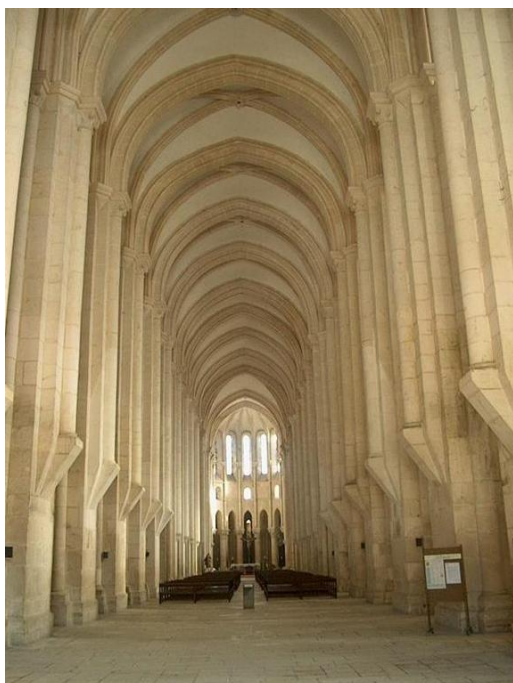
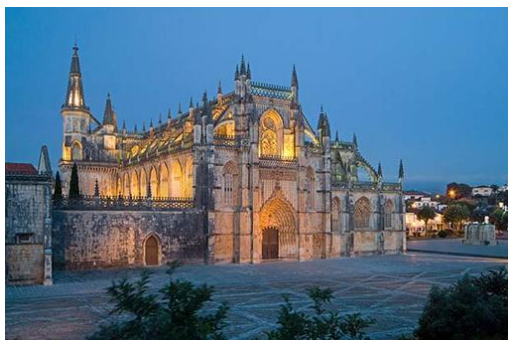
Torga vivia em Vila Nova de Miranda do Corvo quando recebeu e leu a 1ª edição de *Mensagem*. Este exemplar encontra-se no espólio do escritor, na Biblioteca Municipal de Coimbra.

50 – Leiria. Torga com Andréa



Esta terra foi a grande encruzilhada do meu destino. Aqui identifiquei e escolhi os caminhos da poesia, da liberdade e do amor. (Torga, 1999: 1432)

51, 52 e 53 – Batalha, Alcobaça, e Jerónimos



Na Batalha falo português; em Alcobaça, latim. A Batalha é um monumento cívico; Alcobaça um testemunho religioso. Por isso, num sítio sinto-me nacional; no outro, ecuménico.

– E nos Jerónimos é como se tivesse o dom das línguas e se considerasse ainda circum-navegador, claro... (Torga, 1999: 1149)

54 - Nazaré



DOMINGOS

Não quer dar um passeio também, ti Mariana?

MARIANA

Bem gostava... Mas tenho este fadário da loja...

DOMINGOS

Feche a porta, e venha connosco. Um dia não são dias!...

RAPAZ

Venha!

MARIANA

Não. O meu lugar é aqui. Mas tenho pena. Os três agora pelas dunas adiante, a ouvir a ladainha do mar e a comer camarinhas!... Nem quero pensar... Era o passeio mais bonito da minha vida!... (Torga, 1983a: 88-9)

55 - S. Pedro de Moel



O mar. A matéria-prima inesgotável de que somos milionários, que tantos nos invejam, que se nos oferece disponível e prestável à necessidade e à imaginação, que com tanta naturalidade e génio soubemos utilizar, que foi a nossa obsessão e fez a nossa glória, e de que agora apenas nos lembramos raquiticamente de ano a ano.

(Torga, 1999: 1547)

56 - Berlengas



Ao mesmo tempo fantasmagóricas e reais, de sonho e de granito, vejo-as sempre como a primeira estação da longa via-sacra que tivemos de percorrer através do grande Oceano.

(...) o espírito julga-se ali na gávea de uma iniciação. É o azul que se abre, uma proa que avança, o vento que zune, a angústia que tem miragens... Nenhum adeus se distingue já no cais de embarque. As admoestações dos velhos do Restelo

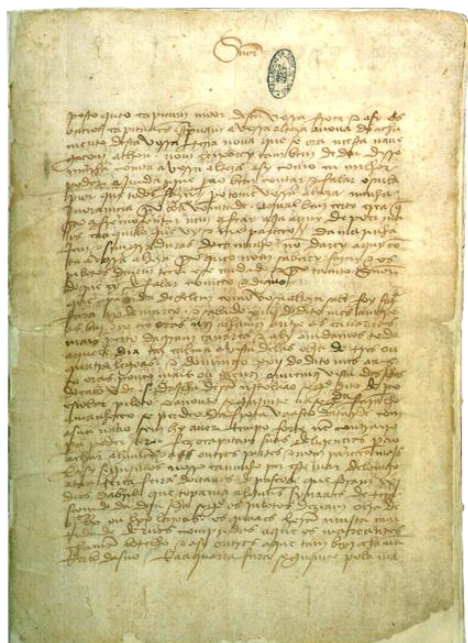
morreram no ouvido. O corpo acostumou-se aos balanços... Agora é o longe, o Tormentoso. (Torga, 1986a: 101-2)

57 e 58 - Almourol e Bugio



Portugal tem dois miradoiros flutuantes: o castelo de Almourol e o baluarte onde me encontro. De um, o que há nele de telúrico entra pelos sentidos todos; no outro, o que há nele de marítimo entra pelo entendimento todo.
(Torga, 1999: 1487)

59 - Manuscrito da Carta de Pêro Vaz de Caminha. Torre do Tombo.



XVII Exposição “Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento”. Já não sei quantas horas de pasmo e maceração. Feitos nossos sem par ilustrados com documentos nossos alienados ao estrangeiro, e só ali presentes por empréstimo. (...) Diante da carta de Pêro Vaz de Caminha até me vieram as lágrimas aos olhos. Parecia quase um milagre que ainda existisse e pertencesse ao património da nação. Não temos o sentido da cultura, a necessidade de uma vivência profunda do contributo que vamos dando à inteligência do mundo. (Torga, 1999: 1481-2)

60 - Vista de Lisboa (da zona do Aljube). Quadro de Carlos Botelho.



Quis então dizer adeus ao panorama que mais demoradamente contemplara na vida, e que fora simultaneamente um alvo de adestramento dos olhos e um espaço aberto onde diariamente me pudera encontrar. (Torga, 1971: 180-1).

61 - Torre de Belém



rendilhada por mãos que fizeram redes e desfizeram teias de aranha
(Torga, 1999: 274)

62 - Monumento aos Mortos da Guerra Colonial (Belém, Lisboa)



Cansados de uma submissão que se tornara anacrónica à luz de qualquer critério, e atiçados por humanitarismos que, embora suspeitos, falavam uma linguagem grata aos ouvidos alertados, os povos coloniais revoltaram-se. Uma onda de massacres varreu as terras ultramarinas.

E foi a repressão e a guerra, à margem de qualquer discussão pública das vantagens e desvantagens de semelhante solução dum problema que empenhava toda a comunidade, e que, em vez de passar pelo interior dilacerado de cada consciência, se estremava em duas irredutibilidades cegas.

(Torga, 1981: 150-1)

63 - Túmulo de D. Dinis. Convento de Odivelas.



*Dorme na tua glória, grande rei
Poeta!
(...)
Dorme na eternidade
Paciente
De quem num areal
Semeou um futuro Portugal,
Confiado na graça da semente.
(«D. Dinis» – Torga, 1999: 1529)*

64 - Padrão de Diogo Cão Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa



*A pura glória tem
A humilde singeleza do teu nome.
E cresce eternamente,
Como um caule imortal,
No fuste do padrão
Que a tua inquietação
Ergeu
Nestes confins do mundo onde chegou.
Limpó brasão de quem só descobriu
E nada conquistou.
(«Diogo Cão» - Torga, 1999: 1250)*

65 - Arrábida



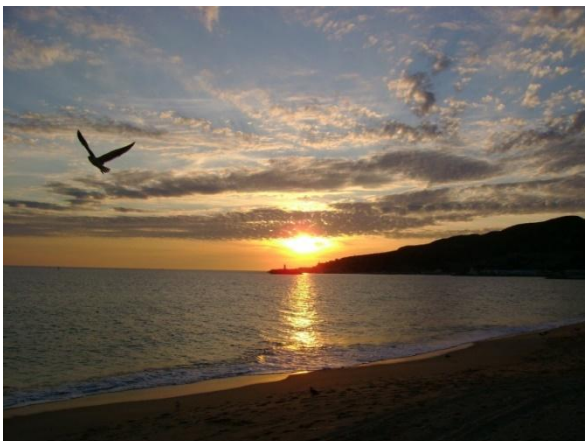
Quando a serra e o mar se juntam, não há nada a fazer nem a dizer. Com fragas e ondas, a vida fica tão perfeita, que seria uma estupidez intervir. (Torga, 1999: 467).

66, 67 e 68 - Fado



Quer queiram, quer não, em arte, o melhor que Portugal deu na época presente foram fadistas. Nenhum criador se levantou à altura das nossas cantadeiras. A Maria de Noronha, a Amália e a Hermínia são agora o Antero, o Eça e o Oliveira Martins. (Torga, 1999: 496)

69 - Sesimbra



O mar. Uma lareira com outras labaredas e o mesmo fascínio. (Torga, 1999: 1618)

70 - Torrão



Há terras onde pegamos de estaca e temos como que um segundo nascimento activo, sem progenitores. Vivi aqui horas de tanta intensidade literária, política, religiosa e lúdica, que Bernardim Ribeiro bem podia considerar-me seu conterrâneo. Duvido que a naturalidade dele seja mais significativa do que a minha naturalização.
(Torga, 1999: 1369)

71 - Elvas



Hoje foi a vez cá do burgo. Já meu velho conhecido, nunca tinha tido vagar para o medir às passadas e aquilatar nele os dons de poeta. Os versos, depois de enquadrados na geometria das muralhas, entoados na harpa eólica do aqueduto e conferidos, a seguir, na capela octógona das freiras de S. Domingos. É assim, de resto, que procedo sempre que posso. Em todas as terras da pátria, é da minha confrontação que se trata, antes de mais. Estou ou não estou certo ali? As pessoas, os monumentos e o ar que se respira cabem em qualquer das páginas que escrevi? (Torga, 1999: 1325)

72 - Évora



porque nela se documenta inteiramente a génese do que somos, o que temos de lusitanos, de latinos, de árabes e de cristãos, e se encontra registado dentro dos seus muros o caminho saibroso da nossa cultura, - se estivesse nas minhas mãos, obrigava todo o português a fazer uma quarentena ali. (Torga, 1999: 1986a: 125)

73 - Sagres



Doido de terra, de mar e de história (que é aqui onde em Portugal as três coisas se vêm sem ninguém as poder diminuir nem aumentar), pus-me a calcorrear estas pedras roídas de saudade... (Torga, 1999: 158)

74 – Algarve – Açoteias de Olhão



A ideia que tenho dum paraíso terrestre, onde o homem possa viver feliz ao natural, vem-me dali. Casas cujos telhados, nem de colmo, nem de lousa, sejam açoteias de harém para um amor livre e espontâneo ao luar.(Torga, 1986a: 135)

75 e 76 - Vila Real de Santo António



É impossível. Edificar uma cidade com carácter em cinco meses é o mesmo que fazer um ninho de andorinha num segundo. Para que uma terra tenha cunho e magia, unidade e variedade dentro do seu todo inteiro e marcado, é preciso que seja segregada pelos homens pedra a pedra, rua a rua, cornija a cornija, com a fé e a paciência com que se escreve um longo poema ou se constrói uma religião. (Torga, 1999: 157-8)

77 e 78 - Madeira



*Teve de se afundar um continente
Para que um dos seus cumes,
Magicamente emerso,
Fosse por nós achado,
Loucos descobridores
De terras que faltavam
Na imaginação.*

(...)

(«Atlantes» - Torga, 1999: 1427)

Antes de partir, encho os olhos até onde posso desta realidade geológica que tanto me faz lembrar o meu Doiro amado, pela graça suplementar da cultura que foi acrescentada à beleza silvestre. Aqui como lá, a mão laboriosa soube humanizar a rude paisagem natural sem a desfigurar. O que era majestoso e belo de origem, ficou ainda mais majestoso e belo depois de granjeado. (Torga, 1999: 1427)

79 - Sete Cidades. S. Miguel.



Assombrado, perdi a firmeza diante dum tal fascínio, que Raul Brandão, a pinceladas de caneta, me inculcara à curiosidade na figuração de uma fresca aguarela, de tintas ainda a escorrer (...)
(Torga, 1999: 1174)

80 - Campo de S. Francisco. Ponta Delgada.



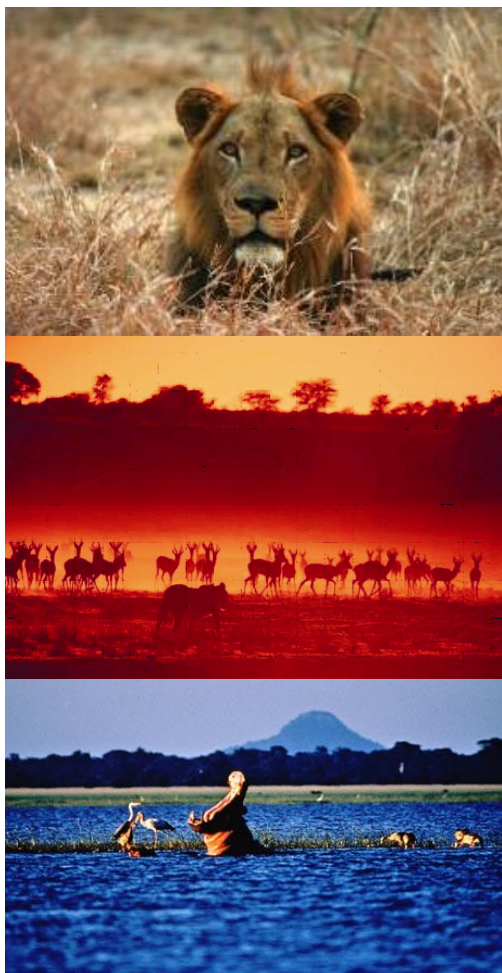
*E foi no largo abraço
Da imagem tutelar
Que procurou a morte,
Como que a desmentir o gesto suicida.
(...)
O emblema ali está
Alçado num recanto intemporal
Da grande praça do quotidiano,
A dizer não eternamente
Ao desespero que desespera.
(«A Âncora» - Torga, 1999: 1662)*

81 - Ilha de Moçambique



Não me canso de ver e de pasmar. (...) tudo certo, tudo ao mesmo tempo insólito e natural, como deve ser a vida (...). O próprio Camões, tão descabido em Luanda e no Lobito, fica aqui bem, de peito aberto ao ar marítimo do Oriente. Em vez de uma ilha real, com latitude e longitude, tenho a impressão de surpreender um acto de imaginação da pátria.(Torga, 1999: 1258)

82, 83 e 84 - Parque da Gorongosa. Moçambique.



No Brasil (...) a fauna desaparecia diante do esplendor arbóreo. Aqui, a clorofila deu lugar à proteína. E é um louvar a Deus. Bichos de todas as formas e feitios lado a lado, o hipopótamo enterrado nos charcos, o abutre empoleirado nos galhos, o crocodilo a flutuar nas lagoas, o búfalo a pastar nas clareiras, o elefante abrigado nas ramas, a serpente enroscada nas sombras. Asas a voar, cascos a trotar, ventres a rastejar. E tudo numa abundância primordial, aos bandos, às manadas, aos enxames. Ilhas de carne, florestas de chifres, nuvens de penas. E, a autenticar a obra, a vetusta assinatura do autor, figurada na juba de um leão deitado ao lado da companheira, a olhar com majestática sobranceira o pobre rei da criação que eu era, a exhibir um ceptro de cinco balas nas mãos aterradas.

(Torga, 1999: 1255-6)

85 - Congonhas do Campo (Brasil). Esculturas do Aleijadinho, no santuário do Senhor de Matosinhos.



Parecem-me todos homens de carne, afinal, apesar da madeira e da pedra, das armaduras romanas e dos turbantes asiáticos, ou das túnicas divinas. E homens brasileiros, carregados dum novo potencial, contidos ainda, mas alerta dentro da quietude.

Homens tão vivos, tão autênticos, tão concretos, que acabo por perguntar a mim mesmo se o verdadeiro grito do Ipiranga não foi aqui!

(Torga, 1999: 762)

86 – A cozinha de Manhufe de Amadeo de Sousa Cardoso. Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian.



Exposição de arte contemporânea portuguesa, com Amadeo de Sousa Cardoso a encher de surpresa os olhos e a imaginação. Sabe bem verificar que também somos capazes de estar à altura de qualquer tempo europeu enraizados em Manhufe.

(Torga, 1999: 1488-9)

87 - Helena Vieira da Silva. Painel de Azulejos, na estação do Metropolitano do Rato.



Já viu a exposição da Vieira da Silva?

- Venho de lá...

- E então?

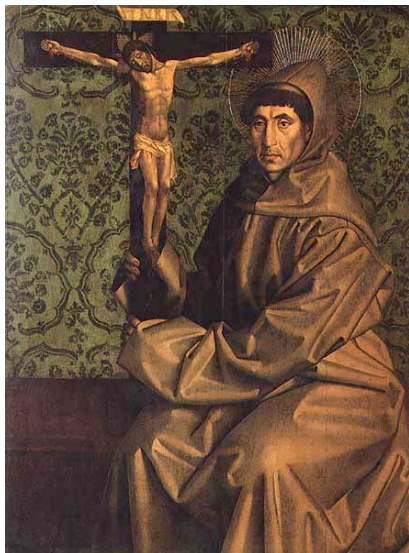
- Gostei. Desta vez Penélope não fez e desfez. A teia dos dias ficou intacta, com o tempo preso nas malhas. Um certo tempo humano, de angústia e fidelidade... (Torga, 1999: 1183-4)

88 – Painéis de Nuno Gonçalves



(...) se a nacionalidade do seu autor é brumosa, que deslumbradora claridade portuguesa irradia da obra! A luz da realidade contemporânea era tão significativa, que o pintor, exactamente como mais tarde Greco, em Espanha, só teve o génio de a perpetuar. (...) E, não obstante a presença do mártir e da família real (...) o políptico, em vez de uma misericórdia de almas hierarquizadas e suplicantes à sombra de qualquer capa, é uma confraternização viril de homens da mesma grandeza, livres e triunfantes ao lado uns dos outros.(Torga, 1999: 1061)

89 - S. Francisco – Museu Nacional de Arte Antiga. Pintura atribuída a Nuno Gonçalves.



(...) um santo com santidade para todos os tempos, único homem da Criação que na terra se mediu naturalmente com a grandeza de Cristo. (Torga, 1999: 1776)

90 - Lareira



*Chama da inspiração, que me devoras,
Alarga o teu abraço ao mundo inteiro!
(...)
Funde no teu calor
A montanha de gelo e de tristeza
Que nos oprime o corpo e o coração.
E que a grande fogueira da beleza
Seja o sol duma nova redenção!
(«Ao Fogo» - Torga, 1977a: 73)*

ANEXO II - LISTAGEM, POR ORDEM ALFABÉTICA, DAS NOTAS DO *DIÁRIO*

LOCAL	DIA	MÊS	ANO
A bordo	31	Agosto	1953
A bordo	6	Setembro	1953
A bordo	8	Setembro	1953
A bordo	12	Setembro	1953
A bordo	13	Setembro	1953
A bordo	15	Setembro	1953
A bordo	27	Julho	1954
A bordo	28	Julho	1954
A bordo	29	Julho	1954
A bordo	30	Julho	1954
A bordo	31	Julho	1954
A bordo	1	Agosto	1954
A bordo	2	Agosto	1954
A bordo	3	Agosto	1954
A bordo	4	Agosto	1954
A bordo	5	Agosto	1954
A bordo	25	Agosto	1954
A bordo	27	Agosto	1954
A bordo	28	Agosto	1954
A bordo	29	Agosto	1954
A bordo	30	Agosto	1954
A bordo	1	Setembro	1954
A bordo	3	Setembro	1954
A caminho de Lisboa	26	Setembro	1968
Abaças	15	Setembro	1989
Abrecôvo	27	Dezembro	1941
Acapulco	5	Março	1984
Açor	25	Outubro	1942
Açores	18	Março	1970
Açores	18	Março	1970
Açores	18	Março	1970
Açores	16	Março	1970
Açores	9	Junho	1989
Açores	10	Junho	1989
Açores	11	Junho	1989
Açores	17	Março	1970
Açores	19	Março	1970
África	1	Junho	1973
África	10	Junho	1973
África	12	Junho	1973
Agrigento	20	Setembro	1950
Águeda	22	Dezembro	1948
Aguincho	31	Março	1949

Albufeira	16	Agosto	1975
Albufeira	18	Agosto	1975
Albufeira	19	Agosto	1975
Albufeira	21	Agosto	1975
Albufeira	27	Agosto	1975
Albufeira	28	Agosto	1975
Albufeira	1	Agosto	1976
Albufeira	2	Agosto	1976
Albufeira	7	Agosto	1976
Albufeira	12	Agosto	1976
Albufeira	14	Agosto	1976
Albufeira	12	Agosto	1979
Albufeira	14	Agosto	1979
Albufeira	25	Julho	1982
Albufeira	27	Julho	1982
Albufeira	28	Julho	1982
Albufeira	29	Julho	1982
Albufeira	30	Julho	1982
Albufeira	8	Agosto	1982
Albufeira	11	Agosto	1982
Albufeira	12	Agosto	1982
Albufeira	5	Agosto	1982
Albufeira	8	Agosto	1987
Alcáçovas	11	Dezembro	1966
Alcáçovas	19	Dezembro	1968
Além-Coa	2	Novembro	1969
Alijó	13	Janeiro	1989
Alijó	14	Janeiro	1990
Alijó	14	Abril	1979
Aljubarrota	22	Março	1983
Almalaguez	16	Outubro	1966
Almansil	5	Agosto	1988
Almeida	16	Novembro	1947
Almeida	9	Dezembro	1962
Alpalhão	1	Novembro	1952
Alpiarça	14	Junho	1959
Altar de Cabrões	9	Agosto	1944
Alte	26	Agosto	1975
Alto do Velão	29	Março	1948
Alvaiázere	9	Fevereiro	1975
Alvaiázere	29	Maio	1984
Amarante	3	Outubro	1957
Amieira do Alentejo	29	Novembro	1957
Amieira do Alentejo	24	Outubro	1958
Amieira do Alentejo	25	Outubro	1958
Amiens	3	Junho	1958
Anadia	4	Outubro	1987
Anadia	29	Junho	1989
Andorra	12	Junho	1958
Angoulême	2	Junho	1958
Antuérpia	16	Janeiro	1938
Apúlia	21	Julho	1945

Aregos	24	Dezembro	1953
Aregos	25	Dezembro	1953
Aregos	25	Setembro	1954
Aregos	23	Dezembro	1954
Aregos	24	Dezembro	1954
Aregos	25	Dezembro	1954
Aregos	26	Dezembro	1954
Aregos	28	Dezembro	1954
Aregos	8	Abril	1955
Aregos	3	Outubro	1956
Aregos	13	Abril	1963
Aregos	11	Abril	1971
Arganil	21	Junho	1944
Arganil	16	Julho	1964
Arganil	1	Dezembro	1966
Arganil	7	Novembro	1968
Arganil	2	Novembro	1970
Argel	14	Setembro	1953
Arneirós	1	Abril	1948
Arouca	22	Agosto	1945
Arouca	23	Agosto	1965
Arrábida	17	Fevereiro	1942
Arrábida	27	Março	1949
Arrábida		Páscoa	1952
Arrábida	9	Abril	1952
Arraiolos	21	Novembro	1943
Arraiolos	1	Abril	1946
Atenas	7	Setembro	1953
Aveiro	24	Maio	1958
Aveiro	16	Maio	1969
Aveiro	14	Agosto	1963
Aveiro	9	Junho	1974
Aveiro	26	Junho	1983
Aveiro	6	Junho	1983
Ávila	29	Agosto	1950
Ávila	12	Setembro	1951
Avinhão	24	Agosto	1970
Avô	28	Setembro	1942
Baía	26	Agosto	1954
Balsemão	21	Setembro	1944
Banco Verde	23	Agosto	1954
Barca de Alva	10	Abril	1947
Barca de Alva	26	Fevereiro	1967
Barcelona	2	Setembro	1950
Barcelona	6	Setembro	1950
Barcelos	26	Agosto	1949
Barril-de-Alva	27	Setembro	1942
Barril-de-Alva	28	Setembro	1942
Barroso	27	Junho	1956
Barroso	21	Setembro	1969
Barroso	1	Setembro	1991
Barroso	17	Setembro	1967

Barroso	8	Setembro	1983
Barroso	2	Setembro	1990
Barroso	8	Setembro	1987
Barroso	27	Setembro	1958
Barroso	28	Maio	1955
Batalha	15	Março	1983
Beira	2	Junho	1973
Belo Horizonte	22	Agosto	1954
Berlengas	6	Julho	1947
Berlengas	23	Junho	1968
Berlim	28	Agosto	1970
Berlim	29	Agosto	1970
Biarritz	7	Outubro	1950
Bigorne	31	Outubro	1954
Blois	10	Junho	1958
Bobadela	6	Junho	1943
Boelhe	28	Setembro	1952
Bombaim	18	Junho	1987
Borba	2	Outubro	1976
Botão	4	Novembro	1956
Boticas	17	Setembro	1970
Boticas	7	Setembro	1973
Bragança	23	Setembro	1947
Bragança	1	Maio	1976
Bruges	8	Junho	1958
Bruges	5	Junho	1977
Bruxelas	15	Janeiro	1938
Bruxelas	16	Janeiro	1938
Bruxelas	17	Janeiro	1938
Bruxelas	4	Junho	1958
Bruxelas	5	Junho	1958
Bruxelas	6	Junho	1958
Bruxelas	4	Junho	1977
Bruxelas	6	Junho	1977
Bruxelas	7	Junho	1977
Buarcos	20	Agosto	1937
Buarcos	13	Junho	1943
Buarcos	15	Junho	1962
Buçaco	25	Maio	1952
Buçaco	16	Maio	1958
Buçaco	18	Junho	1983
Buçaco	3	Março	1991
Buçaco	21	Julho	1991
Cabo Espichel	12	Abril	1983
Cabo Girão	30	Agosto	1980
Cabo Verde	31	Agosto	1954
Cabora Vassa	5	Junho	1973
Cachão da Valeira	28	Julho	1968
Caldas da Rainha	1	Setembro	1939
Caldas da Rainha	7	Setembro	1939
Caldas da Rainha	11	Setembro	1939
Caldas da Rainha	12	Setembro	1939

Caldas da Rainha	14	Setembro	1939
Caldas da Rainha	15	Setembro	1939
Caldas da Rainha	25	Julho	1987
Caldeiras	7	Agosto	1945
Caldeiras	8	Agosto	1945
Caldeiras	15	Agosto	1945
Caldeiras	20	Agosto	1945
Caldelas	23	Agosto	1947
Caldelas	7	Setembro	1947
Caldelas	27	Agosto	1948
Caldelas	28	Agosto	1948
Caldelas	30	Agosto	1948
Caldelas	31	Agosto	1948
Caldelas	1	Setembro	1948
Caldelas	2	Setembro	1948
Caldelas	14	Agosto	1949
Caldelas	22	Agosto	1949
Caldelas	28	Agosto	1949
Caldelas	24	Setembro	1949
Caldelas	25	Setembro	1949
Caldelas	22	Agosto	1951
Caldelas	23	Agosto	1951
Caldelas	28	Agosto	1951
Caldelas	16	Agosto	1952
Caldelas	21	Agosto	1952
Caldelas	23	Agosto	1952
Caldelas	23	Agosto	1952
Caldelas	25	Agosto	1952
Caldelas	26	Agosto	1952
Caldelas	22	Agosto	1955
Campo de Ourique	11	Agosto	1987
Campos de Coimbra	24	Fevereiro	1952
Campos do Mondego	29	Junho	1941
Campos do Mondego	27	Abril	1988
Cantão	12	Junho	1987
Capri	16	Setembro	1950
Capri	5	Setembro	1953
Caramulo	23	Março	1969
Caramulo	13	Março	1988
Caramulo	24	Abril	1983
Caramulo	8	Agosto	1943
Carrazedo do Alvão	13	Abril	1974
Cartão (Pala Pinta)	22	Setembro	1973
Carvalhelhos	3	Setembro	1989
Carvalhelhos	18	Junho	1956
Carvalhelhos	21	Junho	1956
Carvalhelhos	23	Junho	1956
Carvalhelhos	24	Junho	1956
Carvalhelhos	25	Junho	1956
Carvalhelhos	17	Junho	1956
Carvoeiro	16	Julho	1972
Carvoeiro	17	Julho	1972

Carvoeiro	18	Julho	1972
Carvoeiro	19	Julho	1972
Carvoeiro	20	Julho	1972
Carvoeiro	21	Julho	1972
Carvoeiro	25	Julho	1972
Carvoeiro	29	Julho	1972
Carvoeiro	4	Julho	1973
Carvoeiro	5	Julho	1973
Carvoeiro	7	Julho	1973
Carvoeiro	20	Julho	1973
Carvoeiro	15	Agosto	1977
Carvoeiro	26	Julho	1982
Cascais	28	Maio	1966
Cascais	25	Junho	1986
Cascais	2	Março	1988
Caslelo de Vide	21	Abril	1978
Castelo Branco	19	Fevereiro	1949
Castelo Branco	28	Outubro	1979
Castelo da Feira	11	Setembro	1949
Castelo de Almourol	20	Junho	1971
Castelo de Vide	25	Abril	1978
Castelo do Bode	19	Março	1950
Castelo Mendo	25	Outubro	1970
Castelo Rodrigo	15	Novembro	1947
Castro daire	9	Junho	1948
Castro Laboreiro	6	Agosto	1948
Castro Laboreiro	24	Agosto	1948
Castro Laboreiro	22	Setembro	1949
Castro Laboreiro	17	Julho	1976
Catraia do Faropo (Serra da Pampilhosa)	6	Dezembro	1952
Cavas do Doiro	11	Setembro	1981
Ceira	15	Maio	1943
Ceira	12	Junho	1946
Ceira		Setembro	1952
Cela	21	Maio	1973
Celorico	11	Janeiro	1953
Cepos	21	Abril	1946
Cernache (Eira Pedrinha)	16	Agosto	1981
Certosa di Pavia	30	Dezembro	1937
Chartres	6	Outubro	1950
Chaves	27	Maio	1955
Chaves	23	Setembro	1958
Chaves	28	Setembro	1958
Chaves	18	Setembro	1960
Chaves	23	Setembro	1960
Chaves	25	Setembro	1960
Chaves	26	Setembro	1960
Chaves	27	Setembro	1960
Chaves	17	Setembro	1961
Chaves	24	Setembro	1961
Chaves	25	Setembro	1961
Chaves	20	Setembro	1962

Chaves	21	Setembro	1962
Chaves	22	Setembro	1962
Chaves	20	Setembro	1963
Chaves	18	Setembro	1964
Chaves	12	Setembro	1966
Chaves	20	Setembro	1966
Chaves	23	Setembro	1966
Chaves	27	Setembro	1967
Chaves	28	Setembro	1967
Chaves	29	Setembro	1967
Chaves	8	Abril	1968
Chaves	9	Abril	1968
Chaves	11	Abril	1968
Chaves	9	Setembro	1969
Chaves	10	Setembro	1969
Chaves	18	Setembro	1969
Chaves	14	Setembro	1970
Chaves	19	Setembro	1970
Chaves	24	Setembro	1970
Chaves	24	Setembro	1971
Chaves	11	Setembro	1972
Chaves	15	Setembro	1972
Chaves	16	Setembro	1972
Chaves	11	Abril	1974
Chaves	3	Setembro	1974
Chaves	10	Setembro	1974
Chaves	11	Setembro	1975
Chaves	15	Setembro	1975
Chaves	8	Setembro	1976
Chaves	7	Setembro	1977
Chaves	14	Setembro	1977
Chaves	12	Setembro	1978
Chaves	13	Setembro	1978
Chaves	14	Setembro	1978
Chaves	13	Setembro	1979
Chaves	4	Setembro	1980
Chaves	6	Setembro	1981
Chaves	7	Setembro	1982
Chaves	12	Setembro	1982
Chaves	13	Setembro	1982
Chaves	18	Setembro	1982
Chaves	1	Setembro	1983
Chaves	2	Setembro	1983
Chaves	12	Setembro	1983
Chaves	2	Setembro	1984
Chaves	3	Setembro	1984
Chaves	4	Setembro	1984
Chaves	5	Setembro	1984
Chaves	9	Setembro	1984
Chaves	3	Setembro	1985
Chaves	10	Setembro	1985
Chaves	6	Setembro	1986

Chaves	14	Setembro	1986
Chaves	29	Agosto	1987
Chaves	30	Agosto	1987
Chaves	31	Agosto	1987
Chaves	1	Setembro	1987
Chaves	2	Setembro	1987
Chaves	12	Setembro	1987
Chaves	14	Setembro	1987
Chaves	18	Dezembro	1987
Chaves	31	Agosto	1988
Chaves	1	Setembro	1988
Chaves	4	Setembro	1988
Chaves	25	Agosto	1989
Chaves	26	Agosto	1989
Chaves	4	Setembro	1989
Chaves	6	Setembro	1989
Chaves	23	Agosto	1990
Chaves	25	Agosto	1990
Chaves	26	Agosto	1990
Chaves	27	Agosto	1990
Chaves	28	Agosto	1990
Chaves	30	Agosto	1990
Chaves	6	Setembro	1990
Chaves	7	Setembro	1990
Chaves	8	Setembro	1990
Chaves	25	Agosto	1991
Chaves	26	Agosto	1991
Chaves	26	Agosto	1991
Chaves	6	Setembro	1991
Chaves	26	Agosto	1992
Chaves	28	Agosto	1992
Chaves	1	Setembro	1992
Chaves	6	Setembro	1992
Chaves	24	Agosto	1993
Chaves	25	Agosto	1993
Chaves	26	Agosto	1993
Chaves	27	Agosto	1993
Chaves	28	Agosto	1993
Chaves	30	Agosto	1993
Chaves	31	Agosto	1993
Chaves	3	Setembro	1993
Chaves	9	Setembro	1982
Chaves	29	Agosto	1989
Chaves	14	Setembro	1983
Chaves	4	Setembro	1991
Chaves	3	Setembro	1991
Chaves	7	Setembro	1988
Chaves	8	Setembro	1988
Chaves	1	Setembro	1989
Chaves	4	Setembro	1990
Chaves	3	Setembro	1990
Chaves	5	Setembro	1989

Chaves	10	Setembro	1983
Chaves	7	Setembro	1985
Chaves	12	Setembro	1988
Chaves	8	Setembro	1989
Chelo	21	Maio	1943
Chinchen Itza	8	Março	1984
Cidade do México	11	Março	1984
Cidade do México	12	Março	1984
Cidade do México	14	Março	1984
Cidade do México	15	Março	1984
Cidade do México	16	Março	1984
Cidade do México	17	Março	1984
Cidade do México	18	Março	1984
Cidadella	9	Setembro	1981
Citânia de Briteiros	6	Setembro	1943
Coi, Tovim	3	Setembro	1938
Coimbra	3	Janeiro	1932
Coimbra	6	Fevereiro	1932
Coimbra	8	Janeiro	1933
Coimbra	1	Março	1933
Coimbra	6	Março	1933
Coimbra	4	Novembro	1933
Coimbra	8	Dezembro	1933
Coimbra	4	Fevereiro	1935
Coimbra	6	Fevereiro	1935
Coimbra	8	Fevereiro	1935
Coimbra	6	Fevereiro	1936
Coimbra	10	Fevereiro	1936
Coimbra	4	Outubro	1936
Coimbra	26	Outubro	1936
Coimbra	29	Outubro	1936
Coimbra	3	Novembro	1936
Coimbra	6	Novembro	1936
Coimbra	12	Janeiro	1937
Coimbra	14	Janeiro	1937
Coimbra	18	Janeiro	1937
Coimbra	25	Janeiro	1937
Coimbra	4	Março	1937
Coimbra	27	Junho	1937
Coimbra	20	Agosto	1937
Coimbra	23	Agosto	1937
Coimbra	12	Outubro	1937
Coimbra	14	Outubro	1937
Coimbra	16	Outubro	1937
Coimbra	3	Novembro	1937
Coimbra	6	Novembro	1937
Coimbra	11	Novembro	1937
Coimbra	16	Novembro	1937
Coimbra	3	Dezembro	1937
Coimbra	18	Dezembro	1937
Coimbra	30	Março	1938
Coimbra	16	Junho	1938

Coimbra	5	Outubro	1938
Coimbra	7	Outubro	1938
Coimbra	9	Outubro	1938
Coimbra	10	Outubro	1938
Coimbra	12	Outubro	1938
Coimbra	13	Outubro	1938
Coimbra	16	Outubro	1938
Coimbra	27	Outubro	1938
Coimbra	28	Outubro	1938
Coimbra	30	Outubro	1938
Coimbra	2	Novembro	1938
Coimbra	7	Novembro	1938
Coimbra	9	Novembro	1938
Coimbra	10	Novembro	1938
Coimbra	5	Dezembro	1938
Coimbra	6	Dezembro	1938
Coimbra	7	Dezembro	1938
Coimbra	8	Dezembro	1938
Coimbra	8	Janeiro	1939
Coimbra	10	Janeiro	1939
Coimbra	15	Janeiro	1939
Coimbra	17	Janeiro	1939
Coimbra	19	Janeiro	1939
Coimbra	25	Janeiro	1939
Coimbra	26	Fevereiro	1939
Coimbra	27	Fevereiro	1939
Coimbra	12	Março	1939
Coimbra	18	Março	1939
Coimbra	20	Março	1939
Coimbra	8	Abril	1939
Coimbra	12	Abril	1939
Coimbra	14	Abril	1939
Coimbra	7	Maio	1939
Coimbra	9	Maio	1939
Coimbra	10	Maio	1939
Coimbra	12	Maio	1939
Coimbra	3	Agosto	1939
Coimbra	17	Novembro	1939
Coimbra	16	Maio	1940
Coimbra	11	Junho	1940
Coimbra	6	Outubro	1940
Coimbra	7	Outubro	1940
Coimbra	23	Outubro	1940
Coimbra	12	Novembro	1940
Coimbra	13	Novembro	1940
Coimbra	20	Novembro	1940
Coimbra	21	Novembro	1940
Coimbra	15	Fevereiro	1941
Coimbra	16	Abril	1941
Coimbra	8	Maio	1941
Coimbra	28	Junho	1941
Coimbra	5	Julho	1941

Coimbra	6	Agosto	1941
Coimbra	8	Agosto	1941
Coimbra	9	Agosto	1941
Coimbra	12	Agosto	1941
Coimbra	14	Agosto	1941
Coimbra	15	Agosto	1941
Coimbra	3	Setembro	1941
Coimbra	19	Outubro	1941
Coimbra	20	Outubro	1941
Coimbra	26	Janeiro	1942
Coimbra	27	Janeiro	1942
Coimbra	29	Janeiro	1942
Coimbra	2	Fevereiro	1942
Coimbra	3	Fevereiro	1942
Coimbra	26	Fevereiro	1942
Coimbra	27	Fevereiro	1942
Coimbra	28	Fevereiro	1942
Coimbra	29	Fevereiro	1942
Coimbra	4	Março	1942
Coimbra	24	Março	1942
Coimbra	25	Março	1942
Coimbra	16	Abril	1942
Coimbra	17	Maio	1942
Coimbra	23	Maio	1942
Coimbra	24	Maio	1942
Coimbra	26	Maio	1942
Coimbra	27	Maio	1942
Coimbra	28	Maio	1942
Coimbra	20	Junho	1942
Coimbra	22	Junho	1942
Coimbra	25	Junho	1942
Coimbra	21	Julho	1942
Coimbra	22	Julho	1942
Coimbra	23	Julho	1942
Coimbra	24	Julho	1942
Coimbra	25	Julho	1942
Coimbra	26	Julho	1942
Coimbra	27	Julho	1942
Coimbra	28	Julho	1942
Coimbra	29	Julho	1942
Coimbra	8	Setembro	1942
Coimbra	10	Setembro	1942
Coimbra	14	Setembro	1942
Coimbra	13	Outubro	1942
Coimbra	14	Outubro	1942
Coimbra	17	Outubro	1942
Coimbra	20	Outubro	1942
Coimbra	27	Outubro	1942
Coimbra	11	Novembro	1942
Coimbra	13	Novembro	1942
Coimbra		Novembro	1942
Coimbra	19	Novembro	1942

Coimbra	20	Novembro	1942
Coimbra	28	Novembro	1942
Coimbra	29	Novembro	1942
Coimbra	30	Novembro	1942
Coimbra	1	Dezembro	1942
Coimbra	3	Dezembro	1942
Coimbra	5	Dezembro	1942
Coimbra	11	Dezembro	1942
Coimbra	12	Dezembro	1942
Coimbra	14	Dezembro	1942
Coimbra	15	Dezembro	1942
Coimbra	16	Dezembro	1942
Coimbra	18	Dezembro	1942
Coimbra	22	Dezembro	1942
Coimbra	24	Dezembro	1942
Coimbra	28	Dezembro	1942
Coimbra	29	Dezembro	1942
Coimbra	30	Dezembro	1942
Coimbra	31	Dezembro	1942
Coimbra	1	Janeiro	1943
Coimbra	2	Janeiro	1943
Coimbra	3	Janeiro	1943
Coimbra	5	Janeiro	1943
Coimbra	10	Janeiro	1943
Coimbra	11	Janeiro	1943
Coimbra	14	Janeiro	1943
Coimbra	20	Janeiro	1943
Coimbra	22	Janeiro	1943
Coimbra	25	Janeiro	1943
Coimbra	26	Janeiro	1943
Coimbra	27	Janeiro	1943
Coimbra	28	Janeiro	1943
Coimbra	29	Janeiro	1943
Coimbra	30	Janeiro	1943
Coimbra	30	Janeiro	1943
Coimbra	3	Fevereiro	1943
Coimbra	5	Fevereiro	1943
Coimbra	9	Fevereiro	1943
Coimbra	14	Fevereiro	1943
Coimbra	17	Fevereiro	1943
Coimbra	18	Fevereiro	1943
Coimbra	20	Fevereiro	1943
Coimbra	1	Março	1943
Coimbra	3	Março	1943
Coimbra	4	Março	1943
Coimbra	5	Março	1943
Coimbra	6	Março	1943
Coimbra	9	Março	1943
Coimbra	10	Março	1943
Coimbra	11	Março	1943
Coimbra	14	Março	1943
Coimbra	15	Março	1943

Coimbra	16	Março	1943
Coimbra	17	Março	1943
Coimbra	18	Março	1943
Coimbra	19	Março	1943
Coimbra	20	Março	1943
Coimbra	21	Março	1943
Coimbra	24	Março	1943
Coimbra	25	Março	1943
Coimbra	27	Março	1943
Coimbra	29	Março	1943
Coimbra	3	Abril	1943
Coimbra	4	Abril	1943
Coimbra	5	Abril	1943
Coimbra	6	Abril	1943
Coimbra	7	Abril	1943
Coimbra	8	Abril	1943
Coimbra	10	Abril	1943
Coimbra	11	Abril	1943
Coimbra	12	Abril	1943
Coimbra	13	Abril	1943
Coimbra	14	Abril	1943
Coimbra	15	Abril	1943
Coimbra	16	Abril	1943
Coimbra	17	Abril	1943
Coimbra	18	Abril	1943
Coimbra	19	Abril	1943
Coimbra	20	Abril	1943
Coimbra	20	Abril	1943
Coimbra	21	Abril	1943
Coimbra	28	Abril	1943
Coimbra	29	Abril	1943
Coimbra	1	Maio	1943
Coimbra	2	Maio	1943
Coimbra	3	Maio	1943
Coimbra	4	Maio	1943
Coimbra	5	Maio	1943
Coimbra	6	Maio	1943
Coimbra	7	Maio	1943
Coimbra	20	Maio	1943
Coimbra	15	Setembro	1943
Coimbra	26	Novembro	1943
Coimbra	6	Abril	1944
Coimbra	8	Abril	1944
Coimbra	9	Maio	1944
Coimbra	14	Maio	1944
Coimbra	15	Maio	1944
Coimbra	16	Maio	1944
Coimbra	17	Maio	1944
Coimbra	18	Maio	1944
Coimbra	18	Maio	1944
Coimbra	19	Maio	1944
Coimbra	21	Maio	1944

Coimbra	22	Maio	1944
Coimbra	26	Maio	1944
Coimbra	25	Junho	1944
Coimbra	26	Junho	1944
Coimbra	27	Junho	1944
Coimbra	30	Junho	1944
Coimbra	1	Julho	1944
Coimbra	4	Julho	1944
Coimbra	11	Julho	1944
Coimbra	28	Julho	1944
Coimbra	29	Agosto	1944
Coimbra	1	Fevereiro	1945
Coimbra	2	Fevereiro	1945
Coimbra	26	Fevereiro	1945
Coimbra	14	Fevereiro	1945
Coimbra	7	Abril	1945
Coimbra	8	Abril	1945
Coimbra	18	Maio	1945
Coimbra	6	Maio	1945
Coimbra	15	Junho	1945
Coimbra	1	Outubro	1945
Coimbra	2	Outubro	1945
Coimbra	4	Outubro	1945
Coimbra	6	Outubro	1945
Coimbra	8	Outubro	1945
Coimbra	9	Outubro	1945
Coimbra	11	Outubro	1945
Coimbra	12	Outubro	1945
Coimbra	14	Outubro	1945
Coimbra	16	Outubro	1945
Coimbra	17	Outubro	1945
Coimbra	18	Outubro	1945
Coimbra	20	Outubro	1945
Coimbra	22	Outubro	1945
Coimbra	23	Outubro	1945
Coimbra	24	Outubro	1945
Coimbra	14	Janeiro	1946
Coimbra	17	Janeiro	1946
Coimbra	26	Janeiro	1946
Coimbra	23	Fevereiro	1946
Coimbra	3	Abril	1946
Coimbra	3	Maio	1946
Coimbra	5	Maio	1946
Coimbra	7	Maio	1946
Coimbra	19	Maio	1946
Coimbra	17	Junho	1946
Coimbra	19	Junho	1946
Coimbra	20	Junho	1946
Coimbra	30	Junho	1946
Coimbra	5	Julho	1946
Coimbra	20	Julho	1946
Coimbra	12	Setembro	1946

Coimbra	15	Novembro	1946
Coimbra	3	Dezembro	1946
Coimbra	7	Janeiro	1947
Coimbra	8	Janeiro	1947
Coimbra	10	Janeiro	1947
Coimbra	20	Janeiro	1947
Coimbra	22	Janeiro	1947
Coimbra	25	Fevereiro	1947
Coimbra	26	Fevereiro	1947
Coimbra	17	Abril	1947
Coimbra	18	Abril	1947
Coimbra	5	Maio	1947
Coimbra	12	Maio	1947
Coimbra	15	Maio	1947
Coimbra	16	Maio	1947
Coimbra	17	Maio	1947
Coimbra	17	Maio	1947
Coimbra	18	Maio	1947
Coimbra	20	Maio	1947
Coimbra	1	Junho	1947
Coimbra	16	Junho	1947
Coimbra	20	Junho	1947
Coimbra	24	Junho	1947
Coimbra	11	Julho	1947
Coimbra	12	Julho	1947
Coimbra	23	Julho	1947
Coimbra	13	Outubro	1947
Coimbra	14	Outubro	1947
Coimbra	31	Outubro	1947
Coimbra	12	Novembro	1947
Coimbra	14	Novembro	1947
Coimbra	18	Novembro	1947
Coimbra	20	Novembro	1947
Coimbra	29	Novembro	1947
Coimbra	3	Dezembro	1947
Coimbra	18	Dezembro	1947
Coimbra	8	Janeiro	1948
Coimbra	10	Janeiro	1948
Coimbra	17	Janeiro	1948
Coimbra	19	Janeiro	1948
Coimbra	21	Janeiro	1948
Coimbra	26	Janeiro	1948
Coimbra	30	Janeiro	1948
Coimbra	12	Fevereiro	1948
Coimbra	13	Fevereiro	1948
Coimbra	16	Fevereiro	1948
Coimbra	24	Fevereiro	1948
Coimbra	25	Fevereiro	1948
Coimbra	26	Fevereiro	1948
Coimbra	13	Março	1948
Coimbra	16	Março	1948
Coimbra	17	Março	1948

Coimbra	18	Março	1948
Coimbra	4	Abril	1948
Coimbra	5	Abril	1948
Coimbra	10	Abril	1948
Coimbra	11	Abril	1948
Coimbra	12	Abril	1948
Coimbra	5	Maio	1948
Coimbra	12	Maio	1948
Coimbra	14	Maio	1948
Coimbra	16	Maio	1948
Coimbra	6	Junho	1948
Coimbra	10	Junho	1948
Coimbra	14	Junho	1948
Coimbra	15	Junho	1948
Coimbra	28	Julho	1948
Coimbra	15	Setembro	1948
Coimbra	12	Outubro	1948
Coimbra	25	Outubro	1948
Coimbra	26	Outubro	1948
Coimbra	26	Outubro	1948
Coimbra	28	Outubro	1948
Coimbra	1	Novembro	1948
Coimbra	2	Novembro	1948
Coimbra	3	Novembro	1948
Coimbra	4	Novembro	1948
Coimbra	15	Novembro	1948
Coimbra	30	Novembro	1948
Coimbra	1	Dezembro	1948
Coimbra	4	Dezembro	1948
Coimbra	5	Dezembro	1948
Coimbra	6	Dezembro	1948
Coimbra	7	Janeiro	1949
Coimbra	8	Janeiro	1949
Coimbra	10	Janeiro	1949
Coimbra	12	Janeiro	1949
Coimbra	15	Janeiro	1949
Coimbra	17	Janeiro	1949
Coimbra	18	Janeiro	1949
Coimbra	20	Janeiro	1949
Coimbra	28	Janeiro	1949
Coimbra	29	Janeiro	1949
Coimbra	31	Janeiro	1949
Coimbra	5	Fevereiro	1949
Coimbra	6	Fevereiro	1949
Coimbra	13	Fevereiro	1949
Coimbra	14	Fevereiro	1949
Coimbra	15	Fevereiro	1949
Coimbra	21	Fevereiro	1949
Coimbra	23	Fevereiro	1949
Coimbra	24	Fevereiro	1949
Coimbra	26	Fevereiro	1949
Coimbra	27	Fevereiro	1949

Coimbra	1	Março	1949
Coimbra	8	Março	1949
Coimbra	9	Março	1949
Coimbra	10	Março	1949
Coimbra	18	Março	1949
Coimbra	19	Março	1949
Coimbra	22	Março	1949
Coimbra	23	Março	1949
Coimbra	24	Março	1949
Coimbra	25	Março	1949
Coimbra	29	Março	1949
Coimbra	30	Março	1949
Coimbra	2	Abril	1949
Coimbra	3	Abril	1949
Coimbra	7	Abril	1949
Coimbra	8	Abril	1949
Coimbra	21	Abril	1949
Coimbra	22	Abril	1949
Coimbra	28	Abril	1949
Coimbra	1	Maio	1949
Coimbra	6	Maio	1949
Coimbra	11	Maio	1949
Coimbra	19	Maio	1949
Coimbra	24	Maio	1949
Coimbra	25	Maio	1949
Coimbra	27	Maio	1949
Coimbra	28	Maio	1949
Coimbra	4	Junho	1949
Coimbra	24	Junho	1949
Coimbra	27	Junho	1949
Coimbra	4	Julho	1949
Coimbra	5	Julho	1949
Coimbra	7	Julho	1949
Coimbra	8	Julho	1949
Coimbra	9	Julho	1949
Coimbra	25	Julho	1949
Coimbra	26	Julho	1949
Coimbra	27	Julho	1949
Coimbra	28	Julho	1949
Coimbra	6	Setembro	1949
Coimbra	8	Setembro	1949
Coimbra	18	Setembro	1949
Coimbra	19	Setembro	1949
Coimbra	26	Setembro	1949
Coimbra	11	Outubro	1949
Coimbra	29	Outubro	1949
Coimbra	30	Outubro	1949
Coimbra	11	Novembro	1949
Coimbra	14	Novembro	1949
Coimbra	15	Novembro	1949
Coimbra	19	Novembro	1949
Coimbra	21	Novembro	1949

Coimbra	22	Novembro	1949
Coimbra	23	Novembro	1949
Coimbra	24	Novembro	1949
Coimbra	7	Dezembro	1949
Coimbra	8	Dezembro	1949
Coimbra	12	Dezembro	1949
Coimbra	16	Dezembro	1949
Coimbra	22	Dezembro	1949
Coimbra	2	Janeiro	1950
Coimbra	12	Janeiro	1950
Coimbra	14	Janeiro	1950
Coimbra	15	Janeiro	1950
Coimbra	16	Janeiro	1950
Coimbra	18	Janeiro	1950
Coimbra	19	Janeiro	1950
Coimbra	20	Janeiro	1950
Coimbra	23	Janeiro	1950
Coimbra	26	Janeiro	1950
Coimbra	29	Janeiro	1950
Coimbra	30	Janeiro	1950
Coimbra	31	Janeiro	1950
Coimbra	1	Fevereiro	1950
Coimbra	2	Fevereiro	1950
Coimbra	4	Fevereiro	1950
Coimbra	5	Fevereiro	1950
Coimbra	7	Fevereiro	1950
Coimbra	21	Fevereiro	1950
Coimbra	10	Abril	1950
Coimbra	18	Abril	1950
Coimbra	19	Abril	1950
Coimbra	3	Maio	1950
Coimbra	3	Maio	1950
Coimbra	5	Maio	1950
Coimbra	6	Maio	1950
Coimbra	7	Maio	1950
Coimbra	8	Maio	1950
Coimbra	23	Maio	1950
Coimbra	28	Maio	1950
Coimbra	29	Maio	1950
Coimbra	30	Maio	1950
Coimbra	31	Maio	1950
Coimbra	5	Junho	1950
Coimbra	6	Junho	1950
Coimbra	7	Junho	1950
Coimbra	9	Junho	1950
Coimbra	24	Junho	1950
Coimbra	25	Junho	1950
Coimbra	26	Junho	1950
Coimbra	27	Junho	1950
Coimbra	28	Junho	1950
Coimbra	30	Junho	1950
Coimbra	4	Julho	1950

Coimbra	6	Julho	1950
Coimbra	7	Julho	1950
Coimbra	10	Julho	1950
Coimbra	14	Julho	1950
Coimbra	15	Julho	1950
Coimbra	17	Julho	1950
Coimbra	18	Julho	1950
Coimbra	19	Julho	1950
Coimbra	27	Agosto	1950
Coimbra	11	Outubro	1950
Coimbra	12	Outubro	1950
Coimbra	16	Outubro	1950
Coimbra	17	Outubro	1950
Coimbra	22	Outubro	1950
Coimbra	22	Outubro	1950
Coimbra	2	Novembro	1950
Coimbra	6	Novembro	1950
Coimbra	7	Novembro	1950
Coimbra	18	Novembro	1950
Coimbra	19	Novembro	1950
Coimbra	11	Dezembro	1950
Coimbra	3	Janeiro	1951
Coimbra	5	Janeiro	1951
Coimbra	6	Janeiro	1951
Coimbra	10	Janeiro	1951
Coimbra	12	Janeiro	1951
Coimbra	14	Janeiro	1951
Coimbra	15	Janeiro	1951
Coimbra	16	Janeiro	1951
Coimbra	18	Janeiro	1951
Coimbra	19	Janeiro	1951
Coimbra	20	Janeiro	1951
Coimbra	21	Janeiro	1951
Coimbra	22	Janeiro	1951
Coimbra	23	Janeiro	1951
Coimbra	24	Janeiro	1951
Coimbra	25	Janeiro	1951
Coimbra	26	Janeiro	1951
Coimbra	27	Janeiro	1951
Coimbra	28	Janeiro	1951
Coimbra	29	Janeiro	1951
Coimbra	30	Janeiro	1951
Coimbra	31	Janeiro	1951
Coimbra	1	Fevereiro	1951
Coimbra	2	Fevereiro	1951
Coimbra	3	Fevereiro	1951
Coimbra	5	Fevereiro	1951
Coimbra	7	Fevereiro	1951
Coimbra	8	Fevereiro	1951
Coimbra	10	Fevereiro	1951
Coimbra	15	Fevereiro	1951
Coimbra	19	Fevereiro	1951

Coimbra	20	Fevereiro	1951
Coimbra	21	Fevereiro	1951
Coimbra	22	Fevereiro	1951
Coimbra	11	Março	1951
Coimbra	24	Abril	1951
Coimbra	21	Julho	1951
Coimbra	24	Julho	1951
Coimbra	25	Julho	1951
Coimbra	14	Setembro	1951
Coimbra	15	Setembro	1951
Coimbra	12	Novembro	1951
Coimbra	15	Novembro	1951
Coimbra	18	Novembro	1951
Coimbra	21	Novembro	1951
Coimbra	11	Dezembro	1951
Coimbra	29	Fevereiro	1952
Coimbra	5	Março	1952
Coimbra	6	Março	1952
Coimbra	7	Março	1952
Coimbra	8	Março	1952
Coimbra	9	Março	1952
Coimbra	10	Março	1952
Coimbra	12	Março	1952
Coimbra	12	Março	1952
Coimbra	13	Março	1952
Coimbra	14	Março	1952
Coimbra	17	Março	1952
Coimbra	18	Março	1952
Coimbra	5	Abril	1952
Coimbra	12	Abril	1952
Coimbra	16	Abril	1952
Coimbra	17	Abril	1952
Coimbra	29	Abril	1952
Coimbra	30	Abril	1952
Coimbra	2	Maio	1952
Coimbra	11	Maio	1952
Coimbra	18	Maio	1952
Coimbra	21	Maio	1952
Coimbra	22	Maio	1952
Coimbra	24	Maio	1952
Coimbra	27	Maio	1952
Coimbra	28	Maio	1952
Coimbra	29	Maio	1952
Coimbra	30	Maio	1952
Coimbra	1	Junho	1952
Coimbra	6	Junho	1952
Coimbra	10	Junho	1952
Coimbra	16	Junho	1952
Coimbra	4	Julho	1952
Coimbra	9	Julho	1952
Coimbra	10	Julho	1952
Coimbra	12	Julho	1952

Coimbra	14	Julho	1952
Coimbra	15	Julho	1952
Coimbra	21	Julho	1952
Coimbra	22	Julho	1952
Coimbra	23	Julho	1952
Coimbra	24	Julho	1952
Coimbra	25	Julho	1952
Coimbra	8	Setembro	1952
Coimbra	9	Setembro	1952
Coimbra	18	Outubro	1952
Coimbra	19	Outubro	1952
Coimbra	8	Novembro	1952
Coimbra	10	Novembro	1952
Coimbra	26	Novembro	1952
Coimbra	4	Dezembro	1952
Coimbra	5	Dezembro	1952
Coimbra	9	Dezembro	1952
Coimbra	10	Dezembro	1952
Coimbra	13	Dezembro	1952
Coimbra	14	Dezembro	1952
Coimbra	15	Dezembro	1952
Coimbra	16	Dezembro	1952
Coimbra	16	Dezembro	1952
Coimbra	17	Dezembro	1952
Coimbra	2	Janeiro	1953
Coimbra	12	Janeiro	1953
Coimbra	13	Janeiro	1953
Coimbra	14	Janeiro	1953
Coimbra	15	Janeiro	1953
Coimbra	16	Janeiro	1953
Coimbra	17	Janeiro	1953
Coimbra	22	Janeiro	1953
Coimbra	23	Janeiro	1953
Coimbra	26	Janeiro	1953
Coimbra	1	Fevereiro	1953
Coimbra	2	Fevereiro	1953
Coimbra	14	Fevereiro	1953
Coimbra	17	Fevereiro	1953
Coimbra	18	Fevereiro	1953
Coimbra	28	Fevereiro	1953
Coimbra	2	Março	1953
Coimbra	3	Março	1953
Coimbra	4	Março	1953
Coimbra	5	Março	1953
Coimbra	6	Março	1953
Coimbra	7	Março	1953
Coimbra	16	Março	1953
Coimbra	17	Março	1953
Coimbra	18	Março	1953
Coimbra	19	Março	1953
Coimbra	21	Março	1953
Coimbra	30	Março	1953

Coimbra	20	Abril	1953
Coimbra	26	Abril	1953
Coimbra	27	Abril	1953
Coimbra	28	Abril	1953
Coimbra	4	Maio	1953
Coimbra	6	Maio	1953
Coimbra	8	Maio	1953
Coimbra	9	Maio	1953
Coimbra	10	Maio	1953
Coimbra	11	Maio	1953
Coimbra	20	Maio	1953
Coimbra	5	Junho	1953
Coimbra	6	Junho	1953
Coimbra	8	Junho	1953
Coimbra	9	Junho	1953
Coimbra	11	Junho	1953
Coimbra	3	Julho	1953
Coimbra	9	Julho	1953
Coimbra	12	Julho	1953
Coimbra	14	Julho	1953
Coimbra	16	Julho	1953
Coimbra	17	Julho	1953
Coimbra	20	Julho	1953
Coimbra	23	Julho	1953
Coimbra	25	Julho	1953
Coimbra	19	Agosto	1953
Coimbra	25	Agosto	1953
Coimbra	17	Setembro	1953
Coimbra	23	Setembro	1953
Coimbra	24	Setembro	1953
Coimbra	25	Setembro	1953
Coimbra	28	Setembro	1953
Coimbra	7	Outubro	1953
Coimbra	8	Outubro	1953
Coimbra	9	Outubro	1953
Coimbra	20	Outubro	1953
Coimbra	29	Outubro	1953
Coimbra	5	Novembro	1953
Coimbra	6	Novembro	1953
Coimbra	7	Novembro	1953
Coimbra	10	Novembro	1953
Coimbra	12	Novembro	1953
Coimbra	16	Novembro	1953
Coimbra	28	Novembro	1953
Coimbra	29	Novembro	1953
Coimbra	30	Novembro	1953
Coimbra	11	Fevereiro	1954
Coimbra	30	Março	1954
Coimbra	5	Abril	1954
Coimbra	6	Abril	1954
Coimbra	8	Abril	1954
Coimbra	10	Abril	1954

Coimbra	11	Abril	1954
Coimbra	14	Abril	1954
Coimbra	29	Abril	1954
Coimbra	30	Abril	1954
Coimbra	2	Maio	1954
Coimbra	3	Maio	1954
Coimbra	4	Maio	1954
Coimbra	5	Maio	1954
Coimbra	10	Maio	1954
Coimbra	29	Maio	1954
Coimbra	30	Maio	1954
Coimbra	31	Maio	1954
Coimbra	10	Junho	1954
Coimbra	11	Junho	1954
Coimbra	26	Julho	1954
Coimbra	5	Dezembro	1954
Coimbra	6	Dezembro	1954
Coimbra	10	Dezembro	1954
Coimbra	11	Dezembro	1954
Coimbra	12	Dezembro	1954
Coimbra	15	Janeiro	1955
Coimbra	16	Janeiro	1955
Coimbra	19	Janeiro	1955
Coimbra	20	Janeiro	1955
Coimbra	23	Janeiro	1955
Coimbra	31	Janeiro	1955
Coimbra	11	Fevereiro	1955
Coimbra	6	Março	1955
Coimbra	14	Março	1955
Coimbra	26	Março	1955
Coimbra	27	Março	1955
Coimbra	28	Março	1955
Coimbra	29	Março	1955
Coimbra	30	Março	1955
Coimbra	17	Abril	1955
Coimbra	19	Abril	1955
Coimbra	22	Abril	1955
Coimbra	30	Maio	1955
Coimbra	1	Julho	1955
Coimbra	19	Julho	1955
Coimbra	20	Julho	1955
Coimbra	10	Setembro	1955
Coimbra	20	Setembro	1955
Coimbra	3	Outubro	1955
Coimbra	7	Outubro	1955
Coimbra	8	Outubro	1955
Coimbra	10	Outubro	1955
Coimbra	18	Outubro	1955
Coimbra	9	Novembro	1955
Coimbra	10	Novembro	1955
Coimbra	11	Novembro	1955
Coimbra	12	Novembro	1955

Coimbra	15	Novembro	1955
Coimbra	16	Novembro	1955
Coimbra	22	Novembro	1955
Coimbra	23	Novembro	1955
Coimbra	24	Novembro	1955
Coimbra	8	Janeiro	1956
Coimbra	4	Abril	1956
Coimbra	5	Abril	1956
Coimbra	10	Abril	1956
Coimbra	11	Abril	1956
Coimbra	27	Abril	1956
Coimbra	28	Abril	1956
Coimbra	29	Abril	1956
Coimbra	1	Maio	1956
Coimbra	2	Maio	1956
Coimbra	3	Maio	1956
Coimbra	4	Maio	1956
Coimbra	2	Junho	1956
Coimbra	3	Julho	1956
Coimbra	29	Julho	1956
Coimbra	4	Setembro	1956
Coimbra	8	Setembro	1956
Coimbra	10	Setembro	1956
Coimbra	22	Setembro	1956
Coimbra	23	Setembro	1956
Coimbra	24	Setembro	1956
Coimbra	7	Outubro	1956
Coimbra	6	Outubro	1956
Coimbra	9	Outubro	1956
Coimbra	24	Outubro	1956
Coimbra	6	Novembro	1956
Coimbra	5	Dezembro	1956
Coimbra	6	Dezembro	1956
Coimbra	15	Janeiro	1957
Coimbra	16	Janeiro	1957
Coimbra	20	Janeiro	1957
Coimbra	23	Fevereiro	1957
Coimbra	1	Março	1957
Coimbra	31	Outubro	1957
Coimbra	11	Abril	1957
Coimbra	12	Abril	1957
Coimbra	10	Maio	1957
Coimbra	16	Maio	1957
Coimbra	17	Maio	1957
Coimbra	20	Maio	1957
Coimbra	21	Maio	1957
Coimbra	22	Maio	1957
Coimbra	29	Maio	1957
Coimbra	15	Junho	1957
Coimbra	16	Junho	1957
Coimbra	17	Junho	1957
Coimbra	18	Junho	1957

Coimbra	12	Julho	1957
Coimbra	13	Julho	1957
Coimbra	14	Julho	1957
Coimbra	15	Julho	1957
Coimbra	26	Setembro	1957
Coimbra	27	Setembro	1957
Coimbra	4	Outubro	1957
Coimbra	10	Outubro	1957
Coimbra	27	Novembro	1957
Coimbra	6	Dezembro	1957
Coimbra	8	Janeiro	1958
Coimbra	1	Fevereiro	1958
Coimbra	2	Fevereiro	1958
Coimbra	3	Fevereiro	1958
Coimbra	17	Fevereiro	1958
Coimbra	6	Março	1958
Coimbra	19	Março	1958
Coimbra	20	Março	1958
Coimbra	30	Março	1958
Coimbra	31	Março	1958
Coimbra	4	Abril	1958
Coimbra	2	Maio	1958
Coimbra	3	Maio	1958
Coimbra	15	Maio	1958
Coimbra	18	Maio	1958
Coimbra	20	Maio	1958
Coimbra	25	Maio	1958
Coimbra	26	Maio	1958
Coimbra	27	Maio	1958
Coimbra	28	Maio	1958
Coimbra	31	Maio	1958
Coimbra	16	Junho	1958
Coimbra	25	Junho	1958
Coimbra	5	Julho	1958
Coimbra	6	Julho	1958
Coimbra	7	Julho	1958
Coimbra	8	Julho	1958
Coimbra	9	Julho	1958
Coimbra	10	Julho	1958
Coimbra	11	Julho	1958
Coimbra	12	Julho	1958
Coimbra	15	Julho	1958
Coimbra	19	Julho	1958
Coimbra	20	Julho	1958
Coimbra	21	Julho	1958
Coimbra	22	Julho	1958
Coimbra	23	Julho	1958
Coimbra	25	Julho	1958
Coimbra	27	Julho	1958
Coimbra	29	Julho	1958
Coimbra	12	Outubro	1958
Coimbra	14	Outubro	1958

Coimbra	15	Outubro	1958
Coimbra	16	Outubro	1958
Coimbra	27	Outubro	1958
Coimbra	28	Outubro	1958
Coimbra	7	Dezembro	1958
Coimbra	8	Dezembro	1958
Coimbra	9	Dezembro	1958
Coimbra	10	Dezembro	1958
Coimbra	20	Dezembro	1958
Coimbra	4	Janeiro	1959
Coimbra	5	Janeiro	1959
Coimbra	12	Janeiro	1959
Coimbra	9	Fevereiro	1959
Coimbra	10	Fevereiro	1959
Coimbra	11	Março	1959
Coimbra	11	Abril	1959
Coimbra	21	Abril	1959
Coimbra	26	Abril	1959
Coimbra	4	Junho	1959
Coimbra	11	Junho	1959
Coimbra	11	Junho	1959
Coimbra	25	Dezembro	1959
Coimbra	15	Janeiro	1960
Coimbra	8	Fevereiro	1960
Coimbra	20	Fevereiro	1960
Coimbra	8	Março	1960
Coimbra	15	Março	1960
Coimbra	16	Março	1960
Coimbra	22	Março	1960
Coimbra	25	Março	1960
Coimbra	23	Abril	1960
Coimbra	2	Maio	1960
Coimbra	11	Maio	1960
Coimbra	7	Junho	1960
Coimbra	6	Setembro	1960
Coimbra	22	Outubro	1960
Coimbra	24	Outubro	1960
Coimbra	25	Outubro	1960
Coimbra	20	Janeiro	1960
Coimbra	6	Dezembro	1960
Coimbra	7	Dezembro	1960
Coimbra	14	Dezembro	1960
Coimbra	15	Janeiro	1961
Coimbra	20	Janeiro	1961
Coimbra	12	Abril	1961
Coimbra	13	Abril	1961
Coimbra	17	Abril	1961
Coimbra	18	Abril	1961
Coimbra	27	Abril	1961
Coimbra	1	Maio	1961
Coimbra	2	Maio	1961
Coimbra	7	Maio	1961

Coimbra	7	Julho	1961
Coimbra	12	Setembro	1961
Coimbra	14	Setembro	1961
Coimbra	25	Outubro	1961
Coimbra	31	Outubro	1961
Coimbra	6	Novembro	1961
Coimbra	12	Novembro	1961
Coimbra	22	Novembro	1961
Coimbra	10	Dezembro	1961
Coimbra	18	Dezembro	1961
Coimbra	14	Janeiro	1962
Coimbra	19	Janeiro	1962
Coimbra	22	Janeiro	1962
Coimbra	7	Fevereiro	1962
Coimbra	20	Fevereiro	1962
Coimbra	21	Fevereiro	1962
Coimbra	5	Março	1962
Coimbra	16	Março	1962
Coimbra	24	Março	1962
Coimbra	27	Março	1962
Coimbra	1	Abril	1962
Coimbra	2	Maio	1962
Coimbra	20	Maio	1962
Coimbra	6	Julho	1962
Coimbra	11	Julho	1962
Coimbra	12	Julho	1962
Coimbra	20	Julho	1962
Coimbra	30	Julho	1962
Coimbra	5	Setembro	1962
Coimbra	10	Setembro	1962
Coimbra	12	Setembro	1962
Coimbra	15	Setembro	1962
Coimbra	19	Novembro	1962
Coimbra	20	Novembro	1962
Coimbra	24	Novembro	1962
Coimbra	25	Novembro	1962
Coimbra	16	Janeiro	1963
Coimbra	20	Janeiro	1963
Coimbra	24	Janeiro	1963
Coimbra	4	Fevereiro	1963
Coimbra	8	Fevereiro	1963
Coimbra	9	Fevereiro	1963
Coimbra	14	Fevereiro	1963
Coimbra	15	Fevereiro	1963
Coimbra	20	Fevereiro	1963
Coimbra	21	Fevereiro	1963
Coimbra	2	Março	1963
Coimbra	10	Março	1963
Coimbra	20	Março	1963
Coimbra	31	Maio	1963
Coimbra	3	Junho	1963
Coimbra	4	Junho	1963

Coimbra	5	Junho	1963
Coimbra	6	Junho	1963
Coimbra	20	Julho	1963
Coimbra	21	Julho	1963
Coimbra	24	Julho	1963
Coimbra	4	Setembro	1963
Coimbra	15	Setembro	1963
Coimbra	5	Outubro	1963
Coimbra	6	Outubro	1963
Coimbra	7	Outubro	1963
Coimbra	8	Outubro	1963
Coimbra	9	Outubro	1963
Coimbra	10	Outubro	1963
Coimbra	14	Outubro	1963
Coimbra	15	Outubro	1963
Coimbra	16	Dezembro	1963
Coimbra	20	Dezembro	1963
Coimbra	21	Dezembro	1963
Coimbra	24	Fevereiro	1964
Coimbra	26	Fevereiro	1964
Coimbra	1	Março	1964
Coimbra	2	Março	1964
Coimbra	4	Março	1964
Coimbra	27	Abril	1964
Coimbra	8	Junho	1964
Coimbra	17	Julho	1964
Coimbra	23	Novembro	1964
Coimbra	24	Novembro	1964
Coimbra	2	Fevereiro	1965
Coimbra	2	Março	1965
Coimbra	25	Março	1965
Coimbra	26	Março	1965
Coimbra	20	Abril	1965
Coimbra	9	Maio	1965
Coimbra	21	Maio	1965
Coimbra	1	Junho	1965
Coimbra	2	Junho	1965
Coimbra	3	Junho	1965
Coimbra	15	Junho	1965
Coimbra	1	Julho	1965
Coimbra	8	Julho	1965
Coimbra	9	Julho	1965
Coimbra	16	Julho	1965
Coimbra	25	Julho	1965
Coimbra	4	Novembro	1965
Coimbra	5	Novembro	1965
Coimbra	10	Novembro	1965
Coimbra	11	Novembro	1965
Coimbra	18	Novembro	1965
Coimbra	20	Novembro	1965
Coimbra	4	Dezembro	1965
Coimbra	5	Dezembro	1965

Coimbra	10	Dezembro	1965
Coimbra	17	Dezembro	1965
Coimbra	29	Janeiro	1966
Coimbra	31	Janeiro	1966
Coimbra	1	Fevereiro	1966
Coimbra	2	Fevereiro	1966
Coimbra	3	Fevereiro	1966
Coimbra	20	Fevereiro	1966
Coimbra	5	Março	1966
Coimbra	6	Março	1966
Coimbra	25	Março	1966
Coimbra	4	Abril	1966
Coimbra	1	Maio	1966
Coimbra	4	Maio	1966
Coimbra	11	Maio	1966
Coimbra	16	Junho	1966
Coimbra	20	Junho	1966
Coimbra	21	Junho	1966
Coimbra	25	Junho	1966
Coimbra	26	Junho	1966
Coimbra	11	Julho	1966
Coimbra	23	Julho	1966
Coimbra	3	Setembro	1966
Coimbra	10	Setembro	1966
Coimbra	4	Outubro	1966
Coimbra	28	Outubro	1986
Coimbra	5	Novembro	1966
Coimbra	14	Novembro	1966
Coimbra	12	Dezembro	1966
Coimbra	20	Dezembro	1966
Coimbra	21	Dezembro	1966
Coimbra	12	Fevereiro	1967
Coimbra	25	Fevereiro	1967
Coimbra	27	Fevereiro	1967
Coimbra	28	Fevereiro	1967
Coimbra	1	Março	1967
Coimbra	2	Março	1967
Coimbra	3	Março	1967
Coimbra	17	Março	1967
Coimbra	18	Março	1967
Coimbra	17	Abril	1967
Coimbra	4	Maio	1967
Coimbra	5	Maio	1967
Coimbra	9	Setembro	1967
Coimbra	10	Setembro	1967
Coimbra	11	Setembro	1967
Coimbra	12	Setembro	1967
Coimbra	10	Outubro	1967
Coimbra	11	Outubro	1967
Coimbra	1	Março	1968
Coimbra	7	Março	1968
Coimbra	20	Março	1968

Coimbra	21	Março	1968
Coimbra	30	Março	1968
Coimbra	7	Maio	1968
Coimbra	26	Maio	1968
Coimbra	30	Maio	1968
Coimbra	30	Julho	1968
Coimbra	13	Outubro	1968
Coimbra	26	Outubro	1968
Coimbra	3	Novembro	1968
Coimbra	10	Novembro	1968
Coimbra	11	Novembro	1968
Coimbra	20	Novembro	1968
Coimbra	13	Dezembro	1968
Coimbra	19	Janeiro	1969
Coimbra	22	Janeiro	1969
Coimbra	16	Fevereiro	1969
Coimbra	20	Fevereiro	1969
Coimbra	28	Fevereiro	1969
Coimbra	1	Março	1969
Coimbra	15	Março	1969
Coimbra	25	Março	1969
Coimbra	3	Abril	1969
Coimbra	17	Abril	1969
Coimbra	18	Abril	1969
Coimbra	5	Julho	1969
Coimbra	20	Julho	1969
Coimbra	21	Julho	1969
Coimbra	26	Outubro	1969
Coimbra	28	Outubro	1969
Coimbra	19	Novembro	1969
Coimbra	3	Dezembro	1969
Coimbra	31	Dezembro	1969
Coimbra	9	Janeiro	1970
Coimbra	10	Janeiro	1970
Coimbra	7	Março	1970
Coimbra	20	Abril	1970
Coimbra	14	Junho	1970
Coimbra	15	Junho	1970
Coimbra	16	Junho	1970
Coimbra	1	Julho	1970
Coimbra	10	Julho	1970
Coimbra	27	Julho	1970
Coimbra	3	Agosto	1970
Coimbra	20	Agosto	1970
Coimbra	21	Agosto	1970
Coimbra	11	Setembro	1970
Coimbra	3	Dezembro	1970
Coimbra	12	Janeiro	1971
Coimbra	18	Março	1971
Coimbra	20	Março	1971
Coimbra	26	Março	1971
Coimbra	4	Maio	1971

Coimbra	22	Junho	1971
Coimbra	23	Junho	1971
Coimbra	6	Julho	1971
Coimbra	10	Julho	1971
Coimbra	18	Julho	1971
Coimbra	8	Novembro	1971
Coimbra	15	Novembro	1971
Coimbra	20	Novembro	1971
Coimbra	22	Novembro	1971
Coimbra	29	Dezembro	1971
Coimbra	29	Fevereiro	1972
Coimbra	1	Março	1972
Coimbra	20	Março	1972
Coimbra	2	Maio	1972
Coimbra	6	Maio	1972
Coimbra	22	Maio	1972
Coimbra	2	Agosto	1972
Coimbra	5	Agosto	1972
Coimbra	10	Agosto	1972
Coimbra	4	Outubro	1972
Coimbra	20	Dezembro	1972
Coimbra	21	Dezembro	1972
Coimbra	22	Dezembro	1972
Coimbra	28	Dezembro	1972
Coimbra	21	Janeiro	1973
Coimbra	11	Fevereiro	1973
Coimbra	3	Março	1973
Coimbra	5	Março	1973
Coimbra	11	Março	1973
Coimbra	20	Março	1973
Coimbra	31	Março	1973
Coimbra	1	Abril	1973
Coimbra	5	Abril	1973
Coimbra	6	Abril	1973
Coimbra	17	Maio	1973
Coimbra	13	Junho	1973
Coimbra	14	Junho	1973
Coimbra	20	Junho	1973
Coimbra	12	Agosto	1973
Coimbra	18	Agosto	1973
Coimbra	16	Outubro	1973
Coimbra	26	Outubro	1973
Coimbra	27	Outubro	1973
Coimbra	5	Novembro	1973
Coimbra	5	Dezembro	1973
Coimbra	11	Janeiro	1974
Coimbra	12	Janeiro	1974
Coimbra	17	Janeiro	1974
Coimbra	22	Janeiro	1974
Coimbra	17	Abril	1974
Coimbra	25	Abril	1974
Coimbra	27	Abril	1974

Coimbra	1	Maio	1974
Coimbra	4	Maio	1974
Coimbra	6	Maio	1974
Coimbra	7	Maio	1974
Coimbra	8	Maio	1974
Coimbra	9	Maio	1974
Coimbra	10	Maio	1974
Coimbra	12	Maio	1974
Coimbra	14	Maio	1974
Coimbra	1	Junho	1974
Coimbra	29	Junho	1974
Coimbra	20	Junho	1974
Coimbra	2	Julho	1974
Coimbra	6	Julho	1974
Coimbra	7	Julho	1974
Coimbra	8	Julho	1974
Coimbra	10	Julho	1974
Coimbra	11	Julho	1974
Coimbra	14	Julho	1974
Coimbra	17	Julho	1974
Coimbra	19	Julho	1974
Coimbra	22	Julho	1974
Coimbra	23	Julho	1974
Coimbra	26	Julho	1974
Coimbra	27	Julho	1974
Coimbra	1	Agosto	1974
Coimbra	2	Agosto	1974
Coimbra	12	Agosto	1974
Coimbra	20	Agosto	1974
Coimbra	21	Agosto	1974
Coimbra	22	Agosto	1974
Coimbra	29	Setembro	1974
Coimbra	10	Outubro	1974
Coimbra	11	Outubro	1974
Coimbra	12	Outubro	1974
Coimbra	14	Outubro	1974
Coimbra	15	Outubro	1974
Coimbra	16	Outubro	1974
Coimbra	22	Outubro	1974
Coimbra	23	Outubro	1974
Coimbra	24	Outubro	1974
Coimbra	26	Outubro	1974
Coimbra	27	Outubro	1974
Coimbra	4	Novembro	1974
Coimbra	6	Novembro	1974
Coimbra	7	Novembro	1974
Coimbra	9	Novembro	1974
Coimbra	24	Dezembro	1974
Coimbra	2	Janeiro	1975
Coimbra	26	Janeiro	1975
Coimbra	31	Janeiro	1975
Coimbra	18	Fevereiro	1975

Coimbra	19	Março	1975
Coimbra	3	Abril	1975
Coimbra	4	Abril	1975
Coimbra	5	Abril	1975
Coimbra	7	Abril	1975
Coimbra	8	Abril	1975
Coimbra	9	Abril	1975
Coimbra	23	Abril	1975
Coimbra	25	Abril	1975
Coimbra	29	Abril	1975
Coimbra	12	Maio	1975
Coimbra	15	Maio	1975
Coimbra	1	Junho	1975
Coimbra	20	Junho	1975
Coimbra	1	Julho	1975
Coimbra	3	Julho	1975
Coimbra	9	Julho	1975
Coimbra	10	Julho	1975
Coimbra	11	Julho	1975
Coimbra	31	Julho	1975
Coimbra	5	Agosto	1975
Coimbra	9	Agosto	1975
Coimbra	11	Agosto	1975
Coimbra	12	Agosto	1975
Coimbra	28	Setembro	1975
Coimbra	29	Setembro	1975
Coimbra	7	Outubro	1975
Coimbra	5	Dezembro	1975
Coimbra	25	Fevereiro	1976
Coimbra	1	Março	1976
Coimbra	3	Março	1976
Coimbra	27	Maio	1976
Coimbra	14	Junho	1976
Coimbra	11	Julho	1976
Coimbra	20	Outubro	1976
Coimbra	28	Outubro	1976
Coimbra	23	Novembro	1976
Coimbra	20	Janeiro	1977
Coimbra	8	Fevereiro	1977
Coimbra	20	Fevereiro	1977
Coimbra	10	Abril	1977
Coimbra	11	Abril	1977
Coimbra	12	Abril	1977
Coimbra	25	Abril	1977
Coimbra	27	Abril	1977
Coimbra	28	Abril	1977
Coimbra	15	Maio	1977
Coimbra	16	Maio	1977
Coimbra	27	Maio	1977
Coimbra	2	Junho	1977
Coimbra	22	Junho	1977
Coimbra	8	Julho	1977

Coimbra	27	Julho	1977
Coimbra	28	Julho	1977
Coimbra	30	Julho	1977
Coimbra	26	Dezembro	1977
Coimbra	27	Dezembro	1977
Coimbra	31	Dezembro	1977
Coimbra	1	Janeiro	1978
Coimbra	11	Janeiro	1978
Coimbra	15	Janeiro	1978
Coimbra	16	Janeiro	1978
Coimbra	17	Janeiro	1978
Coimbra	18	Janeiro	1978
Coimbra	19	Janeiro	1978
Coimbra	6	Março	1978
Coimbra	7	Março	1978
Coimbra	8	Março	1978
Coimbra	10	Março	1978
Coimbra	30	Março	1978
Coimbra	11	Abril	1978
Coimbra	12	Abril	1978
Coimbra	1	Maio	1978
Coimbra	9	Maio	1978
Coimbra	10	Maio	1978
Coimbra	15	Maio	1978
Coimbra	27	Maio	1978
Coimbra	5	Junho	1978
Coimbra	19	Junho	1978
Coimbra	20	Junho	1978
Coimbra	15	Julho	1978
Coimbra	20	Julho	1978
Coimbra	28	Julho	1978
Coimbra	31	Julho	1978
Coimbra	23	Agosto	1978
Coimbra	4	Outubro	1978
Coimbra	9	Outubro	1978
Coimbra	12	Outubro	1978
Coimbra	14	Outubro	1978
Coimbra	15	Outubro	1978
Coimbra	16	Outubro	1978
Coimbra	17	Novembro	1978
Coimbra	21	Novembro	1978
Coimbra	6	Janeiro	1979
Coimbra	8	Janeiro	1979
Coimbra	9	Janeiro	1979
Coimbra	10	Janeiro	1979
Coimbra	12	Janeiro	1979
Coimbra	14	Janeiro	1979
Coimbra	15	Janeiro	1979
Coimbra	18	Janeiro	1979
Coimbra	22	Janeiro	1979
Coimbra	23	Janeiro	1979
Coimbra	24	Janeiro	1979

Coimbra	25	Janeiro	1979
Coimbra	1	Fevereiro	1979
Coimbra	9	Fevereiro	1979
Coimbra	13	Fevereiro	1979
Coimbra	14	Fevereiro	1979
Coimbra	15	Fevereiro	1979
Coimbra	16	Fevereiro	1979
Coimbra	18	Fevereiro	1979
Coimbra	19	Fevereiro	1979
Coimbra	26	Fevereiro	1979
Coimbra	1	Março	1979
Coimbra	2	Março	1979
Coimbra	9	Março	1979
Coimbra	16	Março	1979
Coimbra	17	Março	1979
Coimbra	18	Março	1979
Coimbra	22	Março	1979
Coimbra	23	Março	1979
Coimbra	11	Abril	1979
Coimbra	16	Abril	1979
Coimbra	20	Abril	1979
Coimbra	1	Maio	1979
Coimbra	2	Maio	1979
Coimbra	3	Maio	1979
Coimbra	5	Maio	1979
Coimbra	14	Maio	1979
Coimbra	15	Maio	1979
Coimbra	22	Maio	1979
Coimbra	14	Junho	1979
Coimbra	17	Junho	1979
Coimbra	17	Julho	1979
Coimbra	18	Julho	1979
Coimbra	27	Julho	1979
Coimbra	28	Julho	1979
Coimbra	25	Setembro	1979
Coimbra	3	Outubro	1979
Coimbra	4	Outubro	1979
Coimbra	6	Outubro	1979
Coimbra	7	Outubro	1979
Coimbra	9	Outubro	1979
Coimbra	11	Outubro	1979
Coimbra	12	Outubro	1979
Coimbra	16	Outubro	1979
Coimbra	25	Outubro	1979
Coimbra	13	Novembro	1979
Coimbra	19	Novembro	1979
Coimbra	24	Novembro	1979
Coimbra	27	Novembro	1979
Coimbra	2	Dezembro	1979
Coimbra	11	Dezembro	1979
Coimbra	24	Dezembro	1979
Coimbra	1	Janeiro	1980

Coimbra	4	Janeiro	1980
Coimbra	7	Janeiro	1980
Coimbra	11	Janeiro	1980
Coimbra	28	Janeiro	1980
Coimbra	11	Fevereiro	1980
Coimbra	28	Fevereiro	1980
Coimbra	15	Abril	1980
Coimbra	22	Abril	1980
Coimbra	4	Maio	1980
Coimbra	15	Maio	1980
Coimbra	10	Junho	1980
Coimbra	11	Junho	1980
Coimbra	14	Junho	1980
Coimbra	1	Julho	1980
Coimbra	15	Julho	1980
Coimbra	25	Julho	1980
Coimbra	29	Julho	1980
Coimbra	30	Julho	1980
Coimbra	1	Agosto	1980
Coimbra	6	Agosto	1980
Coimbra	12	Agosto	1980
Coimbra	14	Agosto	1980
Coimbra	15	Agosto	1980
Coimbra	16	Agosto	1980
Coimbra	29	Setembro	1980
Coimbra	17	Outubro	1980
Coimbra	25	Outubro	1980
Coimbra	11	Novembro	1980
Coimbra	3	Dezembro	1980
Coimbra	4	Dezembro	1980
Coimbra	1	Janeiro	1981
Coimbra	22	Janeiro	1981
Coimbra	15	Fevereiro	1981
Coimbra	26	Fevereiro	1981
Coimbra	28	Fevereiro	1981
Coimbra	11	Março	1981
Coimbra	30	Março	1981
Coimbra	2	Abril	1981
Coimbra	3	Abril	1981
Coimbra	4	Abril	1981
Coimbra	8	Abril	1981
Coimbra	20	Abril	1981
Coimbra	23	Abril	1981
Coimbra	24	Abril	1981
Coimbra	25	Abril	1981
Coimbra	29	Abril	1981
Coimbra	1	Maio	1981
Coimbra	14	Maio	1981
Coimbra	18	Maio	1981
Coimbra	19	Maio	1981
Coimbra	22	Maio	1981
Coimbra	29	Maio	1981

Coimbra	30	Maio	1981
Coimbra	3	Junho	1981
Coimbra	5	Junho	1981
Coimbra	7	Julho	1981
Coimbra	9	Julho	1981
Coimbra	31	Julho	1981
Coimbra	12	Agosto	1981
Coimbra	7	Setembro	1981
Coimbra	10	Outubro	1981
Coimbra	31	Outubro	1981
Coimbra	6	Novembro	1981
Coimbra	8	Novembro	1981
Coimbra	20	Novembro	1981
Coimbra	28	Novembro	1981
Coimbra	2	Dezembro	1981
Coimbra	10	Dezembro	1981
Coimbra	28	Dezembro	1981
Coimbra	25	Janeiro	1982
Coimbra	5	Fevereiro	1982
Coimbra	14	Março	1982
Coimbra	2	Maio	1982
Coimbra	10	Maio	1982
Coimbra	20	Maio	1982
Coimbra	21	Maio	1982
Coimbra	22	Maio	1982
Coimbra	23	Maio	1982
Coimbra	25	Maio	1982
Coimbra	30	Maio	1982
Coimbra	6	Julho	1982
Coimbra	7	Julho	1982
Coimbra	9	Julho	1982
Coimbra	13	Julho	1982
Coimbra	21	Agosto	1982
Coimbra	29	Setembro	1982
Coimbra	18	Outubro	1982
Coimbra	29	Outubro	1982
Coimbra	30	Outubro	1982
Coimbra	11	Novembro	1982
Coimbra	12	Novembro	1982
Coimbra	16	Dezembro	1982
Coimbra	26	Dezembro	1982
Coimbra	20	Janeiro	1983
Coimbra	30	Janeiro	1983
Coimbra	9	Fevereiro	1983
Coimbra	10	Fevereiro	1983
Coimbra	20	Fevereiro	1983
Coimbra	21	Fevereiro	1983
Coimbra	23	Fevereiro	1983
Coimbra	26	Fevereiro	1983
Coimbra	27	Fevereiro	1983
Coimbra	4	Março	1983
Coimbra	16	Março	1983

Coimbra	17	Março	1983
Coimbra	2	Abril	1983
Coimbra	3	Abril	1983
Coimbra	10	Abril	1983
Coimbra	12	Maio	1983
Coimbra	14	Maio	1983
Coimbra	30	Junho	1983
Coimbra	1	Julho	1983
Coimbra	14	Julho	1983
Coimbra	23	Julho	1983
Coimbra	25	Julho	1983
Coimbra	27	Julho	1983
Coimbra	20	Agosto	1983
Coimbra	9	Outubro	1983
Coimbra	22	Outubro	1983
Coimbra	1	Novembro	1983
Coimbra	4	Novembro	1983
Coimbra	11	Dezembro	1983
Coimbra	24	Dezembro	1983
Coimbra	25	Dezembro	1983
Coimbra	10	Fevereiro	1984
Coimbra	15	Fevereiro	1984
Coimbra	1	Março	1984
Coimbra	19	Março	1984
Coimbra	20	Março	1984
Coimbra	21	Março	1984
Coimbra	13	Abril	1984
Coimbra	28	Abril	1984
Coimbra	10	Maio	1984
Coimbra	1	Julho	1984
Coimbra	18	Julho	1984
Coimbra	19	Julho	1984
Coimbra	20	Julho	1984
Coimbra	21	Julho	1984
Coimbra	22	Julho	1984
Coimbra	25	Julho	1984
Coimbra	26	Julho	1984
Coimbra	27	Julho	1984
Coimbra	29	Julho	1984
Coimbra	31	Julho	1984
Coimbra	5	Agosto	1984
Coimbra	10	Agosto	1984
Coimbra	11	Agosto	1984
Coimbra	12	Agosto	1984
Coimbra	14	Agosto	1984
Coimbra	4	Outubro	1984
Coimbra	14	Outubro	1984
Coimbra	15	Outubro	1984
Coimbra	16	Outubro	1984
Coimbra	17	Outubro	1984
Coimbra	18	Outubro	1984
Coimbra	20	Outubro	1984

Coimbra	26	Outubro	1984
Coimbra	28	Outubro	1984
Coimbra	2	Novembro	1984
Coimbra	8	Novembro	1984
Coimbra	9	Novembro	1984
Coimbra	11	Novembro	1984
Coimbra	17	Novembro	1984
Coimbra	19	Novembro	1984
Coimbra	20	Novembro	1984
Coimbra	29	Novembro	1984
Coimbra	9	Dezembro	1984
Coimbra	12	Dezembro	1984
Coimbra	14	Dezembro	1984
Coimbra	15	Dezembro	1984
Coimbra	16	Dezembro	1984
Coimbra	17	Dezembro	1984
Coimbra	24	Dezembro	1984
Coimbra	25	Dezembro	1984
Coimbra	2	Janeiro	1985
Coimbra	4	Janeiro	1985
Coimbra	11	Janeiro	1985
Coimbra	14	Janeiro	1985
Coimbra	22	Janeiro	1985
Coimbra	7	Fevereiro	1985
Coimbra	10	Fevereiro	1985
Coimbra	11	Fevereiro	1985
Coimbra	12	Fevereiro	1985
Coimbra	14	Fevereiro	1985
Coimbra	16	Fevereiro	1985
Coimbra	17	Fevereiro	1985
Coimbra	11	Março	1985
Coimbra	14	Março	1985
Coimbra	15	Março	1985
Coimbra	21	Março	1985
Coimbra	22	Março	1985
Coimbra	23	Março	1985
Coimbra	25	Março	1985
Coimbra	28	Março	1985
Coimbra	11	Abril	1985
Coimbra	12	Junho	1985
Coimbra	8	Julho	1985
Coimbra	9	Julho	1985
Coimbra	10	Julho	1985
Coimbra	14	Julho	1985
Coimbra	18	Julho	1985
Coimbra	23	Julho	1985
Coimbra	12	Agosto	1985
Coimbra	13	Outubro	1985
Coimbra	11	Novembro	1985
Coimbra	14	Novembro	1985
Coimbra	20	Novembro	1985
Coimbra	24	Dezembro	1985

Coimbra	25	Dezembro	1985
Coimbra	18	Janeiro	1986
Coimbra	26	Janeiro	1986
Coimbra	28	Janeiro	1986
Coimbra	29	Janeiro	1986
Coimbra	30	Janeiro	1986
Coimbra	27	Fevereiro	1986
Coimbra	2	Março	1986
Coimbra	7	Março	1986
Coimbra	10	Março	1986
Coimbra	11	Março	1986
Coimbra	28	Março	1986
Coimbra	15	Abril	1986
Coimbra	25	Abril	1986
Coimbra	29	Abril	1986
Coimbra	1	Junho	1986
Coimbra	14	Junho	1986
Coimbra	27	Junho	1986
Coimbra	17	Julho	1986
Coimbra	22	Julho	1986
Coimbra	8	Agosto	1986
Coimbra	12	Agosto	1988
Coimbra	20	Setembro	1986
Coimbra	3	Outubro	1986
Coimbra	20	Outubro	1988
Coimbra	4	Novembro	1988
Coimbra	20	Dezembro	1986
Coimbra	21	Dezembro	1988
Coimbra	2	Janeiro	1987
Coimbra	11	Janeiro	1987
Coimbra	20	Fevereiro	1987
Coimbra	8	Março	1987
Coimbra	9	Março	1987
Coimbra	20	Março	1987
Coimbra	29	Março	1987
Coimbra	1	Abril	1987
Coimbra	12	Maio	1987
Coimbra	27	Maio	1987
Coimbra	2	Junho	1987
Coimbra	3	Junho	1987
Coimbra	19	Junho	1987
Coimbra	20	Junho	1987
Coimbra	12	Julho	1987
Coimbra	14	Julho	1987
Coimbra	19	Julho	1987
Coimbra	20	Julho	1987
Coimbra	14	Agosto	1987
Coimbra	25	Agosto	1987
Coimbra	26	Setembro	1987
Coimbra	1	Outubro	1987
Coimbra	6	Outubro	1987
Coimbra	14	Outubro	1987

Coimbra	15	Outubro	1987
Coimbra	2	Novembro	1987
Coimbra	3	Novembro	1987
Coimbra	8	Novembro	1987
Coimbra	21	Novembro	1987
Coimbra	23	Novembro	1987
Coimbra	24	Novembro	1987
Coimbra	25	Novembro	1987
Coimbra	26	Novembro	1987
Coimbra	29	Novembro	1987
Coimbra	8	Dezembro	1987
Coimbra	11	Dezembro	1987
Coimbra	15	Dezembro	1987
Coimbra	20	Dezembro	1987
Coimbra	24	Dezembro	1987
Coimbra	31	Dezembro	1987
Coimbra	2	Janeiro	1988
Coimbra	4	Janeiro	1988
Coimbra	5	Janeiro	1988
Coimbra	15	Janeiro	1988
Coimbra	22	Janeiro	1988
Coimbra	23	Janeiro	1988
Coimbra	26	Janeiro	1988
Coimbra	1	Fevereiro	1988
Coimbra	2	Fevereiro	1988
Coimbra	4	Fevereiro	1988
Coimbra	5	Fevereiro	1988
Coimbra	8	Fevereiro	1988
Coimbra	19	Fevereiro	1988
Coimbra	6	Março	1988
Coimbra	20	Março	1988
Coimbra	25	Março	1988
Coimbra	5	Abril	1988
Coimbra	7	Abril	1988
Coimbra	9	Abril	1988
Coimbra	11	Abril	1988
Coimbra	14	Abril	1988
Coimbra	15	Abril	1988
Coimbra	16	Abril	1988
Coimbra	17	Abril	1988
Coimbra	22	Abril	1988
Coimbra	23	Abril	1988
Coimbra	25	Abril	1988
Coimbra	26	Abril	1988
Coimbra	30	Abril	1988
Coimbra	1	Maio	1988
Coimbra	9	Maio	1988
Coimbra	11	Maio	1988
Coimbra	15	Maio	1988
Coimbra	21	Maio	1988
Coimbra	28	Maio	1988
Coimbra	29	Maio	1988

Coimbra	31	Maio	1988
Coimbra	1	Junho	1988
Coimbra	2	Junho	1988
Coimbra	3	Junho	1988
Coimbra	7	Junho	1988
Coimbra	10	Junho	1988
Coimbra	13	Junho	1988
Coimbra	15	Junho	1988
Coimbra	19	Junho	1988
Coimbra	24	Junho	1988
Coimbra	28	Junho	1986
Coimbra	29	Junho	1988
Coimbra	2	Julho	1988
Coimbra	10	Julho	1988
Coimbra	17	Julho	1988
Coimbra	18	Julho	1988
Coimbra	19	Julho	1988
Coimbra	24	Julho	1988
Coimbra	25	Julho	1988
Coimbra	26	Julho	1988
Coimbra	27	Julho	1988
Coimbra	11	Agosto	1988
Coimbra	12	Agosto	1988
Coimbra	21	Agosto	1988
Coimbra	22	Agosto	1988
Coimbra	23	Agosto	1988
Coimbra	24	Agosto	1988
Coimbra	25	Agosto	1988
Coimbra	19	Setembro	1988
Coimbra	23	Setembro	1988
Coimbra	25	Setembro	1988
Coimbra	26	Setembro	1988
Coimbra	30	Setembro	1988
Coimbra	1	Outubro	1988
Coimbra	3	Outubro	1988
Coimbra	4	Outubro	1988
Coimbra	5	Outubro	1988
Coimbra	7	Outubro	1988
Coimbra	23	Outubro	1988
Coimbra	29	Outubro	1988
Coimbra	2	Novembro	1988
Coimbra	3	Novembro	1988
Coimbra	5	Novembro	1988
Coimbra	11	Novembro	1988
Coimbra	20	Novembro	1988
Coimbra	5	Dezembro	1988
Coimbra	7	Dezembro	1988
Coimbra	14	Dezembro	1988
Coimbra	15	Dezembro	1988
Coimbra	24	Dezembro	1988
Coimbra	31	Dezembro	1988
Coimbra	4	Janeiro	1989

Coimbra	6	Janeiro	1989
Coimbra	16	Janeiro	1989
Coimbra	20	Janeiro	1989
Coimbra	21	Janeiro	1989
Coimbra	23	Janeiro	1989
Coimbra	24	Janeiro	1989
Coimbra	25	Janeiro	1989
Coimbra	8	Fevereiro	1989
Coimbra	10	Fevereiro	1989
Coimbra	20	Fevereiro	1989
Coimbra	21	Fevereiro	1989
Coimbra	22	Fevereiro	1989
Coimbra	23	Fevereiro	1989
Coimbra	25	Fevereiro	1989
Coimbra	3	Março	1989
Coimbra	4	Março	1989
Coimbra	6	Março	1989
Coimbra	11	Março	1989
Coimbra	27	Março	1989
Coimbra	5	Abril	1989
Coimbra	10	Abril	1989
Coimbra	15	Abril	1989
Coimbra	18	Abril	1989
Coimbra	1	Maio	1989
Coimbra	17	Maio	1989
Coimbra	1	Junho	1989
Coimbra	5	Junho	1989
Coimbra	6	Junho	1989
Coimbra	25	Junho	1989
Coimbra	2	Julho	1989
Coimbra	10	Julho	1989
Coimbra	2	Outubro	1989
Coimbra	19	Outubro	1989
Coimbra	8	Novembro	1989
Coimbra	9	Novembro	1969
Coimbra	10	Novembro	1989
Coimbra	12	Novembro	1989
Coimbra	24	Novembro	1989
Coimbra	1	Dezembro	1989
Coimbra	3	Dezembro	1989
Coimbra	4	Dezembro	1989
Coimbra	5	Dezembro	1989
Coimbra	11	Dezembro	1989
Coimbra	15	Dezembro	1989
Coimbra	21	Dezembro	1989
Coimbra	22	Dezembro	1989
Coimbra	25	Dezembro	1989
Coimbra	28	Dezembro	1989
Coimbra	30	Dezembro	1989
Coimbra	31	Dezembro	1989
Coimbra	11	Janeiro	1990
Coimbra	21	Janeiro	1990

Coimbra	9	Fevereiro	1990
Coimbra	11	Fevereiro	1990
Coimbra	1	Março	1990
Coimbra	11	Março	1990
Coimbra	26	Março	1990
Coimbra	5	Abril	1990
Coimbra	14	Abril	1990
Coimbra	16	Abril	1990
Coimbra	1	Maio	1990
Coimbra	3	Maio	1990
Coimbra	4	Maio	1990
Coimbra	6	Maio	1990
Coimbra	9	Maio	1990
Coimbra	11	Maio	1990
Coimbra	12	Maio	1990
Coimbra	13	Maio	1990
Coimbra	22	Maio	1990
Coimbra	28	Maio	1990
Coimbra	29	Maio	1990
Coimbra	1	Junho	1990
Coimbra	26	Junho	1990
Coimbra	27	Junho	1990
Coimbra	29	Junho	1990
Coimbra	11	Julho	1990
Coimbra	12	Julho	1990
Coimbra	15	Julho	1990
Coimbra	27	Julho	1990
Coimbra	2	Agosto	1990
Coimbra	6	Agosto	1990
Coimbra	7	Agosto	1990
Coimbra	8	Agosto	1990
Coimbra	12	Agosto	1990
Coimbra	11	Setembro	1990
Coimbra	20	Setembro	1990
Coimbra	23	Setembro	1990
Coimbra	24	Setembro	1990
Coimbra	28	Setembro	1990
Coimbra	2	Outubro	1990
Coimbra	7	Outubro	1990
Coimbra	9	Outubro	1990
Coimbra	21	Outubro	1990
Coimbra	27	Outubro	1990
Coimbra	30	Outubro	1990
Coimbra	8	Novembro	1990
Coimbra	12	Novembro	1990
Coimbra	13	Novembro	1990
Coimbra	15	Novembro	1990
Coimbra	16	Novembro	1990
Coimbra			1990
Coimbra	21	Novembro	1990
Coimbra	23	Novembro	1990
Coimbra	28	Novembro	1990

Coimbra	2	Dezembro	1990
Coimbra	6	Dezembro	1990
Coimbra	7	Dezembro	1990
Coimbra	8	Dezembro	1990
Coimbra	9	Dezembro	1990
Coimbra	10	Dezembro	1990
Coimbra	14	Dezembro	1990
Coimbra	17	Dezembro	1990
Coimbra	19	Dezembro	1990
Coimbra	22	Dezembro	1990
Coimbra	28	Dezembro	1990
Coimbra	1	Janeiro	1991
Coimbra	2	Janeiro	1991
Coimbra	3	Janeiro	1991
Coimbra	4	Janeiro	1991
Coimbra	6	Janeiro	1991
Coimbra	7	Janeiro	1991
Coimbra	8	Janeiro	1991
Coimbra	13	Janeiro	1991
Coimbra	14	Janeiro	1991
Coimbra	17	Janeiro	1991
Coimbra	19	Janeiro	1991
Coimbra	20	Janeiro	1991
Coimbra	21	Janeiro	1991
Coimbra	26	Janeiro	1991
Coimbra	29	Janeiro	1991
Coimbra	30	Janeiro	1991
Coimbra	2	Fevereiro	1991
Coimbra	7	Fevereiro	1991
Coimbra	8	Fevereiro	1991
Coimbra	9	Fevereiro	1991
Coimbra	10	Fevereiro	1991
Coimbra	11	Fevereiro	1991
Coimbra	10	Março	1991
Coimbra	11	Março	1991
Coimbra	12	Março	1991
Coimbra	15	Março	1991
Coimbra	17	Março	1991
Coimbra	20	Março	1991
Coimbra	2	Abril	1991
Coimbra	4	Abril	1991
Coimbra	5	Abril	1991
Coimbra	6	Abril	1991
Coimbra	8	Abril	1991
Coimbra	9	Abril	1991
Coimbra	11	Abril	1991
Coimbra	12	Abril	1991
Coimbra	15	Abril	1991
Coimbra	16	Abril	1991
Coimbra	16	Abril	1991
Coimbra	17	Abril	1991
Coimbra	19	Abril	1991

Coimbra	21	Abril	1991
Coimbra	25	Abril	1991
Coimbra	26	Abril	1991
Coimbra	28	Abril	1991
Coimbra	29	Abril	1991
Coimbra	5	Maio	1991
Coimbra	1	Maio	1991
Coimbra	2	Maio	1991
Coimbra	6	Maio	1991
Coimbra	7	Maio	1991
Coimbra	11	Maio	1991
Coimbra	9	Maio	1991
Coimbra	11	Maio	1991
Coimbra	14	Maio	1991
Coimbra	24	Maio	1991
Coimbra	20	Junho	1991
Coimbra	2	Julho	1991
Coimbra	3	Julho	1991
Coimbra	7	Julho	1991
Coimbra	12	Julho	1991
Coimbra	15	Julho	1991
Coimbra	22	Julho	1991
Coimbra	30	Julho	1991
Coimbra	10	Agosto	1991
Coimbra	12	Agosto	1991
Coimbra	17	Agosto	1991
Coimbra	19	Agosto	1991
Coimbra	20	Agosto	1991
Coimbra	21	Agosto	1991
Coimbra	22	Agosto	1991
Coimbra	23	Agosto	1991
Coimbra	24	Agosto	1991
Coimbra	10	Setembro	1991
Coimbra	19	Setembro	1991
Coimbra	22	Setembro	1991
Coimbra	23	Setembro	1991
Coimbra	27	Setembro	1991
Coimbra	28	Setembro	1991
Coimbra	30	Setembro	1991
Coimbra	11	Outubro	1991
Coimbra	25	Novembro	1991
Coimbra	26	Novembro	1991
Coimbra	27	Novembro	1991
Coimbra	28	Novembro	1991
Coimbra	24	Dezembro	1991
Coimbra	16	Fevereiro	1992
Coimbra	23	Fevereiro	1992
Coimbra	2	Março	1992
Coimbra	3	Março	1992
Coimbra	4	Março	1992
Coimbra	7	Março	1992
Coimbra	10	Março	1992

Coimbra	12	Março	1992
Coimbra	13	Março	1992
Coimbra	17	Março	1992
Coimbra	11	Abril	1992
Coimbra	15	Abril	1992
Coimbra	11	Maio	1992
Coimbra	20	Maio	1992
Coimbra	2	Junho	1992
Coimbra	4	Junho	1992
Coimbra	7	Junho	1992
Coimbra	8	Junho	1992
Coimbra	20	Julho	1992
Coimbra	30	Julho	1992
Coimbra	10	Agosto	1992
Coimbra	14	Setembro	1992
Coimbra	17	Setembro	1992
Coimbra	28	Setembro	1992
Coimbra	12	Novembro	1992
Coimbra	6	Dezembro	1992
Coimbra	10	Dezembro	1992
Coimbra	11	Dezembro	1992
Coimbra	12	Dezembro	1992
Coimbra	31	Dezembro	1992
Coimbra	2	Janeiro	1993
Coimbra	3	Janeiro	1993
Coimbra	20	Janeiro	1993
Coimbra	30	Janeiro	1993
Coimbra	4	Fevereiro	1993
Coimbra	6	Fevereiro	1993
Coimbra	20	Fevereiro	1993
Coimbra	3	Março	1993
Coimbra	10	Março	1993
Coimbra	11	Março	1993
Coimbra	21	Março	1993
Coimbra	4	Abril	1993
Coimbra	11	Abril	1993
Coimbra	14	Abril	1993
Coimbra	15	Abril	1993
Coimbra	20	Abril	1993
Coimbra	4	Maio	1993
Coimbra	7	Maio	1993
Coimbra	11	Maio	1993
Coimbra	16	Maio	1993
Coimbra	18	Maio	1993
Coimbra	4	Junho	1993
Coimbra	6	Junho	1993
Coimbra	18	Junho	1993
Coimbra	20	Junho	1993
Coimbra	11	Julho	1993
Coimbra	24	Julho	1993
Coimbra	31	Julho	1993
Coimbra	12	Agosto	1993

Coimbra	15	Agosto	1993
Coimbra	16	Agosto	1993
Coimbra	17	Agosto	1993
Coimbra	22	Agosto	1993
Coimbra	23	Agosto	1993
Coimbra	10	Setembro	1993
Coimbra	11	Setembro	1993
Coimbra	20	Setembro	1993
Coimbra	30	Setembro	1993
Coimbra	3	Outubro	1993
Coimbra	4	Outubro	1993
Coimbra	5	Outubro	1993
Coimbra	10	Outubro	1993
Coimbra	11	Outubro	1993
Coimbra	18	Outubro	1993
Coimbra	19	Outubro	1993
Coimbra	20	Outubro	1993
Coimbra	21	Outubro	1993
Coimbra	22	Outubro	1993
Coimbra	31	Outubro	1993
Coimbra	1	Novembro	1993
Coimbra	2	Novembro	1993
Coimbra	3	Novembro	1993
Coimbra	8	Novembro	1993
Coimbra	9	Novembro	1993
Coimbra	10	Novembro	1993
Coimbra	12	Novembro	1993
Coimbra	14	Novembro	1993
Coimbra	15	Novembro	1993
Coimbra	1	Dezembro	1993
Coimbra	8	Dezembro	1993
Coimbra	9	Dezembro	1993
Coimbra	10	Dezembro	1993
Coja	24	Dezembro	1952
Coja	29	Dezembro	1952
Coja	30	Dezembro	1952
Coja	31	Dezembro	1952
Coja	23	Dezembro	1956
Coja	24	Dezembro	1956
Coja	9	Dezembro	1973
Coja	2	Março	1977
Colónia	27	Agosto	1970
Compostela	6	Setembro	1951
Congonhas do Campo	20	Agosto	1954
Conimbriga	13	Junho	1944
Constantinopla	9	Setembro	1953
Constantinopla	10	Setembro	1953
Constantinopla	11	Setembro	1953
Córdova	17	Abril	1951
Cortina de Ampezzo	2	Setembro	1970
Costa Azul	8	Setembro	1950
Costa Nova	30	Maio	1943

Costa Nova	18	Agosto	1944
Costa Nova	19	Agosto	1944
Costa Nova	3	Julho	1949
Covadonga	3	Setembro	1962
Cuevas de Altamira	8	Outubro	1950
Curia	4	Maio	1985
Davos	27	Setembro	1950
Douro	15	Julho	1946
Eiras	3	Março	1968
Eiras	5	Março	1989
Elvas	10	Outubro	1976
Ericeira	5	Julho	1983
Ermelo	2	Outubro	1959
Escorial	31	Agosto	1950
Espinho	2	Agosto	1942
Espinho	27	Agosto	1945
Espinho	28	Agosto	1945
Espinho	25	Novembro	1945
Espinho	15	Março	1949
Espinho	18	Agosto	1957
Espinhosa do Douro	4	Outubro	1960
Espinhosa do Douro	23	Março	1967
Espinhosa do Douro	26	Setembro	1967
Espinhosa do Douro	10	Abril	1971
Estoril	8	Julho	1992
Estrada Castelo Branco - Tomar	30	Setembro	1941
Estremoz	19	Novembro	1943
Estremoz	5	Dezembro	1953
Estremoz	1	Dezembro	1955
Estremoz	4	Janeiro	1975
Estremoz	5	Outubro	1976
Estremoz	2	Outubro	1977
Estremoz	5	Outubro	1977
Évora	14	Fevereiro	1942
Évora	1	Abril	1946
Évora	23	Dezembro	1949
Évora	9	Dezembro	1966
Évora	6	Fevereiro	1967
Évora	2	Novembro	1974
Évora	14	Agosto	1982
Évora-Monte	31	Março	1946
Fajão	23	Fevereiro	1945
Fajão	21	Julho	1968
Fajão	10	Junho	1971
Fajão	10	Junho	1985
Falperra	18	Julho	1975
Fão	Natal		1948
Faro	5	Fevereiro	1967
Ferrão	7	Setembro	1968
Ferreira do Alentejo	31	Outubro	1965
Ferreiros	8	Setembro	1947
Figueira da Foz	15	Agosto	1936

Figueira da Foz	14	Agosto	1939
Figueira da Foz	15	Agosto	1939
Figueira da Foz	20	Agosto	1939
Figueira da Foz	10	Agosto	1941
Figueira da Foz	2	Julho	1944
Figueira da Foz	15	Agosto	1973
Figueira da Foz	8	Novembro	1986
Figueira da Foz	22	Fevereiro	1987
Figueira da Foz	25	Dezembro	1987
Figueira da Foz	21	Fevereiro	1968
Figueira de Castelo Rodrigo	21	Dezembro	1957
Figueras	8	Setembro	1970
Florença	11	Setembro	1950
Florença	12	Setembro	1950
Florença	4	Setembro	1970
Florença	5	Setembro	1970
Foia	14	Agosto	1977
Foz	18	Abril	1949
Foz	2	Abril	1950
Foz	3	Abril	1950
Foz Côa	11	Novembro	1962
Foz Côa	12	Novembro	1962
Foz Côa	31	Outubro	1959
Foz Côa	1	Novembro	1959
Foz Côa	31	Outubro	1960
Foz Côa	1	Novembro	1960
Foz Côa	2	Dezembro	1960
Foz Côa	2	Novembro	1961
Foz Côa	31	Outubro	1966
Freixo de Espada-Cinta	9	Abril	1947
Freixo de Numão	8	Dezembro	1979
Freixo de Numão	19	Dezembro	1979
Freixo de Numão	20	Dezembro	1979
Freixo de Numão	2	Novembro	1980
Freixo de Numão	27	Dezembro	1980
Fundão	20	Agosto	1977
Fundão	24	Fevereiro	1945
Gafanhas Aveiro	17	Agosto	1944
Gaia	24	Dezembro	1990
Gaia	30	Março	1991
Garganta	24	Agosto	1979
Genebra	9	Janeiro	1938
Gerês	7	Agosto	1949
Gerês	8	Agosto	1949
Gerês	1	Agosto	1950
Gerês	7	Agosto	1950
Gerês	8	Agosto	1950
Gerês	9	Agosto	1950
Gerês	3	Agosto	1952
Gerês	6	Agosto	1952
Gerês	7	Agosto	1952
Gerês	8	Agosto	1952

Gerês	10	Agosto	1952
Gerês	11	Agosto	1952
Gerês	12	Agosto	1952
Gerês	14	Agosto	1952
Gerês	15	Agosto	1952
Gerês	1	Agosto	1953
Gerês	3	Agosto	1953
Gerês	7	Agosto	1953
Gerês	8	Agosto	1953
Gerês	12	Agosto	1953
Gerês	14	Agosto	1953
Gerês	15	Agosto	1953
Gerês	6	Setembro	1954
Gerês	7	Setembro	1954
Gerês	8	Setembro	1954
Gerês	9	Setembro	1954
Gerês	10	Setembro	1954
Gerês	11	Setembro	1954
Gerês	18	Setembro	1954
Gerês	2	Agosto	1955
Gerês	3	Agosto	1955
Gerês	4	Agosto	1955
Gerês	6	Agosto	1955
Gerês	7	Agosto	1955
Gerês	8	Agosto	1955
Gerês	10	Agosto	1955
Gerês	12	Agosto	1955
Gerês	14	Agosto	1955
Gerês	16	Agosto	1955
Gerês	3	Agosto	1956
Gerês	6	Agosto	1956
Gerês	12	Agosto	1956
Gerês	17	Agosto	1957
Gerês	16	Agosto	1958
Gerês	17	Agosto	1958
Gerês	21	Agosto	1958
Gerês	22	Agosto	1958
Gerês	26	Agosto	1958
Gerês	27	Agosto	1958
Gerês	2	Agosto	1959
Gerês	3	Agosto	1959
Gerês	15	Agosto	1959
Gerês	10	Agosto	1961
Gerês	12	Agosto	1961
Gerês	14	Agosto	1961
Gerês	1	Agosto	1962
Gerês	2	Agosto	1962
Gerês	3	Agosto	1962
Gerês	8	Agosto	1962
Gerês	11	Agosto	1962
Gerês	12	Agosto	1962
Gerês	13	Agosto	1962

Gerês	14	Agosto	1962
Gerês	2	Agosto	1963
Gerês	4	Agosto	1963
Gerês	5	Agosto	1963
Gerês	10	Agosto	1963
Gerês	11	Agosto	1963
Gerês	12	Agosto	1963
Gerês	14	Agosto	1963
Gerês	10	Agosto	1964
Gerês	11	Agosto	1964
Gerês	2	Agosto	1965
Gerês	4	Agosto	1965
Gerês	12	Agosto	1965
Gerês	13	Agosto	1965
Gerês	2	Agosto	1966
Gerês	3	Agosto	1966
Gerês	6	Agosto	1966
Gerês	13	Agosto	1966
Gerês	12	Julho	1967
Gerês	2	Agosto	1968
Gerês	3	Agosto	1968
Gerês	4	Agosto	1968
Gerês	6	Agosto	1968
Gerês	12	Setembro	1970
Gerês	13	Setembro	1970
Gerês	15	Julho	1975
Gerês	16	Julho	1975
Gerês	17	Julho	1975
Gerês	19	Julho	1975
Gerês	20	Julho	1975
Gerês	22	Julho	1975
Gerês	24	Julho	1975
Gerês	15	Julho	1976
Gerês	16	Julho	1976
Gerês	16	Julho	1977
Gerês	10	Agosto	1950
Gerês	15	Agosto	1942
Gerês	23	Agosto	1942
Gerês	24	Agosto	1942
Gerês	25	Agosto	1942
Gerês	26	Agosto	1942
Gerês	27	Agosto	1942
Gerês	30	Agosto	1942
Gerês	25	Julho	1943
Gerês	26	Julho	1943
Gerês	6	Agosto	1944
Gerês	7	Agosto	1944
Gerês	26	Julho	1945
Gerês	28	Julho	1945
Gerês	12	Agosto	1948
Gerês	17	Agosto	1948
Gerês	15	Agosto	1942

Gerês	23	Julho	1945
Gerês	15	Agosto	1948
Gerês	20	Agosto	1942
Gerês	25	Julho	1945
Gerês	5	Agosto	1944
Gerês	18	Julho	1976
Goa	15	Junho	1987
Goa	16	Junho	1987
Goa	17	Junho	1987
Góis	17	Outubro	1970
Golegã	11	Novembro	1947
Gorongosa	3	Junho	1973
Gorongosa	4	Junho	1973
Gouvinhas	Natal		1948
Gralheira	30	Outubro	1954
Granada	19	Abril	1951
Granada	6	Junho	1954
Grutas de Lascaux	11	Junho	1958
Guadalajara	13	Junho	1958
Guadalupe	4	Junho	1954
Guanabara	6	Agosto	1954
Guanabara	24	Agosto	1954
Guarda	25	Fevereiro	1945
Guarda	9	Outubro	1950
Guarda	10	Setembro	1970
Guimarães	31	Julho	1947
Guimarães	8	Agosto	1949
Guimarães	23	Agosto	1949
Hong-Kong	13	Junho	1987
Hong-Kong	14	Junho	1987
Idanha-a-Nova	11	Dezembro	1960
Ilha de Moçambique	6	Junho	1973
Ilha de Moçambique	7	Junho	1973
Izeda	1	Outubro	1978
Jales	27	Setembro	1961
Juromenha	4	Outubro	1976
Justes	21	Dezembro	1943
La Alberca	16	Outubro	1976
La Carolina	20	Abril	1951
La Coruña	7	Setembro	1951
La Coruña	4	Setembro	1962
Lagares da Beira	25	Junho	1985
Lagoaça	27	Outubro	1956
Lagoaça	28	Outubro	1956
Lagoaça	29	Outubro	1956
Lamego	22	Março	1940
Lamego	18	Setembro	1944
Lamego	5	Outubro	1946
Lamego	30	Julho	1947
Lamego	5	Agosto	1947
Lamego	2	Janeiro	1949
Lamego	4	Janeiro	1949

Lamego	5	Janeiro	1949
Lamego	16	Abril	1949
Lamego	9	Outubro	1949
Lamego	26	Setembro	1954
Lamego	28	Fevereiro	1960
Lamego	2	Março	1960
Las Palmas	2	Setembro	1954
Lausana	29	Setembro	1950
Lavadores	23	Março	1945
Lavadores	17	Julho	1945
Lavadores	8	Agosto	1946
Lavadores	10	Agosto	1946
Lavadores	11	Agosto	1946
Lavadores	12	Agosto	1946
Lavadores	14	Agosto	1946
Leiria	7	Julho	1939
Leiria	9	Julho	1939
Leiria	14	Julho	1939
Leiria	2	Agosto	1939
Leiria	6	Agosto	1939
Leiria	22	Agosto	1939
Leiria	26	Agosto	1939
Leiria	30	Agosto	1939
Leiria	31	Agosto	1939
Leiria	6	Novembro	1939
Leiria	10	Novembro	1939
Leiria	15	Novembro	1939
Leiria	18	Novembro	1939
Leiria	19	Novembro	1939
Leiria	20	Novembro	1939
Leiria	21	Novembro	1939
Leiria	23	Novembro	1939
Leiria	15	Fevereiro	1940
Leiria	16	Fevereiro	1940
Leiria	20	Fevereiro	1940
Leiria	28	Fevereiro	1940
Leiria	14	Março	1940
Leiria	16	Março	1940
Leiria	17	Março	1940
Leiria	5	Abril	1940
Leiria	10	Abril	1940
Leiria	10	Maio	1940
Leiria	12	Maio	1940
Leiria	14	Maio	1940
Leiria	18	Junho	1940
Leiria	5	Julho	1940
Leiria	11	Agosto	1940
Leiria	12	Agosto	1940
Leiria	11	Outubro	1940
Leiria	13	Outubro	1940
Leiria	25	Novembro	1940
Leiria	23	Janeiro	1941

Leiria	10	Fevereiro	1941
Leiria	14	Fevereiro	1941
Leiria	14	Março	1941
Leiria	15	Março	1941
Leiria	17	Março	1941
Leiria	29	Março	1941
Leiria	23	Abril	1943
Leiria	27	Maio	1968
Leiria	20	Novembro	1980
Leiria	30	Novembro	1939
Léon	9	Setembro	1951
Lião	25	Agosto	1970
Lindoso	20	Agosto	1950
Linha do Douro	29	Março	1947
Linha do Douro	13	Março	1949
Linha do Douro	14	Março	1949
Linha do Norte	21	Dezembro	1950
Linha do Norte	11	Dezembro	1952
Linha do Tua	22	Setembro	1947
Linha Lisboa Porto	1	Agosto	1942
Linhares	16	Novembro	1986
Lisboa	29	Abril	1944
Lisboa	3	Maio	1944
Lisboa	4	Maio	1944
Lisboa	5	Maio	1944
Lisboa	13	Janeiro	1946
Lisboa	16	Janeiro	1946
Lisboa	20	Fevereiro	1946
Lisboa	7	Maio	1948
Lisboa	8	Maio	1948
Lisboa	26	Março	1949
Lisboa	28	Março	1949
Lisboa	30	Maio	1949
Lisboa	7	Abril	1952
Lisboa	29	Agosto	1953
Lisboa	16	Setembro	1953
Lisboa	4	Setembro	1954
Lisboa	17	Julho	1958
Lisboa	27	Maio	1959
Lisboa	14	Maio	1960
Lisboa	18	Abril	1963
Lisboa	11	Outubro	1963
Lisboa	23	Abril	1964
Lisboa	8	Abril	1965
Lisboa	9	Abril	1965
Lisboa	22	Outubro	1965
Lisboa	26	Fevereiro	1968
Lisboa	27	Fevereiro	1968
Lisboa	29	Maio	1968
Lisboa	29	Outubro	1968
Lisboa	19	Abril	1969
Lisboa	8	Março	1970

Lisboa	14	Março	1970
Lisboa	15	Março	1970
Lisboa	23	Março	1970
Lisboa	25	Junho	1970
Lisboa	7	Outubro	1971
Lisboa	19	Abril	1972
Lisboa	20	Junho	1972
Lisboa	21	Junho	1972
Lisboa	22	Junho	1972
Lisboa	25	Junho	1972
Lisboa	28	Junho	1972
Lisboa	1	Julho	1972
Lisboa	3	Julho	1972
Lisboa	14	Julho	1972
Lisboa	19	Janeiro	1973
Lisboa	13	Novembro	1974
Lisboa	20	Abril	1975
Lisboa	9	Fevereiro	1977
Lisboa	26	Dezembro	1978
Lisboa	27	Dezembro	1978
Lisboa	22	Junho	1979
Lisboa	10	Março	1981
Lisboa	26	Setembro	1982
Lisboa	4	Outubro	1982
Lisboa	26	Outubro	1982
Lisboa	2	Novembro	1982
Lisboa	9	Novembro	1982
Lisboa	23	Novembro	1982
Lisboa	31	Janeiro	1983
Lisboa	1	Fevereiro	1983
Lisboa	22	Fevereiro	1983
Lisboa	10	Maio	1983
Lisboa	27	Maio	1983
Lisboa	26	Julho	1983
Lisboa	15	Novembro	1983
Lisboa	19	Dezembro	1983
Lisboa	30	Janeiro	1984
Lisboa	7	Fevereiro	1984
Lisboa	28	Maio	1984
Lisboa	17	Julho	1984
Lisboa	5	Dezembro	1984
Lisboa	16	Janeiro	1985
Lisboa	17	Janeiro	1985
Lisboa	30	Janeiro	1985
Lisboa	16	Abril	1986
Lisboa	30	Abril	1986
Lisboa	14	Maio	1986
Lisboa	19	Novembro	1986
Lisboa	30	Junho	1987
Lisboa	10	Dezembro	1987
Lisboa	15	Fevereiro	1988
Lisboa	3	Março	1988

Lisboa	11	Março	1988
Lisboa	17	Março	1988
Lisboa	18	Abril	1988
Lisboa	19	Abril	1988
Lisboa	20	Abril	1988
Lisboa	21	Abril	1988
Lisboa	9	Dezembro	1988
Lisboa	7	Abril	1989
Lisboa	3	Março	1990
Lisboa	6	Novembro	1990
Lisboa	19	Março	1992
Lisboa	13	Março	1986
Lisboa	4	Fevereiro	1986
Lisboa	21	Novembro	1984
Lisboa	12	Julho	1983
Lisboa	6	Dezembro	1939
Lisboa	Natal		1939
Lisboa	30	Dezembro	1939
Lisboa	1	Janeiro	1940
Lisboa	1	Fevereiro	1940
Lobito	24	Maio	1973
Londres	8	Junho	1977
Londres	9	Junho	1977
Londres	10	Junho	1977
Lorvão	20	Maio	1944
Lorvão	16	Abril	1961
Lourdes (Pirinéus)	24	Dezembro	1937
Loureiro, Régua	28	Dezembro	1947
Lourenço Marques	8	Junho	1973
Lourenço Marques	9	Junho	1973
Lovios	1	Agosto	1956
Luanda	18	Maio	1973
Luanda	19	Maio	1973
Luanda	20	Maio	1973
Luanda	31	Maio	1973
Luanda	11	Junho	1973
Lucerna	28	Setembro	1950
Macau	6	Junho	1987
Macau	7	Junho	1987
Macau	8	Junho	1987
Macau	9	Junho	1987
Macau	10	Junho	1987
Macau	11	Junho	1987
Madeira	26	Agosto	1980
Madeira	25	Agosto	1980
Madeira	27	Agosto	1980
Madeira	31	Agosto	1980
Madeira	21	Março	1970
Madeira	22	Março	1970
Madeira	28	Agosto	1980
Madrid	30	Agosto	1950
Madrid	21	Abril	1951

Madrid	15	Junho	1958
Madrid	21	Abril	1960
Madrid	22	Abril	1960
Madrid	10	Junho	1960
Madrid	11	Junho	1960
Madrid	29	Janeiro	1984
Mafra	22	Novembro	1943
Mafra	1	Março	1983
Maiorca	3	Setembro	1950
Maiorca	1	Setembro	1953
Maiorca	4	Setembro	1950
Maiorca	5	Setembro	1950
Malaposta	7	Julho	1987
Malaposta	12	Agosto	1987
Malaposta	20	Setembro	1987
Malaposta	29	Dezembro	1987
Malaposta	1	Janeiro	1988
Malaposta	8	Junho	1988
Malaposta	18	Dezembro	1990
Malaposta	14	Agosto	1993
Maloia	27	Setembro	1950
Mangualde	23	Outubro	1971
Mar	12	Maio	1941
Marão	1	Janeiro	1948
Marão	30	Março	1948
Marão	10	Abril	1949
Marão	25	Agosto	1963
Marão	21	Março	1989
Marão	Páscoa		1948
Marselha	25	Dezembro	1937
Marvão	20	Novembro	1943
Mateus	17	Dezembro	1977
Mateus	8	Julho	1978
Mateus	20	Abril	1980
Mateus	8	Junho	1980
Mérida	15	Abril	1951
Mérida	8	Junho	1960
Mérida	10	Março	1984
Mesio	22	Dezembro	1976
Milão	28	Dezembro	1937
Milão	29	Dezembro	1937
Milão	31	Dezembro	1937
Milreu	3	Agosto	1977
Minhocal, Celorico da Beira	17	Novembro	1962
Mira	26	Maio	1952
Mira	26	Maio	1957
Mira	16	Maio	1943
Mira	19	Setembro	1948
Mira	21	Setembro	1948
Mira	22	Setembro	1948
Mira	23	Setembro	1948
Mira	24	Setembro	1948

Mira	25	Setembro	1948
Mira	25	Setembro	1948
Mira	26	Setembro	1948
Mira	26	Setembro	1948
Mira	27	Setembro	1948
Mira	28	Setembro	1948
Mira	7	Maio	1949
Mira	8	Maio	1949
Mira	26	Junho	1949
Mira	24	Julho	1958
Mira	4	Novembro	1962
Mira	22	Setembro	1987
Miramar	21	Agosto	1956
Miramar	9	Setembro	1957
Miramar	13	Setembro	1957
Miramar	14	Setembro	1957
Miramar	1	Setembro	1958
Miramar	8	Setembro	1958
Miramar	10	Setembro	1958
Miramar	11	Setembro	1958
Miramar	12	Setembro	1958
Miramar	16	Setembro	1958
Miramar	1	Agosto	1959
Miramar	25	Julho	1961
Miramar	28	Julho	1961
Miramar	20	Agosto	1962
Miramar	28	Julho	1963
Miramar	16	Agosto	1963
Miramar	18	Agosto	1963
Miramar	20	Agosto	1963
Miramar	17	Agosto	1964
Miramar	18	Agosto	1964
Miramar	17	Agosto	1966
Miramar	28	Agosto	1966
Miramar	31	Julho	1967
Miramar	12	Agosto	1967
Miramar	19	Agosto	1967
Miramar	20	Agosto	1967
Miramar	21	Agosto	1967
Miramar	22	Agosto	1967
Miramar	23	Agosto	1967
Miramar	7	Agosto	1968
Miranda do Corvo	16	Junho	1968
Miranda do Corvo	26	Outubro	1980
Miranda do Douro	3	Agosto	1947
Miranda do Douro	2	Maio	1976
Mirandela	27	Julho	1966
Miuzela	7	Novembro	1971
Moçâmedes	26	Maio	1973
Moçâmedes	25	Maio	1973
Mogadouro	4	Novembro	1979
Moimenta da Beira	4	Outubro	1956

Moncorvo	5	Novembro	1967
Mondego	1	Maio	1980
Mondim de Basto	1	Abril	1988
Monforte	30	Novembro	1952
Monforte	3	Dezembro	1954
Monforte	4	Dezembro	1954
Monforte	2	Dezembro	1955
Monforte	20	Novembro	1956
Monforte	30	Novembro	1956
Monforte	1	Dezembro	1956
Monforte	19	Novembro	1961
Monforte	27	Dezembro	1962
Monforte	28	Dezembro	1962
Monforte	29	Dezembro	1962
Monforte	28	Novembro	1964
Monforte	29	Novembro	1964
Monforte	30	Novembro	1964
Monforte	30	Novembro	1965
Monforte	2	Dezembro	1967
Monforte	3	Dezembro	1967
Monforte	27	Dezembro	1967
Monforte	27	Dezembro	1968
Monforte	28	Dezembro	1968
Monfortinho	13	Setembro	1941
Monfortinho	14	Setembro	1941
Monfortinho	27	Setembro	1941
Monfortinho	29	Setembro	1941
Monsanto	26	Setembro	1941
Monsanto	20	Fevereiro	1949
Monsaraz	7	Fevereiro	1967
Monsaraz	31	Maio	1986
Montalegre	28	Junho	1956
Montalegre	11	Janeiro	1970
Montalegre	1	Setembro	1990
Montalegre	29	Agosto	1991
Monte Carlo	9	Setembro	1950
Monte Real	Segunda	Agosto	1938
Monte Real	Terça	Agosto	1938
Monte Real	Quarta	Agosto	1938
Monte Real	Quinta	Agosto	1938
Monte Real	Sexta	Agosto	1938
Monte Real	Domingo	Agosto	1938
Montemor-o-Velho	20	Setembro	1942
Montemuro	3	Janeiro	1949
Monterrey	23	Setembro	1961
Montesinho	28	Setembro	1951
Montpellier	24	Dezembro	1937
Montpellier	7	Setembro	1950
Montreal	4	Março	1984
Mote Real	Domingo	Agosto	1938
Mouçós	13	Setembro	1981
Munique	31	Agosto	1970

Murça	13	Setembro	1977
Murça	14	Junho	1988
Nápoles	2	Setembro	1953
Nazaré	11	Agosto	1939
Nazaré	2	Julho	1940
Nazaré	3	Julho	1940
Nazaré	4	Julho	1940
Nazaré	Páscoa		1943
Nazaré	Páscoa		1943
Nazaré	Páscoa		1943
Nazaré	1	Janeiro	1944
Nazaré	2	Janeiro	1944
Nazaré	9 e 10	Junho	1945
Nazaré	16	Maio	1946
Nazaré	20	Abril	1947
Nazaré	21	Abril	1947
Nazaré	22	Maio	1949
Nazaré	15	Julho	1955
Nazaré	10	Agosto	1969
Nazaré	12	Agosto	1969
Nazaré	13	Agosto	1969
Nazaré	14	Agosto	1969
Nazaré	17	Agosto	1969
Nazaré	1	Janeiro	1973
Nazaré	8	Maio	1976
Nazaré	26	Agosto	1984
Negrões	24	Setembro	1960
Nova Lisboa	30	Maio	1973
Nuremberg	30	Agosto	1970
Oaxaca	6	Março	1984
Oaxaca	7	Março	1984
Oberammergau	1	Setembro	1970
Óbidos	19	Outubro	1960
Olhão	16	Fevereiro	1942
Olhão	21	Agosto	1980
Oliveira do Hospital	15	Outubro	1970
Oliveira do Hospital	22	Junho	1944
Olivença	5	Junho	1954
Ordonho	2	Outubro	1961
Orense	18	Agosto	1959
Orense	12	Abril	1968
Orense	8	Setembro	1986
Oura	1	Agosto	1987
Oura	3	Agosto	1987
Oura	4	Agosto	1987
Oura	6	Agosto	1987
Oura	7	Agosto	1987
Oura	9	Agosto	1987
Oura	2	Agosto	1988
Oura	3	Agosto	1988
Oura	4	Agosto	1988
Oura	10	Agosto	1988

Ourém	18	Março	1973
Ouro Preto	21	Agosto	1954
Oviedo	8	Setembro	1951
Paestum	3	Setembro	1953
Palermo	19	Setembro	1950
Palmela	15	Junho	1983
Pampilhosa da Serra	25	Novembro	1979
Panóias	21	Dezembro	1969
Panóias	6	Outubro	1951
Panóias	23	Dezembro	1963
Panóias	2	Julho	1966
Panóias	16	Setembro	1979
Panóias	7	Abril	1955
Paradela do Rio	1	Julho	1956
Paris	11	Janeiro	1938
Paris	14	Janeiro	1938
Paris	30	Setembro	1950
Paris	1	Outubro	1950
Paris	2	Outubro	1950
Paris	3	Outubro	1950
Paris	5	Outubro	1950
Paris	4	Junho	1987
Paris	18	Junho	1987
Pedras Salgadas	11	Setembro	1941
Pedras Salgadas	12	Setembro	1941
Pedrógão	24	Agosto	1940
Pedrógão	17	Agosto	1981
Pedrógão	18	Agosto	1981
Pedrógão	23	Agosto	1981
Pedrógão	22	Agosto	1981
Pegões	27	Dezembro	1969
Penalva do Castelo	8	Julho	1984
Penamacor	8	Dezembro	1950
Penamacor	9	Dezembro	1950
Penamacor	10	Dezembro	1950
Penamacor	14	Novembro	1952
Penamacor	8	Dezembro	1961
Peniche	10	Setembro	1939
Perpinhão	7	Setembro	1970
Pescara	24	Setembro	1950
Pico de Regalados, Caldelas	30	Agosto	1947
Pinhão	25	Setembro	1945
Pinhão	1	Janeiro	1964
Pinhel	21	Outubro	1955
Pinhel	13	Outubro	1963
Pínzio	1	Novembro	1971
Piódão	16	Dezembro	1962
Piódão			1965
Piódão	8	Dezembro	1965
Piódão	23	Outubro	1966
Piódão	7	Abril	1991
Pisa	7	Janeiro	1938

Pisa	10	Setembro	1950
Pisa	6	Setembro	1970
Pombeiro	1	Dezembro	1947
Pompeia	17	Setembro	1950
Pontevedra	5	Setembro	1951
Portalegre	6	Outubro	1976
Portel	10	Dezembro	1966
Porto	23	Dezembro	1941
Porto	19	Dezembro	1943
Porto	8	Maio	1944
Porto	27	Maio	1944
Porto	10	Outubro	1946
Porto	12	Março	1949
Porto	17	Junho	1950
Porto	18	Junho	1950
Porto	22	Dezembro	1950
Porto	26	Abril	1952
Porto	12	Dezembro	1952
Porto	9	Dezembro	1954
Porto	27	Outubro	1957
Porto	3	Novembro	1957
Porto	5	Novembro	1957
Porto	12	Novembro	1957
Porto	14	Novembro	1957
Porto	28	Abril	1958
Porto	4	Junho	1960
Porto	3	Fevereiro	1962
Porto	27	Agosto	1966
Porto	7	Maio	1977
Porto	16	Junho	1978
Porto	29	Junho	1986
Porto	12	Abril	1987
Porto	10	Maio	1987
Porto Covo	14	Fevereiro	1988
Porto de Mós	19	Junho	1985
Porto Moniz	29	Agosto	1980
Póvoa de Varzim	1	Agosto	1943
Póvoa de Varzim	20	Fevereiro	1950
Póvoa de Varzim	9	Agosto	1964
Póvoa do Varzim	26	Agosto	1951
Praia da Boa Nova	21	Agosto	1966
Praia da Racha	19	Agosto	1980
Praia da Vieira	14	Maio	1950
Proença-a-Velha	10	Dezembro	1960
Puebla de Sanabria	6	Setembro	1983
Quadrazais	1	Dezembro	1960
Quadrazais	22	Outubro	1961
Quarteira	12	Agosto	1977
Quarteira	16	Agosto	1977
Quarteira	2	Agosto	1978
Quarteira	9	Agosto	1978
Quarteira	13	Agosto	1978

Quarteira	14	Agosto	1978
Queluz	25	Fevereiro	1968
Quintanilha	29	Setembro	1951
Rabaçal	4	Março	1973
Ravena	3	Setembro	1970
Régua	5	Janeiro	1942
Régua	16	Setembro	1962
Régua	19	Agosto	1979
Reims	9	Junho	1958
Rendufe	7	Setembro	1947
Ribatejo	11	Agosto	1941
Rio de Janeiro	7	Agosto	1954
Rio de Janeiro	8	Agosto	1954
Rio de Janeiro	16	Agosto	1954
Rio de Janeiro	17	Agosto	1954
Rio de Janeiro	18	Agosto	1954
Rio de Janeiro	19	Agosto	1954
Rio de Onor	27	Setembro	1946
Rio de Onor	26	Setembro	1946
Rio de Onor	29	Setembro	1946
Roma	3	Janeiro	1938
Roma	4	Janeiro	1938
Roma	5	Janeiro	1938
Roma	6	Janeiro	1938
Roma	13	Setembro	1950
Roma	15	Setembro	1950
Roma	4	Setembro	1953
Roma	14	Setembro	1950
Roncão	13	Janeiro	1990
S. Bento da Porta Aberta	13	Agosto	1948
S. João da Pesqueira	23	Agosto	1979
S. Leonardo de Galafura	8	Abril	1977
S. Mamede de Riba Tua	20	Setembro	1977
S. Marcos	14	Junho	1944
S. Marcos	14	Junho	1944
S. Martinho de Anta	3	Março	1934
S. Martinho de Anta	5	Março	1934
S. Martinho de Anta	6	Março	1934
S. Martinho de Anta	30	Abril	1937
S. Martinho de Anta	4	Maio	1937
S. Martinho de Anta	17	Abril	1938
S. Martinho de Anta	18	Abril	1938
S. Martinho de Anta	19	Abril	1938
S. Martinho de Anta	20	Abril	1938
S. Martinho de Anta	21	Abril	1938
S. Martinho de Anta	22	Abril	1938
S. Martinho de Anta	25	Dezembro	1938
S. Martinho de Anta	26	Dezembro	1938
S. Martinho de Anta	27	Dezembro	1938
S. Martinho de Anta	1	Janeiro	1939
S. Martinho de Anta	23	Março	1940
S. Martinho de Anta	24	Março	1940

S. Martinho de Anta	25	Março	1940
S. Martinho de Anta	26	Março	1940
S. Martinho de Anta	21	Setembro	1940
S. Martinho de Anta	22	Setembro	1940
S. Martinho de Anta	24	Setembro	1940
S. Martinho de Anta	25	Setembro	1940
S. Martinho de Anta	26	Setembro	1940
S. Martinho de Anta	28	Setembro	1940
S. Martinho de Anta	1	Outubro	1940
S. Martinho de Anta	2	Outubro	1940
S. Martinho de Anta	Natal		1940
S. Martinho de Anta	Natal		1940
S. Martinho de Anta	Natal		1940
S. Martinho de Anta	Natal		1940
S. Martinho de Anta	1	Outubro	1949
S. Martinho de Anta	3	Outubro	1949
S. Martinho de Anta	6	Outubro	1949
S. Martinho de Anta	6	Abril	1950
S. Martinho de Anta	7	Abril	1950
S. Martinho de Anta	8	Abril	1950
S. Martinho de Anta	23	Dezembro	1950
S. Martinho de Anta	24	Dezembro	1950
S. Martinho de Anta	25	Dezembro	1950
S. Martinho de Anta	1	Janeiro	1951
S. Martinho de Anta	25	Setembro	1951
S. Martinho de Anta	1	Outubro	1951
S. Martinho de Anta	Natal		1951
S. Martinho de Anta	1	Janeiro	1953
S. Martinho de Anta	28	Março	1953
S. Martinho de Anta	1	Outubro	1953
S. Martinho de Anta	2	Outubro	1953
S. Martinho de Anta	13	Dezembro	1953
S. Martinho de Anta	26	Dezembro	1953
S. Martinho de Anta	27	Dezembro	1953
S. Martinho de Anta	28	Dezembro	1953
S. Martinho de Anta	25	Abril	1954
S. Martinho de Anta	26	Abril	1954
S. Martinho de Anta	9	Junho	1954
S. Martinho de Anta	8	Outubro	1954
S. Martinho de Anta	26	Dezembro	1954
S. Martinho de Anta	27	Dezembro	1954
S. Martinho de Anta	4	Abril	1955
S. Martinho de Anta	5	Abril	1955
S. Martinho de Anta	6	Abril	1955
S. Martinho de Anta	15	Agosto	1955
S. Martinho de Anta	29	Outubro	1955
S. Martinho de Anta	30	Outubro	1955
S. Martinho de Anta	31	Outubro	1955
S. Martinho de Anta	1	Novembro	1955
S. Martinho de Anta	25	Março	1956
S. Martinho de Anta	21	Abril	1956
S. Martinho de Anta	26	Abril	1956

S. Martinho de Anta	26	Setembro	1956
S. Martinho de Anta	27	Setembro	1956
S. Martinho de Anta	28	Setembro	1956
S. Martinho de Anta	30	Setembro	1956
S. Martinho de Anta	30	Setembro	1957
S. Martinho de Anta	1	Outubro	1957
S. Martinho de Anta	2	Outubro	1958
S. Martinho de Anta	22	Novembro	1959
S. Martinho de Anta	1	Março	1960
S. Martinho de Anta	11	Abril	1960
S. Martinho de Anta	12	Abril	1960
S. Martinho de Anta	15	Abril	1960
S. Martinho de Anta	16	Abril	1960
S. Martinho de Anta	17	Abril	1960
S. Martinho de Anta	5	Junho	1960
S. Martinho de Anta	3	Outubro	1960
S. Martinho de Anta	21	Dezembro	1960
S. Martinho de Anta	22	Dezembro	1960
S. Martinho de Anta	23	Dezembro	1960
S. Martinho de Anta	24	Dezembro	1960
S. Martinho de Anta	26	Dezembro	1960
S. Martinho de Anta	30	Dezembro	1960
S. Martinho de Anta	11	Fevereiro	1961
S. Martinho de Anta	13	Fevereiro	1961
S. Martinho de Anta	25	Março	1961
S. Martinho de Anta	26	Março	1961
S. Martinho de Anta	27	Março	1961
S. Martinho de Anta	28	Março	1961
S. Martinho de Anta	29	Março	1961
S. Martinho de Anta	31	Março	1961
S. Martinho de Anta	1	Abril	1961
S. Martinho de Anta	2	Abril	1961
S. Martinho de Anta	16	Setembro	1961
S. Martinho de Anta	26	Dezembro	1961
S. Martinho de Anta	27	Dezembro	1961
S. Martinho de Anta	1	Janeiro	1962
S. Martinho de Anta	13	Março	1962
S. Martinho de Anta	18	Abril	1962
S. Martinho de Anta	24	Dezembro	1962
S. Martinho de Anta	26	Dezembro	1962
S. Martinho de Anta	22	Dezembro	1963
S. Martinho de Anta	24	Dezembro	1963
S. Martinho de Anta	3	Maio	1964
S. Martinho de Anta	23	Setembro	1964
S. Martinho de Anta	23	Dezembro	1964
S. Martinho de Anta	24	Dezembro	1964
S. Martinho de Anta	28	Dezembro	1964
S. Martinho de Anta	12	Abril	1965
S. Martinho de Anta	13	Abril	1965
S. Martinho de Anta	14	Abril	1965
S. Martinho de Anta	24	Agosto	1965
S. Martinho de Anta	28	Setembro	1965

S. Martinho de Anta	29	Setembro	1965
S. Martinho de Anta	11	Junho	1966
S. Martinho de Anta	3	Julho	1966
S. Martinho de Anta	16	Agosto	1966
S. Martinho de Anta	14	Setembro	1966
S. Martinho de Anta	28	Setembro	1966
S. Martinho de Anta	29	Setembro	1966
S. Martinho de Anta	24	Dezembro	1966
S. Martinho de Anta	16	Abril	1967
S. Martinho de Anta	8	Julho	1967
S. Martinho de Anta	13	Setembro	1967
S. Martinho de Anta	14	Setembro	1967
S. Martinho de Anta	30	Setembro	1967
S. Martinho de Anta	31	Março	1968
S. Martinho de Anta	12	Agosto	1968
S. Martinho de Anta	18	Agosto	1968
S. Martinho de Anta	21	Agosto	1968
S. Martinho de Anta	6	Setembro	1968
S. Martinho de Anta	20	Setembro	1968
S. Martinho de Anta	23	Dezembro	1968
S. Martinho de Anta	24	Dezembro	1968
S. Martinho de Anta	25	Dezembro	1968
S. Martinho de Anta	8	Maio	1969
S. Martinho de Anta	9	Maio	1969
S. Martinho de Anta	12	Julho	1969
S. Martinho de Anta	18	Outubro	1969
S. Martinho de Anta	22	Dezembro	1969
S. Martinho de Anta	24	Dezembro	1969
S. Martinho de Anta	18	Setembro	1970
S. Martinho de Anta	24	Dezembro	1970
S. Martinho de Anta	8	Maio	1971
S. Martinho de Anta	1	Setembro	1971
S. Martinho de Anta	14	Maio	1972
S. Martinho de Anta	15	Maio	1972
S. Martinho de Anta	28	Dezembro	1941
S. Martinho de Anta	29	Dezembro	1941
S. Martinho de Anta	23	Maio	1944
S. Martinho de Anta	26	Março	1945
S. Martinho de Anta	27	Março	1945
S. Martinho de Anta	15	Setembro	1945
S. Martinho de Anta	17	Setembro	1945
S. Martinho de Anta	8	Junho	1946
S. Martinho de Anta	13	Julho	1946
S. Martinho de Anta	14	Julho	1946
S. Martinho de Anta	1	Outubro	1946
S. Martinho de Anta	Natal		1946
S. Martinho de Anta	Natal		1946
S. Martinho de Anta	Natal		1946
S. Martinho de Anta	Sábado de Aleluia		1947
S. Martinho de Anta	21	Setembro	1947
S. Martinho de Anta	7	Outubro	1947
S. Martinho de Anta	11	Outubro	1947

S. Martinho de Anta	20	Março	1948
S. Martinho de Anta	21	Março	1948
S. Martinho de Anta	23	Março	1948
S. Martinho de Anta	1	Junho	1948
S. Martinho de Anta	Natal		1948
S. Martinho de Anta	Natal		1948
S. Martinho de Anta	Natal		1948
S. Martinho de Anta	Natal		1948
S. Martinho de Anta	Natal		1948
S. Martinho de Anta	1	Janeiro	1949
S. Martinho de Anta	23	Setembro	1972
S. Martinho de Anta	24	Dezembro	1972
S. Martinho de Anta	27	Dezembro	1972
S. Martinho de Anta	15	Setembro	1987
S. Martinho de Anta	17	Setembro	1987
S. Martinho de Anta	19	Setembro	1987
S. Martinho de Anta	19	Dezembro	1987
S. Martinho de Anta	26	Março	1988
S. Martinho de Anta	27	Março	1988
S. Martinho de Anta	28	Março	1988
S. Martinho de Anta	30	Março	1988
S. Martinho de Anta	31	Março	1988
S. Martinho de Anta	3	Abril	1988
S. Martinho de Anta	16	Setembro	1988
S. Martinho de Anta	19	Março	1989
S. Martinho de Anta	23	Março	1989
S. Martinho de Anta	24	Março	1989
S. Martinho de Anta	9	Setembro	1989
S. Martinho de Anta	11	Setembro	1989
S. Martinho de Anta	12	Setembro	1989
S. Martinho de Anta	14	Setembro	1989
S. Martinho de Anta	12	Janeiro	1990
S. Martinho de Anta	29	Abril	1990
S. Martinho de Anta	30	Abril	1990
S. Martinho de Anta	9	Setembro	1990
S. Martinho de Anta	7	Setembro	1991
S. Martinho de Anta	8	Setembro	1992
S. Martinho de Anta	24	Dezembro	1973
S. Martinho de Anta	14	Abril	1974
S. Martinho de Anta	30	Junho	1974
S. Martinho de Anta	19	Setembro	1974
S. Martinho de Anta	30	Março	1975
S. Martinho de Anta	30	Abril	1975
S. Martinho de Anta	1	Maio	1975
S. Martinho de Anta	4	Setembro	1975
S. Martinho de Anta	5	Setembro	1975
S. Martinho de Anta	22	Dezembro	1975
S. Martinho de Anta	24	Dezembro	1975
S. Martinho de Anta	10	Abril	1976
S. Martinho de Anta	17	Abril	1976
S. Martinho de Anta	18	Abril	1976
S. Martinho de Anta	28	Junho	1976

S. Martinho de Anta	6	Setembro	1976
S. Martinho de Anta	24	Dezembro	1976
S. Martinho de Anta	25	Dezembro	1976
S. Martinho de Anta	7	Abril	1977
S. Martinho de Anta	21	Maio	1977
S. Martinho de Anta	24	Dezembro	1977
S. Martinho de Anta	22	Março	1978
S. Martinho de Anta	6	Abril	1978
S. Martinho de Anta	6	Maio	1978
S. Martinho de Anta	10	Julho	1978
S. Martinho de Anta	28	Setembro	1978
S. Martinho de Anta	10	Abril	1979
S. Martinho de Anta	15	Abril	1979
S. Martinho de Anta	12	Maio	1979
S. Martinho de Anta	18	Agosto	1979
S. Martinho de Anta	25	Agosto	1979
S. Martinho de Anta	26	Agosto	1979
S. Martinho de Anta	28	Agosto	1979
S. Martinho de Anta	15	Setembro	1979
S. Martinho de Anta	19	Setembro	1979
S. Martinho de Anta	20	Setembro	1979
S. Martinho de Anta	23	Setembro	1979
S. Martinho de Anta	7	Junho	1980
S. Martinho de Anta	16	Setembro	1980
S. Martinho de Anta	17	Setembro	1980
S. Martinho de Anta	23	Setembro	1980
S. Martinho de Anta	26	Setembro	1980
S. Martinho de Anta	27	Setembro	1980
S. Martinho de Anta	8	Outubro	1980
S. Martinho de Anta	12	Abril	1981
S. Martinho de Anta	13	Abril	1981
S. Martinho de Anta	14	Abril	1981
S. Martinho de Anta	15	Abril	1981
S. Martinho de Anta	14	Setembro	1981
S. Martinho de Anta	23	Setembro	1981
S. Martinho de Anta	2	Julho	1982
S. Martinho de Anta	3	Julho	1982
S. Martinho de Anta	4	Julho	1982
S. Martinho de Anta	5	Setembro	1982
S. Martinho de Anta	20	Setembro	1982
S. Martinho de Anta	23	Dezembro	1982
S. Martinho de Anta	24	Dezembro	1982
S. Martinho de Anta	25	Dezembro	1982
S. Martinho de Anta	1	Abril	1983
S. Martinho de Anta	4	Abril	1983
S. Martinho de Anta	20	Setembro	1983
S. Martinho de Anta	18	Abril	1984
S. Martinho de Anta	19	Abril	1984
S. Martinho de Anta	23	Abril	1984
S. Martinho de Anta	16	Setembro	1984
S. Martinho de Anta	17	Setembro	1984
S. Martinho de Anta	18	Setembro	1984

S. Martinho de Anta	19	Setembro	1984
S. Martinho de Anta	20	Setembro	1984
S. Martinho de Anta	21	Setembro	1984
S. Martinho de Anta	22	Setembro	1984
S. Martinho de Anta	23	Setembro	1984
S. Martinho de Anta	31	Março	1985
S. Martinho de Anta	5	Abril	1985
S. Martinho de Anta	6	Abril	1985
S. Martinho de Anta	7	Abril	1985
S. Martinho de Anta	26	Abril	1985
S. Martinho de Anta	20	Setembro	1985
S. Martinho de Anta	25	Setembro	1985
S. Martinho de Anta	28	Junho	1986
S. Martinho de Anta	17	Agosto	1986
S. Martinho de Anta	19	Agosto	1986
S. Martinho de Anta	27	Agosto	1986
S. Martinho de Anta	13	Abril	1987
S. Martinho de Anta	19	Abril	1987
S. Martinho de Mouros	7	Outubro	1951
S. Martinho de Mouros	8	Outubro	1946
S. Miguel de Seide	30	Julho	1943
S. Paulo	9	Agosto	1954
S. Paulo	10	Agosto	1954
S. Paulo	11	Agosto	1954
S. Paulo	12	Agosto	1954
S. Paulo	13	Agosto	1954
S. Paulo	15	Agosto	1954
S. Pedro das Águias, Távora	14	Fevereiro	1964
S. Pedro de Balsemão	1	Setembro	1972
S. Pedro de Moel	23	Maio	1949
S. Pedro de Moel	20	Agosto	1984
S. Pedro de Moel	21	Agosto	1984
S. Pedro de Moel	22	Agosto	1984
S. Pedro de Moel	27	Agosto	1984
S. Pedro de Moel	20	Agosto	1985
S. Pedro de Moel	22	Agosto	1985
S. Pedro de Moel	26	Agosto	1985
S. Salvador do Mundo	8	Abril	1947
S. Vicente	5	Setembro	1943
S. Vicente	3	Agosto	1942
S. Vicente	5	Agosto	1942
S. Vicente	6	Agosto	1942
S. Vicente	7	Agosto	1942
S. Vicente	8	Agosto	1942
S. Vicente	9	Agosto	1942
S. Vicente	10	Agosto	1942
S. Vicente	11	Agosto	1942
S. Vicente	12	Agosto	1942
S. Vicente	13	Setembro	1944
Sá da Bandeira	27	Maio	1973
Sá da Bandeira	28	Maio	1973
Sá da Bandeira	29	Maio	1973

Sabrosa	27	Junho	1991
Sabugueiro	27	Setembro	1949
Safins do Douro	16	Agosto	1964
Sagres	16	Fevereiro	1942
Sagres	25	Dezembro	1949
Sagres	6	Agosto	1978
Sagres	10	Agosto	1979
Salamanca	28	Agosto	1950
Salamanca	22	Abril	1951
Salamanca	13	Setembro	1951
Salamanca	20	Abril	1960
Salamanca	12	Junho	1960
Salamanca	22	Agosto	1970
Salamonde	27	Agosto	1952
Salgueiral	23	Dezembro	1958
Salselas, Macedo de Cavaleiros	7	Outubro	1954
Salvaterra do Extremo	14	Outubro	1979
Samarcanda	5	Junho	1987
Samardã	8	Setembro	1968
Sanábria	8	Junho	1954
Santa Cruz do Douro	29	Setembro	1953
Santa Eulália	18	Novembro	1955
Santa Eulália	19	Novembro	1955
Santa Eulália	20	Novembro	1955
Santa Maria de Galegos	13	Agosto	1953
Santa Tecla	1	Setembro	1962
Santarém	15	Junho	1959
Santiago de Compostela	2	Setembro	1962
Santillana del Mar	1	Junho	1958
Santo António do Zaire	22	Maio	1973
Santo António do Zaire	23	Maio	1973
Segóvia	11	Setembro	1951
Segura	20	Outubro	1979
Sernancelhe	6	Dezembro	1964
Serpa	t	Novembro	1975
Serra da Boa-Viagem	2	Junho	1952
Serra da Estrela	5	Novembro	1961
Serra da Estrela	27	Fevereiro	1960
Serra da Estrela	28	Janeiro	1973
Serra da Estrela	8	Dezembro	1973
Serra da Estrela	22	Julho	1951
Serra da Lousã	18	Fevereiro	1949
Serra da Lousã	5	Novembro	1950
Serra da Pampilhosa	10	Dezembro	1972
Serra do Mar (Brasil)	14	Agosto	1954
Serraquinhos	14	Setembro	1975
Sesimbra	16	Março	1988
Sete Pedras	4	Agosto	1942
Setúbal	27	Dezembro	1971
Setúbal	30	Julho	1972
Setúbal	4	Outubro	1983
Sevilha	16	Abril	1951

Sevilha	18	Abril	1951
Sintra	6	Julho	1979
Siracusa	21	Setembro	1950
Sítio da Nazaré	1	Julho	1940
Sória	9	Setembro	1970
Sorrento	18	Setembro	1950
Sortelha	21	Agosto	1977
Souro Pires	22	Outubro	1955
Sousel	20	Outubro	1974
Taormina	22	Setembro	1950
Taranto	23	Setembro	1950
Tarouca	20	Setembro	1944
Távora	9	Maio	1971
Teixeira	2	Março	1950
Teotihuacan	13	Março	1984
Termas de S.Vicente	5	Setembro	1937
Termas de S.Vicente	11	Setembro	1937
Termas de S.Vicente	11	Agosto	1938
Termas de S.Vicente	12	Agosto	1938
Termas de S.Vicente	23	Setembro	1952
Tete	5	Junho	1973
Tocha	6	Julho	1969
Tocha	19	Julho	1944
Tocha	7	Março	1948
Toledo	1	Setembro	1950
Toledo	14	Junho	1958
Tomar	22	Dezembro	1984
Tormes	29	Setembro	1952
Torrão	30	Março	1946
Torrão	12	Dezembro	1964
Torrão	10	Janeiro	1968
Torrão	29	Novembro	1968
Torrão	30	Novembro	1968
Torrão	20	Dezembro	1968
Torrão	21	Novembro	1969
Torrão	30	Novembro	1972
Torrão	12	Janeiro	1973
Torrão	13	Janeiro	1973
Torrão	24	Novembro	1973
Torrão	1	Novembro	1974
Torrão	15	Agosto	1978
Torre da Lagariça, freg. S. Cipriano, Resende	30	Setembro	1953
Tourém	7	Abril	1968
Trancoso	16	Outubro	1967
Travanca	30	Março	1980
Trofa do Vouga	19	Março	1961
Trujillo	4	Junho	1954
Trujillo	9	Junho	1960
Tua	15	Janeiro	1989
Tua	30	Setembro	1951
Tubinga	26	Agosto	1970
Ucanha	6	Outubro	1946

Uxmal	9	Março	1984
Vagos	25	Outubro	1989
Vale de Lobos	13	Junho	1959
Vale de Mendiz	14	Janeiro	1989
Vale do Lobo	8	Agosto	1978
Vale do Lobo	12	Agosto	1978
Valladolid	10	Setembro	1951
Veneza	2	Janeiro	1938
Veneza	25	Setembro	1950
Veneza	26	Setembro	1950
Veneza	27	Setembro	1950
Verin	2	Abril	1968
Verin	17	Setembro	1969
Verin	23	Setembro	1971
Verin	4	Setembro	1974
Verin	11	Setembro	1974
Verin	10	Setembro	1975
Verin	9	Abril	1982
Verin	3	Setembro	1987
Verin	13	Setembro	1988
Verin	7	Setembro	1989
Viana do Alentejo	18	Dezembro	1968
Viana do Castelo	Natal		1948
Vidago	16	Setembro	1966
Vide	16	Outubro	1943
Vide	17	Outubro	1943
Vide	18	Outubro	1943
Vidual	3	Dezembro	1950
Vidual de Baixo	9	Maio	1943
Vila Cova	24	Dezembro	1958
Vila da Feira	30	Novembro	1983
Vila Fresca de Azeitão	6	Março	1985
Vila Nova de Miranda do Corvo	7	Novembro	1934
Vila Nova de Miranda do Corvo	11	Dezembro	1934
Vila Nova de Miranda do Corvo	10	Fevereiro	1935
Vila Nova de Miranda do Corvo	11	Agosto	1935
Vila Nova de Miranda do Corvo	1	Novembro	1935
Vila Nova de Miranda do Corvo	3	Dezembro	1935
Vila Nova de Miranda do Corvo	22	Janeiro	1936
Vila Nova de Miranda do Corvo	18	Março	1936
Vila Nova de Miranda do Corvo	4	Abril	1936
Vila Nova de Miranda do Corvo	6	Julho	1936
Vila Nova de Miranda do Corvo	14	Julho	1936
Vila Nova de Miranda do Corvo	15	Julho	1936
Vila Nova de Miranda do Corvo	16	Agosto	1936
Vila Nova de Miranda do Corvo	7	Outubro	1936
Vila Nova de Miranda do Corvo	9	Outubro	1936
Vila Nova de Miranda do Corvo	10	Outubro	1936
Vila Nova de Miranda do Corvo	27	Outubro	1936
Vila Nova de Miranda do Corvo	8	Novembro	1936
Vila Nova de Miranda do Corvo	10	Novembro	1936
Vila Nova de Miranda do Corvo	2	Fevereiro	1937

Vila Nova de Miranda do Corvo	5	Fevereiro	1937
Vila Nova de Miranda do Corvo	2	Junho	1957
Vila Nova de Paiva	9	Julho	1967
Vila Nova de Paiva	29	Julho	1981
Vila Real	Natal		1946
Vila Real	29	Setembro	1956
Vila Real	2	Outubro	1956
Vila Real	14	Abril	1963
Vila Real	24	Dezembro	1965
Vila Real	3	Abril	1976
Vila Real	20	Maio	1977
Vila Real	25	Março	1978
Vila Real	30	Setembro	1978
Vila Real	11	Maio	1979
Vila Real	22	Abril	1984
Vila Real	17	Abril	1987
Vila Real	18	Setembro	1987
Vila Real de Santo António	15	Fevereiro	1942
Vilar de Celas	Natal		1940
Vilar de Celas	22	Setembro	1972
Vilar Formoso	13	Junho	1960
Vilarinho da Raia	21	Setembro	1961
Vilarinho da Samardã	15	Setembro	1978
Vilarinho de Samardã	26	Maio	1955
Viseu	25	Março	1973
Vitória	23	Agosto	1970
Vollendam	7	Junho	1958
Yuste	28	Janeiro	1964
Zamora	7	Junho	1954